



COMUNICAÇÃO
& SOCIEDADE

28

MOBILIDADES, MEDIA(ÇÕES) E CULTURA
MOBILITIES, MEDIA(TIONS) AND CULTURE

Editores | *Editors*

Emília Araújo, Denise Cogo e Manuel Pinto

Diretor | *Journal Editor*

Moisés de Lemos Martins



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade





**COMUNICAÇÃO
& SOCIEDADE**

28

**MOBILIDADES, MEDIA(ÇÕES) E CULTURA
MOBILITIES, MEDIA(TIONS) AND CULTURE**

Editores | *Editors*

Emília Araújo, Denise Cogo e Manuel Pinto

Diretor | *Journal Editor*

Moisés de Lemos Martins



Título | Title: Mobilidades, Media(ções) e Cultura / *Mobilities, Media(tions) and Culture*

Diretor | Journal Editor: Moisés de Lemos Martins

Diretor Adjunto | Associate Editor: Manuel Pinto

Editores Temáticos | Volume Editors n.º 28 – dezembro | december 2015: Emília Araújo, Denise Cogo & Manuel Pinto

Conselho Editorial | Editorial Board

Alain Kiyindou (*Universidade de Bordéus 3*), Ana Cláudia Mei Oliveira (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*), Anabela Carvalho (*Universidade do Minho*), Annabelle Sreberny (*London Middle East Institute*), Barbie Zelizer (*Universidade da Pensilvânia*), Cláudia Álvares (*Universidade Lusófona de Lisboa*), David Buckingham (*Universidade de Loughborough*), Cláudia Padovani (*Universidade de Pádua*), Divina Frau-Meigs (*Universidade de Paris III - Sorbonne*), Fabio La Rocca (*Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien - Sorbonne*), Felisbela Lopes (*Universidade do Minho*), Fernanda Ribeiro (*Universidade do Porto*), Filipa Subtil (*Escola Superior de Comunicação Social, do IPL*), Gustavo Cardoso (*ISCTE-IUL*), Hannu Nieminen (*Universidade de Helsínquia*), Helena Sousa (*Universidade do Minho*), Immacolta Lopes (*Universidade de São Paulo*), Isabel Ferin (*Universidade de Coimbra*), Ismar Oliveira Soares (*Universidade de São Paulo*), Janet Wasco (*Universidade de Oregon*), José Manuel Pérez Tornero (*Universidade Autònoma de Barcelona*), Lídia Oliveira (*Universidade de Aveiro*), Madalena Oliveira (*Universidade do Minho*), Maria Michalis (*University of Westminster*), Maria Teresa Cruz (*Universidade Nova de Lisboa*), Muniz Sodré (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*), Nélia del Bianco (*Universidade de Brasília*), Nelson Zagalo (*Universidade do Minho*), Paulo Serra (*Universidade da Beira Interior*), Raúl Fuentes Navarro (*Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, Gualadajara*), Rosa Cabecinhas (*Universidade do Minho*), Sara Pereira (*Universidade do Minho*), Sonia Livingstone (*London School of Economics*), Teresa Ruão (*Universidade do Minho*), Tristan Mattelard (*Universidade de Vincennes - Paris VIII*), Vera França (*Universidade Federal de Minas Gerais*), Vincenzo Susca (*Universidade Paul Valéry - Montpellier III*), Xosé López García (*Universidade de Santiago de Compostela*), Zara Pinto-Coelho (*Universidade do Minho*).

Conselho Consultivo | Advisory Board

Aníbal Alves (*Universidade do Minho*), António Fidalgo (*Universidade da Beira Interior*), Denis McQuail (*Universidade de Amsterdão*), José Bragança de Miranda (*Universidade Nova de Lisboa*), José Manuel Paquete de Oliveira (*Iscte-IUL*), José Marques de Melo (*Universidade Metodista de São Paulo*), Margarita Ledo (*Universidade de Santiago de Compostela*), Michel Maffesoli (*Universidade Paris Descartes - Sorbonne*), Miquel de Moragas (*Universidade Autònoma de Barcelona*), Murilo César Ramos (*Universidade de Brasília*).

Diretor Gráfico e Edição Digital | Graphic Director and Digital Editing: Pedro Portela

Assistente Editorial | Editorial Assistant: Zara Pinto-Coelho

Assistente de Formatação Gráfica | Graphic Assistant: Ricardina Magalhães

Indexadores | Indexers and Catalogues: Latindex | COPAC | ZDB | RepositoriUM | RCAAP | Reviscom

URL: www.revistacomsoct.pt // **imagem capa | cover:** Inês Castro

Edição: *Comunicação e Sociedade* é editada semestralmente (2 números/ano ou 1 número duplo) pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, em formato bilingue (português e inglês). Os autores que desejem publicar artigos ou resenhas devem consultar o URL da página indicado acima.
The journal *Comunicação e Sociedade* is published twice a year and is bilingual (Portuguese and English). Authors who wish to submit articles for publication should go to URL above.

Redação e Administração | Address:

CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Universidade do Minho, Campus de Gualtar
4710-057 Braga – Portugal

Telefone | Phone: (+351) 253 604695 // **Fax:** (+351) 253 604697 // **Email:** cecs@ics.uminho.pt // **Web:** www.cecs.uminho.pt

ISSN: 1645-2089 // **e-ISSN:** 2183-3575

Depósito legal | Legal deposit: 166740/01



Financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) / Ministério da Educação e Ciência (MEC) e apoio financeiro às traduções, através do Programa Estratégico com a referência UID/CCI/00736/2013 - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS)/UMinho.
Funded by the Foundation for Science and Technology (FCT) / Ministry of Education and Science (MEC) and financial support for translation, through the Strategic Program with the reference UID/CCI/00736/2013 - Communication and Society Research Centre (CECS)/UMinho.

Índice

Mobilidades, Media (ções) e Cultura	7
Emília Araújo, Denise Cogo & Manuel Pinto	
Mobility, Media (tions) and Culture	15
Emília Araújo, Denise Cogo & Manuel Pinto	
<hr/>	
Diáspora, Dinâmicas de Mobilidade e Media <i>Diaspora, Mobilities Dynamics and Media</i>	23
<hr/>	
A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da <i>Folha de S. Paulo</i> sobre o ébola	25
Igor Sacramento & Izamara Bastos Machado	
Immigration as a risk factor to health: analysing <i>Folha de S. Paulo's</i> representation of an African immigrant during the Ebola outbreak	49
Igor Sacramento & Izamara Bastos Machado	
E-migrante: espaços tecnológicos, geográficos, sociais. Novos atores e espaços de participação política?	73
Mauricio Nihil Olivera	
E- migrant: technological, geographical and social spaces. New actors and spaces for political participation?	91
Mauricio Nihil Olivera	
Migrações sonoras em Português: representações culturais da diáspora portuguesa na rádio brasileira	109
Teresa Alves	
Sound migrations in Portuguese: cultural representations of the portuguese diaspora in the brazilian radio	129
Teresa Alves	
Linguagem e sentidos da subjetividade humana em narrativas da cultura urbana: uma análise aos autocolantes usados nos carros	149
Felipe Gustsack & Sandra Maria de Castro Rocha	
Language and meanings of human subjectivity in urban culture narratives: analyzing stickers used on cars	169
Felipe Gustsack & Sandra Maria de Castro Rocha	
<hr/>	
Mobilidades, Culturas e Universos Tecnológicos <i>Mobilities, Cultures and Technological Universes</i>	189
<hr/>	
O segundo ecrã e a informação: história, definição e pistas para um futuro	191
Francisco Conrado Filho & Luís António Santos	
Second screen and information: history, definition and clues for the future	211
Francisco Conrado Filho & Luís António Santos	
No entanto ou o (ab)uso do acesso <i>online</i> em mobilidade	229
Catarina Sales Oliveira	
In the meantime or the (ab)use of online accessing during mobility	251
Catarina Sales Oliveira	

Mobilidade da rádio na era digital: interatividade, participação e partilha de conteúdos nas emissoras ibéricas	271
Teresa Piñeiro-Otero & Fábio Ribeiro	
Radio mobility in the digital era: interactivity, participation and content share possibilities in Iberian broadcasters	291
Teresa Piñeiro-Otero & Fábio Ribeiro	
Tecnologias caracol e culturas na era da mobilidade: comunicação móvel e identidades no tempo/espaço Shuar	309
Saleta de Salvador Agra & Yolanda Martínez Suárez	
Snail technologies and cultures in the age of mobility: mobile communication and identities in the Shuar time/space	323
Saleta de Salvador Agra & Yolanda Martínez Suárez	
<hr/>	
Vária	
Varia	337
<hr/>	
A informação terceirizada: identidade e trabalho não pago na era do jornalismo digital	339
Teresa Cristina Furtado Matos & Serge Katembera Rhukuzage	
Outsourced information: identity and unpaid work in the age of digital journalism	359
Teresa Cristina Furtado Matos & Serge Katembera Rhukuzage	
Entre a dupla ausência e o profissional transnacional - o “não dito” da mobilidade científica	379
Izabela Wagner	
Between double absence and transnational professional – the unrevealed side of scientific mobility	401
Izabela Wagner	
<hr/>	
Leituras	
Book Reviews	421
<hr/>	
Han, B.-C. (2014). <i>A sociedade do cansaço</i>. Lisboa: Relógio d'Água	423
Diogo Silva da Cunha	
Han, B.-C. (2014). <i>A sociedade do cansaço</i>. Lisboa: Relógio d'Água	429
Diogo Silva da Cunha	
Lipovetsky, Gilles e Serroy, Jean (2014). <i>O capitalismo estético na era da globalização</i>, Lisboa: Edições 70	435
Esser Silva	
Lipovetsky, Gilles e Serroy, Jean (2014). <i>O capitalismo estético na era da globalização</i>, Lisboa: Edições 70	441
Esser Silva	



MOBILIDADES, MEDIA (ÇÕES) E CULTURA

Emília Araújo, Denise Cogo & Manuel Pinto

Vive-se hoje na Europa e no mundo a efervescência contínua da mobilidade, da deslocação, da viagem, da ida e do regresso.

Por meio de deslocações efetivas e corpóreas, ou por meio de deslocações virtuais, as sociedades atuais são, nas suas estruturas, intrinsecamente constituídas pela potência das mobilidades, pela possibilidade de sair, ir e voltar.

Ao longo dos anos vimos crescer o número de investigações acerca dos motivos pelos quais as pessoas deixam um espaço geográfico. Assistimos, também, ao aumento do número de pesquisas acerca das motivações que levam as pessoas a escolher certos lugares para viver, trabalhar ou passear. As abordagens sobre tais panóplias de motivos e condições são, ainda hoje, válidas.

Todavia, a época atual surge marcada por fenómenos que são agora muito menos lineares do que eram há décadas atrás. As mobilidades não são apenas cada vez mais pluriformes. São também desencadeadas por motivos de uma configuração substancialmente distinta. A esse respeito, podemos falar da própria natureza da política e da forma como esta modela e dispõe os povos à mobilidade e à migração (apenas para ilustração, pensemos na perseguição política e/ ou religiosa). Mas, também podemos mencionar o modo como certos fenómenos sociais, tais como o trabalho, o lazer, a rede de transportes, as redes e os modos de interação familiar ocorrem em espaços cada vez mais móveis. O mesmo pode ser assinalado para o caso dos modos de emergência e manutenção das redes de tráfico humano, catástrofes naturais e/ou humanas, terrorismo ou guerras e conflitos armados. Tais fenómenos apresentam-se hoje com características e dinâmicas inscritas na experiência da globalização financeira e informacional, para a qual pouca diferença faz o lugar – entendido em sentido estrito. Todos estão marcados pela variabilidade, flexibilidade, opacidade, incerteza e imprevisibilidade. Às vezes, são mesmo paradoxais.

Além da natureza dos fenómenos ligados à mobilidade e da própria tipologia possível das mobilidades e migrações hoje, destaquem-se, também, a fluidez, a contradição, a fragilidade e a incerteza que marcam os quadros políticos contemporâneos. Estes, observados de um plano macro estrutural, parecem deixar de ter quadros de ação atinentes, por um lado, aos interesses e ideários dos sujeitos humanos e, por outro, aos interesses mobilizadores da própria economia financeira global. Nesta economia outros tipos de mobilidades e migrações se planeiam e descobrem: nas cidades debaixo do chão, debaixo de água, ou para lá da Terra. Nesse sentido, as próprias mobilidades são um dos objetos centrais de consumo, além de constituírem foco de prevenção, estimativa, vigilância e planeamento.

Com efeito, as mobilidades podem ser perspetivadas como um fenómeno social total, pois constituem um entrelaçado de eventos e de processos que ultrapassam o ato

de movimentação no espaço e no tempo, incluindo processos de acolhimento e integração, assim como de discriminação, seleção e hostilidade. Através delas fluem formas várias de rememoração e classificação (auto e hétero) identitária, recolhendo interpretações e avaliações realizadas sob paradigmas ideológicos específicos.

Sheller e Urry (2006) apresentaram, em meados dos anos noventa, o que denominam ser o “novo paradigma das mobilidades”. Os autores assinalavam que, ao contrário das mobilidades que caracterizaram o mundo até aos anos noventa, a sofisticação, o uso generalizado das tecnologias de informação e comunicação e o reforço das interdependências à escala mundial, estão ligados à experiência contínua das mobilidades que marcam as identidades e os estilos de vida na sociedade moderna. Entre outros contributos relacionados com os meios de transporte, estes autores mostraram a pertinência das técnicas de investigação de cariz qualitativo que contribuem para a análise destas novas modalidades de apropriação e vivência do espaço-tempo. No conjunto, elas fornecem conclusões de interesse inequívoco sobre as próprias formas de estar e de experienciar o movimento, a deslocação e o transporte de tipo público e ou privado, como o automóvel. Os autores citados (Sheller & Urry, 2006) chamaram a atenção para os grandes elementos de carácter estrutural que condicionam e constituem as plataformas de ação política. Adicionalmente, consideraram a importância de pequenos detalhes do quotidiano, concebidos como espaços “onde” se faz história dos sentidos, das emoções e das sensibilidades. Isto é, como espaços “onde” se passa a ação de apropriação e de consumo e se reflete a confluência de gostos, estilos e modos de estar de tipo cada vez mais estandardizado.

Mais recentemente, seguindo paradigmas de cunho neomarxista, outros autores expuseram o carácter perverso das mobilidades, das deslocações, das passagens, uma vez que a elas se ligam, não só novos padrões de estilos de vida, mas também modos de estar com o espaço e com o tempo. Por exemplo, Gehardi (2009) propõe o conceito de mobilidade ambígua, assinalando os lados mais obscuros e difíceis da vida de quem está em quase permanente mobilidade, por obrigação aos modelos de regulação do trabalho e da economia que exigem a disponibilidade total de certos trabalhadores. A mesma autora, juntamente com Pierre (Gehardi & Pierre, 2013), esclarece que a mobilidade alimenta não só a economia em sentido material, mas também o *ethos* de trabalho no seio do capitalismo tecnocientífico.

Deste ponto de vista, as mobilidades e as migrações não são apenas uma das narrativas centrais dos tempos atuais que ganha matizes diferentes entre os discursos e as formas de expressão dos vários grupos sociais. São um eixo preponderante de definição identitária dos povos, das sociedades, constituindo, por dentro, os seus próprios percursos e futuros. São, por isso, um eixo determinante de política. Neste quadro imenso de possibilidades abertas às mobilidades, estas acabam frequentemente analisadas a partir de uma perspetiva que as concebe como resultado de encontros aleatórios bem-sucedidos. Isto é, como processos que marcam a fluidez das transações entre povos e nações. Desse modo, configura-se uma representação que, de certa forma, naturaliza a própria mobilidade - a física e a virtual.

Mas, a abordagem que pretendemos enquanto editores deste número, é também, na linha do debate encetado por Woolley (2014), uma abordagem política que revela algumas das estruturas mobilizadoras desses movimentos e que revela como a prevalência atual de formas mais tradicionais de migração — como ilustrado pelo refugiado que atravessa a fronteira — deixa vislumbrar formas “subversivas” desencadeadas pelos povos de “resistência” aos mecanismos pelos quais opera a globalização, constituindo-se como “lugares” concretos de contradição e dissensão cultural e política, desde logo porque se distinguem mobilidades “obrigadas” e mobilidades “escolhidas”¹.

As deslocções massivas que se verificam atualmente rumo à Europa têm mostrado quão relevantes são as mais diversas formas de mobilidade no mundo contemporâneo para a análise dos processos de construção e de negociação identitária dos indivíduos, dos grupos, dos povos. Formas de mobilidade que estão crescentemente ligadas ao poder de penetração e valorização das mais variadas formas de média e tecnologias de informação e comunicação.

Appadurai (1996) considera mesmo que estar em deslocção constitui um traço peculiar da narrativa da modernidade, marcada pela experiência penetrante das tecnologias de informação e comunicação, pela capacidade cada vez maior de driblar distâncias e fazer “desaparecer” tempos, seja através do aumento da velocidade de circulação, seja através da hiper-imposição do espaço virtual. No mesmo quadro, afirmaria Bauman que se vive em ambientes crescentemente líquidos (Bauman, 2004).

Deste ponto de vista, emergem novas classificações para os sujeitos desta nova era em que praticamente tudo pode ser nómada, mesmo sem sair do lugar e em que praticamente tudo se pode mudar de lugar, sem quebrar ligações e dependências. Do conjunto destas novas espacialidades e temporalidades surgem inevitavelmente novas formas de experienciar as relações interculturais que acontecem em espaços de tipo crescentemente transnacional, dada a natureza da circulação do próprio capital num mundo que permanece desigual na forma de concentração e distribuição de recursos.

Com efeito, tal como afirma Sheller, pensar as mobilidades nas sociedades modernas não se reduz ao ato de trazer para o plano concetual a noção de fluidez identitária criada nas interseções espaciotemporais. A reflexão e a investigação sobre as mobilidades hoje retomam elementos estruturais como a colonização, o pós-colonialismo ou a globalização (Sheller, 2011, pp. 2-3)

Na linha da concetualização da cultura como um resultado político-cultural, consoante a proposta de Hall (1997), podemos dizer que a relação entre os média e as mobilidades se evidencia nesta perspetiva da cultura, entendida a partir dos processos de construção e afirmação identitária no espaço e no tempo (por exemplo, bem expressa na experiencia dos trabalhadores móveis). Além das tecnologias digitais, os próprios meios de comunicação, em geral, contribuem para a montagem de narrativas da mobilidade, ao fornecerem informação, mas também ao veicularem imagens, representações e estereótipos sobre quem se move e por que se move e, igualmente, sobre os espaços e os lugares.

¹ Citamos neste sentido o enquadramento e análise crítica elabora por Woolley (2014), a propósito das abordagens de Appadurai (1996).

Contava-nos, numa entrevista, um emigrante em França que, estando reformado, costumava cuidar dos netos a residir a cerca de 500 quilómetros de distância. Perguntávamos-lhe como era possível que tal acontecesse: “através do Skype”, respondeu, acrescentando, “ficam todos na sala a brincar e nós ficamos ali a falar e a vigiar, vou perguntando o que precisam, a onde devem ir, o que devem fazer naquele tempo em que os pais não estão, estamos todos ligados, também aos serviços do hospital e polícia”. A experiência que contamos refere-se a um modo de estar cada vez mais típico na sociedade moderna e é interpretável tanto como negativo, como positivo.

Desde alguns anos, os investigadores têm vindo a explorar o modo como os média podem afetar as opiniões dos cidadãos sobre os imigrantes, ou os que se movem em geral, influenciando o seu comportamento relativamente a essas pessoas que chegam. Há também estudos sobre a forma como os média podem influenciar os programas políticos dirigidos às questões das mobilidades e migrações. Algumas pesquisas têm vindo a indicar como os média podem estar a operar a construção de identidade em diversas escalas (individuais, nacionais e transnacionais). No livro *Media e Migração*, editado por King e Wood (2001), sustenta-se que os média podem não só influenciar, como induzir o caminho próprio migratório, influenciando, também, sobre a criação de vários tipos de diásporas. As mobilidades, nesse sentido, significam também complexidade, reforço do planeamento, da organização e do controlo. A circulação de pessoas e a circulação de informação processam-se hoje mediante códigos cada vez mais elaborados de vigilância, para a qual contribuem enormemente as tecnologias digitais. Trata-se de uma vigilância que se faz em resposta à própria evolução do nível de sofisticação dessas tecnologias enquanto elementos essenciais da sociedade global, capitalista e financeira. Mas trata-se, também, de uma resposta à proliferação do medo, por parte das instituições, das populações e dos indivíduos. Esse medo espalha-se, igualmente, como elemento constitutivo pelos interstícios dos tecidos relacionais, em espaços-tempos físicos virtuais, e cria-se e constrói-se através das imagens e conteúdos mediáticos, que circulam velozmente através de todos os espaços virtuais, provocando novas realidades e estímulos à ação.

Uma linha emergente de estudos promete mostrar a multidimensionalidade dos fenómenos de mobilidade e de migração no contexto da reconfiguração e produção de novas (e outras) identidades, face à constituição tecnocientífica da cultura. Tais estudos debruçam-se, por isso, sobre fenómenos como as mediações operadas pelas tecnologias na preparação e durante a experiência de mobilidade e/ou migração. O uso dos meios audiovisuais de acesso rápido, como o telemóvel e outros dispositivos de comunicação, favorecem a criação de espaços heterotópicos de “entretantos” através dos quais se constrói hoje a “aventura do quotidiano”, usando a expressão de Michel De Certeau (1990). Em paralelo, outras pesquisas, com origens em várias Ciências Sociais e Humanas, propõem, sob essa mesma égide da transformação cultural inscrita na tripla relação entre movimento-identidade-erosão espaço-tempo, o papel dos média digitais, incluindo redes sociais e outros. Referem, principalmente, o seu papel na constituição das próprias narrativas migratórias, ajudando a desconstruir o seu sentido identitário de nível micro e macrossociológico. Trata-se de investigações que analisam a estrutura,

a forma e os conteúdos das histórias pessoais murmuradas (e reveladas) “através” dos espaços virtuais e nas quais se espelham os desejos, ressentimentos, e também os agradecimentos, face aos locais de onde se sai, por onde se passa, onde se vai ficando: vídeos, *selfies*, imagens diversas e sons desempenham papéis cada vez mais profundos na composição (em revelação permanente) dos sujeitos em mobilidade, ao ponto de as próprias histórias biográficas dos sujeitos se assumirem ou como produtos artísticos, ou como elementos desses (Nurse, 2014).

Este número da revista *Comunicação e Sociedade* reúne textos que discutem as mobilidades e os média, seguindo diversas perspectivas e debruçando-se sobre objetos diferenciados. Dividimos o número em três grandes temas: i) diáspora, dinâmicas de mobilidade e média; ii) mobilidades, culturas e universos tecnológicos e iii) vária.

O primeiro tema integra quatro textos que tocam, de forma mais ou menos profunda, a problemática das migrações e dos mecanismos de marcação e rotulagem que interatuam em situações de contacto cultural, marcado por processos discriminatórios. O espaço da cidade e a sua complexidade em termos de mobilidade sobressai nos dois restantes textos que se inserem neste tema, sendo particularmente relevante observar a referência que fazem os autores à mobilidade como um componente dos estilos de vida e da afirmação de valores.

O texto da autoria de Igor Sacramento e Izamara Machado continua a linha das questões colocadas anteriormente sobre as migrações, mas debatendo, de modo especial, a forma como os média brasileiros trataram a crise do ébola, no caso concreto da mobilidade/receção de pessoas vindas de África. Assinalando o viés colonialista e etnocêntrico existente nos média face a África e à própria doença, os autores demonstram, na base de análise empírica, como os média veiculam imagens e representações estereotipadas e discriminatórias face aos migrantes, especialmente se estes se afiguram permeáveis a conotações que amedrontam, pelo desconhecimento, a própria sociedade.

O texto de Mauricio Nihil Oliveira centra-se na discussão do conceito de e-migrante, assinalando, na base de pesquisa empírica realizada no Uruguai, como as tecnologias de informação e de comunicação configuram tipos específicos de comunicação e de interação entre imigrantes espanhóis e residentes, facilitando a construção de diásporas. O autor está, nesse caminho, especialmente interessado em discutir como as tecnologias de informação e comunicação criam espaços de reforço identitário nos países de receção e de que forma isso se reflete na intensidade e qualidade da participação política no próprio país de acolhimento, mas sobretudo em relação ao país de origem - a Espanha.

No quadro das migrações e da comunicação intercultural, surge-nos o texto de Teresa Alves, que discute as transferências, transações e transmutações identitárias entre Portugal e Brasil, no contexto específico dos programas brasileiros dedicados à comunidade lusa, residente naquele território. Além dos conteúdos explícitos, a autora foca as dimensões mais silenciosas e sonoras das trocas culturais e simbólicas, apresentando uma perspectiva que integra a análise das dimensões coloniais e pós-coloniais.

Felipe Gustsack e Sandra Rocha são os autores do quarto texto, que é dedicado a uma dimensão mais microssociológica das mobilidades. Neste texto procura-se

esclarecer a relação entre esta dimensão das mobilidades e a emergência de configurações culturais que enformam experiências de vida centradas na procura que os sujeitos sociais empreendem para revelarem as suas subjetividades no espaço público, seguindo mecanismos semelhantes ao da expressão narrativa, neste caso auto identitária. A partir da análise de conteúdo a frases e legendas de autocolantes usados nos automóveis, os autores propõem que se trata de processos narrativos que não configuram um modo de expressão individual, mas sobretudo coletiva, cultural e identitária, atendendo ao jogo de *coqueteria* que o próprio autocolante expressa, entre o que vai mostrando aos outros e o que deles vai camuflando.

O segundo bloco de textos, versando mais sobre as questões da cultura e dos universos tecnológicos, integra quatro textos.

As tecnologias digitais continuam a ser o foco do texto da autoria de Francisco Conrado e Luís Santos. Os autores propõem uma visão reflexiva sobre o crescimento da tecnologia do *second screen*, como resultado do aumento significativo de investimento por parte de grandes operadores televisivos. Na análise empreendida sobre a oferta existente em torno dessa tecnologia, os autores evidenciam as suas potencialidades, associadas principalmente a produtos de entretenimento e comércio eletrónico.

Por sua vez, Catarina Sales cruza os resultados obtidos por meio de diversas técnicas e propõe, nesta base, uma compreensão possível dos intervalos de tempo que medeiam a passagem da duração nos transportes usados diariamente. Perspetivando as implicações das tecnologias de informação e comunicação nas esferas da sociabilidade, do trabalho e em outras esferas, a autora discorre sobre o modo como as tecnologias favorecem a apropriação total do tempo, sem que o espaço seja relevante.

Entretanto, a comparação entre emissoras ibéricas constitui o foco do texto escrito por Teresa Piñeiro-Otero e Fábio Ribeiro. Os autores desenvolvem uma análise exploratória sobre as políticas atuais das principais rádios espanholas e portuguesas nas aplicações móveis, buscando avaliar o grau de interação e participação mobilizado nessas plataformas. Entre as principais constatações, destacam que a plataforma móvel representa mais um canal suplementar para a rádio tradicional FM, do que um novo meio com linguagem e expressividade próprias.

Finalmente, Saleta de Salvador Agra e Yolanda Martínez Suárez apresentam os resultados de um estudo de caso sobre ontologia móvel e tecno-cidadania indígena, realizado com a comunidade indígena Shuar, no sul da província equatorial da Amazônia (Zamora Chinchipe), Equador. A partir de reflexões sobre apropriação dos telefones móveis por integrantes dessa comunidade, as autoras evidenciam e analisam o desencadeamento de uma série de particularidades, no que respeita à conceção espaciotemporal, assim como aos processos de configuração identitária do povo Shuar.

Na seção “Varia” são apresentados dois textos que questionam diretamente o mercado internacional do trabalho, a utilização das tecnologias digitais e as transformações das relações de produção, a nível global.

Teresa Cristina Furtado Matos e Serge Katembera Rhukuzage descontrolam alguns dos mecanismos implícitos de dominação, que caracterizam as relações entre países do

Sul e países do Norte, no caso concreto das atividades informacionais. Os autores analisam as experiências subjetivas de bloggers que trabalham para uma empresa francesa, a partir de vários países de África, evidenciando que, para a maior parte, trabalhar numa base não remunerada para empresas ocidentais, significa um passo em frente na obtenção de visibilidade e reconhecimento profissional, os quais são perspetivados como uma fase no desenvolvimento da carreira. Assinalando o modo como alguns destes bloggers assumem a condição de subvalorização em que se encontram, o texto deixa várias questões em aberto, relevantes para pensar o modo como se urdem as relações de produção num mundo global, e também a mobilização de pressupostos neoliberais relativamente à capitalização e circulação do conhecimento e da informação.

Por sua vez, o texto de Izabela Wagner cruza diversas abordagens metodológicas, sintetizando, de certa forma, as grandes problemáticas em redor das quais se situam os textos precedentes, dado que elucida as facetas não ditas ou implícitas da mobilidade de investigadores, sobretudo dos que se movem da Europa para os Estados Unidos da América, à procura de melhores condições de carreira e, portanto, de reconhecimento. A observação participante, juntamente com informação proveniente de entrevistas, faculta a empiria necessária para a construção de uma abordagem sobre a mobilidade de investigadores. Esta abordagem evidencia a dificuldade dos investigadores encontrarem mecanismos de seleção e de promoção justos nos Estados Unidos da América, face às diferenças que demonstram em relação ao que denominam como “caraterísticas auxiliares”. Estas referem-se a qualidades que, não estando diretamente inscritas no trabalho científico, acabam por influir na construção de uma representação sobre a competência e a adequação ao posto de trabalho.

Por fim, apresentam-se duas resenhas, uma da autoria de Diogo Cunha, sobre *A Sociedade do Cansaço*, livro escrito por Byung-Chul Han e a outra, da autoria de Esser Silva, acerca da obra *Capitalismo Estético na Era da Globalização*, de Lipovetsky e Serroy. Respeitando, ambas, a obra e o contexto de produção, de uma e outra, as resenhas apresentadas encerram este número de modo ajustado, ao evidenciarem dois dos principais eixos condutores da mobilidade, para além da ênfase colocada nos usos dos média: por um lado, a experiência subjetiva do tempo e a contradição do capital, no sentido da extração da máxima rentabilidade do tempo humano; por outro, a intrínseca relação entre o capitalismo financeiro e global e as reconfigurações estéticas. Movendo-se todos de comum acordo, oleiam a continuidade das relações de consumo e dependência, desde os níveis micro ao macro. //

REFERÊNCIAS

Appadurai, A. (1996). *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

De Certeau, M. (1990). *L'Invention du quotidien. Arts de faire*. Paris: Gallimard.

- Gehardi, L. (2009). *La mobilité ambiguë – Espace, temps et pouvoir aux sommets de la société contemporaine*. Paris: Éditions Universitaires Européennes.
- Gehardi, L. & Pierre, P. (2013). Geographic mobility as a system of power relations inside business networks. *Perspectives on Global Development and Technology*, 12(4), 514 – 530.
- Hall, S. (1997). The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In K. Thompson (ed.). *Media and Cultural Regulation* (pp.207-238). Londres: Thousand Oaks.
- King, R. & Wood, N. (Eds.) (2001). *Media and migration: Constructions of mobility and difference*. Londres: Routledge.
- Nurse, L. (2014). *Creative Applications of Biographical Research: Theory, Practice and Policy*. Acedido em <http://www.europeansociology.org/docs/RNs/RN3/Biographical%20Perspectives%20on%20European%20Societies%20FINAL%20Booklet%20%281%29.pdf>
- Sheller, M. & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environmental Planning*, 38(2) 207-226.
- Sheller, M. (2011). Mobility. *Sociopedia.isa*, Doi: 10.1177/205684601163.
- Wolley, A. (2014). *Contemporary asylum narratives: Representing refugees in the twenty-first century*. Basingstoke: Palgrave. Acedido em <https://books.google.pt>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Emília Araújo é investigadora integrada no CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. É docente no departamento de Sociologia da Universidade do Minho e tem trabalhado na área da sociologia da cultura, da ciência e do tempo.

E-mail: emiliararaujo@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057-Braga, Portugal

Denise Cogo é Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, Brasil e investigadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: denisecogo2@gmail.com

ESPM - Campus Francisco Gracioso, Rua Dr. Álvaro Alvim, 123 – 4º andar – Bloco C- Vila Mariana - São Paulo / SP – Brasil - CEP 04018-010

Manuel Pinto é Professor e investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, onde desenvolve trabalho nas áreas de literacia informativa e mediática, sociologia do jornalismo e políticas de comunicação. É diretor do Programa Doutoral de Ciências da Comunicação e diretor da linha de pesquisa de Media e Jornalismo do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

E-mail: mjspinto@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057-Braga, Portugal

MOBILITY, MEDIA (TIONS) AND CULTURE

Emília Araújo, Denise Cogo & Manuel Pinto

Nowadays, in Europe and the world, we experience the continued effervescence of mobility, dislocation, travels and comings and goings. Through effective and bodily movements, or through virtual displacement, current societies are, in their structures, intrinsically constituted by the power of mobility, the possibility to leave, to go back and forth.

Over the years we have seen the growth in the number of researches about the reasons why people leave a geographical space. We have also witnessed the increasing number of investigations about the reasons why people choose certain places to live, to work or to do tourism. The approaches on such an array of reasons and conditions are still valid.

However, the current time appears to be marked by phenomena that are now much less linear than they were decades ago. The mobilities are not only increasingly multi-form, but are also triggered by substantially different configuration purposes. Not to mention the very nature of politics and how it shapes and makes people inclined to mobility and migration (as it so happens in political and/or religious persecution circumstances). But we may also refer to social phenomena such as work, leisure, network transport, structure and modes of relationships and of family experience, the human trafficking networks, natural and/or human catastrophes, terrorism, wars and armed conflicts. These are presented today with features and dynamics inscribed in the experience of financial and informational globalisation, to which the place - understood in the strict sense - makes little difference. All those phenomena are marked by variability, flexibility, opacity, uncertainty and unpredictability. Sometimes they are even paradoxical.

In addition to the nature of phenomena related to mobility and the possible typology of mobility and migration today, the fluidity, the contradiction, the fragility and uncertainty that mark contemporary political frameworks also deserve to be highlighted. These instances, observed from a macro-structural level, seem to have failed to have policy frameworks responding to the interests and ideals of human subjects, on one hand, and to be connected with the mobilised interests of the global financial economy, on the other hand. Other mobilities and migrations are planned and discovered: in cities under the ground, under water, or beyond Earth. In this sense, mobilities are one of the main objects of consumption, and also constitute a focus of prevention, estimation, monitoring and planning.

In fact, mobilities can be viewed as a total social phenomenon, since they constitute an interlacement of events and processes that go beyond the act of movement in space and time, and include reception and integration processes, as well as discrimination, selection and hostility. Various processes of recollection and of (self and other) identity classification flow through the mobilities, collecting interpretations and evaluations carried out under specific ideological paradigms.

Sheller and Urry (2006) introduced, in the mid-nineties, a concept they called “new paradigm of mobility.” The authors pointed out that, unlike the mobility that characterised the world until the nineties, sophistication, the widespread use of information and communication technologies, and the strengthening of interdependencies worldwide are linked to the continuous experience of mobility that mark the identities and lifestyles in modern society. Among other contributions, the authors have shown the relevance of employing qualitative techniques to analyse these new forms of appropriation and experience of space-time, which provide investigations of unequivocal interest about the ways of living and experiencing movement, displacement and public or private transportation (such as the automobile). The already mentioned authors (Sheller & Urry, 2006) drew attention not only to the major structural elements that condition and constitute political action platforms. They also called attention to the small details of everyday life “where” the history of the senses, emotions and sensitivities is made. That is, spaces “where”, therefore, happens the appropriation, consumption and reflection of the confluence of tastes, styles and ways of being that are increasingly standardised.

More recently, following neo marxist paradigms, other authors have exposed the subversive character of mobilities, dislocations, travels and passages, since those are not only connected with new patterns of lifestyles and new ways of being in space and in time, but with much more. For example, Gehardi (2009) proposes the concept of ambiguous mobility, pointing out the most obscure and difficult sides of the life of individuals who are in almost permanent mobility, due to obligation to the models of regulation of work and the economy that require full availability of certain workers. The same author, along with Pierre (2013), clarifies that mobility feeds not only the economy in the material sense, but also the working ethos within the techno-scientific capitalism.

From this point of view, mobilities and migrations are not only one of the central narratives of our time that gain different nuances among the discourses and forms of expression of the various social groups. They are a major axis of identity definition of peoples and societies, and establish from within their own paths and future. Therefore, they are a key element of politics. Admittedly, in this immense framework of possibilities open to mobilities, which are often analysed from a perspective that conceives them as a result of successful random encounters and as processes that mark the flow of transactions between people and nations, it has been created a representation that, in a sense, naturalises physical and virtual mobility itself. But the approach we intend to portray, as editors of this number, is also, in line with the debate initiated by Woolley (2014), a political approach that reveals some of the mobilising structures of these movements and displays how today’s prevalence of more traditional forms of migration – as illustrated by the refugee who crosses the border – lets us glimpse the “subversive” forms triggered by the people who “resist” the mechanisms by which globalisation operates, establishing themselves as concrete “places” of contradiction and of cultural and political dissent. The existence of these “places” of dissent is possible due to the fact that there are two kinds of mobilities: a “required” and a “chosen” mobility¹.

¹ On this subject, we would like to mention the framing and critical analysis elaborated by Woolley concerning Appadurai’s (1996) approaches.

The massive displacements that currently occur towards Europe have shown how relevant the diverse forms of mobility in the contemporary world are to the analysis of the processes of identity construction and negotiation of individuals, groups and populations. These forms of mobility are increasingly linked to the power of penetration and appreciation of various forms of media and to the information and communications technologies. Appadurai (1996) even considers that being on the move is a peculiar trait of the modern narrative, which is marked by the pervasive experience of information and communications technologies, and by the increasing ability to transcend distances and dispel times. Such transcendence can happen by the increase of the speed of circulation, or through hyper-imposition of the virtual space. In the same context Bauman would argue that we live in increasingly liquid environments (Bauman, 2004).

This point of view generates new classifications to the subjects of this new era, in which almost everything can be nomadic, even without moving, and in which virtually everything can change places without breaking links and dependencies. From the new spatiality and temporalities arise new ways to experience intercultural relations that take place in increasingly transnational types of spaces, given the nature of the capital market in a world that remains uneven in the form of concentration and distribution of resources.

In effect, as Sheller says, when thinking about mobility in modern societies one cannot reduce the issues to the act of bringing to the conceptual plan the notion of flow or of identity fluidity created in spatiotemporal intersections. Reflection and research on mobility nowadays must involve structural elements such as colonisation, post-colonialism or globalisation (Sheller, 2011, p.2-3).

In accordance with the conceptualisation of culture as a political-cultural instance, as proposed by Hall (1997), it is possible to say that the relationship between media and mobility is shown through the perspective of culture that is perceived from the construction and affirmation of identity in space and time (expressed, for instance, by the experience of mobile workers). The digital technologies and the media in general contribute to the assembly of the mobility narratives, by providing information, but also by transmitting images, representations and stereotypes about spaces and places and about who is moving and why they are moving.

A French emigrant told us that, being retired, he used to babysit his grandchildren, who live 500 kilometres away. We asked him how that possible, to which he was replied: “via Skype”. And added: “we gather everyone in one room to play and we stay online, talking and watching them. I will ask what they need, where they are going, and inspect what they do during the time their parents are not in. We are also connected to the hospital and the police services”. This experience shows the existence of an approach to life that is increasingly more typical in modern society and that can be interpreted both as negative or positive.

For several years, researchers have been exploring how media can affect citizens' views about immigrants or moving in general, influencing their behaviour towards people who arrive in new countries. There are also studies on the ways media can influence policy programs aimed at issues of mobility and migration. Some researchers have, also,

indicated how media can be operating the construction of identity in different scales (individual, national and transnational). In this regard, in the book *Media and Migration*, edited by King and Wood (2001), it is argued that the media is capable of influencing and inducing migratory movements, as well as the establishment of various diasporas.

Mobilities in this sense also mean complexity, strengthening of the planning, of organization and of control. The movement of people and the flow of information are processed today by increasingly elaborate surveillance codes, to which digital technologies greatly contribute. This vigilance is made in response to the evolution of said technologies, which became a key element of the financial capitalist global society. But it is also made in response to the proliferation of fear on the part of institutions, populations and individuals. Such fear is also a constitutive element in the interstices of the relational fabrics in physical or virtual time and space and is built via the fast circulation of images and media content through all the virtual spaces, causing the emergence of incentives for action and of new realities.

An emerging line of studies promises to show the multidimensionality of mobility and migration phenomena in the context of the reconfiguration and production of new (and other) identities in the light of the techno-scientific establishment of culture. Hence, said studies address phenomena such as mediation operated by technology in the preparation and during the experience of mobility and/or migration. The use of audio-visual medium of fast access, such as mobile phones and other communication devices, favour the creation of heterotopic spaces of “in between”, through which today’s “everyday adventure” – to use Certeau’s (1990) expression – is built.

In parallel, other researches, with backgrounds in different fields of Social Sciences, address, under the same umbrella of cultural transformation inscribed in the triple relationship between space-time motion/identity/erosion, the role of digital media, including social and other networks. The aforementioned investigations refer mainly to the role of said media in the constitution of the migratory narratives, helping to deconstruct its sense of identity in micro and macro-sociological levels. These are investigations that examine the structure, form and content of the personal stories whispered (and revealed) “through” virtual spaces and in which are reflect the desires, resentments and gratitude of migrants towards the places that are abandoned, the places they go through and the places in which they remain. Thereby, videos, selfies, images and sounds play increasingly deeper roles in the composition (with continuous disclosure) of the individuals on the move, to the point where their biographical stories take the form of artistic products, or have artistic elements (Nurse, 2014).

This issue of “Communications and Society” brings together articles that discuss the relations between mobility and media, following a number of perspectives and addressing different objects. We have divided this issue in three main thematic groups: i) diaspora, dynamic mobility and media, ii) mobility, cultures and technological universes and iii) varia.

The first group includes four articles, three of which address, in a somewhat sharp manner, the question of migration and mechanisms for marking and labelling that

interact in cultural contact situations marked by discriminatory processes. The remaining article that compose this thematic group discusses the city space and its complexity in terms of mobility. It is relevant to point out that the authors refer to mobility as a component of lifestyles and of an assertion of values.

The article written by Igor Sacramento and Izadora Machado continues the line of questions posed earlier about migration, but addresses, especially, how Brazilian media treated the Ebola crisis, specifically discussing the mobility and reception of people coming from Africa. The authors point out the colonialist and ethnocentric bias that is present in the media when debating Africa and the disease itself, and also demonstrates, supported by an empirical analysis, that Brazilian media conveys stereotypical and discriminatory images and representations of the African migrants, especially when they appear susceptible to connotations that frighten society, due to ignorance.

The article written by Mauricio Nihil focuses on discussing the concept of e-migrant, pointing out, through an empirical research held in Uruguay, how information and communications technologies constitute specific types of communication and interaction between Spanish immigrant and residents, facilitating the construction of diasporas. Thereupon, the author is interested in discussing how information and communications technologies create identity reinforcement areas in the countries of reception and how this is reflected in the intensity and quality of political participation of the e-migrants in the host country, but, especially, in relation to the country of origin - Spain.

In the context of migration and intercultural communication, Teresa Alves discusses, in her paper, the transferences, transactions and identity transmutations that happen between Portugal and Brazil, in the specific context of Brazilian programs dedicated to the Portuguese communication within that territory. Alves deals with explicit content, but also focuses on the most silent aspects of cultural and symbolic exchanges, presenting a perspective that integrates the analysis of colonial and post-colonial dimensions.

Felipe Gustsack and Sandra Rocha are the authors of the fourth paper, which is dedicated to a more microsociological aspect of mobility. The authors explore the relationship between mobilities and the emergence of cultural settings that shape life experiences centred on the quest of individuals for the revelation of their subjectivities in the public space, following mechanisms similar to the narrative expression, but being, in this case, self-identitary. The authors apply content analysis on sentences and captions located on bumper stickers, and propose that this material is a kind of narrative process that not only configures an individual mode of expression, but also composes a collective, cultural and identity manifestation, given the mischief game expressed by the stickers, that involves showing and hiding identity traits from others.

The second group of papers deals mainly with the issues of culture and technological universes and is composed by four texts.

Digital technologies continue to be the focus of the next article, written by Francisco Conrado and Luis Santos. The authors propose a consideration on the growth of the second screen technology, which is a result of the significant increase in investment made by large broadcasters. The analysis, undertaken by the authors, of the existing offer

of this technology, displays second screen's potential as an entertainment product and in the electronic commerce.

Catarina Sales, in her paper, crosses results obtained by the employment of various techniques and, based on such findings, proposes a possible insight into the time intervals that mediate the passage of time while individuals use daily transportation. Putting into perspective the implications of information and communications technologies in the spheres of sociability, labour and other instances, the author debates the ways in which technologies that favour full ownership of time without relevance of the space are treated.

Meanwhile a comparison of Iberian radio stations is the focus of the article written by Teresa Pinero and Fabio Ribeiro. The authors develop an exploratory analysis of the current policies of the main Spanish and Portuguese radios in mobile applications, seeking to assess the degree of interaction and participation mobilised on these platforms. The main findings emphasize that the mobile platforms are, to the traditional FM radios, less of a medium with its own new language and expression and more of a supplementary channel.

Saleta Salvador Agra and Yolanda Martínez Suárez, authors of yet another paper present in this journal, set forth the results of a case study on mobile ontology and indigenous techno-citizenship held with the Shuar indigenous community, located in the southern equatorial province of the Amazon (Zamora Chinchipe), Ecuador. From reflections on ownership of mobile phones by members of this community, the authors highlight and analyse the triggering of a series of idiosyncrasies related to the conception of space-time, as well as to the identity configuration processes of the Shuar people.

In the section "varia", we have inserted two texts which refer more directly the international labor market, the use of digital technologies and the transformations concerning the production relationships at a global level.

Teresa Cristina Furtado Matos e Serge Katembera Rhukuzage deconstruct some of the implicit mechanisms of domination that characterize the relationship between North and South countries. The authors situate their discussion on the issue of information activities. They follow through a discussion about the subjective experiences of bloggers that work for a french firm. They work from African countries without being paid. On the basis of the research, the authors state that those bloggers somehow accept this subordinated place as they envisage their position as temporary and as a time during which they try to gain visibility and social recognition. In this sense, the text leaves several pertinent questions that allow us to reflect about how production relations are entangled in a global world oriented to the perationalization of neoliberal presupposes as regards capitalization and circulation of knowledge and information.

Izabela Wagner crosses several methodological approaches and brings us an article that, in a way, summarises the main issues around which lie the previous texts, and explains the unspoken facets implied in the mobility of researchers, especially those who move from Europe to the United States in search of better career conditions and, as a consequence, recognition. Participant observation, along with information retrieved from interviews, are the empirical aspects that build an approach to the mobility of researchers.

Said approach shows the difficulty of researchers to find fair selection and promotion mechanisms in the United States, given the differences that they demonstrate regarding the so called “ancillary features”, i.e. qualities which, although not directly included in the scientific work, end up influencing the construction of a representation on the competence and suitability for the job.

Finally, we present two analyses of published books. One, written by Diogo Cunha, discusses “Society of Fatigue” by Byung-Chul, and the other, written by Esser Silva, deals with the work “Aesthetic Capitalism in the Age of Globalisation”, by Lipovetski and Serroy. Respecting both works and the context in each production, those reviews close this issue of the journal appropriately, by evidencing two major axis of mobility, and going beyond the emphasis on the media uses: the first one deals with the subjective experience of time and the contradiction of the capital, which makes an effort to extract the maximum financial return on human time; while the second one debates the intrinsic relationship between the financial and global capitalism and aesthetic reconfigurations that, moving accordingly, smoothen the continuity of the consumption and dependence, from micro to macro levels. //

REFERENCES

- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- De Certeau, M. (1990). *L'Invention du quotidien- Arts de faire*. Paris: Gallimard.
- Gehardi, L. (2009). *La mobilité ambiguë – Espace, temps et pouvoir aux sommets de la société contemporaine*. Paris: Éditions Universitaires Européennes.
- Gehardi, L. & Pierre, P. (2013). Geographic mobility as a system of power relations inside business networks. *Perspectives on Global Development and Technology*, 12(4), 514 – 530.
- Hall, S. (1997). The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In K. Thompson (ed.). *Media and Cultural Regulation* (pp.207-238). Londres: Thousand Oaks.
- King, R. & Wood, N. (Eds.) (2001). *Media and migration: Constructions of mobility and difference*. Londres: Routledge.
- Nurse, L. (2014). *Creative Applications of Biographical Research: Theory, Practice and Policy*. Retrieved From <http://www.europeansociology.org/docs/RNs/RN3/Biographical%20Perspectives%20on%20European%20Societies%20FINAL%20Booklet%20%281%29.pdf>
- Sheller, M. & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environmental Planning*, 38(2) 207-226.
- Sheller, M. (2011). Mobility. *Sociopedia.isa*, Doi: 10.1177/205684601163.
- Wolley, A. (2014). *Contemporary asylum narratives: Representing refugees in the twenty-first century*. Basingstoke: Palgrave. Retrieved From <https://books.google.pt>

Translated from Portuguese by Flávia Serafim.

BIOGRAPHICAL NOTES

Emília Araújo is a scientific researcher at the CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Research Centre in Communications and Society). She teaches in the Sociology Department of the University of Minho, located in Portugal, and has worked in the fields of sociology of culture, sociology of science, and sociology of time.

E-mail: emiliararaujo@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057-Braga, Portugal.

Denise Cogo is a Full Professor at the Graduate Program in Communications and Consumer Practices of the Advertising and Marketing College (ESPM), located in São Paulo, Brazil. She is also a researcher at the National Scientific and Technological Development Council (CNPq).

E-mail: denisecogo2@gmail.com

ESPM - Campus Francisco Gracioso, Rua Dr. Álvaro Alvim, 123 – 4º andar – Bloco C- Vila Mariana - São Paulo / SP – Brasil - CEP 04018-010.

Manuel Pinto is Professor and researcher at the Institute of Social Sciences of the University of Minho. His areas of research encompasses the issues of informative and mediatic literacy, sociology of journalism and communication policies. He is director of the Doctoral Program in Communication Studies and director of the research group in Media and Journalism, in the Research Centre in communication Studies (CECS).

E-mail: mjspinto@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057-Braga, Portugal.

Diáspora, Dinâmicas de Mobilidade e Media
Diaspora, Mobilities Dynamics and Media



A IMIGRAÇÃO COMO RISCO PARA A SAÚDE: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DO IMIGRANTE AFRICANO NA COBERTURA DA *FOLHA DE S. PAULO* SOBRE O ÉBOLA

Igor Sacramento & Izamara Bastos Machado

Resumo

Neste artigo analisamos a construção de estereótipos sobre os imigrantes africanos na *Folha de S. Paulo* durante a cobertura do surto epidêmico de ébola no continente africano, em 2014. Damos especial atenção ao modo como o jornal noticiou o caso de suspeita de contágio do imigrante guineense Soulyname Bah. Observamos que houve, por meio da lógica do medo, um processo de marcação identitária expressa na oposição entre “nós” e “eles”, promovendo a repulsa à diferença pela ressignificação das características da etnia africana enquanto marcador de risco à saúde. Na sociedade do risco, a cobertura jornalística sobre o ébola — e de outras pandemias — revela um paradoxo crucial da nossa época: o apogeu de avanços científicos humanos que, apesar de tudo, não têm necessariamente atenuado os nossos medos e pânicos sobre potenciais perigos. Nesse contexto, a imigração configura-se como uma questão de segurança e é entendida como uma pluralidade de ameaças (terrorismo, crime, doença e desemprego). Dessa forma, como concluímos neste trabalho, a securitização da imigração é um processo que substitui a consideração de problemas sociais estruturais por práticas discursivas, tecnológicas e institucionais que permitem a identificação e a responsabilização de grupos específicos.

Palavras-chave

Migração; risco; estereótipo; ébola; jornalismo

INTRODUÇÃO

O ano de 2014 registou o maior surto de contaminação por ébola desde a descoberta do vírus, em 1976. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) tinham sido registadas, até ao mês de dezembro de 2014, 6.583 mortes de um total de 18.188 casos identificados na África Ocidental. Esse surto da doença, iniciado em dezembro do ano anterior na Guiné, avançou nos meses seguintes para a Libéria, Serra Leoa, Nigéria e Senegal. A partir daí, intensificou-se a preocupação com a possibilidade de uma pandemia de ébola, notória nos vários meios de comunicação e nas organizações internacionais de saúde, à escala mundial (OMS, 2014).

À medida que a doença alastrava, ficava patente no debate público o “problema” da relação entre o ébola e as migrações. Jean-Marie Le Pen, fundador do partido de extrema-direita francês Frente Nacional (FN), chegou a afirmar que o surto de ébola poderia resolver, tanto o problema da “explosão populacional” do mundo, como o da imigração para a Europa (*Folha de S. Paulo*, 2014, 22 de maio, p. 2). Com efeito, alguns setores mais conservadores de países ocidentais têm vindo a apresentar a migração como estando associada ao aumento dos riscos interferindo, assim, sobre a economia,

a política, o emprego, a residência, a segurança e a saúde dos residentes. A imigração surge frequentemente definida como “um problema fundamental, e nunca como um desafio, muito menos como um benefício para o país, frequentemente é associada a um fardo financeiro” (Van Dijk, 2010, p. 146). No entanto, é comum a imprensa escamotear o debate racial em tópicos relacionados com a violência urbana, o terrorismo, problemas sanitários, o desemprego, o uso e ao tráfico de drogas (Silva & Rosemberg, 2014). A notícia da *Folha de S. Paulo* sobre o posicionamento de Le Pen em nenhum momento identifica, aliás, a questão racial que fica subsumida ao binómio segurança/risco.

O nosso objetivo neste artigo é analisar o modo como o jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, ao cobrir o surto de ébola, constituiu a imigração africana como “fator de risco” para a saúde. Para entendermos essa articulação, dividimos o texto em três partes: na primeira abordamos sinteticamente as associações contemporâneas entre estereótipo, imigração e risco na sociedade global; na segunda, apresentamos uma sistematização da cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre o surto de ébola em 2014, considerando as mudanças nas narrativas na medida em que a doença foi encarada como uma possível ameaça ao Brasil; na última, analisamos o papel do discurso jornalístico na construção do imigrante guineense Soulyname Bah como o *Outro*, demonstrando as articulações entre a representação estereotipada e a definição de fatores de risco à saúde.

Embora a teoria do risco esteja tradicionalmente centrada em questões de tecnologia e meio ambiente (Beck, 2010; Giddens, 2001), outros estudos têm aplicado a teoria do risco na análise da representação dos média sobre as questões da imigração e do corpo imigrante (Bradimore & Bauder, 2011). Com base na semiologia dos discursos sociais, mostraremos como se deram as diferentes estratégias discursivas e os efeitos de sentido produzidos na separação entre “nós” (saudáveis/ameaçados) e “eles” (doentes/ameaçadores) e suas conexões com um processo de estereotipização do *Outro*. O papel da análise de discursos, neste contexto, não é identificar se há risco em termos estatísticos, mas sim, salientar como determinados objetos enunciativos se tornam especialmente interpretados como “arriscados” e como essa classificação de risco se torna significativa e partilhada dentro de uma sociedade. Em síntese, importa perguntar: Que ações simbólicas tomam lugar para construir o *Outro* como factor de risco? Que condições permitiram que determinados sujeitos se tornassem entendidos como “fatores de risco”, devendo ser temidos, controlados, gerenciados e até mesmo excluídos do convívio social?

Escolhemos a *Folha de S. Paulo* por ser um dos jornais impressos de referência nacional e de maior circulação no território brasileiro (dados da Associação Nacional de Jornais/ANJ). De acordo com a Associação Nacional de Jornais, em 2013 (último ano disponível no site da Associação) o jornal ocupou a segunda posição no *ranking*, com uma média de circulação de 294.811.¹ O segundo motivo da escolha prende-se com o facto de ser considerado um dos jornais de grande relevância política e de ampla capacidade de

¹ De acordo com a ANJ entre os anos de 2002 e 2009 a *Folha de S. Paulo* ocupou, consecutivamente, a primeira posição no *ranking*. Posição que se repetiu em 2012. Nos anos de 2010, 2011 e 2013, o jornal paulista perdeu a primeira posição para o jornal mineiro *Super Notícia*. Acedido em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>.

formação de opinião no Brasil. E, por fim, por se tratar de um dos jornais monitorados pelo Observatório Saúde nos Média, do qual fazemos parte como pesquisadores.²

ESTEREÓTIPO E IMIGRAÇÃO NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO DO RISCO

Para se refletir sobre o processo de construção da imigração como fator de risco à saúde no âmbito da cobertura realizada pela *Folha de S. Paulo* sobre o surto de ébola na África, é importante problematizar a própria noção de risco na contemporaneidade (Sacramento & Lerner, 2015).

Beck (2010) assinala que o risco é uma característica fundamental da modernidade tardia. Segundo o autor, na “sociedade do risco”, nem a ciência, nem a política no poder, nem os media, nem empresas, nem a lei nem mesmo os militares estão em condições de definir ou controlar os riscos de forma racional. Como bem observou o autor, a generalização da incerteza coexiste com “disputas definitórias” em torno da extensão, do grau e da urgência dos riscos, numa luta simbólica entre media, ciência, empresas, governos. Afinal, o mundo moderno aumenta a diferença entre a linguagem dos riscos calculáveis sobre os quais pensamos e agimos e o mundo do não-calculável da incerteza e do imponderável que nós criamos com a mesma velocidade dos seus desenvolvimentos tecnológicos. Com as últimas decisões sobre a energia nuclear, o uso da tecnologia genética, a nanotecnologia, a ciência da computação e assim por diante, partimos para um conjunto de consequências imprevisíveis, incontroláveis e incomunicáveis que podem até mesmo colocar em perigo a vida na terra. Vivemos, dessa forma, um contexto marcado por paradoxos e contradições que delineiam o recrudescimento simultâneo de responsabilidade e irresponsabilidade, conhecimento e ignorância, autonomia e dependência, segurança e risco (Matheus, 2010, pp. 136-137).

No mundo contemporâneo, a segurança está associada à confiança: é preciso confiar nos dispositivos, nas instituições e nas pessoas para considerá-los como “lugares seguros”, áreas de segurança, num mundo dominado por incertezas, inseguranças, riscos e desconfianças. Para Giddens (2001, p. 16), a modernidade tardia é concomitante com o surgimento de oportunidades muito maiores para os seres humanos gozarem de uma “existência segura e gratificante” do que qualquer sistema pré-moderno. Mas ela também tem um “lado sombrio”, carregado de perigos e ameaças à vida, como conflitos, guerras, ataques terroristas, acidentes nucleares, crises ambientais, epidemias e pandemias (Giddens, 2001, p. 17). Nesse sentido, a contemporaneidade caracteriza-se por uma ambiguidade na qual observamos, de um lado, um contexto de insegurança, gerado pela permanência da ameaça e, de outro, a existência de narrativas e instituições que

² Criado em 2008, o principal objetivo do Observatório Saúde na Mídia - projeto localizado no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICT), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - é realizar análises sobre os modos pelos quais os meios de comunicação de massa produzem sentidos sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) – sistema de saúde público brasileiro - e quais os temas específicos da saúde, bem como contribuir para a luta pela democratização da comunicação na sociedade em geral e, na saúde, em particular. O Observatório prevê a monitorização diária de alguns periódicos impressos de grande circulação no país: no Rio de Janeiro: *O Globo*, *O Dia*; em São Paulo: *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*; em Brasília: *Correio Braziliense*; em Recife: *Jornal do Comercio* e *Folha de Pernambuco*.

prometem formas de proteger a população, como, por exemplo, o discurso científico em suas diferentes disciplinas. Em relação às instituições, observamos o recrudescimento de práticas e serviços de segurança a diferentes níveis, desde a vigilância de espaços até procedimentos biomédicos (câmaras de vigilância, identificações biométricas, monitorização e recolha de dados na internet, política de privacidade na rede, mapeamento do genoma, descoberta de doenças e produção de vacinas). Na dimensão narrativa, há a proliferação do uso da retórica do risco no relato de acontecimentos e experiências envolvendo epidemias, crimes, catástrofes e acidentes. Particularmente no jornalismo, a narrativa do medo indica uma característica ética e política central nas culturas ocidentais contemporâneas: a tendência é apenas “aceitar o sacrifício no presente quando são construídas as consequências negativas associadas ao não-sacrifício” (Vaz et al., 2012, p. 27). Ou seja, as narrativas jornalísticas tendem a estimular fortemente a audiência “a se conceber na mesma condição daquele que sofre, o que desloca a busca da responsabilidade pelo sofrimento para um personagem Outro” (Vaz et al., 2012, p. 29). É assim que se pode produzir um nexo de responsabilidade entre quem sofre e quem faz sofrer.

A questão-chave em muitas áreas da vida quotidiana não é apenas a experiência concreta de incontabilidade, mas, sobretudo, a perda de credibilidade e confiança, desintegrando o ideal orientador da racionalidade e controle modernos (Beck, 2010). Afinal, o risco adquiriu nas sociedades ocidentais contemporâneas um estatuto ontológico, tornando-se uma entidade autónoma, objetivável, independente dos complexos contextos socioculturais” (Castiel et al., 2010, p. 25). A definição do que é perigoso, assim como os tipos das medidas de proteção e de prevenção fogem ao controle da racionalidade científica, mesmo que ainda sejam referenciados como dados objetivos, precisos e livres de interferências. Como observou Beck (2010), existem interesses e pontos de vistas concorrentes dos grupos, agentes e instituições envolvidos na definição dos riscos. Nesse sentido, a pretensão de racionalidade das ciências para determinar objetivamente os fatores de risco refuta-se a si mesma permanentemente. É cada vez mais recorrente, por exemplo, que determinado alimento ou medicamento seja considerado tanto como benéfico, como maléfico à saúde. Nessa atual dinâmica social os estudos e evidências científicas dependem ainda mais intensamente das expectativas e avaliações sociais na definição dos riscos. Essa pluralidade conflitual de definições, com origens institucionais distintas (mídia, empresas, setores industriais, entidades científicas, órgãos governamentais, organizações não-governamentais), demonstra o quanto a validade social precisa estar associada a uma série de habilidades argumentativas (Gonçalves, 2004).

Tal mutação, na forma de experiência prática das definições científicas sobre os riscos, produz representações e narrativas sobre doenças, no quadro de públicos globais, sob a lógica do risco: ameaçadoras e essenciais para estabelecer a moralidade no mundo contemporâneo (Lerner & Sacramento, 2012; Sacramento & Lerner, 2015; Sacramento & Ribeiro, 2014; Vaz et al., 2007). Nesse sentido, a experiência mediatizada de catástrofes, pandemias e guerras atuais e potenciais tornou-se uma dimensão fundamental, em que tanto a interdependência e as ameaças à existência humana como o seu futuro precário incidem sobre a vida quotidiana. Sendo assim, em termos normativos, há a frequente

constituição do Outro, do “eles”, do estranho que ameaça e impede continuidade da ordem.

No contexto da sociedade de risco, os fluxos e mobilidades humanas ao redor do globo são com mais frequência interpretados na ótica do paradigma da suspeição. Afinal, embora a globalização seja em grande parte teorizada em termos de fluxos transnacionais de pessoas, tecnologias, finanças, informações, culturas e ideologias (por exemplo, Appadurai, 1996; Castels & Miller, 1998; Castells, 1999; Massey, 1993), é preciso considerar que também existem processos sistêmicos de segregação e de contenção (Shamir, 2005). Há, portanto, pressões sociais, estruturas disciplinares e dispositivos legais que procuram delimitar a mobilidade global (Turner, 2007). Destacam-se práticas cada vez mais quotidianas de “suspeição generalizada” que fundem, por exemplo, as ameaças percebidas de crime, desemprego, doenças, imigração e terrorismo e os fluxos migratórios, constituindo, assim, um modelo normativo de organização de estratégias globais de gestão de risco (Shamir, 2005). O regime de mobilidade que caracteriza as sociedades globais convive com a suspeição generalizada, desencadeando práticas de controle, como o aumento da vigilância nas fronteiras, a proliferação de condomínios fechados, a monitorização de dados e de indivíduos, a espionagem e a construção de perfis biossociais. Ao falar sobre um paradigma de suspeição, Shamir (2005, p. 201) observa que o princípio primário para determinar a “licença para se mover”, quer a nível inter-fronteiriço, quer em espaços públicos no interior das fronteiras, tem a ver com o grau pelo qual os agentes da mobilidade são socialmente considerados suspeitos de representar ameaças de imigração indesejada, de crimes, de terrorismo e de proliferação de doenças.

É por isso que a securitização é uma das principais características das sociedades contemporâneas (Muller, 2004; Shamir, 2005; Turner, 2007). Como já comentamos, este processo implica a proliferação de protocolos e dispositivos de segurança nas mais diversas instituições e espaços da vida social, envolvendo práticas como a revista em presídios, o uso de crachás e a necessidade de identificação para circular em prédios comerciais e públicos, a inspeção em aeroportos, a exacerbação do controle das fronteiras, o aumento nas exigências para vistos de permanência ou naturalização de imigrantes, a maior rigidez nas entrevistas para migração, e assim por diante.

Nesse processo de suspeição generalizada, a securitização das sociedades modernas produz formas significativas de imobilidade. Ao nível das práticas quotidianas, há muitos exemplos. Por vezes, são até tidos como benignos: vagões exclusivos para mulheres, ou quartos privados em hospitais públicos. As causas da ascensão da “sociedade enclausurada” são numerosas: a globalização do crime e da doença, “o retorno do Estado”, a securitização, a migração ilegal, a paranoia política, inovações técnicas e assim por diante (Turner, 2007). Basicamente, a percepção crescente nas democracias liberais contemporâneas é a de que a cidadania, ou a questão de quem é capaz e quem não o é de ser um membro de uma determinada comunidade política, tornou-se, de facto, numa questão de segurança. Esta consciência tem andado de mãos dadas com a “securitização do interior” que significa a percepção de imigrantes, refugiados e estrangeiros como ameaças sociais à ordem política e social da cidadania nacional (Muller, 2004).

Há, nesse contexto, a emergência de um novo tipo de xenofobia. Como esclarece Turner (2007, pp. 299-300), com o desenvolvimento dos movimentos diaspóricos, o estranho está tanto próximo quanto distante, porque está envolvido numa rede global de comunidades que se estendem por todo o mundo. No território nacional, as diferenças culturais tornam-se institucionalizadas e produzem grupos sociais excluídos, em guetos e periferias, com subempregos e poucas oportunidades.

A constituição de estereótipos tem vindo a ser uma das principais estratégias discursivas na fixação dos imigrantes como ameaças, associando diferenças étnicas a mecanismos de repúdio, exclusão e desqualificação. Os média são certamente o espaço simbólico privilegiado de construção de representações nas sociedades contemporâneas. Como parte da representação do quotidiano, os produtos da cultura dos média, por meio de suas imagens e demais signos, podem contribuir, entre outras atividades, para construir a confiança em instituições e práticas de segurança e a percepção da diferença do Outro como próxima ou distante, familiar ou exótica, dependendo de contextos socioculturais determinados (Silverstone, 2002). Em relação aos imigrantes e à imigração tem sido muito comum, especialmente nos meios de comunicação europeus, a estreita conjugação entre gangues juvenis, bairros degradados e insucesso escolar e as hierarquias e imaginários coloniais (Cabecinhas, 2007). Há na cobertura jornalística, uma forte presença do imigrante pelo viés do estereótipo (Ferin, 2009).

O objetivo dos estereótipos é interpretar o Outro como uma população de tipos degenerados com base numa retórica essencialista, a fim de justificar a superioridade e estabelecer sistemas de administração, instrução e exclusão (Bhabha, 1998). A essencialização é o grande fundamento para a demonização. Agora, finalmente, pode-se compreender qual a função subjacente à demonização: serve para “atribuir a culpa aos outros, servindo igualmente como base para a projeção nos outros daquilo que nos deixa inseguros e ansiosos” (Young, 1971, p. 210). Os efeitos da demonização acontecem através de um mecanismo de desumanização dos indivíduos e dos grupos (os mais pobres, os imigrantes, os dependentes químicos). Afinal, os estereótipos “naturalizam, através da associação de determinadas características a pessoas e grupos, os atributos, generalizando o que é particular, particularizando o que é próprio de situações gerais” (Ferin, 2009, p. 199). Os média têm a função de “sintetizar e simplificar a informação, facilitando a identificação de referentes e permitindo aos públicos que reconheçam situações e tipos sociais insiders ou outsiders” (Ferin, 2009, p. 199).

Nesse sentido, os estereótipos são como que um efeito do poder – uma estratégia discursiva que tenta estabelecer determinadas posições do sujeito como fixas e que, muitas vezes, degeneram tipos como uma forma de legitimar hierarquias e desigualdades sociais (Hall, 1997, p. 238). Ou seja, é por intermédio dos significados produzidos pelas representações que se dá sentido à experiência, àquilo que se é e àquilo em que nos podemos tornar. Afinal, como ratifica Woodward (2000, pp. 17-18), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Trata-se de um processo que, no caso das representações mediáticas dos imigrantes, promove a diferenciação entre

aquilo que é conhecido (tomado como familiar, adequado, bom, correto, o “nós”) e o que é desconhecido (considerado exótico, estranho, mau, errado, o “não nós”, “eles”). Nessa construção da alteridade, são “eles” quem sempre ameaçam a “nós”.

Os estereótipos empregam uma estratégia de cisão, transformando em excluídos aqueles que não se encaixam nas normas da sociedade e que estão inseridos num conjunto de indivíduos considerados inaceitáveis – o Outro (Hall, 1997). Certamente, a estereotipagem é um processo complexo que nos permite categorizar as pessoas de uma forma significativa, a partir de experiências anteriores que permitem identificar características similares. Isto é geralmente feito com as pessoas e não é, por definição, negativo. Por exemplo, atribuímos certas características para papéis como “pai”, “homem de negócios”, “pensionista”, e assim por diante. Enquanto classifica as pessoas de uma maneira similar, reduzindo-as a características simplificadas e exageradas, a estereotipagem tende a não admitir qualquer possibilidade de mudança, originando a ideia de que tais características são naturais. Afinal, em essência, os estereótipos declaram “isto é o que você é, e isso é tudo que você é” (Hall, 1997, p. 259).

Na tensão entre a mobilidade e a segurança que caracteriza a globalização, como já comentamos, têm sido frequentes práticas representacionais estereotipadas dos imigrantes. Posteriormente ao 11 de setembro recrudescer a construção de muçulmanos e do Islão como o Outro das sociedades ocidentais, descrevendo-os como fundamentalistas, terroristas, sexistas, militantes, antidemocráticos, violentos, homens-bomba, sequestradores, ortodoxos e fanáticos (Dunn, 2001). Os estereótipos dominantes tratam os homens como terroristas ou extremistas estrangeiros (e, mais recentemente, locais), enquanto as mulheres são construídas como reprimidas, que precisam de ser libertadas da opressão patriarcal e da violência (Alsultany, 2012).

Outras minorias étnicas que se constituem como imigrantes em países de economia desenvolvida (latinos, africanos, asiáticos, sobretudo chineses) recebem frequentemente um tratamento mediático que as classifica como ameaça à ordem social, associando-as ao desemprego, à delinquência, à pobreza, à violência (Cogo, 2002). Dessa forma, os meios de comunicação apresentam os imigrantes pelo viés do receio e do medo. Afinal, “a estereotipagem está associada ao poder e à hegemonia e, apesar de circunstancialmente atingir os poderosos, incide preferencialmente sobre os mais fracos e desprotegidos” (Ferin, 2012, p. 109). Os estereótipos negam a possibilidade de qualquer discurso significativo sobre eles ou com eles, e asseguram uma exclusão continuada. Esta noção é, mais facilmente, observada quando as desigualdades de poder fazem com que o grupo dominante possa empregar estratégias representacionais sem enfrentar uma concorrência discursiva à altura (Hall, 1997).

Consideramos que a representação é, portanto, o espaço, por excelência, onde se dão a construção e a constituição de identidades, coletivas e individuais, em vez de ser simplesmente um reflexo secundário das identidades sociais já formadas. Segundo Hall (1997) a representação é parte essencial do processo por meio do qual os sentidos são produzidos e partilhados num dado contexto sociocultural. Representar é, em suma, dar sentido ao mundo por meio da linguagem, permitindo a correlação de conceitos com

objetos, pessoas e eventos e a transformação de pensamentos em palavras, gestos, imagens e sons.

Tendo em conta a revisão de literatura que fizemos, analisaremos a cobertura da *Folha de S. Paulo* do surto de ébola a partir dessa discussão teórica e dos procedimentos metodológicos que detalharemos na próxima seção.

METODOLOGIA

A análise presente neste artigo é realizada a partir dos princípios da semiologia dos discursos sociais. Tal como elaborado por Pinto (2002), essa prática de análise de discursos privilegia a ideia do contexto como eixo estruturante. Por entender o discurso como o conjunto de textos articulados numa prática discursiva, partimos do princípio de que o discurso é, ao mesmo tempo, processo de comunicação e prática social. As análises enfocam os processos de produção de sentido como práticas sociais contextualizadas (Pinto, 2002). Essa perspectiva considera toda a produção sentidos como um ato histórico: não a significação de uma realidade estática de um sujeito solitário, mas uma intervenção discursiva ativa, condicionada por circunstâncias sociais e históricas precisas. Nesse sentido, o destino do discurso é “o que está implícito e não dito”, o que não está nele (Bakhtin, 2003).

Pinto (2002) considera que são três os modos de enunciação: mostrar, interagir e seduzir. A demonstração refere-se à construção do referente, do universo do discurso ou do mundo, do objeto sobre o qual se fala. A interação diz respeito ao estabelecimento dos vínculos de interação sociocultural necessários para se dirigir ao interlocutor. A sedução, por fim, corresponde ao processo de distribuição de afetos a serem reconhecidos pelo enunciatário. Para a nossa análise, privilegiaremos as relações entre enunciado e enunciação, entre texto e contexto, no que diz respeito ao processo de construção do referente. Destacaremos marcas enunciativas do processo de representação realizada pela *Folha de S. Paulo* relativamente à imigração africana e, particularmente, do imigrante guineense no contexto da cobertura do ébola, em 2014. Identificaremos o tipo de caracterização, a escolha de palavras e o uso de metáforas utilizadas para definir a doença, a imigração e o imigrante em questão. Faremos isso por meio de marcas enunciativas, isto é, de pistas deixadas na superfície textual que nos permitirão compreender os processos sociais de produção de sentidos e, assim, situá-los a diferentes níveis de contextualização (situacional, institucional e sociocultural). O nosso objetivo não é apenas “mostrar como” os discursos são o que são, mas “explicar porquê” os discursos são o que são. Afinal, os discursos não relatam só os fenômenos de que falam, mas, ao falar deles de modo específico, constroem-nos enquanto objetos (Foucault, 2006). Esse é outro princípio que orienta a nossa análise – o da propriedade dos discursos construir realidades.

Para atingir esse objetivo, considerámos, especificamente, os textos publicados sobre a suspeita de contaminação por ébola do guineense Soulyname Bah. Falamos de um total de 9 textos, distribuídos da seguinte forma: no dia 10 de outubro, 1, no dia 11, 3, no dia 13, 2 e no dia 14, 1. Esse segundo momento da análise focou mais o estudo da

relação entre texto e contexto de enunciação, a partir de marcas linguísticas (verbais e não verbais). No final, além de mostrar como o jornal abordou o acontecimento, podemos explicar, à luz de reflexões teóricas sobre as relações entre media, risco e mobilidade humana no contexto atual da globalização, as motivações para a representação do imigrante como risco para a saúde dos brasileiros.

A COBERTURA DA *FOLHA DE S. PAULO* SOBRE O SURTO DE ÉBOLA EM 2014

Mapeamos o jornal *Folha de S. Paulo* no período de 1 de janeiro até 31 de dezembro de 2014. Identificamos um volume de 189 textos que se referiam ao tema “ébola” (ver Tabela 1). Localizamos dentro deste *corpus* uma nítida predominância do tema discutido na editoria internacional do jornal³, conhecida como “Mundo” e também na editoria/caderno “New York Times”. Tal revela-nos uma abordagem do jornal ao assunto como algo que respeita mais ao exterior do Brasil do que como algo interno, objeto de discussão na nação brasileira.⁴

MÊS	NÚMERO DE TEXTOS SOBRE ÉBOLA
Janeiro	-
Fevereiro	-
Março	-
Abril	1
Maio	1
Junho	-
Julho	8
Agosto	53
Setembro	25
Outubro	73
Novembro	15
Dezembro	13
TOTAL	189

Tabela 1 – Número de textos sobre ébola publicados em 2014, por mês

Consideramos também importante mencionar ter sido possível observar no levantamento efetuado que os textos sobre o ébola tinham predominantemente um caráter mais noticioso do que opinativo. Podemos ilustrar essa informação recorrendo a um olhar mais quantitativo: nos 189 textos identificados entre janeiro e dezembro de 2014, somente 18 eram de gêneros textuais jornalísticos mais opinativos - estando estes

³ As editorias representam o espaço no jornal em que os textos estão localizados. Variam, no entanto, segundo a linha editorial do jornal, podendo receber designações distintas e agrupar temas com arranjos particulares. A *Folha de S. Paulo* tende a tratar de questões internacionais na editoria “Mundo”, nos cadernos “New York Times” e no “Melhor da Gazeta Russa”, mas isso não é irredutível, ocasionalmente um tema internacional pode ocupar outras editorias do jornal.

⁴ A *Folha de S. Paulo* tende a tratar de questões internacionais na editoria “Mundo”, nos cadernos “New York Times” e no “Melhor da Gazeta Russa”, mas isso não é irredutível. Ocasionalmente um tema internacional pode ocupar outras editorias do jornal.

distribuídos entre: editoriais, cartas de leitores ou artigos assinados. Logo, os demais textos apresentados, de caráter mais informativo – totalizando 170 textos – foram apresentados em formato de notas, notícias ou reportagens, sendo alguns deles acompanhados de ilustrações, infográficos ou fotografias sobre o tema. O mês de outubro foi expressivamente o mês com maior publicação de textos sobre o assunto.

AS REPRESENTAÇÕES DO IMIGRANTE GUINEENSE E A CONSTRUÇÃO DO OUTRO

O nosso período de análise focou textos publicados sobre o ébola e a suspeição de um caso no Brasil. Analisamos as matérias jornalísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* sobre o possível caso no Brasil, entre 10/10/2014 – data da notícia publicada no jornal sobre o primeiro caso de suspeita de ébola no Brasil: “Brasil registra 1º caso suspeito de ébola” (*Folha S. Paulo*, Editoria “Cotidiano”, p. C1) – e 14/10/2014 – data em que o jornal noticia o resultado do segundo exame realizado em paciente com suspeita de ébola e em cujo diagnóstico o ébola não é confirmado: “Novo exame descarta caso de suspeita de ébola no Brasil” (*Folha S. Paulo*, Editoria Mundo, p. A9).

O PRIMEIRO CASO DE SUSPEITA DE ÉBOLA NO BRASIL

A 10 de outubro o jornal traz uma pequena chamada sobre o ébola: “Cidade do PR isola africano suspeito de estar com ébola”. O texto não é acompanhado de nenhuma imagem e menciona que “um africano, da Guiné” fora isolado por uma unidade de saúde (na quinta, 9 de outubro) por haver suspeita de que ele estivesse contaminado com o vírus do ébola. Também há uma informação do Ministério da Saúde sobre os sintomas apresentados e a comunicação de que o mesmo será transferido para o Rio de Janeiro.

O texto da chamada aumenta a dramaticidade em torno da periculosidade do paciente:

Um **africano da Guiné**, de 47 anos, com suspeita de estar com ébola” que “chegou ao Brasil no dia 1º de setembro, teve febre nos últimos dois dias, mas sem hemorragia ou vômitos. (*Folha de S. Paulo*, 2014, 10 de outubro, p. A1)

A articulação dos seguintes léxicos (**isola, africano, suspeito, ébola**) demonstra a naturalização de metáforas no discurso médico e, particularmente, no modo como o jornalismo aborda questões médicas. Isolamento deriva do latim *insula*. Entre seus significados, está “ilha”. A partir daí, foi associada à palavra a ideia de ficar sem comunicação, não manter contacto com outras pessoas e manter-se afastado. O isolamento, como prática médica, é, nesse sentido, metafórico. Ao ser isolado, o paciente continua a manter contacto com determinados profissionais de saúde para receber tratamento e pode, eventualmente, receber visita de familiares. A questão é que há uma mudança de orientação semântica: se “insula” é substantivo, “isolado” é adjetivo. Ou seja, um diz respeito à própria característica estrutural de um ser ou ente (a ilha é afastada do

continente), enquanto o outro se refere a uma atribuição posterior de sentido, a uma qualidade ou característica (o paciente isolado). Nesse texto, o isolamento é tanto prática quanto característica imputada a africanos, uma vez que estes “podem” estar contaminados pelo ébola. A suspeição provoca a necessidade de afastar “eles” de “nós”. Ou, ainda mais, a segurança perpassa pelo isolamento do que é entendido como ameaça à ordem e à saúde.

Como sabemos, a quarentena refere-se a múltiplas formas de contenção e prisão. A quarentena opera, em geral, através da identificação e distanciando as pessoas percebidas como perigosas, submetendo-os a determinados protocolos de tratamento. Foucault (1979) teorizou o desenvolvimento da governança moderna em relação a várias formas de quarentena. A quarentena consiste em identificar e separar os indivíduos com doenças contagiosas graves da vida social e, em seguida, submetendo-os a determinados protocolos de tratamento. A quarentena implica o isolamento. O jornal classificou como acertada essa conduta:

Imediatamente após a comunicação da suspeita, uma equipa de técnicos do ministério foi enviada em um avião da FAB para coordenar o atendimento e fazer a identificação de pessoas que possam ter tido contato com o paciente. (*Folha de S. Paulo*, 2014, 10 de outubro, p. A1)

Cabe destacar, também, que os sentidos construídos sobre o ébola, ou sobre qualquer outro tema, só se constroem porque se encontram num contexto comunicativo específico que dialoga, a todo instante, com os demais textos que ali estão a ser apresentados. A seleção dos temas que vão ocupar as capas dos jornais já demonstra um construto sobre a realidade por meio de seleção, classificação, hierarquização e direcionamento no modo de entender os acontecimentos do país e do mundo. No caso da composição da capa do jornal no dia 10 de outubro, apesar de uma possível existência do vírus do ébola no Brasil - vírus este que pode ser letal e que já vinha matando muitas pessoas, especialmente no continente africano - não foi considerado pelo jornal *Folha de S. Paulo* como o grande assunto do dia. As questões político-eleitorais ganharam maior evidência com manchetes nesta data.

Na ocasião, os dois grandes temas em destaques na capa foram: a) a disputa eleitoral para presidência da República: “País se divide entre Aécio, 51%, e Dilma, 49%”; e b) “Tesoureiro recebia propina para o PT, dizem delatores”. Este momento no Brasil correspondia a um contexto de acirrada disputa eleitoral à presidência da República brasileira. É interessante destacar que 2014 foi um ano de eleição majoritária no Brasil, e que a noção de contexto deve ser ressaltada no que diz respeito à produção, circulação e apropriação dos sentidos produzidos pelos media. Nesse caso, é preciso ter em consideração que os temas que estavam a ser discutidos mediaticamente podem auxiliar a compreensão sobre o que o jornal produz, onde e como esses temas circulam e como são propostos sentidos ao público pelo jornal. Como estamos a demonstrar, a maneira como a *Folha de S. Paulo* abordava o ébola associava-se ao contexto eleitoral. Havia uma enorme desconfiança em relação ao modo como o governo federal, considerando

as denúncias de corrupção durante a presença do PT no poder. Apesar disso, o jornal reconhecia uma certa habilidade do Ministério de Saúde e de outras instâncias governamentais para a condução do controle da doença no Brasil.

Os assuntos ligados às eleições estavam muito constantemente em agenda em 2014 e tais textos disputavam espaço nas páginas dos jornais com os demais temas, inclusive com temas de saúde. Lembramos que em 5 de outubro de 2014 foi realizada a primeira volta das eleições para Presidente da República, Senadores, Deputados (Estadual e Federal) e Governadores de Estados. Diante deste cenário vale observar que os temas relacionados com questões eleitorais pouco destaque conseguiam ganhar nos jornais.

Ao visitarmos a página onde o texto sobre ébola foi publicado, na editoria “Cotidiano” (p. C1), no mesmo dia 10 de outubro, notamos que o assunto ocupa quase 50% da página do jornal, dividindo espaço na página com um anúncio de uma loja de *design* e decoração. O tema “ébola” é construído com um texto que trata a questão da primeira suspeita de ébola no Brasil e mais duas notas que dão conta do tema ébola fora do Brasil. Para a elaboração da notícia sobre o caso de suspeita no Brasil, recorre-se, para além do texto, a imagens para contar a notícia (*Folha de S. Paulo*, 2014, 10 de outubro, p. C1).

O título da ilustração é: “suspeita de ébola no Brasil - veja como se dá a transmissão da doença e os sintomas”. Abaixo desse título é apresentado uma infografia que explica como se dá a transmissão do vírus e uma lista dos sintomas da doença. Além disso, apresenta um pequeno mapa onde se vê um avião se deslocando da Guiné para o Brasil. O primeiro sentido apreendido é o de que aviões que venham da Guiné/África trarão para o Brasil o vírus do ébola. Propõe-se aí, ao imaginário do leitor, a sensação de que todos aqueles que venham da Guiné trazem consigo o vírus da doença, reforçando a noção do risco da doença do “outro” vir contaminar-nos (“nós”), no Brasil.

Na construção do texto da notícia, também é possível perceber um certo tom de culpabilização do indivíduo pelo facto de ser africano – como se bastasse ser africano para significar um risco à “nossa” saúde, conforme observamos no subtítulo da matéria:

“Em Cascavel (PR), homem vindo da Guiné, na África, foi **isolado** em unidade de saúde, que teve de ser esvaziada”.

Ainda nessa edição o nome do paciente não foi revelado. Ele foi apresentado como:

“**Africano**, de 47 anos, que chegou ao Brasil no dia 19 de setembro, vindo **da África**, e passou pela **Guiné**, seu país de origem” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 10 de outubro, p. C1 [sublinhados nossos]).

Destaca-se também a redundância como estratégia discursiva para reforçar a periculosidade do indivíduo, pela generalização de um evento epidémico à totalidade do continente africano e pela fixação na representação do imigrante como praticamente contaminado por ébola (apenas) por ter vindo de Guiné.

É exemplar naquela passagem a forma como o estereótipo – o “vírus da essência” (Barthes, 2003, p. 71) – reduz toda a variedade de características de um povo, etnia, gênero, classe social ou grupo a alguns atributos tomados como essenciais (personalidade,

indumentária, comportamento, comprometimento, linguagem verbal e corporal, propensão a doenças etc.), pretensamente configuradas pela natureza gênica. Assim, o conhecimento sobre o Outro dá-se de forma majoritariamente intuitiva, reforçando a organização discursiva do senso comum (Freire Filho, 2004).

É por meio dessa percepção generalista que a notícia reforça a suspeição e o pânico já no título: “Brasil registra 1º caso de suspeita de ébola”.

Essa formulação é aparentemente paradoxal. O registo é, em geral, realizado a partir de algo efetivamente ocorrido. Fundamental para a noção de risco é que, assim identificado, ele pode ser gerido e a incerteza reduzida. Ao compreender as linhas de causalidade, é possível agir racionalmente para evitá-lo. No campo da saúde pública, a gestão de incerteza é realizada pela “quantificação do risco através de estudos populacionais que calculam a probabilidade de um fenômeno ocorrer” (Lupton, 1995, p. 78).

No discurso jornalístico, a estipulação da responsabilidade perante o sofrimento dependerá do respeito, ao menos parcial, da construção da causa realizada pelo saber científico (Vaz et al., 2007). Com efeito, no jornalismo, o papel do especialista baseia-se na autoridade em relação ao conhecimento, experiência e capacidade de controlar o que parece estar fora de controlo. O ponto importante é que, dentro de uma sociedade de risco, a incerteza é associada ao perigoso, ao ameaçador, ao que deve ser controlado e evitado. Por gerir incertezas, o especialista torna-se essencial para a construção de um sentido de controlo sobre os riscos. Nessa matéria, a voz especializada é a do Ministério da Saúde que justifica o isolamento do seguinte modo: “Segundo o protocolo do Ministério da Saúde, o local foi esvaziado e outros pacientes foram transferidos” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 10 de outubro, p. C1).

IDENTIDADE DO PACIENTE É REVELADA

No dia seguinte, dia 11 de outubro, o assunto continua a ganhar espaço na primeira página do jornal, com mais destaque que no dia anterior, trazendo como título: “Paciente melhora, e chance de 1º caso de ébola diminui”. O texto está acompanhado de uma foto publicada como destaque na capa do jornal. A imagem traz como legenda: “Em Cascavel (PR), o guineense Souleymane Bah é transferido para o Rio de Janeiro”. A fotografia apresenta uma pessoa deitada numa maca, dentro de uma ambulância com três outras pessoas em redor, auxiliando no transporte da maca. Uma imagem que demonstra um forte isolamento de todas as pessoas (que compõem a imagem): todos com roupas, máscaras, luvas que não possibilitam nenhum contato com o corpo do outro. Uma imagem que traduz a frieza e o cuidado pelo isolamento do paciente.

Apesar do título dar conta de uma aparente melhora do estado de saúde do paciente, a imagem contradi-lo, apresentando um cenário de alerta e monitorização de práticas de isolamento médicas. Segundo o próprio jornal (capa), a área técnica do Ministério da Saúde afirma ser “pouco provável” que ele esteja infetado pelo ébola. Essa informação é contraposta visualmente por todo o aparato médico (macacão reforçado, máscara, óculos, dois pares de luvas e cobertura para os sapatos) montado para impedir o contato

com o paciente e evitar futuras contaminações (*Folha de S. Paulo*, Capa do dia 11 de outubro de 2014). Como é possível observar, dois médicos utilizam aqueles uniformes para colocar o paciente, também vestido da mesma forma, numa ambulância. Apesar de toda paramentação, a imagem da capa do jornal revela um momento de insegurança. A lógica do risco é preponderante. Ainda no texto de chamada da capa é dito: “foram identificadas 64 pessoas em Cascavel que tiveram contato com o guineense. Moradores se dividem entre apreensão e a tranquilidade” (sublinhado nosso). Ou seja, nem o isolamento do suspeito por estar contaminado era suficiente para garantir a segurança. Esta tinha de ser confirmada pelos exames clínicos. O jornal procura mostrar que a população está dividida para com o paciente e parece convidar o leitor a decidir se o paciente está, ou não, contaminado, se oferece, ou não, risco para a saúde. O texto produz, assim, muito mais incertezas e inseguranças do que confiança em relação à condução do evento pelas autoridades sanitárias do país. Dessa forma, parece estar a confirmar o que estava escrito no editorial de 4 de outubro de 2014: o ébola poderia configurar-se como uma crise sanitária muito maior do que aquela que as autoridades estavam a prever. A *Folha de S. Paulo*, pelo contrário, estava correta ao manter o clima de desconfiança e medo diante da situação. Nesse mesmo dia, a desconfiança em relação a instituições estatais brasileiras, sobretudo federais, ganhava as páginas do jornal. A manchete do dia foi: “Dilma diz que oposição usa Petrobrás para ‘golpe’”. Outros destaques da capa são, por exemplo: “Ex-diretor da Petrobras atuou para campanha do PT no Rio”; “PT barra perguntas de jornalistas, e Folha desiste de debate”; e “Fiel a si mesmo, Suplicy foi vítima das traições do PT” (remetendo para o artigo de Demétrio Magnoli). Produz-se, dessa forma, um cenário comunicativo. É possível duvidar da autoridade do governo federal e das suas instituições.

É importante ressaltar que já no dia 11 de outubro se revelava na capa do jornal o nome do paciente: “Souleymane Bah”. O texto da chamada apresenta, não apenas o nome do imigrante, mas também o caracteriza como o “primeiro suspeito de ébola no Brasil”. Além de infringir o direito de anonimato, parece que o possível vírus do ébola no Brasil é da responsabilidade do próprio Souleymane Bah. Cria-se uma relação causal: um indivíduo ameaça o coletivo, isto é, “ele” põe-nos a “nós” em risco. Assim, constrói-se o estereótipo e fecha-se o sentido. O jornal dedicou três páginas na editoria “Cotidiano” a discorrer sobre o caso: desde ilustrações/infográficos, à explicação, passo a passo, das medidas tomadas pelo governo brasileiro para atender o paciente com suspeita de ébola – fornecendo informação sobre o dia, horário e local de atendimentos – a um quadro que demonstrava como se dá a transmissão e a evolução da doença. O que chama mais a atenção é a identidade do paciente ser revelada em duas fotografias. Uma é dele na maca, a ser auxiliado por profissionais de saúde, quando o paciente já não está tão escondido e isolado dentro de uma roupa de proteção, tendo uma parte do rosto a descoberto. A outra é a foto de rosto, similar a uma fotografia 3x4 usada em documentos de identificação. Sendo o ébola uma doença tão grave e que inevitavelmente se traduz em sentimentos de risco e pânico, a exposição da imagem do paciente – que até então apenas tem suspeita da doença – contribuiu para desencadear o recrudescimento de

preconceitos em relação a africanos. A divulgação da imagem do paciente inserta em textos que reforçam o nível de mortalidade por ébola e os riscos de contaminação no país, contribuiu para tornar Souleymane Bah a personificação da ameaça à saúde e da contaminação pelo ébola. No entanto, por não levar em conta o sigilo médico e o direito do paciente de não ter a sua identidade revelada, o jornal contribuiu para a associação entre o continente africano, a etnia e a proliferação da doença, desconsiderando causas estruturais de eventos biológicos e marginalizando populações (*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, pp. C1, C2 e C4).⁵

Como estratégia de fixação das fronteiras entre “nós” e “eles”, o jornal do dia 11 de outubro noticiou as tensões entre a informação de Artur Chioro, ministro da Saúde, que não descartou a contaminação por ébola, dos responsáveis pela área técnica do Ministério, que a consideravam “pouco provável”. Nesse cenário de incertezas, o jornal reforçou o estereótipo: “Ainda está pouco clara a rota do paciente, **que se diz refugiado político**, até chegar ao interior do Paraná” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C1 [sublinhados nossos]). Sem apresentar qualquer declaração do paciente ou apresentar alguma prova para refutar tal alegação, o jornal demonstra desconfiança em relação ao facto de ele ser refugiado político e implicitamente o acusa de ser imigrante ilegal: “Bah desembarcou em Guarulhos (SP) no dia 19 de setembro, vindo da Guiné (**um dos países mais afetados**), em voo que fez escala no Marrocos, segundo registros oficiais colhidos pelo governo” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C1 - sublinhados nossos).

Assim, o jornal articula o surto de ébola com imigração, crime e raça, reforçando uma postura xenófoba. O jornal chega a recriar a trajetória de Souleymane Bah num infográfico, que circunda a matéria sobre 64 pessoas que entram em contato com ele e que deveriam ficar em quarentena. A decisão de ter vindo para o Brasil, saindo da Guiné e passando pelo Marrocos, poderia desencadear um surto de ébola no país: “Ainda está pouco clara a rota do paciente, **que se diz refugiado político**, até chegar ao interior do Paraná” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C1 [sublinhados nossos]). Há, aqui, explicitamente uma desconfiança em relação à procedência da pessoa. Embora tenha afirmado e mostrado um documento que comprova ter sido aceite no Brasil como refugiado político, o jornal coloca tal informação sobre suspeita e não a confirma (“que se diz ser”). Desse modo, há veladamente acusação da falha no sistema de segurança das fronteiras e entradas de alguém vindo da África.

Essa construção reforça o estereótipo de que todo continente africano está contaminado pelo ébola. Como forma de controlo social, os estereótipos demarcam e mantêm as fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o saudável e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, nós e eles. Tonificam a autoestima e facilitam “união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”,

⁵ A 17 de abril de 2014, uma notícia vinculada pela Agência Brasil, da Empresa Brasil de Comunicação S/A, informava que o Ministério Público Federal no Distrito Federal (MPF/DF) recomendara à Polícia Federal e ao Ministério da Saúde a manutenção do sigilo os dados pessoais de possíveis suspeitos de infecção pelo vírus ébola no Brasil. A imprensa, no entanto, já havia divulgado o nome do paciente e o classificou como suspeito no dia 11. A quebra do sigilo de identidade do paciente vindo da Guiné provocou manifestações racistas e xenófobas contra ele, especialmente em sites de rede social. Informações no site: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/10/ministerio-publico-federal-recomenda-sigilo-de-dados-de-suspeitos-de-ebola>.

ao mesmo tempo em que excluem, expõem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente” (Freire Filho, 2004, p. 48). Além disso, tal construção imputa a um indivíduo as consequências negativas evitáveis de suas próprias decisões que aparecem como previsíveis através da probabilidade de acidentes e doenças e, portanto, ao contrário de catástrofes naturais. Ou seja, a novidade da sociedade de risco mundial reside no facto de que nós, mediante as nossas decisões, podemos causar consequências globais que provocam problemas e perigos (Beck, 2010).

Apesar das alegações de autoridades sanitárias de que havia melhora no quadro clínico do paciente e pouca probabilidade de ser contaminação pelo ébola, o jornal reforçou o pânico através da demonstração da preparação de um enorme aparato médico (ambulância, avião da Força Aérea Brasileira, roupas especiais, médicos, enfermeiros) para a sua remoção de uma Unidade de Pronto Atendimento de Cascavel, no Paraná, para o Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, no Rio de Janeiro, onde receberia tratamento adequado. O presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia, Érico Antonio Gomes de Arruda, considerou o momento propício para “avaliar a eficiência dos procedimentos” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C4). Dessa forma, há, por parte de uma autoridade médica, a necessidade do reforço dos protocolos de segurança. Assim, o jornal legitimou a seu próprio diagnóstico sobre a proliferação de casos de ébola no mundo. Enquanto autoridades sanitárias entrevistadas pela *Folha de S. Paulo* afirmavam que era muito improvável o risco de disseminação de ébola no Brasil, o jornal incitava o pânico, confirmando uma desconfiança: “a identificação do primeiro caso suspeito de ébola no Brasil” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C4). A ambiguidade da matéria é estrutural e pontual. É estrutural na contradição entre o tom da cobertura e a afirmação dos especialistas, e é pontual na medida em que não deixa claro se a contaminação foi autóctone ou não. Mesmo não tendo sido, o modo como se noticia “o primeiro caso suspeito de ébola no Brasil” incita o pânico ou, minimamente, a aumenta a sensação de insegurança diante de uma possível proximidade da doença.

Outra marcação da diferença étnica aparece numa declaração atribuída a Souleymane Bah que ficou hospedado no Albergue André Luís, entidade filantrópica de Cascavel, do dia 21 de setembro até 8 de outubro. Quando perguntado pela psicóloga do local, Fabiane Ferreira, sobre o facto de a sua indumentária ser colorida, teria respondido: “São da África”. O texto apresenta Bah da seguinte forma:

“Na terça (7), o sorridente Souleymane Bah, 47, pareceria especialmente feliz com as roupas vibrantes que vestia. “São da África”, disse. Dois dias depois, ele foi considerado o primeiro caso suspeito de ébola no Brasil”.
(*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C2)

A notícia classifica o imigrante como “sorridente” e “especialmente feliz”, mas, diante das suspeitas de ser o primeiro caso de ébola no país, demonstra que houve uma mudança as relações da cidade com os estrangeiros: “Fiquei aqui uns 20 dias com ele. E se eu cair doente também?, afirmou o brasileiro Wallison Novaes Ramos, 18” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C2 [sublinhados nossos]). A presidente da instituição, Tereza

Cristina Neppel, afirma que o albergue recebe muitos africanos e haitianos, mas que agora as pessoas temem ficar doentes pelo contato com Bah e outros africanos (ver figura 6).

A felicidade do imigrante por estar no Brasil tinha sido “convertida” pelos brasileiros de Cascavel em medo, devido à suspeita de contaminação. Mais uma vez, constrói-se uma relação causal de culpa pelo estado de risco e insegurança: no próprio imigrante. Nesse sentido, é importante observar que uma oposição entre “nós” (brasileiros) e “eles” (africanos) na reportagem. Ao frisar nos créditos do entrevistado a sua nacionalidade, o texto acaba por estabelecer virtualmente a ameaça localizando no guineense a causa de sofrimentos futuros (ver, em anexo, Fig. 6: *Folha de S. Paulo*, 2014, 11 de outubro, p. C2).

Houve, por exemplo, manifestações xenófobas de leitores do jornal, indignados com a postura do Estado brasileiro: “É absurdo o procedimento do governo brasileiro, enviando toneladas de alimentos, remédios e dinheiro para países com surto de ébola”. A justificativa deste leitor, identificado como Heitor Vianna Filho, era que o governo brasileiro deveria concentrar seus esforços no próprio país, que tinha “milhões [que] ainda carecem de alimentação e tratamento médico” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 12 de outubro, p. A3). Assim, tacitamente, o autor do texto ventila a ideia de que os africanos podem morrer num surto de ébola, pois seria mais importante que o governo federal se dedicasse mais aos próprios brasileiros. Essa percepção guarda uma ampla transformação do poder estatal na sociedade moderna.

No processo de globalização do risco nas sociedades ocidentais contemporâneas, os nexos entre segurança e saúde podem ser vistos como um conjunto de entendimentos e práticas que têm impacto sobre o processo político e domínio político mais geral. Em particular, a securitização de saúde leva a questões que estão sendo vistas, quer como ameaças existenciais que exigem medidas excepcionais, quer como exigindo procedimentos técnicos e burocráticos, como o isolamento de pacientes suspeitos. Esse processo revela importantes aspectos, no que diz respeito ao papel do Estado e da natureza da política externa e de segurança. Isso resulta na ligação do Estado a uma gama de atividades de saúde pública, incluindo o controle de doenças infecciosas, a gestão de ameaças biológicas e da contenção de doenças como obesidade, tabagismo, alcoolismo (Elbe, 2010, p. 175). Ao assumir uma dimensão marcadamente epidemiológica, o poder político torna-se ainda mais governamentalizado, na medida em que é reforçada a tendência para gerir o comportamento dos indivíduos e das populações, com vista a maximizar a sua saúde e utilidade económica é reforçada. Essa tendência resulta em novas intervenções médicas: as políticas de vigilância das populações saudáveis e não saudáveis; a triagem de indivíduos de acordo com factores de risco; processos de confinamento e exclusão de indivíduos de risco; o estabelecimento de padrões de normalidade e desvio, com os efeitos estigmatizantes resultantes. Em suma, no interior dos Estados ocidentais, o nexo da entre segurança e saúde está a mudar as noções de soberania e a transformar as políticas externas e de segurança numa “tecnologia para intensificar o controlo médico das populações” (Elbe, 2010, p. 185).

No que concerne aos objetivos do poder, a governamentalização do Estado sinaliza uma mudança da preocupação exclusiva com a proteção e sobrevivência do soberano

para a otimização dos recursos e das capacidades dos indivíduos e populações (Foucault, 1979). Assim, as autoridades governamentais passaram a compreender a tarefa de governar politicamente como sendo garantir a segurança dos indivíduos e das populações a fim de “aumentar a sua boa ordem, a sua segurança, a sua tranquilidade, sua prosperidade, saúde e felicidade” (Rose, 1999, p. 6). Assim, tem sido possível pensar que ao Estado caberia a proteção e o resguardo de seus cidadãos e não de estrangeiros.

Ainda no dia 12 de outubro, o jornal noticiou que o primeiro teste com o paciente suspeito de estar contaminado por ébola deu negativo. No entanto, o próprio jornal reforçou o facto de que o “homem, vindo da Guiné, estava isolado no Rio”. O ministro, em entrevista, ressaltou que nem ele, nem as pessoas com quem teve contacto, apresentam sintomas de ébola e criticou as manifestações racistas nas redes sociais sobre o episódio. Apesar disso, o jornal, ao final da matéria informa que foi ampliado o número de pessoas em observação (de 64 para 163) e que os moradores de Cascavel “evitam lugar que recebeu africano”, referindo-se à UPA de Cascavel. Nem mesmo a divulgação do primeiro resultado negativo fez com que a população se tranquilizasse (*Folha de S. Paulo*, 2014, 12 de outubro, p. A7). Isso demonstra que, por mais que o governo brasileiro tenha reforçado o controlo médico, parece que não era suficiente para garantir a confiança dos cidadãos brasileiros de que estavam, de facto, seguros. Por outro lado, o jornal qualifica positivamente os procedimentos de segurança do governo brasileiro que consistem em realizar um novo teste para se ter a garantia de que a infeção está definitivamente descartada (*Folha de S. Paulo*, 2014, 12 de outubro, p. A7).

No dia 13 de outubro, o jornal noticiou o resultado de um segundo exame feito no paciente seria divulgado e que, caso desse negativo, o paciente seria retirado do isolamento. O texto reforçava o nome do paciente e lembrava que o mesmo havia desembarcado no Brasil em 19 de setembro, vindo da Guiné e que se tratava de um dos países da África Ocidental mais afetados pelo ébola. Ainda nessa data, uma carta de um leitor respondia a carta de leitor publicada em 12 de outubro. Nesta atual, o leitor classificava como “absurda”: “Acho que é um egoísmo sem tamanho alguém afirmar que não devemos mandar ajuda humanitária para quem necessita. Brasileiros, africanos, europeus, asiáticos - são todos seres humanos, como eu e meus irmãos” (*Folha de S. Paulo*, 2014, 13 de outubro, p. A3).

No dia 14, por fim, o jornal noticiou que novo exame realizado a Souleymane Bah descartou a possibilidade de contaminação por ébola. O paciente, em novo exame, foi testado para malária, dengue e HIV, obtendo resultados negativos.

Apesar dessas negativas, o jornal assegurou que Bah fosse reconhecido como “o primeiro caso suspeito de ébola no Brasil”. Por mais que não tivesse sido confirmada a infeção foi representado como um possivelmente doente através da suspeição, fazendo com que aqueles que estiveram com ele ou nos locais em que ele esteve e até mesmo muito brasileiros que acompanharam a cobertura dessa suspeição vivessem um estado de quase-doença, não necessariamente manifestado como mal-estar e que implica a permanência crónica do cuidado (Vaz et al., 2007). Certamente, esse estado generalizado de quase-doença não se manifesta apenas em situações de construção de pânico

sanitário pela cobertura jornalística. Até mesmo o discurso jornalístico é constituído pelas formações discursivas do cuidado e da segurança medicalizada produzidas dentro da sociedade do risco, em que “nós” devemos alterar nosso estilo de vida para que evitemos doenças no futuro. Entretanto, e além disso, o Estado é cada vez mais definido como responsável por garantir a nossa proteção sistemática contra os riscos, estabelecendo um controle médico das ameaças à saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo observamos que a construção do estereótipo do imigrante guineense na *Folha de S. Paulo* se deu a partir da lógica do risco, reforçando a generalizada consideração da África como lugar de risco para a saúde pelo surto do ébola e dos africanos como agentes disseminadores da doença. Assim, transformou-se o ébola num problema africano que apenas diz respeito à comunidade nacional, pois ameaça a segurança sanitária de outras populações. O jornal reforça a conexão entre a cultura africana e o ébola. Essa associação é mais do que uma retórica de transformação da doença numa questão étnica, uma vez que constrói a africanidade como um fator de risco à saúde. Por diversas vezes, como analisamos, as matérias incitavam o pânico, relacionando a origem africana de Soulymane Bah à suspeita de contaminação por ébola. Mesmo quando comprovado que não tinha contraído o vírus, o jornal continuou a caracterizá-lo como o “primeiro caso suspeito de ébola no Brasil”. Assim, o imigrante guineense foi representado como a encarnação do risco à segurança, materializando o sofrimento até então distante no quotidiano do país. A construção dessa aproximação do mal também se deu, como demonstramos, na passagem do assunto da editoria internacional para a nacional.

A análise das matérias permitiu observar a construção da oposição entre “nós” (brasileiros) e “eles” (africanos), enfatizando ora de modo implícito ora explícito a segurança e a prevenção no contexto da globalização envolve a vigilância constante das fronteiras como prática de proteção de possíveis ameaças à ordem. Para isso, o jornal trabalhou com diversos estereótipos, sejam eles tomados como positivos (felicidade, alegria, roupas coloridas) ou constituídos como negativos (vindo da África, refugiado político, doente, suspeito). A suspeição foi o eixo central da cobertura. Nesse sentido, cabe um registo importante: na data em que o resultado do segundo exame é noticiado como negativo, o assunto não ganha espaço na primeira página do jornal. Ou seja, o jornal considera que o tema já não merecia mais destaque na capa e não fornece ao assunto notoriedade. Ou seja, quando não foi confirmada a suspeita, passou a não ser mais relevante a cobertura. Isso demonstra o quanto as notícias produzidas foram feitas a partir da lógica do medo e da promoção do pânico social para um possível estado de calamidade pública.

Dessa forma, a cobertura revelou a natureza limiar do ébola, que não é apenas uma realidade biomédica, mas também social. Ao investigar a forma como a *Folha de S. Paulo* enquadrou esse surto, observamos que o jornal, embora tenha noticiado as ações dos governos e das autoridades sanitárias, teve como foco a questão da segurança diante da

mobilidade humana. Afinal, como observamos, a globalização levou à conceituação da saúde como uma questão de risco e segurança nacional. Os media usam frequentemente uma linguagem militarista para descrever focos da doença, agora perspetivados como ameaças à segurança. No Brasil, como a *Folha de S. Paulo* noticiou, o maior foco de atenção e de ameaça era a presença de africanos no país, sobretudo daqueles recentemente vindos da África. O jornal assumiu a postura de certificar os protocolos utilizados pelo governo brasileiro, mas também noticiava que o facto de o suspeito de estar doente e ter tido contacto com outros brasileiros constituía uma preocupação.

Além disso, destacamos que a cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre a suspeita de contaminação por Soulyname Bah deu-se num contexto de acirrada campanha eleitoral para presidente no Brasil, envolvendo uma polarização entre Aécio Neves (do Partido Social Democracia Brasileiro) e Dilma Rousseff (do Partido dos Trabalhadores), candidata à reeleição. No meio de escândalos envolvendo processos de corrupção na Petrobrás, o jornal reconheceu a capacidade do Estado brasileiro se valer de protocolos de segurança (quarentena, traslado aéreo, ambulâncias, roupas especiais, testes) que poderiam evitar possíveis contaminações, caso fosse confirmada a suspeita. O Estado foi, portanto, positivamente avaliado pelo jornal devido à capacidade de prever riscos, de se antecipar a estes e gerir situações de crise. O restabelecimento da ordem social caberia às ações do Estado. O jornal reconhece a eficácia do dispositivo de segurança sanitária do governo brasileiro, mas, tacitamente, demoniza a presença de africanos no Brasil.

Afinal, a cobertura ao longo de 2014 construiu, de modo geral, o ébola como uma doença distante dos brasileiros; e aquando da única possibilidade da entrada do vírus no Brasil, todo um aparato do Estado para cuidar da saúde do paciente suspeito foi mobilizado, o que demonstrava o quanto o governo brasileiro estava atento a todos os detalhes e cuidados necessários para manter seus cidadãos protegidos do risco de adoecer. O tipo de cobertura feita pela *Folha de S. Paulo* produziu uma distância intransponível entre “nós” e “eles”. Não há qualquer compaixão por Soulyname Bah, mas apenas a necessidade de aferir se ele era ou não uma ameaça para a segurança nacional. Dessa forma, proteger-se tornou-se uma forma de evitar a empatia pelo Outro. É um pretexto para que não se ajude o Outro. Particularmente, no caso que analisamos, o tratamento de Bah era necessário para assegurar a proteção dos brasileiros diante do ébola. Embora as autoridades sanitárias negassem a possibilidade de pandemia e até mesmo de surto de ébola no Brasil, o jornal reforçou a necessidade do estado de alerta. Não houve espaço para promover a compaixão pelo imigrante, mas houve demasiado para promover o medo e a necessidade de dispositivos de segurança. ✍

REFERÊNCIAS

- Alsultany, E. (2012). *The arabs and muslims in the media: race and representation after 9/11*. New York: New York University Press.
- Appadurai, A. (1996). *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Editorial Teoria.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. Martins Fontes: Difel.

- Barthes, R. (2003). *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel.
- Beck, U. (2010). *Sociedade do risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Bradimore, A. & Bauder, H. (2011). Mystery ships and risky boat people: Tamil refugee migration in the newsprint media. *Canadian Journal of Communication*, 36(4), 637- 661.
- Cabecinhas, R. (2007). *Preto e branco: a naturalização da discriminação racial*. Porto: Campo das Letras.
- Castiel, L. D.; Guilam, M. C. R. & Ferreira, M. S. (2010). *Correndo riscos: uma introdução aos riscos em saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Castels, S.; Miller, M. (1998). *The age of migration: international population movements in the modern world*. London: Macmillan Press.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Cogo, D. (2002). O outro imigrante: das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. *Ciberlegenda (UFF)*, 10(1), 1-11.
- Elbe, S. (2010). *Security and global health*. Cambridge: Polity Press.
- Ferin, I. (2009). A cobertura jornalística da imigração: para uma teoria da notícia televisiva. *Revista Comunicação e Sociedade*, 15, 191-214.
- Foucault, M. (2006). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freire Filho, J. (2004). Estereótipo e alteridade: a construção ideológica do Outro nas investigações jornalísticas de João do Rio. *Itinerários (UNESP)*, 22(1), 133-151.
- Giddens, A. (2001). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Gonçalves, C. D. (2004). Cientistas e leigos: uma questão de comunicação e cultura. *Revista Comunicação e Sociedade*, 6, 11-33. doi: 10.17231/comsoc.6(2004).1226.
- Hall, S. (1997). The spectacle of the Other. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (pp. 223-290). London: Sage/Open University.
- Lerner, K. & Gradella, P. (2011). Mídia e pandemia: os sentidos do medo na cobertura de Influenza H1N1 nos jornais cariocas. *Eco-Pós (UFRJ)*, 14 (3), 33-54.
- Lerner, K. & Sacramento, I. (2012). Ambivalências do risco: a produção da confiança e da desconfiança na cobertura de O Estado de S. Paulo da campanha nacional de vacinação contra a influenza H1N1. *Tempo Brasileiro*, 188, 39-60.
- Lupton, D. (1995). *The imperative of health: Public health and the regulated body*. London: Sage.
- Massey, D.; Arango, J.; Graeme, H.; Kouaouci, A. & Pellegrino, A. (1993). *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millenium*. Clarendon: Press Oxford.
- Matheus, S. (2010). Uma modernidade-outra ou o hipermoderno. *Revista Comunicação e Sociedade*, 18, 133-145. doi: 10.17231/comsoc.18(2010).992.

- Muller, B. J. (2004). (Dis)qualified bodies: securitization, citizenship and identity management. *Citizenship Studies*, 8(3), 279-294. doi: DOI:10.1080/1362102042000257005
- Natércia, F. & Massarani, L. (2014). Difundindo notícias ou pânico? A cobertura da gripe A (H1N1) no Jornal Nacional e no Fantástico. In K. Lerner & I. Sacramento (Eds.), *Saúde e Jornalismo: Interfaces Contemporâneas* (pp. 183-191). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Organization, World Health. (2014). *Ébola and Marburg virus disease epidemics: preparedness, alert, control, and evaluation* (Interim manual version 1.2). Acedido em http://www.who.int/csr/disease/ébola/manual_EVD/en/.
- Pinto, M. J. (2002). *Comunicação e discurso: uma introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores.
- Rose, N. (1999). *Powers of freedom: reframing political thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sacramento, I. & Lerner, K. (2015) Pandemia e biografia no jornalismo: uma análise dos relatos pessoais da experiência com a Influenza H1N1 em O Dia. *Revista FAMECOS* (Online), 22 (4), 55-70. doi: 10.15448/1980-3729.2015.4.19552
- Shamir, R. (2005). Without Borders? Notes on Globalization as a Mobility Regime. *Sociological Theory*, 23(2), 197-217. doi: 10.1111/j.0735-2751.2005.00250.x
- Silva, P. & Rosemberg, F. (2014). Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In T. Van Dijk (Ed.), *Racismo e Discurso na América Latina* (pp. 73-118). São Paulo: Editora Contexto.
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?*. São Paulo: Edições Loyola.
- Turner, B. (2007). The enclave society: Towards a sociology of immobility. *European Journal of Social Theory*, 10(2), 287-303. doi: 10.1177/1368431007077807
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, in T. T. Silva (Ed.), *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.
- Van Dijk, T. (2010). *Discurso e poder*. São Paulo: Editora Contexto.
- Vaz, P., Pombo, M., Fantinato, M. & Peclly, G. (2007). O factor de risco na mídia. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 11(21), 145-153. doi: 10.1590/S1414-32832007000100013
- Vaz, P., Cardoso, J. M. & Felix, C. B. (2012). Risco, sofrimento e vítima virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. *Contracampo*, 25(2), 24-42.
- Young, J. (1971). *The drugtakers: the social meaning of drug use*. London: Paladin.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Igor Sacramento é doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e investigador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/Icict/Fiocruz).

E-mail: igor.sacramento@icict.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde, Av. Brasil, 4036 / Sala 504, Manguinhos, CEP 21040-361, Rio de Janeiro, Brasil.

Izamara Bastos Machado é mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e investigadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/Icict/Fiocruz).

E-mail: izamara.bastos@icict.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde, Av. Brasil, 4036 / Sala 504, Manguinhos, CEP 21040-361, Rio de Janeiro, Brasil.

*** Submetido: 08-04-2015**

*** Aceite: 02-07-2015**

IMMIGRATION AS A RISK FACTOR TO HEALTH: ANALYSING *FOLHA DE S. PAULO'S* REPRESENTATION OF AN AFRICAN IMMIGRANT DURING THE ÉBOLA OUTBREAK

Igor Sacramento & Izamara Bastos Machado

Abstract

This article analyses the construction of stereotypes about African immigrants in the Brazilian newspaper *Folha de S. Paulo* through its coverage of the Ebola outbreak in Africa in 2014. Special attention is given to the way the newspaper reported the suspected infection of the Guinean immigrant Soulyname Bah. It is observed that, through the logic of fear, there was a labeling process of opposition between “us” and “them”. Revulsion was promoted with regard to differences, via the re-signification of African ethnicity characteristics, which started to be seen as indicators of health risk factors. Within the risk society, media coverage of Ebola, as well as of other pandemics, reveals an important and paradoxical truth: we might be living in an era known as the apogee of human scientific advancements but this has not necessarily mitigated our fears and panics about potential dangers (Lerner & Sacramento, 2015). In this context, migration turns out to be a question of security related to a plurality of threats (terrorism, crime, disease, and unemployment, for instance). As we conclude in this article, the securitization of migration might be, therefore, described as a process that substitutes concerns about social and structural problems by institutional, technological and discursive practices that end up allowing the identification and the ascription of responsibility to specific groups.

Keywords

Migration; risk; stereotype; Ebola; journalism

INTRODUCTION

The year of 2014 recorded the largest outbreak of Ebola contamination since the discovery of the virus, in 1976. According to the World Health Organization (WHO) 6,583 deaths were registered up to December 2014, from a total of 18, 188 cases identified in West Africa. That outbreak began in December last year, in Guinea, and advanced, on the subsequent months, to Liberia, Sierra Leone, Nigeria and Senegal. Afterwards, a concern about the possibility of a pandemic of Ebola was intensified. This fact can be demonstrated by the observation of the activities of several media outlets and international health organizations in that time period (WHO, 2014). As the disease spread, the “problem” established between migration and Ebola became present in public debate. Jean-Marie Le Pen, founder of the a French extreme right wing party (National Front - FN), ended up saying that Ebola outbreak could solve both the world “population explosion” problem and the immigration into Europe issue (*Folha de S. Paulo*, 2014, May 22th, p. 2). Indeed, some of the more conservative sectors of the western world have been associating migration with increased risks affecting economy, politics, employment, residence, health

and safety of residents. Immigration is often defined as “a fundamental problem, and never as a challenge, and even less as a benefit. For the country, it is often associated with a financial burden” (Van Dijk, 2010, p.146). However, the press commonly veils the racial debate behind topics related to urban violence, terrorism, health problems, unemployment, drug trafficking and consumption (Silva & Rosenberg, 2014). *Folha de S. Paulo's* pieces concerning Le Pen's positioning never addressed the racial question, which stays subsumed into the safety/risk binomial.

The objective of this article is to analyze how Brazilian newspaper *Folha de S. Paulo* covered Ebola outbreak and framed the African immigration as a “risk factor” to health. To understand this articulation, we divided the text into three parts: in the first part we present synthetically the contemporary links between stereotype, immigration and risk in global society; the second is a classification of *Folha de S. Paulo's* coverage on Ebola outbreak in 2014, considering the changes in the narratives by which the disease was seen as a possible threat to Brazil; at last we analyze the role of journalistic discourse in the construction of Guinean immigrant Soulyname Bah as the Other. We demonstrate the links established between the stereotypical representation and the definition of risk factors to health.

Although risk theory is traditionally focused on technology and environmental issues (Beck, 2010; Giddens, 2001), other studies have used it to analyze media representation about immigration and immigrants (Bradimore & Bauder, 2011). Based on the semiology of discourse, we will show how different discursive strategies have taken place as well as what meaning-related effects have produced the separation between “us” (healthy/threatened) and “them” (sickly/threatening) as well as their relationship with a stereotyping process targeting the Other. The role of discourse analysis within this context is not to identify whether there is a risk in statistical terms, but to underline how certain enunciation objects become particularly interpreted as “risky” and how this risk classification becomes significant and shared within a society. To sum up, we would like to know: what are the symbolic actions that took place to build the immigration as a risk factor? What conditions have allowed certain individuals to become understood as “risk factors” and, as such, to be feared, controlled, managed, and even excluded from society?

We chose to work with *Folha de S. Paulo* because it is one of the newspapers with the largest circulation in Brazil, as well as one of the most well reputed media outlets in the country. According to the National Association of Newspapers (ANJ), in 2013 (the last year available on the Association's website, at the time of this research) this newspaper ranked in second place in the Association's list of largest newspapers of the country (in terms of circulation), with an average circulation of 294 811¹ issues. The second reason that has lead us to analyze this particular paper was the fact that it is regarded as one of the periodicals of great importance by public and specialists, and it also has the

¹ According to the ANJ between 2002 and 2009, *Folha de S. Paulo* has held the top spot in the rankings. This position was achieved in 2012, as well. During the years 2010, 2011 and 2013, that newspaper lost the top spot for the popular newspaper *Super Notícia*. Information retrieved from: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>.

ability to shape public opinion in Brazil. And, finally, because it is one of the newspapers monitored by the Media and Health Observatory, to which we belong as researchers.²

STEREOTYPE AND IMMIGRATION IN THE CONTEXT OF RISK GLOBALIZATION

In order to reflect on the process of construing immigration as a risk factor to health in the *Folha de S. Paulo* coverage on Ebola outbreak in Africa, it is important to question the very notion of risk in contemporary world (Sacramento & Lerner, 2015).

Beck (2010) signaled that risk is a key feature of late modernity. According to the author, in the “risk society”, neither science nor politicians in power, media, companies, law or even the military are able to rationally define risk controls. As well noted by Beck (2010), the widespread uncertainty coexists with “defining disputes” about the extension, degree and urgency of risks within the symbolic struggle happening between media, science, business, and government. After all, the modern world increases the difference between the language of calculable risks about which we think and act and the world of the non-calculable uncertainty and of the imponderable, which we have created at the same speed of its technological developments. With the latest decisions on nuclear energy, the use of gene technology, nanotechnology, computer science and so on, we came across a set of unpredictable, uncontrollable and incommunicable consequences that may even endanger life on Earth. We live, thus, in a context marked by paradoxes and contradictions that delimit the simultaneous resurgence of responsibility and irresponsibility, knowledge and ignorance, autonomy and dependency, security and risk (Matheus, 2010, pp. 136-137).

In today's world, security is associated with trust: it is necessary to rely on devices, institutions and people in order to consider them “safe places”, areas of security, in a world dominated by uncertainties, insecurities, risks and distrust. To Giddens (2001, p.16), late modernity is concomitant with the rise of far greater opportunities for human beings to better enjoy a “safe and rewarding existence” than any other pre-modern system. But it has also a “dark side”, full of dangers and threats to life, such as conflicts, wars, terrorist attacks, nuclear accidents, environmental crises, epidemics and pandemics (Giddens, 2001, p.17). In this sense, contemporaneity is characterized by ambiguity in which we observe, on the one hand, a context of insecurity generated by the permanence of threat, and, on the other, the existence of narratives and institutions promising ways to protect the public, as, for example, the scientific discourse through its different scientific areas. In regard to institutions, we notice the resurgence of practices and security services at different levels, from the surveillance over space until biomedical procedures (surveillance cameras, biometric identification, monitoring and data collection on the

² Created in 2008, the main objective of the Health and Media Observatory - project located in the Research Laboratory of Communication and Health (Laces), the Institute of Communication and Information Science and Technology in Health (ICICT), the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz) consists analysing the ways in which mass media produce meanings about the Unified Health System (SUS) - which is the Brazilian public health system – contributing to the struggle for democratization communication in society in general and health, in particular. The Observatory provides daily monitoring about some print newspapers of wide circulation in the country: in Rio de Janeiro: *O Globo*, *O Dia*; Sao Paulo: *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo*; Brasília: *Correio Braziliense*; Recife: *Jornal do Commercio* and *Folha de Pernambuco*.

Internet, social network privacy policy, genome mapping, diseases detection and vaccine production). At the narrative level there is the proliferation of the use of risk rhetoric when reporting events and experiences involving epidemics, crimes, disasters and accidents. Particularly in journalism, the narrative of fear suggests an ethical and political important feature of contemporary Western cultures: the trend is to just “accept the sacrifice in the present, the moment when the negative consequences associated with non-sacrifice are being built” (Vaz et al. 2012, p.27). In general, journalistic narratives tend to strongly encourage the audience “to conceived themselves in the same condition of that who suffers, which shifts the responsibility for the suffering to the Other character” (Vaz et al., 2012, p.29). That is why it becomes possible to produce a nexus of responsibility between who suffers and who provokes suffering.

The key question in many areas of everyday life is not only the concrete experience of uncontrollability, but above all, the loss of credibility and trust that disintegrates the guiding ideal of modern rationality and control (Beck, 2010). After all, the risk has acquired in Western contemporary societies an ontological status, becoming an “autonomous entity, objectionable, regardless of the complex socio-cultural contexts” (Castiel et al., 2010, p.25). The definition of what is dangerous as well as of the existing types of protective and preventive measures goes beyond the control of scientific rationality, even if they are still referred to as objective, accurate and interference-free data. As noted by Beck (2010), there are interests and viewpoints of competing groups, actors and institutions involved in risks definition. In this sense, the ultimate goal of science concerning the ability to objectively determinate risk factors puts itself in cause permanently. For instance, it is increasingly frequent for certain types of food or medicine to be regarded as both beneficial and harmful to health. Within this social dynamics, studies as well as scientific evidence depend even more heavily on social expectations and social evaluations when discussing risks. The contradictory plurality of definitions, with different institutional origins (media, business, industrial, scientific institutions, government agencies, non-governmental organizations), shows how much the social validity needs to be associated with various argumentative skills (Gonçalves, 2004).

Such alteration, which concerns the practical experience of scientific definitions of risk, leads to representations and narratives about diseases within the global public's realm under the logic of risk: threatening but crucial to establish morality in contemporary world (Lerner & Sacramento, 2012; Vaz et al., 2007). In this sense, the mediated experience of disasters, epidemics and current and potential wars has become a fundamental dimension, where the interdependence between the threats to human existence and the possibility of a precarious future focus on everyday life. Thus, in normative terms, there is the common constitution of the Other, of “them,” of the stranger who threatens and hinders the continuity of order.

Within the context of the society of risk, human mobility around the globe is frequently interpreted under the suspicion paradigm. After all, while globalization is largely theorized in terms of cross-border flows of people, technology, finance, information, cultures and ideologies (Appadurai, 1996; Castels & Miller, 1998; Castells, 1999; Massey,

1993), we must consider that there are also systemic processes of segregation and containment (Shamir, 2005). There are, thus, social pressures, disciplinary structures and legal devices that seek to delimit global mobility (Turner, 2007). It is possible to highlight even more frequent practices of “generalized suspicion” which join, for example, the perceived threats of crime, unemployment, diseases, immigration and terrorism with migratory flows. Therefore, this constitutes a normative model for organizing the global strategies of risk management (Shamir, 2005). The mobility scheme that characterizes global societies coexists with widespread suspicion, thus triggering control practices, such as increased borders control, proliferation of gated communities, surveillance of data and individuals, espionage and construction of biosocial profiles. Speaking about a paradigm of suspicion, Shamir (2005, p.201) notes that the primary principle used to determine the “license to move”, whether at inter border level or in public spaces within borders, has to do with the level through which mobility agents are socially considered suspected of representing threat of undesired immigration, of crimes, of terrorism or of disease proliferation.

That is why securitization is a major feature of contemporary societies (Muller, 2004; Shamir, 2005; Turner, 2007). As we had already commented, this process involves the proliferation of protocols and security devices across various institutions and areas of social life, involving practices as control in prisons, use of badges and the need for identification when circulating in commercial and public buildings, inspection at the airports, exacerbation of border controls, increasing requirements for permanent visas or naturalization of immigrants, greater rigidity in interviews for migration, and so on.

In this process of generalized suspicion, securitization in modern societies produces significant forms of immobility. At the level of daily life practices, there are many examples. Sometimes they are even perceived as benign: railway carriages only for women, or private rooms in public hospitals. The causes for the raise of a “cloistered society” are numerous: globalization of crime and disease, “the return of the state”, securitization, illegal migration, political paranoia, technical innovations and so on (Turner, 2007). Basically, the growing perception in contemporary liberal democracies is that citizenship, or the question of who is and who is not able of being a member of a particular political community, has become, in fact, a matter of security. This awareness has gone in pair with what is called “interior securitization”, that is the perception of immigrants, refugees and foreigners as social threats to the political and social order of the national citizenship (Muller, 2004).

There is, within this context, the emergence of a new kind of xenophobia. As explained by Turner (2007, pp.299-300), with the development of movements of diaspora, the stranger may be both close and distant because he/she is involved in a global network of communities that span throughout the world. In national territory, cultural differences become institutionalized and produce socially excluded groups living in ghettos and peripheries, marked by underemployment and low life opportunities.

The constitution of stereotypes has been one of the main discursive strategies related to the conception of immigrants as threats by associating ethnic differences with

mechanisms of rejection, exclusion and disqualification. Media is certainly a privileged symbolic space for construing representation in contemporary societies. As part of everyday representation, culture products provided by media can contribute through their images and other signs, among other activities, to build confidence in security institutions as well as practices and perceptions of the difference to the Other as being close or distant, familiar or exotic, according to certain socio-cultural contexts (Silverstone, 2002). The close intertwinement between youth gangs, slums, school failure and colonial hierarchies and imaginary has been frequent when analyzing immigrants and immigration portraits in the European media (Cabecinhas, 2007). Particularly in news coverage there is a strong presence of immigrants seen through the bias of the stereotype (Ferin, 2009).

The objective of stereotypes is to interpret the Other as a population marked by degenerate types drawn on an essentialist rhetoric that justifies the superiority and establishes systems of administration, education and exclusion (Bhabha, 1998). Essentialization is the great avenue for demonization. Now, one can finally understand what the underlying function of demonization is: it serves “to assign blame to others, serving also as a basis for projecting on the others what makes us insecure and anxious” (Young, 1971, p.210). The effects of demonization take place through a specific mechanism that produces a dehumanization of individuals and groups (poor people, immigrants, drug addicts). After all, stereotypes naturalize, by associating certain characteristics to individuals and groups, attributes, generalizing what is particular, and particularizing what is general (Ferin, 2009, p.199). Media has the function to “synthesize and simplify information, facilitating the identification of referents and allowing the public to recognize insiders and outsiders situations and social types” (Ferin, 2009, p.199).

In this sense, stereotypes are like an effect of power – a discursive strategy that tries to mark certain positions of social actors as fixed and that, in many cases, degenerates types as a way to legitimize hierarchies and social inequalities (Hall, 1997, p.238). In other words, it is through the meanings produced by representations that a person gives significance to experience, to what he/she is and to what he/she can become. After all, as Woodward ratifies (2000, pp.17-18), “utterances and representation systems build the places from which individuals can position themselves and from which they can speak”. It is like a process that, in the case of media representation of migrants, promotes the differentiation between what is known (taken as a familiar, adequate, good, right, “us”) and what is unknown (considered exotic, strange, bad, wrong, “not us”, “them”). In this construction of the otherness, “they” are the ones who always threaten “us”.

Stereotypes use a split strategy, turning into excluded those who do not fit into the norms of society and inserting the unfit into a set of individuals considered unacceptable – the Other (Hall, 1997). Stereotyping is a complex process which allows us to categorize people in a meaningful way on the basis of previous experiences that allows us to identify similar characteristics. This is commonly done and it is not, by definition, negative. For example, we assign certain characteristics to roles as “father”, “businessman”, “pensioner”, and so on. While classifying persons in a similar way, however, we reduce them to simplified and exaggerated features; stereotyping normally does not admit any possibility

for change, bringing about the idea that such features are natural. After all, in essence, stereotypes declare, “this is what you are, and that is all you are” (Hall, 1997, p.259).

Within the tension between mobility and security, which characterizes globalization, as we have already mentioned, the stereotyping of immigrants has been frequent. After September 11th there was a strengthening of the representation about Muslims and Islam as the Other of Western societies, through which their depiction as fundamentalists, terrorists, sexist, militant, anti-democratic, violent, suicide bombers, kidnappers, orthodox and fanatics (Dunn, 2001) was intensified. The dominant stereotypes portray men as terrorists or foreign extremists (and more recently, local), while women are constructed as being repressed and as the ones that need to be freed from patriarchal oppression and violence (Alsultany, 2012).

Other ethnic minorities that constitute themselves as immigrants in economically developed countries (Latin, African, Asian – especially Chinese) often get media treatments that classify them as a threat to social order, being associated with unemployment, crime, poverty and violence (Cogo, 2002). Thus, the Media presents immigrants from a perspective of fear and apprehension. After all, “stereotyping is associated with power and hegemony and although circumstantially reaching the more powerful people, it focuses primarily on the weaker and the more disadvantaged ones” (Ferin, 2012, p. 109). Stereotypes deny the chances of any meaningful discourse about them or with them, ensuring a continuous exclusion. This proves to be even more effective when power inequalities enable dominant groups to use representational strategies without facing a fair discursive competition (Hall, 1997).

We assume that representation is the space, *par excellence*, where construction and establishment of collective and individual identities take place, rather than simply being a space where already formed social identities are reflected in. According to Hall (1997), representation is an essential part of the process by which meanings are produced and shared in a given socio-cultural context. To represent means, in short, to give meaning to the world through language, enabling a correlation between concepts and objects, people and events as well as the metamorphosis of thoughts into words, gestures, images and sounds.

Taking into account the literature review exposed above, we analyze *Folha de S. Paulo's* coverage on the Ebola outbreak. Our work is based on the aforementioned theoretical discussion, as well as on the methodological procedures that we will detail in the next section.

METHODOLOGY

The analysis we are presenting on this article was based on the social discourses semiology. As theorized by Pinto (2002), this discourse analysis practice favors the understanding of the context as a structuring axis. As it recognizes utterance as a set of articulated texts in a discursive practice, this method assumes that speech is both a process of communication and a social practice. The analysis focus on processes of

meaning production as contextualized social practices (Pinto, 2002). This perspective considers the whole production of meanings as a historical act: not the signification of a static reality of a sole subject, but an active discursive intervention, conditioned by precise social and historical circumstances. In this sense, the analysis is about “what is implicit and unspoken”, of what is not in the speech (Bakhtin, 2003).

Pinto (2002) considers there are three modes of enunciation: demonstration, interaction and seduction. Demonstration is related to the referent construction, the universe of the discourse of the world, of the speech object. Interaction concerns the establishment of socio-cultural interaction bonds needed to address the interlocutor. Seduction, finally, corresponds to the process of distribution of affections acknowledged by the one who speaks.

In our analysis, we will concentrate on the relationship between discourse and utterance, between text and background, concerning the process by which the referent is constructed. We will analyze how the texts highlight the representation process carried out by *Folha de S. Paulo* about African immigration and, particularly, about the Guinean immigrant Soulyname Bah, during the context of Ebola coverage, in 2014. We will identify the type of characterization, the choice of words and the use of metaphors to define illness, immigration and the immigrant in question. We will do that through marks of enunciation, that is, clues left at the surface of the text that will allow us to understand the social processes behind meaning production and, thus, to position them at different levels of the context (situational, institutional and socio-cultural). Our goal is not only to show “how discourses are what they are”, but also, to explain “why they are what they are”. After all, discourses not only report the objects of which they talk about, but speaking of them in a specific way, they build up them up as objects (Foucault, 2006). This is another principle that orients our analysis: the fact that the capacity to build realities is the discourse’s innermost nature.

In order to make a discourse analysis, we considered specifically the texts published about the Guinean Soulyname Bah and about the suspicions that he was contaminated with Ebola. We are going to work with a total of seven articles: one published on October 10th, three on October 11th, two on October 13th and one on October 14th. The second stage of our analysis was more focused on the study about the relation between text and context of enunciation, starting from language marks (verbal and nonverbal). Finally, in addition to showing how the newspaper has dealt with the event, we were able to explain, in the light of theoretical reflections about the relationship between media, risk and human mobility in the current context of globalization, the motives behind the representation of the immigrant as a risk to the health of Brazilians.

THE COVERAGE OF *FOLHA DE S. PAULO* ON THE EBOLA OUTBREAK IN 2014

We mapped the newspaper *Folha de S. Paulo* during the period between 1st January and 31st December 2014 and have identified a volume of 188 texts referring to the “Ebola” topic (see Table 1). We have noticed, within this *corpus*, that this topic was predominantly

located in the international section of the periodic³, known as “World,” as well as in the section called “New York Times”, which is also focused on international matters. This reveals that the gazette had approached Ebola as an international issue, instead of a matter of national interest.

MONTH	NUMBER OF TEXTS ON EBOLA
January	-
February	-
March	-
April	1
May	1
June	-
July	8
August	53
September	25
October	72
November	15
December	13
TOTAL	188

Table 1- Number of texts about e published in 2014, by month.

We noticed some alterations on the coverage of this newspaper, concerning the sections in which the articles about Ebola were located. Said articles were, occasionally, placed in sections dedicated to national and local affairs – such as “Everyday Life” and “Power”. This shift only occurs on pieces published in dates close to the episode related to the suspected case of the disease in Brazil. Hence, a subject that had been treated mostly as a risk for the “others” was now portrayed as a threat to “us”. The possibility of the virus having arrived in Brazil moves all sense of fear into our country, and this is expressed in that shift between sections. Still in that month it was possible to notice in the coverage the spread of fear, since the disease was not just in Africa anymore. USA, Spain, France and Cuba were some of the countries that occupied the newspaper’s pages and that were concerned with the fight against Ebola. On October we identify the largest number of texts about this issue over the year 2014.

THE REPRESENTATIONS OF THE GUINEAN IMMIGRANT AND THE CONSTRUCTION OF THE OTHER

Our analysis has focused on texts about Ebola and on the suspicion of the existence of a case of the disease in Brazil. We analyzed the contents published in *Folha de S. Paulo* about that possible case in Brazil between 10/10/2014 – the date when the first

³ The sections represent the spaces in the newspaper in which texts are located. They, however, vary according to the editorial line of the newspaper and may receive different assignments and group themes with particular arrangements. *Folha de S. Paulo* tends to deal with international issues in the section “World”, in the special section called “New York Times” and in “The Best of the Russian Gazette”. Occasionally an international theme can occupy other sections of the newspaper.

suspected case of Ebola in Brazil was published: “Brazil registers the first suspected case of Ebola” (*Folha S. Paulo*, 2014, October 10th, p. C1) – and 14/10/2014 – the date when the newspaper reports the results of the second examination of the patient suspected of having Ebola, who was not diagnosed with the disease: “A new test rules out case of Ebola in Brazil” (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 14th, p. A9).

THE FIRST SUSPECTED CASE OF EBOLA IN BRAZIL

On October 10th the newspaper *Folha de São Paulo* brings on its cover a small headline on Ebola: “The city of Paraná isolates African suspected of being infected with Ebola”. The text is not accompanied by any image. It mentions that “an African, from Guinea” had been isolated by a health care facility (Thursday, September 9th) because there were suspicions of him being contaminated by the Ebola virus. There is also information from the Ministry of Health about the symptoms the patient presented, as well information about his transference to Rio de Janeiro. The text of this headline increases the drama around the patient’s dangerousness:

An **African from Guinea**, 47, suspected of having Ebola “has arrived in Brazil on September 1st, had fever during the last two days, but did not present bleeding or vomiting. (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 10th, p. A1)

The articulation of the following lexicons (isolates African suspect, Ebola) shows the naturalization metaphors used by medical discourse and, particularly, the way journalism deals with medical issues. Isolation derives from Latin *insula*. Amongst its meanings, there is “island”. From then on, the word has been associated with the idea of staying without communication, not having contact with other persons and staying away. Isolation as a medical practice is, in that sense, metaphorical. Being medically isolated, the patient continues to maintain contact with certain healthcare providers for treatment and may possibly receive visits from relatives. The point is that there is a change of semantic orientation: “insula” is a noun, whereas “isolated” is an adjective. That is, one concerns the own structural feature of a being or of an entity (an island is far from the Continent), while the other refers to a later assignment of meaning, to a quality or characteristic ascribed to Africans, insofar as these “may be” contaminated by Ebola. Suspicion brings about the need to separate “them” from “us”. Or, even more, security is achieved through the isolation of what is understood as a threat to order and health.

As we know, quarantine refers to multiple forms of restriction and imprisonment. To quarantine is to identify and remove people with contagious and serious diseases from social life, followed by the submission of these subjects to certain protocols of treatment. Foucault (1979) theorized the development of modern governance in relation to various forms of quarantine. Quarantine, thus involves isolation. The newspaper labeled this procedure as appropriate:

Immediately after the announcement of the suspicion a team of specialists from the ministry was sent on a plane of FAB to coordinate the medical treatment and identify people who may have had contact with the patient. (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 10th, p. A1)

It should also be noted that meanings constructed about Ebola, or about any other issue, only succeed because they emerge from within a specific communicative context, interacting at all times with other texts also being displayed. The selection of topics that will fill newspapers covers is in itself already a construct about the reality as it implies selection, classification, prioritization and targeting, with a view to build an understanding of the events happening both in the country and around the world. Concerning the newspaper's cover of October 10th, and despite the possible presence of the Ebola virus in Brazil – a virus that can be lethal and that was already killing many people, especially in Africa – this issue was not considered by the newspaper *Folha de S. Paulo* as the big topic of the day. The political and electoral issues gained greater evidence.

At that time, the two great themes highlighted on the cover were: a) the electoral race for presidency (“The country is divided between Aécio, 51%, and Dilma, 49 %”); and b) “The treasurer received a bribe for the PT, say whistle-blowers”. In this period of time Brazil was experiencing a context of fierce electoral battle for the presidency. It is interesting to note that 2014 was the year in which the largest numbers of Brazilians voted. It is also relevant to say that the notion of context should be emphasized with regard to the production, circulation and appropriation of meanings produced by the media. In that case, we must keep in mind that issues that were being discussed in the media may help us to understand what the analyzed newspaper produces, where and how these issues circulate and how the newspaper suggests meanings to its public. As we are demonstrating, the manner in which *Folha de S. Paulo* approached Ebola was associated with the electoral context. There was a huge distrust about the federal government, considering the allegations of corruption during the presence of the PT (Labor Party) in power. Nevertheless, the newspaper recognized a certain ability of the Ministry of Health and other government agencies in the management of disease control in Brazil.

Issues related to elections were very constantly on the agenda of the Brazilian media in 2014 and these texts disputed space on the pages of newspapers with other topics, including health issues. It is relevant to remember that on October 5th 2014 the first round of elections for president, Senators, Deputies (state and federal) and State Governors took place. It is worth noting that, in this scenario, news unrelated to electoral matters were expected to receive less attention from the papers.

When examining the page where the article about Ebola was published, in the “Cotidiano” section (Everyday, in Portuguese) (p.C1), on October 10th, we realized that the aforementioned article occupies almost 50% of the newspaper's page, sharing space with an ad of a design and décor shop. The topic “Ebola” is built using a text dealing with the issue of the first suspicion of Ebola in Brazil and two more notes giving account of Ebola outside Brazil. To develop the report about the possible case of Ebola in Brazil, the paper made use not only of a text, but also of pictures (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 10th, p. C1).

The title of the illustration is “Suspected Ebola contamination in Brazil – learn how the transmission of the disease occurs, and about the symptoms”. Below that title there is an infographic explaining how the transmission of the virus happens as well as a list of the symptoms. In addition, there is a small map where we can see a plane moving from Guinea to Brazil. The first meaning to be apprehended is that planes coming from Guinea/Africa will bring the Ebola virus to Brazil. Thus, it is proposed to the reader’s imagination the feeling that all those who come from Guinea bring with them the virus of the disease, what reinforces the idea that the disease of the “other” will come to contaminate “us” in Brazil. It is also possible to understand in the very construction of this news piece a certain blaming of the African individual, simply because he is from Africa – as if being African was enough to represent a threat to “our” health –, as we can observe in the content of the subtitle of the article: “In Cascavel (PR), a man coming from Guinea, in Africa, was isolated in a health unit, which had to be emptied”. Also, in that issue of *Folha de São Paulo*, the patient’s name was not revealed. He was presented as:

African, 47, who arrived in Brazil on 19th September, **from Africa**, and went through Guinea, his country of origin (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 10th, p. C1 [emphasis added by the authors]).

We can also highlight the use of redundancy as a discursive strategy to strengthen individual dangerousness, by the generalization of an epidemic event to the entire African continent, as well as by representing the immigrant as being contaminated by Ebola, (just) for coming from Guinea.

The aforementioned passage illustrates how the stereotype – “the essence virus” (Barthes, 2003, p.71) - reduces the variety of characteristics of a population, ethnicity, gender, social class or group, to some attributes taken as essential (personality, clothing, behavior, commitment, verbal and body language, propensity to diseases etc.), allegedly set by genetics. Thus, knowledge about the Other is mostly intuitive, what reinforces the discursive organization of common sense (Freire, 2004). It is through this general perception that the news reinforce the suspicion and panic already present in the title: “Brazil registers 1st suspected case of Ebola” (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 10th, p. C1).

That formulation is apparently paradoxical. Registration is, in general, done on something that has effectively occurred. Fundamental in the notion of risk is that once something is identified as a threat it may be managed, and the possibility of management reduces uncertainty. By understanding the lines of causality of a problem, one can act rationally in order to avoid it. In the field of public health, uncertainty management is performed by the “quantification of risk through population studies that calculate the probability of occurrence of a phenomenon” (Lupton, 1995, p. 78).

In the journalistic discourse, the stipulation of responsibility in face of the suffering depends on the respect and, at least partially, on the construction of the cause being carried out by scientific knowledge (Vaz et al., 2007). Indeed, in journalism, the role of the expert is that of an authority with knowledge, experience and ability to control what appears to be out of control.

The important point is that in a risk society, uncertainty is associated with the dangerous, the threatening, with what must be controlled and avoided. For the management of uncertainty, the expert becomes essential because he/she can build up a sense of control over the risks. In the matter we now discuss, the expert voice is that of the Ministry of Health, that justifies the isolation in the following way: “According to the protocol of the Ministry of Health, the site was emptied and other patients were transferred” (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 10th, p. C1).

PATIENT'S IDENTITY IS REVEALED IN THE JOURNAL COVER

On the next day, October 11th, the topic continues to gain space on the front page, appearing with more emphasis than the day before, and having the following title: “Patient gets better and the chance of 1st case of Ebola decreases”. A photo that is highlighted on the journal cover accompanies the text. The image brings this legend: “In Cascavel (PR), the Guinean Souleymane Bah is transferred to Rio de Janeiro”. The photo shows a person lying down on a stretcher inside an ambulance with three other people around him, helping with the patient's transportation. This image shows the strong isolation of all the people who compose it: all of them (including the patient) are wearing special clothing, masks and gloves that do not allow any direct contact with the Other's body that is, thus, secluded. This image translates the coldness on the care of the patient in isolation.

Despite of the title giving account of the apparent improvement, the image contradicts said statement, as it presents a scenario of caution and isolation and the persistence of medical procedures. According to the newspaper (cover) the technical department of the Ministry of Health says it is “unlikely” that the patient is infected with Ebola. This information is visually countered by the evident use of medical apparatus (reinforced jumpsuits, mask, glasses, two pairs of gloves and cover for shoes) that clearly serve the purpose of avoiding contact of the team with the patient, thus preventing future contaminations (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th). As we can observe, two doctors are using those uniforms in order to put the patient, also dressed the same way, in an ambulance. With all this attire, the image on the paper's cover reveals a moment of insecurity. The logic of risk is predominant. The cover also says “The 64 people who had contact with the Guinean in Cascavel were identified. Residents are torn **between apprehension and tranquility**” (emphasis made by the authors). Even the suspect's isolation due to possible contamination was not enough to ensure safety: this had to be certificated by medical examinations. The newspaper seeks to show that population is divided regarding the patient and it looks like it is inviting the reader to decide whether the patient is contaminated or not, if he offers or not risk to public health. That way the text produces more uncertainties and insecurities than confidence, regarding the ways health authorities of the country are leading the problem. Therefore, it seems that what was written in the editorial of October 4th 2014 was now confirmed: Ebola could be a much greater sanitary crisis than authorities had predicted. *Folha de S. Paulo*, on the contrary, was correct in maintaining a climate of distrust and fear in face of the situation. On that same

day, distrust regarding Brazilian state institutions, especially on a federal level, took the newspaper pages. The headline of the day was: “Dilma says opposition uses Petrobras to throw a ‘coup’”. Other highlights of the cover, for example, are: “Former director of Petrobras worked for PT political campaign in Rio”; “PT shuts journalist’s questions, and *Folha* gives up on the debate”; “True to himself, Suplicy was victim of PT’s treachery” (referring to the article by Demetrio Magnoli). Thus, a communicative scenario is produced. It is possible to put into question the authority of federal government and of its institutions.

It is important to highlight that on October 11th the gazette’s cover has revealed the patient’s name: Souleymane Bah. The text of the headline not only reveals the immigrant’s name, but also characterizes him as being “the first case of suspected Ebola in Brazil.” Besides violating anonymity rights, the newspaper makes it seem that the possible arrival of the Ebola virus in Brazil is Souleymane Bah’s responsibility. There is a causal relationship: an individual threatens the collective, that is, “he” puts “us” at risk. Thus, the stereotype is built, and the meaning is formed. The newspaper devoted three pages in the section “Everyday Life” to the discussion of this case. It presented illustrations and infographics explaining, step by step, the measures taken by the Brazilian government to attend to the patient possibly contaminated with Ebola – providing information about the day, time and place in which medical tests would occur – but there is also a table showing how the transmission and the progression of the ailment happens. The most shocking thing is that the patient’s identity is revealed in two photographs. In one, the patient is portrayed on a stretcher, being assisted by health professionals, while not being hidden within a protective suit, having, thus, a part of his face exposed. The other image is the cover photo, similar to a passport photograph. Being Ebola such a severe illness that inevitably translates into feelings of panic and risk, the use of the patient’s image – whose diagnose had not yet been confirmed – helped to trigger the resurgence of prejudice against Africans. The disclosure of the patient’s image linked to texts that reinforce the level of mortality from Ebola and contamination risks in the country contributed to making Souleymane Bah the embodiment of the threat to health that the epidemic of Ebola represents. Hence, for not having taken into account the medical confidentiality as well as the patient’s right of not having his identity revealed, the newspaper contributed to the association between African continent, ethnicity and the spread of the disease. Thus, it disregarded the relevance of structural causes for biological events and marginalized entire populations ⁴ (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th, pp. C1, C2 and C4).

As a strategy to set the boundaries between “us” and “them”, the issue of October 11th reported the tensions between the information given by Artur Chioro, Minister of Health, who had not discarded the potential contamination by Ebola, and that provided

⁴ On April 17, 2014, a report linked by the Agency Brazil, the Brazil Communications Company S/A, reported that federal prosecutors in the Federal District (MPF/DF) had recommended to the Federal Police and the Ministry of Health the maintenance of secrecy regarding the personal data of possible suspects of infection by the Ebola virus in Brazil. The press, however, had already released the patient’s name and classified him as suspected of infection on 11th. The disclosure of the Guinean patient’s identity provoked racist and xenophobic demonstrations against him, especially on social networks. More information can be found on the following website: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/10/ministerio-publico-federal-recomenda-sigilo-de-dados-de-suspeitos-de-ebola>. Accessed 03/30/2015.

by the responsible for the technical area of the Ministry, who considered that infection “unlikely” to have happened. In this scenario of uncertainty, the newspaper reinforced the stereotype: “it’s still unclear the route taken by the patient, **which identifies himself as a political refugee**, to reach the interior of Paraná” (*Folha de S. Paulo*, 2014, November 10th, p. C1 [emphasis added by the authors]). Without presenting any statement from the patient or any evidence to refute such claim, the paper demonstrates distrust regarding the fact that he is a political refugee, implicitly accusing him of being an illegal immigrant: “Bah landed in Guarulhos (SP) on September 19th, coming from Guinea (**one of the most affected countries**) in a flight that made a stopover in Morocco, according to official records collected by the government” (*Folha de S. Paulo*, 2014, November 10th, p. C1 [emphasis added by the authors]).

In this way, the newspaper combines the Ebola outbreak with immigration, crime and race, reinforcing a xenophobic attitude. The newspaper even recreates Souleymane Bah’s trajectory, by making an infographic that mentions the 64 people who had contact with the patient and that should be quarantined. His decision to come to Brazil, leaving Guinea and passing through Morocco, could trigger out an Ebola outbreak in the country. One of the sentences we exposed above (“it’s still unclear the route taken by the patient, **which identifies himself as a political refugee**, to reach the interior of Paraná”) also shows an explicit distrust concerning Bah’s country of origin. Although he has stated and shown a document proving he had been accepted as a political refugee in Brazil, the newspaper puts that information under suspicion and does not confirm it (“which identifies himself as”). Thus, there is a veiled accusation of a possible failure on the part of the authorities to secure proper control of the borders, concerning people coming from Africa.

This textual construction reinforces the stereotype that Ebola infects all Africa. As a mean of social control, stereotypes demarcate and maintain the symbolic boundaries between normal and abnormal, integrated and deviant, the healthy and the pathological, the citizen and the stranger, us and them. They give strength to self-esteem and facilitate the union of those of us “that are normal” in an “imaginary community”, while excluding, expelling, revoking to a symbolic exile everything that does not fit in, everything that is different” (Freire, 2004, p.48). In addition, this construction imputes to the individual the negative and avoidable consequences of his/her own decisions. These appear to be preventable throughout the definition of the probability of accidents and diseases, inversely to what happens in the case of natural disasters. That is, the novelty in the global risk society is the fact that “we”, through “our” decisions, can cause global consequences that bring problems and dangers (Beck, 2010).

Despite claims from health authorities that there was improvement in the patient’s condition and that it was unlikely he was contaminated by Ebola, the newspaper strengthened the panic by demonstrating the preparation of an enormous medical apparatus (ambulance aircraft of the Brazilian Air Force, special clothing, doctors, nurses) in order to transfer him from an emergency unit in Cascavel, Paraná to the National Institute of Infectious Diseases Evandro Chagas, in Rio de Janeiro, where he would receive proper treatment. The president of the Brazilian Society of Infectious Diseases, Érico Antonio

Gomes de Arruda, considered that it was the right time to “evaluate the effectiveness of the procedures” (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th, p.C4). In this way, we observed that a medical authority expressed the need to strengthen the security protocols. Thus, the newspaper legitimized its own diagnosis about the proliferation of Ebola across the World. While health officials interviewed by *Folha de S. Paulo* said that the risk of Ebola spreading in Brazil was very low, the newspaper incited panic, confirming a suspicion: “the identification of the first suspected case of Ebola in Brazil” (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th, p. C4). The ambiguity of the text is, at the same time, structural and punctual. It is structural due to the contradiction between the coverage tone and the expert’s statement. It is punctual because it does not clarify if the contamination was or not indigenous. Even if it wasn’t, the manner in which the news report “the first suspected case of Ebola in Brazil” provokes panic or, at least, helps to increase the sense of insecurity in face of a possible imminence of the illness.

Another mark of the ethnic difference appears in a statement assigned to Souleymane Bah, who had been accommodated at the Hostel André Luís, a charity institution from Cascavel, from September 21st to October 8th. When a local psychologist, Fabiane Ferreira, asked him about his colorful attire, he would have replied thusly: “They are from Africa”. The paper presents Bah as follows:

On Tuesday (7), the smiling Souleymane Bah, 47, seemed especially happy with the vibrant clothes he wore. “They are from Africa”, he said. Two days later, he was considered the first suspected case of Ebola in Brazil (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th, p. C2).

The article classifies the immigrant as “smiling” and “particularly happy” but, given the suspicion of him being the first case of Ebola in the country, the piece takes care to demonstrate that there has been a change in the manner with which the city’s inhabitants relate with foreigners: “I was here for about 20 days with him. What if I fall sick too?”, said the **Brazilian** Wallison Novaes Ramos, 18 (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th, p. C2 [emphasis added by the authors]). The president of the institution, Tereza Cristina Nepel, says that the hostel hosts many Africans and Haitians, but people were now fearful of getting sick because of the contact with Bah and other African people.

The immigrant’s happiness for being in Brazil had been converted, by Brazilians from Cascavel, in fear, due to the suspicion of contamination. Again, there is the construction of a causal relation in which the immigrant is blamed for the climate of risk and insecurity. Therefore, it is important to note that there is an opposition between “us” (Brazilians) and “those” Africans in the news article. By pointing out the interviewee’s nationality, the text ends up virtually establishing a threat, locating the Guinean as the possible cause of future sufferings. *Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th, p. C2)

There were, in fact, xenophobic manifestations promoted by newspaper’s readers, who felt outraged, for instance, by the fact that the Brazilian government offered help to African countries: “It is absurd that the Brazilian government is sending tons of food, medicine and money to countries with an Ebola outbreak”, said one of the readers. The

justification presented by this person, who identified himself as Hector Vianna Filho, was that the Brazilian authorities should focus their efforts on the country itself, which had “millions [of people] that still lack food and medical assistance” (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 12th, p. A3). Thus, implicitly, the author of the article presents the idea that even if numerous Africans die because of the Ebola outbreak, it would still be more important for the federal government to devote more attention and resources to Brazilians. This perception holds a wide transformation of the power state holds in modern society.

In the process of globalization of the risk that takes place in contemporary Western societies, the nexus between security and health can be foreseen as a set of understandings and practices that impact on political process as well as on the political area in general. In particular, health securitization leads to the consideration of the issues as existential threats requiring exceptional measures, or as demanding technical and bureaucratic procedures, such as isolation of suspected patients. This process turns out to be important concerning the role of the state and the nature of foreign and security policies. It leads to the connection between the state and a range of public health activities, including infectious diseases control, the management of biological threats and the containment of ailments such as obesity, smoking and alcoholism (Elbe, 2010, p. 175). When assuming an epidemiological dimension, political power becomes even more governmentalized to the extent to which there is an enhancement of the tendency to manage the behavior of individuals and populations, maximizing their health and economic usefulness. This trend results in new medical interventions: surveillance policies for healthy and unhealthy populations; screening of individuals done accordingly to risk factors; containment and obliteration of risk individuals, establishment of normality and deviation standards, and the consequent stigmatizing effects. In short, within the Western states, the link between security and health is changing the ideas about sovereignty as well as transforming foreign relations and security policies in “a technology for enhancing the physical control of populations” (Elbe, 2010, p. 185).

Regarding the goals of Power, the governmentalization of the state signals a shift from exclusive concern with the protection and survival of sovereignty to the optimization of resources and capacities of individuals and populations (Foucault, 1979). Thus, government officials have come to understand that the task of governing politically involves the ensuring of the safety of individuals and populations in order to “increase their good order, security, peace, prosperity, health and happiness” (Rose 1999, p. 6). Thus, it is possible to think that the State would provide protection and safeguarding for its citizens, but not for foreigners.

Also on October 12th, *Folha de São Paulo* reported that the results of the first test made on the patient suspected of being infected by Ebola were negative. However, the newspaper itself reinforced the fact that “the man from Guinea was isolated in Rio”. The Minister of Health stressed, during an interview, that neither the patient nor the people who had had contact with him presented symptoms of Ebola, and criticized the racist manifestations occurring on social networks about the episode. Nevertheless, the newspaper informs at the end of the text that the number of people under observation had been augmented (from 64 to 163) and that the inhabitants of Cascavel “were avoiding

the place that had first given medical assistance to the African”, referring to the emergency medical entity (UPA), in Cascavel.

Not even the information about the first negative result provided by clinical examination tranquilized the population (*Folha de S. Paulo*, 2014, December 10th, p. A7). This demonstrates that the fact that the government had reinforced medical surveillance was not enough to ensure that Brazilian citizens believed they were, in fact, safe. On the other hand, the newspaper qualifies the security procedures performed by the Brazilian government, which consisted in certifying that the infection was definitely discarded, as positive (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 12th, p. A7).

On October 13th, the newspaper reported that the patient would be removed from isolation if the results of a second test came back negative. The article published on this date highlighted the patient's name and reminded the reader that Bah had landed in Brazil on September 19th, from Guinea. It also mentioned the fact that said country was one of the West African countries most affected by Ebola. Also on that date, the newspaper displayed a letter from a reader who was condemning the statement provided by Hector Vianna Filho, published on October 12th (see page 20). In that letter, the writer considers as “absurd” the position adopted by Mr. Vianna Filho: “I think that saying we should not send humanitarian aid to those in need is pure selfishness. Brazilians, Africans, Europeans, Asians – they are all human beings, like me and my brothers” (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 13th, p.A3).

On October 14th, finally, *Folha de São Paulo* reported that further examinations performed on Souleymane Bah discarded the contamination by the Ebola virus. Then, the patient went through more medical assessment, being tested for malaria, dengue and HIV. These tests also provided negative results (*Folha de S. Paulo*, 2014, October 11th). Despite said results, the newspaper had already made sure that Bah was portrayed as “the first suspected case of Ebola in Brazil”. Even after the infection was discarded, the Guinean was the symbol of a potentially sick person, because of the suspicions that were addressed to him. That is why those who were in contact with him or in places where he had been and, even, lots of Brazilians that had accompanied the coverage, have also lived a state of almost illness, even though not necessarily in psychical terms (that is, not implying the need of medical assistance) (Vaz et al., 2007). Certainly, this general state of near-disease does not manifest itself only in situations of sanitary panic constructed by news coverage. Even the journalistic discourse is composed by the discursive formations based on the medicalization of care and safety, which are produced within the risk society, where “we” must change our lifestyle to avoid future diseases. In addition, the State is increasingly defined as responsible for ensuring our systematic protection against the risks, establishing a medical control against health threats.

FINAL CONSIDERATIONS

Throughout this article, we have noticed that the construction of the stereotype of the Guinean immigrant in *Folha de S. Paulo* obeyed the logic of risk, reinforcing the

generalized consideration, on one side, of Africa as a place of health risks due to the Ebola outbreak and, on the other side, of Africans as disease disseminators. Thus, Ebola turned out to be an African problem that only concerned the national community if threatening the health security of other populations. *Folha de São Paulo* reinforces the connection between African culture and Ebola. This association is more than rhetorical, and transforms the disease into an ethnic matter, as far as it constructs Africanity as a risk factor to health. In our analysis, it was possible to see that the published contents had incited panic several times, connecting Soulyname Bah's African origin with the suspicion of Ebola contamination. Even when it was proved that he had not been contaminated the virus, the newspaper continued to characterize him as "the first suspected case of Ebola in Brazil". Thus, the Guinean immigrant was represented as the incarnation of the risk to security, materializing all the suffering that until then was distant from the country's daily life. The construction of the approximation of evil also occurred, as demonstrated, when the issue left the international sections of the gazette and started to be featured in the sections directed to national issues.

The analysis of the newspaper's contents allowed us to observe the construction of the opposition between "us" (Brazilians) and "them" (Africans), emphasizing, sometimes implicitly, and other times explicitly, that the safety and the prevention within the context of globalization involves the constant surveillance of the border as a practice of protection in face of potential threats to the order. In that sense, the newspaper has worked with many stereotypes, whether taken as positive (happiness, joy, colorful clothes) or constituted as negative (from Africa, political refugee, sick, suspect). Suspicion was the central axis of the coverage. In that sense, we need to point out an important fact: when the result of the second examination came out as negative, the issue did not receive space on the first page of the newspaper. *Folha de São Paulo* considered, thus, that the subject no longer deserved to be highlighted on its cover and stopped giving notoriety to the problem. That is, the coverage of this matter just received relevance within this gazette while the suspicion had not been confirmed. That shows how much the journalistic pieces regarding this episode were produced on the basis of the logic of fear and of the promotion of social of panic.

In this way, the coverage performed by *Folha de São Paulo* revealed the ambiguous nature of Ebola, which is not only a biomedical reality, but also a social one. When investigating how *Folha de S. Paulo* framed this outbreak, we found out that the newspaper, although reporting the actions of the government and of the sanitary authorities, had as focus on the question of security in face of human mobility. After all, as we have seen, globalization has led to the concept of health as a matter of risk and national security. Media often uses a militaristic language to describe outbreaks of diseases, now seen as threats to security. In Brazil, as *Folha de S. Paulo* reported, the main focus of attention and the main threat was the presence of Africans in the country, especially those recently coming from Africa. *Folha de São Paulo* accredited the protocols used by the Brazilian government, but also reported that the suspect was probably sick and the fact that he had had contact with other Brazilians was a motive for concern.

Moreover, we highlight that *Folha de S. Paulo's* coverage about the suspicion of contamination of Soulyname Bah took place in a context of fierce presidential campaign in Brazil, which had involved a polarization between two presidential candidates: Aécio Neves (from the Brazilian Social Democratic Party) and Dilma Rousseff (candidate for re-election from the Brazilian Labor Party). Amongst scandals involving corruption at Petrobras, the same newspaper recognized the Brazilian government's ability to use security protocols (quarantine, air transfers, ambulances, special clothes, tests) that could prevent from possible contaminations, if suspicion was confirmed. The government was, therefore, evaluated positively by the newspaper, due to its ability to foresee risks, anticipate them and manage situations of crisis. The reestablishment of social order would be a competence of the State. The paper recognized the effectiveness of the health security devices used by the Brazilian government, but tacitly demonized the presence of Africans in Brazil. After all, and in general, the coverage during 2014 had constructed Ebola as a disease that was distant from the Brazilians; and in the moment when there was a unique chance of the virus entering the country, an entire state apparatus was mobilized to take care of the (probable) patient's health. That showed how much the Brazilian government was attentive to every detail and need for care in order to keep their citizens protected from the risk of becoming ill.

The type of coverage made by *Folha de S. Paulo* has produced an unbridgeable distance between "us" and "them". There is not any compassion for Soulyname Bah, but only the need to assess whether he was or not a threat to national security. Thus, protection has become a way of avoiding the empathy towards the Other. It is an excuse to deny help to the Other. Particularly in the case we have analyzed, Bah's treatment was necessary in order to ensure the protection of Brazilians from Ebola. Although health officials denied the pandemic possibility and even an Ebola outbreak in Brazil, the studied paper stressed the need of a state of vigilance. There was no space to promote compassion for the immigrant, but there was too much to promote fear as well as reinforce the need for security devices. //

REFERENCES

- Alsultany, E. (2012). *The arabs and muslims in the media: race and representation after 9/11*. New York: New York University Press.
- Appadurai, A. (1996). *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Editorial Teoria.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. Martins Fontes: Difel.
- Barthes, R. (2003). *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel.
- Beck, U. (2010). *Sociedade do risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Bradimore, A. & Bauder, H. (2011). Mystery ships and risky boat people: Tamil refugee migration in the newsprint media. *Canadian Journal of Communication*, 36(4), 637- 661.

- Cabecinhas, R. (2007). *Preto e branco: a naturalização da discriminação racial*. Porto: Campo das Letras.
- Castiel, L. D.; Guilam, M. C. R. & Ferreira, M. S. (2010). *Correndo riscos: uma introdução aos riscos em saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Castels, S.; Miller, M. (1998). *The age of migration: international population movements in the modern world*. London: Macmillan Press.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Cogo, D. (2002). O outro imigrante: das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. *Ciberlegenda (UFF)*, 10(1), 1-11.
- Elbe, S. (2010). *Security and global health*. Cambridge: Polity Press.
- Ferin, I. (2009). A cobertura jornalística da imigração: para uma teoria da notícia televisiva. *Revista Comunicação e Sociedade*, 15, 191-214.
- Foucault, M. (2006). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freire Filho, J. (2004). Estereótipo e alteridade: a construção ideológica do Outro nas investigações jornalísticas de João do Rio. *Itinerários (UNESP)*, 22(1), 133-151.
- Giddens, A. (2001). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Gonçalves, C. D. (2004). Cientistas e leigos: uma questão de comunicação e cultura. *Revista Comunicação e Sociedade*, 6, 11-33. doi: 10.17231/comsoc.6(2004).1226.
- Hall, S. (1997). The spectacle of the Other. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (pp. 223-290). London: Sage/Open University.
- Lerner, K. & Gradella, P. (2011). Mídia e pandemia: os sentidos do medo na cobertura de Influenza H1N1 nos jornais cariocas. *Eco-Pós (UFRJ)*, 14(3), 33-54.
- Lerner, K. & Sacramento, I. (2012). Ambivalências do risco: a produção da confiança e da desconfiança na cobertura de O Estado de S. Paulo da campanha nacional de vacinação contra a influenza H1N1. *Tempo Brasileiro*, 188, 39-60.
- Lupton, D. (1995). *The imperative of health: Public health and the regulated body*. London: Sage.
- Massey, D.; Arango, J.; Graeme, H.; Kouaouci, A. & Pellegrino, A. (1993). *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millenium*. Clarendon: Press Oxford.
- Matheus, S. (2010). Uma modernidade-outra ou o hipermoderno. *Revista Comunicação e Sociedade*, 18, 133-145. doi: 10.17231/comsoc.18(2010).992.
- Muller, B. J. (2004). (Dis)qualified bodies: securitization, citizenship and identity management. *Citizenship Studies*, 8(3), 279-294. doi: DOI:10.1080/1362102042000257005.
- Natércia, F. & Massarani, L. (2014). Difundindo notícias ou pânico? A cobertura da gripe A (H1N1) no Jornal Nacional e no Fantástico. In K. Lerner & I. Sacramento (Eds.), *Saúde e Jornalismo: Interfaces Contemporâneas* (pp. 183-191). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

- Organization, World Health. (2014). *Ébola and Marburg virus disease epidemics: preparedness, alert, control, and evaluation* (Interim manual version 1.2). Retrieved from http://www.who.int/csr/disease/ébola/manual_EVD/en/.
- Pinto, M. J. (2002). *Comunicação e discurso: uma introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores.
- Rose, N. (1999). *Powers of freedom: reframing political thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sacramento, I. & Lerner, K. (2015) Pandemia e biografia no jornalismo: uma análise dos relatos pessoais da experiência com a Influenza H1N1 em O Dia. *Revista FAMECOS* (Online), 22 (4), 55-70. doi: 10.15448/1980-3729.2015.4.19552.
- Shamir, R. (2005). Without Borders? Notes on Globalization as a Mobility Regime. *Sociological Theory*, 23(2), 197–217. doi: 10.1111/j.0735-2751.2005.00250.x.
- Silva, P. & Rosemberg, F. (2014). Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In T. Van Dijk (Ed.), *Racismo e Discurso na América Latina* (pp. 73-118). São Paulo: Editora Contexto.
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?*. São Paulo: Edições Loyola.
- Turner, B. (2007). The Enclave Society: Towards a Sociology of Immobility. *European Journal of Social Theory*, 10(2), 287–303. doi: 10.1177/1368431007077807.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, in T. T. Silva (Ed.), *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais* (pp.7-72). Petrópolis: Vozes.
- Van Dijk, T. (2010). *Discurso e poder*. São Paulo: Editora Contexto.
- Vaz, P., Pombo, M., Fantinato, M. & Peclly, G. (2007). O factor de risco na mídia. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 11(21), 145-153. doi: 10.1590/S1414-32832007000100013.
- Vaz, P., Cardoso, J. M. & Felix, C. B. (2012). Risco, sofrimento e vítima virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. *Contracampo*, 25(2), 24-42.
- Young, J. (1971). *The drugtakers: the social meaning of drug use*. London: Paladin.

BIOGRAPHICAL NOTES

Igor Sacramento has a PhD in Communications and Culture awarded by the School of Communications of the Federal University of Rio de Janeiro (ECO / UFRJ) and is a researcher at the Research Laboratory of Communication and Health of the Institute of Communication and Information Science and Technology in Health Oswaldo Cruz Foundation (Laces / Icict / Fiocruz).

E-mail: igor.sacramento@icict.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde, Av. Brasil, 4036 / Sala 504, Manguinhos, CEP 21040-361, Rio de Janeiro, Brazil.

Izamara Bastos Machado holds a Masters in Communications and Culture awarded by the School of Communications of the Federal University of Rio de Janeiro (ECO

/ UFRJ) and is a researcher at the Research Laboratory of Communications and Health of the Institute of Communications and Information Science and Technology in Health Oswaldo Cruz Foundation (Laces / Icict / Fiocruz).

E-mail: izamara.bastos@icict.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde, Av. Brasil, 4036 / Sala 504, Manguinhos, CEP 21040-361, Rio de Janeiro, Brazil.

* **Submitted: 08-04-2015**

* **Accepted: 02-07-2015**

E-MIGRANTE: ESPAÇOS TECNOLÓGICOS, GEOGRÁFICOS, SOCIAIS. NOVOS ATORES E ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA?

Mauricio Nihil Olivera

Resumo

Esse artigo fundamenta-se nos resultados da pesquisa intitulada “Estudo dos movimentos migratórios recentes da Espanha ao Uruguai. Novos espaços tecnológicos, geográficos e sociais de vinculação cidadã” (Olivera et al., 2014) e, a partir conceito proposto de “e-migrante”, analisamos se a introdução das TIC possibilita renovar as formas tradicionais de participação política e a tomada de decisões públicas. Buscamos identificar as formas e redes de comunicação à distância utilizadas pelos espanhóis imigrantes e suas formas de vinculação (política, social e cultural) no Uruguai e problematizá-las na linha das ciências sociais e da pesquisa crítica da Sociedade de Informação. Sustentamos que as formas de vinculação dos novos imigrantes espanhóis no Uruguai se situam em relação dialética e são resultado de um processo social que depende também das decisões e das significações adotadas pelos sujeitos. Essas decisões e subjetivações não são determinadas pelas estruturas, mas tampouco são totalmente contingentes. Movem-se num espaço de possíveis configurações e são ressignificadas em situações concretas.

Palavras-chave

Espaço tecnológico; geográfico e social; e-migrante; Uruguai; participação cidadã

INTRODUÇÃO

A conjunção das tecnologias de informação e comunicação (TIC), as novas dinâmicas das práticas sociais e comunicativas e o desejo e interesse de participação do coletivo espanhol nos processos de governabilidade, podem gerar novos espaços de colaboração e intercâmbio que renovem as formas tradicionais de participação política e decisões públicas? É possível pensar na co-definição de uma engenharia participativa na qual os usos, as práticas e as regulações permitam adotar, adaptar e enriquecer um novo exercício: uma e-democracia? Existe a possibilidade de propor um espaço de inovação dentro do qual poderiam transitar novos modos de relação entre Estados e cidadãos?

Tal como dissemos noutros estudos (Olivera et al., 2014) as perguntas formuladas levam-nos a observar se a emergência e desenvolvimento das TIC podem implicar alterações importantes na construção de um novo pacto e uma nova ordem político-social (em relação às concepções mais clássicas sobre a política e a tomada de decisões públicas), demarcados na configuração de um novo espaço Tecnológico, Geográfico e Social (TGS). Para isso, observamos particularmente, as práticas sociais e tecnológicas do coletivo migrante espanhol no Uruguai. Pensamos esse coletivo como agregado de novos atores que, estando ligados, interatuam e fazem intersetar lógicas e temporalidades diversas (e-migrantes) em novas figuras sociais. Estas, por sua vez, condensam as

relações com o espaço, o tempo e o lugar, gerando, ao mesmo tempo, fenômenos de integração e exclusão, de desterritorialização e realocização.

A seguir, desenvolvemos o conceito proposto de e-migrante na configuração de um novo espaço tecnológico, geográfico e social (Olivera & Vancea, 2013; Olivera, 2011; 2013a, 2013b, 2013c). Posteriormente, descrevemos a metodologia e os resultados do estudo apresentado - “Os movimentos migratórios recentes da Espanha ao Uruguai...”, realizado pela Fundação Polo Mercosul e financiado pela Direção Geral de Migrações da Espanha. Por fim, no item “discussão”, discorremos sobre algumas limitações e objeções conceituais.

E-MIGRANTES: UMA NOVA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO TECNOLÓGICO, GEOGRÁFICO E SOCIAL

Seguindo a linha de pesquisa crítica sobre a sociedade da informação (Becerra, 2003; Gaëtan, 2003; Mattelart, 2003, 2007; Tremblay, 2003; Webster, 2006), o objetivo desse ponto é apresentar uma reflexão teórica do que denominamos “espaços tecnológicos, geográficos e sociais” (a partir daqui, designados como TGS). Referimo-nos a novos espaços através dos quais circula a e-migração, na qual as TIC são apenas uma das várias dimensões. O marco teórico sugerido a partir do conceito e-migração é uma tentativa de repensar a criação de unidades significativas de análise para a pesquisa na área da comunicação e das políticas públicas no campo da migração internacional.

Atualmente, as cidades são atravessadas e configuradas por espaços TGS — espaços em que as pessoas de múltiplas origens geográficas, ideológicas e culturais coexistem e geram cenários individuais e/ou coletivos (Olivera, 2014). A atenção às profundas transformações nas formas de entender a relação espaço/tempo implica, também, entender as profundas mudanças no que respeita à experiência humana (Cruz, 2007). Os termos “geográfico” e “social” correspondem a conceitos que temos do mundo, utilizados na vida quotidiana e nas práticas científicas para orientar, demarcar, diferenciar e reduzir a complexidade, durante o processo de atribuição de sentidos a diferentes fenômenos. Há uma conexão dialética entre ambos: o social já não existe sem uma dimensão geográfica e não há uma construção geográfica sem uma dimensão social.

O que denominamos “tecnológico” atravessa o geográfico e o social, permitindo novas lógicas e formas de produção, circulação e apropriação da informação num contexto de mudança tecnológica contínua e rápida. Atualmente, as TIC permitem a vários atores sociais a criação de novas práticas e lógicas de participação configuradas por novas e múltiplas relações entre o espaço-tempo-lugar. Tais inovações tecnológicas estão na origem de outras lógicas e estratégias de colaboração, participação e intercâmbio entre os atores sociais. Os espaços TGS estão, assim, mediados por práticas socioculturais e por dimensões como a distância, o território e a(s) identidade(s).

Os espaços TGS são nós, espaços nos quais confluem parte das conexões de outros espaços reais ou abstratos que partilham das mesmas características. Estes, por sua vez, também são nós que conformam uma rede. A rede pode ser definida como “um conjunto de nós interconectados. Um nó é o ponto no qual uma curva se cruza consigo

mesma. O que um nó é, concretamente, vai depender do tipo de redes a que estamos nos referindo” (Castells, 2004, p. 56). Esses espaços TGS são um lugar chave para a observação das novas tecnosociabilidades, das relações que surgem e se difundem entre os atores sociais, assim como das suas práticas tecnológicas através das quais são expressos significados e valores identitários. A internet cumpre uma função primordial, pois é a ferramenta que facilita tais relações. Nos espaços TGS, circula a relação complexa entre as distâncias, os territórios e as identidades - orientadoras das práticas dos atores sociais. O problema metodológico consiste em observar e analisar a constituição dessas práticas na relação tecnológica, geográfica e social em jogo no espaço da internet.

Os espaços TGS permitem reconfigurar os fluxos conetivos e coletivos num contexto de mudança tecnológica. Por exemplo, atualmente, os telefones celulares permitem a conectividade em todo o mundo, através das comunicações por satélite. Tais inovações tecnológicas geram lógicas e estratégias de colaboração, participação e intercâmbio entre os atores, estabelecendo novos espaços transnacionais que nos obrigam a rever conceitos tradicionais como os de “migrante”, “imigrante”, “integração”, “assimilação”, etc., nas sociedades de destino e no próprio campo da pesquisa sobre migração internacional. Se é certo que os processos transnacionais já existiam muito antes do século XX (Portes et al., 1999; Schnapper, 2001; Vertovec, 1999), o advento da revolução digital marcou o início de uma nova etapa de mudanças qualitativas (Beck, 2006; Castells, 2004; Nedelcu, 2009; Vertovec, 2009).

Neste novo espaço TGS, as TIC e a internet têm um papel importante. O e-migrante, pensado como um nômada ligado a um dispositivo como o telefone celular, constrói relações transnacionais. Seguindo esta linha de pensamento, De Kerckhove (2005) argumenta que a globalização atinge todos, inclusive os que não têm um telefone celular ou internet (Olivera, 2011). Outros autores concordam com a existência de novas extraterritorialidades físicas ou virtuais. Nestes espaços, as TIC poderiam dar lugar a um processo de *tecnosociabilidade* que afetaria os migrantes de maneira privilegiada no desenvolvimento de novos modos de interação cultural, política e social e de novas formas de comunicação transnacional, global e virtual (Bernal, 2004; Cruz, 2003; Graham & Marvin, 2001; Rheingold, 1996). Dana Diminescu (2008, p. 567), responsável pelo projeto de pesquisa “Las diásporas en Internet: e-Diáspora Atlas”, também entende que os espaços virtuais poderiam estar a gerar um “desenvolvimento de redes, de atividades, de estilos de vida e ideologias que formam um enlace entre o país de origem e de acolhida e que re-presenta a mobilidade”.

Alguns investigadores argumentam que a mobilidade crescente que atravessa os atuais estilos de vida- “estar juntos à distância” - poria em questionamento os limites da territorialidade como categoria para pensar em múltiplas identidades culturais, as práticas sociais transnacionais, assim como a pertença cosmopolita (Beck, 2003, 2006; Beck & Grande, 2010; Beck & Sznaider, 2006; Benhabib, 2004; Chang, 2010; Georgiou, 2010; Maharaj, 2010). Argumento que sugere que o aparecimento de novas formas de socialização e identificação ainda incipientes, no cenário mediático mundial, iniciaria com o processo de desterritorialização (Olivera, 2013c).

As práticas sociais transnacionais podem ser evidenciadas na intensidade crescente dos intercâmbios globais, das atividades e de um sistema de comunicação onipresente que permite aos migrantes se conectar a mundos múltiplos, geograficamente distantes e culturalmente diferentes aos seus (Nedelcu, 2009; Vertovec, 2009). Estas novas práticas e lógicas sociais de participação, colaboração e intercâmbio entre estes atores reconfiguram as relações entre o espaço-tempo-lugar, o público e o privado.

Em suma, por essas novas configurações, transitam espaços tecnológicos, geográficos e sociais, através dos quais os e-migrantes superam os limites de espaço e tempo graças à intervenção das TIC e da internet. O termo “e-migrante” permite, então, articular dialeticamente a relação entre o migrante e sua integração nas múltiplas dimensões espaciais tecnológicas, geográficas e sociais que caracterizam a Sociedade da Informação. Graças às TIC, os processos migratórios atuais incorporam dimensões tecnológicas no espaço geográfico e social entre os países de destino e origem. Por outro lado, se analisamos a migração como um processo de contínuo movimento que se abre em interações, conectividades, virtualidades, convergências e ubiquidades, a ideia de “sair” de ou “entrar” num espaço social virtual parece, nestes termos, discutível (Olivera, 2013a, 2013b, 2013c)

Por exemplo, os novos e-migrantes espanhóis no Uruguai que participam nas plataformas virtuais “Marea Granate”¹ e “Alianza”² são um claro exemplo de como os espaços TGS permitem visibilizar a palavra dos “muitos outros”, reconfigurar e lutar pelo espaço público utilizando as redes para gerar “ruído” e distorções no discurso do global. Constroem grupos que, sendo virtuais no seu nascimento, podem acabar por se territorializar, passando da conexão ao encontro e do encontro à ação. Para alguns autores (Kroes, 2000; Finquelievich, 2000; Molina, 2001), o uso alternativo das tecnologias e redes informáticas na reconstrução da esfera pública passa por profundas mudanças nos mapas mentais, nas linguagens e desenhos das políticas públicas. Todas estas dimensões são mediadas pelas reconfigurações TGS.

Neste sentido, a perspectiva e-migrante abre outras vias para o estudo da migração internacional na era digital. É uma alternativa para obter uma nova leitura das ações que se estabelecem nesses espaços e para ampliar a visão para além dos países de origem e de acolhimento, re-articulando dicotomias como: insider/outsider, nómada/sedentário,

¹ “Marea Granate” é um coletivo transnacional e apolítico formado por emigrantes do Estado espanhol e simpatizantes, cujo objetivo é lutar contra as causas e os causadores da crise económica e social que nos obriga a emigrar”. Esta apresentação de Marea pode ser consultada em <http://mareagranate.org>. “Marea Granate Uruguai” nasce em 7 de abril de 2013, após uma manifestação para o ato “No Nos Vamos Nos Echan”, convocada por *Juventud Sin Futuro* em todas partes do mundo. No seu *website* lê-se: “Não viemos a Montevideu: expulsaram-nos da Espanha, e nosso objetivo é apoiar as assembleias, nós, coletivos e marés que lutam para que o 1% não saia impune. Temos duas linhas principais de trabalho: a) evitar que toda a informação sobre Espanha, que chegue ao Uruguai, chegue através dos canais de propaganda do governo; e b) nos apoiar mutuamente para que a experiência migratória seja a mais fluida possível. Encontramo-nos a cada dois domingos em assembleias abertas que anunciamos no grupo do Facebook e pelo Twitter: esperamos todos com os braços abertos e o mate pronto”.

² É um espaço de participação aberto aos jovens que orienta as suas atividades para aspetos educativos, culturais, sociais e de desenvolvimento humano, destacando que são um meio para o desenvolvimento e consecução de projetos jovens. Consideram-se apolíticos e afirmam representar a juventude hispano-uruguaia integralmente em nível nacional, regional e internacional. A apresentação de “Alianza” está disponível em: <https://www.linkedin.com/groups/ALIANZA-%C3%B3venes-Espa%C3%B1oles-Descendientes-Uruguay-4240829/about>.

nacional/transnacional, virtual/presencial, online/ offline, etc. Observar a migração internacional a partir de uma perspectiva e-migrante também permite entender as negociações identitárias e as tensões em sistemas socioculturais distintos ou diversos.

O conceito de e-emigrante é capaz de capturar as diferenças sociais geradas pelo novo espaço-tempo-lugar abertos pelas TIC e a internet, interpretando uma nova estruturação do espaço social a partir das tecnologias. Obriga-nos a observar, também, de que maneira as TIC podem transformar (ou transformam) o sentido da distância geográfica, da cidadania, do espaço público e da identidade e/ou dos laços sociais. Além disso, permite analisar o significado das práticas transnacionais em relação à integração social, à participação política, económica e cultural; às representações sociais e políticas; às redes sociais e laborais; ao marco do conhecimento tecnológico (usos e aplicações); à subjetividade, ao projeto e à ordem social, à capacidade de agência, ao imaginário social, etc.

O conceito proposto de e-migrante permite projetar um espaço de inovação no interior do qual poderiam transitar novos modos de relação entre Estados e cidadãos. Muitos e-migrantes, como o coletivo “Marea Granate” e “Alianza” exigem reconhecimento a partir do direito à participação (intervenção nas decisões que afetam a sua qualidade de vida e a prestação de contas à administração), e do direito à expressão (vinculada à participação cidadã nos meios de comunicação para serem reconhecidos, mas não representados). Com tais demandas buscam novos modos de exercer politicamente os seus direitos com fidelidades mais móveis e coletividades mais abertas.

METODOLOGIA

O projeto de investigação “Estudo dos movimentos migratórios recentes de Espanha a Uruguai” implicou o desenho estratégico de triangulação metodológica que considera diferentes perspectivas de um mesmo objeto de estudo (Danolo, 2009). As técnicas metodológicas são justificadas com base nos objetivos específicos definidos na pesquisa: 1) Estabelecer uma estimativa quantitativa e um mapa da mobilidade recente dos migrantes espanhóis no Uruguai; 2) Elaborar uma tipologia sociodemográfica dos espanhóis residentes no Uruguai, e 3) Identificar as formas e redes de comunicação à distância utilizadas pelos espanhóis migrantes. Por uma questão de espaço, este artigo analisa somente os resultados do objetivo 3.

De modo a atingirmos objetivos 1 e 2, utilizaram-se técnicas quantitativas (questionário autoadministrado, realizado via web, com migrantes espanhóis que chegaram ao Uruguai a partir de 2008); análise estatística dos micro dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística do Uruguai - INE- do Censo Nacional realizado em 2011 e análise estatística, com base nos dados disponibilizados na web pelo Instituto Nacional de Estatística da Espanha. A análise do objetivo 3 realizou-se com base nas técnicas qualitativas. Foram constituídos três grupos de discussão e uma oficina de trabalho com migrantes espanhóis que chegaram ao Uruguai a partir de 2008. Nos grupos de discussão estiveram presentes representantes da administração espanhola e dos coletivos que compõem as associações espanholas no Uruguai.

O universo estatístico da população migrante espanhola que observamos no Uruguai está conformado pelo seguinte estrato da população: a) entre 25 e 45 anos de idade (PEA); b) de ambos sexos; c) nascidos na Espanha (foram excluídos os que têm nacionalidade espanhola); d) que migraram de 2008 em diante -sem ter em conta seu registro de inscrição como migrante na embaixada espanhola-; e) viviam na capital do Uruguai (Montevidéu); e f) eram usuários das TIC.

RECOLHA DE DADOS: GRUPOS DE DISCUSSÃO

O objetivo dos grupos de discussão foi o de reconstruir as relações sociais subjacentes à medição concreta, apontando para o desentranhamento de processos e construções narrativas identitárias. Esta técnica permitiu uma aproximação ao comportamento do coletivo e às suas motivações. Além disso, com esta metodologia qualitativa, acedemos ao tipo de discurso sustentado pelo coletivo espanhol migrante em torno das ideias de “gestão migratória” e “práticas das TIC”. Procuramos destacar, a partir das TIC, as dimensões cultural e comunicacional que demarcam sua vida social, assim como analisar, a partir de suas opiniões e contradições, o alcance e a maneira como a intervenção das tecnologias adquire um papel significativo (ou não) nas suas relações sociais, políticas e laborais. Na base das suas construções e projetos migratórios, dedicamos um interesse especial aos usos que os e-migrantes (como migrantes conectados) fazem das TIC e às interconexões que mantêm entre os países de destino e origem. No grupo de discussão questionamos sobre se a intervenção das TIC havia “mudado” — e como — as suas práticas sociais comunicativas. Insistimos também no tipo de informação que buscavam no país de origem, assim como nos meios de comunicação consultados.

Optamos por procurar os integrantes dos grupos de discussão a partir dos facilitadores das plataformas virtuais de migrantes espanhóis: “Marea Granate” e “Alianza”. Houve uma maior predisposição de integrantes de “Marea Granate” do que da “Alianza” para a participação nos grupos de discussão. Contudo, esta escolha não gerou os resultados esperados. Apenas duas ou três pessoas, de um total de doze que participaram dos grupos de discussão faziam parte do primeiro coletivo – “Marea Granate”. Por este motivo, resolvemos procurar os participantes em diferentes plataformas virtuais e através do “passa a palavra”. Esta nova escolha, embora tenha permitido reunir um grupo mais eclético, dificultou a criação de um rápido ambiente de descontração e de confiança entre os participantes. O entrevistador atuou como moderador do grupo, com a intenção expressa de participar o menos possível no debate e introduzir os tópicos previstos quando considerasse haver informação suficiente. As pessoas que integraram o grupo eram desconhecidas do entrevistador.

O grupo de espanhóis no Uruguai foi constituído durante o mês de junho de 2014, num total de doze pessoas em três encontros distintos em decorrência das dificuldades de agenda. A precariedade laboral dos integrantes e, em alguns casos, os diferentes horários de trabalho, foram determinantes no momento de organizar os grupos de discussão. Dentro dos critérios de seleção da amostra, foram consideradas as seguintes:

1. Chegados ao Uruguai entre 2008 e 2014;
2. Com idades entre os 25 e 45 anos de idade (População Economicamente Ativa- PEA)
3. Usuários das TIC;
4. Mantendo um equilíbrio de género;

A escolha do tempo de chegada ao Uruguai deve-se ao ponto de inflexão da crise europeia e ao começo do fenómeno migratório espanhol, tal como é possível comprovar nos registos do INE espanhol. A faixa etária corresponde a pessoas em idade laboral (População Economicamente Ativa). O uso das TIC era uma questão chave para nosso estudo, já que buscávamos observar o tipo de ligação que os migrantes mantinham entre o país de destino e o país de origem. Também era importante observarmos o fenómeno a partir da perspectiva de género e verificar se essa perspectiva era geradora de diferenças significativas.

A seguir, são detalhados os dados dos participantes dos grupos de discussão (Tabela 1, abaixo):

Nº. GRUPOS DISCUSSÃO	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	TEMPO NO URUGUAI
FG1	Mulher	27	Licenciada em História com um Mestrado em Género	4 meses
FG1	Homem	43	Fotógrafo	4 anos
FG1	Mulher	38	Licenciado em Comunicação	2 anos
FG1	Mulher	37	Socióloga	3 meses
FG2	Homem	39	Engenheiro de Sistemas	1 ano
FG2	Mulher	36	Arquiteta	2 anos
FG2	Homem	33	Agrónomo	1 ano e meio
FG3	Mulher	29	Jornalista	5 anos
FG3	Homem	32	Arquiteto	4 meses
FG3	Homem	32	Designer Gráfico, Arquiteto	4 meses
FG3	Mulher	26	Licenciada em Ciências Políticas	4 meses

Tabela 1: Composição dos grupos de discussão

A partir das respostas dos migrantes que preencheram o questionário, da análise dos dados obtidos das bases de dados do INE espanhol e uruguaio e do estudo dos grupos de discussão, foi possível estabelecer o perfil dos novos espanhóis no Uruguai.

RESULTADOS

O estudo identifica estarem a ser geradas redes de comunicação à distância, de configuração reticular, significativa em número e em grau de participação dos atores

sociais e-migrantes -sem implicarem, no momento, em alterações essenciais — ou seja, aqueles que dispõem de recursos tecnológicos (96% da mostra observada possui um *smartphone*) para gerar novas lógicas e estratégias de vinculação colaborativas e participativas, e de intercâmbio. Estas lógicas de vinculação são observadas, conforme já foi mencionado, no novo fluxo de migrantes espanhóis no Uruguai que integram as plataformas virtuais “Marea Granate” ou “Alianza de Jóvenes Españóis y Descendientes en Uruguay”. A partir das TIC e da internet, estes coletivos estão a conseguir maior participação, cooperação e intercâmbio horizontal entre os seus membros para ajudar e/ou denunciar as difíceis condições de vida das pessoas emigrantes (onde tramitar a homologação dos títulos, o que ocorre com a previdência social quando se vive no Uruguai, como votar, o que acontece com as contribuições da previdência social na Espanha, os cuidados na hora de alugar um apartamento, etc.). Estas plataformas têm interesses diferentes, mas um mesmo objetivo: a vinculação.

No caso da plataforma “Alianza”, observamos o desejo de geração de espaços de vinculação e participação com os migrantes espanhóis recentes e os jovens descendentes de espanhóis uruguaios na perspetiva de ajudá-los em sua integração social:

Somos o resultado de uma iniciativa jovem, um grupo consolidado de jovens espanhóis e descendentes que residimos no Uruguai. A associação fomenta unir os jovens espanhóis e descendentes em atividades relacionadas com a juventude. Para isso, criamos e descobrimos espaços de participação na coletividade, incentivando sua integração à mesma. (Alianza, 2011)

Na plataforma “Marea Granate”, há uma participação ativa na discussão das políticas económicas e dos seus resultados em Espanha:

A corrupção, fomentada por um sistema sem escrúpulos, tanto em nível nacional como em nível global, roubou nosso espaço e a inexistente democracia, nossa voz. Uma minoria doente de cobiça toma as decisões que nos pertencem em seu próprio e exclusivo benefício. Denunciamos o papel atual da Troika (UE, BCE e FMI³) e o voto rogado⁴. (Marea Granate, 2013)

O facto de os migrantes espanhóis, cidadãos dos regimes democráticos, analisarem e criticarem - a partir de um país de acolhimento e à distância - as consequências das políticas económicas no momento de conseguir os objetivos estipulados, e, inclusive, duvidarem da sua capacidade para os alcançar, faz parte também do jogo democrático que transcende os limites do território geográfico. A revolução tecnológica digital e

³ União Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional.

⁴ O plenário do Senado aprovou recentemente a reforma da Lei Eleitoral que, entre outras coisas, limitou o voto dos espanhóis residentes no exterior, determinando que os inscritos no Censo de Residentes Ausentes (CERA) já não pudessem votar nas eleições municipais de maio de 2015. Além disso, para estes espanhóis inscritos no CERA, ficou estabelecido o chamado “voto rogado” para o restante dos processos eleitorais, ou seja, para emitir o voto devem se inscrever expressamente no censo e o voto passa a ser presencial e não por correio, como vinha sendo até então (ver http://elpais.com/diario/2011/01/20/espana/1295478005_850215.html). A mudança gerou polémica porque não ficou muito clara. As embaixadas não explicaram bem o procedimento e muitos espanhóis não puderam votar.

a globalização permitiram outro tipo de participação democrática que não estava contemplada pelo nacionalismo metodológico. Os novos atores baseiam-se na expressão individual das pessoas, mas não são individualistas, no sentido neoliberal. Têm como finalidade criar espaços baseados na amizade, interesses, práticas e zonas partilhadas; e os seus intercâmbios estão sujeitos a um estatuto comum.

Este objetivo reflete-se no “Manifesto” do website dos espanhóis que integram o “Marea Granate”, no qual explicam ser horizontal a forma de organização dos seus membros, realizada em assembleia (virtual e presencial) com um alcance local e global:

Somos um movimento horizontal que se reúne regularmente em assembleias tanto presenciais como virtuais, em nível local e global. Fomentamos novas formas de participação, auto-organização e defesa dos direitos que vão mais além das fronteiras. Para isso, estamos tecendo uma rede de cooperação internacional, unindo-nos a outras iniciativas com o objetivo de construir um futuro justo e sem precariedade. (Marea Granate, 2013)

A plataforma “Alianza” também expõe uma forma de organização aberta, em comissões, com pretensões de alcance local e internacional:

A ALIANZA é um espaço de participação aberto para os jovens que foca as suas atividades nos aspetos educativos, culturais, sociais e de desenvolvimento humano. Perseguimos a eficácia e eficiência em nossa organização, propondo um modelo de funcionamento com comissões e coordenadores, em que as tarefas e as responsabilidades são distribuídas entre os diferentes grupos de trabalho. Mantemos interesse pela cultura espanhola e pelo dia-a-dia da Espanha. (Alianza, 2011)

A maior parte dos participantes nos grupos de discussão menciona ter contactado os membros de uma ou das duas plataformas a partir da Espanha ou do Uruguai. Ambas as plataformas consolidaram-se como uma forte referência em termos de informação e/ou participação coletiva, processo através do qual o *online* (o contato mediado pela internet) deu lugar ao *offline* (o contato presencial, não mediado pela internet) e vice-versa. Estas plataformas transformaram-se numa dobradiça virtual e presencial entre a Espanha e o Uruguai. As atividades realizadas por estes coletivos produzem, transmitem e recebem formas simbólicas (fenómenos significativos, enunciados, textos, rituais, etc.) de “lá” e “daqui” num espaço TGS que não pertence a nenhum dos dois países nem às indústrias mediáticas, mas que se constrói no interstício dos territórios pelos próprios atores e-migrantes. As formas simbólicas que (des)configuram imaginários sociais, ideias, notícias, imagens, que ajudam a construir e constituir representações sociais em relação a si mesmos, deslocalizam-se e relocalizam-se num nó virtual.

Os meios de comunicação massivos tradicionais (jornais, TV, rádio) tinham um papel preponderante nas construções mentais, nas representações sociais e em todas as formas simbólicas colocadas em circulação. No entanto, tal como depreendemos dos excertos das entrevistas, tais configurações e construções mentais parecem ter-se

deslocado para as redes sociais (novas formas culturais geradas pela internet) frente à perda de legitimidade informativa dos meios de massa tradicionais. Uma perda de legitimidade que também se manifesta nas instituições e administrações estatais espanholas. Estes deslocamentos podem gerar, dentro das organizações governamentais, fragmentação na informação, na estruturação dos significados e das formas simbólicas que eram produzidas e transmitidas para alcançar a coesão social, já que, atualmente, nem todos estariam a aceder à mesma informação ao mesmo tempo através dos meios massivos de comunicação, nem através das administrações governamentais espanholas. Primeiro, porque os meios massivos perderam legitimidade e porque os próprios entrevistados asseguram ver e consultar cada vez menos a televisão e os jornais. E, em segundo lugar, porque as estratégias comunicacionais para aceder a estes novos atores e-migrantes, ao que parece, deveriam ser construídas em consonância com as novas formas de transmissão e circulação que se desenvolveram a partir das TIC e da internet.

Por outras palavras, tais deslocamentos podem representar um importante inconveniente para a administração estatal no momento de canalizar a informação para os cidadãos e-migrantes. Estes, embora deslocalizados, continuam interessados no que ocorre na Espanha e desejam manifestamente participar nos processos de decisão política (votações) e/ ou de ajudar a cidadania e-migrante com informação de qualidade para o percurso migratório.

As TIC podem desempenhar um papel importante na vinculação das partes interessadas, ajudando a melhorar a mediação e a comunicação entre os cidadãos e-migrantes e a administração estatal. As práticas sociais comunicativas dos migrantes espanhóis recentes que intervêm na plataforma “Marea Grande” e “Alianza” começaram a materializar um processo que forma parte agenda do Conselho Europeu de 2009: fortalecer a e-democracia. O Conselho Europeu, baseado em trabalhos anteriores de instituições internacionais (as Nações Unidas, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico -OCDE- e a União Europeia), recomendava aos Estados membros, entre outros pontos, considerar:

- O uso das oportunidades que a e-democracia oferece para fortalecer a democracia, as instituições democráticas e os processos democráticos;
- A Implementação da e-democracia como apoio e fortalecimento da democracia, das instituições democráticas e dos processos democráticos por meio das TIC, de forma vinculada com o compromisso e a retomada da participação dos cidadãos na democracia (Recomendación CM / Rec, 2009, p. 4).

As recomendações do Conselho Europeu de 2009 têm a intenção final de promover uma e-democracia a partir das atividades nas redes sociais, explorando assim as ideias desenvolvidas pela sociedade civil no campo da democracia eletrónica:

As autoridades públicas e assembleias representativas deveriam buscar ativamente vínculos com as atividades das redes sociais que se ocupam de questões políticas e se baseiam nas ideias e nos debates celebrados nestes novos espaços democráticos de participação e deliberação. (Recomendación CM / Rec, 2009, p. 11)

No entanto, os espaços colaborativos entre a administração e os cidadãos não parecem avançar, associar-se e ou fortalecer-se na linha das recomendações sobre e-democracia feitas pelo Conselho Europeu. Tal como assinalam alguns autores (Chen et al., 2007; Layne & Lee, 2001), até o momento, a ideia de e-democracia tem sido aplicada não para questionar o que vem sendo feito nem a forma de fazê-lo, mas apenas para incorporar a dimensão das TIC, isto é, para realizar o mesmo que se fazia, embora de forma mais eficiente. Por outras palavras, a e-democracia utiliza as TIC para as aplicar no campo da gestão das políticas públicas sem incluir propriamente estratégias ou explorar outras alternativas na tomada de decisões para a gestão de políticas que incorporem a cidadania, nem assumir o pluralismo e a diversidade de ideias, na lógica de uma conceção aberta, tal como propõem as recomendações do Conselho Europeu de 2009.

Na América Latina, o governo eletrónico é também um desafio importante para a região. Em setembro de 2014, a Agência de Governo Eletrónico e Sociedade da Informação e Conhecimento (Agesic) do Uruguai organizou o sétimo encontro nacional do governo eletrónico com a participação do México, Argentina, Colômbia, Chile e Uruguai. A preocupação de todos os países participantes centrava-se nos seguintes pontos: a) gerir a tecnologia para que chegue a todos os cidadãos, b) gerar uma inclusão integral no território, c) conseguir um portal de serviços do Estado que seja um suporte multicanal de atenção às pessoas, d) gerar interoperabilidade entre os organismos da administração estatal, e e) incorporar os cidadãos ao serviço prestado pelo governo.

Entendemos, no entanto, que o debate não deveria ser apenas técnico, pois não se trata de adaptar a e-democracia a uma forma residual de política democrática. O problema substancial reside em esclarecer se as mudanças tecnológicas tenderiam a ser incorporadas pelas autoridades públicas para promoverem e se associarem às atividades nas redes sociais para, assim, explorar a e-democracia. Por exemplo, incorporando os debates, intercâmbios, discussões e propostas participativas geradas nas múltiplas plataformas cidadãs criadas pelos atores migrantes pertencentes a regimes democráticos latino-americanos e europeus. Por outras palavras, podemos assumir que a intervenção das TIC não modificará as formas de atuar das instituições representativas e das administrações públicas? Vários autores (Abramson & Morin, 2003; Bimber, 1999; Gronlund, 2002; Margetts, 2009) demonstraram a partir de vários exemplos como as TIC melhoraram as relações entre os cidadãos e as administrações.

No entanto, há vozes a destacar que a relação das TIC e as políticas e/ou serviços públicos não mudará as lógicas tecnocráticas e verticais consolidadas no século XX. Pelo contrário, o seu uso poderia reforçar o controlo e a autoridade das elites institucionais em vez de reforçar a capacidade de intervenção cidadã (Hindman, 2009). Um exemplo disso são as políticas de controlo do movimento de pessoas desenvolvidas pela União Europeia, tais como o registo digitalizado massivo de imigrantes no Sistema de Informação de Schengen (SIS), o *Eurodac* e o *European Identification System* (VIS). Estes sistemas pretendem visualizar o fluxo de migrantes, identificar as categorias de risco e fragilizar sua situação jurídica (Boltanski & Chiapello, 2002).

Em síntese, a revolução digital desempenharia um duplo papel: por um lado, de reforço da capacidade de grandes instituições e organizações para controlar e vigiar as

sociedades; e, por outro, de impulso às novas capacidades dos indivíduos e grupos para desenvolverem um pensamento crítico, coordenar, inovar e propor alternativas concretas.

Insistimos que o problema não seria, então, a forma como a tecnologia ajudaria (ou não) a boa implementação de políticas públicas, ampliando a participação dos e-migrantes, mas a maneira através da qual as políticas públicas incorporariam de modo eficiente os mecanismos de participação para assegurar as condições de intervenção dos diversos e novos atores, conseguindo soluções mais eficientes, legitimadas e aceitas pelos cidadãos. As TIC são uma ferramenta importante, mas insuficiente se não houver uma real vontade e interesse das administrações governamentais em promover uma participação cidadã em todos os níveis, de forma coletiva, de (re)conhecimento da diferença, de intercâmbio de opiniões entre pessoas, de debate que antecede os consensos e dissensos entre as distintas vozes e visões do que queremos como sociedade (Nieto, 2010).

Advertimos que estas ideias não pretendem legitimar um processo de “democracia direta”, um processo no qual os novos atores, a partir de suas casas, em frente ao computador, tomem decisões que incidam na vida pública. Tampouco atribuímos ao poder das TIC a renovação do “político”, nem a superação das “velhas” formas de representação pela expressão direta dos cidadãos a partir da emissão de suas opiniões nas plataformas. Como aponta Martín-Barbero (2007, p. 19), isso comportaria cair na armadilha idealizadora do imediatismo e da transparência das “redes cibernéticas” que dinamita os próprios fundamentos do “público”— entendidos como processos de deliberação e de crítica. Uma armadilha perigosa, já que fortaleceria a crença de que os indivíduos podem comunicar-se prescindindo de toda mediação social e aumentaria a desconfiança nas pessoas que nos representam.

Por último, cabe ressaltar que, na co-definição dessa engenharia participativa, o desenho dos instrumentos está atravessado por dimensões simbólicas que afetam estas ações e que são determinantes na construção e transmissão de certas visões de projeto e de ordem social (Díaz-Tendero, 2010). Partindo desse princípio, as políticas públicas e suas ações são entendidas como espaços onde se pode construir espaços de cidadania, uma vez que os grupos que participam da sua elaboração ganham, ao fazê-lo, uma forma de existência social ou cotas de visibilidade (Duchesne & Muller, 2003). O verdadeiro problema é, então, saber se a política pública se faz ou não em conjunto com os cidadãos num “novo espaço tecnológico, geográfico e social” (Olivera, 2011; Olivera&Vancea, 2013a, 2013b; Olivera 2013a; 2013b; Olivera et al., 2014).

Os espaços TGS podem transformar o processo de formação, elaboração, decisão, implementação e avaliação das políticas públicas, a partir da presença e intervenção de novos atores, como os e-migrantes. Estes atores intervêm, incorporando outras maneiras de relação — fora dos mecanismos tradicionais de participação política - e utilizando diversos recursos que agilizam e influem sobre as formas de participação e intercâmbio. Como aponta Subirats (2013, p. 69), estamos a vivenciar “momentos de agregação coletiva em rede”, sem interlocutores estáveis e definidos. A força destes atores não está na quantidade de gente que representam, mas na sua capacidade de “interconectar” e marcar a agenda pública, a partir da pressão cidadã dentro e fora do espaço virtual. O desafio

será, então, entender de que maneira os espaços TGS, que conformam os e-migrantes, podem afetar a intermediação e interação das instituições políticas com os cidadãos e a profundidade das mudanças que gerariam nos papéis e modos de nos relacionarmos.

O desafio da gestão governamental, no marco da crescente complexidade comunicacional, é entender os novos modos de relação e processos de referencialidade que são tecidos nesses espaços TGS. Para compreendê-los, parece imprescindível ter em conta uma perspectiva plural e pensar nos eixos estruturais da identidade cultural, da interconexão global e da política multidimensional.

Em suma, como explica Castells (2004), o que a revolução tecnológica introduz nas nossas sociedades não é tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos - que constituem o cultural — e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços. Os espaços TGS não fazem referência somente às TIC, mas aos novos modos de percepção e linguagens, ou seja, a novas *tecnosociabilidades*.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

As formas tradicionais de participação política e de tomada de decisões públicas no estudo das migrações atuais podem requerer um enfoque diferente para entender os novos modos de relação entre Estados e cidadãos. Uma perspectiva que permita escapar das metodologias estabelecidas, das formas de definir o objeto de estudo e da formulação das perguntas de pesquisa para voltar a revisar os conceitos e as ferramentas de análise do fenômeno migratório dentro da Sociedade da Informação e no marco dos novos espaços TGS.

Os novos atores e-migrantes que transitam por esses espaços TGS incorporaram uma maior complexidade no momento de analisar e compreender o que ocorre com as práticas de participação e envolvimento sociopolíticos e de exercício e construção da cidadania. Estes atores intervêm, ocupam, medeiam, irrompem, renovam, questionam e subvertem as formas tradicionais de participação política e as tomadas de decisão das administrações públicas, reclamando reconhecimento e não representação do coletivo migrante.

Os e-migrantes constroem redes humanas, cívicas e ciberdemocráticas que circulam em novos espaços comuns que rompem os limites e as fronteiras da cidadania (interno-externo, local-global, público-privado), apontando para novas agendas culturais de organização, sociabilidade e intercâmbio de informação (online-offline) num espaço geográfico identitário e de participação (política, cultural, social, etc.) virtual e presencial. Estes novos atores, talvez produto da experiência do 15M em Espanha (vários atores participaram deste movimento), abordam a informação, a comunicação, a cultura e a política com maior rigor e sistematicidade.

À participação cidadã de “Marea Granate” e “Alianza” implica aprofundar a significação e representatividade das mediações e das distâncias, das práticas culturais e sociais, dos marcos cognitivos de reflexividade e imaginação política.

Por outras palavras, como explica Sierra (2006), na medida que a ciberdemocracia projeta um novo cenário ou espaço público, ou seja, uma nova conceção do espaço e da mediação com a participação ativa da cidadania, as políticas públicas devem tratar de responder com inteligência a esta nova realidade emergente. É necessário questionar, além disso, a própria noção de cidadania e o marco jurídico de participação no Estado social de direito no contexto de evolução do estado-nação ao estado móvel que prefigura o capitalismo cognitivo.

Vale assinalar que o mapa identitário, reticular, configurado nos espaços TGS, não coincide com o território político-administrativo, com o chamado nacionalismo metodológico. Nestes novos mapas cabem madrilenos, catalães, sevilhanos, bascos, etc., sem se fragmentarem em associações ou entidades por autonomias, tal como ocorreu com as migrações do passado. Nesta cartografia, observamos uma rutura geracional, as velhas e as novas migrações de espanhóis no Uruguai não se entendem. Os seus interesses, práticas sociais e subjetividades são diferentes. Os espaços TGS, como a plataforma de “Marea Granate” e “Alianza”, envolvem pessoas de diversas regiões da Espanha. “Marea Granate” e “Alianza” são a soma de identidades que convivem com os seus patrimónios existentes ou vigentes. Para entender estes novos espaços na sua essência mais profunda, devemos compreender que construir cidadania é desconstruí-la no seu significado; é subverter as suas presunções e o seu sentido, violentar a tranquilidade do termo, as suas rotinas diárias e contaminá-lo com as suas próprias instabilidades.

O conceito de e-migrante abre, então, uma série de perguntas: Que tipo de participação requer a nossa democracia? Podemos falar de e-cidadania como novo conceito e prática social? Como pensar o uso das TIC para potenciar processos de envolvimento e participação cidadãos? É possível formar competências e capacidades para o uso cidadão das TIC? Que papéis desempenham as plataformas sociais geradas a partir do paradigma da criação e circulação de conteúdos onde o público usuário pode se envolver ativamente no processo?

O desafio das políticas públicas é veicular, canalizar as mediações e a comunicação para o desenvolvimento da cidadania ativa através dos novos espaços TGS. É tratar de avaliar e definir a participação, apostando numa democracia radical e pluralista. Talvez, como indica Sierra (2006), seja necessário transcender a definição da cultura como recurso que as políticas internacionais de desenvolvimento imprimem na gestão, armazenamento, distribuição e organização do acesso aos bens simbólicos, segundo as condições de circulação e valorização transnacionais do capitalismo. É preciso renovar as formas tradicionais de participação política e isso exige reformular radicalmente os preceitos da democracia representativa, descentralizando os sistemas de informação e decisão públicas, para além dos modelos de extensão e organização baseados na racionalidade eficiente do paradigma informacional.

Em resumo, os problemas técnicos de acesso, circulação ou transmissão rápida e segura da informação através da internet são substanciais. Porém, mais urgente é pensar sobre a adequação da rede a um espaço TGS cidadão. A rutura dos limites internos e externos da cidade, dos territórios, a integração e a ligação entre âmbitos públicos e privados

não somente apontam para novas agendas culturais de organização e tecnosociabilidade, mas também para a constituição de outro espaço de identidade e participação política, através das diversas formas eletrônicas de interação e intercâmbio de informação. //

REFERÊNCIAS

- Abramson, M. A. & Therese L. (Eds) (2003). *E-Government 2003*. Oxford: Rowman & Littlefield.
- Becerra, M. (2003). *Sociedad de la información: proyecto, convergencia, divergencia*. Col. Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación. Buenos Aires: Norma.
- Alianza- Movimento (2011). Acedido em <https://www.linkedin.com/groups/ALIANZA-J%C3%B3venes-Espa%C3%B1oles-Descendientes-Uruguay-4240829/about>.
- Beck, U. (2003). Toward a new critical theory with a cosmopolitan intent. *Constellations*, 10, 453-468.
- Beck, U. (2006). *The cosmopolitan vision*. Cambridge: Polity.
- Beck, U. & Sznaider, N. (2006). Unpacking cosmopolitanism for the social sciences: A research agenda. *British Journal of Sociology*, 57, 1-23.
- Beck, U. & Grande, E. (2010). Varieties of second modernity: The “cosmopolitan turn” in social and political theory and research. *British Journal of Sociology*, 61, 409-443.
- Benhabib, S. (2004). *The rights of others: Aliens, residents and citizens*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bernal, P. (2004, outubro). *La interfaz: un dispositivo de comunicación para posibilitar la interacción entre las comunidades*. Comunicação apresentada no VII Congreso Latinoamericano de Ciências da Comunicação, Argentina.
- Bimber, B. (1999). The Internet and citizen communication with Government: Does the medium matter?. *Political Communication*, 16(4), 409-428.
- Boltanski, L. & Chiapello, E. (2002). *El nuevo espíritu del capitalismo*. Madrid: Akal.
- Castells, M. (2004). *La era de la Información, economía, sociedad y cultura, Vol. 1 La sociedad red*. México: Siglo XXI.
- Chang, K.S. (2010). The second modern condition? Compressed modernity as internalized reflexive cosmopolitization. *British Journal of Sociology*, 61, 444-464.
- Chen, H. Brandt, B., Gregg, V., Traunmueller, R., Dawes, S. Hovy, E. Macintosh, A. & Larson, C. (Eds.) (2007), *Digital government: E-Government research, case studies, and implementation*. Nova York: Springer.
- Comité de Ministros (2009). *Recomendación cm/rec (2009). 1 del Comité de Ministros a los Estados miembros sobre la democracia electrónica (e-democracia)*. Adoptada por el Comité de Ministros el 18 de febrero 2009 en la reunión del 1049a Delegados de Ministros). Acedido em http://www.coe.int/t/dgap/democracy/Activities/GGIS/CAHDE/2009/RecCM2009_1_and_Accomp_Docs/Recommendation%20CM_Rec_2009_1E_FINAL_PDF.pdf.
- Cruz, M. T. (2007). Espaço, media e experiência. Na era do espaço virtual e do tempo real. *Revista Comunicação e Sociedade*, 12, 23-27.
- Danolo, D. (2009). Triangulación: Procedimiento incorporado a nuevas metodologías de investigación. *Revista Unam* 10, 8. Acedido em <http://www.revista.unam.mx/vol.10/num8/art53/art53.pdf>.

- De Kerckhove, D. (2005). Los sesgos de la electricidad. *Lección inaugural del curso académico 2005-2006 de la UOC*. Acedido em <http://www.uoc.edu/inaugural05/esp/kerckhove.pdf>.
- Díaz-Tendero, E. (2010). Matriz de acción estatal e intereses ciudadanos ¿Qué puentes tenemos?. *Le Monde diplomatique*. Acedido em <http://franceamsud.org/site/images/stories/pdf/publicaciones/96-Democracia-elec.pdf>.
- Diminescu, D. (2008). The connected migrant: an epistemological Manifesto. *Social Science Information*, 47 (4), 565-579.
- Duchesne, S. & Muller, P. (2003). Représentations croisées de l'État et des citoyens. In Pierre Favre, Yves Schemeil & Jack Hayward (Eds.). *Être Gouverné: Études en L'Honneur de Jean Leca* (pp. 35-51). Paris: Presses de Sciences Po.
- Escobar, A. (2000). Welcome to cyberia: notes on the anthropology of cyber cultura. In David Bell & Barbara M. Kennedy (Eds.), *The Cybercultures Reader* (pp. 56-76). London and New York: Routledge.
- Finkelievich, S. (2000). *¡Ciudadanos a la red! Los vínculos sociales en el ciberespacio*. Buenos Aires: Ciccus/La Crujía.
- Georgiou, M. (2010). Identity, space and the media: Thinking through diaspora. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 26(1), 17-35.
- Gómez, E. (2003). *Cibersexo ¿la última frontera del eros? Un estudio etnográfico*. México: Universidad de Colima.
- Graham, St. & Marvin, S. (2001). *Splintering urbanism*. Londres: Routledge.
- Gronlund, A., ED., (2002). *Electronic government: Design, applications and management*. Londres: Idea Group Publishing.
- Hindman, M. (2009). *The myth of digital democracy*. Princeton: Princeton University Press.
- Kroes, R. (2000). *Ciudadanía y globalización*. Valencia: Cátedra.
- Layne, K. & Lee, J. (2001). Developing fully functional e-government: A four stage model. *Government Information Quarterly*, 18(2), 122-136.
- Maharaj, S. (2010). Small change of the universal: Beyond modernity? *British Journal of Sociology*, 61, 565-578.
- Marea Granate (2013). *Manifiesto*. Acedido em <http://mareagranate.org/>.
- Margetts, H. (2009). Public management change and e-Government: The Emergence of digital era governance", In Chadwick, A. & Howard (Eds.), *The Handbook of internet Politic* (pp. 114-128). Londres: Routledge.
- Martín Barbero, J. (2007). Tecnicidades. Identidades, alteridades, des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Diálogos de la Comunicación*. Acedido em http://www.olavarria.com/ciudad/universitarios/biblioteca/descargas/b/martin_barbero1.pdf.
- Mattelart, A. (2003). *Geopolítica de la cultura*. Bogota: Desde Abajo.
- Mattelart, A. (2007). *Historia de la sociedad de la información*. Barcelona: Paidós.
- Molina, J. L. (2001). *El análisis de redes sociales: una introducción*. Barcelona: Bellaterra.
- Nedelcu, M. (2009). *Le migrant online. nouveaux modèles migratoires à l'ère du numérique*. Paris: L' Harmattan.

- Nieto Enrione, M. (2010). El doble click a la democracia electrónica: refocalizando las visiones en Democracia Electrónica ¿Qué desafíos para América Latina? *Le Monde Diplomatique*, 49-51. Acedido em <http://franceamsud.org/site/images/stories/pdf/publicaciones/96-Democracia-elec.pdf>.
- Olivera, M.; Lema, F.; Morales, M.J.; Simon, E. & Ferreira, T. (2014). *Estudio de los movimientos migratorios recientes de España a Uruguay. Nuevos espacios tecnológicos, geográficos y sociales de vinculación*. Montevideo, Uruguay: Fundación Polo Mercosur y Dirección General de Migraciones de España.
- Olivera, M. N. (2011). *E-migración. Las TIC como herramienta de gestión de las políticas de inmigración en Cataluña*. Dissertação de Doutorado, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, Espanha. Acedido em <https://www.educacion.gob.es/teseo/mostrarRef.do?ref=944310>.
- Olivera, M. N. & Vancea, M. (2013). E-migrant women in Catalonia: Mobile phone use and maintenance of family. *International Journal of Journal, Gender, Technology and Development*, 17, 179-203.
- Olivera, M. N. (2013a). E-migración: las TIC como herramienta de gestión de las políticas de inmigración en Cataluña. *Revista Eletronica Eptic On Line*. Acedido em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4253519>.
- Olivera, M. N. (2013b). La e-migración: un nuevo espacio para pensar la retórica de la integración en las políticas migratorias. *Revista Científica en Comunicación y Nuevas Tecnologías. ICONO*, 14, 233-251.
- Olivera, M. N. (2013c). "E-Migration: a new configuration of technological, geographical and social spaces. *International Journal of e-PoliTIC (IJEP)*, 4, 18-31.
- Olivera, M. N. (2014). E-migración ¿Nuevos actores, espacios y políticas?. *ODISEA-Revista de Estudios Migratorios*, 1, 1-21.
- Olivera, M. N., Lema, F. & Dávalos O'Neil, C. (2014). Redes transnacionales: Red Uruguay Encuentro. Nuevo espacio tecnológico, geográfico y social. *Revista de Ciencias Sociales*, 26 (33), 121-136.
- Portes, A.; Guarnizo, L. & Patricia L. (1999). The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field. *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2), 217-337.
- Rheingold, H. (1996). *La comunidad virtual*. Barcelona: Gedisa.
- Schnapper, D. (2001). De l'état-nation au monde transnational. Du sens et de l'utilité ' du concept de diaspora. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 17 (2), 9-36.
- Sierra, F (2006). *Final report: New information technologies, participation and active citizenship*. Acedido em <http://pt.slideshare.net/FranciscoSierraCaballero/sierra-for-servaes>.
- Subirats, J. (2013). Internet y participación política. Nuevos actores?, nuevos desafíos? *Revista de Ciencias Sociales*, 26 (33), 55-72.
- Tremblay, G. (2003). La sociedad de la información y la nueva economía. Promesas, realidades y faltas de un modelo ideológico. *Telos*, 54, 16-23.
- Vertovec, S. (1999). Conceiving and researching transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2), 447-62.
- Vertovec, S. (2009). *Transnationalism*. London and New York: Routledge.
- Webster, F. (2006). La sociedad de la información revisitada. *Biblioteca Universitaria*, 9, 22-44.

Tradução (do espanhol) por Denise Cogo

NOTA BIOGRÁFICA

Mauricio Nihil Olivera é professor titular na Universidade da República, Uruguai. Os seus interesses de investigação estão relacionados com as novas realidades comunicativas, os espaços de intermediação cidadã e as suas formas de organização e vinculação, no quadro da sociedade de informação, a partir da intervenção da Internet e das tecnologias de informação e comunicação.

E-mail: mauricio.nihil@fc.edu.uy

Universidade da República, Instituto de Comunicação, Calle José Leguizamón 3666, Montevideo, Uruguay.

*** Submetido: 18-06-2015**

*** Aceite: 21-07-2015**

E- MIGRANT: TECHNOLOGICAL, GEOGRAPHICAL AND SOCIAL SPACES. NEW ACTORS AND SPACES FOR POLITICAL PARTICIPATION?

Mauricio Nihil Olivera

Abstract

This article is based on the results provided by the research project named “A study of recent migratory movement from Spain to Uruguay. New technological, geographical and social spaces for citizen inclusion” (Olivera et al., 2014) and, by using the concept of “e-migrant”, it analyses if the introduction of ICTs enables the renewal of the traditional forms of political participation and public decision-making. Having the concept of e-migration as a starting point, the article aims at identifying what are the forms and the type of communication networks used by the new Spanish migrants as well as the way they connect and communicate (politically, socially and culturally) in Uruguay. It also aims at problematizing these issues under the light of the Social Sciences theories, following the critical investigative line of research about the “Information Society”. The authors argue that the ways new Spanish migrants connect to each other in Uruguay are dialectic relationships and are also a result of a social process that depends on the decisions and on the significances given by individuals. These decisions and subjectivities are not determined solely by the structures that are inherent to their condition as migrants, neither are they totally contingent to this condition; they move in a space of possible configurations in order to be re-signified in concrete situations.

Keywords

Technological, geographical and social space; e-migrant; Uruguay; information and communication technologies; citizen participation

INTRODUCTION

Can the combination between information and communications technologies (ICT), new social communicational dynamics, as well as the desire and interest of Spanish migrants in participating in the governance process generate new spaces for collaboration that might renew or change the traditional forms of political participation and public decision-making? Is it possible to think about the co-definition of a new form of participative engineering that could possibly adopt, adapt and enrich a new form of political organisation, that is, an e-democracy? Is it possible to propose the existence of a space for innovation inside which new modes of relationships between states and their citizens could circulate?

As discussed in another paper (Olivera et al., 2014), questions have lead us to observe, in the present work, if the emergence and development of ICTs may imply important alterations regarding the construction of a new political and social contract as opposed to more classical forms of politics and of the political decision-making process, expressed in the configuration of new Technical, Geographical and Social structure (TGS).

In this article, we not only dedicate ourselves to the questions above mentioned, but we also pay particular attention to social and technological practices of the more recent group of Spanish immigrants in Uruguay. We think about this group as new actors that are connected and who interact and intersect with different logics and temporalities (the e-migrants), new social forms which reflect the relationship with time, space and place generating, at the same time, other phenomena of integration and exclusion, as well as of de-territorialisation and relocation.

Afterwards, we develop the proposed concept of e-migrant within the configuration of a new Technological, Geographical and Social Space (Olivera & Vancea, 2013; Olivera, 2011; 2013a; 2013b; 2013c). Consecutively, we describe the methodology as well as the results provided by the study “Recent migratory movement from Spain to Uruguay”, which was carried out by the “Polo Mercosur” foundation, funded by the Spanish Migrations Directorate. Finally, in the section called “discussions”, we dissert about some of the limitations and conceptual objections.

E-MIGRANTS. A NEW CONFIGURATION OF TECHNOLOGICAL, GEOGRAPHICAL AND SOCIAL SPACE

Following the critical investigative line about Information Society (Becerra, 2003; Mattelart, 2003, 2007; Webster, 2006; Tremblay & Gaëtan, 2003) the purpose of this section is to present a theoretical discussion to what we term as “Technological, Geographic and Social Spaces” (TGS). We refer to new spaces through which e-migration circulates and in which ICTs are only one of the dimensions. The theoretical framework suggested by the concept of e-migration is just an attempt to rethink the creation of significant units of analysis for further researching within the areas of communication and public policies within the field of international migration.

Today, cities are crossed and configured by TGS spaces – spaces where people coming from multiple geographic origins, ideologies and cultures coexist and generate collective and individual scenarios of living (Olivera, 2014). The attention given to deep transformations concerning the ways of understanding the space/time relationships also implies understanding the deep changes occurring within the human experience (Cruz, 2007). The words “geographical” and “social” correspond to concepts people have about the world and are used in everyday life, as well as in scientific practices to guide, highlight, differentiate and reduce the complexity during the process of attributing meaning to different phenomena. There is a dialectic connection between both: the social dimension does not exist anymore without a geographical dimension and vice versa.

What we name as “technological” crosses both the geographical and the social dimensions, allowing the existence of new logics and forms of production, circulation and of informational appropriation in a context of continuous and speedy technological change. Presently, ICTs allow diverse social actors to develop new practices and logics of participation that are configured by new and multiple relationships between space, time and place. These technological innovations are in the core of the emergence of other

collaborative strategies and logics, as well as of participation and interchange between social actors. The TGS spaces are mediated by socio-cultural practices, as well as by other dimensions such as distance, territory and identity(ies).

The TGS spaces are knots, spaces into which parts of other connections belonging to other spaces – real or abstract but sharing the same trait – converge. A network may be defined as a “matrix of interconnected nodes”, whereas a node is the point where a curve intersects with itself (Castells, 1997, p. 56). These TGS spaces are key grounds to observe both new technosociabilities and new emerging and spreading relations between social actors, as well as their technological practices through which meanings and identity values become expressed. The Internet is committed to an important function insofar as it is the tool that facilitates these relationships. The complex relationships between distances, territories and identities are guiding the circulation of social practices within the TGS. The methodological problem lies, then, in the observation and analysis of the way these practices are constituted within Technological, Geographical and Social relationships that take place in the Internet.

TGS spaces allow the reconfiguration of connective and collective flows within a technological change context. For instance, nowadays, mobile phones allow for a global connectivity through satellite communications. Those technological innovations generate specific logics and strategies of collaboration, participation and interchange between actors, thus establishing new transnational spaces that require the revision – within receiving countries as well as within the own theoretical scientific field of international migrations – of traditional concepts such as “migrant”, “immigrant”, “integration”, “assimilation”, and so on. Being true that transnational processes had already existed long before the twentieth century (Portes et al., 1999; Schnapper, 2001; Vertovec, 1999), the coming of the digital age has marked the beginning of a new phase of qualitative changes (Beck, 2006; Castells, 2004; Nedelcu, 2009; Vertovec, 2009).

In this new TGS space, ICTs and Internet have an important role. The e-migrant is thought as a nomad who is connected to a device such as a mobile phone, and that builds transnational relations. Following this line of thought, De Kerckhove (2005) argues that globalisation reaches us all, even those without Internet or mobile phones (Olivera, 2011). Other authors agree with the existence of new virtual or actual territorialities. In these spaces, ICTs could give place to a process of “technosociabilities” which would affect migrants mostly concerning the development of new forms of cultural, political and social interaction as well as new forms of transnational, global and virtual communication (Bernal, 2004; Escobar, 2000; Gómez Cruz, 2003; Graham & Marvin, 2001; Rheingold, 1996). Diminescu (2008), who was in charge for the research project: “Diasporas on the Internet: E-Diaspora Atlas”, also understands that virtual spaces could be generating a “development of networks, activities, lifestyles and ideologies which constitute a link between sending country and receiving country and that re-presents mobility” (p. 567).

Some researchers argue that the increasing mobility that permeates present day lifestyles – “being together at a distance” – would seriously put into question the limits of territoriality as a category to think about multicultural identities, transnational social

practices and cosmopolitan “belonging” (Beck, 2003, 2006; Beck & Grande, 2010; Beck & Sznaider, 2006; Benhabib, 2004; Chang, 2010; Georgiou, 2010; Maharaj, 2010). This argument suggests that the emergence of new forms of socialization and identification yet incipient, within the global media arena, would start with a de-territorialisation process (Olivera, 2013c).

Transnational social practices can be highlighted by the growing intensity of global interchanges, as well as by the activities and omnipresent system of communication which allows migrants to be connected to multiple worlds, geographically distant and culturally different from their own (Nedelcu, 2010; Vertovec, 2009). These new practices and social logics of participation, co-operation and interchange between those actors reconfigure the relationships between space-time and place, as well as between public and private.

In sum, in these new configurations there are technical, geographical and social spaces in which e-migrants have surpassed the limits of space and time, thanks to the intervention of ICTs and of the Internet. The term e-migrant, then, permits the dialectical articulation of the relationship between migrants and their integration into the multiple technological, social and spatial dimensions in the Information Society. Present day migratory process, thanks to ICTs, cannot escape from, nor not include, the technological dimension, the geographical and social space between countries of origin and countries of destination. On the other hand, if migration is analysed as a process of continual movement which opens into interactions, interconnection, virtuality, convergences and ubiquities, then the idea of “leaving” or “entering” a virtual social space, on these terms, seems at the least debatable (Olivera, 2013a, 2013b, 2013c).

For example, the new Spanish e-migrants in Uruguay who participate in the virtual platforms “Marea Granate”¹ and “Alianza”² are a clear example of how TGS spaces enable the visualisation of the views of “the many others” and the reconfiguration of fight for the public space, utilizing the web to generate “noise” and distortion in the discussion of “globality”. These Spanish e-migrants also construct groups that, while virtual at birth, can end up territorialising themselves, going from a virtual connection to an encounter and from an encounter to action. For some authors, (Kroes, 2000; Finquelievich, 2000; Molina, 2001) the alternative use of the web and IT technologies in the reconstruction of the public sphere is connected to profound changes in mental maps and positions, in

¹ “Marea Granate is a transnational nonpartisan collective formed by immigrants from the Spanish State and sympathisers whose aim is to fight against the causes and people who have provoked the economic and social crises that force us to emigrate”. This presentation can be found in the following website: <http://mareagranate.org/>. This organisation was brought into existence on April 7, 2013, after a manifestation under the slogan “We are not leaving, we are being thrown out,” convened by Juventud Sin Futuro, all over the world. On their website they say: “We have not come to Montevideo: they have thrown us out of Spain, and our goal is to support the assemblies, nodes, groups and tides fighting to avoid that the 1% gets away with it. We have two main missions: a) preventing any information that comes to Uruguay about Spain through government propaganda channels; and b) supporting each other so that the migration experience is as smooth as possible. We meet every other Sunday in open meetings that we announce in the Facebook group and on Twitter: we are waiting for you with open arms and a cup of Mate”.

² It is an open space for youth participation that focuses its activities on the educational, cultural, social and human development aspects, pointing out that they are a tool for development and realisation of projects of young people. They consider themselves as “apolitical” and claim to fully represent the Uruguayan Hispanic youth at national, regional and international levels. “Alianza” (Alliance) presentation: <https://www.linkedin.com/groups/ALIANZA-J%C3%B3venes-Espa%C3%B1oles-Descendientes-Uruguay-4240829/about>.

the languages and the designs of public policies. All these dimensions are mediated by the TGS reconfigurations.

Hence, the e-migrant perspective opens new routes for the study of international migration in the digital era. It is an alternative avenue to obtaining a new understanding of the actions that take place in those spaces; it widens the view on this issue beyond countries of origin and reception, re-articulating dichotomies such as: insider/outsider, nomad/sedentary, national/ trans/national, virtual/ present, on line/off line etc. The observation of international migration through the e-migrant perspective also grants a better comprehension of the identity negotiations and tensions that occur in different and diverse sociocultural systems.

This perspective also grasps the more deep transformations spawned in the social, political and economical life of migrants, interpreting social changes as new organization of the social spaces, generated by the new technologies. The utilisation of this concept also allows us to observe the way in which ICTs are capable of transforming the significance of geographical distance, citizenship, public space, identity and social ties. Furthermore, this conceptualization admits the analysis of the transnational practices related to social integration, social and political representation, political, economical and cultural participation, subjectivity, social order, social imaginary etc.

The proposed concept of the e-migrant permits the idea of a new space from which innovative forms of the relationship between a state and its citizens could evolve. Many e-migrants, like the ones that are part of “Marea Granate” and “Alianza”, demand recognition stemming from the right to participate (by intervening in the decisions that affect their quality of life and their relationship with the administration), and the right to express themselves (related to the participation of citizens in the media). Such demands show that e-migrants seek new ways to exercise their political rights, with more flexible and mobile loyalties, and, thereupon, with the existence of more open political groups.

METHODOLOGY

The research project “Study of the recent migratory movements from Spain to Uruguay...” entails the strategic design of a methodological triangulation that considers different perspectives of the same subject. The methodological techniques applied can be justified by the specific objectives of the investigation, namely: 1) the establishment of a quantitative estimative and of a recent mobility map of the Spanish migrants in Uruguay; 2) the elaboration of a sociodemographic typology of the Spanish residents in Uruguay; 3) the identification of the long distance communication networks used by the aforementioned migrants. Due to space reasons, this article only scrutinizes the results derived of objective 3.

In order to draw results from objectives 1 and 2 the following quantitative techniques were used: self-administered questionnaire conducted via web, answered by Spanish migrants who arrived in Uruguay from 2008; statistical analysis of micro data provided by the National Institute of Statistics of Uruguay (NE) and derived from the

National Census conducted in 2011; and statistical analysis of the data supplied by the National Statistics Institute of Spain, which is available on the internet. The analysis, regarding objective, 3 was carried out with the following quantitative techniques: focus group and workshops. Three focus groups and one workshop with Spanish immigrants arrived since 2008 were organized and, in the workshops, both the Spanish administration and the collectives that form the Spanish societies in Uruguay were represented.

The statistical universe of the migrant Spanish population living in Uruguay is comprised of: a) individuals between 25 and 45 years of age (that is, individuals that belong to the economically active population); b) of both sexes; c) born in Spain (those of Spanish nationality were excluded); d) those that migrated from 2008 onward – without taking into consideration their having registered as emigrants at the Spanish consulate –; e) individuals that live in the capital of Uruguay (Montevideo); and f) that are users of the ICTs³.

FOCUS GROUPS: DATA COLLECTION

The purpose of the discussion groups was to reconstruct the social relationships that underlay the actual numerical measuring process, thus unravelling the processes and constructions that are part of a narrative identity. The usage of this technique allowed an approximation to the behaviour of the group and an understanding of their motivations. Moreover, with this qualitative methodology, it was possible to understand the type of discourse sustained by the group and, therefore, the position of the Spanish migrant collective regarding the practices of the 'ICTs', as well as the idea of "migratory management". We seek to highlight, based on the ICTs, the cultural and communicational dimensions that line off those individual's social life, as well as analyse the scope and the way the intervention of technology acquires a significant role (or not) in their social, political and labour relations, by observing their opinions and contradictions. While dealing with the issues of migratory projects and the aforesaid constructions we have dedicated a special interest to the use migrants make of ICTs and what connections they maintain between their country of destination and their country of origin. The discussion group also analysed if the intervention and use of ICTs had changed — and if so how — these people's social communication practices. The type of information they search for in their country of origin was also emphasized as were the media consulted.

The participants of the focus groups were initially chosen from facilitators of the virtual platforms for Spanish migrants "Marea Granate" and "Alianza". There was greater willingness from the members of "Marea Granate" to participate in the focus groups. However, this choice did not yield the expected results: only two or three individuals out of an assembly of twelve were part of the "Marea Granate" collective. For this reason, it was decided to search for participants in different virtual platforms and by word of mouth. This new selection, while permitting a more eclectic group, did not facilitate a

³ The total number of Spanish immigrants in Uruguay is 12,676. 80.5% is located in the department of Montevideo (Koolhas & Nathan, 2013), according to the 2011 Census. Of this total, 1,478 are migrants that arrived in Uruguay from 2008 and 55.4% of them live in Montevideo. Spaniards are the most important European immigrant collective in Uruguay and particularly in Montevideo.

quick shaping and forming of relationships of trust and confidence between the participants. The interviewer acted as moderator of the group, trying to intervene as little as possible in the debates, but introducing relevant topics when sufficient information was generated on each topic in turn. The individuals in the group were not previously acquainted with the interviewer.

The group of Spaniards resident in Uruguay was brought together in June 2014, and had a total of twelve members. Three different meetings took place, due to scheduling difficulties. The job insecurity of members and, in some cases, different working hours, were instrumental at the time to organize the discussion sessions. The following criteria were taken into account in the selection of the sample:

1. Arrival of individuals in Uruguay (they had to have arrived in Uruguay between 2008 and 2014);
2. Age of the participants (they had to be between 25 and 45);
3. Equal gender representation within the group;
4. Use of the ICTs (members had to be users).

The choice of time frame regarding the arrival of migrants in Uruguay was due to the inflexion point of the European crisis and the start of the Spanish migratory phenomenon, as it is possible to verify in the records of the Spanish Immigration and Naturalisation Office. The age range corresponds to the sector of the population at working age (Economically Active Population – EPA). The use of ICTs was a crucial variable for this project, since one of its intentions was to analyse the connection maintained by the e-migrants between their country of origin and their country of destination. It was also considered important to observe this phenomenon from the perspective of gender, in order to find if this correlated to any significant variations in the study.

The following table shows more detailed data of the participants of the discussion groups:

N. FOCUS GROUPS	GENDER	AGE	PROFESSION	TIME IN URUGUAY
FG1	Woman	27	Degree in History with a master in Gender Studies	4 months
FG1	Man	43	Photographer	4 years
FG1	Woman	38	Degree in Communication	2 years
FG1	Woman	37	Sociologist	3 months
FG2	Man	39	Systems Engineer	1 years
FG2	Woman	36	Architect	2 years
FG2	Man	33	Agronomist	1 year and a half
FG3	Woman	29	Journalist	5 years
FG3	Man	32	Architect	4 months
FG3	Man	32	Graphic designer, Architect	4 months
FG3	Woman	26	Degree in Political Science	4 months

Table 1- Composition of focus groups

From the responses of migrants who completed the questionnaire, the analysis of data obtained from the Spanish Immigration Office databases and the study of focus groups, it was possible to establish the profile of the new Spaniards in Uruguay.

RESULTS

The study established that distance communication networks are being generated to create new forms of logic and entail collaborative and participatory linking strategies and exchange. Social networks are reticular in structure and significant in number and degree of participation of the e-migrant social actors – that is, those who have the technological resources (it was observed that 96% of the sample had smartphones). These linking logics can be observed, as already mentioned, in the new flow of Spanish migrants in Uruguay that are part of the virtual platforms “Marea Granate” or “Alianza”. From the ICTs and the Internet, these collectives are achieving greater participation, cooperation and horizontal exchange among its members, in order to help and/or denounce the difficult living conditions of some e-migrants (some of the issues the collectives deal with are: where and how to revalidate degrees and academic credentials, how to vote, what happens to social security payments in Spain, precautions with renting a flat etc.). These platforms have different interests but a similar objective: the support, mutual aid and connection between e-migrants.

Concerning the “Alianza” platform, it was possible to observe a genuine desire to generate spaces for the encounter of recent immigrants from Spain and the young descendants of Spaniards who immigrated to Uruguay, in order to help the newly arrived in their social integration:

We are the result of a young people’s initiative, a group of young Spaniards and descendants of immigrants from Spain who live in Uruguay. The association encourages the engagement of young Spaniards and descendants in activities related to youth. To this end we created and discovered spaces for integration within the community and encourage the youngsters to take part into those spaces. (Alianza, 2011)

In the “Marea Granate” platform there is a more active participation and discussion of economic policies and their results in Spain:

Corruption, fuelled by an unscrupulous system, both nationally and globally, stole our space and non-existent democracy, our voice. A greedy and sick minority makes decisions that are rightfully ours in its own exclusive benefit. We denounce the current role of the Troika (EU, ECB and IMF) and the begged vote. (Marea Granate, 2013)

The fact that Spanish migrants, citizens of democratic regimes, analyse and criticize - from a host country, and at a distance – the consequences of economic policies is also part of the game of democracy which transcends national borders. The digital

and technological revolution plus the globalisation phenomenon have permitted the existence of another type of democratic participation, which was not foreseen by methodological nationalism. The new actors on this stage perform as individuals but are not individualists in the classic neo-liberal sense. Their aim is to create spaces based on friendship, common interests, shared zones and practices; and their interchanges are subjected to a common statute.

This goal is reflected in the “manifest” on the web site of the Spaniards who form the “Marea Granate” group. There, they explain that the organization of their members is horizontal, and that they connect with each other via virtual and presential assemblies with both a local and global reach:

We are a horizontal movement that convenes regularly in assemblies both virtually and in person, both locally and globally. We encourage new forms of participation, self-organisation and the defence of rights which transcend frontiers. For this purpose we are weaving a network of international cooperation, uniting ourselves to other initiatives in order to build a fair future, free from anxiety, be it material, spiritual or in any other form. (Marea Granate, 2013)

The platform “Alianza” also proposes an open form of organisation, divided in commissions, with aims to achieve local and international scope:

The “Alianza...” is a space open to the participation of young people that focuses its activities on the educational, cultural, social and human development aspects. We aim to be both effective and efficient in our organization. We pursue effectiveness and efficiency in our organisation, proposing a working model that involves committees and coordinators, being the tasks and responsibilities distributed among the different working groups. We maintain an interest in Spanish culture and day-to-day life in Spain. (Alianza, 2011)

The majority of the interviewees, that took part in the focus groups, mentioned contacting the members of one or the aforementioned platforms, or both, either while still living in Spain or after moving to Uruguay. Both platforms became references in terms of information and/or collective participation, and, in this communicational process, the contact mediated by the Internet gave rise to offline contact (not mediated by the world wide web) and vice versa. These platforms, thus, have become a virtual and presential articulation between Spain and Uruguay. The activities carried out by these groups produce, transmit and receive symbolic forms (such as significant occasions, manifestos, texts, rituals, etc.) from “here” and “there” in a TGS space that does not belong to either of the countries involved, nor to the media, but is built in the interstitial spaces formed by the e-migrants themselves. Consequently, symbolic forms are configured or reconfigured in a virtual node of social imagery, ideas and news that admits the construction of social scenarios in relation to the participants themselves.

Traditional mass media (newspapers, TV, radio) had a leading role in forming the mental imagery, the social representations and all the symbolic forms that went into circulation in previous – but recent – historical moments. However, as inferred from the interviews carried out in this study, such configurations and mental images apparently have migrated to the social networks (new cultural forms generated by the Internet) due to the loss of legitimacy of the information provided by traditional mass media. Said loss can also be perceived when it comes to the information transmitted by Spanish institutions and the different Spanish governmental administrations.

These shifts can generate, within governmental organisations, informational fragmentation and also ruptures in the structuring of meanings and symbolic forms that once were used to reach social cohesion, since, nowadays, not everyone has access to the same information at the same time, either through the mass media or through the Spanish government administrations. This happens, firstly, due to the loss of credibility that mass media is experiencing, as mentioned above; said change causes a decrease on the access of individuals to mass media outlets, as we can confirm through the interviewees, who claimed to watch less TV and read less print periodicals. Secondly, because the communication strategies to access these new actors and e-migrants, it seems, should be built in line with the new forms of data transmission which have developed from ICTs and the Internet.

In other words, these movements can pose a considerable inconvenience for the Spanish administration at the time of channelling information to e-migrant citizens. These individuals, though delocalised, are still interested in what happens in Spain and wish to participate not only in the Spanish electoral process by voting, but also in the assistance of other e-migrant citizens, by providing quality information about the migratory process.

ICTs can also play an important part in linking all the interested parties by either mediating with state organisations or obtaining solid and truthful information to and from all parties involved (i.e. State entities and the e-migrant community). The social communicational practices of the recent Spanish migrants that are part of the “Marea Granate” or “Alianza...” platforms engendered a process which was on the agenda of the European Council of 2009: the strengthening of e-democracy.

The European Council, based on previous work by other international institutions (United Nations, Organization for Cooperation and Economic Development – OCED -, European Union), recommended that the member states, among other points, consider:

- The use of the opportunities that e-democracy offers to strengthen democracy, democratic institutions, and the democratic process;
- The implementation of e-democracy as the support and strengthener of democracy, democratic institutions and the democratic process. Such practice should happen by the use of the ICTs and should also entail the commitment to the renewed participation of citizens in Democracy (recommendation CM / REC, 2009, p. 4)

The 2009 European Council’s recommendations have the ultimate intention of promoting e-democracy from the activities on social networks, thus exploiting the ideas developed by the civil society in the field of electronic democracy:

Public authorities and representative assemblies should actively seek points of contact with social networking activity dealing with political issues and that are based on the ideas and debates that take place in those new democratic spaces of deliberation and participation. (recommendation CM / Rec, 2009, p.11)

However, collaborative spaces between the administration and citizens do not appear to advance, strengthen nor associate within the guidelines established by the European Union on e-democracy. As some authors point out (Chen et al., 2007; Layne and Lee, 2001), to this date, the idea of e-democracy has not been applied to question what has been done or how to do it, but rather through using the concept and dimension of the ICTs on how to do things more efficiently within the present framework. In other words, e-democracy implements the ICTs in the field of public policy management without including proper strategies nor exploring other alternatives in the decision-making process that manages policies which incorporate the citizens. Also, the pluralism and diversity ideas that follow the logic of an open conception, proposed by the European Council recommendations of 2009, are not being properly considered.

In Latin America electronic government is also seen as a regional challenge. In September 2014, the Electronic Government and Information and Knowledge Society Agency of Uruguay (Agesic) organized the seventh National Meeting of Electronic Government with the participation of Mexico, Argentina, Colombia, and the host country. The concerns of all the participants were: a) the management of technology to ensure it reaches all citizens; b) the generation of a complete inclusion in the territories involved; c) the attainment of a portal for the governments that would function as a multichannel access point for attending to people and their needs; d) the generation of interoperability between government entities; e) the incorporation of the public into the services rendered by the government.

Nevertheless, we understand that the debate should not be just technical, since this issue isn't centred only on the adaptation of e-democracy to a residual form of political democracy. The substantial problem is to clarify whether the technological changes will be incorporated by the public authorities in order to promote and participate in the activities on the social networks, with a view to fully exploit e-democracy. This could be achieved, for instance, through the incorporation of the discussions, exchanges, and participatory proposals generated in multiple civic platforms created by migrants that belong to Latin American and European democracies. In other words, can we assume that the intervention of ICTs will change the ways of working of representative institutions and public administrations? On this regard, several authors (Abramson & Morin, 2003; Bimber, 1999; Gronlund, 2002; Margetts, 2009) showed, through many examples, how ICTs actually improves relations between citizens and administrations.

There are, however, specialists who claim that the relationship between the ICTs and public policies and services will not change the technocratic and vertical logic that was consolidated during the twentieth century. According to those who hold this opinion,

the contrary is more likely to happen: the use of the ICTs could reinforce the control and the authority of the institutional elite rather than enhance the capacity for intervention of the citizens (Hindman, 2009). Examples that support this view are the policies for the control of the movement of people developed by the European Union, such as the massive digitalised register of immigrants in the Schengen Information System (SIS) and the Eurodac and European Identification System (VIS). These systems are aimed at visualising the flow of migrants, identifying risk categories within the immigrant flows and undermining their legal situation (Bolludanski & Ciapello, 2002).

In short, the digital revolution would have a dual role: on one hand it could reinforce the capabilities of big institutions and organisations to control and watch over whole societies; and, on the other hand, it has the potential to stimulate and encourage new capacities in individuals and groups and to help them develop critical thinking, coordination, innovation and the ability to propose concrete alternatives to the issues that may arise.

Having what was just said in mind, we insist that the main issue here is not how technology helps (or not) in the healthy implementation of public policies by widening the participation of e-migrants, but rather how public policies efficiently incorporate mechanisms of participation in order to ensure the conditions for the inclusion of different new actors, providing, in this way, more efficient solutions, legitimised and accepted by the general population.

ICTs are an important tool, but they are not sufficient on their own. They need to be used in simultaneity with a real interest and will of government administrations to collectively promote the participation of citizens at all levels, in order for them to recognize differences, to debate, to foment the interchange of opinions – all aspects that must precede the agreements and disagreements which in turn produce the vision or visions of what we want as a society (Nieto Enrione, 2010).

These ideas do not propose to legitimise a process of “direct democracy”, in which the new actors of a society sit at their computers making decisions that have an impact on the lives of common citizens. Neither do they imply that the ICTs have the power to completely renovate the political sphere nor supersede the “old” forms of representation by the direct expression of the will of the citizen through the network platforms used to enunciate their opinions. As Martin Barbero (2007, p. 19) suggests, this would imply falling into the trap of the immediacy and transparency of the “cybernetic webs”, which explodes the very foundations of what is “public” as it is generally perceived: processes of liberation and criticism. A dangerous trap, as this would or could strengthen the belief that the individual can connect and communicate his ideas without any social mediation. This would increase the lack of trust in any form of delegation and representation in present power structures.

Lastly, it should be noted that in the co-definition of the participatory engineering the design of the appropriate instruments is crossed by symbolic dimensions that affect those actions, and that are determinant in the construction and transmission of certain visions of the social order (Diaz-Tendero, 2010). Under this supposition, public policies and their resulting actions are understood as a place where “citizenship spaces” can be

constructed, since the groups involved in such development gain, while doing so, a form of social existence or visibility (Duchesne & Muller, 2003). The real problem then lies in the following question: is public policy made jointly with the citizenry in a new “Technological, Geographical and Social” space? (Olivera et al, 2014; Olivera, & Vancea, 2013a, 2013b; Olivera, 2013a; 2013b; Olivera, 2011).

TGS spaces can transform the process of formation, elaboration, decision-making, implementation and evaluation of public policy by the presence and intervention of new participants, such as the e-migrants. These social actors incorporate other forms of relationship – outside the traditional mechanisms of political participation — and utilise diverse resources that act as catalysts and influence the process of participation and interchange. As Subirats (2013, p. 69) writes: we are in the presence of “moments of collective aggregation on the web” without stable and defined interlocutors. The strength of these ‘actors’ does not reside in the number of people they represent but rather in their capacity to interconnect and to set the public agenda by the pressure exerted by the public within and without virtual space. Hence, the challenge will be understanding in what way the TGS spaces, which are made up by the e-migrants, can affect the intermediation and interaction of political institutions with the public and the depth of the changes they could generate in the different roles and forms of relating.

The challenge of governments, in this context of increasingly complex communication, is to understand the new ways of relating and the referential processes that are woven together in the TGS spaces. In order to understand them, it seems essential to take into account a plural perspective and to consider the structural axis of cultural identity, the global interconnection and a multidimensional policy.

As Castells (2004) explains, in a final analysis, what the technological revolution introduces in our societies is not so much an enormous number of new machines but rather a new form of relationship between symbolic processes — which are cultural — and the forms of production and distribution of goods and services. TGS spaces do not refer solely to ICTs but to new forms of perception and language, in other words, to new *technosociabilities*.

DISCUSSION

The understanding of the new types of relationship between states and citizens, within the study of traditional forms of political participation, public decision-making and present day migratory processes, can require a different focus: a new perspective that allows an escape from established methodologies, from the way of defining the object of study and from the formulation of investigative questions and that leads to the review of concepts and analytical tools used for the analysis of the migratory phenomena within the Information Society and in the framework of the new TGS spaces.

The new e-migrant actors who transit the TGS spaces introduced a greater complexity to the analysis and understanding of what happens with the practices of participation, socio-political involvement and the construction of citizenship. These actors participate,

occupy, mediate, invade, renew, question and subvert the traditional forms of political participation and decision-making of the public offices, demanding recognition and not to any extent the representation of the migrant collective “per se”.

E-migrants construct human, civic and cyberdemocratic networks, which circulate in new common spaces that break the boundaries and borders of citizenship (internal-external, local-global, public-private), pointing to new cultural agendas of organisation, sociability and exchange of information (online-offline), in a geographical space of identity and virtual and presential participation (being said participation political, cultural, social etc.). These new actors, perhaps product of the 15M experience in Spain, address information, communication, culture and politics with greater rigor and in a more systematic manner.

In other words, as Sierra explains (2006), as long as cyberdemocracy projects a new stage or public space (new methods and democratic options for the active participation of the citizenry, and above all a new conception of the space and mediation with the active intervention of the citizenry) public policy must endeavour to rationally respond to this emerging “new reality”. It is necessary to question, moreover, the very notion of citizenship and the participation in the state within a legal and social framework that entails the necessary conditions of legality and stability in the context of the transition from the nation state to the fluid state that predates cognitive capitalism. The participation of groups such as “Marea Granate” and “Alianza” implies more depth in the significance and representation of mediations and distances, social and cultural practices and the cognitive frameworks of reflection and political imagination.

It should be noted that the reticular map of identity, configured in the TGS spaces, does not necessarily coincide with political-administrative territories, with what is known as methodological nationalism. These new maps encompass citizens of Madrid, Seville, Barcelona, Basques etc. and do not necessarily fragment them into regional associations or entities, as occurred in past migrations. In this new cartography a generational rupture can be seen: the old and new Spanish migrants in Uruguay cannot understand each other. Their interests, social practices and subjectivities are strongly differentiated. The TGS spaces, such as “Marea Granate” or “Alianza”, are made up of individuals from diverse regions of Spain.

“Marea Granate” or “Alianza” are the sum of identities of those who live with their social capital alive and present. In order to understand these new spaces in their deepest essence we must understand that the construction of citizenship entails the deconstruction of its meaning; it involves the subversion of assumptions, the violation of the tranquillity of the term, of its daily routines and the contamination of the concept with its own instability.

The concept of the e-migrant, then, brings a series of questions: what kind of participation does our democracy require? Can we speak of e-citizenship as a new concept and social form? How to think the use of ICTs to enhance citizens’ involvement and participation processes? Is it possible to form skills and capabilities to be used by normal, everyday citizens? What roles are played by the social platforms generated from the

paradigm of creation and circulation of content where the public user can engage actively in the process?

The challenge of public policy is to enhance, channel, mediate and communicate for the development of active citizenship through the use of the new TGS spaces. It is also to evaluate and define participation in order to obtain a radical and plural democracy. Perhaps, as Sierra (2006) indicates, it is necessary to transcend the traditional definition of culture imprinted in the management by international development policies, according to which, culture is seen as resource, storage, distribution and organisation of the access to symbolic goods according to the conditions of circulation and the transnational valuation of capitalism. Classical forms of political participation should be renewed and this entails the radical reformulation of the precepts of representative democracy by decentralising the information systems and the public decision-making process, beyond the organisational models that are based on the efficient rationality of the informational paradigm.

Summing up, the technical problems of access, circulation and/or rapid and safe transmission of data on the Internet are substantial, but it is more urgent to think about the configuration of the web as a TGS space for the citizenry, in the widest sense. The disappearance of both the external and internal limits of cities and territories, as well as the integration between public and private spheres, not only lead to new cultural agendas of organisation and technosociabilities, but also to the creation of another space of identity and political participation, deeply connected to the various electronic forms of interaction and informational exchange. In short, we are witnessing, nowadays, the rise of a different form of identity and of political participation. //

REFERENCES

- Abramson, M. A. & Therese L. (Eds) (2003). *E-Government 2003*. Oxford: Rowman & Littlefield.
- Becerra, M. (2003). *Sociedad de la información: proyecto, convergencia, divergencia*. Col. Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación. Buenos Aires: Norma.
- Alianza- Movimiento (2011). Retrieved from <https://www.linkedin.com/groups/ALIANZA-J%C3%B3venes-Espa%C3%B1oles-Descendientes-Uruguay-4240829/about>.
- Beck, U. (2003). Toward a new critical theory with a cosmopolitan intent. *Constellations*, 10, 453-468.
- Beck, U. (2006). *The cosmopolitan vision*. Cambridge: Polity.
- Beck, U. & Sznaider, N. (2006). Unpacking cosmopolitanism for the social sciences: A research agenda. *British Journal of Sociology*, 57, 1-23.
- Beck, U. & Grande, E. (2010). Varieties of second modernity: The “cosmopolitan turn” in social and political theory and research. *British Journal of Sociology*, 61, 409-443.
- Benhabib, S. (2004). *The rights of others: Aliens, residents and citizens*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Bernal, P. (2004, outubro). *La interfaz: un dispositivo de comunicación para posibilitar la interacción entre las comunidades*. Comunicação apresentada no VII Congreso Latinoamericano de Ciências da Comunicação, Argentina.
- Bimber, B. (1999). The Internet and citizen communication with Government: Does the medium matter?. *Political Communication*, 16(4), 409-428.
- Boltanski, L. & Chiapello, E. (2002). *El nuevo espíritu del capitalismo*. Madrid: Akal.
- Castells, M. (2004). *La era de la Información, economía, sociedad y cultura, Vol. 1 La sociedad red*. México: Siglo XXI.
- Chang, K.S. (2010). The second modern condition? Compressed modernity as internalized reflexive cosmopolitization. *British Journal of Sociology*, 61, 444-464.
- Chen, H. Brandt, B., Gregg, V., Traunmueller, R., Dawes, S. Hovy, E. Macintosh, A. & Larson, C. (Eds.) (2007), *Digital government: E-Government research, case studies, and implementation*. Nova York: Springer.
- Comité de Ministros (2009). *Recomendación cm/rec (2009). 1 del Comité de Ministros a los Estados miembros sobre la democracia electrónica (e-democracia)*. Adoptada por el Comité de Ministros el 18 de febrero 2009 en la reunión del 1049a Delegados de Ministros). Retrieved From http://www.coe.int/t/dgap/democracy/Activities/GGIS/CAHDE/2009/RecCM2009_1_and_Accomp_Docs/Recommendation%20CM_Rec_2009_1E_FINAL_PDF.pdf.
- Cruz, M. T. (2007). Espaço, media e experiência. Na era do espaço virtual e do tempo real. *Comunicação e Sociedade*, 12, 23-27.
- Danolo, D. (2009). Triangulación: Procedimiento incorporado a nuevas metodologías de investigación. *Revista Unam* 10, 8. Retrieved from <http://www.revista.unam.mx/vol.10/num8/art53/art53.pdf>.
- De Kerckhove, D. (2005). Los sesgos de la electricidad. *Lección inaugural del curso académico 2005-2006 de la UOC*. Retrieved From <http://www.uoc.edu/inaugural05/esp/kerckhove.pdf>.
- Díaz-Tendero, E. (2010). Matriz de acción estatal e intereses ciudadanos ¿Qué puentes tenemos?. *Le Monde diplomatique*. Retrieved from <http://franceamsud.org/site/images/stories/pdf/publicaciones/96-Democracia-elec.pdf>.
- Diminescu, D. (2008). The connected migrant: an epistemological Manifesto. *Social Science Information*, 47 (4), 565-579.
- Duchesne, S. & Muller, P. (2003). Représentations croisées de l'État et des citoyens. In Pierre Favre, Yves Schemel & Jack Hayward (Eds.). *Être Gouverné: Études en L'Honneur de Jean Leca* (pp. 35-51). Paris: Presses de Sciences Po.
- Escobar, A. (2000). Welcome to cyberia: notes on the anthropology of cyber cultura. In David Bell & Barbara M. Kennedy (Eds.), *The Cybercultures Reader* (pp. 56-76). London and New York: Routledge.
- Finkelievich, S. (2000). *¡Ciudadanos a la red! Los vínculos sociales en el ciberespacio*. Buenos Aires: Ciccus/La Cruja.
- Georgiou, M. (2010). Identity, space and the media: Thinking through diaspora. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 26(1), 17-35.
- Gómez, E. (2003). *Cibersexo ¿la última frontera del eros? Un estudio etnográfico*. México: Universidad de Colima.
- Graham, St. & Marvin, S. (2001). *Splintering urbanism*. Londres: Routledge.

- Gronlund, A., ED., (2002). *Electronic government: Design, applications and management*. Londres: Idea Group Publishing.
- Hindman, M. (2009). *The myth of digital democracy*. Princeton: Princeton University Press.
- Kroes, R. (2000). *Ciudadanía y globalización*. Valencia: Cátedra.
- Layne, K. & Lee, J. (2001). Developing fully functional e-government: A four stage model. *Government Information Quarterly*, 18(2), 122-136.
- Maharaj, S. (2010). Small change of the universal: Beyond modernity? *British Journal of Sociology*, 61, 565-578.
- Marea Granate (2013). *Manifiesto*. Retrieved From <http://mareagranate.org/>.
- Margetts, H. (2009). Public management change and e-Government: The Emergence of digital era governance”, In Chadwick, A. & Howard (Eds.), *The Handbook of internet Politic* (pp. 114-128). Londres: Routledge.
- Martín Barbero, J. (2007). Tecnicidades. Identidades, alteridades, des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Diálogos de la Comunicación*. Retrieved From http://www.olavarria.com/ciudad/universitarios/biblioteca/descargas/b/martin_barbero1.pdf.
- Mattelart, A. (2003). *Geopolítica de la cultura*. Bogota: Desde Abajo.
- Mattelart, A. (2007). *Historia de la sociedad de la información*. Barcelona: Paidós.
- Molina, J. L. (2001). *El análisis de redes sociales: una introducción*. Barcelona: Bellaterra.
- Nedelcu, M. (2009). *Le migrant online. nouveaux modèles migratoires à l'ère du numérique*. Paris: L' Harmattan.
- Nieto Enrione, M. (2010). El doble click a la democracia electrónica: refocalizando las visiones en Democracia Electrónica ¿Qué desafíos para América Latina? *Le Monde Diplomatique*, 49-51. Retrieved from <http://franceamsud.org/site/images/stories/pdf/publicaciones/96-Democracia-elec.pdf>.
- Olivera, M.; Lema, F.; Morales, MJ.; Simon, E. & Ferreira, T. (2014). *Estudio de los movimientos migratorios recientes de España a Uruguay. Nuevos espacios tecnológicos, geográficos y sociales de vinculación*. Montevideo, Uruguay: Fundación Polo Mercosur y Dirección General de Migraciones de España.
- Olivera, M. N. (2011). *E-migración. Las TIC como herramienta de gestión de las políticas de inmigración en Cataluña*, Dissertação de Doutorado, Universidade Autónoma de Barcelona, Barcelona, Espanha. Retrieved From <https://www.educacion.gob.es/teseo/mostrarRef.do?ref=944310>.
- Olivera, M. N. & Vancea, M. (2013). E-migrant women in Catalonia: Mobile phone use and maintenance of family. *International Journal of Journal, Gender, Technology and Development*, 17, 179-203.
- Olivera, M. N. (2013a). E-migración: las TIC como herramienta de gestión de las políticas de inmigración en Cataluña. *Revista Eletronica Eptic On Line*. Retrieved From <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4253519>.
- Olivera, M. N. (2013b). La e-migración: un nuevo espacio para pensar la retórica de la integración en las políticas migratorias. *Revista Científica en Comunicación y Nuevas Tecnologías. ICONO*, 14, 233-251.
- Olivera, M. N. (2013c). “E-Migration: a new configuration of technological, geographical and social spaces. *International Journal of e-PoliTIC (IJEP)*, 4, 18-31.
- Olivera, M. N. (2014). E-migración ¿Nuevos actores, espacios y políticas?. *ODISEA-Revista de Estudios Migratorios*, 1, 1-21.

- Olivera, M. N., Lema, F. & Dávalos O'Neil, C. (2014). Redes transnacionales: Red Uruguay Encuentro. Nuevo espacio tecnológico, geográfico y social. *Revista de Ciencias Sociales*, 26 (33), 121-136.
- Portes, A.; Guarnizo, L. & Patricia L. (1999). The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field. *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2), 217-337.
- Rheingold, H. (1996). *La comunidad virtual*. Barcelona: Gedisa.
- Schnapper, D. (2001). De l'état-nation au monde transnational. Du sens et de l'utilité du concept de diaspora. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 17 (2), 9-36.
- Sierra, F (2006). *Final report: New information technologies, participation and active citizenship*. Retrieved From <http://pt.slideshare.net/FranciscoSierraCaballero/sierra-for-servaes>.
- Subirats, J. (2013). Internet y participación política. Nuevos actores?, nuevos desafíos? *Revista de Ciencias Sociales*, 26 (33), 55-72.
- Tremblay, G. (2003). La sociedad de la información y la nueva economía. Promesas, realidades y faltas de un modelo ideológico. *Telos*, 54, 16-23.
- Vertovec, S. (1999). Conceiving and researching transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2), 447-62.
- Vertovec, S. (2009). *Transnationalism*. London and New York: Routledge.
- Webster, F. (2006). La sociedad de la información revisitada. *Biblioteca Universitaria*, 9, 22-44.

Translation into English by Flávia Serafim

BIOGRAPHICAL NOTE

Mauricio Nihil Olivera is titular professor at the University of the Republic, in Uruguay. His research interests relate to new communicative realities, spaces of civic intermediation as its forms of organization and vinculation, within the context of the Information Society, also considering internet intervention, as well as technologies of information and communication.

E-mail: mauricio.nihil@fc.edu.uy

Universidade da República, Instituto de Comunicação, Calle José Leguizamón 3666, Montevideo, Uruguay.

* Submitted: 18-06-2015

* Accepted: 21-07-2015

MIGRAÇÕES SONORAS EM PORTUGUÊS: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DA DIÁSPORA PORTUGUESA NA RÁDIO BRASILEIRA

Teresa Alves

Resumo

A língua portuguesa é uma língua de múltiplas sonoridades. Nos diversos sotaques dos vários povos que falam português, torna-se evidente a prevalência da sonoridade da língua portuguesa como característica definidora. A rádio, como meio de raiz sonora, representa essa diversidade da língua que constitui a sua diferença. Vários são os programas de rádio sobre cultura portuguesa produzidos para a diáspora. Neste artigo, analisaremos os casos dos programas produzidos no Brasil para a diáspora portuguesa: o seu diferencial estratégico, a sua capacidade de representação da cultura portuguesa e a forma como se relacionam com a diáspora e as comunidades emigrantes e lusodescendentes. Tendo em conta que Portugal e o Brasil são os universos em questão, esta análise será realizada após uma reflexão sobre relações pós-coloniais entre os dois países, tendo por base os princípios fundadores do pensamento descolonial.

Palavras-chave

Rádio; diáspora; cultura lusófona; fluxos migratórios

INTRODUÇÃO

Observar as migrações como produtos culturais de um mundo globalizado remete-nos para um olhar sobre os média e a forma como estes têm acompanhado a história das migrações. Partindo desta urgência, este artigo propõe realizar uma reflexão sobre a relação entre o poder mediático da rádio, a diáspora portuguesa e a cultura lusófona em contexto migratório. Por se tratar de um organismo vivo, em mutação, observaremos as diferenças nas relações das distintas gerações da diáspora com os programas de rádio produzidos para a comunidade emigrante que versam produtos culturais lusófonos, tendo em consideração, não só a sua relação com o modelo tradicional da rádio em FM, como também a crescente digitalização dos modos de vida das sociedades globalizadas. Se, por um lado, o FM parece ainda apresentar um índice relevante de escuta e níveis elevados de fidelização do ouvinte, por outro, o digital parece a fonte principal de ligação mediatizada ao país de origem destas comunidades.

O fenómeno da globalização encontra na imagem do mapa-múndi um dos seus principais “eikons”, tratando-se de uma das representações mais reveladoras sobre a forma como o ser humano se entreolha através da dimensão geográfica. O planisfério foi desenhado de acordo com a projeção de Mercator, realizada em 1569, a qual tem sido a mais utilizada até aos dias de hoje. Não está isenta de críticas, devido tanto à sua visão eurocentrista – dispendo a Europa no centro – como à distorção das dimensões reais dos continentes, conferindo um maior impacto visual não só à Europa mas também

aos Estados Unidos. A forma como imaginamos a configuração geográfica do planeta, apesar de pretender ser uma imagem universal e objetiva, transversal à totalidade das nações, representa um pensamento configurado de acordo com o ponto de vista da cultura hegemónica que impera no mundo contemporâneo: a do Ocidente e a do Norte.

Assumimos, como princípio, que esta enunciação da forma como observamos a disposição dos continentes no mapa planetário revela, por si só, um ângulo de ocidentalização do mundo. Por isso, podemos considerar que, desde a conclusão do projeto da descolonização europeia, nos anos 70, alguns países têm sido “remapeados”. Este remapeamento tem acontecido através de processos de reocidentalização e desocidentalização. A reocidentalização tem acontecido um pouco por todo o mundo, desde a ascensão da cultura norte-americana como cultura hegemónica na segunda metade do século XX. Foi naturalmente acelerada pela Internet, que fez chegar referências dos Estados Unidos a qualquer ponto do planeta, massificando as possibilidades de adoção de uma cultura *mainstream* por países onde o acesso à informação era mais recôndito.

Já o processo de desocidentalização ocorreu, fundamentalmente, nas economias em vias de desenvolvimento que surgiram nesta nova configuração mundial do pós-colonialismo. Organizações económicas como a dos BRICS¹, que reúnem economias poderosas, níveis de desenvolvimento cada vez mais próximos dos ocidentais e esferas políticas distintas, constituem um exemplo de organização descolonialista: não possuem uma língua, história ou memória cultural comuns, apenas partilham uma ideia de um passado de incursões por parte do mundo ocidental. Enquanto grupo de nações geoestratégicas do Sul – ao contrário de outras organizações como o G7 ou o G8 –, assumem uma posição de desafio às economias historicamente mais estabelecidas do Norte.

Os objetivos dos processos de reocidentalização e de desocidentalização revelam um anseio de desprendimento face ao modelo hegemónico representado pelos países colonizadores (Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Alemanha) e seus materialismos sonoros: as respetivas línguas. Descolonizar e, conseqüentemente, desocidentalizar a cultura partiria de procedimentos linguísticos e cognitivos não ocidentais, e desocidentalizar a cultura tornar-se-ia ainda mais premente no ato da descolonização do que alterar o *status quo* económico e político (Mignolo, 2013).

Nestes termos, tendo em consideração o seu passado histórico, as duas referências culturais deste artigo – Portugal e Brasil – pertencerão, até certo ponto, a planos distintos de enquadramento hegemónico do pensamento colonialista. Portugal estaria no plano reocidentalizado do Norte, isto é, culturalmente reconfigurado pela influência quase global dos Estados Unidos, enquanto país geográfica e politicamente coligado ao capitalismo globalizante. Neste sentido, o Brasil encaixar-se-ia no plano desocidentalizado do Sul, particularmente no contexto das economias latino-americanas de inspiração socialista. Contudo, também teremos que ter em consideração a crescente penetração

¹ BRICS é o acrónimo inglês para o seguinte conjunto de países: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (“South Africa”). Este conjunto de países constitui cerca de 30% da totalidade de riqueza do mundo (RT, 2014) e são consideradas as mais poderosas economias emergentes do planeta, todas elas enquadradas pela teoria dos Estudos de Área na região em desenvolvimento do Sul (apesar de tanto a Rússia como a China se encontrarem, geograficamente, no hemisfério Norte).

da cultura *mainstream* norte-americana no Brasil, especialmente na “nova” classe média, alargada e solidificada durante a legislatura de Lula da Silva². Esta tendência globalizante explica-se não só pelo crescente acesso da classe média emergente ao crédito, e consequentemente, a produtos tecnológicos da sociedade digital (computadores, *tablets* e *smartphones*, entre outros) que lhes foram permitidos pelo aumento generalizado do poder de compra.

Neste artigo teremos por princípio um olhar descolonizador do pensamento e, consequentemente, adotaremos como linha condutora de reflexão o paradigma do giro descolonial do grupo Modernidade/Colonialidade³. O giro descolonial assenta no princípio fundador da descolonialidade, isto é, na tarefa analítica de revelar a lógica de colonialidade e a tarefa prospetiva de contribuir para a construção de um mundo no qual diversos mundos e conhecimentos coexistem e do qual emerge uma sociedade política global que se desconecta no momento atual de reocidentalização e desocidentalização (Mignolo, 2010). Apenas tendo por base este direito à igualdade dos dois países alvo de estudo de caso, Portugal e Brasil, não superiorizando o colonizador, nem reprimindo o colonizado, poderemos olhar para a diáspora e suas representações culturais nos média com a segurança de não perpetuar a história como pensamento dominante e abrangente em todas as vertentes do ser humano.

Mignolo (2013) dá a entender que o senso comum pressupõe que pessoas que não têm quase nada em comum e que apenas se relacionam por e para interesses económicos não podem permanecer juntas por muito tempo. Tomando este argumento de Mignolo como premissa, poderá o espaço comum entre Portugal e Brasil – a Lusofonia – existir como espaço de partilha cultural e de enraizamento de diásporas de características diversas? Deveremos assumir a existência de uma cultura lusófona ou, por outra, apenas de um conjunto fragmentado de culturas provenientes de países de expressão portuguesa? E serão os programas de rádio dedicados à diáspora portuguesa no Brasil uma continuidade da lógica da colonialidade e da retórica da modernidade de que fala Walter Mignolo?

Estas questões de investigação serão esclarecidas na análise comparativa dos modelos de rádio nos dois países alvo de estudo de caso, tendo em consideração a sua atualidade económica e política e a sua influência na radiodifusão da cultura lusófona.

2 Cerca de sete milhões de brasileiros migraram das classes D e E para a classe C apenas entre os anos de 2005 e 2006 (Canzian, 2007). Estima-se que, durante os dois mandatos de Lula da Silva enquanto Presidente da República do Brasil, a classe média tenha crescido 14%, o que corresponde a uma migração social de cerca de 35 milhões de pessoas (IBGE, 2013).

3 O giro descolonial é um princípio fundador proposto pelo grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), rede de pensadores latino-americanos, maioritariamente radicados nos Estados Unidos, formada no final da década de 90 a partir do Grupo de Estudos Subalternos Latino-americanos, fundado em 1992. O grupo M/C não se assume como pós-colonialista latino-americano, mas sim como adepto de um resgate ao pensamento político latino-americano do século XIX. Segundo Mignolo (2010), a “colonialidade” é o lado sombrio e constitutivo da modernidade eurocêntrica. Dentro deste sentido de modernidade, encontramos o da colonialidade, conceitos considerados como partes inseparáveis do mesmo fenómeno e que surgem em simultâneo com os Descobrimientos (Faria & Wanderley, 2013). A “descolonialidade” é, para o autor argentino um fenómeno de libertação e de percepção de que “a sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo e quem não quer assimilar ou aceitar resignadamente a má sorte de ter nascido igual a todos os seres humanos, mas ter perdido essa igualdade logo após ter nascido por causa do local em que nasceu” (Mignolo, 2013, p. 135). O giro descolonial posiciona-se a favor de argumentos que sugerem a necessidade de considerar a emergência do mundo moderno nas histórias mais latas do colonialismo, império e escravatura.

Nas páginas seguintes, aprofundaremos o conceito de diáspora, afluindo o papel da rádio na ligação das comunidades emigrantes ao seu país de origem, e concretizaremos esta reflexão através da análise de programas de rádio dedicados à cultura lusófona e à música em língua portuguesa, tanto em Portugal como no Brasil. A expressão da Lusofonia nas rádios públicas portuguesa e brasileira será avaliada através da mediatização de elementos pertencentes à cultura lusófona, nas suas diversas dimensões artísticas: observação da presença da música brasileira e portuguesa na rádio; realização de entrevistas a profissionais de rádio e investigadores do campo dos Estudos de Rádio em ambos os países; e participação em debates sobre a expressão da Lusofonia e outros acontecimentos que tornem presente o espaço supranacional lusófono na radiodifusão portuguesa e brasileira.

Neste artigo, espera-se potenciar o ponto de vista da descolonialidade sobre o tema da diáspora portuguesa no Brasil, num espaço geográfico em que os eixos da colonialidade e da migração se têm invertido e revertido ao longo dos séculos e das décadas. É objetivo deste artigo afluinar o conceito de Lusofonia enquanto espaço colonizador – por se tratar de um espaço fundado nas epistemologias do Norte *versus* Sul – e colonizado – por ser uma união linguística que tem redundado num aglomerado de países que discutem transações financeiras e comerciais no mesmo idioma. Um dos objetivos deste trabalho será também olhar para a rádio como agente mediático com capacidade descolonizadora, dada a sua capacidade de adaptação tecnológica, flexibilidade técnica, transversalidade na distribuição e menor permeabilidade a interesses económicos. Por se tratar de um meio de comunicação com menor poder de influência da opinião pública, trata-se, portanto, de um meio com menor interesse para os poderes instalados.

Para estudar os fluxos migratórios, as diásporas e sua interação com a rádio, foram realizadas entrevistas pessoais a vários atores sociais relevantes para o tema no Brasil, nomeadamente apresentadores e produtores de rádio, ouvintes e teóricos da comunicação. Este trabalho de campo, acompanhado de observação participante e não-participante, decorreu entre janeiro de 2014 e janeiro de 2015.

Por fim, este artigo começará por refletir sobre o conceito de cultura lusófona e a contribuição dos movimentos migratórios para uma certa perceção de Lusofonia, prosseguindo, depois, para uma análise mais aprofundada do meio rádio e dos programas de rádio sobre cultura lusófona e cultura portuguesa produzidos e emitidos no Brasil.

FLUXOS MIGRATÓRIOS NO ESPAÇO E CULTURA LUSÓFONOS

Pensar a identidade portuguesa à luz da sua cultura, erguendo a ponte entre o passado e o presente, é necessariamente pensar as “interidentidades do espaço da língua portuguesa” (Santos, 2003, p. 8), pensar o espaço extra-fronteiriço erguido por Portugal através do património linguístico que ergueu. Como referido anteriormente, o enquadramento teórico do presente argumento é o pensamento descolonial e o que Baptista designa por “reflexão colonialista/pós-colonialista/descolonialista” (Baptista, 2013, s.p.). Apenas no lugar simbólico da descolonialidade (Grosfoguel, 2007; Maldonado-Torres,

2012; Mignolo, 2010) encontramos os conceitos necessários à análise do objeto de estudo do presente trabalho: a diáspora, as comunidades emigrantes, sentimentos de pertença a um país ou nação, a cultura local sem sobreposição de uma cultura dominante.

A língua portuguesa é observada por Portugal como o grande legado das fronteiras territoriais do pós-colonialismo. No entanto, o que é unido através da língua é dividido pela cultura; e o que é dividido pela cultura é acrescentado pela mistura, pela mescla inter-racial, pela miscigenação (Holanda, 1976; Freyre, 1947; Munanga, 2008). Assim, também as culturas *fuzzy*⁴ (Santaella, 2011) são um produto da amplitude deste espaço da Lusofonia: “novas sínteses lusófonas – nas raças, nas artes, na vida” (Chaparro, 2000, s.p.). Desde o fim do regime salazarista, e até meados da primeira década do século XXI, Portugal experienciou a passagem de ventos migratórios em direção ao seu território, invertendo a corrente dos Descobrimentos:

É nas diferenças (entre histórias, entre culturas, entre pessoas, entre grupos) que a Lusofonia se manifesta, se realiza. E é na observação lúcida, criativa, das diferenças que desenvolveremos a capacidade de descobrir o outro, de compreendê-lo e de interagir com ele. As diferenças aparecem nas cidades, nas vilas, nas aldeias. É na delimitação local, pela presença e intervenção humana, que a história se constrói e ganha rumos. Pois quis a história que, nos anos recentes, Portugal se tornasse o espaço atrator das diferenças. E isso graças à inversão dos fluxos migratórios, africanos, brasileiros, timorenses, falantes de língua portuguesa de todos os quadrantes buscam Portugal para fazer e refazer vidas, em interações nem sempre cordiais mas sempre transformadoras. (Chaparro, 2000, s.p.)

Os Descobrimentos, com o leme português na vanguarda da descoberta territorial do planeta, iniciaram, portanto, o primeiro empreendimento da globalização (Rodrigues & Devezas, 2009) apesar de o terem realizado de forma descontinuada, dada a inexistência de canais de comunicação que o solidificassem e sistematizassem. Nesta época, as possibilidades construtivas da globalização – além da aprendizagem sobre o Outro do além-mar, o início da transferência de conhecimento para outras partes do mundo e a disseminação da informação – iniciaram uma tentativa de padronização e standardização dos elementos simbólicos das culturas locais. A globalização representa também um conjunto extraordinário de possibilidades que se apoiam em factos radicalmente novos entre os quais sobressaem dois: a enorme e densa mistura de povos, raças, culturas e gostos que — embora com grandes diferenças e assimetrias — se estão a produzir em todos os continentes, fazendo emergir, com muita força, outras cosmovisões que põem em crise a hegemonia do racionalismo ocidental; e as novas tecnologias que estão a ser crescentemente apropriadas por grupos de setores subalternos possibilitando-lhes uma verdadeira “vingança sociocultural”, isto é, a construção de uma contra-hegemonia ao longo e ao largo de todo o mundo (Martín-Barbero, 2014).

⁴ *Fuzzy*, palavra do universo linguístico anglo-saxão, pode ser traduzida por encoberto, nublado, tremido, indistinto.

A assunção de Portugal enquanto marco geodésico do espaço lusófono, devido ao facto de se constituir como o terreno berço da língua portuguesa, gerou uma série de equívocos em relação à Lusofonia e ao conceito de “portugalidade”. Apesar da sua aparente filosofia construtivista de união numa era de globalização, o espaço lusófono não é um lugar isento de alguns equívocos (Martins, 2014). Em síntese, e de acordo com o que foi já adiantado, o equívoco da centralidade portuguesa, cuja ideia de imperialismo era um dos sustentos do regime salazarista; o da reconfiguração de narrativas desse antigo império numa base neocolonialista; o do luso-tropicalismo, assente no conceito de colonialismo “suave”; e finalmente o equívoco da “narrativa de uma história do ressentimento (...) a pretexto de resgatar a memória de um passado colonial” (Martins, 2014, pp. 26-27).

Por conseguinte, de forma a esclarecer todos estes equívocos e a retirar a Lusofonia dos lugares exclusivos da diplomacia, da política e das transações económicas, “necessitamos de uma política da lusofonia, porque não somos ainda lusófonos” (Couto, 2009, p. 96). Por todos estes motivos, uma política da Lusofonia terá necessariamente de ser estruturada como uma política cultural e não de carácter puramente comercial ou economicista:

Bem, cultura é o modo como o homem se articula com o seu real, isto é, sua singularidade, sua unicidade. É a produção do sentido que faz com que um grupo seja ele próprio e não outro, implicando sempre criação e reprodução de símbolos. Um poema de Drummond, um quadro de Portinari, uma narrativa de Guimarães Rosa, um ritual popular, uma moda, são diferentes apropriações simbólicas do real. São fatos geradores de sentido, acontecimentos culturais. Nada disso é estranho à instância do poder – e de modo mais acentuado na moderna sociedade ocidental. A cultura está inscrita nos fatos socioeconómicos e serve também à reprodução das relações sociais, impondo (ideologicamente) as normas de adaptação dos indivíduos à economia dominante, legitimando estruturas hegemónicas. (Sodré, 1991, p. 39)

Este retrato é próprio dos fluxos culturais vigentes na Lusofonia, onde as relações entre estados nacionais são, elas próprias, atravessadas por elementos das culturas locais, nacionais e, também, da cultura mundial. Tratam-se de nações autónomas que se interrelacionam sem o distanciamento provocado por ideia premente de “estrangeiridade”, graças ao facto de se comunicarem através de um mesmo idioma. A cultura lusófona assenta, pois, nesta característica essencial: a partilha de uma mesma língua em *frames* culturais⁵ distintos, materializando-se numa lógica de rede, ou seja, de transposição de fronteiras através das mais variadas plataformas de comunicação, cujos conteúdos são acessíveis a todos os que dominam a língua formal do seu país. Tendo em conta que este trabalho se foca no meio rádio, considera-se como rede o espaço sonoro transmitido pelas ondas hertzianas e também pela internet através das webrádios.

⁵ “*Frame* cultural” constitui o conjunto de práticas ou representações culturais relacionadas com situações da vida quotidiana experienciadas pelos seus possíveis integrantes (Goffman, 1974).

Tal como o paradoxo que caracteriza as culturas dos países do Sul, também o acesso à cultura, na lógica da globalização, exerce uma dupla função dicotómica. Por um lado, reafirma a posição das elites a quem é permitido o acesso às indústrias culturais; por outro, facilita este acesso às camadas menos prestigiadas da sociedade, através de espetáculos culturais gratuitos. A cultura é também formatada pelos processos históricos e científicos, no sentido de a ciência ser capaz de responder a necessidades sociais através de novos modelos; a consciência cultural e a evolução histórica expressam o dinamismo e a historicidade do ser humano (Ortega & Gasset, 1983).

O fenómeno da popularização no acesso da comunicação gera a massificação da cultura. Para os pensadores da Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer, a intensa verticalização do processo e seu carácter doutrinador pode ser mais bem apreendido pela ideia de indústria cultural. Coerente com a sua crítica ao carácter paralisador das proposições da escola de Frankfurt, Umberto Eco opta pelo uso do termo “cultura de massa”. No entanto, Eco percebe a necessidade da opção por uma das formulações para que se possa discutir a questão da cultura contemporânea. “As culturas populares são, por definição, culturas de grupos sociais subalternos, construídas numa situação de dominação (Cuche, 2002, p. 148). Mas sendo a cultura, maioritariamente, difundida por indústrias culturais, grande parte do acesso a produtos culturais é mediado pela lógica capitalista, isto é, pelo pagamento de uma taxa por serviço prestado. A cultura é hoje um produto que, tal como os restantes elementos da sociedade de consumo, tem de ser vendável, e para tal, é-lhe exigido que seja um produto atrativo, sedutor, anunciado e, conseqüentemente, popularizado – e ambas as definições de “popular”, enquanto desejado, e “popular”, enquanto produzido pelo povo, são válidas. E esta democratização da cultura permite regressar à origem do conceito e à sua função primordial.

E é nesse organismo vivo que repousa a construção da Lusofonia, enquanto conjunto de países que, unidos pelo idioma, há muito foram separados pela história. Se, no passado, o espaço lusófono se constituiu graças a conquistas bélicas de território, hoje em dia essa conquista é realizada através de interações culturais que se tornam mais ou menos intensas de acordo com as relações económicas e políticas firmadas entre os países. Estas ligações entre o mundo lusófono parecem manter-se no nível do diplomático, da cultura na sua aceção original de definição de elite, de distanciamento do popular. Uma das perspetivas que segmenta o campo teórico que aqui se começa a construir, e que foi mencionada no final do capítulo anterior, relaciona-se com o pensamento de Paulo Freire (1979), que inspirou uma linha pedagógica de ação social e cultural como forma de libertação das estruturas opressoras: olhar a cultura como agente ativo na busca por uma identidade comum e, conseqüentemente, agente de desenvolvimento e mudança social.

Produtos culturais como a música, a dança ou a literatura, para se transformarem em produtos culturais mediatizados, devem enquadrar-se (não necessariamente, mas quase sempre) nesta lógica do produto vendável do marketing cultural. Contudo, há que ter em consideração o outro lado, a dimensão da cultura enquanto elemento revolucionário, de alteração do *status quo* (Bourdieu, 1987). Esta é também a ideia base do

nascimento do conceito de cultura no pós-Iluminismo: “[a cultura] Busca eliminar as classes; generalizar por toda a parte o melhor que se pensa e se sabe, fazer com que todos os homens vivam numa atmosfera de luz e doçura” (Arnold, 1869, p. 49). As tecnologias de informação e comunicação (TIC), na sua forte disseminação mundial, contribuíram também para a cristalização de fenómenos de cultura popular difundidos como nunca antes e, por esse motivo, cada vez mais standardizada.

Esta disseminação mediática provocou o aumento da visibilidade dos vários fenómenos de cultura popular, tal como os portugueses e suas caravelas haviam feito na época dos Descobrimentos. A cultura popular, graças também a esta expansão universal das TIC, é altamente visível: temos mais mecanismos de visibilidade em nossa posse, em comparação com os nossos antepassados – e, por isso, sabemos mais uns sobre os outros do que os que vieram antes de nós sabiam (Betts & Bly, 2004). Além disso, a visibilidade do Outro, potencializada pela propagação e consumo de energia elétrica que aciona o ecrã (o mais importante sistema mediador da comunicação digital), torna-se, com as TIC, dialética, já que estes dispositivos estão cada vez mais preparados para a interatividade. A visibilidade do Outro ocorre numa lógica de “demografia das superfícies” (Betts & Bly, 2004, p. 7), em que a eletricidade e o *wifi*, moderados pelo ecrã, fazem com que a cultura seja cada vez menos tangível e mais partilhável. Mais, mais rápido e mais nítido parece ser o atual *leitmotiv* da relação entre média e cultura popular.

No entanto, ao regressarmos ao paradigma da palavra, e não do *eikon*, enquanto base da comunicação mediática, readotamos o elemento que sempre fez com que a diáspora se cristalizasse na sua nova morada sem perder as referências ao país de origem: a língua. Etimologicamente, “Lusofonia” indica a existência de um fonema luso – um fonema polimórfico, com múltiplos sotaques, diversas formas de escrita e, até, distintos significantes. “O espaço da lusofonia, não tanto o seu óbvio sentido linguístico, mas como espaço cultural, é um espaço se não explodido, pelo menos multipolar, intrinsecamente descentrado” (Lourenço, 1999, p. 188). A própria pluri-sonoridade da língua portuguesa, falada nos vários sotaques da africanidade, da brasilidade ou até da língua galaica, da qual historicamente descende, remete-nos para uma polifonia do sentido: a presença de outros textos dentro de um texto (Bakhtin, 1999) ou, neste caso, os vários subtextos revelados pelos sons em que são pronunciadas as palavras de um mesmo texto numa mesma língua, a portuguesa. É para o patamar do som que seguiremos, agora, rumo à construção de uma reflexão sobre a penetração da rádio nas comunidades lusodescendentes no Brasil.

A RÁDIO COMO AGENTE DE CULTURA POPULAR

A transmissão massiva de elementos identitários de determinado povo ou comunidade transformou a cultura popular em cultura mediatizada. Já nos anos 80 nos tínhamos dado conta, com Baudrillard (1987), da profunda relação entre o ser humano e o ecrã, painel de controlo da interseção de uma rede de influências que nele penetram. Esta relação mediática, ou mediatizada (acreditando na assunção de que os meios de

comunicação de massas se encontram de tal forma institucionalizados na vida dos indivíduos da sociedade moderna que são, eles próprios, geradores de acontecimentos e não apenas veiculadores), encontra-se próxima do que o autor designou por “*ecstasy da comunicação*” (1987), um estado de obscenidade, já que põe a nu toda a criação do ser humano, registrando segundo a grafia do porno a liberdade de expressão do indivíduo.

Nesta prevalência do espetáculo, a rádio parece viver à margem, já que a sua componente visual pertence ao campo do imaginário e não ao do ecrã. A rádio é também considerada o meio tradicional que melhor se adaptou ao novo paradigma da comunicação, por se tratar de um meio sonoro de uma imensa flexibilidade. A rádio, dadas as suas características essenciais – como a ausência da imagem projetada, a intimidade do som através das dinâmicas da voz e até a forma como são medidas as audiências de rádio⁶ –, assume-se como um meio que ainda reitera alguma demora nos processos, em comparação com a instantaneidade dos dispositivos móveis. No meio rádio, o que realmente tem sido acelerado pelas TIC é a interatividade entre emissores e recetores. A rádio é produtora e retransmissora de cultura popular. Apesar de se tratar, efetivamente, de um moderador entre falante e ouvinte, não havendo lugar físico para uma troca simbólica entre emissor e recetor (Sodré, 1991), existe sim um espaço para uma interação mediada por outros meios ou plataformas tecnológicas: carta, telefone, correio eletrónico, redes sociais, entre outros.

Os programas de rádio produzidos para comunidades da diáspora inserem-se nesta perceção de “mediapaisagem” (Appadurai, 1996) enquanto conjunto de “comunidades imaginadas desterritorializadas” (Anderson, 2005). Ao incluir-se neste fluxo de desterritorialidade, própria deste género de produção radiofónica em que o público-alvo do programa se encontra ele próprio deslocado do seu país de origem, o objetivo do programa é, em si mesmo, “reterritorializar” a comunidade emigrante na cultura do país que deixou. A proximidade emocional e afetiva, característica própria aliás da rádio, é reproduzida através da exaltação da cultura portuguesa, tom premente neste elemento radiofónico. O meio sonoro, materializado no meio radiofónico, parece adensar a comoção relacionada com o país que é deixado, o pensamento nostálgico sobre a nação que se perde no momento da emigração.

O conceito appaduriano de “mediapaisagem” (*mediascapes*) que se refere, tanto à distribuição das capacidades eletrónicas de produzir e disseminar imagens (jornais, revistas, estações de TV e estúdios cinematográficos) (...), como às imagens do mundo produzida por esses meios” (Appadurai, 1996, p. 35) – apoia-se numa perspetiva otimista sobre o papel dos média na devolução do espaço perdido por essas comunidades desterritorializadas. Esta devolução é executada através da difusão global de conteúdos através de dispositivos tecnológicos de comunicação que facilitam – ou até permitem – a veiculação destes conteúdos para comunidades fisicamente distantes. Já numa perspetiva mais negativa encontra-se Meyrowitz (1985), para quem os média têm vindo a

⁶ Em Portugal, as audiências de rádio são medidas através do método de entrevista telefónica, realizando-se num sistema de vagas, de dois em dois meses. Os indicadores medidos através do Bareme Rádio (o nome do estudo em Portugal, realizado pela Marktest) são a Audiência Acumulada de Véspera (AAV), o Share e o Reach Semanal.

criar comunidades sem “sentido de lugar”, o que dificultaria o fenómeno de constituição de uma comunidade diaspórica e dos sentimentos de pertença e de autorrepresentação comuns que esta implica (Cahen, 2013). A característica de afetividade, de proximidade para com o ouvinte por parte da rádio consegue reproduzir, através da sua génese de instância mediática, a localidade da cultura do país de origem – *versus* a globalidade – procurada pelas comunidades ausentes do seu país de nascimento, assegurando também a “relocalidade” do país onde se encontram:

E hoje penso que a localidade é um lugar onde os processos de circulação, ou seja, as alterações constantes acontecem de modo a produzir o quotidiano – uma outra palavra muito importante e que tem imenso que ver com o afeto, com o sentimento, com a subjetividade. Reformulando, creio que os sujeitos produzem o local ou o quotidiano, e a localidade é produzida pelos sujeitos. Existe um círculo que, hoje em dia, não pode ser entendido a não ser no contexto desta circularidade de elementos. A localidade torna-se assim como que uma apropriação de, se quisermos, elementos circulantes e globalizados de pessoas que produzem a sua subjetividade a par da sua localidade. (Appadurai, 2009, p. 134)

Nos países em que se centra esta análise – Portugal e Brasil – podemos considerar que existem fenómenos consistentes derivados da instituição de uma diáspora (brasileira e portuguesa, respetivamente). A representação cultural desses fenómenos acontece, por exemplo, através da encenação do folclore português em eventos da comunidade emigrante portuguesa em São Paulo⁷. Esta seleção de elementos culturais veiculados nos círculos da diáspora portuguesa no Brasil remete-nos para o conceito de “alteridade”: a abertura à descoberta do outro é a única forma de compreensão das repercussões da cultura lusófona no tempo de globalização do pós-colonialismo (Chaparro, 2000), em que os fluxos migratórios inverteram as rotas que originaram as fronteiras territoriais da Lusofonia:

É na perspetiva da localização do global, que muitos autores, nomeadamente Barker, fala de complementaridade entre mercados globais e mercados regionais dos Media, entendendo-a como um movimento importante de regionalização, com base na língua, na cultura e história comuns. Tal fenómeno, no interior da globalização, refletiria o acentuar das diferenças culturais (“cultural discount”), mas ao mesmo tempo, esta complementaridade proporciona a rentabilização económica e simbólica dessas diferenças culturais, através da criação de nichos de mercado e de desenvolvimento ancorados na língua, na história e imaginários partilhados. Estes produtos mediáticos e mediatizados funcionariam, simultaneamente, como agentes de globalização - ao proporem comportamentos, formas de consumo e

⁷ O festival de folclore português da Adega da Lusa, na Associação Portuguesa de Desportos; as atividades da Casa de Portugal de São Paulo; entre outros.

valores simbólicos globais - e de aprofundamento regional, recuperando ou reforçando espaços simbólicos e culturais locais. (Ferin, 2007, p. 102)

Será a atual formulação ontológica da cultura lusófona uma representação mimética da cultura pós-colonialista portuguesa, ou aproximar-se-á um pouco mais do conceito de “descolonialismo”?

REPRESENTAÇÕES DE PORTUGAL NA RÁDIO PRODUZIDA PARA A DIÁSPORA PORTUGUESA: CONTEXTUALIZAÇÃO E O CASO BRASILEIRO

Um dos primeiros programas de rádio realizados em Portugal para a diáspora portuguesa foi na Emissora Nacional, em 1937. Denominava-se “Meia hora da saudade” e tinha como público-alvo, inicialmente, os pescadores da frota bacalhoeira nos mares da Terra Nova, depois a comunidade emigrante e, durante a guerra colonial, os soldados que combatiam em África: “Há milhares de almas espalhadas pelo mundo que esperam a hora de poder ouvir as nossas emissões” (Queirós citado em Moura, 2010, p. 6). Da mesma forma, no Brasil têm vindo a afirmar-se uma série de programas de rádio produzidos para a diáspora no próprio país de destino de emigração. Esse, aliás, parece ter-se tornado o método mais comum de produção de programas de rádio para a diáspora após o fim do regime salazarista:

A Onda Curta e as emissões da Emissora Nacional funcionaram como elo de ligação à Pátria. Mais tarde este elo de ligação por alguma razão foi-se diluindo e acabou por ser substituído pelos programas que a comunidade portuguesa residente na Argentina criou ao longo do tempo. (...) Infere-se assim que serviu para colmatar o isolamento e, de alguma maneira, ajudar na recriação da origem e que estes programas de rádio permitiram compreender a construção de laços imaginários, comunitários e identitários, entre sujeitos anônimos associados à utilização partilhada de um mesmo produto cultural, de uma mesma necessidade que não é outra que a de partilhar a origem. (Moura, 2010, p. 15)

Na época, como hoje ainda, o objetivo destes programas centra-se no aprofundar do relacionamento da comunidade portuguesa ao país, realocando-a na esfera de interesse do país que deixou e alocando-a à cultura de origem e seus espaços de revivalismo. Tendo por base este objetivo comum, o da partilha da origem, refletiremos agora com maior profundidade sobre a forma como a origem é percecionada. De que forma é Portugal representado nos programas de rádio brasileiros produzidos para a diáspora portuguesa? Quais os elementos simbólicos mais recorrentes na representação sonora do país de origem? Haverá uma leitura comum da diáspora, transversal ao meio rádio, ou quais serão os limites do fosso entre os distintos retratos da “nação-passado”?

A história de emigração do Brasil para Portugal está marcada por episódios icónicos da história dos dois países e também por fluxos que, em distintos

períodos temporais, passaram de unilaterais a bilaterais. D. Pedro IV de Portugal, I do Brasil, pode ser considerado como o primeiro emigrante português na recém-independente terra de Vera Cruz. Já no século XVII a emigração portuguesa para o Brasil se tornara significativa e ainda mais no século XVIII, com o desenvolvimento da mineração na economia colonial. Após a independência, na primeira metade do século XIX, a emigração portuguesa estagnou, para novamente crescer na segunda metade do século, alcançando o seu pico histórico na primeira metade do século XX, em que chegavam anualmente ao Brasil cerca de 25 mil portugueses. (IBGE, 2000)

Atualmente, estima-se que cinco milhões de brasileiros sejam descendentes diretos de portugueses, podendo assim adquirir a nacionalidade oficial, e que tantos outros milhões possuam ascendência portuguesa mais remota (Silva, 2006). Conclui-se, portanto, que há espaço histórico e cultural de receção para programas de rádio produzidos para a diáspora e comunidade emigrante portuguesas no Brasil. Numa tentativa de mapeamento do género radiofónico em análise, foram encontrados diversos programas sobre Portugal nos vários estados brasileiros. Apesar deste mapeamento ainda se encontrar em construção, e portanto não poder ser ainda considerado exaustivo, a grande maioria destes programas encontram-se em emissoras de rádio do estado do Rio de Janeiro. No entanto, foram também identificados exemplos nos estados de São Paulo, Distrito Federal (Brasília), Paraná, Bahia e Pernambuco.

Começando pelo estado do Rio de Janeiro, a Rádio Metropolitana caracteriza-se pela multiculturalidade, produzindo programas sobre países diversos, como Portugal, Ucrânia, entre outros. Os programas sobre a cultura portuguesa são transmitidos ao fim de semana de uma forma bastante intensa. A grelha de programação de sábado é exclusivamente sobre Portugal entre as 7h30 e as 19h, existindo ainda ao domingo de manhã outros dois programas de inspiração lusa. Outras estações de rádio no Rio de Janeiro dedicam parte da sua programação a conteúdos sobre a cultura portuguesa, como os programas “Portugal Moderno”, “A Voz do Atlântico”, “Portugal Radioesport”, “Ecos Portugueses”, “Me Deixa Falar”, “Mensagem de Portugal” e “Portugal de Norte a Sul”, que está no ar há quarenta anos.

No estado de São Paulo, foram localizados os programas “Heróis do Mar” na Rádio Trianon AM, “Portugal Trilha Nova” na Rádio ABC e “Navegar é Preciso” na Rádio Imprensa FM (todos são emitidos ao domingo, em rádios de propriedade privada). Em comum, estes programas apresentam as seguintes características: incluem-se no género variedades; a música – em especial música popular portuguesa (vulgarmente designada por música “pimba”), folclore e fado – ocupa cerca de metade do programa; os conteúdos seleccionados versam a agenda cultural da comunidade lusodescendente, a gastronomia, algumas notícias portuguesas sobre política e sociedade, uma rubrica destacada sobre futebol e publicidade de âmbito maioritariamente regional, com alguns anúncios por parte de marcas portuguesas; e, por fim, os seus apresentadores, apesar de portugueses ou lusodescendentes, apresentam um sotaque fortemente brasileiro, apenas com entoações mais semelhantes ao português de Portugal no final de algumas palavras:

(...) uma série de produções muito bem elaboradas, onde a pronúncia lusitana e o tom “brasuca” da voz de seus apresentadores se equalizam, fazendo da mistura de sotaques o primeiro ponto de união para uma programação que tem como principal objetivo trazer o mais perto possível das emissoras radiofônicas toda a comunidade lusa, através de uma programação repleta de muita alegria, emoção e informação. (Lepetri, 2011, p. 321)

O duplo sotaque também constitui marca forte, seja no recurso da apresentação em dupla, geralmente masculina e feminina, onde um tem sotaque português e outro brasileiro (carioca), ou na alternância de canções portuguesas, fados e músicas regionais, com canções brasileiras. (Almeida, 2005, p. 3)

Em todos os programas mencionados é feita referência (normalmente em mais do que um momento do programa) aos ouvintes habituais, que entram frequentemente em contacto com os produtores, sendo os meios mais habituais o telefone e o correio eletrónico. As redes sociais ainda foram pouco absorvidas pelo lado da receção, portanto, a produção decidiu não apostar neste meio (Botelho, 2014; Mendonça, 2014). A ligação à diáspora é evidente, pois estes programas apresentam uma audiência relativamente baixa, mas um elevado nível de fidelização junto da comunidade portuguesa e lusodescendente. A única exceção acontece com o programa “Portugal, a Saudade e Você”, na rádio Capital AM (São Paulo), que assume uma posição de vice-liderança no segmento AM, no estado de São Paulo, apenas perdendo para a rádio Globo, de acordo com o estudo de audiências do seu horário (IBOPE, 2014).

No contexto da Rádio Metropolitana do Rio de Janeiro, apenas 9% dos ouvintes interessam-se pelos programas da estação que versam outros países que não o Brasil, em comparação com 45% que se interessam por programas religiosos, 43% por programas musicais e ainda 3% apenas que preferem programas desportivos de acordo com um inquérito a ter lugar no *site* da própria rádio (Metropolitana, 2015). Este resultado coincide com algumas observações e entrevistas de carácter exploratório⁸ realizadas em São Paulo e Brasília, onde não parece existir um interesse generalizado em programas de rádio sobre a cultura de outros países que não o Brasil, exceção feita às comunidades oriundas desse mesmo país.

Todos os estudos de caso até agora mencionados são emissoras de rádio privadas que, na maioria, vendem espaço da sua grelha de programação aos produtores dos programas referidos para divulgação da cultura portuguesa. O único caso excepcional parece ser o programa “Tanto Mar” transmitido aos domingos, entre as 18h e as 19h, na Rádio

⁸ Estudo levado a cabo em São Paulo e Brasília entre janeiro e dezembro de 2014 sobre programas de rádio versando a cultura lusófona, em particular a música dos países de língua oficial portuguesa. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, observação não-participante e análise de conteúdo aos principais programas sobre a cultura dos países de expressão em língua portuguesa.

Nacional FM de Brasília, uma das oito estações de rádio públicas pertencentes à EBC⁹. A Rádio Nacional FM de Brasília emite desde 1976 e foi a primeira rádio de Brasília a transmitir em FM, cobrindo todo o Distrito Federal: “aquela que, a princípio, cumpria o papel de assegurar comunicação aos candangos que desembarcavam de todas as partes do país para construir a nova capital da República” (EBC, 2015a, s.p.).

A estação foca-se na produção musical brasileira, com noticiários de hora em hora de cerca de três minutos dedicados à informação nacional e outros quatro minutos de informação estatal (relativa ao Distrito Federal); “a informação cidadã está em dois jornais e nos noticiários curtos, ao longo da programação” (EBC, 2015b, s.p.). Encontramos nesta estação os géneros musicais da música popular brasileira (MPB) tradicional e contemporânea, o samba, a música instrumental, a música independente e ainda produções por parte de artistas locais, nomeadamente da região de Brasília.

No seu sítio na Internet, na secção “Sobre”, a estação assume a importância da abertura à música e cultura internacionais: “a emissora também abre espaço para a música do mundo, dos países de língua portuguesa e da América Latina” (EBC, 2015b, s.p.). Sendo o programa “Tanto Mar” o único da estação, e do conjunto de estações de rádio detidas pela empresa pública, focado na música em língua portuguesa, pode concluir-se que se trata de um dos programas estratégicos da estação, já que lhe é feita uma referência específica quando da enunciação das características demarcadoras do canal no seu *site*. O programa, além de ir para o ar aos domingos, também é emitido em forma de rubrica diária, de segunda a sexta, às 8h15 e 22h30. Esta rubrica consiste na transmissão de uma das canções que compõem a edição completa do domingo anterior. Apesar de a grande maioria das canções que compõem o programa serem de artistas portugueses, o “Tanto Mar” assume-se (através dos seus *jingles*¹⁰) como um programa sobre música lusófona, incluindo também autores cabo-verdianos, angolanos e moçambicanos.

Dado este posicionamento, o “Tanto Mar” destaca-se dos restantes programas das estações privadas mencionadas. Por se encontrar na programação estratégica de uma estação pública, não há qualquer tipo de preocupação com níveis de audiência (Senna, 2014) e é dada total liberdade à produtora e apresentadora para seleccionar os seus conteúdos (Mendonça, 2014). Esta liberdade parece um pouco mais condicionada nas estações privadas, que por pagarem o seu próprio espaço na programação da estação e por dependerem de publicidade para sua manutenção, preferem ligar-se aos produtos culturais preferidos pela comunidade portuguesa e lusodescendente (sobretudo Fado,

⁹ No Brasil, o serviço público de rádio apenas foi instituído formalmente a partir de 2007, com a constituição da EBC (Empresa Brasil de Comunicação), através das suas sete emissoras de rádio: Rádio MEC AM e FM, Rádio Nacional AM do Rio de Janeiro, Rádio Nacional FM de Brasília, Rádio Nacional AM de Brasília, Rádio Nacional da Amazônia e, por fim, a Rádio Nacional do Alto Solimões. Segundo dados do Observatório de Radiodifusão Latino-Americano, mais de 500 rádios em todo Brasil reproduzem parcialmente a programação de suas emissoras, com especial incidência nos programas de informação. Além das emissoras de rádio mencionadas, a EBC também engloba os canais de televisão TV Brasil e TV Brasil Internacional, além das emissoras de abrangência estadual, como a TV Cultura de São Paulo, a Rede Minas e a TVE do Rio Grande do Sul (Observatório, 2014).

¹⁰ Alguns dos jingles do programa são: “Tanto Mar, a riqueza da música dos países de língua portuguesa”; “Tanto Mar, a música da comunidade dos países de língua portuguesa”; “Tanto Mar, a linguagem sonora dos países de língua portuguesa”; e apenas um com referência direta a Portugal: “Tanto Mar, toda a tradição e beleza da música de Portugal”.

folclore e música popular ligeira), que muitas vezes é também a sua própria fonte de financiamento, através de publicidade ou doações.

Ao contrário dos programas das estações de rádio privadas, no “Tanto Mar”, o critério parece ser “a qualidade da música contemporânea em língua portuguesa” (Mendonça, 2014) e a cultura musical da produtora do programa, estando o seu cunho pessoal fortemente impresso na elaboração do programa. É assumidamente um programa de autor¹¹, com liberdade de criação e autonomia de edição: “eu toco o que eu gosto” (Mendonça, 2014). A seleção musical é direcionada para um público mais literato, por isso, a apresentadora procura não incluir música de cariz popular mas sim mais elitizada, numa linha considerada mais intelectual. Faz referência à música de intervenção, à nova geração do fado português, a cantores e compositores da história da música portuguesa, dando-lhe a classificação genérica de “música contemporânea portuguesa”. Ainda assim, outros géneros musicais mais populares também podem surgir, quando associados a artistas que a produtora e apresentadora identifica como mais relevantes. “Eu toco Fado mas é que todo o mundo tem a mania de associar Portugal só ao Fado” (Mendonça, 2014: entrevista pessoal); e sendo um dos objetivos assumidos do programa divulgar a música portuguesa, há uma vontade de tocar estilos musicais e artistas que não correspondem aos estereótipos ligados a Portugal.

Ainda assim, foram identificadas algumas características comuns a todos os programas de rádio sobre cultura portuguesa e lusófona. A acessibilidade é um dos critérios da seleção musical; cada um dos produtores apresenta uma discografia pessoal, da qual seleciona os conteúdos musicais para o seu programa. Além disto, transversalmente, parece existir pouca consciência estratégica na forma de construir o programa, isto é, todos os programas são produzidos sem diretrizes por parte da direção da estação, apenas com uma linha definidora de estilo que dirige a seleção de conteúdos, o que faz com que sejam produtos mediáticos fortemente marcados pela espontaneidade:

Noutras palavras, nenhum produto da cultura me é estranho; com nenhum deles me identifico cem por cento, totalmente, e decerto não em troca de me negar outros prazeres. Sinto-me em casa em qualquer lugar, embora não haja um lugar que eu possa chamar de lar (talvez exatamente por isso). Não é tanto o confronto de um gosto (refinado) contra outro (vulgar), mas do onívoro contra o unívoro, da disposição para consumir tudo contra a seletividade excessiva. (Bauman, 2011, pp. 8-9)

Por todas as reflexões discorridas anteriormente, os programas de rádio brasileiros sobre cultura portuguesa parecem encontrar-se mais próximos do conceito baumaniano de “univoridade” (foco num número reduzido, ou até único, de produtos culturais) do que de omnivoridade (ecletismo no consumo cultural), já que a diáspora não parece

¹¹ Um programa de autor consiste num programa de rádio em que o produtor e/ou apresentador tem total responsabilidade sobre os conteúdos desse programa, não existindo qualquer intervenção estratégica por parte da direção. Normalmente, um programa de autor está associado à ausência de uma *playlist* pré-definida e a um cunho muito pessoal por parte do responsável pela produção, tornando cada programa único e irrepetível.

estar disponível para consumir todos os produtos musicais da cultura portuguesa, preferindo aqueles diretamente associados ao seu imaginário do passado em Portugal (Monteiro, 2014). Neste imaginário, incluem-se produtos culturais não representativos da realidade da cultura contemporânea portuguesa, já que padecem de uma seletividade reduzida aos géneros musicais do Fado, folclore e música popular ligeira (Botelho, 2014; Cambaúva, 2014).

CONCLUSÕES

A cultura, segundo Bourdieu (1987), é definidora de classe e potencializa a segregação social, ao desvendar uma estratificação social que divide as classes e os seres humanos em gavetas de gosto e de estética. Ora, analisar o conceito de cultura implica aprofundar as suas raízes num conjunto de elementos locais, identitários de uma comunidade, signos compreendidos por uma parte da população que se revê nesse enquadramento simbólico. O conceito de Lusofonia consiste numa tentativa unificadora de reunir aquilo que o processo de descolonização havia dividido. Observar a Lusofonia através do conceito de cultura lusófona impõe-se como um desafio à análise universal das várias representações do espaço lusófono. A música, a literatura e a pintura são, por conseguinte, linguagens que tornam possível a observação da Lusofonia enquanto síntese intercultural de um espaço linguístico que se imiscuiu em territórios aos quais, por natureza física, não pertencia.

Os média e suas representações da Lusofonia acabam por ser um reflexo do esquecimento de determinados países no âmbito do espaço lusófono, como é o caso de Timor Leste, país de pequena dimensão, raramente citado em contextos de representação da Lusofonia. Os sotaques, através das suas representações fonéticas distintas, tornam-se, portanto, a cor da diversidade do espaço lusófono, mediatizada através do som da rádio. A diáspora representa-se em programas de rádio que assumem um papel de localização e realocização. A característica próxima, de afetividade, de proximidade para com o ouvinte por parte da rádio consegue reproduzir numa instância mediática a localidade – versus a globalidade – procurada pelas comunidades ausentes do seu país de nascimento, assegurando também a “relocalidade” do país onde se encontram. Esta “relocalidade” parece atribuir uma dupla ligação da comunidade emigrante tanto ao país de origem como ao país de acolhimento.

Poderá ser observado que o Brasil, nos grandes meios de comunicação social, não cultiva o interesse pela cultura do Outro. Esta ausência do diverso poderá estar ligada à larga dimensão territorial e populacional do país – há muitos “Brasis” –, mas também à fraca penetração do sistema público de comunicação, que é, na sua génese, um maior promotor da diferença, da diversidade, da multiculturalidade e da internacionalização da cultura. A criação da EBC não chegou, no entanto, para romper com o predomínio da “sociedade do espetáculo (Débord, 1967) no contexto hegemónico dos meios privados no sistema de comunicação brasileiro, mas veio, certamente, potenciar a existência de alternativas ao sistema hegemónico vigente, permitindo a diversificação de produtos mediáticos e a alternância de representação social nos média.

Os programas de rádio inspirados na cultura lusófona no Brasil refletem uma certa demarcação social, ancorada num distanciamento do contexto da sua difusão. Os temas por eles abordados apenas pretendem ser relevantes para a comunidade portuguesa no Brasil, ou a comunidade brasileira que se interessa pela cultura portuguesa, conferindo-lhe um preceito de nacionalidade e, por conseguinte, um sentido comunitário. No Brasil, nas estações de rádio privadas que foram alvo de análise, os produtores do programa compram o seu próprio espaço. Considera-se, assim, que no Brasil a categoria radiofónica em análise é de carácter comercial ou lucrativo, com exceção do programa “Tanto Mar”, da EBC/Rádio Nacional FM de Brasília. Este programa marca, aliás, uma posição através do seu próprio título – uma canção de Chico Buarque, cujo tema é a revolução democrática portuguesa –, uma escolha que revela uma posição mais progressista por parte dos produtores e da própria direção da estação. O programa da EBC insere-se numa linha de seleção musical mais ligada à contemporaneidade, enquanto os programas da Trianon, ABC, Capital AM e Imprensa FM estão mais relacionados com a comunidade emigrante no país, revelando uma maior preferência por temas de ordem popular.

A rádio parece ser um veículo simples para a difusão da cultura popular lusófona, pois os programas apresentam uma linha de produção esquematizada, uma estrutura simples, a sua realização e execução são de baixo custo, facilmente executáveis apenas por duas pessoas, como é o caso dos programas da Rádio Capital e Rádio Trianon. A linguagem utilizada nos programas é informal, próxima do ouvinte, emotiva, de elevação da cultura portuguesa. Os apresentadores são brasileiros com antepassados portugueses, ou portugueses radicados no Brasil há décadas. O sotaque brasileiro, em conjunto com os conteúdos da cultura portuguesa, cria um produto de cultura híbrida (Young, 1995), uma interpretação da forma como os brasileiros observam a atualidade cultural portuguesa. Além de híbrida, esta interpretação encontra-se, no caso dos programas das estações privadas, desfasada dos produtos culturais mais atuais em Portugal. Excluindo o “Tanto Mar” da EBC, os programas estão focados na diáspora a relação com os ouvintes é extremamente próxima, presente e importante para os apresentadores. Muitos dos conteúdos transmitidos são requisitados pelos próprios ouvintes, que entram em contacto direto com os produtores dos programas através, sobretudo, de correio eletrónico e telefone.

Apesar de apenas os programas em FM terem sido analisados, existe espaço na investigação para alargar o objeto de estudo a programas sobre cultura portuguesa nas webrádios. A Internet potencia a expansão do meio rádio para outras fronteiras, nomeadamente para outros países do espaço lusófono. Assim, poderá abrir-se uma possibilidade de extensão do meio rádio português, aproveitando a língua comum e o amplo espaço lusófono para o alargamento do seu espectro de ação, e consequentemente abrisse também uma outra rota de investigação no campo dos Estudos de Rádio. //

REFERÊNCIAS

Almeida, A. (2005). *Ondas lusitanas: a comunidade brasileira no AM carioca*. Acedido em <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3.htm>.

- Anderson, B. (2005). *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Edições 70.
- Arnold, M. (1869). *Culture and anarchy: An essay in political and social criticism*. Londres: Smith, Elder & co.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bakhtin, M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC.
- Baptista, M. (2013). Apresentação: Re-imaginar a lusofonia ou da necessidade de descolonizar o conhecimento. Acedido em <http://estudosculturais.com/congressos/ivcongresso/apresentacao>.
- Baudrillard, J. (1987). *The ecstasy of communication*. Acedido em <http://iris.nyit.edu/~rcody/Thesis/Readings/The%20Ecstasy%20of%20Communication%20-%20Baudrillard.pdf>.
- Bauman, Z. (2011). *A cultura no mundo líquido moderno*. São Paulo: Zahar.
- Betts, R. & Bly, L. (2004). *A history of popular culture*. Londres: Routledge.
- Bourdieu, P. (1987). What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, 32, 1-17.
- Cahen, M. (2001). *Pays lusophones d'Afrique. Sources d'information pour le développement*. Bourdeaux: Ibiscus.
- Cahen, M. (2013). *Imperial migrations: Colonial communities and diaspora in the Portuguese world*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Chaparro, C. (2000, s.d). O Brasil oficial pouco liga à lusofonia. *Jornal do Ribatejo*.
- Couto, M. (2009). *E se Obama fosse africano?* Lisboa: Caminho.
- Cuche, D. (2002). *As noções de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: Edusc.
- Canzian, F. (2007). *Crescimento tira milhões das classes D e E*. Acedido em www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/f1612200702.htm.
- Débord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Acedido em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>.
- EBC Rádios (2015a). Acedido em <http://radios.ebc.com.br/sobre>.
- EBC Rádios (2015b). *Sobre a Rádio Nacional FM Brasília*. Acedido em <http://radios.ebc.com.br/nacionalfmbrasiliasobre>.
- Faria, A. & Wanderley, S. (2013). *Fundamentalismo da gestão encontra a descolonialidade: repensando estrategicamente organizações familiares*. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v11n4/07.pdf>.
- Ferin, I. (2007). *Media, imigração e minorias étnicas*. Acedido em http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_EstudosOI/OI_28_act.pdf.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freyre, G. (1947). *Uma interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press.

- Grosfoguel, R. (2007). The epistemic decolonial turn: Beyond political-economy paradigms. *Cultural Studies [Vol. Especial]*, 21(2-3), 211-223.
- Holanda, S. (1936). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000). *Censo Demográfico 2000 – Características Gerais da População: Resultados da Amostra*. Acedido em http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2000/populacao.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). *Projeção da População*. Acedido em http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm.
- Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE (2014). *Rádio Recall – EasyMedia4*. Disponibilizado por correio eletrónico pelo departamento de Operações Comerciais da Rádio Capital AM (São Paulo).
- Lepetri, P. (2011). O rádio e a relação migratória Brasil e Portugal. In M. Martins, R. Cabecinhas & L. Macedo (2011). *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona - Lusofonia e Cultura-Mundo* (pp. 321-330). Acedido em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/index>.
- Lourenço, E. (1999). *A nau de Ícaro: Imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva.
- Martín-Barbero (2014). Tudo o que sabemos, sabemos-lo entre todos: aquela segunda oportunidade sobre a terra - algumas palavras para não faltar completamente. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1-2, 4-6.
- Martins, M. (2004). Lusofonia e luso-tropicalismo. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. *Visages d'Amérique Latine*, 3, 89-96.
- Maldonado-Torres (2012). Decoloniality at large: Towards a trans-americas and global Transmodern paradigm. *Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*. Acedido em <file:///C:/Users/Teresa/Downloads/eScholarship%20UC%20item%2058c9c4wh.pdf>.
- Meyrowitz, J. (1985). *No sense of place*. Oxford: Oxford University Press.
- Mignolo, W. (2010). *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidade*. Buenos Aires: Del Signo.
- Mignolo, W. (2013). Descolonialidade como o caminho para a cooperação. *Revista IHU Online*, 431, 21-28.
- Ortega Y Gasset, J. (1958). *La rebelión de las masas*. Madrid: Revista de Occidente.
- Rodrigues, J. & Devezas, T. (2009). *Portugal: o pioneiro da globalização: A herança das descobertas*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.
- Santaella, L. (2011). *Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage.
- Silva, K. (2006). A nação cordial: Uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil”. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 18(51), 141-194. Acedido em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v18n51/15990.pdf>.
- Sodré, M. (1991). *O Brasil simulado e o real*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.
- Young, R. (1995). *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

ENTREVISTAS PESSOAIS

Botelho, I. (2014), São Paulo, 28/06/2014 e 21/11/2014.

Cambaúva, A. (2014), São Paulo, 29/06/2014 e 07/12/2014.

Mendonça, J. (2014), Brasília, 25/07/2014.

Monteiro, T. (2014), Rio de Janeiro, 26/11/2014.

FINANCIAMENTO

Trabalho académico apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP (FCT), no âmbito do programa de financiamento POPH/FSE, através da bolsa SFRH/BD/95915/2013.

NOTA BIOGRÁFICA

Teresa Costa Alves é licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre em Tradução. É doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho e encontra-se, de momento, a preparar uma tese sobre rádio e Lusofonia. É profissional de rádio desde 2003, atualmente é produtora e apresentadora na Rádio Renascença (Portugal).

E-mail: teresa.alves@rr.pt

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga.

* **Submetido: 10-04-2015**

* **Aceite: 02-07-2015**

SOUND MIGRATIONS IN PORTUGUESE: CULTURAL REPRESENTATIONS OF THE PORTUGUESE DIASPORA IN THE BRAZILIAN RADIO

Teresa Alves

Abstract

Portuguese language is a multiple sounds language. Regarding the different possible accents, Portuguese-speaking way seems to be one of the language's most relevant characteristics. Radio, as a sound media, is able to represent this diversity. There are several radio shows produced towards the Portuguese culture diaspora. In this paper, we will analyse radio shows produced in Brazil for the Portuguese diaspora: strategic differential, representation ability and the way they relate to diaspora and migrant communities. Looking at Portugal and Brazil as case-studies, we will reflect on post-colonial relationships between the two countries, based on radio as a medium able to undertake the decolonial turn.

Keywords

Radio; diaspora; Lusophone culture; migration flows

INTRODUCTION

Looking at migrations as cultural products of a globalized world, it takes us through an overview of media and the way it has been coming along the history of migrations. Embracing this demand, this article reflects on the relationship between radio's mediatic power, the Portuguese diaspora and Lusophone culture in migratory contexts. Because we are dealing with a mutant alive organism, we will observe differences in the relationship between the many diaspora generations and Lusophone culture radio shows targeting the immigrant community, considering not only the diaspora's approach towards the traditional FM radio model, but also the growing digitalization of lifestyle in globalized societies. On the one hand, FM still outstands with relevant audience and high listeners' fidelization levels. On the other hand, digital seems to be the main source of media connection to these communities' country of origin.

The world map image is one of globalization's main 'eikons' and it reveals the way human beings have looked at each other through geographic dimension. The planisphere was designed according to the Mercator projection in 1569, and has been the most used projection until today. It has been widely criticized, both because it unveils a eurocentrist view – displaying Europe in the centre – and also due to the distortion of continents' real dimensions, conveying greater visual impact not only to Europe but also to the United States of America. The way we imagine the planet's visual layout – even though it intends to be a universal and objective image, transversal to all of the nations – represents a way

of thinking that is designed according to the world's hegemonic powers: the West and the North.

This way of disposing continents in the world map reveals a westernized point of view. Therefore, we could consider that, since the European decolonization project has ended, some countries have been “remapped”. This remapping process has been happening through rewesternization and dewesternization. Rewesternization has been taking place almost all over the world since the rise of North-American culture as the hegemonic culture in the second half of the 20th century. This phenomena was naturally accelerated by Internet and the easy access to North-American references across the planet, massifying possibilities of adopting a mainstream culture, even in countries where information was harder to get. As for dewesternization, it essentially occurred in developing economies that emerged in a new post-colonial world layout. Economic organizations, such as BRICS¹, gathering powerful economies, development levels closer to the West and different political spheres, represent an example of decolonial organizations. These countries do not have a common language, common history nor a common cultural memory, they just share an idea of a past marked by Western incursions. When united as a group of geostrategical nations of the South – in opposition to other organizations, such as the G7 or G8 –, they challenge the more established economies from the North.

The objective of rewesternization and decolonization processes reveals a detachment as regards the hegemonic model represented by colonizing countries (Portugal, Spain, France, United Kingdom, and Germany) and its sound materialisms: its respective languages. Decolonizing and, consequently, rewesternizing culture, would start from non western cognitive principles and decolonizing culture would be even more relevant in the moment of decolonizing than in altering economic and political status quo (Mignolo, 2013):

In both cases, however, both ways of thinking and acquiring knowledge happen in six imperial Western and European languages (Italian, Castilian, Portuguese, French, English and German), founded in two classic languages, Greek and Latin. Therefore, dewesternization and decoloniality of knowledge in ‘culture’ carry the need of thinking in non-Western languages and categories (in the restrict sense of the six mentioned languages and their sources) and also through accumulated knowledge in the West which is distributed all over the planet. Afterall, this order reflects a cultural dewesternization (more than in political economy order). (Mignolo, 2013, s.d.)

Both in the case of rewesternization and dewesternization, there is an urge for the release from a hegemonic model represented by colonizing countries (Portugal, Spain, France, England and Germany) and their materialized sounds: their languages.

¹ BRICS is the English acronym for the following set of countries: Brazil, Russia, India, China and South Africa. This set of countries puts together 30% of the world's richness (RT, 2014). They are considered to be the most powerful emergent economies of the planet, all of them considered to be part of the South by the field of Area Studies (even if Russia and China are geographically located in the North).

Decolonizing is, consequently, dewesternizing culture starting from non-western linguistic and cognitive proceedings; dewesternizing culture would become even more important for the decolonial act than even changing the economical and political *status quo* (Mignolo, 2013).

In these terms, considering their historical past, both Portugal and Brazil would belong, to certain extent, to distinct plans of hegemonic framing of colonialist thought. Portugal would be on the North rewesternized side, i.e., culturally reconfigured by the almost global influence of the USA, as a country geographically and politically connected to the global capitalism of that side of the world. Moreover, Brazil would fit the South dewesternized side, particularly in the Latin American economies' context of socialist inspiration. However, we will also have to consider the growing introduction of North-American mainstream culture, especially among the "new" middle class, enlarged and solidified during Lula da Silva's governance². This globalizing tendency can be explained, not only by the growing access of middle class to credit, and consequently, to digital technological items (computers, tablets and smartphones) allowed by generalized increase of the Brazilians' consumption power.

In this article, we will approach a decolonizer overview, and consequently, we will adopt the paradigm of the Modernity/Coloniality descolonial turn³ as a reflexion *leitmotiv*. The decolonial turn states decoloniality as grounding principle, i.e., the analytical task of revealing the colonial logic and the prospective task of contributing to the construction of a society where several worlds and knowledges coexist. From this way of thinking would emerge a global political society that disconnects at the present moment of rewesternization and dewesternization (Mignolo, 2011). Having this way of thinking in mind, providing equality to both case studies, Portugal and Brazil, not looking at the colonizer with superiority, nor repressing the colonized, we will be able to look at diaspora and its cultural representations in the media refusing to perpetuate history as dominating thought.

Mignolo (2013) claims that common sense assumes that people have nothing in common and only relate to each other for economic purposes, thus making them unable to stay together for long. Setting off from Mignolo's subject-matter, could the common space between Portugal and Brazil, i.e., Lusophony, exist as a place for sharing cultures and raising distinct diasporas? Should we consider a real existence of a Lusophone culture, or simply an ensemble of fragmented cultures belonging to Portuguese-speaking

² About seven million Brazilians have moved from D and E social classes (low middle class and low class) to C class (middle class) between 2005 and 2006 (Canzian, 2007). Statistics estimate that, during the two Lula da Silva's terms of office as President, middle class has grown 14%, corresponding to a 35 million people social class rise (IBGE, 2013).

³ The decolonial turn is a founding principle proposed by the Modernity/Coloniality group (M/C), a network of Latin-American thinkers, mainly radicated in the USA, settled at the end of the 90's and inspired by the Latin-American subaltern studies group founded in 1992. The M/C group does not place itself as the Latin-American post-colonialism but does admit being keen on the rescue of 19th century Latin-American political movement. According to Mignolo (2011), coloniality is the dark side of the eurocentric modernity. Linked to this sense of modernity we find coloniality, as both concepts are considered to be separate parts of the same phenomena, which emerged at the time of the Discoveries did (Faria & Wanderley, 2013). According to this argentinian author, coloniality intends to release the world from the idea that part of the world's 'inferiority is a fiction created to dominate it was just bad luck having been born in that place, as human beings lose equality just because they were born there' (Mignolo, 2013, p.135). The descolonial turn considers that the modern world has risen on top of colonialism, imperialism and slavery.

countries? And are radio shows aiming the Portuguese diaspora in Brazil representing an abidance behaviour towards coloniality and shaped by that modernity rethoric mentioned by Walter Mignolo?

These research questions will be investigated through comparative analysis of radio models in both case-study countries, considering their present economic and political situations and their influence in the Lusophone culture broadcasting. In the following pages, we will deepen the concept of diaspora, reviewing the role of radio in connecting emigrant communities to their homeland. We will analyse radio shows devoted to Lusophone culture and music produced in Portuguese speaking countries, broadcasted both in Portugal and Brazil. The expression of Lusophony in Portuguese and Brazilian public radio stations will be analysed through the eye of media exposure of Lusophone culture's elements in its most diverse artistic expressions. Observing the presence of Brazilian and Portuguese music in public service broadcasting, interviewing radio personalities and researchers, and taking part in discussions about the expression of Lusophony and other events that approach the topic of Lusophone space in Portuguese and Brazilian broadcasting.

In this article, we expect to approach the point of view of decoloniality on the Portuguese diaspora in Brazil, in a geographic space where the axes of coloniality and migration have been inverted and reverted throughout decades and centuries. Firstly, one of our goals is approaching the concept of Lusophony as a colonizing space – because it has been rooted in North versus South epistemologies – as well as a colonized one – because it happens to be a linguistic union that has redounded in a group of countries that argue about financial and commercial transactions in the same language. Secondly, another goal is looking at the radio as a media agent with decolonizing potencialities, given its high flexibility, distribution transversality, and decreased permeability to economic concerns. This happens because the radio is historically a less powerful media among the public sphere, and therefore, less interesting to economical and political elites. Lastly, in this paper we will focus first on the concept of Lusophone culture and the contribution of migration movements to a certain perception of Lusophony. Moreover, we will proceed with a deeper analysis of radio as a media channel and radio shows about Lusophone culture – and also more specifically Portuguese culture shows produced and broadcasted in Brazil.

In order to study migrations flows, diasporas and their interaction with the radio, we performed personal interviews to several social actors considered relevant to the topic in Brazil, namely radio producers and presenters, listeners and communication researchers. Interviews, participant and non-participant observation took place from January 2014 to January 2015.

MIGRATION FLOWS INSIDE THE LUSOPHONE SPACE AND CULTURE

Thinking about the Portuguese identity through its culture, bridging the past and the present, necessarily means thinking about “the Portuguese language space ‘inter-identities’” (Santos, 2003, p. 8), thinking the extra-border space built by Portugal throught

the linguistic heritage that created. As mentioned before, our theoretical framework is the decolonial turn and what Baptista (2013) calls the “colonialist/post-colonialist/decolonialist thought” (Baptista, 2013, s.p.). Only around the decoloniality symbolic place (Quijano, 2012; Mignolo, 2011; Maldonado-Torres, 2011; Grosfoguel, 2007) will we find the necessary concepts to analyse our object of study: diaspora, emigrant communities, feelings of belonging to a country or nation, the local culture without a dominant culture.

Portugal sees the Portuguese language as the great legacy of post-colonial territorial borders. However, what has been united due to language has been divided by culture. And what is divided by culture is summed by miscegenation (Holanda, 1976; Freyre, 1947; Munanga, 2008). Therefore, also *fuzzy*⁴ cultures (Santaella, 2011) are a product of the amplitude of this Lusophone space: “new Lusophone synthesis – in race, arts, life” (Chaparro, 2000, s.p.). Since the end of Salazar’s regime, and until the mid 21st century, Portugal has experienced the passage of migration blows towards its territory, inverting the Discoveries’ stream:

It is in differences (between histories, cultures, people, groups) that Lusophony takes place and stands out. It is through creative and lucid observation, by noticing differences, that we develop the ability to discover the Other, to understand and interact with him or her. Differences show up in cities, villages, hamlets. In local spaces, through human presence and intervention, that history is built up and takes its course. History decided that, in recent years, Portugal would become an attractive space for differences. And that happens thanks to the inversion of migration flows: Africa, Brazil, East Timor, Portuguese speakers from everywhere seek Portugal to build and rebuild their lives, sometimes not cordially but always transforming. (Chaparro, 2000, s.p.)

Discoveries were commanded by the Portuguese caravels in the vanguard of exploring the planet, thus beginning the first globalization enterprise (Rodrigues & Devezas, 2009), even if set up in a non-continuous way, as at the time there were no communication channels that would promote its solidification. At the time, globalization’s constructive possibilities – besides learning about the Other that is overseas, the start up of knowledge transference to other parts of the world and the information dissemination – began an attempt of padronization and standardization of symbolic elements of local cultures. Globalization also represents an extraordinary gathering of possibilities supported in new facts. We highlight here two of those new facts. Firstly, the huge and dense mixture of people, races, cultures and aesthetics that – even with huge differences and asymmetries – are being produced in every continent. This miscegenation strongly supports other cosmovisions that jeopardise Western rationalism. Secondly, new technologies are being more and more framed by subaltern sectors making it possible to create a true ‘sociocultural revenge’: this means building contra-hegemony across the world (Martín-Barbero, 2014).

⁴ *Fuzzy*, a word coming from anglosaxon language, may be translated into Portuguese as *enveiled*.

Assuming that Portugal is the Lusophone space's geodesic mark (because it is the cradle of the Portuguese language) has generated a number of misconceptions with regards to Lusophony and the concept of 'Portugality'. Besides a disguised union philosophy in the globalization era, the Lusophone space is not a 'misunderstandingless' place (Martins, 2014). One of these misunderstandings is the Portuguese centrality misconception, based on an imperialist view brought up by Salazar's regime, playing a role in a neo-colonialist perspective of the old empire's reconfigured narratives. The luso-tropicalism, based on the idea of 'soft' colonialism, is also one of the misconceptions. Finally, the misconception of 'a narrative of a regretful history (...) with the excuse of saving the memory belonging to a colonial past' (Martins, 2014, pp. 26-27). Therefore, in order to better explain all these misconceptions, and taking Lusophony out of the diplomacy, politics and economic transactions, 'we need stronger politics of Lusophony, because we are not yet Lusophone' (Couto, 2009, p. 96).

For all these reasons, Lusophony politics will have to be necessarily structured as cultural politics and not purely economic or commercial:

Well, culture is the way men connect with reality, i.e., their singularity, unicity. It is the production of meaning that creates a group's identity, implying creation and symbols' reproduction. A poem by Drummond, a painting by Portinari, a narrative by Guimarães Rosa, a popular ritual, fashion, all of these are symbolic appropriations of reality. They are generators of meaning, of cultural happenings. That is not odd to power institutions, or in Western modern society. Culture is enrolled in social and economic facts and it also reproduces social relationships, (ideologically) imposing adaptation rules of individuals inside the dominant economy, legitimating hegemonic structures. (Sodré, 1991, p. 39)

This portrait belongs to cultural flows happening through the Lusophone space, where relationships between national states are themselves crossed by elements from local, national and also global cultures (Haussen, 2005). Autonomous nations that connect without the distance of the idea of "foreignness" – thanks to the fact that they communicate in the same language. Lusophone culture is therefore based on those essential characteristics: sharing the language through different cultural frames⁵, with a network strategy, transposing borders through different communication platforms that share content which is accessible to everyone that is a fluent speaker of their country's formal official language. Knowing that this paper focuses on radio, we will consider as network the sound space of hertzian waves and also of internet, in the case of webradios.

Just like the paradox that characterizes South countries' cultures, also the access to culture (in the globalization panorama), practices a double dictomic function. On the one hand, it cristalizes the position of elites, as they own the privilege of access to cultural industries. On the other hand, the cultural mainstreaming promoted by globalization

⁵ Cultural frame is the set of practices or cultural representations connected to everyday life situations experienced by its possible insiders (Goffman, 1974).

has also eased the access of less privileged layers of society, for instance, in the case of free cultural shows. Culture is also formatted by historic and scientific processes, in the sense that science is able to answer social needs through new models of cultural expression – cultural conscienceness and historic evolution express the human being's dynamism (Ortega & Gasset, 1983).

The communication access popularization phenomena has massified culture. In the view of the members of the Frankfurt School – such as Adorno or Horkheimer – the intense verticalization of this process and its indoctrinator character can be better analysed through the concept of 'cultural industry'. Umberto Eco has always been critical about the Frankfurt School's paralyzing proposals so he chose to use the term 'mass culture'. However, Eco understands that one has to choose between both concepts so that we can discuss the matter of contemporary culture. 'Popular cultures are, by definition, cultures belonging to subaltern social groups, built in a dominance situation' (Cucho, 2002, p. 148). But being culture mainly widespread nowadays by cultural industries, great part of access to cultural products is mediated by the capitalist strategy, i.e., by paying a certain fee for a service that is acquired. Culture is then nowadays a product that, just as the rest of consumption society's elements, has to be sellable. For that reason, society demands culture to be an attractive, seductive, announced and, consequently, popularized – being both definitions of 'popular' valid (popular has 'desired' and popular as 'produced by the people'). And this culture democratization allows us to go back to the origin of the concept and its prime function.

Lusophony represents a set of countries that are united by the language but have long ago been separated by history. If, in the past, the Lusophone space has been built on belic conquests of territory, today that conquest is performed through cultural interactions that become more or less intense according to economic and political relationships established between countries. These connections inside the Lusophone world remains at a diplomatic level, distancing culture from the people, keeping the original definition of culture as devoted to elites. Paulo Freire (1979), who inspired a pedagogical theory of social and cultural action as a way of releasing people from oppressive structures, inspires us to look at culture as an active agent in the search of a common identity, and consequently, a development and social change agent.

Cultural products, such as music, dance or literature, to be turned into mediated cultural products, should fit (not necessarily but almost always) this cultural marketing 'product that sells' strategy. However, one should also consider the other side, the bourdian approach of culture as a revolutionary element able to change the *status quo* (Bourdieu, 1987). This is also the main idea of the concept of culture in the post-Illuminism era: '[culture] Seeks to eliminate classes; generalize everywhere the best that one thinks and knows, making all men able to live in an atmosphere of light and sweetness' (Arnold, 1869, p. 49). Information and communications technology (ICT) has also been part of popular cultures cristalization, spread as ever before – and, for this reason, standardized as ever before.

This mediatic dissemination has launched the rise of visibility of several popular culture phenomena, just like the Portuguese and their caravels had done in the Discoveries

era. Popular culture, also thanks to the spread of ICT, is highly visible. We own more visibility mechanisms comparing to our ancestors – therefore, we know more about each other than the ones that came before us (Betts & Bly, 2004). Besides, the visibility of the Other is enhanced by electric energy propagation and consumption, which makes the screen (the most important digital communication system tool) work, dialectically with regards to ICT, as these devices are more and more interactive. The visibility of the Other happens in a “demography of surfaces” reasoning (Betts & Bly, 2004, p. 7), where electricity and *wifi*, moderated by the screen, make culture less tangible and more shareable. More, quicker and clearer seems to be the present *leitmotiv* of the relationship media/popular culture.

However, when we return to the paradigm of ‘word’ – and not of the ‘*eikon*’ – as the main support of media communication, we readopt the element that has always made diaspora solidify in its new address, without losing its country of origin’s references: language. Etimologically, Lusophony sets the existence of a Portuguese phoneme – a polimorphic phoneme, with multiple accents, several ways of writing, and even different significantants. “The Lusophony space, not only its obvious linguistic meaning, but also its cultural room, is a multipolar, intrinsically decentered space – and even maybe an exploded one” (Lourenço, 1999, p. 188). The Portuguese language’s ‘pluri-loudness’, spoken by different African, Brazilian ou even Galizian accents (from which the language historically descends), expands a sense of polyphony. The presence of other texts inside one text (Bakhtin, 1999), or in this case, several subtexts in the same language but pronounced by different accents, and thus different sounds. Next, we will head to the stage of sound, in order to reflect on radio presence among Portuguese descendent communities in Brazil.

RADIO AS AN AGENT OF POPULAR CULTURE

Massive transmission of a certain people or community’s identitary elements has transformed popular culture in mediatized culture. In the 80’s we had already noticed with Baudrillard (1987) the profound relationship between human being and the screen – control panel of the intersection of an influence network. This media relationship, or mediatized relationship (assuming that media are so institutionalized in modern society’s lives that it is media themselves generating events and not only conveying them), is close to what the author has defined as ‘communication ecstasy’ (1987). This concept is an obscenity state, as it reveals the human being creation, registering the individual’s freedom of expression according to porn spelling.

As the spectacle prevails, radio seems to be living on the margins of this phenomena, as its visual component belongs to the field of imagination and not to the screen itself. Radio is also considered to be the traditional medium that best adapted to the new digital communication paradigm, as it is a sound medium of considerable flexibility. Radio is a medium that still cultivates less immediacy in its processes, compared to mobile devices. What has actually been accelerated by ICT in radio is interactivity between issuers and receptors. Radio is both a popular culture producer and relay. Even if the radio is

a moderator between speaker and listener, not existing a physical placement for symbolic exchange between issuers and receptors (Sodré, 1991), there is room for mediated interaction through other technological platforms, such as letter, telephone, e-mail, social media, among others.

Radio shows produced for diasporic communities belong to the perception of ‘mediascape’ (Appadurai, 1996) as ‘deterritorialized imagined communities’ (Anderson, 2005). These radio shows can be included in the ‘deterritoriality’ flow, as their target is apart from its home country. The goal of these radio shows are exactly ‘reterritorializing’ the immigrant community in the culture of the country that has been left behind. Affection and proximity are emotions normally connected to the radio, and are reproduced by elevating the Portuguese culture and replicating this complimenting tone throughout the shows. The sound seems to adense commotion related to the country that has been left behind, the nostalgic thought about the nation that is lost when ones decides to emigrate.

The appadurain concept of ‘mediascape’ – ‘mediascapes refer both to distributing electronic capacities of producing and disseminating images (newspapers, magazines, TV stations and cinema studios) (...) and to the world images themselves, produced by those media’ (Appadurai, 1996, p. 35) – supports an optimistic perspective of the role of media in returning the space lost by those deterritorialized communities. This rehimburse is executed through the global diffusion of content through communication technological devices that easen – or even allow – reception of these contents by communities fisically distant. In a more negative perspective we find Meyrowitz (1985), who states that media have been creating ‘place meaningless’ communities. This would harden the constitution of a diaspora and its feelings of belonging, and the common selfrepresentation this implies (Cahen, 2013). Proximity, affectiveness and connection to the listener make the radio able to reproduce, through its mediatic genesis, the local character of their homeland – versus globality – searched by communities that are away, also assuring ‘relocality’ in the country they live in:

Today I believe that locality is a place where circulation processes, i.e., constant changes happen in order to produce daily life – another word that is very important and has a lot to do with affection, feeling, subjectivity. Rephrasing, I believe that subjects produce the local and everyday life, and locality is produced by subjects. Nowadays there is a circle that cannot be understood without being placed in the context of this elements circulation. Locality becomes an appropriation of globalized circulation elements that produce their subjectivity paralelly to their locality. (Appadurai, 2009, p. 134)

In the countries where this analysis takes place – Portugal and Brazil – there are consistent phenomena coming from the diaspora’s institution. The cultural representation of these phenomena happens, for instance, through staging the Portuguese folklore in events of the Portuguese emigrant community in São Paulo⁶. This selection of cultural

⁶ The Portuguese folklore festival at ‘Adega da Lusa’, in the Portuguese Sports Association in São Paulo; the activities taking place at the São Paulo’s Portuguese House; among other.

elements among the circles of Portuguese diaspora in Brazil takes us to the concept of otherness. Being open to discovering the Other is the only way of understanding Lusophone culture's repercussions in the globalization era of post-colonialism, where migration flows have been inverting the routes that originally established territorial borders of Lusophony (Chaparro, 2000). Is the present ontologic formulation of the Lusophone culture a mimetic representation of the Portuguese post-colonial culture, or could it be closer to the concept of 'decolonial turn'?

It is within the global localization perspective that many authors, namely Barker, talk about complementarity between global media markets and regional media markets. This is an important regionalization movement, based on common language, culture and history. This phenomena, in globalization, would emphasize cultural differences ('cultural discount'), but it would, at the same time, allow economic and symbolic rentabilization in those cultural differences through the creation of market niches and developments anchored in language, history and shared imaginaries. These media and mediatized products would work both as globalizing agents – by proposing behaviours, consumption ways and global symbolic values – and as regional deepening, recovering or rehreforcing symbolic spaces and local cultures. (Ferin, 2007, p. 102)

Is the present Lusophone culture ontological formulation a mimetic representation of Portuguese post-colonial culture? Or does it get closer to the concept of 'decoloniality'?

REPRESENTATIONS OF PORTUGAL IN THE RADIO AIMED AT THE PORTUGUESE DIASPORA: CONTEXT AND THE BRAZILIAN CASE

One of the first radio shows produced in Portugal for the Portuguese diaspora was in Emissora Nacional station, in 1937, and was named 'Half an Hour of Saudade⁷'. It targetted, initially, codfish fishermen sailing through the seas of the Newfoundland (Canada), later the emigrant community and lastly soldiers that were fighting in Africa during the Portuguese colonial war (1961-1974): 'There are thousands of souls awaiting for the moment they can listen to our broadcasting' (Queirós, 1937 cit. in Moura, 2010, p.6). Likewise, in the last few years in Brazil great number of radio shows locally produced for the diaspora popped up, i.e., produced at the emigrants' destiny country. This seems to be the most common broadcasting strategy after the end of the Portuguese dictatorial regime of Salazar:

National Broadcasting's radio show worked as a connection link to the country. Later, this link somehow diluted and ended up being replaced by shows created by the Portuguese community living in Argentina. (...) We

⁷ 'Saudade' is a Portuguese word that has no literal translation into English. It is a feeling of nostalgia that one gets when something or someone he likes or loves is apart. This emotion has been historically connected to the Portuguese culture and has been widely used in Fado lyrics.

deduce that they were helpful in fighting isolation and sort of helping recreating origin. These radio shows contributed to the understanding of imaginary, communitary and identity links between anonymous subjects that shared the use of the same cultural product and also needed to share their origin. (Moura, 2010, p. 15)

At the time, as still today, these shows' goal was deepening the relationship of the Portuguese community to the country, relocalizing it in a place of interest to the country that was left behind and placing it towards the original culture and its revivalist spaces. Assuming this common goal – sharing an origin –, we will deepen the topic of how origin is perceived. How is Portugal represented in Brazilian radio shows produced for the Portuguese diaspora? Which symbolic elements are more recurrent in the sound representation of the origin country? Is there a diaspora common review, transversal to the radio medium? Or what are the limits of the hole that separates the different portraits of a 'past-nation'?

Brazil-Portugal migration history is grounded by iconic episodes of the history of both countries and also by flows that used to be unilateral and then became bilateral. Pedro IV of Portugal, first emperor of Brazil, could be considered the first Portuguese emigrant in the country that he made independent himself. In the 17th century, Portuguese emigration towards Brazil became significant and even more in the 18th century, when mining strongly developed in the colonial economy. After the independence, in 1822, Portuguese emigration stagnated, and it started again in the second half of that same century, reaching its peak in the first half of the 20th century: 25,000 Portuguese were arriving annually to Brazil. (IBGE, 2000)

Estimates say that around five million Brazilian people are direct descendents of the Portuguese, which means they are able to acquire the official nationality (Silva, 2006). Therefore, we conclude that there is cultural and historical room for radio shows produced for the Portuguese diaspora and emigrant community in Brazil. Attempting to map this radio genre, we found several shows about Portugal across the different Brazilian states. Even if this mapping is still under construction, and thus cannot be considered exhaustive, the great majority of these shows are broadcast in stations located in the state of Rio de Janeiro. However, we also identified case-studies in the states of São Paulo, Federal District (Brasília), Paraná, Bahia and Pernambuco.

Starting with Rio de Janeiro, Metropolitana Radio features multiculturalism, as it produces shows about several different countries, including Portugal. Shows about the Portuguese culture are broadcast very intensely on weekends. Saturday's program schedule is exclusively about Portugal from 7.30am till 7pm, and on Sundays there are still two Portuguese-inspired radio shows. Other radio shows in Rio de Janeiro with Portuguese content are 'Modern Portugal', 'The Atlantic voice', 'Portugal radio sports', 'Portuguese echos', 'Let me speak', 'Portuguese message' and 'Portugal from North to South', being this last one broadcast for more than 40 years.

In the state of São Paulo, we found the shows ‘Sea Heroes’, on Trianon AM Radio, ‘Portugal New Trail’ on ABC Radio and ‘Sailing is needed’ on Imprensa FM Radio (all of them are broadcast on Sundays, and all of them in privately-owned stations). These shows have in common the category they all fit into (‘varieties’); music (specially Portuguese popular music, Fado and folklore) which takes over around half of the show; selected themes include mainly the Portuguese and descendents of Portuguese community’s events, gastronomy, few news on politics and society, football and advertising, specially concerning Portuguese brands or companies; lastly, their presenters, even though they are Portuguese or descendents of Portuguese, have a very strong Brazilian accent, showing a slightly Portuguese accent normally at the end of a few words:

(...) a set of really good productions, where the presenters’ Portuguese accent and a Brazilian tone-of-voice are balanced. The mix of accents is the starting point for union in a programming grid which main goal is bringing radio stations as close as possible to the Portuguese community through joyful, emotional and informative programming. (Lepetri, 2011, p. 321)

The double accent also represents a strong hallmark, both in what concerns the presence of two presenters – normally male and female, one with a Portuguese accent and the other with a Brazilian accent (from Rio de Janeiro) – and also the constant switch from Portuguese songs, Fado and regional songs, to Brazilian songs. (Almeida, 2005, p. 3)

Faithful listeners are often mentioned in these kind of shows, as they regularly get in touch with the producers/presenters by telephone or e-mail. Social media are not very often used by listeners yet, and for this reason producers have left them a bit apart (Botelho, 2014; Mendonça, 2014). The connection to the diaspora is evident, in the way that these shows have low audience but high levels of fidelization among the Portuguese and Portuguese descendent community. The only exception is the show ‘Portugal, *saudade* and you’, on Capital AM Radio (São Paulo), which is vice-leader of audience in the AM segment in the state of São Paulo, just bet by Globo Radio, according to the audience test for its schedule (IBOPE, 2014).

Concerning Metropolitana Radio in Rio de Janeiro, just 9% of its listeners are interested in foreign countries radio shows, compared to 45% who are interested in religious shows, 43% by music shows and only 3% who prefer sports shows, according to a poll taking place at the stations’s website (Metropolitana, 2015). This result matches a few exploratory observations and interviews⁸ undertaken in São Paulo and Brasília, where does not seem to exist generalized interest in radio shows aiming other countries’ cultures besides Brazil – the only exception is, as mentioned before, communities originally belonging to that country. Every case-study referred to until now corresponds to private

⁸ Study that took place in São Paulo and Brasília from January to December 2014 about Lusophone culture radio shows, particularly the music produced in Portuguese speaking countries. We performed semi-structured interviews, non-participant observation and content analysis to main radio shows about Lusophony.

radio stations which mostly sell part of their schedule to producers of those radio shows, in order to promote Portuguese culture. The only exception is the show ‘So much sea’, broadcast on Sundays from 6pm to 7pm on National FM Radio in Brasília, one of the eight stations that belong to EBC, the Brazilian public service broadcasting company⁹. National FM Radio in Brasília broadcasts since 1976 and it was the first station in Brasília to broadcast on FM, covering the whole Federal District: ‘the station that, in the beginning, took the role of assuring communication to the new inhabitants of Brasília that were coming from all over the country to build the new capital of the Republic’ (EBC, 2015a, s.p.).

The station focuses on Brazilian music production, with hourly news of about three minutes each, dedicated to national news and other four minutes of governmental information (regarding the Federal District); ‘citizen information is placed in two news reports and in short reports throughout programming’ (EBC, 2015b, s.p.). Both traditional and contemporary Brazilian popular music are heard in this station (MPB) and also samba, instrumental music, independent music and also productions from local artists, namely coming from Brasília.

In the ‘About’ section of the station’s website, the importance of aperture to international music and culture is mentioned: ‘the station also provides room for world music, from both Portuguese speaking and Latin American countries’ (EBC, 2015b, s.p.). ‘So much sea’ is the only public service broadcasting show focused in music written in Portuguese so we can conclude that it is one of the station’s strategic shows, as it is directly referred to in the company’s website. The show, besides being broadcast Sundays, is also shaped as a daily rubric from Monday to Friday at 8.15am and 10.30pm. This rubric consists of one of the songs that was part of last Sunday’s complete show. Even if most of the content in the show concerns Portuguese music by Portuguese artists, the show is assumedly about Lusophony (mentioned in its jingles¹⁰), and it also includes artists from Cape Verde, Angola and Mozambique.

Given this positioning, ‘So much sea’ is a highlight in its segment. Because it is broadcast in the public station’s strategic programming, there is no concern about audience levels (Senna, 2014) and the producer is totally free to select the contents she finds the best (Mendonça, 2014). This freedom seems to be more conditioned in private radio stations, due to the fact that producers pay for their own schedule and depend on advertising to keep the show running. For these reasons, they prefer to connect the Portuguese and Portuguese descendent community preferred cultural products (especially Fado, folklore and popular music), as oftenly the community itself is the main source of funding through advertising or donations.

⁹ In Brazil, public service broadcasting has only been formally instituted since 2007 with the creation of EBC (‘Empresa Brasil de Comunicação’, i.e., Brazil’s Communication Enterprise) and its seven radio stations: MEC AM and FM Radio, Nacional AM Radio in Rio de Janeiro, Nacional FM Radio in Brasília, Nacional AM Radio in Brasília, Nacional Radio in Amazonia and, lastly, Nacional Radio in Alto Solimões. According to the Latin-American’s Broadcasting Observatory’s data, more than 500 radio stations all over Brazil reproduce part of EBC’s programming, especially news reports (Observatório, 2014).

¹⁰ Some of the show’s jingles are: ‘So much Sea, the richness of the Portuguese speaking countries’ music; ‘So much Sea, the Portuguese speaking countries’ community music; ‘So much Sea, the Portuguese speaking countries’ sound language; and only one with direct reference to Portugal: ‘So much Sea, all the tradition and beauty of Portugal’s music’.

On the contrary, in ‘So much sea’ criteria are mainly two: ‘quality in what concerns contemporary Portuguese language music’ (Mendonça, 2014) and the producers’ musical culture. Therefore, the show is pretty much defined by her personal touch, as she enjoys this freedom of creation and editing autonomy: ‘I just play what I enjoy listening to’ (Mendonça, 2014). Musical selection is directed to a more literate audience, and for this reason, the presenter seeks to include more elitist music instead of popular music, following more intellectual guidelines. She mentions intervention music, the new generation of Portuguese Fado, singers and songwriters from the Portuguese history of music and she gives all of them the generic ‘contemporary Portuguese music’ label. Still, more popular music genre can be included when associated to artists that the producer and presenter finds relevant: ‘I play Fado which is the genre that everyone wants to listen to because everybody associates Portugal to Fado only’ (Mendonça, 2014). One of the goals claimed by the producer is spreading the word of Portuguese music so she is willing to play different music genres and artists that do not correspond to stereotypes usually attributed to Portugal.

Still, we identified a couple of characteristics that are common to every radio show about Lusophone and Portuguese culture. To start with, accessibility is one the criteria for music selection, as each of the producers presents a personal discography which works as database for selecting music to play in the show. Moreover, there seems to be a reduced level of strategic consciousness when shaping the show, i.e., every show is produced almost without guidance from the station’s board of directors. This very light intervention on these shows makes them become media products strongly marked by spontaneity.

In other words, no cultural product is odd to me; with none of them I feel 100% identified, and certainly not enough to deny other pleasures. I feel at home anywhere, even if there is no place I can call home (maybe because of that). It is not as much the confrontation of (refined) taste against (ordinary) taste, but omnivorous against *univorous*, i.e., the availability to consume everything against excessive selectivity. (Bauman, 2011, pp. 8-9)

According to what has been mentioned, Brazilian radio shows about Portuguese culture seems to be closer to the baumanian concept of “univorousness” than omnivorousness, as diaspora does not seem to be available to consume every music product from the Portuguese culture, preferring the ones that are directly associated to their imaginary from their past in Portugal (Monteiro, 2014). In this imaginary we can include cultural products that are not representative of the Portuguese contemporary cultural reality, as they suffer from reduced selectivity, simply based on Fado, folklore and light popular music (Botelho, 2014; Cambaúva, 2014).

CONCLUSIONS

According to Bordieu (2010), culture defines class and potentializes social segregation by unveiling a certain social stratification that divides classes and human beings in

taste and aesthetics drawers. Well, analysing the concept of culture implies deepening roots in a set of local, identity and community elements, signs understood by part of the population that feels portrayed in this symbolic frame. The concept of Lusophony consists of a unifying attempt of gathering what the decolonizing process had divided. Observing Lusophony through the concept of Lusophone culture imposes as a challenge to the universal analysis of all the Lusophone space representations. Music, literature and painting are, therefore, languages that make it possible to see Lusophony as an intercultural synthesis of a linguistic space that has invaded territories to which, physically, did not belong.

Media and their representations of Lusophony end up as being a consequence of obliterating determined countries in the context of the Lusophone space – such as East Timor, a small country rarely quoted in representative contexts of Lusophony. Through different phonetic representations, accents become the colour of diversity in the Lusophone space, mediated by the sound of radio. Diaspora represents itself in radio shows that assume a role of localization and relocalization. Affectiveness, and the proximity with the listener, makes the radio able to reproduce locality in a media instance – versus globality – search upon by communities absent from their country of birth, also assuring ‘relocality’ in the country where they live in. This ‘relocality’ seems to attribute a double connection both to the diaspora’s country of origin and host country.

We have argued that Brazil, in a media context, does not cultivate interest on the culture of the Other. This absence of the diverse may be connected to the huge territorial and populational dimension of the country: there are many “Brazils”. However, it can also be linked to the weak penetration of the public service broadcasting, which is responsible for promoting difference, diversity, multiculturalism and internationalization of culture. Creating the EBC was not enough to weaken the domain of the ‘society of spectacle’ (Débord, 1967) in the hegemonic context of private media among the Brazilian communication system. Nevertheless, it has certainly potencialized the existence of alternatives to the current hegemonic system, allowing to diversify media products and to switch social representations in the media.

Radio shows inspired in the Lusophone culture in Brazil reflect a certain social detachment, anchored in a distance of the broadcasting context. Themes approached only intend to be relevant to the Portuguese community in Brazil or Brazilian social groups that are somehow interested in the Portuguese culture, bestowing a precept of nationality and, therefore, a community sense. In Brazil, concerning the private radio stations that were observed, the show’s producers buy their own space. We consider then that, in Brazil, the radio category analysed is commercial or profit-oriented, excepting ‘So much sea’, from EBC/National FM Radio in Brasília. This show makes a statement starting from its own title – a Chico Buarque’s song about the Portuguese democratic revolution –, a choice that reveals a more progressive position by the producers and the station’s direction. EBC’s show is musically more connected to contemporaneity, while Triunfo, ABC, Capital AM and Imprensa FM relate more to the emigrant community in the country, preferring more popular topics.

Radio seems to be a simple vehicle for the dissemination of Lusophone popular culture, as these shows have a very simple structure production strategy, and their execution is low cost, easily undertaken by two people only – as it happens in Capital Radio and Trianon Radio. Language used is informal, close to listeners, emotive, flattering the Portuguese culture. Presenters are Brazilians with Portuguese ancestors, or Portuguese settled in Brazil for decades. Their Brazilian accent related to the Portuguese culture topics create a hybrid culture product (Young, 1995), an interpretation of the way Brazilians look at the Portuguese present day society. Besides hybrid, this interpretation is far from present cultural industries settled in Portugal. Excluding EBC's 'So much Sea', shows are focused on the diaspora and the relationship with listeners is extremely close, present and important for producers. Many of the contents mentioned are requested by listeners themselves, who contact directly with the show's producers through telephone and e-mails.

Even if only FM radio shows were analysed, there is a research route to be explored, which concerns webradios. Internet potentializes the expansion of radio across borders, namely to other countries that also belong to the Lusophone world. This fact opens here a chance for extending the Portuguese radio medium to other countries, taking advantage of a common language and of the wide Lusophone space to enlarging its action field, and consequently opening new research routes in the field of Radio Studies. ✍

REFERENCES

- Almeida, A. (2005). *Ondas lusitanas: a comunidade brasileira no AM carioca*. Retrieved from <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3.htm>.
- Anderson, B. (2005). *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Edições 70.
- Arnold, M. (1869). *Culture and anarchy: An essay in political and social criticism*. Londres: Smith, Elder & co.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bakhtin, M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC.
- Baptista, M. (2013). Apresentação: Re-imaginar a lusofonia ou da necessidade de descolonizar o conhecimento. Retrieved from <http://estudosculturais.com/congressos/ivcongresso/apresentacao>.
- Baudrillard, J. (1987). *The ecstasy of communication*. Retrieved from <http://iris.nyu.edu/~rcody/Thesis/Readings/The%20Ecstasy%20of%20Communication%20-%20Baudrillard.pdf>.
- Bauman, Z. (2011). *A cultura no mundo líquido moderno*. São Paulo: Zahar.
- Betts, R. & Bly, L. (2004). *A history of popular culture*. Londres: Routledge.
- Bourdieu, P. (1987). What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, 32, 1-17.
- Cahen, M. (2001). *Pays lusophones d'Afrique. Sources d'information pour le développement*. Bourdeaux: Ibiscus.
- Cahen, M. (2013). *Imperial migrations: Colonial communities and diaspora in the Portuguese world*. Londres: Palgrave Macmillan.

- Chaparro, C. (2000, s.d). O Brasil oficial pouco liga à lusofonia. *Jornal do Ribatejo*.
- Couto, M. (2009). *E se Obama fosse africano?* Lisboa: Caminho.
- Cuche, D. (2002). *As noções de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: Edusc.
- Canzian, F. (2007). *Crescimento tira milhões das classes D e E*. Retrieved from www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/f11612200702.htm.
- Débord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Retrieved from <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>.
- EBC Rádios (2015a). Retrieved From <http://radios.ebc.com.br/sobre>.
- EBC Rádios (2015b). *Sobre a Rádio Nacional FM Brasília*. Retrieved from <http://radios.ebc.com.br/nacionalfmbrasil/sobre>.
- Faria, A. & Wanderley, S. (2013). *Fundamentalismo da gestão encontra a descolonialidade: repensando estrategicamente organizações familiares*. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v11n4/07.pdf>.
- Ferin, I. (2007). *Media, imigração e minorias étnicas*. Retrieved from http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_EstudosOI/OI_28_act.pdf.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freyre, G. (1947). *Uma interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press.
- Grosfoguel, R. (2007). The epistemic decolonial turn: Beyond political-economy paradigms. *Cultural Studies [Vol. Especial]*, 21(2-3), 211-223.
- Holanda, S. (1936). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000). *Censo Demográfico 2000 – Características Gerais da População: Resultados da Amostra*. Retrieved from http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2000/populacao.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). *Projeção da População*. Retrieved from http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm.
- Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE (2014). *Rádio Recall – EasyMedia4*. Disponível por correio eletrónico pelo departamento de Operações Comerciais da Rádio Capital AM (São Paulo).
- Lepetri, P. (2011). O rádio e a relação migratória Brasil e Portugal. In M. Martins, R. Cabecinhas & L. Macedo (2011). *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona - Lusofonia e Cultura-Mundo* (pp. 321-330). Retrieved from <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/index>.
- Lourenço, E. (1999). *A nau de Ícaro: Imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva.
- Martín-Barbero (2014). Tudo o que sabemos, sabemo-lo entre todos: aquela segunda oportunidade sobre a terra - algumas palavras para não faltar completamente. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1-2, 4-6.
- Martins, M. (2004). Lusofonia e luso-tropicalismo. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. *Visages d'Amérique Latine*, 3, 89-96.

- Maldonado-Torres (2012). Decoloniality at large: Towards a trans-americas and global Transmodern paradigm. *Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*. Retrieved from file:///C:/Users/Teresa/Downloads/eScholarship%20UC%20item%2058c9c4wh.pdf.
- Meyrowitz, J. (1985). *No sense of place*. Oxford: Oxford University Press.
- Mignolo, W. (2010). *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidade*. Buenos Aires: Del Signo.
- Mignolo, W. (2013). Descolonialidade como o caminho para a cooperação. *Revista IHU Online*, 431, 21-28.
- Ortega Y Gasset, J. (1958). *La rebelión de las masas*. Madrid: Revista de Occidente.
- Rodrigues, J. & Devezas, T. (2009). *Portugal: o pioneiro da globalização: A herança das descobertas*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.
- Santaella, L. (2011). *Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage.
- Silva, K. (2006). A nação cordial: Uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil”. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 18(51), 141-194. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbcsoc/v18n51/15990.pdf>.
- Sodré, M. (1991). *O Brasil simulado e o real*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.
- Young, R. (1995). *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

PERSONAL INTERVIEWS

- Botelho, I. (2014), São Paulo, 28/06/2014 e 21/11/2014.
- Cambaúva, A. (2014), São Paulo, 29/06/2014 e 07/12/2014.
- Mendonça, J. (2014), Brasília, 25/07/2014.
- Monteiro, T. (2014), Rio de Janeiro, 26/11/2014.

FUNDING

Research supported by POPH/FSE - SFRH/BD/95915/2013.

BIOGRAPHICAL NOTE

Teresa Costa Alves is graduated in Communication Science at the Nova University of Lisbon and Master in Translation at the same university. PhD candidate in Communication Science at Minho University, presently preparing a thesis on radio and the Lusophone world. Visiting Scholar at São Paulo University and University of California, Berkeley in 2014 and 2015. Radio personality since 2003, presently as producer and presenter at Renascença Radio.

E-mail: teresa.alves@rr.pt

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga.

* **Submitted: 10-04-2015**

* **Accepted: 02-07-2015**

LINGUAGEM E SENTIDOS DA SUBJETIVIDADE HUMANA EM NARRATIVAS DA CULTURA URBANA: UMA ANÁLISE AOS AUTOCOLANTES USADOS NOS CARROS

Felipe Gustsack & Sandra Maria de Castro Rocha

Resumo

Neste texto problematizamos a prática cultural do ato do próprio sujeito se narrar no contexto urbano, partindo de concepções sobre a linguagem, as tecnologias urbanas e as narrativas realizadas nas interações da vida quotidiana. Apresentamos uma análise das observações recolhidas numa investigação realizada na cidade de Santa Maria – RS – BR, envolvendo recolha e análise de imagens e conversas com condutores de veículos e leitores dos autocolantes de carros, popularmente conhecidos como ‘stickers da família feliz’. Entre outras conclusões, verificamos que os autocolantes da “família feliz”, colocados estrategicamente nos parachoques dos carros, instigam vários processos de significação elucidativos de formas individuais e coletivas de narrativa auto e hétero identitária, em contexto urbano.

Palavras-chave

Linguagem; cultura urbana; narrativa; família

INTRODUÇÃO

Desde os tempos em que as paredes das cavernas serviam para registar mitos, leis e demais acontecimentos, existem narradores e, conseqüentemente, leitores e interpretadores que encontram em meios e materiais diversos, a possibilidade de serem interpretados pelos componentes das suas culturas. Nas palavras de Barthes, sob quase infinitas formas, “a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e, frequentemente, estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas” (Barthes, 2008, p. 19). As culturas que deixaram legados estruturantes para as sociedades futuras.

A história documenta que cada cultura encontra, através dos recursos e objetos que domina, a sua forma de narrar-se e, assim, perpetuar-se ao longo dos tempos. Acontece assim desde o tempo em que as paredes das cavernas serviam para registar acontecimentos marcantes das comunidades, até aos nossos dias. Identificamos narrativas marcadas por diferentes culturas como a dos egípcios, os feitos faraônicos contados em papiros, os baixos-relevos, as pinturas, assim como as tapeçarias, os mosaicos e iluminuras, através das quais os cristãos medievos contavam suas histórias. Ora, estas formas de narração encontram paralelo em vários fenômenos hodiernos, como os que quotidianamente nos surgem narrados nas traseiras dos carros e que marcam as

culturas urbanas do presente. Assim, perguntamo-nos: são essas imagens ilustrações de narrativas ou, também, a própria narrativa, trazendo ênfases da história daquele que se narra? Será que essas narrativas que circulam nos carros à nossa frente, não se configuram como um modo, uma linguagem, uma tecnologia por meio da qual também nos narramos, ao observá-las como sujeitos participantes dessa cultura?

Para problematizarmos estas questões partimos da concepção de que, “como uma imagem, a narrativa põe diante de nossos olhos, nos apresenta, um mundo” (Sodré, 1988, p. 75). No mesmo sentido, concebemos a linguagem como ação da qual participamos no processo contínuo do devir, modelando a nossa identidade e o mundo em que vivemos. De modo a evidenciar a ação, emoção, interação social e convivência transportadas pela linguagem, Maturana (2002) fala de um “linguajar”, compreendendo a linguagem como um agir que se processa em coordenações consensuais em interação. Larrosa (2006) afirma que o que somos capazes de ler num livro é o resultado das nossas disposições anímicas mais profundas. Assim, parafraseando-o, dizemos que o que somos capazes de ler numa imagem (pintura, escultura, desenho, gravura) são as nossas maneiras de narrar, propor e registrar interações. Nas suas diferentes possibilidades, as narrativas orais, escritas, imagéticas, entre outras, vêm-nos constituindo e, a partir delas, continuamos a criar outras narrativas.

Uma narrativa visual constitui a possibilidade, a circunstância de estarmos em imagem. Quer dizer, as imagens são narrativas (permeáveis) porque se constituem na interligação entre diversas interpretações, tal como tratado por Echeverría (2006) ao mencionar que não podemos dizer como as coisas realmente são, mas somente podemos dizer como nós as interpretamos e as consideramos. Assim, narrar implica interpretar-nos a nós mesmos, pois toda forma de conferir sentido, toda forma de compreensão ou de entendimento pertence à linguagem. Nas palavras de Echeverría (2006, p. 32) “não há um lugar fora da linguagem, a partir do qual possamos observar a nossa existência”; ou seja, a experiência da existência humana realiza-se na e pela linguagem.

Ao lançar um olhar focado no urbano, observamos as tatuagens que marcam as peles, as grafites, as pichações, as demais formas urbanas de comunicação visual que se espalham nas fachadas, nos muros e nos lugares mais oportunos e também nos mais impróprios, na qualidade de *telas*, suportes de manifestações artísticas, de gritos, de suspiros. Isto é, como linguagens em apelos gráfico-visuais, compreendidos numa noção de cotidiano comunicativo que revela a “dimensão ontológica de realização da vida que se marca pela experiência” (Bretas, 2006, p. 29).

No contexto desta problematização acerca dos modos de narrar-se no cotidiano urbano, o principal objetivo deste artigo é contribuir para uma ampliação das reflexões em torno de narrativas próprias da cultura urbana, a partir da análise dos processos de significação subjacentes aos autocolantes da ‘família feliz’, colados nas traseiras dos carros. O interesse é, ainda, mostrar que este tipo de narrativa, considerando a sua visibilidade e opacidade, suscita diversos sentidos que apontam para a compreensão que temos a respeito da família e também a respeito dos vários tipos subjetividade que se vão configurando nesta mesma cultura urbana.

NARRATIVAS URBANAS E CULTURA EM OBSERVAÇÃO

Observamos um crescente processo de isolamento a que homens e mulheres, em nome da segurança e da proteção, se têm sujeitado, ao manterem-se restritos aos lugares seguros, como os *shoppings*, os condomínios, os prédios, as casas e, também, os carros, desde que os mantenham fora do convívio, isolados por películas escuras que cobrem os vidros e as travas nas portas e janelas. Na verdade, deixam de olhar para o carro que circula ao lado e pelo qual também não são vistos, pois as películas que os protegem de prováveis agressões, entretanto, tolhem-lhes a presença do olhar do Outro, enquanto trafegam pelos mesmos caminhos em cidades que nem precisam ser grandes para que essas atitudes façam parte do quotidiano.

No que respeita aos critérios de proteção e conforto associados ao que seja uma casa, o carro, ao longo de sua história, diz Araújo (2004), compete com a casa, com a habitação. A autora lembra, ainda, que a casa, ao ser concebida, ‘concede’ ao próprio carro um espaço exclusivo.

Assim, afirma a pesquisadora:

O automóvel concorre com a casa, sendo, no limite, uma forma de habitação, um espaço que oferece em miniatura, mas consistentemente, as proteções e o conforto da casa, qualquer que este seja. Sem mencionar que, às vezes, para determinadas faixas da sociedade, é a sua única casa, o automóvel fecha o indivíduo ao mundo e, dependendo do seu *design* e composição, oferece mesmo muitas outras possibilidades que, normalmente, a casa não sugere ou permite. Tudo isto não passaria de uma questão de marketing se este não estivesse tão intimamente ligado às características sociológicas dos indivíduos que idealizam, comparam, adquirem e usam um automóvel. Com efeito, trata-se de enquadrar o automóvel e as possibilidades de mobilidade que este oferece no âmbito de um estilo de vida, isto é, de um conjunto articulado de práticas e de representações que define o modo de estar dos indivíduos em sociedade. (Araújo, 2004, p. 4)

Neste contexto da cultura urbana, os automóveis geram sentimentos de acolhimento e, ao mesmo tempo, de ameaça. Acolhem-nos quando convidam ao diálogo plasmado nas narrativas que produzem durante a sua circulação, através dos seus *designs*, cores e autocolantes e, assim, remetendo-nos a traços ontológicos que caracterizam a história humana. E ameaçam-nos através das narrativas que decorrem da sua potência mecânica, dos seus ruídos ensurdecadores e de tudo o que carregam de desconhecido, de estranho. Mas, à parte deste sujeito das narrativas, há outro sujeito mais concreto, embora não tão invisível, que faz parte da cultura urbana: o sujeito físico que pode ser acolhedor e, ao mesmo tempo, agressor potencial. Aquele que poderá estar no carro ao lado, na calçada, no semáforo; esse estranho, que já não se importa se no carro ou nas sombras se esconde, é por nós mesmos criado, segundo Bauman (1998), por ser aquele que gera a incerteza, na possibilidade de um encontro feliz e, ao mesmo tempo, que dá origem ao mal-estar, ao nos tornar inseguros e perdidos. Nos carros fechados, a película

faz parte de estratégias urbanas contemporâneas de anulação deste estranho (ou do estranho em nós mesmos), que nem é mesmo visto (ou se deixa ver) às claras. Nesse sentido, vale lembrar que:

Seguindo as teorias da sociologia do imaginário, podemos discernir uma sociabilidade particular a certas ‘contraculturas’, ou microgrupos sociais, que incluem o desejo de ser invisível como uma forma de expressão identitária. (Tomás, 2010, p. 165)

Queiroz e Lacerda (2005) enfatizam que o homem e a mulher são, por excelência, seres capazes de processar o sentimento do medo, pois reconhecem a necessidade de segurança como fundamental. Os autores avançam no sentido de considerarem que o medo é um ingrediente importante para a produção social do espaço, figurando como uma estratégia de controlo social e “nesse sentido, não parece nenhum absurdo se falar na existência de uma cultura do medo, em particular na sociedade urbana contemporânea” (Queiroz & Lacerda, 2005, p. 5). Com a mesma ideia concorda Pastana (2005), dizendo que o medo, associado à criminalidade, está hoje incorporado no *modus vivendi* das grandes cidades:

Cada vez mais as cidades assumem feições ditadas por uma “arquitetura do medo” – muros altos, cercas em volta das residências, alarmes e sofisticados sistemas de segurança, assim como se verificam outros fenômenos correlatos: crescimento visível das empresas privadas de vigilância, elevada quantidade de armas de fogo em circulação, êxodo de zonas e regiões onde o risco de se transitar sozinho pressupõe-se elevado, além de outros mecanismos de autoproteção. Diante disso, os indivíduos e as instituições moldam seus comportamentos à nova realidade e reorientam-se para conviver com o medo e a insegurança, sob a tensão e a expectativa de serem vítimas de ofensas criminais. (Pastana, 2005, p. 183)

Tais comportamentos explicam-se porque somos seres *linguajeiros*, seres interpretativos; isto é, vivemos da e na busca de sentidos para o que fazemos e deixamos de fazer, para o que somos e deixamos de ser individualmente e em sociedade. Assim, às vezes, temos dificuldade na busca por segurança porque não consideramos como um legítimo outro (Maturana, 2002) aquele que poderia estar a olhar-nos do carro ao lado e o qual também olharíamos quem sabe por desconhecermos que “o possível ponto de vista do Outro faz falta para manter a coerência de sua (nossa) visão das coisas” (Le Breton, 2009, p. 36). Assim, tendemos a negar esse olhar do Outro, contrariando a possibilidade do acolhimento e procurando, “uma forma de proteção simbólica contra a adversidade, uma superfície protetora, contra a incerteza do mundo” (Le Breton, 2009, p. 38).

Bauman (1998), leitor de Deleuze, explica as características do consumo da sociedade na pós-modernidade em função da efemeridade, do imediatismo e da fragilidade dos laços afetivos entre as pessoas, agora ligadas através de “amores líquidos”. O autor atenta para o desprezo da alteridade nos indivíduos que vivem esse tempo, essa cultura

e em que não mais reconhecem o outro em todas as relações, o que causa “bloqueios” à possibilidade quotidiana de comunicação.

Deleuze, citado por Le Breton (2009, p.37), explicita ser pelo Outro que passa o desejo do indivíduo: “o que eu desejo é o que é visto, é pensado, possuído por um possível outro”.

Diante disso, e tomando-se uma linha de pensamento que perspectiva como um modo de narrar(-se) também o desejo de isolamento e de ocultar-se na obscuridade provocada pelos vidros dos carros, concebe-se, de outro modo, a ocultação como etapa de um jogo, pois em outros espaços há que dar-se a sua abertura de mundo, em fronteiras por onde se exterioriza recobrando, pela ideia veiculada pelas figuras, o que Guimarães & França (2006) explicam como sendo o vínculo social. Este constitui-se discursivamente, por um número indeterminado de jogos de linguagem: “Os homens, libertados (ou descrentes) das grandes narrativas se convertem em sujeitos de novas e episódicas enunciações” (Guimarães & França, 2006, p. 95).

Pensando com Maffesoli (2006), poderíamos remeter-nos à ambígua condição de quem, ao escolher a atitude mais individualista de se proteger que, mesmo levada a termo, tende a dissipar-se em vista da humana necessidade de identificação com um grupo, com uma tribo. No caso presente, pelo menos com a tribo dos que possuem ou cultivam a imagem da sua família nos carros.

Segundo o autor, tais tribos urbanas podem ser compreendidas como redes diversas, que se formam em grupos de afinidades, de interesse e laços de vizinhança que se estabelecem de um modo mais ou menos efêmero (Maffesoli, 2005) e comungam de valores minúsculos que se chocam, se atraem e também se repelam “numa constelação de contornos mal definidos e totalmente fluídos” (Maffesoli, 2005, p. 18).

Essa compreensão sobre a comunhão de valores minúsculos aproxima o pensamento de Maffesoli do de Hall, quando este expõe a ideia da existência de uma identidade flexível ou de identidades múltiplas, conceito que define como um “descentramento da identidade fixa e estável, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno” (Hall, 2006, p. 46).

Para que se possa ter uma melhor compreensão dos espaços e da cultura urbana, no que resulta em atenta mobilidade, o desafio dos pensadores e políticos contemporâneos, segundo Bauman (2009), é recuperar a dimensão comunitária do espaço público, como forma de aprender a arte de uma coexistência segura, pacífica e amigável. Procuraremos, assim, prosseguir esta problematização acerca dos modos de interpretar e narrar o espaço urbano, sistematizando informação produzida por meio de observação direta na cidade de Santa Maria – RS – BR.

NOTA METODOLÓGICA

De modo a melhor organizar a produção de dados, foi traçado um plano de observação, mesmo que nossa intenção fosse realizar o que Lakatos e Marconi (1988, p. 170) dizem ser uma observação assistemática, também chamada observação espontânea,

informal, simples, livre ou ocasional. É a observação sem o emprego de qualquer técnica, sem planeamento, sem controlo e sem requisitos observacionais previamente elaborados. Foi decidido que o público-alvo seria formado por ocupantes de carros com autocolantes, mas tal público teve que ser alargado, devido ao interesse de outras pessoas que se aproximavam durante as fases do trabalho, atraídos pelo pitoresco, talvez. A primeira ação planeada para este trabalho foi a produção do registo fotográfico aleatório das imagens coladas aos carros. Escolhemos, para essa fase da pesquisa, atuar em cenários urbanos de mobilidade de carros, quer em circulação, quer estacionados nas ruas, calçadas, escolas, praças, parques de supermercados e de centros comerciais. Algumas imagens também foram recolhidas na Internet, de modo a complementarem o arquivo.

Era, porém, importante levantar indicadores sobre o modo como cada um percebe e significa os autocolantes. No plano traçado, constavam a forma de abordagem dos entrevistados, assim como a intenção de relatar a experiência no presente artigo. O nosso desafio foi agir da maneira mais espontânea possível, aguardando que as pessoas se aproximassem dos carros com os autocolantes. Devido a esse procedimento, não houve seleção prévia, como também se tornou improvável precisar anteriormente o número de participantes, considerando que, ao nos dirigirmos a um membro de uma família, todo o grupo interagia em redor do assunto durante as entrevistas.

A partir das questões de pesquisa, conversamos com 32 pessoas/famílias que produziram algumas narrativas em torno das composições de suas famílias nos respetivos autocolantes. Assim, organizamos as informações propiciadas pelas conversações em seis dimensões sobre as quais falaremos adiante.

VEÍCULOS COMO MEDIA DE DIVULGAÇÃO

Andando de carro pela cidade – em qualquer cidade brasileira – encontramos inúmeros autocolantes colados nas traseiras dos carros. Isso há muito não é novidade. Deparámo-nos com as folclóricas “frases de camiões” colocadas na parte de trás dos carros e que, por mais hilariantes, grotescas e críticas que aparentassem ser, tinham como função implícita aplacar a solidão das viagens, as dificuldades das estradas. De certa forma, mostravam que quem estava no caminhão da frente tinha, a seu modo, algo a dizer, alguma intencionalidade (Fig. 1). Deste ponto de vista, as frases, assim transportadas pelo espaço urbano e estradas, irradiam sentidos e significados diversos, conforme os sujeitos, o que evidencia a abordagem de Echeverría (2006, p. 42) ao observar “perfeitamente podemos dizer: diz-me o que observas e dir-te-ei quem és”, isto é, a leitura feita por um observador fala-nos de quem ele mesmo é, de sua cultura.



Figura 1: Frases de camiões. Da direita para a esquerda, frase 1, 2, 3 e 4
Fonte: Acesso on line¹

Hoje, é cada vez mais raro encontrarmos essas frases nos camiões, porque a maioria pertence a frotas empresariais que prezam pela ‘limpeza do *layout*’ das carrocerias e tal exige impessoalidade.

Também não é novidade que os carros levam autocolantes de personagens de estórias aos quadrinhos, de artistas e políticos. Não são novidade, igualmente, os carros comerciais “timbrados” com as respectivas mensagens empresariais e publicitárias para as quais se encontram todo tipo de autocolante. Com efeito, essa tecnologia, ao desenvolver – se e ao tornar-se acessível, tanto no que se refere a custos como a ofertas, tem-se constituído como estratégia de *marketing* de empresas destinadas a promover a fixação de suas marcas. Trata-se de carros com a funcionalidade de serem, para além de veículos locomotores, meios de divulgação.

Nesse espaço de possibilidades visuais oferecidas pelas cidades — e pelas estradas, conforme a saudosista referência aos camiões — emergem diversos processos comunicativos. Adotando preferencialmente a parte posterior dos carros como suporte, os apelos constituem por meio de pedidos de leituras endereçados aos ocupantes do carro de trás (já que com os do carro ao lado a comunicação está dificultada pelo fechamento dos vidros ou pela escuridão das películas).

Uma breve análise semiótica desses materiais mostra-nos que nestas narrativas da cultura urbana exprimem-se gostos, traços pessoais e afetos, não se excluindo escolhas

¹ Frase de camião1 – Acedido em http://2.bp.blogspot.com/-r6ZW-ccG7ik/TZjvtoVo7_I/AAAAAAAAAcY/qKsz_lpL5Wg/s1600/caminh%25C3%25A3o.png. 2

Frase de camião 2 – Acedido em https://encrypted-tbn2.google.com/images?q=tbn:ANDgGcTDKKAAtBiY4aycRowowoPCgH3AcWngjw3_k4Jt_GjLF8525slj5A. Consultada em 30/07/2015.

Frase de camião3 – Acedido em http://2.bp.blogspot.com/_m315T17o7sk/TFrXvtbDEel/AAAAAAAAABJo/XmhS3PXQjlc/s1600/Frases+caminh%C3%A3o+o8.jpg.

Frase de camião 4 – Acedido em <https://ensfundamental1.wordpress.com/frases-de-parachoque-de-caminhao/>. Consultada em 30/07/2015.

espirituais, lazeres etc., tal como se demonstra pela série de imagens reproduzidas abaixo (Figura 2).



Figura 2: Expressões de gostos, preferências, por meio das figuras

Estas ilustrações constituem formas específicas de comunicação. Uma comunicação que pode ser entendida, no sentido dado por Maffesoli (2006, p. 44), como uma forma sensível da vida social contemporânea, compreendida fora dos imperativos morais, como elo a servir de “cimento social” numa época de crise das velhas certezas e de desabamento das antigas utopias. Nessa linha, podemos dizer que os autocolantes nos carros promovem redes de trocas simbólicas tecidas em mapas afetivos, através dos quais os habitantes dos veículos que vão à frente compartilham o seu campo de vivências e de relações com alguém que vem atrás – ou que vê o carro por trás. Por isso, essas imagens e expressões são signos que solicitam a participação de outros na produção identitária de outro alguém nessa forma que escolheu para narrar-se. Uma pergunta nos ocorre: na impossibilidade de estabelecer formas “convencionais” de comunicação, essa seria uma forma de as pessoas se abrirem ao mundo, de criar fronteiras por onde se deem a ler, já que não se dão a ver? Ou, então, seria essa a disposição para a leitura de si uma forma de dar-se a conhecer?

Ao considerarmos os autocolantes colocados nos carros como narrativas, estamos a tomá-los como sendo propiciadores de estórias, pois é a narrativa que possibilita ao vivido características de uma estória. Tais autocolantes, como qualidade de artefacto de uma cultura visual, na possibilidade de ser apreendida pelo olhar do outro, são uma forma de orientar a visão desse outro para que nesse carro “adentre”. Estas imagens são composições, são interpretações e, deste modo, autonarrativas poéticas (dos autores e suas famílias). Seriam uma maneira de mostrar ao outro que os habitantes desse carro não são vazios, que têm o que contar, que dão significado a algo? Os autocolantes pegados nos carros particulares repetem a função dos comerciais: servem também de materiais de divulgação? E assim como os outros têm, uma vez que são de natureza comunicativa e visual, a possibilidade de estruturar o sentir e o pensar do leitor?

Tanto as narrativas escritas como as imagéticas instigam a nossa subjetividade. Esta conceção de narrativa abarca possibilidades de uma narrativa da imagem e de uma narrativa por meio dela. O jogo com o observador/leitor acontece na escolha das imagens “eloquentes” com as quais, em interações possíveis, quer se narrar ao mundo.

Debruçamo-nos na nossa pesquisa num primeiro momento, sobre o uso de autocolantes associados à experiência e conceitualização da família. Com o foco nos *sticker*,

nas imagens que “tatuam” os automóveis, fomos percebendo a sofisticação de elementos identitários disponibilizados a quem opta colocar essas imagens nos seus carros. A composição de uma ‘família feliz’ adesivada no carro em frente leva as pessoas a produzir narrativas silenciosas de identificação/diferenciação, de inclusão/exclusão de elementos e características de si e de suas relações como estratégias que as levam a compor a imagem da *sua* família.

O adepto do *sticker*, em interação com imagens, escolhe e cria sua imagem de família, cujos membros adquirem o estatuto de personagens integradas nos dispositivos de narração de si e dos outros, nesse cenário familiar. O observador/leitor interpretará essa imagem, sendo instigado por ela a criar representações e enredos que também se entrelaçam no processo autonarrativo. Ou seja, a narrativa visual constitui, assim, a circunstância e a possibilidade do sujeito apresentar-se, dispor-se a si mesmo em imagem.

As interpretações de imagens, no caso dos *stickers*, provocam uma interação entre quem escolheu as imagens e quem as observa como leitor. Entre eles, seguindo palavras de Maffesoli (1995, p. 93), a imagem é, antes de tudo, um vetor de comunhão, interessado mais pela emoção que faz compartilhar do que pela mensagem que deve transpor, isto é, a imagem é sedução, seja qual for o seu conteúdo, pois ela favorece um sentir coletivo e um linguajar, ou seja, modos de narrar num dado contexto cultural.

CONSTITUÍMO-NOS NAS NARRATIVAS

Pelo exposto, é oportuno dar evidência a narrativas dos adeptos dessa prática social, retirando-os da banalidade do cotidiano. Em conversações suscitadas pelos autocolantes que fomos registrando durante a observação, pudemos assinalar narrativas de si e do grupo familiar de pertença dos sujeitos.



Figura 3 – autocolantes de solteiros

Lembramos que, num primeiro momento, direcionamos o foco para as possíveis narrativas em torno de dimensões familiares. À medida que progredimos na observação, percebemos que essa prática de contar-se em autocolantes nas traseiras dos carros revelava outros contornos.

Com efeito, além da tradicional família feliz, percebemos que circulavam nos parachoques dos carros, como a se revelar contra as famílias que ocupavam o espaço da narrativa pública, imagens de solteiros de toda a ordem (mulheres, homens, com filho, cachorro, gato; sem filho, sem cachorro, sem gato...) que passaram a reclamar seu lugar nesse linguajar (Figura 3). E, parafraseando Bachelard, com elas reagimos, pois, a partir de uma imagem, ativamos as nossas vivências e podemos construir ressignificações do mundo. Como afirma Bachelard, a imagem ‘desperta em nós o ser ativo (Bachelard, 1994, p. 53).

A seguir, apresentamos exemplos dessas narrativas em imagens, tradicionalmente conhecidas como “*sticker* da família feliz”. Abaixo dessas imagens registamos um conjunto mínimo, possível de usar no presente artigo, de argumentos que diferentes integrantes das famílias apresentam acerca de suas escolhas e os quais remetem para os traços culturais que marcam as suas identidades.



Uma filha:

Na minha família o meu pai e o meu irmão torcem para o Grêmio e eu e a minha mãe p'ro Inter. Eu sou a mais velha. Meu irmão é o “filhinho da mamãe”. No dia das mães nós demos uma cadelinha poodle pra ela. Agora o cachorro do pai, que tá bem velho, tem companhia. Quando escolhi o autocolante, quis mostrar que eles cuidam de nós e que somos deles. (Referindo-se aos animais de estimação).

Uma mãe:

Lá em casa, moramos nós três e o cachorrinho do meu filho. Domingo, quando estamos os três em casa, acordamos cedo e tomamos chimarrão junto. Meu marido é chegado em músicas tradicionalistas, na vida campeira. Eu prefiro ficar na cidade, sou da cidade, só vou pra fora pra descansar. No outro carro, nós tínhamos um autocolante com o brasão do Rio Grande do Sul. Agora eu, quando vi esse gaúcho (referindo-se ao autocolante), não resisti e coloquei no carro. Ele disse que não gosta dessas coisas, mas adorou ser chamado de gaúcho num estacionamento de São Paulo, por outro gaúcho.

Um avô:

Quem comprou a figura fui eu, eles colocaram. Aqui, dá pra ver que sou eu, o vô (apontando para a figura), a vó, o filho e a filha e uma neta. Está ainda faltando outra neta, que nasceu agora em dezembro e o genro, que é gremista, que não quis que colocássemos ele. Aqui ó, tem outro autocolante: “Nenhum sucesso na vida compensa o fracasso no lar”. Eu sou membro da religião [...] e um dos nossos após-tolos colocou isso numa conferência. Não adianta termos sucesso, ganharmos dinheiro e dentro de casa minha família estar desunida. Assim nós não vivemos a felicidade plena.

Um “dindo”:

Foi muito interessante... ela me dizia há dias que queria colocar a “foto” da nossa família no carro da mãe. Eu saí com ela, fomos até a banca, ela escolheu, escolheu, tinha vários tipos de pessoas. Daí, decidi que queria colocar assim: o Bobby (o cachorrinho dela), ela, o meu irmão (o pai dela), eu (o dindo dela) e a minha mãe (a avó dela). Eu olhei e comecei a rir, porque ela nos colocou lado a lado e, como estou sem namorada e o meu irmão não está mais casado, dá para pensarem que somos um casal gay, com a mãe (com cara de vovó) e a filhinha e o cachorrinho adotados pelo casal.

Tabela 1: Exemplos de narrativas em imagens e argumentos dos familiares

Através da observação das narrativas apresentadas acima, percebemos que nas elaborações das imagens de si, os sujeitos experimentam, com um potencial interlocutor, um exercício político nesse espaço comunicativo que se dá na vida cotidiana. Quando dizem “quis mostrar”, “ não resisti e coloquei no carro”, “Aqui, dá pra ver”, “dá para pensarem” sugerem, também, o quanto essa imagem de si passa, necessariamente, pelo reconhecimento da leitura, da presença do outro.

As nossas experiências permitem reafirmar que a percepção da imagem depende das nossas vivências, das interpretações que fazemos a partir de nós mesmos, das interações com o meio, das ressignificações que fazemos nas linguagens. Estamos continuamente a constituir-nos por meio de diferentes narrativas em diversas dimensões ou tipos de linguagem, num “fluir de coordenações de ações,” num linguajar, conforme nos lembra Maturana (2002).

Para Heilbrun (citado em Colomer, 2001, p. 4), “vivemos as nossas próprias vidas através dos textos. Podem ser textos lidos, contados”. Comentam os autores que qualquer que seja a forma ou o meio, as histórias vão-nos formando e são elas que devemos usar para produzirmos novas ficções, novas narrativas. Com esses autores, compreendemos que somos seres contadores de histórias e somos organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas.

No desafio de conhecermos alguns relatos de adeptos dos autocolantes, percebemos que os seus autocolantes são colocados nos carros de forma talvez inconsciente, para provocar o próprio momento de se narrarem; como um disparador, um ícone, um *link* para o que ele se insinua. Seriam um recurso de afetividade, algo como o abrir das janelas do carro para dizer que quem vai lá dentro tem a quem amar e é amado, para dizer-se pessoa do bem, familiar.

A partir das questões de pesquisa conversamos com 32 pessoas/famílias que produziram algumas narrativas em torno das composições de suas famílias nos respetivos autocolantes. Assim, organizamos as informações propiciadas pelas conversações em seis tipos, das quais fizemos os destaques que seguem. Cada um dos tipos está sustentado numa abordagem teórica específica.

NARRATIVA COMO REDE DE CONVERSAÇÕES CRUZADAS

O relato que segue é resultado do convite dirigido a uma mãe que saía de uma pracinha com seu filho de 3 anos, para se narrarem através do autocolante:

Mãe – [...] mostra todo mundo de mãozinha, ó... tem todo mundo... o time (equipa)... menos a mamãe que não é gremista, mas teve que virar gremista à força...Que mais... O L. de mãozinha com o papai. E aí todo mundo sabe que o papai tem dois gurizinhos gremistas. Sabe... foi no aniversário do papai, nós demos pra o papai esse autocolante de presente.[...] e tem os coraçõezinhos...

Filho – *tem o G. (ele), o L. (o irmão). Papai. A mamãe. A N. (irmã).*

Aqui se percebe como a narrativa colada no carro, assim como a sua descrição acima relatada, foram constituídas pela observação dos narradores a respeito de si e dos outros. Nessa perspectiva, vale lembrar Maturana (2001, p. 130), quando afirma que “a linguagem acontece quando duas ou mais pessoas operam através de suas interações recorrentes numa rede de conversações cruzadas, recursivas e consensuais”.



Figura 4: Família gremista feliz - Referência a adeptos do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

NARRATIVA COMO ATRIBUIÇÃO DE PAPÉIS AOS PERSONAGENS DA VIDA

Algumas vezes, mesmo sem estarmos diante do carro com o autocolante, as pessoas que desejaram conversar conosco não hesitaram em falar de si. Poderíamos dizer, na base do exemplo abaixo, que até deixam transparecer, pela ordem em que nominam os “familiares,” a importância que lhes atribuem. Ao perguntarmos se uma senhora (M.I.) possuía autocolante no carro, ela respondeu assim:

M.I. – Eu tenho... não sou nada contra... Realmente tem muita coisa a ver... pra mim, vale a união. Mas tem gente que é contra [...], mas eu tenho no meu carro... coloquei as duas cachorrinhas, eu, ele (o marido), e o meu gurizinho... que eu só tenho ele...

A espontaneidade da fala deixa transparecer o lugar ocupado pelos “membros” da família, o lugar dos animais, dos filhos, dos cônjuges e de si mesmos numa narrativa. Sem esquecer, ainda, que esses autocolantes são escolhas dos filhos. Tal como viemos a saber vale lembrar que “é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (Delory-Momberger, 2008, p. 37).

Outras escolhas, para nossa surpresa, trazem informações bem particulares das relações familiares, o que nos leva a pensar nas linguagens urbanas como aproximativas, que hibridizam as ordens do público e do privado.

NARRATIVA COMO MEMÓRIA DE VÍNCULOS AFETIVOS

Para ilustrar este tipo usamos a estória de um menino de 4 anos que encontramos com a sua família e a quem perguntamos se tinha autocolante no carro. Imediatamente levou-nos até os carros que estavam estacionados próximos e começou a mostrar-se no autocolante do carro dos seus pais (Figura 5).

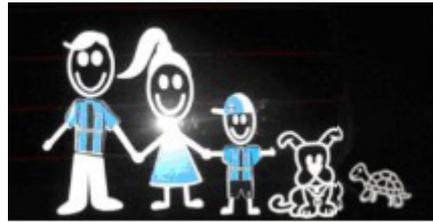


Figura 5 - Ilustração de vínculos afetivos

Ele, a sua tartaruga, o cachorro, a mãe e o pai no carro dos seus avós (o avô, a avó, ele, a prima e a tartaruga). Quando perguntamos quem eram, foi por essa ordem que R. apontou a família e, depois, relatou que tem uma tartaruga “bem pequenininha” e que a prima é filha do tio, “que dá bola para ela, mas a mãe dela nem dá bola para ela” (provavelmente uma interpretação amparada em narrativas adultas da família). Ele queria muito contar essa particularidade, pois voltou no assunto da prima que compunha, com ele, o quadro familiar dos avós. Chamou-nos a atenção a insistência de R. quanto ao registo desse vínculo afetivo. Além disso, a mãe do R. contou-nos que, quando foram comprar o autocolante para atender ao pedido dele, se surpreenderam quando o menino pediu o autocolante do cachorro, pois ele tem um cachorro de peluche.

Trata-se de uma narrativa que evidencia como a família aceitou e resignificou na imagem final as experiências afetivas, ou a memória afetiva da criança, independentemente dos vínculos apontarem para seres vivos ou inanimados. A narrativa produziu aqui um ‘sistema’ em cujas imagens a criança se identifica. Segundo Bosi (1999), que retoma Bergson, a composição desta narrativa deu-se de maneira similar à descrição do:

Próprio dinamismo interno da memória como um processo que parte de uma imagem qualquer e, por meio de associações de similaridade ou de contiguidade, vai tocando outras imagens que forma com a primeira um sistema. A recordação seria, portanto, uma organização extremamente móvel cujo elemento de base ora é um aspeto, ora outro do passado; daí a diversidade dos ‘sistemas’ que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato. (Bosi, 1999, pp. 50-51)

NARRATIVA COMO PRODUTO DA CULTURA E DA VIDA QUOTIDIANA

Podemos constatar, através da análise à linguagem dos autocolantes colados nos carros, a prevalência do gosto de crianças e de mulheres na escolha dessas imagens. Mas existem algumas exceções. É o caso de um senhor cujo relato apresentamos abaixo (Figura 6).

E. H. Foi uma briga... Na verdade, foi o P. (filho), porque os coleguinhas dele tinham. Na escola, os colegas usavam o autocolante, né... no carro dos pais... os pais usavam... e daí ele passou a nos cobrar. Na verdade, nós passamos a observar os autocolantes nos carros. Aquela coisa tipo... olha

lá... tem mais cachorrinho que... a própria família... a gente começou a ver isso aí... a gente saiu a procurar... Nós procuramos e parece que a coisa tava meio em falta... Aí, depois achamos, nos identificamos com aquilo ali, até por causa do time... nós sermos gremistas, mais o cachorro, gremista também... foi isso aí... ele falou... no começo e nós mesmos ficamos na expectativa, no sentido de ficar observando... tem até coisas criativas... tinha o casal, tantas gurizinhas pra cá, os gurizinhos e uma fila enorme de bichinhos e nós, cuidando..



Figura 6- Ilustração da vida quotidiana

Esta narrativa (Figura 6), em comparação com o relato acima transcrito, demonstra como a linguagem que a sustenta, bem como as condições culturais de sua produção, interferem na sua constituição final. Chama a atenção a diferença entre aspectos relatados a respeito do processo de constituição da narrativa e a imagem colada no carro como narrativa final. O relato, que é também uma narrativa (Barthes, 2008), mostra que esta família teve dificuldades em encontrar uma imagem com a qual se identificasse, assim optando por uma versão próxima, definida mais por referência às cores da equipa pela qual torcem os seus membros e à tendência cultural de colocar autocolantes nos carros do que por outra razão. Pode-se dizer que há equívocos quanto à linguagem se comparados os dois textos. Isso não depõe contra à conceção de narrativa, uma vez que os cinco elementos essenciais à sua estrutura estão presentes: o acontecimento, as personagens, o tempo, o espaço e o narrador. Retomando Barthes pode dizer-se que “a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, transhistórica, transcultural; a narrativa está aí, como a vida” (Barthes, 2008, p. 19).

NARRATIVA COMO ELEMENTO DE PODER

Num rápido encontro no estacionamento de um *shopping*, conversamos com uma jovem senhora que ia buscar os filhos. Dirigimo-nos para os meninos que contaram ter sido a mãe quem quis colocar “a família” no carro. Eles gostaram do autocolante, mas não gostaram de não poder colocar as suas “fotos” nas camisetas do grémio, embora as camisetas dos meninos da imagem sejam azuis, porque a mãe não quis. E disseram que ainda estava a faltar colocar o cachorrinho que ganharam, que era muito pequeno. A mãe, piscando um olho para nós, enquanto os meninos entravam no carro, disse que

ela colocou o autocolante para “todas” (referindo-se às mulheres) saberem que o dono daquele carro é bem casado e tem dois filhos.

Esta narrativa mostra-nos como a sociedade possibilita a atribuição de:

Palavras, maneirismos e grandes frases, rituais de linguagem, à massa anónima do povo para que possa falar de si mesmo – falar publicamente e sob a tripla condição desse discurso ser dirigido e posto a circular no interior de um dispositivo de poder bem definido, de fazer aparecer o fundo até então quase impercetível das existências e de, a partir dessa guerra ínfima das paixões e dos interesses, dar ao poder a possibilidade de uma intervenção soberana. (Foucault, 1992, p. 123).

NARRATIVA COMO DESEJO DE MEMÓRIA

É característica do humano a organização e classificação de eventos de ordem natural, social, política, económica, presentes na circularidade dos fenómenos, no intuito de compreender-se a si e ao meio, atribuindo-lhes significados, ou, como prefere Derrida (2001, p. 9), ao desconstruir o princípio de arquivo com o “mal de arquivo” como a “impaciência absoluta” de um “desejo de memória”.

Num outro momento, partilhado com um casal, acompanhado de seu filho, o pai contou-nos de quais e quantos personagens se constituía o autocolante da família deles. No fim, acrescentou: “agora se incorporou mais um peixe na família, o Albert. Não está no carro”. E, rindo, afirma: “não está catalogado”.

Os sentidos desta narrativa, uma vez mais a partir de Derrida, podem ser ampliados numa comparação entre ficção e realidade. Afinal, ela mostra-nos uma “cumplicidade entre ficção e testemunho”. Ou seja, há uma aproximação entre o ficcional e o vivido que é próprio dessa narrativa da cultura urbana e que amplia a conceção de memória para além do registo, para a qual “o testemunho não literário não é mais prova do que é o testemunho na forma de uma ficção literária” (Derrida, citado em Leite, 2009, p. 79).

Se considerarmos os autocolantes que “listam” os componentes da família, a prática de expor a imagem escolhida da família, assim como a multiplicidade das configurações e arranjos através dos quais se mostram, é possível avançarmos no sentido de percebermos uma mudança na constituição ‘imaginária’ da família, esta agente de abertura à coexistência de diversos modelos.

As imagens coladas nas traseiras dos carros trazem, portanto, antes de mais, imagens de família, construídas pelo grupo a que pertencem quem os transporta. Referimo-nos a todo tipo de imagens: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas e por aí adiante. Maffesoli (2001) afirmou que não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário, disse o autor, é o que determina a existência de conjuntos de imagens. E sustentou: “A imagem não é o suporte, mas o resultado” (Maffesoli, 2001, p. 76).

Nesse sentido, ao mesmo tempo que abordamos essas manifestações linguageiras de colocar autocolantes nos carros, juntamente com as imagens de família entendidas

como práticas sociais e culturais, verificamos são elas mesmas que nos vêm retratar as mudanças já ocorridas no imaginário social em relação às imagens de família. Estas dão-se a ler, compreender (ou vender?) pela circulação de seus carros como verdadeiros espaços publicitários da sua constituição e identidade cultural.

Há uma abordagem teórica diferente da nossa que colabora, porém, para compreensões mais macroestruturais, demonstrando como novas práticas culturais se vão tornando ritualísticas e configuram modos de ser e estar em sociedade. Isto dá-se na perspectiva de oportunizarem o manejo de signos e a produção de sentidos gerando, assim, atitudes económico-políticas. Neste sentido, importa citar Silva, Galhardo e Torres, especialmente quando afirmam que:

Toda a cultura tem os seus rituais e são estas práticas que inserem os indivíduos numa determinada religião, comunidade, sociedade ou, em termos mais específicos, num determinado código simbólico. Na sociedade contemporânea, podem considerar-se rituais os comportamentos e ações que estruturam uma dinâmica social comum e que comunicam com o sistema de significação a que pertencem os indivíduos. Pertencem ao domínio da comunicação, porque comportam a manipulação de signos e a construção de significados. (Silva, Galhardo & Torres, 2011, p. 304)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autocolantes, como produtos da indústria cultural, das tecnologias da comunicação visual podem se tratados, em nosso entendimento, a favor da educação, pois trazem sentidos diversos e uma rica contribuição de aprendizagens possíveis. Ou seja, as narrativas dessa cultura urbana, trazidas ao estudo e ao debate no campo educacional como abordagem pertinente aos espaços educativos pode ajudar aos professores, às escolas e à educação, de uma maneira geral, a reconhecer-se e a reconhecer o outro como legítimo em sua cultura, percebendo a sua influência nas relações escolares. Além disso, podem ampliar os cenários de referências que se dão na interação de “aprendentes” com a visualidade das imagens urbanas e os seus sentidos.

A fabricação de tais autocolantes e demais produtos da comunicação visual é certamente feita de forma consequente à leitura da sociedade para a qual se destinam. Afinal, emerge da mesma sociedade o desejo e a necessidade de pertença ao imaginário de uma “família feliz”. E, como já afirmamos, o estudo dessas narrativas e dos sentidos que seus autores lhes atribuem permite intuímos acerca dos processos de desagregação, de novas “incorporações” e reajustes por que passa a instituição familiar na atualidade, e compreendermos, assim, um pouco mais da cultura desse humano que hoje vem à escola.

Em décadas anteriores, quer parecer-nos, a iniciativa de exaltar a dissolução da conservadora constituição nuclear da família convertia-se numa forma de valorização de formas alternativas de vida e de convivência. Conversando com adeptos e não adeptos dos autocolantes da ‘família feliz’, podemos dizer que há na intenção de mostrar a sua

“imagem de família” uma atribuição de valores, não somente aos conservadores, mas, e sobretudo, àqueles novos que reafirmam a família como sendo constituída a partir também de laços culturais e não somente parentais.

Ao focarmos as nossas discussões nesses autocolantes retirando-os da banalidade, da plenitude da imagem, pensamos continuar a conduzir o debate em torno da pluralidade dos desenhos de família abundantes na contemporaneidade. Assumimos, desta maneira, a crítica à ausência de um cuidado maior nas relações escolares que poderiam explorar as manifestações e narrativas do contexto urbano, encontrando outros sentidos para a compreensão dos estudantes e suas famílias, destacando a complexidade relacional na nossa cultura, mobilizadora de aprendizagens na diversidade. //

REFERÊNCIAS

- Araújo, E. R. (2004). *A mobilidade como objecto sociológico*. Acedido em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3913/1/A%20Mobilidade%20como%20objecto%20sociologico.pdf>.
- Bachelard, G. (1994). *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Barthes, R. (2008). *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama & Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Jorge Zahar.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bretas, B. (2006). Interações cotidianas. In C. Guimarães & V. França, *Na Mídia, na Rua: Narrativas do Cotidiano* (pp. 24-42). Belo Horizonte: Autêntica.
- Colomer, T. (2001, dezembro). La enseñanza de la literatura como construcción de sentido. *Lectura y Vida - Revista Latinoamericana de Lectura*, 22, 6-23.
- Delory-momberger, C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria da Conceição Passegi; João G. da Silva Neto & Luis Passegi. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Echeverría, R. (2006). *Ontologia del lenguaje*. Buenos Aires: Granica.
- Foucault, M. (1992). *O que é um autor?* Lisboa: Passagens/Vega.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, C. & França, V. (2006). Experimentando as narrativas do cotidiano. In C. Guimarães & V. França, *Na Mídia, na Rua: Narrativas do Cotidiano*. (pp. 86 -102). Belo Horizonte: Autêntica.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Larrosa, J. (1995). *Dejame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes.

- Larrosa, J. (2006). *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Trad. de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1988). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Le Breton, D. (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Trad. Luis Alberto Salton Peretti. Petrópolis: Vozes.
- Leite, N. V. de A. (2009). Transmissão da experiência: o estranho na narrativa. *Estudos interdisciplinares – psicanálise e cultura*. São Paulo: UNICAMP. Acedido em <http://www.uva.br/trivium/edicao1/artigos-tematicos/7-transmissao-da-experiencia-o-estranho-na-narrativa.pdf>
- Maffesoli, M. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Trad. Albert Christophe Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes.
- Maffesoli, M. (2001, agosto). O imaginário é uma realidade. *FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 15, 74-82.
- Maffesoli, M. (2005). *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina.
- Maffesoli, M. (2006). *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maturana, H. (2002). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG.
- Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria da Conceição Passeggi; João Gomes da Silva Neto & Luís Passeggi. Natal: EDURFRN. São Paulo: Paulus.
- Pastana, D.R. (2005). Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 10, 183-198. doi: 10.5433/2176-6665.2005v10n2p183
- Queiroz, I. S. & Lacerda, N. (2005). Do espaço urbano sob a égide do medo à cidade que medra: representações sociais e práticas cotidianas num ambiente marcado pelo medo da violência urbana. *XI Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR* (pp. 1-20). Salvador: Bahia.
- Silva, S; Galhardo, A. & Torres R. (2011). O ritual da comunicação e o ritual do consumo: novas tribos, novos rituais. *Revista Comunicação e Sociedade*, 19, 301-315. doi: 10.17231/comsoc.19(2011).913.
- Silva, J. M. da. (2004/dezembro). Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da Comunicação. *Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 25, 42-48
- Sodré, M. (1988). *A literatura de mercado*. Série Princípios. São Paulo: Ática.
- Tomás J. C. de S. P. (2010). A invisibilidade como subversão pós-moderna na cultura urbana. *Revista Comunicação e Sociedade*, 18, 165-171. doi: 10.17231/comsoc.18(2010).995.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Felipe Gustsack possui graduação em Letras Português Inglês e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), mestrado em Educação pela Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (1998) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). É professor do PPGEdU - Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - RS, vinculado ao Departamento de Educação.

E-mail: fegus@unisc.br

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Rio Grande do Sul – RS, Brasil

Sandra Maria de Castro Rocha possui graduação em Letras-Português pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (1986), É pós Graduada em Letras pela UFSM (1988). Pós Graduada em Informática Educativa (2000), Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2011). É professora no NTEM - Núcleo de Tecnologia Educacional da Prefeitura Municipal de Santa Maria e professora colaboradora no Núcleo Palotino de Estudos do Envelhecimento – NUPEN, na Faculdade Palotina de Santa Maria – FAPAS/RS, Brasil.

E-mail: manacroch@gmail.com

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Rio Grande do Sul – RS, Brasil

* **Submetido em: 10-04-2015**

* **Aceite em: 02-07-2015**

LANGUAGE AND MEANINGS OF HUMAN SUBJECTIVITY IN URBAN CULTURE NARRATIVES: ANALYZING STICKERS USED ON CARS

Felipe Gustsack & Sandra Maria de Castro Rocha

Abstract

Based on conceptions about language, urban technologies and narratives consummated within everyday life interactions, we problematize the cultural practice of narration in the urban context. We present the analysis of the data gathered during a research developed in the city of Santa Maria, Brazil, involving the collection and analysis of images and conversations with car drivers, as well as readers of car stickers, popularly known as “happy family” stickers. Among other findings, we observed that “happy family” stickers, strategically applied on the bumpers of cars, instigate several enlightening meaning processes of individual and collective forms of self and hetero identitarian narrative in the urban context.

Keywords

Language; urban culture; narrative; family

INTRODUCTION

From the time when cave walls served to register myths, laws and other events, there have been narrators, and therefore readers, interpreters who found that media and various other materials could represent the possibility for them to be interpreted through their culture’s components. In Barthes’ words (2008, p. 19) under almost infinite ways, “narrative is present at all times, everywhere, in all societies; narrative begins with the history of mankind; there is no people without narrative; all classes, all human groups, have their own narratives, and these narratives are often appreciated by men from different, or even opposite cultures”, and have left fundamental legacies for future societies.

The documented History of each culture finds, through the resources and objects that they dominate, its own way to narrate and thus perpetuate itself over time. It has happened this way from the time when cave walls served to record important events of communities, until nowadays. It is possible to identify narratives marked by different cultures such as the Egyptians, in which the pharaonic deeds were recorded on papyrus, bas-reliefs and paintings, for instance. As another example, we may mention the tapestries, mosaics and miniatures through which medieval Christians told their stories. These forms of narration find parallel in several modern days’ phenomena, such as the bumper stickers that appear in everyday life on the back of cars and that mark the contemporary urban cultures. Thus, we may ask: are these images mere demonstrations or are they also a narrative in themselves, giving emphasis to the history of whoever is narrating them? Is it possible that these narratives, which circulate in the cars ahead of

us, are configured as a way, a language, a technology through which we also narrate ourselves, when we observe them as individuals participating in this culture?

To problematize these issues, we start with the assumption that, “as it happens with an image, a narrative puts a new world before our eyes” (Sodré, 1988, p. 75). Following this line of thought, we conceive language as an action in which we participate during the continuous process of becoming, of shaping our identity and the world we live in. In order to make the action, the emotion, the social interaction and the coexistence carried out by language more evident, Maturana (2002) speaks of a “lingo”, thus understanding the language as an act that happens through consensual coordination of interaction. Larrosa (2006) states that what we are able to read in a book is the result of our deepest mental and psychological dispositions. Paraphrasing said author, we may say that what we are able to read in an image (painting, sculpture, drawing, engraving, etc.) are our ways of narrating, proposing and recording interactions. In their different potentialities – oral, written and pictorial, among other narratives – they constitute us and, based on them, we continue to create other narratives.

A visual narrative provides us with the possibility or the circumstance of being *in* an image. That is, images are (permeable) narratives, because they are constituted of interconnections between different interpretations, as stated by Echeverría (2006), who points out that we cannot say how things really are, being only possible for us to say how we interpret and consider them. Therefore, the act of narrating involves interpreting ourselves, since every form of giving meaning and of understanding belongs to the realm of language. In Echeverría’s words (2006, p. 32) “there is not a place out of language, from which we can observe our existence”; that is, human existential experience takes place in and through language.

By focusing our gaze on an urban environment, we see tattoos marking skins and graffiti – another urban form of visual communication – spread out on facades, on the walls, on the most adequate places and also on the most inappropriate ones. Said places end up acting as canvases, as supports of artistic expressions, of cries and of sighs. These artistic expressions are, as Bretas says, like languages in graphic-visual appeals, embraced in the notion of a communicative everyday life that reveals the “ontological dimension of the realization of life that is marked by experience” (Bretas, 2006, p. 29).

Within the problematic of the modes of self-narration in urban daily life, the main purpose of this article is to contribute to the widening of the observations around narratives of urban culture, by analysing significance processes underlying the ‘happy family’ stickers stuck on the back of cars. We also have an interest in showing that this kind of narrative, considering its visibility and opacity, gives rise to several significations, which point out to the comprehension we have about family as well as about several types of subjectivities that are being configured within this urban culture.

URBAN NARRATIVES AND CULTURE UNDER OBSERVATION

We have observed a growing process of isolation to which men and women, in the name of security and protection, have been subjected, in order to keep themselves

restricted to safe places, such as malls, condominiums, buildings, houses and cars. Thus, the people who live in cities end up keeping out of familiarity, isolated by the tinted films that cover their vehicle's windows, as well as by the locked doors. In fact, they stop looking at the passengers of the car running alongside theirs, and are not seen by them either. The films that protect people from possible attacks, also avoid the presence of the Other's eyes, while the population – blind to their fellow drivers – travels along the same roads, in cities that do not need to be big for those attitudes to be made part of everyday life.

According to Araújo (2004) the car competes with the house in regards to criteria such as protection and comfort. It is possible to observe this competition between automobiles and housing throughout the history of vehicles. The author also points out that the house, when is being planned, 'grants' to the car it's own exclusive space. In this sense, the researcher says:

The car competes with the house, and is, in extremis, a form of housing, a space that offers in miniature, but consistently, the protections and the comfort of home, whatever it may be. Not to mention that sometimes, in certain groups of society, it is their only home, the car keeps the individual from the outside world and, depending on its design and settings, it offers several other possibilities that a house does not usually suggests or allows. All this would be only a matter of marketing if it were not so closely linked to the sociological characteristics of individuals who idealize, compare, purchase and use a car. Indeed, the issue revolves around fitting the car and the mobility options that it offers into a lifestyle; that is, an articulated set of practices and representations that define the way of being of individuals in society. (Araújo, 2004, p. 4)

In an urban cultural context, cars produce feelings of warmth and, at the same time, of threat. They welcome us whenever they invite us to the dialogue that is reflected in the narratives they produce when circulating, according to their designs, colours and stickers, therefore leading us to ontological traits, which characterize human story. They threaten us through narratives brought about by their mechanical power, deafening noise and all that they carry of unknown, of strange. But, apart from the aforementioned subjects of the urban narrative, there is another subject that, though not as visible, is more concrete: the individual that can be friendly and, at the same time, a potential aggressor. Said individual can be in the car alongside ours, on the sidewalk, at the traffic light; according to Bauman (1998), we create this stranger, who lurks in a car and in the shadows. Said stranger can be the one person that creates the prospect of a happy meeting and, at the same time, the bearer of distress, thus making us insecure and lost. In closed cars, the dark tint is part of contemporary urban strategies to nullify that stranger (or the stranger in ourselves), which is not even seen (or does not let him/herself be seen) above-board. In this sense, it is worth remembering that:

Following the sociological theories of imaginary, we can discern a particular sociability in certain 'countercultures', or social micro groups, which

include the desire to be invisible as a form of identity expression. (Tomás, 2010, p. 165)

Queiroz and Lacerda (2005) emphasize that men and women are, *par excellence*, beings who are able to process the feeling of fear, thus, they recognize the need for security as fundamental. The authors consider that fear is an important ingredient for the social production of space, appearing as a social control strategy, and “in that sense, it does not seem to be absurd to talk about the existence of a culture of fear, particularly in contemporary urban society” (Queiroz & Lacerda, 2005, p. 5). Pastana (2005) concurs with this idea, saying that fear, associated with criminality, is now incorporated into the *modus vivendi* of large cities:

More and more cities assume features dictated by an “architecture of fear” – high walls, fences around the houses, alarms and sophisticated security systems, as well as other related phenomena: visible growth of private surveillance companies, high number of guns in circulation, exodus from areas and regions where the risk of travelling alone is presumed to be high, besides other self-protection mechanisms. In face of that, individuals and institutions shape their behaviours according to the new reality and reorient themselves to live with fear and insecurity under the tension and the expectation of being victims of criminal offenses. (Pastana, 2005, p. 183)

Such behaviours can be explained by the fact that we are beings of lingo, or, in other words, interpretative beings. That is, we live from and in the search for meanings about what we do and about what we let undone, about what we are and about what we are not, in an individual and social sense. Therefore, sometimes, we have difficulty searching for security, because we do not consider as legitimate being (Maturana, 2002) the other that might be looking at us from the car beside ours and to whom we would also look at, perhaps because we disregard that “we do not know that to maintain a certain coherence as regards our vision about things we lack the possible point of view of the Other (Le Breton, 2009, p. 36). Thus, we tend to deny the look from the other, going against the chance of welcoming and searching for, “a form of symbolic protection against adversity, a protective surface against world uncertainty” (Le Breton, 2009, p. 38).

Bauman (1998), a reader of Deleuze, explains the characteristics of post-modern society according to the ephemerality, the immediacy and fragility of emotional bonds between people, now linked by “liquid love”. The author calls attention to the contempt of otherness that people who live in the present time and in such culture have; present days individuals no longer recognize each other in every relationship, which causes “blockages” in everyday communication. Deleuze, quoted by Le Breton (2009, p. 37), explicates that an individual’s desire is related to desiring the Other, since “What I want is what is seen, thought and possessed by a possible other.”

In face of those observations and following a train of thought that conceives the desire for isolation and hiding oneself behind dark car windows as a mode of narration,

it is also possible to classify this hiding as a form of language game, since in other social spaces the individuals are expected to open up to the world, recovering, through ideas transmitted by images, what Guimarães and França (2006) call the social bond. Said bond is discursively constituted by a number of indeterminate language games: “Men, freed from the grand narratives (or not believing in such narratives) become subjects of new and episodic utterances” (Guimarães & França, 2006, p. 95).

Following Maffesoli's (2006) ponderings, it is possible to say that individuals could choose the ambiguous and individualist attitude of protecting (and hiding) themselves; however, said attitude tends to be dissipated, when faced with the human need of identification with a group (or tribe). In the present study, we can talk about the people who make use of the “happy family” stickers on their cars as a tribe.

According to the aforementioned author, such urban tribes can be understood as various networks that are formed due to affinity, groups of interest and neighbourly bonds, and are established in a more or less ephemeral mode (Maffesoli, 2005). Said networks have in common an array of lowercase values that collide, attract and also repel each other, forming “a constellation of ill-defined and totally fluid contours” (Maffesoli, 2005, p. 18). This idea of a communion of small values approximates Maffesoli's ideas to those of Hall, since the latter exposes the concept of multiple identities (or flexible identity), that can be defined as the “decentralization of fixed and stable identity, resulting in open, contradictory, unfinished, fragmented identities of the post-modern subject” (Hall, 2006, p. 46).

In order to have a better understanding of space and urban culture, the challenge for contemporary intellectuals and politicians, according to Bauman (2009), is to recover the communitarian dimension of public space, as a way to learn the art of a safe, peaceful and friendly coexistence. Therefore, we will try to pursue this problematic about the modes of interpreting and narrating the urban space, systematizing information produced throughout the use of direct observation, in the city of Santa Maria – RS – BR.

METHODOLOGICAL NOTE

In order to better organize data production, an observation plan was drafted, even though our intention was to accomplish what Lakatos and Marconi (1988, p. 170) define as non-systematic observation, also called spontaneous, informal, simple, free or occasional observation. That is, the observation done without recurring to the use of any technique, carried out without planning, without control and without previously elaborated observational requisites. It was decided that the target public would be composed of occupants of cars that had stickers on. This public had to be enlarged due to the interest shown by other persons who approached the researches during data gathering stages of the study, maybe attracted by the picturesque. The first action planned for this work was the production of a random photographic record of sticker images affixed on cars. At that phase of the research we chose to work in urban sceneries marked by car mobility, whether in circulation or parked in streets, sidewalks, schools, parks, parking

lots of supermarkets and of shopping malls. Some images were also collected from the Internet, in order to complement the archive.

However, it was important to raise indicators about the mode through which each individual sees and ascribes meaning to the stickers. Thus, our research plan included the description of a way to approach interviewees, as well as the intention to report the experience when writing this article. Our challenge was to act as spontaneously as possible, waiting for people to approach the cars with the stickers on. Due to that procedure, there was no prior selection. It also became unlikely to know previously the number of participants, considering that, usually, when we initiated a conversation with a single member of one family, all of the other members ended up participating in the interaction, thus taking part on the interview.

Based on the starting research questions, we talked to 32 people / families that produced some narratives around the compositions of their families presented on their respective stickers. Therefore, we organized the information provided by the conversations in six dimensions, about which we will speak later on.

VEHICLES AS DISCLOSURE MEDIA

Driving around the city - in any Brazilian city, for that matter - it is possible to see numerous stickers on the backs of cars. The use of said stickers has been common for a while, now. It is possible to find folkloric “truck statements” placed on the back of cars and said statements, as hilarious, grotesque and critical as they may seem, had the implicit function of softening the loneliness of the travel and the difficulties of the road. In a way, they showed that whoever was driving the truck in front had, in his own manner, something to say, some intentionality (Fig. 1). From this point of view, the phrases, transported from interstates and highways to the urban space, radiate senses and different meanings, depending on the subject. This highlights Echeverría’s approach, who points out that “we may as well say: tell me what you observe and I will tell thee who thou art” (2006, p. 42). In other words, the understanding or interpretation that an individual presents about a determined matter (or image) tells us about who this individual is, as well as about the culture this person belongs to.

Today, it has become increasingly uncommon to find these sentences on trucks, because most of them belong to business fleets. Companies tend to value a ‘clean layout’ on their trucks, what requires impersonality and, therefore, the exclusion of personal adornments outside of the vehicles. Cars carrying stickers with comic characters, artists and politicians retrieved from comics are also not a novelty. Commercial cars “stamped” with their corporate and advertising messages, to which end a great amount of the automobile’s surface is used, are not new, either. Indeed, that technology has developed and became accessible, both in terms of cost and offer, and started to be seen as a marketing strategy used by some companies to promote their brand’s affixation. Those cars are used not only as a mean of locomotion, but also as a form of advertisement.



Figure 1: Truck quotes
Source: Online Search¹

In this space of visual possibilities offered by cities – and by roads, in accordance with the nostalgic references to truck statements – different communicative processes emerge. In the communication process triggered by bump stickers the backs of the cars are usually adopted as support, since the communication with the car placed beside is difficult, due to the closed windows or the dark films. Thus, the communication of the stickers is addressed to the occupants of the vehicle that is behind the emitter of the message, requesting them to make sense and attach meaning to the images they see.

A brief semiotic analysis of this material shows us that tastes, personality traits and emotions are expressed in these narratives of urban culture, not excluding spiritual choices, leisure, etc., as demonstrated by the series of images reproduced below (Figure 2).



Figure 2: Expressions of tastes, preferences, by means of the figures

¹ Truck quote 1 – “Children are like farts: you can just handle your own”. Retrieved from http://2.bp.blogspot.com/-r6ZW-ccG7ik/TZJvtoVo7_l/AAAAAAAAAcY/qKsz_lpL5Wg/s1600/caminh%25C3%25A30.png

Truck quote 2 – “Hi, temptation! I came to see you! Without you I don’t know how to live”. This sticker is a pun that plays with the pronunciation of the numbers and the words. The numbers are strategically positioned to substitute the pronunciation of some parts of the sentence, being their own pronunciation similar to that of the parts excluded. Retrieved from https://encrypted-tbn2.google.com/images?q=tbn:ANDgGcTDDKkAtBiY4aycRowowoPCgH3AcWngjw3_k4Jt_GjLF8525s1j5A

Truck quote 3 – “Speed controlled by holes”. Retrieved from http://2.bp.blogspot.com/_m315Tl7o7sk/TFrXvtbDEel/AAAAAAAAABJo/XmhS3PXQjlc/s1600/Frases+caminh%C3%A3o+o8.jpg.

Truck quote 4 – “Anyone who loves roses, is capable of enduring the thorns”. Retrieved from <https://ensfundamental1.wordpress.com/frases-de-parachoque-de-caminhao/>

These illustrations are specific forms of communication. A communication can be understood, in the sense given by Maffesoli (2006, p. 44), as a sensitive form of contemporary social life, comprehended outside of the moral standards, as a link serving as “social cement” in a time of crisis of the old certainties and of collapse of the old utopias. Following this line of reasoning, it is possible to say that the stickers on the cars promote networks of symbolic exchange woven in affective maps, through which inhabitants who drives ahead share their fields of experiences and relationships with someone who comes behind them – or who sees the car from behind. That is why these images and expressions are signs requesting the participation of others in the identity production of someone else in this chosen form of narrative. One question comes to our mind: in the impossibility of establishing “conventional” ways of communication, would the stickers be a way for people to open themselves up to the world, of creating boundaries through which they give themselves to be read, since they do not let themselves be known or seen?

When considering the stickers placed on the cars as narratives, we are taking them as leitmotifs for stories, insofar as it is the narrative that enables the lived experience to be named as story. Such stickers, bearing the quality of artefacts of a visual culture, and having the possibility of being understood by the look of the other, are a way of orienting the vision of the other so he/she can “enter” that car. These images are compositions, interpretations and, therefore, self-poetry narratives (of the authors and of their families). Would they be a way of showing the other that inhabitants of that car are not empty, that they have what to tell, that they give meaning to something? Do stickers placed on private cars repeat the function of their commercial counterparts? Or, in other words, do they also serve as advertising material? And as the others, (being of visual nature) do they have a chance to structure the feeling and the thought of the reader?

Both written and pictorial narratives instigate our subjectivity. The conception of narrative that we work with in this study encompasses two possibilities: of a story being told through an image and of a story of the image. The communication with the observer/reader happens through the choice of “eloquent” images with which, by potential interactions, one wants to narrate the world.

In our research we have addressed, at first, the use of stickers related to the family experience and to the conceptualization of family. Focusing on the stickers, on images “tattooed” on the cars, we begin to realize the sophistication of the identitary elements available to those who choose to put these images on their cars. The composition of a ‘happy family’ stuck on the car ahead instigates an individual to produce silent narratives of identification/differentiation, of inclusion/exclusion, of personal elements and features as well as of their relations as strategies that lead them to compose the picture of their own family.

The user of stickers, in interaction with images, chooses and creates the image of his/her own family, whose members acquire the status of characters integrated into the narrative devices of self and others, within that family scenario. The viewer/reader interprets this image, being instigated by it to create representations and plots that also

intertwine in the self-narrative process. In short, the visual narrative provides to an individual the possibility of self-representation and of self-display through an image.

The interpretation of images, in the case of stickers, provokes an interaction between those who chose the images and those who observe them as readers. Among them, according to the words of Maffesoli (1995, p. 93), the image is, above all, a vector of communion, that interests more because of the sharing of emotions that it motivates than because of the message it discloses. That is, the image is seductive, whatever it's content, since it favours a collective feeling and a lingo, or, in other words, the ways of narrating within a given cultural context.

WE MAKE OURSELVES IN THE NARRATIVES

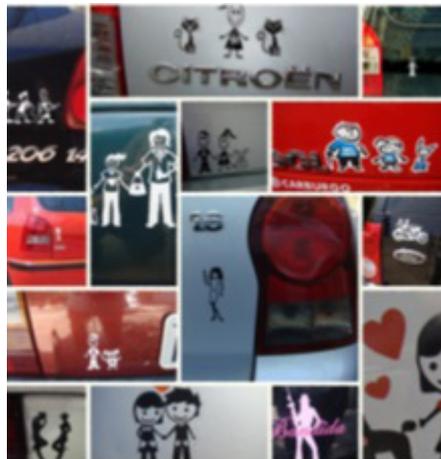


Figure 3 – Stickers for singles

Considering what was exposed above, it becomes appropriate to give relevance to the narratives of the fans of this social practice, removing them from the banality of everyday life. In conversations propelled by the stickers that we went on registering during the observation, we could signal self-narratives as well as narratives of the group to which subjects belong. It is relevant to remember that, at first, we focused on the potential narratives around family dimensions. As we moved forward with our observation, we realised that several types of images of single people (for instance, images of women and men, with or without children, with or without pets) had come to request a place in that lingo, and were circulating on cars bumpers, as if willing to reveal themselves against those families that were occupying the public narrative space. To paraphrase Bachelard, we react with them insofar as on the basis of one image we activate our experiences and we can build resignifications of the world. As Bachelard states, the image ‘awakens in us the active being’ (Bachelard, 1994, p.53).

In the table below, we expose examples of the aforementioned pictorial narratives, traditionally known as “happy family” stickers. Along with the images we recorded a summarized version of the arguments used by some interviewees to explain the stickers, justifying their choices, which refer to the cultural traits that mark their identities.



A daughter:

In my family, my father and my brother support Grêmio², whereas my mother and I are fans of Inter³. I am the oldest child. My brother is the “mama’s boy”. On Mother’s Day, we gave her a poodle puppy. Now, dad’s dog, which is very old, has company. When I chose the stickers, I wanted to show that they care for us and we are theirs (referring to the pets).

A mother:

At home, we live with three people and my son’s dog. Sunday, when the three of us were at home, we woke up early and had chimarrão⁴ together. My husband likes traditional songs and the bucolic life. I prefer to stay in town, I am a city person, and I only go to the countryside to rest. On the other car, we had a sticker with the coat of arms of the state of Rio Grande do Sul. Now, when I saw this gaúcho⁵ (referring to the man on the sticker), I could not resist and had to put it on the car. My husband said he does not like these things, but he loved being called gaúcho at a parking lot in São Paulo, by another gaúcho.

A grandfather:

I was the one who bought the picture. They affixed it. Here (pointing to the picture), you can see me – Grandpa –, the grandmother, our son and our daughter and one of our granddaughters. The sticker is still missing another granddaughter, who was born in December, and my son-in-law, who is a supporter of Grêmio. He did not want us to place his sticker there. There is another sticker here. It says: “No other success can compensate for failure in the home”. I am a religious person [...] and one of our apostles said this in a conference. It is no use to be successful and have money, if, at home, my family is disunited. In this way, we do not live true happiness.

A godfather:

It was very interesting. She told me a few days ago that she wanted to place the “picture” of our family on her mother’s car. I went out with her, we went to the newsstand and she looked and looked. There were various types of people. Finally, she decided: Bobby (her little dog), herself, my brother (her father), myself (her godfather) and my mother (her grandmother). I looked and started laughing, because she put us side by side and, as I have no girlfriend and my brother is not married anymore, one may think that we are a gay couple, side by side with the mother of one of us (who looks like a grandma), the little girl and the puppy, both adopted by the couple.

Table 1: Examples of narratives in images and family arguments

Observing the narratives exposed above we realise that, in the elaborations of self-images, individuals experience, together with a potential interlocutor, a political exercise in the communicative space that takes place in everyday life. When they say, “I wanted to show”, “I could not resist and put it on the car”, “Here, you can see”, “it makes you think”, they also suggest how much this self-image is necessarily entangled with the acknowledgement of the understanding and of the presence of the Other.

Our experiences allow us to affirm that the perception of images depends on our personal histories, on interpretations we do from ourselves, on the interactions with the environment, and on the reinterpretations we do of languages. We are continuously composing ourselves through different narratives that can have different dimensions or different types of language, in a “flow of action coordination” or a lingo, as Maturana (2002) states.

To Heilbrun (quoted in Colomer, 2001, p. 4), “we live our own lives through texts, which can be either written or spoken”. The authors note that whatever the form or the means, stories will form us and they are what we use to produce new fictions, new

² Grêmio is a well-known football team from the state of Rio Grande do Sul.

³ Inter is short for *International*, another well-known football team from Rio Grande do Sul

⁴ *Chimarrão* is a traditional caffeine-rich infused beverage from South America. It can be found in Brazil, Argentina, Uruguay, Paraguay and the Bolivian Chaco. In Brazil, its consumption is more common among the inhabitants of the southern states, such as Rio Grande do Sul.

⁵ In Brazil, those who are born in Rio Grande do Sul are called *gaúchos*.

narratives. Through the ideas of these authors, it is possible to understand that we are storyteller beings as well as organisms that, individually and socially, live narrated lives.

While we were listening to the testimonies of people who make use of the stickers, we realised that those who place the decals on their cars want (perhaps unconsciously) to provoke the very moment of narrating. The stickers are maybe used as triggers, icons or links to the meanings they imply. One can say they are an affective resource; something like opening the car window to say that whoever goes inside has somebody to love and is loved, and to proclaim him or herself as a good and family-driven person.

Based on the research questions, we talked to 32 people / families that have produced some narratives around the compositions of their families in the respective stickers. Therefore, we organised the information provided by conversations in six types, from which we have highlighted those that follow. Each type is supported by particular theoretical approach.

NARRATIVE AS A CROSS TALKS NETWORKS

The story that follows is the result of the invitation we made to a mother who was leaving a playground with her 3-year-old son to talk about the sticker:

Mother - [...] it shows everybody holding hands, look... Everyone is here... the team... but mom, who is not *gremista*⁶, had to become *gremista* by force... What else ... Here's L. holding hands with Dad. And then everyone knows that daddy has two little boys who are *gremistas*. You know... it was on Dad's birthday, we gave to Dad this sticker as a gift. [...] And there are the little hearts...

Son - It has G. (himself), L. (his brother), Dad, Mom. N. (sister).

Here we understand that the narrative stuck on the car, as well as its description reported above, were constituted by observing storytellers about themselves and others. In this perspective, it is worth remembering Maturana's words (2001, p. 130), when he states that "language happens when two or more people operate through their recurrent interactions in a network of cross recursive and consensual talks".

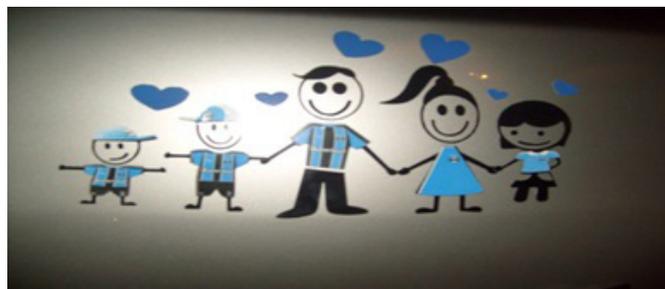


Figure 4: Happy *gremista* family - Reference to fans of Grêmio Porto Alegre Soccer Team

⁶ The fans of *Grêmio Foot-Ball Porto Alegre* are called *gremistas*.

NARRATIVE AS ASSIGNING ROLES TO THE CHARACTERS OF LIFE

Sometimes, during the data-gathering phase, even when we were not actually in front of a car with a sticker, people wanted to talk to us about their experience and did not hesitate to talk about themselves. We could say, on the basis of the example below, that they even made explicit, considering the order through which they named their “relatives”, the importance that they ascribe to their family members. When we asked a woman (M.I.) if she had a sticker on the car, she answered this way:

M.I. – I have... I am not against it... In fact it has a lot to do with... To me, the union is what matters. However, there are people who are against it [...], but I have it on my car... I have stuck two little dogs, me, and him (her husband), and my little boy... The only one that I have...

The spontaneity of the words used reveals the place occupied by family *members*, the animals' place, the kids, the spouses and themselves in a narrative. Not to mention that these stickers are children's choices. As we have come to know, it is worth remembering that: “it is the narrative that makes us the own character of our lives; it is the narrative that furnishes a story to our life: We do not make the narrative of our life because we have a story; we have a story because we make the narrative of our life” (Delory-Momberger, 2008, p. 37).

Other choices, to our surprise, bring very particular information about family relationships, what drives us to think of urban languages as approximations that make public and private orders hybridized.

NARRATIVE AS AFFECTIVE BONDS OF MEMORY

To illustrate this type of narrative, we used the story of a four-year-old boy whose family we met and to whom we asked if he had a sticker on the car. He immediately took us to the cars parked nearby and proceeded to show himself on the bumper sticker of his parents' car (Figure 5: the boy, his turtle, the dog, the mother and the father) and on his grandparents' car (his grandfather, grandmother, himself, his cousin and the turtle). When we asked who they were, R. pointed to the family in this order and then he reported that he has a “very small” turtle, and that the cousin is the uncle's daughter. The boy pointed out that the uncle “cares for her (the cousin, his daughter), but her mother does not care for her” (probably an interpretation which is anchored in adult narratives of the family). He really wanted to talk about this particularity, because he then returned to the same issue of the cousin who, together with him, was part of the familiar portrait displayed at the grandparent's car. R.'s insistence regarding the registration of such emotional bond caught our attention. In addition, R.'s mother told us that, when they went to buy the sticker, as requested by her son, they got surprised when the boy asked for the dog sticker, since he only owns a stuffed dog.

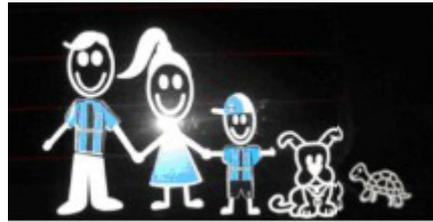


Figure 5 - Illustration about affective bounds

This narrative shows how the family accepted and resignified the affective experiences – or affective memories – of the child in the final image, regardless of the kid's emotional bonds being related to living beings or inanimate objects. The narrative, here, produced a 'system' in which images the child identified himself. According to Bosi (1999), who revisits Bergson's theories, the composition of this narrative took place in a similar way to the description of:

The own internal dynamic of memory as a process that is part of any image and that, through similarity or contiguity associations, will touch other images that form, together with the first, one system. The memory would be, therefore, a highly mobile organization whose basic element is sometimes one aspect, and sometimes another aspect of the past; hence the diversity of the 'systems' that the memory can produce in each of the spectators of the same fact. (Bosi, 1999, pp. 50-51)

NARRATIVE AS A PRODUCT OF CULTURE AND DAILY LIFE

We can determine, by examining the language of stickers, that children's and women's tastes prevail when it comes to choosing the images. However, there are some exceptions. That was the case with a man whose story we present below (Figure 6).



Figure 6 – Illustration of everyday life

EH It was a quarrel... Actually, it was P. (son), because his classmates had (it). At school, his classmates had the sticker, right... On their parents' cars... The parents used... And then he started demanding one from us. In fact, we started observing the stickers on cars. Something like... Look...

There are more puppies than... than family members... We started to see these things... We went to look for one... We sought it and it seems that the thing sort of went out of stock... Then, after, we found it and we identified ourselves with the thing, even more because of the team... We being *gremistas*, plus the dog, *gremista* as well... That was it... He said... In the beginning we were expectant, in the sense of being observers... There even is some creative stuff... There was a couple, with so many little girls by one side, with little boys and a huge line of puppies and we taking care...

This narrative (Figure 6), when compared to the narrative transcribed immediately before, demonstrates how the language which sustains it, as well as the cultural conditions behind its production, interfere in its final constitution. The difference between reported elements regarding the process of narrative constitution and the image stuck on the car as a final narrative calls attention. The story, which is also a narrative (Barthes, 2008), shows that this family had difficulties finding an image with which they could identify themselves, choosing a closer version, more in accordance with the colours that characterize the team they support, as well as with the general trend of using stickers on the cars, than with any other reason. When comparing the two texts it might be said there are mistakes on what regards the language. This does not jeopardize the conception of the narrative, insofar as the five key elements of its structure are present: event, characters, time, space and narrator. Returning to Barthes (2008, p. 19) it may be said that “the narrative derides both the good and the bad literature: international, trans-historical, cross-cultural; narrative is there, like life is” (Barthes, 2008, p. 19).

NARRATIVE AS POWER ELEMENT

In a quick meeting in the parking lot of a shopping mall, we talked to a young woman who was picking up her children. We went towards the boys who told us that it was their mother who wanted to put the “family” on the car. They liked the sticker, but they did not like the fact that on their “photos” they were not wearing *Grêmio* jerseys (although the boys’ t-shirts were blue on the image) because the mother did not want it that way. In addition, they said that their new little puppy was still missing on the image. The mother, winking at us, while the boys entered the car, said she had put the sticker for every women to know that the owner of that car is a happily married man and has two children. This narrative shows us how society enables the attribution of:

(...) words, mannerisms and great sentences, language rituals to the anonymous mass of people, so they can speak about themselves – speak publicly and, under the threefold condition that this discourse is directed and put in circulation within a well-defined power device, to bring up the background of existences hitherto almost imperceptible, and, from that tiny war of passions and interests, give power to the possibility of a sovereign intervention. (Foucault, 1992, p. 123)

NARRATIVE AS MEMORY DESIRE

The organization and classification of natural, social, political and economic events, present in the circularity of phenomena, is characteristic of the human nature. It is an attempt to reach self-understanding and the understanding of the environment. To this end, human beings ascribe meanings to events, or, as Derrida (2001, p. 9) prefers to say, we deconstruct the principle of archiving with the “evil of the archive”, as an “absolute impatience” of a “desire for memory”. During our interviews, we had the opportunity to chat with a couple that was accompanied by their son, and the father told us about the characters that composed their family’s sticker. In the end, he added, “now another fish has been incorporated to the family: Albert. It is not on the car”. And laughing, the father said: “It is not catalogued”.

Referring once more to Derrida (quoted by Leite, 2009, p. 79), we can say that the meanings of the abovementioned narrative can be extended on a comparison between fiction and reality. After all, it shows “complicity between fiction and testimony”. That is, there is an approximation between the fictional and what is lived, which is typical of urban culture narrative, and that extends the conception of memory far beyond registration, for which “non-literary testimony is no more proof than a testimony under the form of a literary fiction”.

We think, therefore, that, considering both the stickers that “display” the family elements and the very practice of exposing the chosen image of the family, and also taking into account the multiplicity of configurations and arrangements that show themselves, it is possible to see a change concerning the ‘imaginary’ of the family constitution, what produces the coexistence of different models. Images pasted on the rears of cars bring about, therefore, family portraits that are built by the groups to which those who carry said images belong. We refer to all kinds of images: cinematographic, pictorial, sculptural, technological and so on. Maffesoli (2001) stated that it is not the image that produces the imaginary, but the opposite. The existence of an imaginary, he said, is what determines the existence of sets of images, thus, “The image is not the support, but the result” (Maffesoli, 2001, p. 76).

In this sense, while we address these bumper stickers as lingo manifestations, along with pictures of family understood as social and cultural practices, the very images have come to show us the changes that have already occurred in the social imaginary regarding family pictures. Families have made themselves available to be read and to be understood (or sold?) by means of the circulation of their cars, which are used as true advertising space for the family’s constitution and cultural identity.

There is a theoretical approach that differs from ours and collaborates to more macro-structural understandings, demonstrating how new cultural practices are becoming ritualistic and configuring ways of being and living in society. Said approach advocates that those practices create opportunities for signs of management and meanings of production, thereby generating economic and political attitudes. Therefore, it is important to quote Silva and others (2011) especially when they state that:

Every culture has its rituals and these practices insert individuals in a particular religion, community, society or, in more specific terms, in a given symbolic code. In contemporary society, one may consider as rituals those behaviours and actions that structure a common social dynamic and that communicate through a system of meanings to which individuals belong to. They belong to the communication domain, as they involve the manipulation of signs and the construction of meanings. (Silva et al., 2011, p. 304)

FINAL CONSIDERATIONS

The stickers, as products of the cultural industry, of visual communications and of communications technologies can be seen as a favourable tool for education, inasmuch as they bring about different meanings as well as a rich contribution for potential learning. That is, the narratives of the urban culture, brought about into the study and the debate within the educational field, as a relevant approach to educational spaces, can help teachers, schools and education in general to recognize themselves and to recognize the other as legitimate elements in their own culture, thereby understanding their influence on school relations. Furthermore, they may extend the reference scenarios emerging from the interaction between learners, the visuality of urban images and its meanings.

The manufacture of such stickers as well as other visual communication products is certainly made after a reading of the society for which they are destined. After all, the desire and the need to belong to the imaginary of a “happy family” emerge from this very society. And, as we have stated, the study of these narratives, as well as of the meanings ascribed to them by their authors, allows us to infer about desegregation processes, new “incorporations” and re-adjustments through which the family institution is going nowadays. Therefore, the aforementioned study helps educators to understand a little more about the culture of the human beings that go to school on the present days.

It seems to us that, in previous decades, the initiative to exalt the dissolution of the conservative establishment of the nuclear family was converted into a form of appreciation of alternative ways of life and living. Due to the conversations we had with people who use and who do not use the “happy family” stickers we find plausible to say that there is, nowadays, in the intention to showcase one’s “family image” an assignment of values, not only of conservative values, but, above all, of new values that reaffirm family as constituted not just by parental bonds, but also by cultural ties.

By focusing our discussion on the “happy family” stickers and removing them from the banality of daily life, we aimed to give continuity to the debate about the plurality of family depictions, which are abundant within the contemporary society. We acknowledge, in this way, the criticism regarding the absence of a greater attention in school relationships that could exploit the demonstrations, as well as the narratives of the urban context, and find other meanings for the comprehension of students and their families, highlighting the relational complexity in our culture, which mobilizes schooling within diversity. //

REFERENCES

- Araújo, E. R. (2004). *A mobilidade como objecto sociológico*. Retrieved from <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3913/1/A%20Mobilidade%20como%20objecto%20sociologico.pdf>.
- Bachelard, G. (1994). *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Barthes, R. (2008). *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama & Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. São Paulo: Jorge Zahar.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bretas, B. (2006). Interações cotidianas. In C. Guimarães & V. França, *Na Mídia, na Rua: Narrativas do Cotidiano* (pp. 24-42). Belo Horizonte: Autêntica.
- Colomer, T. (2001, dezembro). La enseñanza de la literatura como construcción de sentido. *Lectura y Vida - Revista Latinoamericana de Lectura*, 22, 6-23.
- Delory-momberger, C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria da Conceição Passegi; João G. da Silva Neto & Luis Passegi. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Echeverría, R. (2006). *Ontologia del lenguaje*. Buenos Aires: Granica.
- Foucault, M. (1992). *O que é um autor?* Lisboa: Passagend/Vega.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, C. & França, V. (2006). Experimentando as narrativas do cotidiano. In C. Guimarães & V. França, *Na Mídia, na Rua: Narrativas do Cotidiano*. (pp. 86 -102). Belo Horizonte: Autêntica.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Larrosa, J. (1995). *Dejame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes.
- Larrosa, J. (2006). *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Trad. de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1988). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Le Breton, D. (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Trad. Luis Alberto Salton Peretti. Petrópolis: Vozes.
- Leite, N. V. de A. (2009). Transmissão da experiência: o estranho na narrativa. *Estudos interdisciplinares – psicanálise e cultura*. São Paulo: UNICAMP. Retrieved from <http://www.uva.br/trivium/edicao1/artigos-tematicos/7-transmissao-da-experiencia-o-estranho-na-narrativa.pdf>.
- Maffesoli, M. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Trad. Albert Christophe Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes.

- Maffesoli, M. (2001, agosto). O imaginário é uma realidade. *FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 15, 74-82.
- Maffesoli, M. (2005). *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina.
- Maffesoli, M. (2006). *O Tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maturana, H. (2002). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG.
- Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Trad. Maria da Conceição Passeggi; João Gomes da Silva Neto & Luís Passeggi. Natal: EDURFRN. São Paulo: Paulus.
- Pastana, D.R. (2005). Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 10, 183-198. doi: 10.5433/2176-6665.2005v10n2p183.
- Queiroz, I. S. & Lacerda, N. (2005). Do espaço urbano sob a égide do medo à cidade que medra: representações sociais e práticas cotidianas num ambiente marcado pelo medo da violência urbana. *XI Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR* (pp. 1-20). Salvador: Bahia.
- Silva, S; Galhardo, A. & Torres R. (2011). O ritual da comunicação e o ritual do consumo: novas tribos, novos rituais. *Revista Comunicação e Sociedade*, 19, 301-315. doi: 10.17231/comsoc.19(2011).913.
- Silva, J. M. da. (2004/dezembro). Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da Comunicação. *Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 25, 42-48.
- Sodré, M. (1988). *A Literatura de mercado*. Série Princípios. São Paulo: Ática.
- Tomás J. C. de S. P. (2010). A invisibilidade como subversão pós-moderna na cultura urbana. *Revista Comunicação e Sociedade*, 18, 165-171. doi: 10.17231/comsoc.18(2010).995.

Translation revised by Flávia Serafim

BIOGRAPHICAL NOTES

Felipe Gustsack graduated in Literary Arts (Portuguese and English) from the Federal University of Santa Catarina (1988), has a Masters Degree in Education awarded by the Federal University of Rio Grande do Sul (1998) and holds a PhD in Education, awarded by the Federal University of Rio Grande do Sul (2003). He is a Professor at the Post-graduate Program of Education of the University of Santa Cruz do Sul (PPGEdu) and teaches at the Master of Education of this institution.

E-mail: fegus@unisc.br

University of Santa Cruz do Sul – UNISC, Rio Grande do Sul – RS, Brazil

Sandra Maria de Castro Rocha graduated in Literary Arts (Portuguese and English) from the College of Philosophy, Sciences and Literary Arts Imaculada Conceição (1986) and holds a post-graduate degree in Literary Arts awarded by the Federal University of Mato Grosso do Sul (1988). She also holds a post-graduation degree in Educational

Computing (2000) awarded by the Federal University of Rio Grande do Sul and a Masters Degree in Education, awarded by the University of Santa Cruz do Sul (2011). She teaches at the Educational Technology Centre of Santa Maria City (NTEM), working on the following topics: media, educational psychology, Internet, mathematics education and web quest. She is a Collaborating Professor at the Pallottine Centre for Aging Studies (NUPEN) at the College of Palotina in Santa Maria (FAPAS/RS, Brazil).

E-mail: manacroch@gmail.com

University of Santa Cruz do Sul – UNISC, Rio Grande do Sul – RS, Brazil

*** Submitted: 10-04-2015**

*** Accepted: 02-07-2015**

Mobilidades, Culturas e Universos Tecnológicos
Mobilities, Cultures and Technological Universes



O SEGUNDO ECRÃ E A INFORMAÇÃO: HISTÓRIA, DEFINIÇÃO E PISTAS PARA UM FUTURO

Francisco Conrado Filho & Luís António Santos

Resumo

Enquadrada por uma expansão do mercado tecnológico vocacionado para a disponibilização de informação em cenário de mobilidade, surgiu, em anos recentes, a chamada tecnologia de Segundo Ecrã (*Second Screen*). A sua crescente popularidade, seguida de um aumento exponencial do investimento por parte de grandes operadores televisivos, conduziu a uma diversificação dos seus serviços. Uma análise da oferta existente mostra-nos que a sua potencialidade está a ser associada, principalmente, a produtos de entretenimento e comércio eletrónico. Mas para onde caminha o futuro desta tecnologia? Neste artigo, refazem-se os caminhos deste fenómeno do Segundo Ecrã por meio de uma breve perspetiva histórica; a seguir, propõe-se uma tentativa de definição e construção de modelo teórico do seu funcionamento e, por último, aponta-se um possível ponto de convergência estrutural com o jornalismo — uma interseção ainda não explorada e com grande potencial de apropriação.

Palavras-chave

Segundo ecrã; *second screen*; jornalismo interativo; *social TV*; consumo de notícias

INTRODUÇÃO

Não é de se estranhar se afirmarmos que hoje em dia grande parte da nossa interação diária é realizada (ou intermediada) por meio de produtos comunicacionais. Seja por meio de uma conversa através de *chat*, seja numa ligação por meio do telemóvel ou por troca de SMS, interagimos constantemente uns com os outros através de dispositivos que podem ser ou não móveis.

A corroborar este facto estão os números de patentes registadas. De acordo com o último relatório oficial da Organização Mundial de Propriedade Intelectual (*World Intellectual Property Organization* - WIPO) de dezembro de 2014, registaram-se 140.061 patentes apenas nas áreas das Telecomunicações e da Comunicação Digital. Juntas estas duas áreas representaram 7% de todas as patentes daquele ano.

Pode parecer pouco, mas, se tivermos em consideração que no universo de mais de dois milhões de patentes registadas, as comunicações móveis e digitais representaram o segundo maior volume de registos individuais, e que a Comunicação Digital apresenta uma das cinco maiores taxas de crescimento anual no número de registos, podemos pôr em perspetiva o seu valor. Tais números dão conta de uma realidade por demais evidente para ser formulada de outro modo: cada vez mais se buscam novos avanços nas áreas tecnológicas e cada vez mais estes são encarados como soluções cruciais para o contínuo desenvolver da sociedade.

Por outro lado, podemos afirmar que o número de patentes nem sempre corresponderá a uma real necessidade da sociedade atual. Entretanto, podemos facilmente apontar, em contraposição a este argumento, a celeridade com que o campo das tecnologias da informação tem vindo a renovar-se nos últimos anos e como esses novos avanços foram incorporados de maneira natural, para nos valermos de uma expressão de Kress (2014).

Em síntese, não se trata aqui mais do que constatar a afirmação de Lévy (1999) que numa atualização do provérbio latino *Omnes viae ad Roman ferunt* (todos os caminhos vão dar a Roma), afirmou que um movimento geral de virtualização parecia ser o inenxorável fim de todo o presente trabalho em sociedade. Não só podemos constatar essa afirmação como ainda presenciamos grande parte deste “movimento de virtualização”.

O Segundo Ecrã é, portanto, apenas mais uma etapa desse longo processo de imersão, cada vez maior, numa cultura digital intermediada por ecrãs, decorrente, por sua vez, de outro fenómeno típico desse processo de virtualização: a convergência de conteúdos e tecnológica (Jenkins, 2008). Apesar de entendida, à luz dos nossos tempos, como sendo algo próximo do conceito de multimédia (vai para muito além disso), a convergência tecnológica tem sido o caminho natural de quase todos os media e, em particular, das tecnologias de comunicação (Pool, 1983).

No entanto, muitos desses fenómenos, como bem observou Schrøder (2011), têm as suas raízes no próprio comportamento humano e na nossa forma de partilhar a atenção, o que faz dessas tecnologias uma transposição digital de uma atividade, por assim dizer, analógica. Como exemplo poderíamos dar o simples ato de conversar: das conversas face-a-face para as conversas via *chat*. A atividade foi sendo, gradativamente, virtualizada. Com o Segundo Ecrã aconteceu o mesmo. Mas, antes de chegarmos a esse ponto, convém esboçar uma breve perspetiva sobre o que é o Segundo Ecrã, tanto o fenómeno quanto a tecnologia em si.

No fim deste artigo, espera-se demonstrar que o fenómeno do Segundo Ecrã se pode ligar ao jornalismo, numa relação de complementaridade, justamente por partilharem características comuns.

O FENÓMENO DO SEGUNDO ECRÃ

O Segundo Ecrã carece de uma definição teórica e consensual na literatura — pelo menos uma definição que possa servir de base comum para discussões — por duas razões inequívocas: Primeiro, por ter entrado naquele conjunto de conceitos que parecem ser de domínio generalizado e por demais evidente que justifique concetualizações teóricas a respeito. Este processo de assimilação é muito semelhante àquele apontado por Kress (2014) em relação ao texto digital e ao qual chamou “naturalização”; Segundo, devido à falta de interesse da academia em se debruçar sobre esse tema numa perspetiva mais holística e menos instrumental. Instrumental no sentido de ou o utilizar como objeto metodológico para outras análises (como análises do discurso), ou de o estudar como um simples *gadget* de interação com a televisão.

Exemplos destes tipos de perspetivas instrumentais abundam e não são de todo despropositadas quando passamos a analisar as razões subjacentes ao surgimento dessa tecnologia¹. Porém, uma perspetiva totalmente instrumental pode apresentar limitações para a perceção das suas características menos evidentes.

Quando nos referimos à necessidade de uma visão holística na compreensão desse fenómeno, queremos dizer uma perspetiva que procure enquadrar, não apenas as suas utilidades como instrumento metodológico, mas também como objeto de estudo com interesse próprio, como acontece com a Televisão e a Internet. Referimo-nos à necessidade de se compreender as suas implicações como fenómeno cultural e histórico na nossa sociedade.

É claro que, antes de se partir para uma análise mais global do fenómeno, é necessário conhecer as suas características típicas. Portanto, antes de o definir, faz-se necessário caracterizá-lo.

AS CARACTERÍSTICAS DO SEGUNDO ECRÃ

Convém primeiro desfazer uma possível confusão: o Segundo Ecrã é muitas vezes confundido com o ato conhecido como *second screening*. Se, por um lado, o Segundo Ecrã está relacionado com a tecnologia de aplicativos desenvolvidos com o intuito específico de ser utilizado como uma extensão da televisão, por outro, o que em inglês se denomina ato de *second screening* corresponde à ação de multitarefa desenvolvida enquanto se assiste televisão (Daughty, Rowland & Lawson, 2012; Tseklevs, Whitham, Kondo & Hill, 2009). De forma sucinta, um é a tecnologia em si, o outro é a ação.

É importante notar a diferença entre tecnologia de Segundo Ecrã e *second screening* para percebermos uma relação causal subjacente entre os dois a qual decorre, por sua vez, dos processos de convergência de conteúdos.

Desde há bastante tempo, o consumo de televisão tem sido acompanhado da utilização, em simultâneo, de outras ferramentas, como computadores, telemóveis e *tablets*. A seguinte descrição retirada da página *Facebook for Business*, na divulgação de um relatório sobre o ato de *second screening*, caracteriza bem essa atividade:

Houve um tempo em que as famílias se reuniam em torno de grandes televisões e mudavam os canais com o girar de um botão. Enquanto o programa passava na televisão, as pessoas conversavam, liam jornais ou realizavam as suas tarefas domésticas. Alguns anos mais tarde, a TV tornou-se num ecrã plano e fixo na parede. Ainda continua a ser uma parte integrante das nossas vidas, mas enquanto as famílias contemporâneas assistem aos seus programas de eleição, elas interagem com outros ecrãs — o portátil,

¹ O fenómeno do Segundo Ecrã surgiu na tentativa de apropriação comercial de um fenómeno espontâneo dos telespetadores: o de realizar outras atividades enquanto se assistia a televisão. De acordo com Tussey (2013), os aplicativos de Segundo Ecrã são, em parte, uma tentativa de controlo das empresas e publicitários de modo a que possam monitorizar o comportamento das audiências, de forma mais efetiva, desde que os métodos de aferição da Nielsen, nos EUA, passaram a ser questionados.

o computador, o tablet ou o telemóvel — que fornecem acesso a um fluxo de conteúdos e conversação. (*Facebook for Business*, 17 de junho de 2014)²

Se, ao olhar para o fenómeno descrito acima, entendermos que essas atividades, que acontecem concomitantemente, não estão relacionadas com o que se assiste (por exemplo: falar ao telemóvel sobre o dia de trabalho ou ler uma notícia de desporto enquanto ao mesmo tempo se assiste a uma série), podemos afirmar que essa ação não envolve convergência de conteúdos. Pelo menos não no sentido defendido por Jenkins (2008).

Mas se, entretanto, a atividade paralela estiver relacionada com aquilo a que se assiste (como, por exemplo, comentários nas redes sociais sobre um episódio que se visiona, pesquisa de factos e trívias sobre uma determinada notícia a que se assistiu), teremos, então, outro cenário. Eis aqui o fenómeno da convergência em todo o seu esplendor: a utilização de diferentes meios na construção de uma narrativa de significados para o telespetador. Ao interagir com outras plataformas, o telespetador está a construir significados que escapam à linearidade da programação televisiva. O advento do Segundo Ecrã mostrou que o processo de convergência não implica necessariamente numa convergência para um único aparelho, como faziam antever as previsões de Pool (1983).

Essa *multitasking*, que pode ser ou não estruturada por um *app* próprio, tem levado as pessoas a acompanhar os programas televisivos tradicionais de forma mais personalizada ou mais social. Bulterman (2014) afirma que se tem intensificado o desejo por conteúdos mais personalizados. No seu encalço, diversas tecnologias foram desenvolvidas para tornar o ato de consumir televisão num ato mais pessoal, suplantando o então famoso modelo de *one-size-fits-all* (Bruns, 2007): a ideia de que um único formato, um único modelo de programação seria o suficiente para agradar as pessoas, entendidas como uma massa uniforme de desejos e vontades.

É justamente das atividades de *second screening* que surge a tecnologia do Segundo Ecrã — e não o contrário, como se pode levar a crer pela rápida absorção desse conceito pelos publicitários — num processo de transposição digital de uma atividade rotineira, ou se preferirmos voltar à definição que abre o artigo, num processo de virtualização de uma realidade já existente (Lévy, 1999). Por outras palavras, as empresas observaram que grande parte da audiência estava comprometida com outras atividades enquanto assistia televisão. De modo a ter uma melhor noção sobre o que faziam, desenvolveram aplicativos que permitem justamente isso: que as pessoas, enquanto assistem aos seus programas favoritos, interajam com outros conteúdos, em simultâneo. Mas dessa vez, dentro de um ambiente controlado e monitorizado pelos produtores de conteúdo (Lee & Andrejevic, 2013; Tussey, 2013). Ou seja, transpôs-se para outro domínio (nesse caso, o virtual) uma atividade que já era realizada pelas audiências.

Schrøder (2011) trabalha essa perspetiva quando estuda a transversalidade dos conteúdos na ótica da audiência. Para o autor, o próprio fenómeno do *cross-media* (que decorre por sua vez do fenómeno da convergência) é a forma natural com que a audiência

² Facebook for Business (17 de junho de 2014) From One Screen to Five: The New Way We Watch TV, acedido em <https://www.facebook.com/business/news/From-One-screen-to-Five-The-New-Way-We-Watch-TV>.

interage com o mundo: da televisão para a internet, da internet para o livro, do livro para o telemóvel, do telemóvel para a televisão. Na nossa perspetiva, a necessidade inerente de participação ativa por parte das audiências é o que levará ao surgimento do ato de *second screening*.

É claro que só podemos falar em segundo ecrã a partir do desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação que possibilitaram essa realidade. O surgimento dos *iPhones*, *tablets*, *ultrabooks*, assim como a disponibilização de Internet de alta velocidade, 4G, e outros diversos avanços no campo da portabilidade confluíram para permitir que a informação estivesse sempre ao alcance das nossas mãos.

Tussey (2013) refere que as pessoas usam os aparelhos portáteis como uma tática de navegação dentro do ambiente que as cerca: ‘sacar do telemóvel’ é a resposta natural para as questões ou interesses que surgem à frente. Não é de se estranhar, portanto, que as pessoas passem quase 54% do dia a interagir com ecrãs (MacKnight, 2013). E muito menos que essa seja a atitude tomada em relação ao ato de assistir televisão.

Essa ideia de audiência ativa, entretanto, não é uma aspiração recente. O desejo de se pensar numa audiência interessada e comprometida com o conteúdo não é de hoje e já perpassava os estudos clássicos da comunicação (Katz & Lazarsfeld, 1955). A era da mobilidade apenas respondeu a estas exigências.

Outro importante elemento que contribuiu para responder aos anseios de interação das audiências surgiu com o desenvolvimento das redes sociais. Hoje, não se pode pensar em ato de *second screening* sem imaginar interação social entre os diversos participantes (Cameron & Geidner, 2014; De Francisci Morales & Shekhawat, 2013; Glietto & Selva, 2014; Van Cauwenberge et al., 2014). Isso quer dizer que grande parte da atividade praticada em segundo ecrã ocorre em ambientes de rede social, tais como o do Facebook e o do Twitter³.

Foi, portanto, no encaço desses novos anseios das audiências (desejo por interatividade, mais participação e dinamismo) que surgiram os primeiros aplicativos de Segundo Ecrã.

UMA BREVE CRONOLOGIA

Foi mais ou menos por volta dos anos 2000 que começaram a surgir duas noções muito repetidas quando se falava em televisão digital (Cesar & Geerts, 2011): a *Social TV* e a Televisão Interativa (ITV). A ideia por detrás da *Social TV* é a da criação de aplicativos, na própria televisão, que permitiam a interação de uma pessoa com determinados programas. A ITV, por sua vez, vinha na direção oposta da portabilidade e pretendia juntar o potencial da Internet e dos aplicativos num único dispositivo, a televisão. Enquanto a *Social TV* vingou e continua ainda a dar as cartas em alguns aparelhos, a ITV fracassou. Estava aberto o cenário para o consumo multiplataforma. Mas nem a *Social TV*, nem a

³ Os números variam conforme a realidade estudada ou a entidade que levou a cabo a pesquisa, mas cerca de 70% a 80% das atividades de *second screening* são decorrentes da interação com as redes sociais. Estes dados de acordo com os relatórios Nielsen (2009, 2013a, 2013b), Statista (2014), Mediatvcom (2012) e Marinelli e Andò (2014).

Televisão Interativa (pelo menos nesse molde totalizador) eram ainda os modelos ideais para a integração das audiências. Eram apenas experiências de aproximação que ainda focavam na televisão como o único meio que permitia o contato entre a programação e a audiência e esqueciam do potencial dos telemóveis. No fundo, o grande avanço desses novos sistemas foi o de trazer uma nova arquitetura digital para as televisões que se aproximava mais do design computacional (Lima Júnior & Hora, 2010).

Em 2008 surgiu, então, o primeiro aplicativo de Segundo Ecrã próprio para telemóvel: o *BeeTV*, que logo se propagou entre diversos utilizadores, como se de um rastilho de pólvora tratasse. A lógica do aplicativo era muito simples: tornar a televisão em algo mais sociável através da criação de uma rede de recomendações e comentários sobre os programas de televisão assistidos. O aplicativo aproveitava-se de uma realidade bastante comum para a maior parte dos utilizadores de *smartphone* da altura: aliar o prazer de estar nas redes sociais à assistência aos programas de televisão.

No enalço do sucesso do *BeeTV* surgiram inúmeros outros, com algumas pequenas variações, que ofereciam sempre a mesma ideia: a partilha do ato ‘solitário’ de assistir televisão. Surgiram, assim, os aplicativos *BuddyTV*, *GetGlue*, *TV Chatter*, *Fan Vibe* e *Miso*. Quando alguns dos principais *atores* perceberam o filão que representavam os aplicativos de Segundo Ecrã, logo fomentaram a criação de parcerias e algumas dessas *start-ups* foram adquiridas. O primeiro exemplo disso foi a *BuddyTV* que, em abril de 2008, conseguiu arrecadar no mercado seis milhões de dólares junto de investidores interessados em explorar o seu potencial de televisão interativa⁴.

A ideia da *Social TV* também está por detrás do conceito desses aplicativos para telemóvel. Se considerados em sentido lato, os próprios aplicativos do Facebook e do Twitter incluem-se nesse conceito de interação social por via de *apps*, já que é possível, a partir deles, comentar aquilo a que se assiste, sem necessariamente ter de utilizar um *app* específico do programa para essa função.

Faltava, portanto, um aplicativo que pudesse aliar o que tanto o Facebook como o Twitter já ofereciam (interação social), para além de conteúdo adicional. É dessa necessidade que surge uma nova tipologia de aplicativos de Segundo Ecrã que viria alterar a forma de se interagir e assistir televisão: os aplicativos de imersão.

Enquanto os aplicativos baseados na *Social TV* tem por objetivo apenas a interação, os aplicativos de imersão permitem a audiência penetrar mais fundo no conteúdo a que se assiste, sem abandonar o potencial de interação. São exemplos os aplicativos desenvolvidos para as séries de televisão como *Grey’s Anatomy*, *Walking Dead* ou de eventos em direto, os Óscares, as eleições presidenciais e os programas de televisão, como *Factor X*. Um dos motivos do entusiasmo das grandes cadeias televisivas com esses aplicativos prende-se com a possibilidade de acompanhamento, em tempo real, do comportamento das suas audiências, como se se tratasse de um imenso grupo focal (Lee & Andrejevic, 2013).

Um aplicativo de Segundo Ecrã seria, portanto, o instrumento que faculta níveis mais elevados de imersão e interação do telespectador com o que vai aparecendo na

⁴ Relatório publicado pela agência Technicolor, de Renaud Fuchs. Acedido em https://www.media-tech.net/fileadmin/templates/association/Las_Vegas_2012/Presentations/fuchs2.pdf.

televisão, configurando, justamente, um dos pilares da ideia de televisão interativa. O erro durante muito tempo foi considerar que a televisão interativa representava a convergência de todos os outros meios para um único, estacionário e abrangente: o aparelho televisor. É nesse sentido que o vice-presidente sénior para o setor dos media da Nielsen, Radha Subramanyam, afirmou que “há cinco anos, nós achávamos que televisão interativa significava ter um único ecrã. Agora percebemos que (TV interativa) é o segundo ecrã” (citado em Lee & Andrejevic, 2013, p. 41). A convergência acontece, simultaneamente, por via de diversas portas.

Entre as diversas falhas e acertos que os últimos anos mostraram na criação de aplicativos de Segundo Ecrã, podemos elencar os seguintes:

- Tem de ser social, ou seja, tem de haver integração com as redes sociais para permitir uma ampla conversação;
- Não pode ser excessivo, no sentido em que o que acontece no segundo ecrã não pode interferir com o primeiro;
- Deve ter um certo aspeto lúdico;
- O próprio conceito de segundo ecrã falha quando este pretende ser o primeiro.

O Segundo Ecrã também propiciou a reversão do *time-shifting* e o ressurgimento do consumo televisivo em tempo real (Lee & Andrejevic, 2013).

ALGUNS ESTUDOS SOBRE O CAMPO

O que tem vindo a preocupar cada vez mais os produtores de conteúdo é a migração ou partilha da atenção entre os diferentes ecrãs devido, principalmente, a pressões das marcas que publicitam. Nesse sentido, muito se têm priorizado os produtos de entretenimento e as formas de se conseguir manter os consumidores atentos à publicidade. No relatório conjunto da IPG Media Lab e Magna Global (2013) detetou-se que as empresas de entretenimento são aquelas que mais têm vindo a demonstrar interesse pela procura de soluções através das aplicações de Segundo Ecrã. Tudo isso porque resultados recentes apontam que os consumidores de aplicativos de Segundo Ecrã tendem a não saltar as publicidades com as quais se deparam (Latitude, 2012).

É importante esboçar alguns tópicos sobre os impactos representados pelas novas tecnologias para o consumo dos média e para o comportamento individual. Muito embora, ainda em larga escala, a televisão se mantenha como uma fonte de informação social e entretenimento, as diversas tecnologias digitais têm vindo a alterar a forma como as encaramos (Bernhaupt et al., 2008; Ley et al., 2013; Obrist et al., 2008).

Muitas destas tecnologias, meios multi-direcionais de comunicação, para além dos modelos uni ou bidirecionais, possibilitaram a desfragmentação do consumo, permitindo que se assemelhasse em grande medida com o consumo não linear e diversificado que representou a era das hiperligações para a Internet. Quase poderíamos afirmar que a televisão, e em menor escala, o rádio, mesmo que à revelia, têm vindo a sofrer as consequências de uma nova era da informação e, conseqüentemente, de consumo

dessa informação. O ‘salto’ que os utilizadores de televisão fazem constantemente entre o aparelho e o seu telemóvel ou iPad, seria o equivalente à hiperligação da era da Web 2.0. Conforme afirma Hess (2010), essas mudanças de foco de atenção acontecem entre diferentes fontes e diferentes serviços, inclusive entre diferentes aparelhos (telemóvel, *tablet*, computador).

Alguns autores de estudos realizados até ao momento já se preocuparam em compreender essa tendência. De forma geral, distinguiram dois tipos de ações realizadas durante o ato de *second screening* (Doughty et al., 2011, 2012), o impacto ocasionado pelo consumo em diferentes ecrãs (Bellman et al., 2009) e análises do discurso sobre o género de comentário privilegiado durante essas interações (Consenza, 2013; Giglietto & Selva, 2014).

A Nielson passou a medir desde 2009 o consumo e o uso de dispositivos móveis em diversos países ao redor do mundo. Foi detetado que, a depender da faixa etária observada, o consumo tem diferentes formas de expressão (Nielsen, 2009, 2013a, 2013b). Exemplos também registados pelo relatório da Mediatvcom (2012).

Observados todos esses passos, não é difícil notar que a realidade do consumo e o potencial do Segundo Ecrã seja grande, principalmente se analisados em conjunto com os números sobre o crescimento do número de vendas de *smartphones* e *tablets*.

Uma pesquisa levada a cabo pela Mediatvlab observou que atualmente nos EUA os aplicativos de Segundo Ecrã são subdivididos em duas categorias: *Social TV/TV Discovery* e *Séries/Filmes*. Nota-se, de forma clara, como afirmou Bulterman (2014), que a tecnologia de Segundo Ecrã encontra-se ainda em busca da sua definição e por isso é uma espécie de tecnologia de transição. Tecnologia de transição esta que, na visão do autor, levará a um maior poder de influência sobre a produção televisiva do que o simples comentar.

É interessante ainda notar como, ao invés de interferir com o conteúdo da televisão, o Segundo Ecrã pode ajudar na sua fixação e apreensão por parte do telespetador (Murray et al., 2012).

O SEGUNDO ECRÃ: UMA DEFINIÇÃO

Assim, chegamos à nossa proposta de concetualização para o fenómeno do Segundo Ecrã. O Segundo Ecrã é Televisão Interativa. É audiência participativa. É a narrativa da construção de significados, em tempo real, através da multi-interação com as mais diversificadas fontes. Em outras palavras, é a contextualização do contexto, no sentido em que estamos em busca de interpretar, participar e enquadrar o que assistimos dentro de outro largo espectro de significados sociais. Toda a interação com o Segundo Ecrã seria uma tentativa de participar e penetrar cada vez mais no contexto que nos cerca. Com isso queremos dizer que o Segundo Ecrã permite não só uma socialização (Marinelli & Andò, 2014), mas ao mesmo tempo a imersão no conjunto mais alargado dos contextos.

Decorre desse conceito que o fenómeno do Segundo Ecrã poderá referir-se a duas tipologias de ações, sendo uma de socialização e a outra de imersão. Cada uma

representa um tipo de ação. Na socialização, a interação é realizada por meio de comentários e conversas em redes sociais (muitas vezes integradas aos próprios programas assistidos, outras localizadas à margem, mas dependentes do seu conteúdo). A tipologia de imersão refere-se ao aprofundamento dos conteúdos que integram a programação. É importante ressaltar que, para fins argumentativos, estas duas tipologias aparecem aqui separadas, mas devem ser entendidas numa lógica de funcionamento muitas vezes simultâneo. No fundo, os dois modos de agir sobre o conteúdo assistido procuram contextualizá-lo, seja por meio da conversa, seja por meio da pesquisa.

É importante excluir do nosso conceito, aqui exposto, as atividades de Segundo Ecrã ou *multitasking* não estruturadas, i.e., aquelas em que não há nenhuma ligação entre aquilo que se pratica entre os ecrãs. Como vários autores apontam, se esse fosse o caso, não estaríamos a falar de Segundo Ecrã, já que teríamos apenas um único ecrã que seria justamente aquele que estivéssemos atentos no momento (Castillo, 2011; Tussey, 2013). Interessa-nos, na nossa análise, estudar os espaços de interação entre os dois ecrãs.

Na tentativa de construção de um modelo gráfico que possa expressar a nossa formulação de que o fenómeno do Segundo Ecrã é a tentativa de contextualizar o contexto, atentemos ao modelo gráfico do triângulo semiótico de Peirce (Eco, 1979), na sua análise das interações linguísticas:

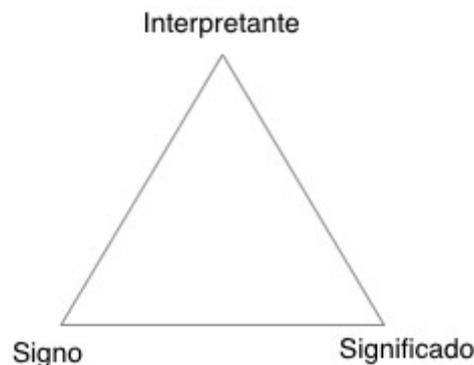


Figura 1: Triângulo semiótico de Peirce (Eco, 1979, p. 59)

Extrapolemos esse modelo para outro dentro de um cenário de consumo televisivo e utilização do Segundo Ecrã (seja ele na forma de um aplicativo próprio ou na forma do *second screening*), mas sendo este um consumo estruturado — a utilização dos ecrãs intercalados como fonte de interação e interpretação do que se está a ver. Imaginemos por agora que esse novo triângulo de interação seria composto num dos vértices pelo conteúdo, seja de qual género for. Outro vértice seria o utilizador e para fechar o triângulo equilátero teríamos o contexto em que propicia e enquadra essa interação. Teríamos o mesmo símbolo de Peirce, embora com elementos diferentes - o Signo pelo Conteúdo, o Interpretante pelo Utilizador e o Significado pelo Contexto (Ver figura 2).



Figura 2: Modelo de interação comunicacional

Agora, imaginemos que a mensagem resultante desse processo é fruto da articulação constante desses elementos. E imaginemos que essas situações são muitas vezes concomitantes e difusas e que os contextos estão todos imersos num outro contexto e desses para outro e assim sucessivamente. Essas interações, entretanto, não são limitadas, podendo ocorrer *ad infinitum*. Poderíamos imaginar o seguinte progresso:

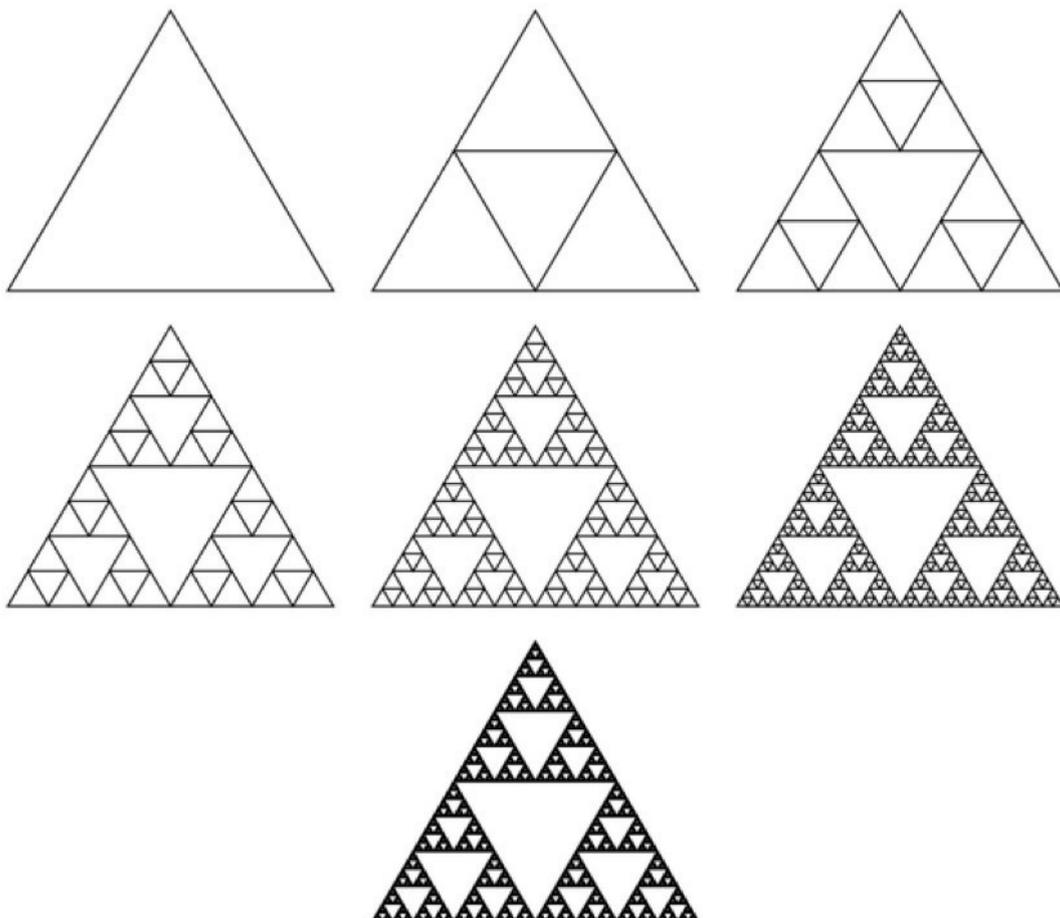


Figura 3: Progressão das interações pelo Segundo Ecrã

Eis um exemplo de figura resultante e o nosso modelo gráfico de esquematização do fenómeno do Segundo Ecrã:

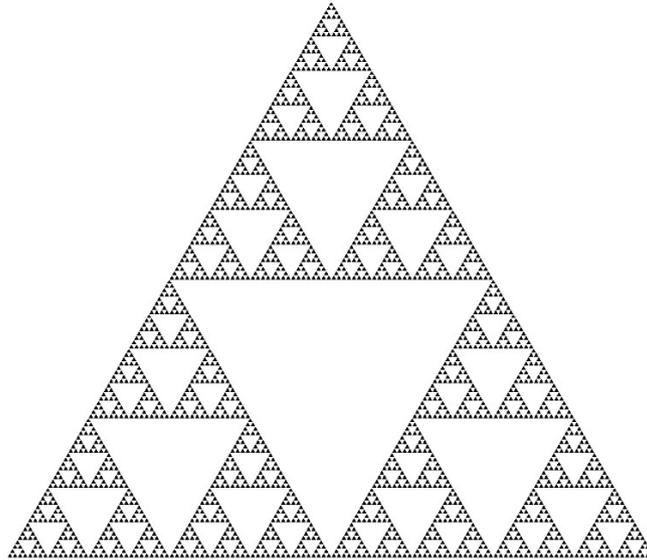


Figura 4: modelo gráfico das interações via Segundo Ecrã

Acontece que essa imagem resultante não é nenhuma criação original. Na matemática, dentro da teoria dos fractais, esse modelo é conhecido como Triângulo de Sierpinski, nome atribuído em homenagem ao matemático polaco Waław Sierpiński. Aparentemente, foi Mandelbrot quem o nomeou ao se basear na teoria de Sierpinski (1915) para descrever uma curva que cruza sobre si mesma em diversos pontos (Riddle, 2014). Esse triângulo representa o potencial de interações e imersões que o fenómeno do Segundo Ecrã propicia.

De acordo com Falconer (1990), o triângulo apresenta algumas características típicas:

- Cada parte individualmente representa o seu todo;
- Cresce para dentro e não para fora;
- É potencialmente replicável até ao ponto em que precisa ser abortado e portanto, não possui um fim.
- Existirão sempre grandes espaços vazios no interior.
- O seu escalonamento não faz perder a sua definição inicial.

Quanto ao modo como se relaciona com as interações através do Segundo Ecrã:

- Cada interação de imersão ou de socialização através do Segundo Ecrã, ao assistir um determinado programa, representa uma tipologia idêntica: a alternância entre dois ecrãs e a imersão dentro de um contexto.
- Cada contexto pode sempre levar a outros contextos e o efeito é potencialmente replicável, crescendo ao mesmo tempo dentro e ao lado de qualquer conteúdo.
- Também por conta dessa última característica, o processo tem que ser abortado pela pessoa e não possui um final.
- Os espaços vazios seriam os grandes campos contextuais de onde imanam os contextos subsequentes e com maior penetração transversal.

A imagem do fractal também é conveniente quando imaginamos que a informação nos nossos dias é fragmentária (Deuze, 2004). A própria palavra fractal vem do latim *fractus* que significa ‘partido’, ‘fraturado’. A ideia é que a informação é apenas uma pequena fração dentro de um mar caudaloso de outras informações e que só poderemos estudá-la a partir do momento em que é fracionada uma pequena parte do seu contexto (o conteúdo). O fenómeno do Segundo Ecrã permitiria, portanto, saltar entre os diversos níveis dessa informação.

Depois, se tivermos em consideração a proposta de processo comunicacional esboçada por Kress (2014) (ver figura 5), poderemos compreender melhor a identidade do gráfico. Para o autor, a comunicação só ocorre quando acontece interpretação. O leitor passa a ter a primazia do processo comunicacional e é necessário uma aproximação deste ao objeto para que a comunicação se efetue. Se observarmos a figura inicial do triângulo, podemos perceber esse conceito graficamente.

A distância do emissor ao recetor é a mesma distância do recetor ao emissor (por isso um triângulo equilátero). O contexto seria a combinação que permite a descodificação dessa mensagem. Refletindo sobre a televisão, podemos perceber que o significado das mensagens televisivas só acontecerá caso haja um interesse do telespectador em interpretá-la. Desse modo, e através do fenómeno do Segundo Ecrã (mas não só), podemos encontrar uma ilustração do interesse do leitor em imergir e interagir com a mensagem original.

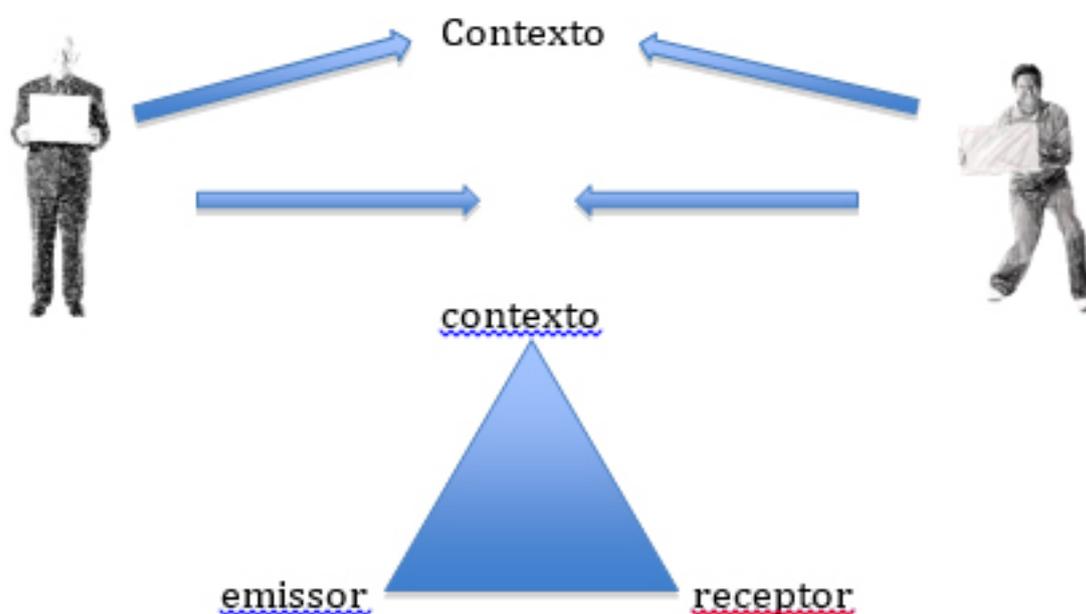


Figura 5: Ilustração a partir da abordagem de Kress (2014)

É curioso observar esse exemplo de descodificação por via da imagem do fractal no nosso próprio contexto. Há cem anos atrás, por volta de 1915, Sierpiński pela primeira

vez descreveu a ideia do fractal como pontos infinitos, que por sua vez, foi buscar a ideia à arte italiana do século XIII (Wolfram, 2002, p. 43). Ao imergir na teoria da comunicação de Kress, de modo a decifrá-la, fomos buscar o triângulo fractal de Sierpiński, que por sua vez, mergulhou na arte medieval italiana. A possibilidade de interações nessa cadeia de eventos é ilimitada, precisando ser abortada quando satisfeito o processo comunicacional. Pois, parafraseando Sierpiński (1915), numa curva cada ponto é um ponto de ramificação (“Sur une courbe dont tout point est un point de ramification”).

A INFORMAÇÃO NA ERA DO SEGUNDO ECRÃ

Uma das primeiras mudanças de posturas, representadas pelas tecnologias informativas para o consumo de notícias, é a transição de um consumo partilhado, representado pela televisão, para um consumo personalizado, na figura dos aplicativos (Bernhaupt, 2010). Essa postura representa uma mudança de paradigma para a ideia de valores partilhados, mas também uma baixa para a ideia de *gatekeeper* em contextos mais alargados. Vale ressaltar que o *gatekeeper* não desaparece, mas ganha contornos mais voláteis, como afirma Bruns (2005).

Esta tentativa de compreender o modo como as pessoas interagem com os novos media é importante em qualquer estudo que tenha como escopo desenhar um novo sistema de consumo noticioso que seja útil e prático (Ley et al., 2013). Encarar por isso a tecnologia do Segundo Ecrã como uma espécie de *hub* ou junta de ligação entre o que se produz nos jornais e os interesses das audiências, conduzir-nos-á, sem sombra de dúvidas, para uma percepção mais acurada dessa tecnologia.

Courtois e D’Heer (2012) demonstraram que as relações estabelecidas entre os utilizadores e as tecnologias que medeiam a comunicação estão muitas vezes tão entrelaçadas, que as próprias fronteiras entre os diferentes media são esbatidas. Ley et al. (2013) acrescenta mais outros três fatores que influenciam o consumo de informações, nomeadamente, as características individuais do utilizador, a estrutura do conteúdo e o contexto social. O que se parece extrair nesses estudos é que o utilizador e os processos pelo qual passa tornam-se cada vez mais importantes para quem produz o conteúdo.

Um dos conceitos que surge na leva da digitalização da informação é o de *cross-media*. O *cross-media*, entretanto, alcançou o status de disciplina alternativa e galgou o estatuto de panaceia para os problemas enfrentados pelos produtores de conteúdo em plena era digital (Schrøder, 2011; Barbosa, 2013). Nessa perspetiva, uma visão genuína de qualquer fenómeno jornalístico tem que ter em conta a perspetiva do utilizador, porque o próprio fenómeno do *cross-media* é a forma natural com que a audiência interage com o mundo.

Westlund e Färdigh (2015) acrescentam, ainda, a mobilidade e a necessidade de comentário do utilizador (comentário esse tanto direto — voltado para o próprio jornal — como indireto, voltado para as suas próprias redes de contatos). O importante, dentro de uma visão mercadológica das empresas jornalísticas, é não perder as oportunidades de penetração e se o *cross-media* representa que a partilha da informação deve ser

sistematizada, personalizada e individualizada, cabe aos jornalistas trabalharem com a ótica sempre presente dos utilizadores.

Essa aproximação à perspectiva do utilizador obriga a um pensamento sistémico e holístico que possa entender o quadro das suas interações com o produto jornalístico, como também, o seu enquadramento com as tecnologias que servem de intermediárias (De Francisci Morales & Shekhawat, 2013). É por isso que defendemos que não podemos estudar um fenómeno isolado, sem a compreensão e o pegar emprestado termos de outros campos que possam ajudar na sua melhor compreensão.

INTERSEÇÃO COM O JORNALISMO

Explicado o seu conceito e funcionamento, poderíamos questionar-nos, em seguida, de que modo o Segundo Ecrã poderia se relacionar com a informação jornalística, que é a proposta deste artigo. Se levarmos em consideração a nossa definição do fenómeno do Segundo Ecrã até aqui defendida e a aliarmos à perspectiva de que o jornalismo serve para contextualizar a ação social (Sousa, 2003), não é difícil percebermos aonde poderemos chegar.

De acordo com Van Dijk (1988), o ato de ler notícias desencadeia dois processos mentais, sendo estes uma memória episódica e outra semântica. A memória episódica, de acordo com o autor, seria aquela relacionada com os acontecimentos em si mesmos. Esta memória está relacionada com a própria narrativa apresentada pela notícia, representada na figura do Quem, o Quê, Onde, Quando, Porque e Como. A memória semântica seria os grandes quadros contextuais que abarcariam a sua estrutura de modo a que possa ser compreendida pelo leitor. Esta memória seria a responsável pela decodificação dos factos e o relacionamento de determinados episódios com outros.

Não é muito difícil lermos nessa estrutura a ideia de Tuchman (1986), que afirmava que o ato de ler notícias nos permitiria continuar a ler e receber outras notícias, através da compreensão dos mecanismos que as compõem. Ainda dentro da perspectiva de Van Dijk (1988), quando os acontecimentos episódicos se convertem em elementos que facultam a compreensão de futuros acontecimentos, essa memória adquire valor semântico, isto é, ganha contornos de estrutura macrosintática que permitirá a compreensão dos acontecimentos subsequentes.

Um exemplo desse fenómeno poderia ser dado do seguinte modo: os ataques ao Charlie Hebdo podem ser vistos como episódios com interesse próprio, mas também, a memória semântica estabelece uma conexão, onde consegue enquadrar tais acontecimentos dentro de uma longa diatribe entre o Ocidente e o Médio Oriente.

Poderíamos também utilizar a imagem do triângulo para explicar esse processo: um grande triângulo onde cada um dos seus lados seriam, respetivamente, a memória semântica, a memória episódica e o leitor, que juntos configuram o sentido da informação. Como é de se prever, toda memória semântica está, por sua vez, relacionada com outras memórias episódicas que lhe dão sentido. Se multiplicarmos essa imagem, poderemos ver a formação de triângulos.

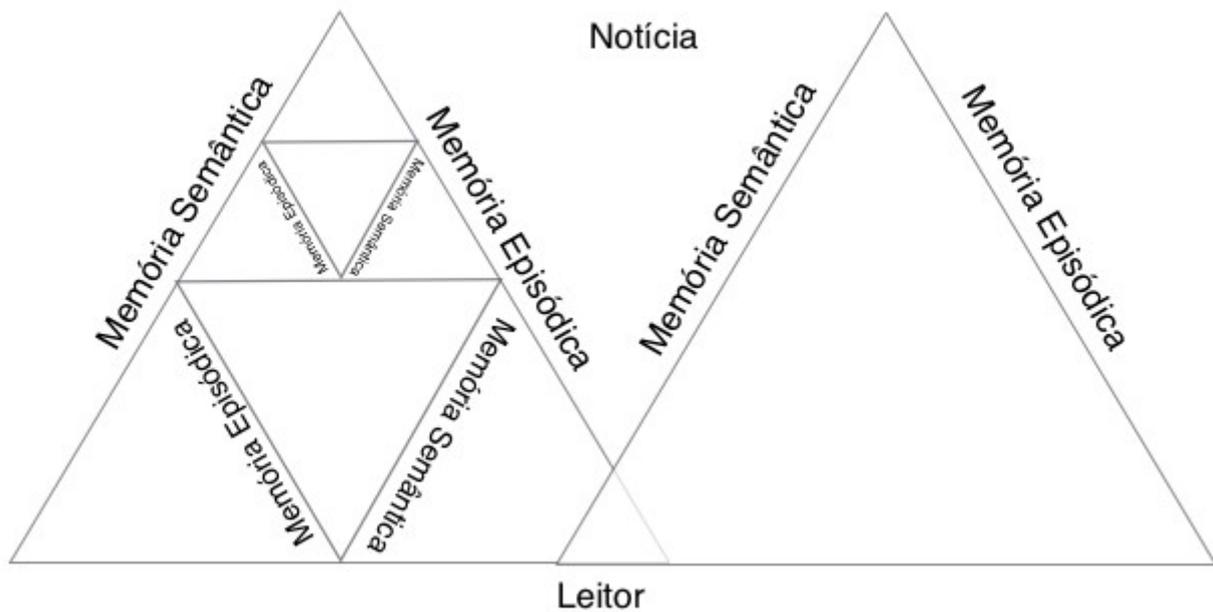


Figura 6: Processo de leitura de notícias a partir de Van Dijk (1988).

E o que acontece quando falha a memória semântica? Temos a incompreensão da informação veiculada, pelo menos, dentro de uma cadeia de eventos. Nesse sentido apareceria o Segundo Ecrã como uma ferramenta que permite a interação contínua e imediata entre o utilizador e o contexto da informação, principalmente ao falarmos de informação televisiva, que é aquela que mais carece de contextualização.

O fenómeno do Segundo Ecrã não só permitiria um aprofundamento da notícia, com expansões de conteúdos que podem ser facilmente amarradas aos noticiários, como também permitiria a compreensão de notícias ‘soltas’ ou as chamadas *suite* jornalísticas. Nesse caso, saltar entre os diferentes níveis de leitura seria uma tarefa mais exequível. O Segundo Ecrã torna-se justamente um candidato apto a esse papel por compartilhar com as notícias a sua mesma estrutura triangular e tornando mais acessível para o leitor o processo de a percorrer entre os diferentes níveis.

Como afirma Aladro Vico (1996), ler uma notícia pressupõe competências específicas de associação macrosintática e macrosemântica. São justamente essas interligações macrosintáticas que o triângulo de Sierpinski aqui apresentado pretende expor. O potencial replicável e simultâneo propiciado pelo Segundo Ecrã expande os contextos inicialmente observados.

Desse modo, uma das maneiras de explorar as diferentes estruturas que compõem a notícia, utilizando as tipologias propostas por Aladro Vico (informação nova, informação conhecida, informação chave e informação explícita), é através do fenómeno do Segundo Ecrã, que nesse caso poderia ser entendido como uma caixa de ferramentas para a decodificação do discurso jornalístico. Claro que isso demandará do utilizador uma ação pró-ativa. Mas não podemos esquecer que o receptor da informação é aquele que detém a chave para a sua concretização (Kress, 2014).

PISTAS PARA UM FUTURO

Observou-se até aqui que o fenómeno do Segundo Ecrã representa uma nova maneira de nos relacionarmos com os conteúdos. Também se observou que o Segundo Ecrã representa os anseios das audiências por mais interação e participação nos conteúdos consumidos. O que procuramos fixar, com este artigo, foi uma imagem descritiva da sua dinâmica de funcionamento, para em seguida apontar que esta estrutura partilha com o ato de consumir notícias um formato similar. A partir daqui podemos observar que o Segundo Ecrã, apesar de ainda não explorado nesse contexto, apresenta grande potencial de expansão e de leituras para o jornalismo.

Não se procurou aqui estabelecer simetrias forçadas entre a geometria fractal e um fenómeno naturalmente fluido, mas o interessante, ao colocarmos esses conceitos lado a lado, é percebermos que existe um fio condutor nas ordenações e lógicas de reprodução. Quando imaginamos o consumo de conteúdos, idealmente, estamos a imaginar um conjunto de utilizadores ativos e participativos que procuram cada vez mais penetrar na camada superficial dos acontecimentos mediáticos. Isso porque as pluralizações das telas representaram para a sociedade urbana uma busca por novas socialidades (Siqueira, 2010). Acrescentam-se a estas necessidades relacionais, a capacidade de participação das audiências na construção dos seus próprios significados e veremos, como tentou demonstrar Deuze (2008), que estas são consequências diretas das sociedades de democracia mais participativas. A televisão, perspectivada durante muitos anos como um meio de um para muitos sofre agora uma nova guinada na sua direção e o fenómeno do Segundo Ecrã contribuiu em grande parte.

Perante esse cenário hodierno, para alguns pós-moderno e para outros hipermoderno, não é de se estranhar que a oferta existente ainda não dê conta de todas as realidades encontradas. Esse motivo é ainda mais evidente ao percebermos que, no que respeita a tecnologia a necessidade é muitas vezes criada conforme a oferta. Esta reflexão procura justamente apontar caminhos. Essa dinâmica precisa ser integrada nas práticas e rotinas jornalísticas e pensada pelo lado de quem produz os conteúdos. O fenómeno do Segundo Ecrã tem vindo a demonstrar que os utilizadores/leitores estão cada vez mais interessados em mergulhar nos conteúdos interativos em busca de uma narrativa para o contexto que os cerca. Talvez seja este o elo que faltava para transformar, definitivamente, em mais ativo o ato de consumir televisão. No fundo, a potencialidade está latente, cabe-nos a nós explorá-la. //

REFERÊNCIAS

- Aladro Vico, E. (1996). La Recepción de la Noticia. *CIC Cuadernos de Información y Comunicación*, 2, 47-55. Acedido em <http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/CIYC9696110047A/7442>
- Barbosa, S. (2013). Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In J. Canavilhas (Ed.), *Notícias e Mobilidade* (pp. 33- 54). Covilhã: Livros Labcom.
- Bellman, S., Schweda, A. & Varan, D. (2009). Viewing angle matters screen type does not. *Journal of Communication*, 59, 609–634. doi: 10.1111/j.1460-2466.2009.01441.x.

- Bernhaupt, R., Obrist, M., Weiss, A., Beck, E. & Tscheligi, M. (2008). Trends in the living room and beyond: results from ethnographic studies using creative and playful probing. *Computers in Entertainment*, 6(1), 1-23. doi: 10.1145/1350843.1350848.
- Bernhaupt, R., Weiss, A., Pirker, M., Wilfinger, D. & Tscheligi, M. (2010). Ethnographic insights on security, privacy, and personalization aspects of user interaction in interactive TV. In P. Vuorimaa & P. Naranen (Eds.), *8th European Conference on Interactive TV and Video – EuroITV'10* (pp. 187-196). Nova Iorque: ACM.
- Bruns, A. (2005). *Gatewatching: collaborative online news production*. Nova Iorque: Peter Lang.
- Bruns, A. (2007, junho). *Producers: Towards a broader framework for user-led content creation*. Comunicação apresentada no 6º Creativity and Cognition Conference, Washington.
- Bulterman, D. (2014). Interacting with third party content: Is second screen enough?. In P. Olivier, P. Wright & T. Bartindale (Eds.), *ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video - TVX '14* (pp. 1-2). Nova Iorque: ACM.
- Cameron, J. & Geidner, N. (2014). Something old, something new, something borrowed from something blue: Experiments on dual viewing TV and twitter. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 58(3), 400-419. doi: 10.1080/08838151.2014.935852.
- Castillo, J. (2011). A second screen to rule them all, *Streaming Media*, 8, 4, 18.
- Cesar, P. & Geerts, D. (2011). Past, present, and future of social TV: A categorization. In S. Baladin & S. Gibbs (Eds.), *Consumer Communications and Networking Conference* (pp. 347 – 351). Nova Jérícia: IEEE.
- Cosenza, V. (2013, 14 de janeiro). Social TV: Le trasmissioni italiane di maggior successo in rete. *Che Futuro*. Acedido em <http://www.chefuturo.it/2013/01/social-tv-le-trasmissioni-di-maggior-successo-in-rete/>.
- Courtois, C. & D'heer, E. (2012). Second screen applications and tablet users: constellation, awareness, experience, and interest. In S. Arbanowski & S. Steglich (Eds.), *10th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV'12* (pp. 153-156). Nova Iorque: ACM.
- De Francisci Morales, G. & Shekhawat, A. (2013, abril). *The future of Second Screen experience*. Comunicação apresentada no Workshop Exploring and Enhancing the User Experience for TV, Paris.
- Deuze, M. (2004). What is multimedia journalism?. *Journalism Studies*, 5(2), 139-152. doi: 10.1080/1461670042000211131.
- Deuze, M. (2008). The changing context of news work: liquid journalism and monitorial. *International Journal of Communication*, 2, 848-865. Acedido em <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/290>.
- Doughty, M., Rowland, D. & Lawson, S. (2011). Co-viewing live TV with digital backchannel streams. In M. Damásio & G. Cardoso (Eds.), *9th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV'11* (pp. 141-144). Nova Iorque: ACM.
- Doughty, M., Rowland, D. & Lawson, S. (2012). Who is on your sofa?: TV audience communities and second screening social networks. In S. Arbanowski & S. Steglich (Eds.), *10th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV'12* (pp. 79-86). Nova Iorque: ACM.
- Eco, U. (1979). *Theory of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press.
- Falconer, K. (1990). *Fractal geometry: Mathematical foundations and applications*. Chichester: John Wiley.
- Giglietto, F. & Selva, D. (2014). Second screen and participation: A content analysis on a full season dataset of tweets. *Journal of Communication*, 64, 260-277. doi: 10.1111/jcom.12085.

- Hess, J. & Ogonowski, C. (2010). Steps toward a living lab for social media concept evaluation and continuous user-involvement. In P. Vuorimaa & P. Naranen (Eds.), *8th European Conference on Interactive TV and Video – EuroITV'10* (pp. 171–174). Nova Iorque: ACM.
- IPG Media Lab & Magna Global. (2013). *The Second Screen Fallacy - What It All Means* (report). Acedido em http://ipglab.com/wp-content/uploads/2013/10/The_Second_Screen_Fallacy_Sept_20131.pdf.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Katz, E. & Lazarsfeld, P.F. (1955). *Personal influence: The part played by people in the flow of mass communications*. Nova Iorque: The Free Press.
- Kress, G. (2010). *Multimodality: A social semiotic approach to communication*. Londres: Routledge.
- Kress, G. (2014). Reading, learning, and texts in their interaction with the digital media. *NCRM working paper*. Acedido em <http://eprints.ncrm.ac.uk/3597/>.
- Latitude. (2012). *Deconstructing the Multi-Screener: A Bravo Study with Latitude* (report). Acedido em <http://latd.com/2012/11/16/deconstructing-the-multi-screener-a-bravo-study-with-latitude>.
- Lee, H.J. & Andrejevic, M. (2013). Second Screen theory: From the democratic surround to the digital enclosure. In J. Holt & K. Sanso (Eds.), *Connected Viewing: Selling, Streaming, & Sharing Media in the Digital Era* (pp. 40-61). Nova Iorque: Routledge.
- Lévy, P. (1999). *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34.
- Ley, B., Ogonowski, C., Hess, J., Reichling, T., Wan, L. & Wulf, V. (2013). Impacts of new technologies on media usage and social behaviour in domestic environments. *Behaviour & Information Technology*, 33(8), 815-828. doi: 10.1080/0144929X.2013.832383.
- Lima Junior, W. & Hora, L. (2010). Interatividade na TV digital: A interface como metáfora da arquitetura computacional. *Comunicação e Sociedade*, 17, 103-118. Acedido em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1016/980>.
- MacKnight, S. (2013, 1 de outubro). A View on Second Screen. *12ahead*. Acedido em <http://www.12ahead.com/view-second-screen>.
- Marineli, A. & Andò R. (2014). Multiscreening and social TV: The changing landscape of TV consumption in Italy. *VIEW Journal of European Television History and Culture*, 3(6), 24-36. Acedido em <http://www.viewjournal.eu/index.php/view/article/view/JETHCo67/151>.
- Mediatvcom. (2012). *Decrypting the second screen market* (report). Acedido em <http://www.mediatvcom.com/decrypting-the-second-screen-market-mediatvcom-new-white-paper>.
- Murray, J., Goldenberg, S., Agarwal, K., Chakravorty, T., Cutrell, J., Doris-Down, A. & Kothandaraman, H. (2012). Story-map: iPad companion for long form TV narratives. In S. Arbanowski & S. Steglich (Eds.), *10th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV'12* (pp. 223-226). Nova Iorque: ACM.
- Nielsen (2009). *Three screen report: Media consumption and multi-tasking continue to increase across TV, Internet, and mobile* (report). Acedido em <http://www.nielsen.com/us/en/newswire/2009/three-screen-report-media-consumption-and-multi-tasking-continue-to-increase.html>.
- Nielsen (2013a). *The cross-platform report: A look across screens* (report). Acedido em <http://www.nielsen.com/us/en/reports/2013/the-cross-platform-report-a-look-across-screens.html>.

- Nielsen (2013b). *Action figures: How second screens are transforming TV viewing* (report). Acedido em <http://www.nielsen.com/us/en/newswire/2013/action-figures-how-second-screens-are-transforming-tv-viewing.html>.
- Obrist, M., Bernhaupt, R. & Tscheligi, M. (2008). Interactive TV for the home: An ethnographic study on users' requirements and experience. *International Journal of Human-Computer Interaction*, 24(2), 174-196. doi: 10.1080/10447310701821541.
- Pool, S. (1983). *Technologies of freedom*, Londres: Harvard College.
- Riddle, L. (2014). Sierpinski Gasket. *Classic Iterated Function System*. Acedido em <http://ecademy.agnesscott.edu/~lriddle/ifs/siertri/siertri.htm>.
- Schröder, K. (2011). Audiences are inherently cross-media: Audience studies and the cross-media challenge. *Communication Management Quarterly*, IV(18), 5-28. Acedido em [http://rucforsk.ruc.dk/site/en/publications/audiences-are-inherently-crossmedia\(8a1d27f4-ad63-4c13-92c4-4a5a40212f93\).html](http://rucforsk.ruc.dk/site/en/publications/audiences-are-inherently-crossmedia(8a1d27f4-ad63-4c13-92c4-4a5a40212f93).html).
- Sierpiński, W. (1915). Sur une courbe dont tout point est un point de ramification. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, 160, 302-305. Acedido em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k31131/f302.image.langFR>.
- Siqueira, D. (2010). Os jovens e as suas telas pós-modernas: Reflexões em torno da cidade, do imaginário e da tecnologia. *Comunicação e Sociedade*, 17, 39-50. Acedido em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1011/975>
- Sousa, J. (2003). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Statista. (2014). *Second screen usage among mobile internet users in selected countries as of January 2014* (report). Acedido em <http://www.statista.com/statistics/301187/second-screen-usage-worldwide>.
- Tsekleves, S., Whitham, R., Kondo, K. & Hill, A. (2009). Bringing the television experience to other media in the home. *7th European Interactive TV Conference – EuroITV'09* (pp. 201-210). Nova Iorque: ACM.
- Tuchman, G. (1986). *Making news: A study in the construction of reality*. Nova Iorque: Free Press.
- Tussey, E. (2013). Connected viewing on the second screen: The limitations of the living room. In J. Holt & K. Sanso (Eds.), *Connected Viewing: Selling, Streaming, & Sharing Media in the Digital Era* (pp. 201-216). Nova Iorque: Routledge.
- Van Cauwenberge, A., Schaap, G. & Van Roy, R. (2014). TV no longer commands our full attention: Effects of second-screen viewing and task relevance on cognitive load and learning from news. *Computers in Human Behavior*, 38, 100-109. doi: 10.1016/j.chb.2014.05.021.
- Van Dijk, T. (1988). *News as discourse*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Westlund, O. & Färdigh, M. (2015). Accessing the news in an age of mobile media: Tracing displacing and complementary effects of mobile news on newspapers and online news. *Mobile Media & Communication*, 3(1), 53-74. doi: 10.1177/2050157914549039.
- Wolfram, S. (2002). *A new kind of science*. Champaign: Wolfram Media.
- WIPO, World Intellectual Property Organization. (2014). *WIPO IP facts and figures* (annual report). Acedido em <http://www.wipo.int/ipstats/en/wipi/>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Francisco Conrado Filho é mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal) onde é atualmente estudante de doutoramento. Tem-se dedicado a estudar as relações de permeabilidade entre a profissão jornalística, e o jornalismo em si, com as novas ferramentas tecnológicas. Mais recentemente passou a estudar as mudanças nas relações de poder a partir da análise de *Big Data*.

E-mail: franciscoconradofilho@gmail.com

Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Gualtar, 4710-057 Braga

Luís António Santos é Professor Auxiliar no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho e investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) desde 2000. Foi jornalista de imprensa e rádio durante 10 anos - Jornal de Notícias, Rádio Press/TSF, Diário de Notícias, BBC World Service - e tem um Mestrado em Política Internacional pela School of Oriental and African Studies (SOAS) da Universidade de Londres e um Doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho.

E-mail: d2660@ics.uminho.pt

Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Gualtar, 4710-057 Braga

* **Submetido: 10-04-2015**

* **Aceite: 02-07-2015**

SECOND SCREEN AND INFORMATION: HISTORY, DEFINITION AND CLUES FOR THE FUTURE

Francisco Conrado Filho & Luís António Santos

Abstract

Framed by the expansion of a mobility centred technological market, Second Screen applications have become increasingly relevant in recent years. This popularity and the adjoined increase in investment by major TV operators have promoted a broad range of services. A preliminary analysis of the current offering suggests that entertainment and e-commerce products are the most common type of Second Screen apps available. The research question of this paper is thus 'where will these developments take us?'. We will map out the historical background of Second Screen apps, propose a tentative definition and theoretical model for its functioning, and indicate possible convergence points with the journalistic production – an intersection point yet to be explored and with potential for appropriation.

Keywords

Second Screen; Interactive Journalism; Social TV; news consumption

INTRODUCTION

Most of our daily interactions happen through (or are intermediated by) communication products/devices, such as online chats, cell phone calls, SMS. No matter how or when we start a conversation, we do it through technological devices, be they mobile or not.

According to the last World Intellectual Property Organization (WIPO) report, from December 2014, 140.061 patents were registered in the fields of Telecommunications and Digital Communication. Together, both these areas represented 7% of all registered patents from that specific year.

If we consider that in the universe of more than two million patents registered, mobile and digital communication accounted for the second largest volume of individual records, and that Digital Communication presents one of the five most significant annual growth rates, we can begin to better apprehend the dimension of this phenomenon. Increasingly, we seek new advances in technological fields and, as such, they are seen as critical solutions for the continuous development of society.

Even if we take into account the limited nature of this example – considering the fact that the numbers of patents do not correspond to the effective needs of modern society – it should be noted that this accelerated pace of renewal in information technology has already been 'naturally incorporated' into our daily lives, to appropriate Kress' image (2014).

Pierre Lévy's claim (1999), updating the old Latin proverb *Omnes viae ad Roman ferunt* (all roads lead to Rome), that a general virtualization movement seems to be the

inevitable direction of most contemporaneous social efforts and developments is also increasingly undisputed.

The Second Screen is thus only one more step in this long process of even deeper immersion into a digitally based cultural environment intermediated by screens aggregating and mashing up content and technological convergence (Jenkins, 2008). Often presented with the benefit of hindsight as being something next to the concept of multimedia (it goes further than that), technological convergence has been the natural 'progression' path for almost every media and, in particular, for communication technology (Pool, 1983).

This compelling and hegemonic trend has, as observed by Schrøder (2011), its roots in human behaviour and in the need to share attention, making it as it were the transposition of analogic behaviour to a digital framework. The act of chatting is perhaps the clearest example: the activity was virtualized yet its core tenants remain pretty much the same.

It could be argued that the same has happened with the Second Screen. However, before we get there, we will present a brief summary of what the Second Screen is, both as a phenomenon and the technology itself.

The purpose of this paper is to demonstrate that Journalism and the Second Screen could connect in a relation of complementarity, given that a common ground seems to be present.

THE SECOND SCREEN PHENOMENON

The Second Screen still lacks a consensual theoretical definition in literature – at least a definition that can serve as baseline to further discussions – for two obvious reasons:

Firstly, because it has hastily entered into a set of concepts that seem to be in public domain and are thus apparently too obvious to justify any theoretical conceptualization. This process of assimilation is remarkably similar to the 'naturalization' that, according to Kress, (2014) has occurred with digital text.

Secondly, because academia has yet to show a determined interest in a comprehensive/holistic reading that goes beyond any instrumental analysis (instrumental in the sense that it is either used as a methodology for further analysis - as discourse analysis - or as a simple gadget allowing for TV interaction). Examples of these types of instrumental perspectives abound and are not all misplaced when we come to analyse the reasons behind the emergence of this technology¹, yet they all present limitations in the understanding of its less prominent features.

When we refer to the need for a holistic understanding, we mean an attitude that seeks to frame not just its usage as a methodological instrument, but also as an object with its own interest, as a cultural and historical phenomenon in our society.

¹ The Second Screen phenomenon emerged in an attempt of commercial appropriation of a spontaneous phenomenon for the audiences: to perform other activities while watching television. According to Tussey (2013), the Second Screen applications are partly an attempt of control from the companies and advertisers so that they can monitor the behaviour of the audiences more efficiently, since the Nielsen measurement methods in the US began to be questioned.

THE SECOND SCREEN'S FEATURES

The Second Screen is many times confused with the act known as second screening. Whilst the Second Screen is related to the app technology developed for the sole purpose of being used as an extension of television, what is called second screening corresponds to the multitasking activity while watching television (Daughty, Rowland & Lawson, 2012; Tseklevs, Whitham, Kondo & Hill, 2009). In summary, one is the technology itself, and the other is the action/interaction. Emphasis on this difference is relevant if we want to understand the underlying causal relation between the two prompted by processes of content convergence.

Television consumption has always been accompanied by simultaneous activities. Digitization changed their nature and scope. A Facebook for Business statement on the release of a report on second screening presents this change in a very schematic way:

Once upon a time, families gathered around giant wood-panelled television sets that they switched on with the turn of a dial. As shows flickered across bulging screens, people talked, read the newspaper or did chores. Flash forward to the present. The TV is now a flat screen on the wall. It is still an integral part of our lives, but as modern families watch their shows of choice many of them engage with another screen — a laptop, a desktop, a tablet, or a smartphone — that provides access to a stream of content and conversation. (Facebook for Business, 17 June 2014)²

If we assume that these concurrent activities are not directly related to what is being shown on television (e.g. talking on the phone about the work day or reading a sports newspaper), we can say that convergence of content, as put forward by Jenkins (2008), is not present. If the parallel activity is related to what a person is watching (such as commenting a TV Show on social networks, researching facts about a particular news story or playing a trivia quiz related to TV content) then we may have an entirely different scenario. In a sense that intertwined set of activities can be perceived as the perfect example of what convergence advocates predicted – the interactive use of different media to build a meaningful narrative. When interacting with other platforms, the audience is producing meanings that escape the linearity of the broadcast. The advent of the Second Screen showed that the process of convergence does not necessarily imply a convergence towards a single device, as anticipated by Pool (1983).

This multitasking, which may or may not be structured by an app, has led people to follow traditional television programs in a more personalized and social way. Bulterman (2014) states that the desire for more personalized content has intensified. As such several technologies have been developed to turn the act of consuming television into a more personalized action, overcoming the once famous one-size-fits-all model (Bruns, 2007).

It is precisely from the second screening activities that the Second Screen technology arises - and not vice versa, as one can be led to believe by the fast absorption of this

² Facebook for Business (17 June 2014) From One Screen to Five: The New Way We Watch TV. Retrieved from <https://www.facebook.com/business/news/From-One-screen-to-Five-The-New-Way-We-Watch-TV>.

concept by advertisers. It became a digital transposition process of daily activities, or according to the definition presented at the beginning of the article, a virtualization process of an existing reality (Lévy, 1999). Television broadcasters would however strongly favour experiences happening in a constantly monitored controlled environment (Lee & Andrejevic, 2013; Tussey, 2013).

According to Schrøder (2011) the phenomenon of cross-media usage is the natural way audiences interacts with the world: from television to the Internet, from the Internet to a book, from a book to the phone, from the phone to the television again. This inherent need for active participation by the audience is what has led to the emergence of the act of second screening.

Of course, we can only speak of Second Screen after the development of mobile communication technologies. The appearance of iPhones, tablets, ultrabooks, and the high-speed Internet, 4G, and many other advances in the portability field converged to allow the information to be always within reach.

Tussey (2013) states that people use mobile devices as a navigation tactic to the environment around them: 'to draw the phone' is the natural response to the issues or concerns that appears in front of us. There is no surprise in the fact that people spend almost 54% of their day interacting with screens (MacKnight, 2013).

This idea of an active audience, however, is not a new one. The desire to think of an interested and committed audience has pervaded classical studies of communication for years (Katz & Lazarsfeld, 1955). The era of mobility only answered these demands.

Another important element that contributed to this appeal for more interaction came up with the development of social networks. Today, one cannot think of second screening without presuming social interaction among several participants (Cameron & Geidner, 2014; De Francisci Morales & Shekhawat, 2013; Giglietto & Selva, 2014; Van Cauwenberge et al., 2014). Much of the activity in the second screen takes place in a social network environment, such as Facebook or Twitter³.

The first Second Screen apps emerged precisely as an attempt to answer these audiences' expectations/anxieties (desire for interactivity, participation, and dynamism).

A BRIEF CHRONOLOGY

Around the 2000's, two notions started to be enunciated in the universe of digital television (Cesar & Geerts, 2011): the Social TV and the Interactive TV (ITV). The idea behind the Social TV was to create apps that would allow for the interaction of a person with a particular TV Show. The ITV was a different proposal altogether; the idea was to combine the potential of the Internet and the apps in a single device, the TV set. While the Social TV succeeded and still appears in some devices (e.g., smart tvs), the ITV failed.

The scenario towards a multiplatform consumption was thus open although neither the Social TV, nor the ITV were ideally suited to integrate the audiences. They were

³ The figures vary according to the studied reality or the entity that carried out the survey, but about 70% to 80% of the second screening activities are due to the interaction with social networks. These data according to Nielsen (2009, 2013a, 2013b), Statista (2014), Mediatvcom (2012) and Marinelli & Andò (2014) reports.

both experiences that still focused on the TV as the only vehicle for audiences and contents to interact and ignored the potential of mobile apps. The major advancement of these developments was to bring a new digital architecture to televisions making them closer to the computational design (Lima Júnior & Hora, 2010).

The first Second Screen apps for smartphones appeared in 2008; BeeTV became very successful and its logic was very undemanding: turn the television into something more sociable by creating a network of recommendations and comments around the TV shows of choice. The app benefited from a reality already very appealing to most smartphones' users, the pleasure of being on social networks while watching on television.

A series of similar apps ensued; all of them based on the notion that the lonely act of TV watching could be turned into a shared experience (BuddyTV, GetGlue, Tv Chatter, FanVibe, Miso). This success attracted the interest of major companies, which soon entered into partnerships and/or acquired some of these start-ups. As an example, BuddyTV managed to raise six million dollars in May 2008 from venture capital investors interested in exploring the potential of interactive television⁴.

It is worth saying that Social TV was also the idea behind the concepts of these smartphones' apps. If considered in a broad sense, even Facebook and Twitter apps can be included in this concept of social interaction since it is possible from them to comment on what we are watching, without necessarily having to use a specific TV Show app for this.

Still, an app that could combine what Facebook and Twitter already offered (social interaction), as well as additional content, was still missing. It is from this need that a new type of Second Screen app arises: the immersion app.

While Social TV-based applications were intended to only allow for interaction, immersion apps give the audience the opportunity to penetrate more deeply into the content without neglecting the potential for social interaction. Examples of this typology were the apps developed for TV Shows such as Grey's Anatomy, The Walking Dead, X Factor or even for live events such as the Oscars and presidential elections. One of the main reasons for the enthusiasm of the major TV operators relates to the possibility of real time behaviour monitoring of their audiences as if they were a huge dynamic focus group (Lee & Andrejevic, 2013).

A Second Screen app is, therefore, an instrument that provides the viewer with the highest levels of immersion and interaction with what's happening on the TV, configuring, precisely, one of the foundations of the Interactive TV concept. Nielsen's senior vice president for media analytics, Radha Subramanyam, stated: "Five years ago, we thought interactive TV was one screen. Turns out it's the second screen" (Lee & Andrejevic, 2013, p. 41).

Successes and failures with a series of Second Screen apps have helped us to elaborate a list of relevant annotations:

- It must be social; there must be integration with social networks to enable a broader conversation;
- It must not be excessive, in the sense that what happens on the second screen cannot interfere with what happens on the first;

⁴ Renaud Fuchs' report published by the Technicolor agency. Retrieved from https://www.media-tech.net/fileadmin/templates/association/Las_Vegas_2012/Presentations/fuchs2.pdf.

- It must have a certain ludic character;
- The very concept of a second screen fails when it attempts to be the first.

The Second Screen also enabled the reversal of the time shifting and the resurgence of real time television consumption (Lee & Andrejevic, 2013).

SOME STUDIES IN THE FIELD

A joint report by IPG Media Lab and Magna Global (2013) detected that entertainment companies were the most interested in developing Second Screen apps. Maybe the reason for this can be found in another recent research that points out the Second Screen consumer is more likely not to skip advertisement when he meets one (Latitude, 2012). Content producers have indeed been increasingly worried with migration and with attention sharing. Pressure from advertisers for stronger engagement has hence promoted the priority development of entertainment anchored Second Screen products.

A more fragmented production/consumption environment – where multi, uni and bi-directional models co-exist – represents a strong challenge for television. The ‘jump’ that users constantly make between the TV and their mobile phone or tablet would be very similar to the hyperlink culture of the Web 2.0. According to Hess (2010), these shifts of attention happen among different sources and different services, including also among different devices (mobile phone, tablet, computer).

Some authors have already demonstrated concerns in understanding this tendency. In general, they’ve had identified two kinds of actions performed during the second screening (Doughty et al., 2011, 2012), the impact of different screens sizes in the consumption (Bellman et al., 2009), and discourse analyses about the kind of comments that are made during these interactions (Consenza, 2013; Giglietto & Selva, 2014).

Since 2009, Nielsen began measuring the consumption and use of mobile devices in various countries around the world. They detected that, depending on the age group, consumption takes on different forms (Nielsen, 2009, 2013a, 2013b).

A survey conducted by Mediatvlab (2012) noted that currently in the US Second screen applications can be divided into two categories: Social TV/TV Discovery and TV Shows/Movies.

Still, as Bulterman (2014) puts it, Second Screen technology is still in search of its definition and so it is a kind of transition technology. Transition technology that, in the author’s view, will in any case have a greater influence on television production content than the mere act of commenting.

It is also interesting to note that rather than interfering with television content Second Screen activity can actually enhance viewer’s attention (Murray et al., 2012).

THE SECOND SCREEN: A DEFINITION

Taking into account the intertwined existences of an old media grasping for attention, of new interaction promotion applications, and of an audience willing to engage

we would propose that Second Screen is Interactive Television. It is a real time meaning making narrative through multi-interaction with diverse sources. In other words, it is the contextualization of the context itself, in the sense that the audience is seeking to interpret, to participate and to frame what's going on the television in a larger spectre of social meaning. All interaction through Second Screen consists in an attempt to engage and to penetrate even deeper in the surrounding context. The Second Screen thus allows not only for socialization (Marinelli & Andò, 2014) but also for immersion in a larger set of contexts.

As a result, the Second Screen phenomenon can refer to two types of engagements: one of socialization and one other of immersion. Each of them represents one particular type of action. In socialization, the interaction is accomplished by means of engagements (such as comments, likes, retweets) on social networks (many times incorporated on the TV Shows itself, sometimes not, but always dependent on its content). The immersion type of engagement refers to the deepening of TV contents. It is important to stress, for the sake of argument, that these two forms of engagement through Second Screen appear here as separate and independent actions, but must be understood, as it so often happens, as occurring at the same time.

It is important to exclude from our concept the unstructured activities of Second Screen or multitasking, i.e., those where there is no link between what appears on both screens. As several authors point out in that case we are not talking about a second screen, but rather of two one screen experiences (where a relation is created with each content individually (Castillo, 2011; Tussey, 2013)). What interests us, in our analysis, is to study the spaces of interaction between the two screens.

In an attempt to build a graphic model that can express our formulation - that the phenomenon of the second screen is the attempt to contextualize the context - we may consider the following graphic designed to represent the semiotic triangle of Peirce (Eco, 1979), in his analysis of language interactions:

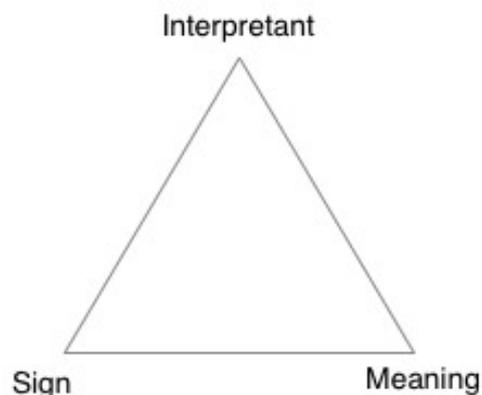


Figure 1: Semiotic triangle of Peirce (Eco, 1979, p. 59)

We propose to extrapolate this model to another one within a television consumption scenario of structured consumption, i.e., the use of interleaved screens as a source

of interaction and interpretation for what is being watched. This new triangle of interaction has content as one of its vertices, the user as a second one, and context as the third. We have Peirce's triangle, although with different elements - the Sign is Content, the interpreter is the User and the Meaning is the context (see Figure 2).

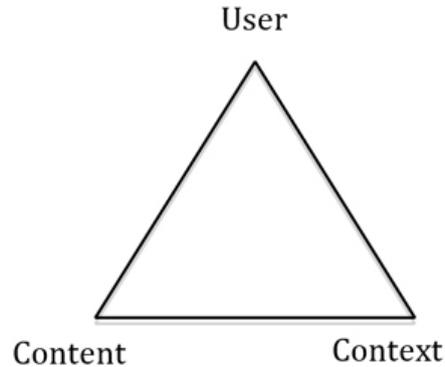


Figure 2: Model of communication interaction

The result of this process emerges from a constant articulation of these three elements. And if we assume that these situations are many times concurrent and diffuse and that contexts are immersed in other contexts we could envisage an endless replication mechanism, we can picture the following process:

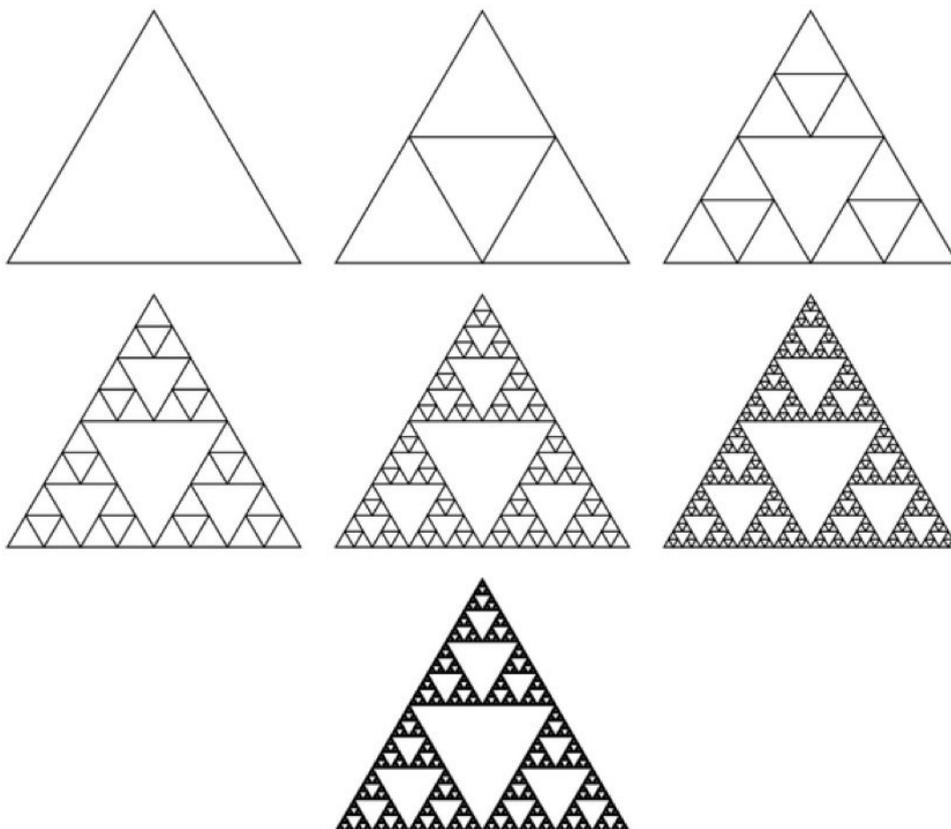


Figure 3: Progression of interactions by the Second Screen

Here is an example of the resulting figure and our graph model for the Second Screen phenomenon:

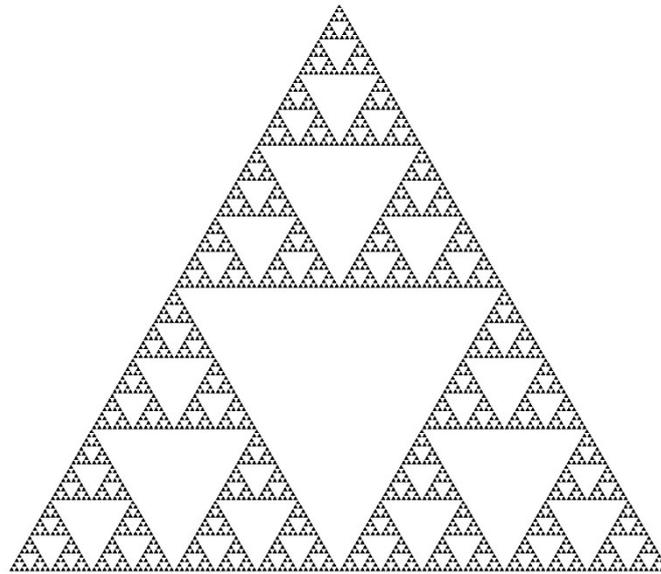


Figure 4: Graph model of Second Screen interactions

It turns out that the resulting image is no original creation. In mathematics, within the theory of fractals, this model is known as Sierpinski Triangle and was named after the Polish mathematician Waclaw Sierpiński. Apparently, it was Mandelbrot who chose the name, when studying the Sierpinski theory that described a curve that crosses over itself at several points (Riddle, 2014). Although unintended, this triangle appropriately represents the potential for interactions and immersions that the phenomenon of the second screen provides.

According to Falconer (1990), the Triangle has some typical features:

- Each part individually represents the whole;
- It grows to its inside; it does not expand externally;
- It is potentially replicable to the point that needs to be aborted, and, therefore, does not have an end.
- There will always be large voids inside.
- Its resizing does not change its initial setting.

How it relates to the interactions through the Second Screen:

- Each interaction of immersion or socialization through Second Screen represents an identical type: the switching between two screens and the immersion into the context.
- Each context can always lead to other contexts, and the effect is potentially replicable, growing both within and alongside any content.
- The process has to be deliberately aborted (replication over replication).
- The void of each triangle (the empty spaces) would be the larger contextual fields from whence emanate subsequent contexts and with greater cross penetration.

The fractal image is also convenient when we imagine that the information that reaches us daily is fragmentary (Deuze, 2004); the idea that the information we see is only a small fraction of a complex immensity.

If we take into consideration the proposal of communication process outlined by Kress (2014) (see figure 5), we can better comprehend the identity of our suggested graphic. To the author, the communication only takes place when interpretation occurs. The reader holds the primacy of the communicational process, and it must approach the object for communication to be established. If we observe the initial triangle figure, we can realize this concept graphically.

The distance from sender to receiver is the same distance from receiver to sender (an equilateral triangle). The context would be the combination that allows the decoding of the message. Focusing on television, we can see that meaning will only be grasped if there is an interest of the viewer in interpreting the messages. The phenomenon of the Second Screen can possibly give us an illustration of the viewer's interest in immersion and interaction with the original message.

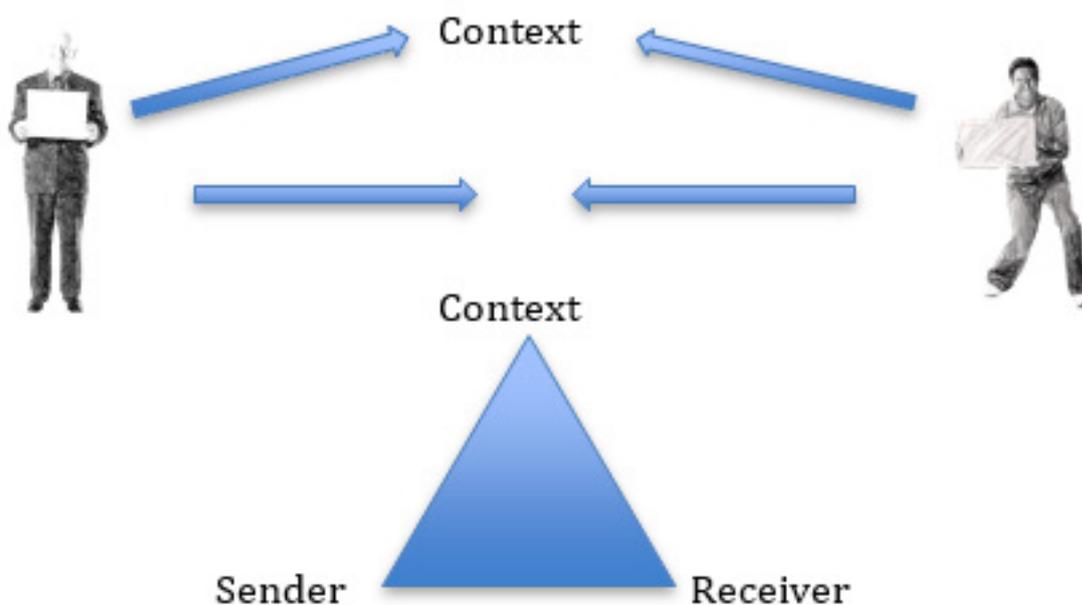


Figure 5: Illustration based on Kress' approach (2014)

It is curious to observe this example of decoding through the fractal image in our particular context. A hundred years ago, around 1915, Sierpiński described for the first time the idea of fractal as being infinite points. He went back to Italian art of the XIII century to describe them (Wolfram, 2002, p. 43). By immersing ourselves in Kress' communication theory, in order to decipher it, we searched for Sierpiński triangle to describe it, which in turn plunged us into the Italian medieval art, to illustrate it. The possibility of interaction in this chain of event is unlimited; an abort command was given by the user (us) when the communication process was found to be satisfactory. So, to paraphrase

Sierpiński (1915), in a curve every dot is a ramification point (*“Sur une courbe dont tout point est un point de ramification”*).

INFORMATION IN THE SECOND SCREEN AGE

One of the first changes prompted by information technologies in the consumption of news was the transition from shared consumption, represented by television, to a more personalized consumption, for example via apps (Bernhaupt, 2010). Notions like shared values became more difficult to understand and define (allegiances become more fluid) and the traditional journalistic construct of the gatekeeper gains more volatile contours, as noted by Bruns (2005). Courtois and D’Heer (2012) also highlight the notion of a fluid permeability when they demonstrate the relations established between users and the technologies that mediate communication. They found three factors that influence the consumption of information, namely, individual characteristics, content structure, and social context.

Attempting to understand how people interact with new media is hence vital in any study that aims to design a new news consumption system that is useful and practical (Ley et al., 2013). So, to propose the notion of the Second Screen, as a sort of digital hub or connecting joint between what is produced and the interests of the audience, will lead us, no doubt, to a more accurate perception of this technology.

One of the key concepts emerging from the process of information production digitization is cross-media. It reached such popularity as to being almost seen as a panacea for all the problems faced by content producers (Barbosa, 2013; Schrøder, 2011).

Adopting a user centred observation of this reality, Westlund and Färdigh (2015) also point out two other relevant dimensions - mobility and the need to promote/use/integrate/deal with/assess impact of users comments (both those directed at the content producer and those directed at its own network of contacts). From the business perspective of a journalistic company it is highly relevant not to miss the opportunity to promote its content (and its dissemination) and a cross-media approach is perceived as vital. Journalists are seen as agents of content personalisation and adaptation and as the interpreter of the users intentions/needs/perspectives.

This focus on the user’s view should require a systemic and holistic reflection encompassing the context of its interactions with the journalistic product, but also with the framing of the intermediating technologies (De Francisci Morales & Shekhawat, 2013).

INTERSECTION WITH JOURNALISM

According to Van Dijk (1988), the act of reading news triggers two mental processes, these being an episodic memory and a semantic memory. The episodic memory, according to the author, would be the one related to the events themselves. This memory is linked to the narrative presented by the news, in a form of the Who, What, Where, When, Why and How. The semantic memory would be the larger contextual frames that

encompass its structure to allow the reader's comprehension. This memory would handle the decoding of the facts and dwell on the relation of certain episodes with others.

It is not very hard to integrate this structure with Tuchman's idea (1986) that the act of reading news allows us to continue reading and receiving other news, through the acquisition and sedimentation of the mechanisms that regulate production. Going back to Van Dijk's perspective, when episodic events are converted into structures, which provide understanding of future events, this memory turns into semantic value, i.e., it gets macrosyntactic structure contours that allow for the understanding of following events.

An example of this phenomenon could be given as follows: the attack on Charlie Hebdo can be seen as episodes where self-interest prevailed, but our semantic memory also establishes other connections that can fit these events into a long dispute between the West and the Middle East.

We could also use the image of the triangle to explain this process: a large triangle in which each side would be, respectively, the semantic memory, the episodic memory and the reader, together creating sense out of the information. The whole semantic memory is, in turn, related to other episodic memories that give meaning to it. If we multiply this image, we can see the formation of triangles once again.

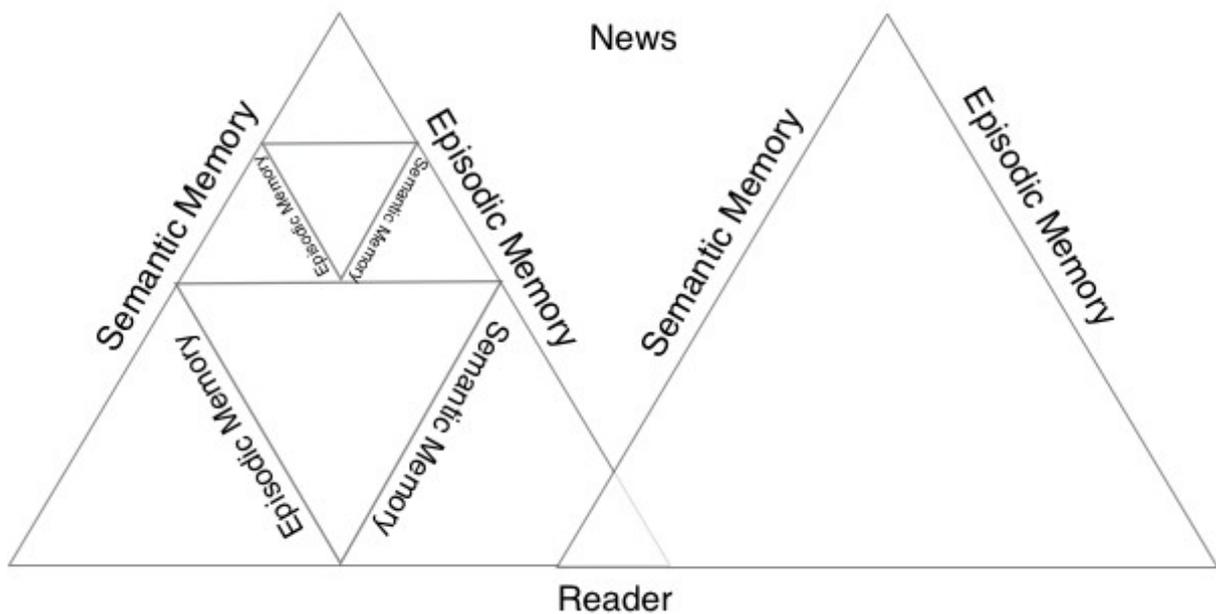


Figure 6: Van Dijk's news reading process (1988)

Moreover, what happens when the semantic memory fails? We misunderstand the information provided, at least, as part of a chain of events. In this sense the Second Screen would appear as a tool that enables continuous and immediate interaction between the user and the information context, especially when we talk about TV news, which is traditionally the one most lacking in contextualization.

The Second Screen phenomenon not only allows for a deepening of the news, with content expansions that can easily be tied to it, but also allows for the fully comprehension

of the 'loose' news. In this case, to shift between the different levels of reading would be a more feasible task. The Second Screen would become a fit candidate for the role precisely because it shares with the news the same triangular structure.

As Aladro Vico states (1996), reading news requires specific skills of macrosyntactic and macrosemantic association. It is precisely these macrosyntactic interconnections that the Sierpinski triangle adoption aims to promote. The replicable and simultaneous potential afforded by the Second Screen expands the initially observed contexts.

Thus, one way to explore the different structures that constitute the news, using the typology proposed by Aladro Vico (new information, known information, key information and explicit information), is through the phenomenon of the Second Screen, which in this case could be understood as a toolbox for the decoding of journalistic discourse. Obviously, this would require a proactive attitude from the user; the receiver of the information is the one who holds the key to its accomplishment (Kress, 2014).

CLUES TOWARDS A FUTURE

We have observed that the Second Screen phenomenon represents a new way of relating to contents. We have also observed that the Second Screen might embody audiences' yearning for more interaction and participation. What we are trying to establish with this article is a descriptive picture of its dynamics and to note that it shares similarities with the act of consuming news.

It is our contention that despite its low usage in journalistic contexts, Second Screen appears to have a great potential for expansion. We did not attempt to establish forced symmetries between fractal geometry and a naturally fluid phenomenon, but we have noted with interest the commonalities in terms of structure and logics of reproduction. For a part of the audiences it would be enticing to have access to a participation/interaction platform where the possibility of going beyond the surface of news reports could be easily accessible. For an increasingly urban audience eager to participate in the plural construction of meaning (Deuze, 2008) and in search of new socialities (Siqueira, 2010) the plurality of screens (understood as access points to different layers of information) would be relevant.

Our times described by some as post-modern and by others as hypermodern are marked by a lack of general awareness of interwoven yet autonomous realities and by the attached anxieties and insecurities. The promotion of second screen applications geared towards complementarity of journalistic production could simultaneously pick up on the success of entertainment oriented precursors (even adopting some of its more familiar narrative flows) and provide audiences with the opportunity to have immediate access to dynamic layers of complexity, and to promote meaningful interaction. //

REFERENCES

- Aladro Vico, E. (1996). La Recepción de la Noticia. *CIC Cuadernos de Información y Comunicación*, 2, 47-55.
Retrieved from <http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/CIYC9696110047A/7442>

- Barbosa, S. (2013). Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In J. Canavilhas (Ed.), *Notícias e Mobilidade* (pp. 33- 54). Covilhã: Livros Labcom.
- Bellman, S., Schweda, A. & Varan, D. (2009). Viewing angle matters screen type does not. *Journal of Communication*, 59, 609–634. doi: 10.1111/j.1460-2466.2009.01441.x.
- Bernhaupt, R., Obrist, M., Weiss, A., Beck, E. & Tscheligi, M. (2008). Trends in the living room and beyond: results from ethnographic studies using creative and playful probing. *Computers in Entertainment*, 6(1), 1-23. doi: 10.1145/1350843.1350848.
- Bernhaupt, R., Weiss, A., Pirker, M., Wilfinger, D. & Tscheligi, M. (2010). Ethnographic insights on security, privacy, and personalization aspects of user interaction in interactive TV. In P. Vuorimaa & P. Naranen (Eds.), *8th European Conference on Interactive TV and Video – EuroITV’10* (pp. 187-196). Nova lorque: ACM.
- Bruns, A. (2005). *Gatewatching: Collaborative online news production*. Nova lorque: Peter Lang.
- Bruns, A. (2007, junho). *Producers: Towards a broader framework for user-led content creation*. Comunicação apresentada no 6º Creativity and Cognition Conference, Washington.
- Bulterman, D. (2014). Interacting with third party content: Is second screen enough?. In P. Olivier, P. Wright & T. Bartindale (Eds.), *ACM International Conference on Interactive Experiences for TV and Online Video - TVX '14* (pp. 1-2). Nova lorque: ACM.
- Cameron, J. & Geidner, N. (2014). Something old, something new, something borrowed from something blue: Experiments on dual viewing TV and twitter. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 58(3), 400-419. doi: 10.1080/08838151.2014.935852.
- Castillo, J. (2011). A second screen to rule them all, *Streaming Media*, 8,4, 18.
- Cesar, P. & Geerts, D. (2011). Past, present, and future of social TV: A categorization. In S. Baladin & S. Gibbs (Eds.), *Consumer Communications and Networking Conference* (pp. 347 – 351). Nova Jérícia: IEEE.
- Cosenza, V. (2013, 14 de janeiro). Social TV: *Le trasmissioni italiane di maggior successo in rete. Che Futuro*. Retrieved from <http://www.chefuturo.it/2013/01/social-tv-le-trasmissioni-di-maggior-successo-in-rete/>.
- Courtois, C. & D’heer, E. (2012). Second screen applications and tablet users: constellation, awareness, experience, and interest. In S. Arbanowski & S. Steglich (Eds.), *10th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV’12* (pp. 153-156). Nova lorque: ACM.
- De Francisci Morales, G. & Shekhawat, A. (2013, abril). *The future of Second Screen experience*. Comunicação apresentada no Workshop Exploring and Enhancing the User Experience for TV, Paris.
- Deuze, M. (2004). What is multimedia journalism?. *Journalism Studies*, 5(2), 139-152. doi: 10.1080/1461670042000211131.
- Deuze, M. (2008). The changing context of news work: liquid journalism and monitorial. *International Journal of Communication*, 2, 848-865. Retrieved from <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/290>.
- Doughty, M., Rowland, D. & Lawson, S. (2011). Co-viewing live TV with digital backchannel streams. In M. Damásio & G. Cardoso (Eds.), *9th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV’11* (pp. 141–144). Nova lorque: ACM.
- Doughty, M., Rowland, D. & Lawson, S. (2012). Who is on your sofa?: TV audience communities and second screening social networks. In S. Arbanowski & S. Steglich (Eds.), *10th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV’12* (pp. 79–86). Nova lorque: ACM.

- Eco, U. (1979). *Theory of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press.
- Falconer, K. (1990). *Fractal geometry: Mathematical foundations and applications*. Chichester: John Wiley.
- Giglietto, F. & Selva, D. (2014). Second screen and participation: A content analysis on a full season dataset of tweets. *Journal of Communication*, 64, 260–277. doi: 10.1111/jcom.12085.
- Hess, J. & Ogonowski, C. (2010). Steps toward a living lab for social media concept evaluation and continuous user-involvement. In P. Vuorimaa & P. Naranen (Eds.), *8th European Conference on Interactive TV and Video – EuroITV'10* (pp. 171–174). Nova Iorque: ACM.
- IPG Media Lab & Magna Global. (2013). *The Second Screen Fallacy - What It All Means* (report). Retrieved from http://ipglab.com/wp-content/uploads/2013/10/The_Second_Screen_Fallacy_Sept_20131.pdf.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Katz, E. & Lazarsfeld, P.F. (1955). *Personal influence: The part played by people in the flow of mass communications*. Nova Iorque: The Free Press.
- Kress, G. (2010). *Multimodality: A social semiotic approach to communication*. Londres: Routledge.
- Kress, G. (2014). Reading, learning, and texts in their interaction with the digital media. *NCRM working paper*. Retrieved from <http://eprints.ncrm.ac.uk/3597/>.
- Latitude. (2012). *Deconstructing the Multi-Screener: A Bravo Study with Latitude* (report). Retrieved from <http://latd.com/2012/11/16/deconstructing-the-multi-screener-a-bravo-study-with-latitude>.
- Lee, H.J. & Andrejevic, M. (2013). Second Screen theory: From the democratic surround to the digital enclosure. In J. Holt & K. Sanso (Eds.), *Connected Viewing: Selling, Streaming, & Sharing Media in the Digital Era* (pp. 40-61). Nova Iorque: Routledge.
- Lévy, P. (1999). *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34.
- Ley, B., Ogonowski, C., Hess, J., Reichling, T., Wan, L. & Wulf, V. (2013). Impacts of new technologies on media usage and social behaviour in domestic environments. *Behaviour & Information Technology*, 33(8), 815-828. doi: 10.1080/0144929X.2013.832383.
- Lima Junior, W. & Hora, L. (2010). Interatividade na TV digital: A interface como metáfora da arquitetura computacional. *Comunicação e Sociedade*, 17, 103-118. Retrieved from <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1016/980>.
- MacKnight, S. (2013, 1 de outubro). A View on Second Screen. *12ahead*. Retrieved from <http://www.12ahead.com/view-second-screen>.
- Marineli, A. & Andò R. (2014). Multiscreening and social TV: The changing landscape of TV consumption in Italy. *VIEW Journal Of European Television History And Culture*, 3,6, 24-36. Retrieved from <http://www.viewjournal.eu/index.php/view/article/view/JETHCo67/151>.
- Mediatvcom. (2012). *Decrypting the second screen market* (report). Retrieved from <http://www.mediatvcom.com/decrypting-the-second-screen-market-mediatvcom-new-white-paper>.
- Murray, J., Goldenberg, S., Agarwal, K., Chakravorty, T., Cutrell, J., Doris-Down, A. & Kothandaraman, H. (2012). Story-map: iPad companion for long form TV narratives. In S. Arbanowski & S. Steglich (Eds.), *10th European Conference on Interactive TV and Video - EuroITV'12* (pp. 223-226). Nova Iorque: ACM.

- Nielsen (2009). *Three screen report: Media consumption and multi-tasking continue to increase across TV, Internet, and mobile* (report). Retrieved from <http://www.nielsen.com/us/en/newswire/2009/three-screen-report-media-consumption-and-multi-tasking-continue-to-increase.html>.
- Nielsen (2013a). *The cross-platform report: A look across screens* (report). Retrieved from <http://www.nielsen.com/us/en/reports/2013/the-cross-platform-report-a-look-across-screens.html>.
- Nielsen (2013b). *Action figures: How second screens are transforming TV viewing* (report). Retrieved from <http://www.nielsen.com/us/en/newswire/2013/action-figures-how-second-screens-are-transforming-tv-viewing.html>.
- Obrist, M., Bernhaupt, R. & Tscheligi, M. (2008). Interactive TV for the home: An ethnographic study on users' requirements and experience. *International Journal of Human-Computer Interaction*, 24 (2), 174-196. doi: 10.1080/10447310701821541.
- Pool, S. (1983). *Technologies of freedom*, Londres: Harvard College.
- Riddle, L. (2014). Sierpinski Gasket. *Classic Iterated Function System*. Retrieved from <http://ecademy.agnesscott.edu/~lriddle/ifs/sierpi/siertri.htm>.
- Schrøder, K. (2011). Audiences are inherently cross-media: Audience studies and the cross-media challenge. *Communication Management Quarterly*, IV(18), 5-28. Retrieved from [http://rucforsk.ruc.dk/site/en/publications/audiences-are-inherently-crossmedia\(8a1d27f4-ad63-4c13-92c4-4a5a40212f93\).html](http://rucforsk.ruc.dk/site/en/publications/audiences-are-inherently-crossmedia(8a1d27f4-ad63-4c13-92c4-4a5a40212f93).html).
- Sierpiński, W. (1915). Sur une courbe dont tout point est un point de ramification. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, 160, 302-305. Retrieved from <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k31131/f302.image.langFR>.
- Siqueira, D. (2010). Os jovens e as suas telas pós-modernas: Reflexões em torno da cidade, do imaginário e da tecnologia. *Comunicação e Sociedade*, 17, 39-50. Retrieved from <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1011/975>.
- Sousa, J. (2003). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Statista (2014). *Second screen usage among mobile internet users in selected countries as of January 2014* (report). Retrieved from <http://www.statista.com/statistics/301187/second-screen-usage-worldwide>.
- Tskeleves, S., Whitham, R., Kondo, K. & Hill, A. (2009). Bringing the television experience to other media in the home. *7th European Interactive TV Conference – EuroITV'09* (pp. 201-210). Nova Iorque: ACM.
- Tuchman, G. (1986). *Making news: A study in the construction of reality*. Nova Iorque: Free Press.
- Tussey, E. (2013). Connected viewing on the Second Screen: The limitations of the living room. In J. Holt & K. Sanso (Eds.), *Connected Viewing: Selling, Streaming, & Sharing Media in the Digital Era* (pp. 201-216). Nova Iorque: Routledge.
- Van Cauwenberge, A., Schaap, G. & Van Roy, R. (2014). TV no longer commands our full attention: Effects of second-screen viewing and task relevance on cognitive load and learning from news. *Computers in Human Behavior*, 38, 100-109. doi: 10.1016/j.chb.2014.05.021.
- Van Dijk, T. (1988). *News as Discourse*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Westlund, O. & Färdigh, M. (2015). Accessing the news in an age of mobile media: Tracing displacing and complementary effects of mobile news on newspapers and online news. *Mobile Media & Communication*, 3 (1), 53-74. doi: 10.1177/2050157914549039.

Wolfram, S. (2002). *A new kind of science*. Champaign: Wolfram Media.

WIPO, World Intellectual Property Organization. (2014). *WIPO IP facts and figures* (annual report). Retrieved from <http://www.wipo.int/ipstats/en/wipi/>.

BIOGRAPHICAL NOTES

Francisco Conrado Filho has a master in Communication Studies by University of Minho (Portugal) where he also prepares his PhD. He has been researching about the relationships and interdependences between journalism as professional activity and journalism. More recently he has been researching about the power relationships within the context of Big Data projects.

E-mail: franciscoconradofilho@gmail.com

Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Gualtar, 4710-057 Braga

Luís António Santos is auxiliary professor at the department of Communication Sciences, at the University of Minho. He is also researcher at CECS – research center in communication studies, since 2000. He was journalist for 1^o years - Jornal de Notícias, Rádio Press/TSF, Diário de Notícias and BBC World Service. He has a master in International Politicis from School of Oriental and African Studies (SOAS). His PhD is in Communication Studies (University of Minho).

E-mail: d2660@ics.uminho.pt

Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Gualtar, 4710-057 Braga

* **Submitted: 10-04-2015**

* **Accepted: 02-07-2015**

NO ENTRETANTO OU O (AB)USO DO ACESSO ONLINE EM MOBILIDADE

Catarina Sales Oliveira

Resumo

O recente desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) criou condições para que as pessoas estejam constantemente *online*. Hoje em dia, é comum receber um *e-mail* que termina com uma frase como “enviado pelo meu *iPhone*”, o que significa que o remetente usou o seu telemóvel para o enviar e, conseqüentemente, a sua localização é incerta - pode ser um restaurante, no trabalho, em casa ou até em movimento. Até há poucos anos a interação social em mobilidade só era possível quando as pessoas não viajavam sozinhas. As telecomunicações mudaram este cenário, trazendo as comunicações móveis para o espaço-tempo da deslocação. Nos últimos anos, o crescimento das vendas de *smartphones* e *iPhones* alteraram os cenários da mobilidade. Em que medida está esta tendência ligada a uma prática de lazer ou a um prolongamento do tempo de trabalho? Este texto debate a recente evolução do espaço-tempo da mobilidade a partir dum suporte empírico constituído por um conjunto de dados que combina os resultados de dois inquéritos sobre a mobilidade nas áreas metropolitanas Portuguesas, entrevistas em mobilidade e métodos de *visual research*.

Palavras-chave

Uso das TICs; mobilidade; padrões de comportamento em deslocação;
métodos de *visual research*; entrevistas em mobilidade

A PRESENÇA CRESCENTE DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA VIDA QUOTIDIANA

De acordo com alguns autores (van Welsum, Overmeer & van Ark, 2013) a crise económica reduziu a importância das TIC como condutoras do crescimento desde meados de 2000. Mas, embora a um ritmo mais lento, a penetração das TIC no mercado individual não parou de crescer, permitindo ao utilizador médio estar quase constantemente ligado à internet. Na sociedade ocidental, a penetração da banda larga móvel atingiu os 84% de quota de mercado em 2014 e, em 2013, as vendas de *smartphones* ultrapassaram as de telemóveis na Europa. Em Portugal, nesse mesmo ano, as vendas de *smartphones* atingiram 55% do mercado de telemóveis (ITU, 2014).

Mas ainda mais importante do que avaliar o crescimento no acesso e uso das TIC, é medir o seu impacto efetivo na vida dos utilizadores e utilizadoras, o que é particularmente complexo devido à constante mudança tecnológica (UN, 2011). Há necessidade de mais estudos sobre o impacto mas, até agora, pode-se dizer que as TIC parecem trazer mais impactos positivos do que negativos. No que se refere aos indivíduos e às comunidades, as TIC parecem desempenhar um papel importante no crescimento da disseminação de informação e comunicação através redes sociais, email e comunicações

móveis; as TIC também facilitam o acesso aos serviços e mudaram diretamente atividades como fazer as compras, aceder à conta bancária ou interagir com o Estado; alteraram a forma como as pessoas gastam o seu rendimento, como despendem o seu tempo; como comunicam com a família, amigos e a comunidade mais ampla (UN, 2011, p. 15). Evidencia-se uma importante ligação entre as TIC e as rotinas diárias, as primeiras estão a mudar as segundas a ritmos que ainda estão por determinar.

Realizar atividades em mobilidade depende não só do facto de se possuir um aparelho que permita acesso à internet, como também da existência de rede disponível para se conectar. O acesso grátis ao *wi-fi* teve um desenvolvimento assinalável nos últimos anos e, cada vez mais, esta ferramenta incorpora espaços públicos (McQuire, 2008). Na Europa, o *wi-fi* municipal teve considerável sucesso surgindo como alternativa pública face ao custo das taxas fixadas pelos operadores de telecomunicações (Lambert, McQuire & Papastergiadoris, 2013).

Os *hotspots* grátis de *wi-fi* existem em locais de “interseção de fluxos” de comércio e pessoas (MacKenzie, 2005). É por isto que os cafés, restaurantes e hotéis oferecerem esta facilidade. Os transportes públicos e as estações também são locais repletos de pessoas e transações pelo que apresentam um potencial interessante para a oferta deste serviço. Estão a surgir algumas iniciativas locais de acesso grátis à internet em transportes públicos (Lambert, McQuire & Papastergiadoris, 2013), desde os táxis na África do Sul até ao metro em Tóquio. Isso demonstra a relevância conferida pelos passageiros e passageiras ao acesso à internet enquanto estão em deslocação. Em Portugal, a oferta de acesso *wi-fi* grátis em transportes públicos está a crescer: a denominada “internet das coisas” está disponível desde 2011 na Rede Expresso - empresa público-privada de viagens de longa distância- que foi pioneira no país na oferta deste serviço. Em Dezembro de 2014, a empresa que gere os autocarros e táxis do Porto lançou o serviço e serve à volta de 700 000 passageiros por mês que, de outro modo, teriam que utilizar a rede do seu telemóvel.¹ Em Junho deste ano todos os aeroportos portugueses passaram a oferecer acesso *wi-fi* grátis.

(CARACTERÍSTICAS DO) “ESPAÇO-TEMPO” DA MOBILIDADE

Gately (2014) tem um trabalho recente e bastante completo sobre a deslocação das pessoas, com especial enfoque sobre as viagens quotidianas (pendularidade). O nomadismo caracterizou por muito tempo a espécie humana e alguns grupos e comunidades ainda o são. Mas o viajar foi adquirindo uma condição de exceção ao longo da história – ligado a certas situações como a guerra ou a determinados grupos de pessoas como, por exemplo, os comerciantes – e, até recentemente, o indivíduo médio era extremamente imóvel. Apenas no século XIX esta realidade mudou, em grande parte devido ao desenvolvimento dos caminhos-de-ferro. Não existe registo científico das atividades dos primeiros e das primeiras viajantes. Apenas existem os retratos que a literatura e o

¹ Para mais informação, ver <http://www.technologyreview.com/news/533176/hundreds-of-portuguese-buses-and-taxis-are-also-wi-fi-routers/>

cinema nos oferecem das viagens de carruagem ou de barco. Na realidade, o comportamento em viagem só se tornou uma área de estudo muito recentemente. Mas, a vontade de viajar tornou-se visível nos primórdios do século XIX, quando os construtores dos caminhos-de-ferro se surpreenderam com a grande quantidade de utilizadores e utilizadoras dos comboios, inicialmente desenvolvidos para transportar cargas (Gately, 2014). É importante lembrar que o conceito de viajar surge comumente associado ao lazer por causa do turismo. Mas as motivações da deslocação ou viagem são múltiplas e podem ser distinguidas de várias formas. Por exemplo, quanto ao grau de compulsividade podem ser desde obrigatórias em diversos graus (trabalho, educação, um compromisso, uma reunião de família) até voluntárias (viagens de turismo ou lazer). Estes diferentes tipos de viagem envolvem diferentes padrões de comportamento de viagem. Neste artigo abordaremos diversos tipos de deslocação, mas no estudo empírico iremos focar, essencialmente, as deslocações pendulares.

Retomando o que a literatura nos diz sobre deslocações pendulares, sabemos que os e as pendulares (*commuters*) do início dos caminhos-de-ferro eram pessoas com características diferentes das e dos pendulares de hoje em dia: eram pessoas com capital financeiro porque viajar era ainda bastante caro e tinham um perfil aventureiro, uma vez que viajar era verdadeiramente arriscado, pois os problemas e os acidentes eram fenómenos bastante frequentes na altura. As viagens quotidianas alteraram a vida de muitos britânicos (e em muito menor grau de britânicas) em vários sentidos, mas há um que se destaca: o facto de “os caminhos-de-ferro terem incrementado a leitura na Grã-Bretanha” (Gately, 2014, p. 32). Inicialmente, ler e comer eram as atividades de viagem mais usuais e que ainda agora têm importância (Lyons, Jain & Atkins, 2013).

Outras características importantes eram a convivialidade e a interação social. Os primeiros passageiros tinham um “código de silêncio” baseado essencialmente no estatuto social. Contudo, a progressiva intensificação do uso do comboio democratizou o espaço de deslocação, juntando na mesma carruagem pessoas de diferentes posições sociais. Devido a esta circunstância sedimentou-se a convenção social de não falar com pessoas estranhas, para evitar os mencionados excessos e a convivialidade entre classes favorecidas pelo espaço do comboio. Hoje em dia, esta convenção ainda é muito importante, mas a sua expressão varia conforme a cultura. No Japão, conversas móveis mantidas no transporte público são vistas como inadequadas, traduzindo falta de educação (Ito, Obake e Matsuda, 2005). Em Portugal é comum ouvir conversas privadas entre duas pessoas que viajam juntas ou de uma pessoa ao telemóvel.

Na realidade, uma das novidades que as telecomunicações trouxeram ao comportamento na viagem foi a grande proximidade à vida pessoal (Sales Oliveira, 2011). Nos finais do século XX o crescimento da mobilidade fez sobressair a importância de estudar este fenómeno, antes não concebido como uma preocupação social ou sociológica mas como uma variável de gestão e de estratégia. Autores como Sheller e Urry (2006) trouxeram para a Sociologia a reflexão sobre a mobilidade espacial como um fenómeno que molda e é moldado pela estrutura social. Alguns investigadores e investigadoras denominam este fenómeno de um novo “paradigma da mobilidade”. As pessoas movem-se

por razões socialmente determinadas, tais como obter um melhor emprego ou procurar uma melhor qualidade de vida e também se deslocam de formas socialmente determinadas: mover-se em transporte público é desvalorizado não só porque o carro é o ícone da mobilidade e da flexibilidade mas também um símbolo de *status* (Sales Oliveira, 2015). Nesta área de investigação o estudo do comportamento em viagem e/ou o uso do tempo de viagem é um aspeto importante e pouco explorado como fonte de informação sobre a mudança social. Diversos autores e autoras de pesquisas sobre o comportamento em viagem destacam o comportamento em viagem como parte importante das rotinas quotidianas (De Vos et al., 2013). É particularmente expressivo nos casos cada vez mais frequentes de pendularidades alongadas que atingem mais de 300 quilómetros por dia.

Atualmente cerca de 500 milhões de pessoas viajam diariamente (Gately, 2014) e muitas outras viajam semanalmente. No decorrer das suas viagens desenvolvem atividades e vão construindo perceções e representações do espaço-tempo das suas deslocações. Contudo, os decisores e decisoras políticos estão muito mais focados e focadas na diminuição do tempo de viagem e da distância do que em oferecer experiências de viagem mais agradáveis (Gately, 2014). De qualquer modo, a sociedade muda e as novas ferramentas e práticas sociais vão estando cada mais presentes neste espaço-tempo. Um estudo sobre o uso do tempo em viagem de passageiros e passageiras de comboio na Grã-Bretanha entre 2004 e 2010 revela uma permanência de atividades como a leitura, ver a paisagem/ver as pessoas e trabalhar/estudar como as atividades favoritas em tempo de viagem” (Lyons, Jain, Susilo & Atkins, 2013, p. 1). Mas a disponibilidade e o uso das tecnologias móveis aumentaram bastante nos últimos anos e isso reflete-se no comportamento em viagem, por exemplo, no crescimento muito acentuado do número de outras atividades, tais como ouvir música. Este crescimento parece contribuir fortemente para “o aumento substancial na proporção de viajantes que consideram ter uma utilização útil do tempo de deslocação” (Lyons, Jain, Susilo & Atkins, 2013, p. 20). Assim, a extensão do papel das TIC no espaço-tempo das deslocações parece estar a alargar-se.

TIC EM MOBILIDADE

A existência de serviços de internet móvel acessíveis ao cidadão e à cidadã comum permitiu avançar outro passo no crescimento do já significativo mundo virtual; as pessoas estão agora ligadas entre si em espaços e tempos em que anteriormente não estavam, criando, assim, um espaço comunicativo “enquanto” se movem: andar, correr, passear de bicicleta, conduzir ou como passageiro ou passageira do transporte público. A relevância deste “espaço-tempo” para o uso da comunicação virtual é significativa porque até há pouco tempo era um tempo inativo (Lyons & Kenyon, 2003), de espera, durante o qual as pessoas podiam fazer somente algumas atividades individuais como ler, dormir ou estudar. A interação social no “entretanto” da deslocação quotidiana era possível apenas quando não se viajava sozinho/a, uma vez que a comunicação com outros passageiros ou passageiras sempre foi socialmente condicionada (Gately, 2014). As telecomunicações mudaram este cenário há alguns anos, trazendo a comunicação

móvel via chamada telefónica ou mensagem para o espaço-tempo da deslocação. Presentemente, com o acesso fácil à *internet* móvel, as possibilidades de interação são consideravelmente superiores.

Ainda não existe informação sobre “como” concretamente esta mudança tecnológica tem impacto na vida diária das pessoas e, especialmente, nas experiências de *commuting* ou de viagem. O acesso aos media *online* pode contribuir para melhorar a experiência de mobilidade (Lyons & Chatterlee, 2008), diversificando as atividades que as pessoas podem realizar enquanto viajam mas também pode criar condições para a sedimentação de tendências não tão desejáveis como o alongamento das pendularidades ou dos períodos de trabalho e o empobrecimento do equilíbrio entre o trabalho e a vida privada. Trabalhar e estudar são atividades que integram as deslocações pendulares (Sales Oliveira, 2011) mas a posse de aparelhos como o *iPad*, *iPods*, *tablets* e *smartphones* aumenta a capacidade de execução do trabalho enquanto se viaja. Simultaneamente, tem vindo a aumentar as exigências de proatividade e de resolução de problemas, sobretudo em atividades profissionais mais qualificadas que beneficiam largamente de uma presença mais permanente online dos seus e das suas executantes. É nesse sentido que diversas empresas oferecem às suas empregadas e aos seus empregados, pacotes de internet e equipamentos de comunicação móveis como ferramentas de negócio, de forma a melhorar a produtividade e propiciar formas mais eficientes de trabalho (Deloitte, 2014). Qual é o impacto destas medidas nos estilos de vida? Devido à pervasividade da internet, que tende a interpenetrar domínios públicos e privados, é difícil determinar até que ponto estas novas práticas sociais que marcam o modo de “estar *online*” enquanto se viaja representam mais trabalho e pressão adicional ou são, sobretudo, um espaço-tempo destinado ao prazer e à sociabilidade.

METODOLOGIA

O objetivo principal desta investigação foi explorar o papel das TIC na mediação de espaços âncora e o acesso diversificado à internet durante a mobilidade. Utilizando uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória combinámos diferentes técnicas nesta investigação e incluímos dois conjuntos de dados empíricos: 1) dados recolhidos anteriormente (2004, 2007 e 2008), no contexto de uma investigação mais ampla, relacionada com a realização das provas de doutoramento da autora (Sales Oliveira, 2006; Sales Oliveira, 2011) dados mais recentes, seguindo para ambos os pressupostos apresentados acima.

Os dados mais antigos derivam de dois inquéritos à mobilidade aplicados em 2004 e 2007. Estes inquéritos foram aplicados *online* em amostras não representativas da área metropolitana de Lisboa (2004) e da área metropolitana do Porto (2007). Também usámos 31 entrevistas móveis (recolhidas em 2008 nas mesmas áreas) através das quais se aprofundou o conhecimento sobre as atividades desenvolvidas pelos e pelas viajantes, as perceções sobre a viagem e a relação com a tecnologia.

Os dados recolhidos dos inquéritos foram tratados com o IBM SPSS Statistics 19. Os dados das entrevistas móveis foram tratados com análise de conteúdo.

No que concerne a técnica de *visual research*, “procedemos metodologicamente realizando representações visuais (estudar a sociedade usando imagens), examinando representações visuais pré-existentes e estudando imagens para obter informação sobre a sociedade” (Banks, 1995, p. 1). Utilizámos material visual já existente sobre a mobilidade e explorámos dados recolhidos para esta investigação. O material já existente é a série *Stainless* do artista Adam Magyar, fotógrafo que trabalha fluxos urbanos e imagens de mobilidade².

O material visual recolhido para esta investigação consiste em fotografias tiradas na área metropolitana de Lisboa, na Primavera e Verão de 2015. Foi registado o ambiente de alguns transportes públicos, especialmente o comboio e o autocarro. Para tratar os dados visuais escolhemos uma abordagem dialética (Weber, 2008), analisando os dados parcelarmente e como um todo.

RESULTADOS

Começando pelos dados estatísticos do primeiro inquérito sobre a mobilidade questionaram-se as pessoas sobre as três principais atividades que realizavam em deslocação. Na Tabela 1 podemos observar que “ouvir música” foi a atividade mais vezes assinalada, com 21% das escolhas. “Ler” foi a segunda atividade mais assinalada. Todavia, quando analisados as respostas de terceira à sexta opção, o perfil de resposta foi algo diferente – todas as atividades estavam ligadas à imobilidade: pensar, observar, fazer nada e dormir. As restantes atividades são mais ativas e duas de entre elas significam a interação com outro/as. O uso do telemóvel é pouco frequente, embora este esteja mais presente do que “trabalhar” e/ou “estudar”.

ATIVIDADES	PRIMEIRA ATIVIDADE	SEGUNDA ATIVIDADE	TERCEIRA ATIVIDADE	TOTAL	PESO DE CADA ATIVIDADE (%)
Ouvir música (em dispositivo próprio)	108	49	13	170	21
Ler (livros, revistas e jornais)	105	40	10	155	19
Pensar	41	49	33	123	15
Observar em redor	30	43	37	110	14
Fazer nada	38	13	27	78	10
Dormir	14	8	17	39	5
Falar ao telemóvel	7	15	20	42	5
Conversar com passageiro/as do lado	23	11	6	40	5
Trabalhar ou estudar	9	11	4	24	3
Outros (conduzir)	18	1		19	2
Fazer puzzles ou outros jogos		1	4	5	1

² Para mais informação sobre o trabalho de Adam Magyar, ver <http://www.magyaradam.com/>

Total	393	240	171	804
Não respostas	7%	43%	60%	

Tabela 1: Atividades de passageiros/as que viajam na Área Metropolitana de Lisboa (2004)
Fonte: Inquérito *online* (Lisboa)

A análise bivariada desta variável com a variável “modo de transporte” mostrou que as atividades são segmentadas de acordo com o transporte usado. “Ouvir música”, “conversar”, “fazer nada”, e “pensar” são atividades exercidas quando a deslocação é de carro. “Falar ao telemóvel” também é uma atividade de carro. “Ler”, “dormir”, “observar” e “trabalhar/estudar” são atividades de transporte público.

A relação com o sexo também é significativa (baixa associação mas alta significância estatística). Assim determinadas atividades são mais desenvolvidas por mulheres (ler, dormir) e outras por homens (ouvir música, conduzir) correspondendo a repartição por sexo do modo de transporte pois as mulheres usam mais o transporte público e os homens usam mais o transporte pessoal.

ATIVIDADES	VALOR	PESO DA ATIVIDADE (%)
Ouvir música (em dispositivo próprio)	939	49
Ler (jornais, livros, revistas)	332	18
Não fazer nada/descansar	304	16
Conversar com passageiro/as do lado	112	6
Conduzir	80	4
Falar ao telemóvel	48	3
Trabalhar ou estudar	58	3
Jogar (telefone ou computador)	12	0,6
Pensar/observar em redor	7	0,4
Aceder à net	7	0,4
	1899	100
Não respostas		4

Tabela 2: Atividades de passageiros/as enquanto viajam nas Áreas Metropolitanas do Porto e Lisboa (2007)
Fonte: Inquérito *online* (Lisboa e Porto)

Neste inquérito observamos que a atividade principal é “ouvir música”, com uma distância considerável face a outras atividades. “Ler” está em segundo lugar e a imobilidade também está presente na terceira opção “nada”. “Falar ao telemóvel”, mantém-se baixo e atividades como “jogar” e “aceder à Internet” são ainda mais residuais, com apenas 1% das respostas, mas já incluídas no conjunto de respostas devido à tecnologia disponível na altura.

Os testes de associação com o modo de transporte e género demonstram exatamente as mesmas tendências do inquérito de 2004: “Ouvir música”, “conversar” e

“falar ao telemóvel”, são atividades de carro. “Fazer nada/descansar”, “ler” e “jogar” e “aceder à internet” são mais atividades do transporte público e atividades de mulheres, o que é de alguma maneira inesperado para o jogar. Mas os valores baixos não permitem grandes considerações.

Foram realizadas 31 entrevistas em profundidade a passageiras ou passageiros, de forma a entender a sua perceção geral sobre a deslocação e a sua experiência de viajar. As entrevistas foram móveis, ou seja, foram feitas enquanto a pessoa viajava. A entrevistadora seguiu a pessoa na sua viagem habitual usando uma abordagem fenomenológica, tornando-se na sua “sombra” (Jirón, 2012). Neste contexto, não foi possível observar as atividades usuais que as pessoas desenvolvem enquanto viajam porque a presença do entrevistador condiciona radicalmente a disponibilidade do entrevistado.

O viajar diariamente (*commuting*) é referido como um “tempo obrigatório” mas também pode ser “uma oportunidade para relaxar, ler e recarregar antes de chegar a casa e ver a criança” (Mulher 32). Uma mulher disse-nos já estar cansada de movimentar-se todo o dia e viajar é um “tempo perdido” que ela tenta atenuar ouvindo música ou lendo; para ela viajar corresponde a trocar tempo por espaço: escolhe viajar para poder ter uma casa melhor, embora esta fique mais longe do local onde trabalha (Mulher, 34). Outra jovem mulher disse-nos que antes viajava de autocarro e que, apesar de ser mais desconfortável, devido “aquele barulho e horrível cheiro”, era capaz de dormir. Considera que ir de carro (que usou durante um certo período da sua vida) era bom para passar tempo com os seus entes queridos (costumava ir com o pai). Mas, o comboio permitiu-lhe voltar ao hábito de ler (Mulher, 31). Uma mulher mais velha (Mulher, 54) gosta de ver as pessoas no comboio. Pensa que os jornais grátis têm um papel importante e que, por causa disso, “agora toda a gente lê”.

Uma mulher de meia idade explica por que prefere vir de comboio, “calada e a ler”. Houve um tempo em que ela vinha com o marido de carro e estava arrependida porque já não lia na viagem: “O tempo no comboio é bom, é um tempo de descanso. É importante ter esse tempo, até para dormir, é restaurador” (Mulher, 45); “Eu gosto do conceito de jornais grátis. Eu leio-os e deixo-os no meu lugar para o próximo passageiro (Homem, 57).

Um homem jovem explica que, enquanto espera na estação de comboios, está sempre a mexer-se, não consegue parar quieto e que:

Os jornais grátis são uma coisa boa porque antes as pessoas dormiam, agora as pessoas leem. O problema é que não há lugares para colocá-los e os comboios e estações estão cheias de lixo. Eu nunca como dentro do “barco”, mas desde que me lembro há um café dentro do “barco” e isso é uma boa coisa, muitas pessoas tomam lá o pequeno-almoço. (Homem, 34)

Eu gosto de ir de comboio, é um tempo de reflexão sobre a vida e sobre coisas a fazer. Eu jogo um jogo: tentar ler os pensamentos dos outros pelas suas caras! Também gosto de ler os jornais grátis e compro dois generalistas e um desportivo. Às vezes levo um livro. (Homem, 27)

Eu leio os jornais grátis que acho muito úteis, fico informada. Ultimamente porto-me bem, levo um livro comigo! Tento ficar sempre na mesma carruagem porque é mais perto da saída. (Mulher)

Muitas vezes leio e oiço música no meu mp3. Levo sempre um livro mas nem sempre leio. Quando vim pela primeira vez trabalhar para Lisboa, fiquei surpreendido porque no metro ninguém lê (Mulher, 24) (Esta entrevistada recebeu cinco chamadas durante a entrevista móvel.)

No comboio aparentemente não faço nada porque não leio ou coisa assim. Mas isso é porque gosto de me sentar e preparar-me para começar o dia. (Mulher, 35)

Quando a viagem se faz em transporte particular o discurso é bastante diferente e as pessoas fazem outras atividades no carro:

Viajar é a minha vida! Porque o meu negócio é acompanhar crianças da escola para atividades ou para casa. De manhã e à noite também faço a minha própria viagem para a casa do meu primeiro passageiro que mora longe da minha casa. Enquanto ando, estou sempre a falar ao telefone porque está sempre algo a acontecer: um novo cliente, mudanças de horário nos meus regulares, um miúdo que está doente e é preciso ir buscar mais cedo a escola. Eu recebo e faço chamadas e também organizo o meu dia e o próximo enquanto viajo. Para entreter os meus passageiros tenho um DVD no meu carro. (Mulher, 47)

A atividade é diferente em diferentes meios de transporte: normalmente vou de carro e aí uso o tempo para falar ao telemóvel para organizar as coisas e contactar as pessoas de manhã; mas o tráfico é cansativo e, quando tenho de fazer viagens mais longas, vou de comboio ou avião, porque descanso de conduzir e consigo trabalhar durante a viagem (com o computador e a internet). Normalmente o tempo morto da viagem é sempre usado para trabalhar e é quando às vezes faço mais coisas! (Homem, 38)

O meu trabalho é móvel por isso, as deslocações fazem parte da minha vida diária. Normalmente conduzo, mas, às vezes, falo ao telemóvel porque tenho micro. Espero no futuro ter um emprego em que viaje menos, isto é cansativo. Mas por agora está okay. (Homem, 40)

Recebo muitas chamadas quando conduzo, a maioria profissionais. Para além da viagem, também ando muito durante o dia porque, como um homem de negócios, tenho fazer muitas tarefas e reuniões. Não faz mal, não me importo de conduzir nos arredores. Mas, se é para ir para longe, não

gosto, prefiro ir de transportes públicos e aí levo meu computador e trabalho. (Homem, 61)

Como vendedor ando sempre todo o dia, de um cliente para outro. Eu gosto disso porque para mim conduzir é um prazer e entretenho-me a tentar encontrar novos caminhos e a evitar o tráfego. O que faço mais em viagens é atender chamadas do meu chefe, colegas e clientes. Falo ao telemóvel todos os dias porque não estou no escritório exceto por uns minutos de manhã e ao fim do dia, então é uma maneira de resolver problemas e fazer trabalho administrativo. Na realidade, o meu telemóvel e o meu computador são o meu escritório móvel no carro! (Homem, 32)
Recebeu e fez 4 chamadas durante a viagem

VISUAL RESEARCH (PESQUISA VISUAL)

Stainless consiste em seis vídeos de pessoas no metro em diferentes partes do mundo sempre em metrópoles: Berlim, Nova Iorque, Pequim, Tóquio, Seul e São Paulo. Os vídeos foram feitos entre 2011 (na Alexanderplatz, em Berlim) e 2015, em São Paulo. Estão disponíveis no *website* de Adam Magyar e no Vimeo. Adam Magyar é um apaixonado pelo ambiente urbano. Ele explica o objetivo do seu projeto *Stainless* dado o seu amor “aos momentos importantes ignorados” e o seu interesse no espaço entre a imobilidade e o movimento”. Para fazer estes vídeos Magyar utilizou um equipamento especial com uma nova abordagem tecnológica que, em parte, foi desenvolvida pelo próprio:

A câmara que usei para o projeto *Stainless* foi uma máquina industrial normalmente usada para a montagem de linha para grandes produções, logo não é um equipamento fotográfico portátil. Esta câmara por si mesma não é capaz de captar imagens, há equipamentos adicionais necessários para realizar a sua função. Para tal montei um sistema portátil. Como precisei de um computador para transmitir a enorme quantidade de dados - sendo que o seu uso no metropolitano foi problemático - não tive outra escolha senão desenvolver eu mesmo uma aplicação para *iPhone* que me tornou possível controlar o sistema mais facilmente. (Magyar, 2011-2015)

Stainless mostra-nos a mobilidade no subterrâneo de seis diferentes cidades. Ao longo dos vídeos emergem os usos de *headphones* e de dispositivos móveis, mostra-se a passividade das expressões faciais mas também as características distintivas dos vídeos entre contextos. O espaço entre pessoas é diferente em todas as estações: Shinjuku e Tóquio são as mais populosas. Alexanderplatz, em Berlim é a menos. Tóquio é onde as pessoas se envolvem mais em atividades com os seus dispositivos móveis enquanto em Pequim isso é quase inexistente. A diversidade étnica é maior nos vídeos ocidentais. Em São Paulo vemos um polícia na estação que tanto pode estar a trabalhar na estação, na

segurança, como pode estar a viajar mas que nos faz de imediato pensar na insegurança que se vive nesta cidade.



Figura 1: Exemplos dos filmes apresentados por Adam Magyar³

Magyar queria captar os pequenos movimentos mas o que também sobressai nestes vídeos é a continuidade e a contradição entre a presença de um corpo e a falta do olhar que, quando amplificadas pela presença de elementos como livros e telemóveis, realçam mais a abstração do lugar e a imersão no mundo interior.

A análise do material próprio foi organizada de acordo com um quadro concetual que mantinha algumas das variáveis presentes nos dois inquéritos - tempo e espaço - mas agora organizados de uma maneira diferente e com e incluindo o conceito de corpo.

O tempo significa a duração da viagem mas também o momento da captura da imagem. Pode ser muito tarde ou muito cedo. A espera, o entretanto e a chegada. O espaço corresponde ao lugar, dentro ou fora do transporte, mas também nos lugares significativos, as âncoras de espaço e o espaço virtual. No que concerne ao corpo, a variável foi introduzida porque concordamos com Munoz, segundo o qual “ainda que

³ Acedido em <https://vimeo.com/adammagyar/>

pouco estudado como variável relevante nas investigações sobre a mobilidade, o corpo é um elemento que se vê exigido como poucos na hora de viajar” (2013, p. 15). O corpo é base da mobilidade, é o corpo que move. O corpo tem posições e expressões.

O quadro concetual usado pode ser observado na imagem seguinte:

TEMPO ————— **ESPAÇO** ————— **CORPO**

Figura 2: Quadro concetual da *visual research*

Este quadro analítico-concetual foi utilizado para interpretar cada imagem mediante uma abordagem dialética (Weber, 2008), o que representou uma interpenetração entre as perspetivas individuais e coletivas e um olhar transversal sobre as semelhanças e as diferenças baseado no processo de questionamento sustentado pelas seguintes perguntas: Como falam ou se relacionam as imagens umas com as outras? Até que ponto são iguais ou se diferenciam? Que mensagens coletivas transmitem?

EM ESPERA



Figura 3: Metro de Lisboa, Estação de Entre Campos.

As pessoas evidenciam uma atitude corporal de calma e atenção face ao que se vai passar. Parecem estar relaxadas e serenas. Há uma forte suspensão do tempo (*stillness*), à semelhança do que se visualiza no trabalho de Magyar. Isso faz sobressair um primeiro paradoxo: as pessoas que estão em movimento parecem estar extremamente imóveis. Os corpos estão disciplinados (no sentido de Foucault) para desempenhar o papel da espera. As TIC estão presentes como objeto e como companhia. São um elemento importante, tão importante que se carregado na mão.



Figura 4: Estação de Entre Campos, Lisboa

Será que estão à espera de uma chamada? Algumas pessoas falam ao telefone e outras tocam nos ecrãs. Não conseguimos saber o que estão elas a fazer, mas o tempo é escasso, há alguns momentos atrás um comboio acabou de chegar. Uma rápida visita ao *e-mail* ou à página do *facebook*?

DURANTE



Figura 5: Carruagem da Fertagus, zona metropolitana de Lisboa

Dentro da carruagem podemos aperceber-nos de outros detalhes. Pessoas a olhar pela janela. Uma postura introspetiva e ausente. Uma posição relaxada, mas, ao mesmo tempo, a evidente consciência sobre a presença de outros e outras. Um tempo e um espaço para si.



Figura 6: Carruagem da Fertagus, zona metropolitana de Lisboa

Não há sorrisos e, como Gately diz (2014), as pessoas mantêm distância social e não falam com pessoas estranhas. Conversações privadas ao telemóvel aconteceram em todas as viagens que seguimos. Sempre vozes de mulheres. Arranjos, reprogramações e conversações com amigas e amigos.



Figura 7: Fotografia da rede de autocarros “Expresso”, deixando Lisboa

No autocarro, uma rapariga fala com o pai ao telefone e usa a expressão “para depois fazeres *aquilo que tu sabes*”, com a clara intenção de preservar a intimidade/privacidade do interlocutor.

AO CHEGAR



Figura 8: Fotografia da estação do Pinhal Novo station, Lisboa

Agora circulando. Fora e em casa? Com calma e decisão. E também o telefone exercendo forte presença apesar do movimento. Andando e observando.

Juntando os momentos, apercebemo-nos que as mulheres estão mais presentes do que os homens. Temos pessoas de diferentes idades, mas sobretudo adultas. Não vemos ninguém de muita idade ou muito jovem. Essencialmente pessoas em idade ativa. Pessoas que vestem de forma casual e sabendo que atualmente em Portugal grande parte das atividades profissionais de serviços não estão cobertas por nenhum código de vestuário estrito, é difícil estar certo sobre quem de entre estas pessoas está a trabalhar e quem está envolvido noutras atividades não profissionais. Nos últimos anos as razões para viajar para e de Lisboa são muitas mais do que apenas o trabalho ou o estudo (INE, 2003; 2012).

A tecnologia surge com uma presença constante em todo o *commuting*.

A presença do TIC: o telemóvel usado para falar, ouvir música e fazer outras coisas.



Figura 9: Carruagem da Fertagus, Lisboa

Levar consigo o telemóvel na mão foi um resultado inesperado, uma prática descoberta. Fora da mala, na mão. Para estar na mão.



Figura 10: Autocarro da rede "Expressos", ao deixar Lisboa

O telemóvel faz parte de uma composição corporal moldada pela serenidade e calma de uma troca de espaços e tempos, uma passagem em que as pessoas surgem curiosamente imóveis, conduzidas quer pelo tempo de espera quer pelo transporte onde estão e que as leva ao seu destino. As palavras de Magyar podiam muito bem ter sido escritas para estas fotos, menos bonitas do que as do autor, mas muito similares: “Escrutinam um futuro incerto. Similarmente a todas as minhas imagens, a sua principal motivação é a chegada” (Magyar citado por Risch, 2012, p. 2).

Numa experiência de confrontação de materiais, colocamos lado a lado as entrevistas móveis com as imagens e (re)criamos legendas:

“Um tempo que é obrigatório” mas pode ser uma oportunidade “oportunidade para relaxar, ler, recarregar” mas que é também um “tempo perdido”.



Figura 11: Carruagem da Fertagus, Lisboa

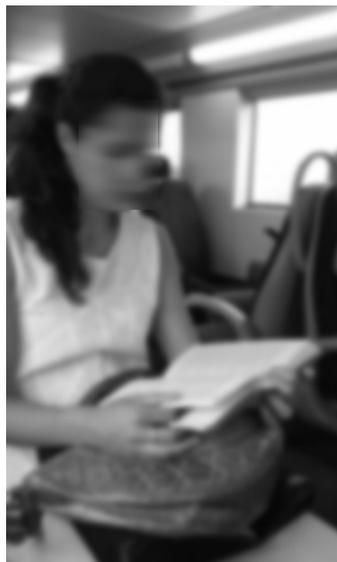


Figura 12: Carruagem da Fertagus, Lisboa

“Ultimamente tenho-me portado bem. Trago um livro comigo.”



Figura 13: Carruagem da Fertagus, Lisboa

“(...) gosto de me sentar e preparar-me para o dia que vai começar”

DISCUSSÃO

Retomando a questão de partida – qual o papel das TIC nas deslocações quotidianas, principalmente na mediação de espaços âncora – podemos observar mudanças nos últimos 10 anos, embora não as possamos documentar empiricamente porque a informação que usamos provém de diferentes fontes e não é comparável. Mas a forte presença das TIC é inquestionável. Mudanças no cenário das viagens diárias refletem provavelmente a evolução da sociedade portuguesa. Os anos idos de 2000 foram o tempo do *boom* dos jornais gratuitos. No nosso estudo fotográfico não capturámos nenhum destes jornais. Talvez signifique que tenham perdido relevância. Mas a verdade é que não sabemos de facto o que as pessoas estão a fazer quando capturamos o seu olhar ou toque no telemóvel. Por isso, não podemos responder, por enquanto, a parte das nossas interrogações desta investigação, a saber: será que as TIC estão a criar as condições para reforçar tendências não desejadas como o alongar das pendularidades, dos períodos de trabalho e o empobrecimento da conciliação da vida privada e do trabalho? No século XIX os caminhos-de-ferro foram responsáveis pelo crescimento da literacia da população britânica. Qual é este o papel da mobilidade na vida das pessoas hoje? A partir da nossa pesquisa podemos observar que ela está altamente presente e sabemos, através da literatura, que as pessoas parecem estar tanto mais satisfeitas com as suas viagens quanto melhor puderem personalizar as suas experiências (Lyons, Jain, Susilo & Atkins, 2013).

O confronto dos diferentes materiais permitiu-nos antever um fluxo de continuidade. A cadência do tempo/espço do *commuting* parece estar subjacente. Algumas das atividades que sempre se fizeram durante a mobilidade continuam a marcar presença: refletir, disfrutar, dormir, assim representando a necessidade de relaxamento e de descanso. A compulsão para retirar partido do tempo livre ainda encontra resposta na leitura, mas o áudio é uma marca da sociedade contemporânea, como vemos nos vídeos de

Magyar e também na nossa pesquisa visual (*visual research*). Os dispositivos móveis são uma fonte de diferentes atividades e são, por isso, os companheiros perfeitos para uma viagem, permitindo interação social arredada dos outros passageiros e passageiras. E, por isso, numa carruagem, onde ninguém interage com os outros indivíduos presentes, estão a acontecer diversas interações que têm os e as *commuters* como protagonistas.

O espaço-tempo da deslocação é único porque conjuga rotina e suspensão na mesma essência do movimento. Um movimento que se torna rotina pela sua repetição no tempo mas em que ao mesmo tempo adquire um cariz de suspensão no tempo fruto da imobilidade dos corpos conduzidos.

Entre a ubiquidade forçada da deslocação e a consciência repentina de último homem, descemos, subimos, chegamos. Já nos movemos () na realidade, as deslocações nunca são os mesmos: enquanto fora, acima, a cidade dos palácios dá lugar à alvorada, algo já mudou cá em baixo. Já mudámos. (Campos, 2004, p. 1)

É em termos de mudança que Munoz nos fala da sua experiência de viajar. As diferentes tarefas desenvolvidas por *commuters* são papéis assumidos no contexto de viagem e são, por isso, metamorfoses do corpo (2013). Estes momentos aparentemente muito pessoais são ao mesmo tempo “momentos móveis de onde emerge o público cristalizado na fugacidade de algum encontro” (Iturra, 2013, p. 1).

Neste cruzamento entre o pessoal e o público quando é que a pesquisa social começa a ser pervasiva? De acordo com Mitchell, “trabalhar com o visual é (...) um modo de investigação (um tipo de levantamento de dados). Mas existem outros aspetos do visual que também são críticos. Um diz respeito à epistemologia e ao modo como chegamos a conhecer o que sabemos (e como medir essa subjetividade). Este problema é especialmente significativo, pois “o sujeito da investigação é simultaneamente produtor e intérprete (Mitchell, 2011, pp. 4-5).

Nesta pesquisa a investigadora era a produtora de imagens e, como tal, tinha o poder de escolher e essa escolha é forçosamente subjetiva e direcionada para a questão de pesquisa. Ao captar imagens em contexto de mobilidade a questão de pesquisa, seguramente, atuou como um objetivo ou chamariz. Talvez pudéssemos ter tirado muitas outras fotografias sem a presença das TIC. Nesta pesquisa há importantes questões éticas envolvidas, sendo difícil saber se faz ou não sentido acionar o consentimento informado, visto que se estão a recolher imagens de fluxos e passagens e a espontaneidade é essencial. Além disso, o foco é o espaço público e é muito difícil operacionalizar um consentimento informado para este tipo de recolha de dados. Por outro lado, a experiência de sistematização de materiais empíricos diferentes é metodologicamente arriscada. Sabemos os limites da experiência e não temos a pretensão de sermos capazes de construir um argumento sólido baseado nesta compilação de dados. A nossa intenção foi exploratória e de partilha de algumas informações sobre deslocações nas metrópoles portuguesas, dando espaço para os dados falarem por si. Num balanço final, consideramos que os pequenos e ignorados momentos das viagens quotidianas

dizem muito sobre aspetos de maior escala como a nossa cultura, os nossos valores, a nossa identidade.

A questão subjacente a esta pesquisa foi a de saber se havia, de alguma forma, um abuso ou um uso excessivo relativamente ao acesso *on line* no entretanto das viagens pendulares. Os nossos dados e o confronto com outras pesquisas e visões fazem-nos acreditar que é cedo para falar de um abuso. Outras atividades (mais tradicionais) ainda continuam a ser importantes. Adicionalmente as pessoas parecem relaxadas o que é um contrassenso para um contexto de eventual abuso. Mas, do nosso ponto de vista, a presença crescente das TIC neste espaço-tempo é significativa e exige reflexão. À semelhança do que sucedeu no passado, com o relógio pessoal que surgiu devido à medição da temporalidade exigida pelo comboio (Gately, 2014), hoje em dia a mobilidade interage claramente com os dispositivos móveis que concentram muitas atividades, permitindo-nos saber o que as pessoas estão a fazer mesmo sem lhes perguntarmos. Adicionalmente, o telemóvel à mão (na mão), como uma pequena extensão do corpo, fala pelo seu valor social. //

REFERÊNCIAS

- Banks, M. (1995). Visual research methods. *Social Research Update*, 11. Acedido em <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU11/SRU11.html>.
- Campos, D. (2004). Santiago: Desplazamientos. *Bifurcaciones*, 1. Acedido em <http://www.bifurcaciones.cl/001/Santiago.htm>.
- Deloitte (2014). 2014 Global top five total. *Rewards priorities survey*. Acedido em <http://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/global/Documents/HumanCapital/dttl-2014-top-five-global-employer-rewards-priority-survey-report-20140423.pdf>
- De Vos, J., Schwanen, T., Van Acker, V., & Witlox, F. (2013). Travel and subjective well-being: a focus on findings, methods and future research needs. *Transport Reviews*, 33, 421-442.
- Gately, I. (2014). *Rush hour*. London: Head of Zeus.
- INE - Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001. Resultados definitivos — Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- INE - Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011. Resultados definitivos — Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Itō, M., Okabe, D. & Matsuda, M. (2005). *Personal, portable, pedestrian: Cell phones in Japanese life*. Cambridge: MIT Press 2005.
- ITU (2014) *MIS Report 2014*. Geneve: ITU.
- Iturra, L. (2013). Movilidad cotidiana/Encuentros en el metro de Santiago fotoensaios. *Bifurcaciones*, 12. Acedido em <http://www.bifurcaciones.cl/2013/01/iturra-movilidad-cotidiana-metro/>.
- Jirón, P. (2012). Transformandome en la “sombra”, *Bifurcaciones*, 11. Acedido em <http://www.bifurcaciones.cl/2012/11/transformandome-en-la-sombra/>.

- Lambert, A. McQuire, S. & Papastergiadoris, N. (2013). *Free wi-fi and public Space: The state of Australian public initiatives*. Vitoria: Melbourne University. Acedido em <http://networkedsociety.unimelb.edu.au/about/ibes/publications/2013/Free-Wi-fi-and-Public-Space.pdf>.
- Lyons, G., Jain, J., Susilo, Y. & Atkins, S. (2013). Comparing rail passengers' travel time use in Great Britain between 2004 and 2010. *Mobilities*, 8(4), 560-579.
- Lyons, G. & Kenyon, S. (2003, 10-15 agosto). Social participation, personal travel and internet use, *Proceedings of the 10th International Conference on Travel Behaviour Research*, Lucerne, Switzerland. Acedido em http://www.ivt.ethz.ch/news/archive/20030810_IATBR/lyons.pdf.
- Mackenzie, A. (2005). Untangling the unwired: Wi-fi and the cultural inversion of infrastructure. *Space and Culture*, 8(3), 269-285.
- Magyar, A. (2011-2015). Stainless series. Acedido em www.magyaradam.com.
- McQuire, S. (2008). *The media city: Media, architecture and urban space*. Thousand Oaks: Sage
- Lyons, G. & Chatterjee, K. (2008). A human perspective on the daily commute: Costs, benefits and trade-offs. *Transport Reviews*, 28(2), 181-198.
- Mitchell (2011). *Doing visual research*. London: Sage.
- Munoz, D. (2013). Experiencias de viaje en Transantiago. La construcción cotidiana de un imaginario urbano hostil. *Bifurcaciones*, 13. Acedido em <http://www.bifurcaciones.cl/2013/12/experiencias-de-viaje-en-transantiago/>.
- Risch, C. (2012, 10 Fevereiro) DIY Camera: Adam Magyar's Slit-Scan Camera. PDN. Acedido em <http://www.pdonline.com/features/DIY-Camera-Adam-Mag-4640.shtml>.
- Sales Oliveira, C. (2006). *Pendularidade, trabalho e residência*. Dissertação de Mestrado, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa.
- Sales Oliveira, C. (2011). *Mobilidades e classes médias em contexto metropolitano*. Dissertação de Doutoramento, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Sales Oliveira, C. (2015). (Auto) Mobilities and social identities in Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 77, 137-151.
- Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, 38(2), 207-226.
- UN (2011). *Measuring the impacts of information and communication technology for development*, UNCTAD 3. Geneve: United Nations. Acedido em http://unctad.org/en/docs/dtlstict2011d1_en.pdf
- Weber, C. (2008). Visual images in research. In J. G. Knowles & A.L. Cole (Eds.), *Handbook of the Arts in Qualitative Research* (pp. 41-54). London: Sage.
- Van Welsum, D.; Overmeer, W. & Van Ark, B. (2013). *Unlocking the ICT growth potential in Europe: Enabling people and businesses*. Brussels: European Commission.

Texto traduzido do Inglês por Bárbara Guimarães e Catarina Sales

NOTA BIOGRÁFICA

Catarina Sales é docente do departamento de Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior e investigadora do CIES-IUL. É licenciada e mestre em Sociologia do Trabalho e doutorada em Sociologia pelo ISCTE-IUL. As suas áreas de investigação são o género e as organizações e a mobilidade espacial e os transportes.

E-mail: csbo@ubi.pt

Universidade da Beira Interior: FCSH- edifício Ernesto Cruz, Estrada do Sineiro, s/n
6200-209 Covilhã

*** Submetido em: 18-06-2015**

*** Aceite em: 21-07-2015**

IN THE MEANTIME OR THE (AB)USE OF ONLINE ACCESSING DURING MOBILITY

Catarina Sales Oliveira

Abstract

The recent development of ICT has created conditions for people to be constantly online. These days is common to receive an email ended by a sentence like “sent from my iPhone”, meaning that the sender used his or her cell phone to send it and therefore his or her location is uncertain – could be in a restaurant, at work, at home or even moving. Social interaction, while commuting or travelling, was only possible when people were not travelling alone. Mobile telecommunications changed this scenario bringing the mobile communication to the time-space of dislocation. In recent years the spread of sales of smartphones and iPhones has changed the *motion scenarios*. In what extended is this tendency connected to a leisure practice or to work continuity? Using a set of empirical data that combines the results of two mobility surveys in the Portuguese metropolitan areas, mobile interviews and visual research methods this paper debates the recent evolution of the time-space of mobility. The results allow us to discuss the role of ICT in the mediation of spaces anchor and the diversification of uses of Internet accessing while on mobility.

Keywords

ICT use; travel behavior; mobility; visual research methods; mobile interviews

GROWTH OF ICT PRESENCE IN DAILY LIFE

According to some authors (Van Welsum, Overmeer & Van Ark, 2013) the economic crisis had the effect of locking the steam of ICT, as a driver of growth, since the mid-2000. But even if at a slower pace the penetration of ICT in individual market hasn't stop growing, allowing its user an almost permanent connection to the Internet. In western society mobile-broadband penetration reached 84% in 2014 and in 2013 the sales of smartphones overcome the sales of regular cell phones in Europe. In Portugal it reached 55% of the Portuguese cell phone market in that year (ITU, 2014).

Even more important than assessing the growth of ICT access and use is to measure its impacts. That is challenging due to constantly changing nature of technology (UN, 2011). There is a need for more impact studies but until now the general tendency is that ICT seems to bring more positive impacts than negatives in different realms. In what concerns individuals and communities ICT seems to play an important role in increasing information dissemination and communication through the use of social networking sites, email and cell phones; also ICT is making the access to services more easy and “directly changing activities such as shopping, banking and dealing with government; how people spend their income; how they spend their time; and how they communicate with family, friends and the broader community” (UN, 2011, p. 15). So we find here an

important connection between ICT and daily routines, it seems the former is changing the later in ways we don't know yet the extent.

The performance of activities while on the move depends not only of having an internet-enabled Wi-Fi device but also network available to connect. The free Wi-Fi access had a huge development in late years and increasingly co-constitutes public spaces (McQuire, 2008). In Europe, municipal Wi-Fi has had considerable success as a public alternative to the expensive rates fixed by telecom operators (Lambert, McQuire & Papastergiadoris, 2013).

Free Wi-Fi 'hotspots' exist in places of 'intersecting flows' of commerce and people (MacKenzie, 2005). This is why cafes, restaurants and hotels offer this facility. Public transports and stations are also places full people and transactions. Some local initiatives of free wireless access in public transports are grassing worldwide (Lambert, McQuire & Papastergiadoris, 2013) from taxis in South Africa to Tokyo subway which shows an awareness of the relevance given by passengers of having internet access while on the move. In Portugal the offer of free wireless access in public transports is growing: The called *internet of things* is available since 2011 in a long-distance bus company – Rede Expresso – that was pioneer in the country. In December 2014, a Portuguese start-up that manages the bus and taxis of Oporto launch the service and is covering around 70 000 passengers per month that otherwise would have to use their cellular network¹. In June this year all the Portuguese airports started to offer free and unlimited wireless access.

(CHARACTERISTICS OF) THE “TIME-SPACE” OF MOBILITY

Ian Gately (2014) offers us a recent and very complete essay about dislocation of people with a special focus in commuting. As we know human kind was nomadic and some groups and communities still are. But travel acquired the condition of exception on the course of History – connected to specific situations like war or certain groups of people like for example the merchants – and, until more recent years, the average person was highly immobile. It was only in the nineteenth century that this reality changed, much due to the development of the railway. There is no scientific register of the activities of the first travellers, just the portraits literature and cinema offer us of coach or boat travels. In fact travel behaviour only became a field of study very recently. But the willingness for travelling/moving became visible in the early nineteenth century when the railway operators became surprise with a large human demand for the train, initially developed to transport freight (Gately, 2014). In this point it is important to call the attention to the fact that travel is many times associated with leisure, due to tourism. But travel can differ according to its motivation, which can be compulsory (an appointment, a family meeting) or more or less voluntary like tourism. On the other hand travel can became a routine like in the case of commuting. These different patterns of travelling bring different patterns of travel behaviour and in this paper we will overlook several types but in

¹ For more information see <http://www.technologyreview.com/news/533176/hundreds-of-portuguese-buses-and-taxis-are-also-wi-fi-routers/>.

the empirical study we will focus more in routine trips due to the data collection area and circumstances.

Going back to commuting, we know that the first commuters were people with certain characteristics quite different from the nowadays commuter: wealthy, because travelling was still highly expensive, and adventurous, since disruptions and accidents were a common phenomenon. Commuting changed many British' lives in vary senses but one that interest us specially was the fact that "railways were credit with causing a surge on literacy in the UK" (Gately, 2014, p. 32). Reading and eating seem to have been early travel activities that still maintain importance today (Lyons, Jain & Atkins, 2013). One other important feature was the conviviality or spontaneous social interaction. Early commuters had already a *silence code* (Gately, 2014) but for more classist reasons at that time. The railways came to *democratise the space* putting together, in the same carriage, people from different social places and therefore the social convention of not speaking to strangers emerged. Nowadays this convention is still very important but its expression varies by culture. In Japan mobile conversations maintained in a public transport are seen as a very rude and impolite attitude (Ito, Okabe & Matsuda, 2005). In Portugal it is common to listen to private conversations between two persons travelling together or a person on his or her cell phone.

In fact one of the things mobile telecommunication brought to travel behaviour was a major proximity to private life (Sales Oliveira, 2011).

Late twenty-century mobility growth highlighted the importance of studying this phenomenon, before not conceived as a social or sociological concern rather a management and strategic variable. Authors like Urry and Sheller (2006) brought to Sociology the reflection on spatial mobility as a phenomenon that shapes and is shaped by social structure. By allowing an increasing number of long distance relationships, travel and communication technologies have changed the way we make society. Many researchers are calling this phenomenon 'the mobility turn'. People move for socially determined reasons like to get a better job or a better life quality and also move in socially determined ways: to move by private transport is valued, not only because the car is the icon of mobility and flexibility but also a sign of wealth (Sales Oliveira, 2015). In this research area the study of travel behaviour and/or travel time use is an important aspect, not much valued in social sciences literature as a source of information to understand social change. Still authors of travel behavior research call the attention to the fact that travel behavior is a part of life (De Vos et al., 2013). And it can be a very large part like in cases of extreme commuting where people travel more than 300 miles a day.

Nowadays around 500 million people commute (Gately, 2014). Many others travel on a regular basis. In the meanwhile of their trips they do several activities and have perceptions and representations of the time-space of their travel. Policy makers and transport planners keep more focused in reducing time and distance then offering pleasant trip experiences (Gately, 2014). But society changes and the new tools and practices also reached this time-space. A study about the travel time use of rail passengers in Great Britain between 2004 and 2010 "reveal a consistent dominance of reading for leisure,

window gazing/people watching and working/studying as favoured travel time activities” (Lyons, Jain, Susilo & Atkins, 2013, p.1) But the availability and use of mobile technologies has increased enormously in the late years and this reflects in travel behaviour with a growth in activities like listening to music. This growth seems to contribute strongly to the “substantial increase in the proportion of travellers overall making very worthwhile use of their time” (Lyons, Jain, Susilo & Atkins, 2013, p. 20). So the extend of the role of ICT in the time-space of travels seems to be larger than we could expect.

ICT ON THE MOVE

The development of internet contents to cell phones and the existence of services of mobile internet affordable to the common citizen allowed another step on the growth of the already significant virtual social world: people are now connected in times and spaces they weren't before one being precisely while moving: walking, running, cycling, driving or being a public transport passenger. The relevance of this “time-place” for virtual communication use is considerable because not so long ago it used to be a dead time (Lyons & Kenyon, 2003) of waiting during which people could do just some individual activities like reading, sleeping or studying. Social interaction, while commuting or travelling, was only possible when people were not travelling alone since communication with other passengers has always been conditioned (Gately, 2014) Mobile telecommunications changed this scenario some years ago bringing the mobile communication via phone call or text message to the time-space of dislocation but now with easy mobile internet access the possibilities for interaction on the move are incredible larger.

But there isn't yet much information of about how concretely is this technology turn impacting the daily life of people and especially their commuting and travelling experiences. Media online accessing can contribute to an improve in the mobility experience (Lyons & Chaterlee, 2008) by diversifying the activities people can engage in while travelling but it can be also be creating the conditions for the strength of unwanted tendencies, such as longer distances commuting, longer working periods and a poorer work/private life balance. Working and studying were activities performed during commuting (Sales Oliveira, 2011) but with the ownership of devices like iPad, iPods, tablets and smartphones the capacity for working while travelling becomes much larger. At the same time, demands of proactivity and accurate problem solution, common in highly qualified jobs much benefit from a permanently online presence of their workers. Therefore several companies are offering to their employees' internet packages and even mobile communications equipment as business tools in order to improve productivity and more efficient ways to operate (Deloitte, 2014). What are the impacts of these policies in the lifestyles? Due to the pervasiveness of internet that tends to interpenetrate private and public realms it is difficult to determine in what extend are these new social practices of being online while travelling representing overwork and additional pressure or being mainly a time-space for leisure and sociability.

METHODOLOGY

The main objective of this research was to explore the role of ICT in the mediation of spaces anchor and the diversification of uses of internet accessing while on mobility. Using a qualitative and exploratory methodological approach we combined very different techniques in this research due to the fact that some data were collected previously (2004, 2007 and 2008), in the context of broader research, and other set of data is more recent and was collected expressly for the purpose of this reflection. The older data consists in two mobility surveys applied in 2004 and 2007. The surveys were online and are non-representative samples of Lisbon Metropolitan Area (2004) and Lisbon and Oporto Metropolitan Area. We will also use 31 mobile interviews (collected in 2008 in the same areas) which explore the commuter's activities, perceptions of the travel and relation with technology. The data from the surveys was treated with IBM SPSS statistics 19. The data from the mobile interviews was treated with content analysis.

In what concerns visual research in this research, we “proceed methodologically by making visual representations (studying society by producing images), by examining pre-existing visual representations (studying images for information about society.” (Banks, 1995, p. 1) We used already existent visual material on mobility and also explored visual data collected for this research. The already existent material is the *Stainless* series of the artist Adam Magyar who works urban flow and mobility images as a photographer.²

The visual material collected for this research consists of photographs taken in Lisbon metropolitan area in the spring and summer of 2015. It was registered the environment of some public transports specially the train but also the bus.

To treat the visual data we have chosen a dialectical approach (Weber, 2008) analysing the data set as a whole, as groups and each piece individually.

RESULTS

Starting with the statistical data from the first mobility survey, it was asked to people what were the three main activities they usually do while commuting.

In table 1 we can see that *Listen to music* was the main activity, with 21% of the choices. *Reading* is the second activity more practiced but from the third to the sixth activities the profile is quite different –all activities are connected to stillness: wondering, observing, nothing and sleeping. Remain activities are more active with two of them meaning interaction with others. The use of the cell phone is low, but still more present than to work/study.

ACTIVITIES	FIRST ACTIVITY	SECOND ACTIVITY	THIRD ACTIVITY	TOTAL	WEIGHT OF THE ACTIVITY
Listening to music (in a personal device)	108	49	13	170	21%
Reading (newspapers, magazines, books)	105	40	10	155	19%

² For more information on the work of Adam Magyar see <http://www.magyaradam.com/>.

Wondering	41	49	33	123	15%
Observing the surrounding	30	43	37	110	14%
Nothing	38	13	27	78	10%
Sleeping	14	8	17	39	5%
Speaking on the cell phone	7	15	20	42	5%
Chatting with neighbours	23	11	6	40	5%
Working or studying	9	11	4	24	3%
Other (driving)	18	1		19	2%
Doing puzzles or other games		1	4	5	1%
Total	393	240	171	804	
Missing values	7%	43%	60%		

N= 423 respondents

Table 1: Activities while commuting in Lisbon Metropolitan Area (2004)

The bivariate analysis of this variable with the variable transportation mode showed that the activities are segmented according to the transport used. Listening to music, chatting, doing nothing and wondering are car activities. Speaking on the cell phone it is also a car activity. Reading, sleeping, observing and working/studying are public transport activities. The relation with gender is also significant (low association but highly significant) because the transportation mode is gender sensitive, with women using more the public transport and men using more the personal transport.

The 2007 survey had a different set of answers due to belonging to another project.

ACTIVITIES WHILE COMMUTING	VALUE	WEIGHT OF THE ACTIVITY
Listening to music (in a personal device)	939	49%
Reading (newspapers, magazines, books)	332	18%
Nothing/resting	304	16%
Chatting with neighbours	112	6%
Driving	80	4%
Speaking on the cell phone	48	3%
Working or studying	58	3%
Gaming (cell phone/computer)	12	0,6%
Wondering/observing the surrounding	7	0,4%
Accessing internet	7	0,4%
Total	1899	100%
Missing values	4%	

N= 1971 respondents

Table 2: Activities while commuting in Lisbon and Oporto Metropolitan Areas (2007)

In this survey, we can see that the main activity is listening to music, with an expressive distance from the other activities. Reading is in second place and stillness is also present in the third option “nothing”. Speaking on the phone maintains low and even more residual are activities like gaming and accessing the internet, with only 1% of answers, but already included in the set of answers due to the technology already available at that time.

The association tests with transport mode and gender show exactly the same tendencies that the 2004 survey: listening to music, chatting and speaking on the cell phone are car activities. Doing nothing/resting, reading and gaming and accessing the internet are more public transport activities and more women activities which is somehow unexpected for the gaming. But the low values do not allow any kind of major considerations.

It were made thirty one in deep interviews to commuters in order to understand their overall perception and experience of commuting. The interviews were mobile, meaning that it were undertaken while the person was commuting. The interviewer followed the persons interviewed in their usual trip using a phenomenological approach or becoming *la sombra* (Jirón, 2012). In this context it was not possible to observe the usual activities people do while travelling, because the presence of the researcher conditions radically the availability of the interviewer.

Commuting is referred as “a time that is mandatory” but can be an “opportunity to relax, read and recharge before arriving home and meeting my child” (woman, 32). A young woman told us that she is already tired of moving daily and commuting is “a lost time” that she tries to mitigate by making things like listening to music or reading; to her commuting is as a sacrifice of time to space: she have chosen to travel in order to have a better house but far from the job (woman, 34). Another young woman told us that previously she commuted by bus and, despite being more uncomfortable “that noise and awfull smell!”, she was able to sleep. She considers that to go by car (which she used to go in a certain period of her life) was good to spend time with dear ones (she used to go with her father). But the train has allowed her to go back to the reading habit (woman, 31). An older woman (woman, 54) likes to watch the people in the train. She thinks that the free newspapers have an important role because due to it “everyone now reads”.

A middle age woman explains that prefers to come by train “quietly and reading”. There was a time when she came with her husband by car and she was sorry because she no longer read in the trip. “Time in train feels good, it is a rest time. It is very important to have that time, even to sleep, rebalances” (woman, 45); “I like the free newspapers concept. I read them and then leave in my place for the next passenger” (man, 57).

A young man explains that:

Waiting at the train station, I'm always moving, I can't stand still. The free newspapers are a good thing because before people sleep and now they read. The problem is there are no places to put them at the end and the train and stations are full of garbage. I never eat at the boat but since I remember that there is a cafe inside the boat and that's good thing, a lot of people take there their breakfast. (Man, 34)

Other say:

I like to go by train, it is time to reflect on life and on things to do. I play a game: trying to read the thoughts of others by their faces! I also like to read the free newspapers and I purchase two a generalist and a sportive. Sometimes I take a book. (Man, 27)

I read the free newspapers which I found very useful, I get informed. Lately I'm behaving well: I bring a book with me! I try always to stay in the same carriage because it is closer to the station exit. (Woman, 41)

Often read and listen to music in my mp3. I always bring my book but not always read. When I first came to work in Lisbon I was surprised because in the metro nobody reads." (She received five calls during the commute.) (Woman, 24)

In the train I apparently do nothing because I don't read or so. But that is because I like to seat and prepare myself for the day that is starting. (Woman, 35)

When the commuting is by personal transport the speech is quite different and people do other activities while in the car:

Commuting is my living! Because my business is to scort children from school to activities or home. And in the morning and evening I also do my own commuting to the place of my first passenger who lives far from my house. On the move I'm always speaking on the phone because there are always things happening: a new client, schedule changes in my regular ones, a kid that is sick and needs to be picked up earlier from school. I receive and make calls and also organize my day and the next one while moving. To entertain my passengers I have a DVD in the car. (Woman, 47)

Different activities in different transport modes: usually I go by car and then I use the time to speak on the phone, with the micro, to organize things and contact people by the morning; but traffic is tiring and when I have to do larger trips I go by train or plane I prefer because I rest of driving and can work in the trip (with the computer and internet). Generally the time of stillness of the trips it is always used to work and it is sometimes when I do more things! (Man, 38)

My job is mobile so dislocations are my daily base. Usually I just drive but sometimes I answer the phone because I have the micro. I hope in the future to have a job were I have to move less, this is tiring. But for now is ok. (Man, 40)

I receive a lot of calls when I'm driving, mainly professional. Besides the commuting I also move a lot during day because as a businessman I have to do a lot of different tasks and meetings. That's ok, I don't mind driving in the surroundings. But if it is to go far away I don't like, I prefer to go in public transports and there I take my computer and work. (Man, 61)

As a salesman I keep moving all day long, from on client to another. I like that because for me driving is a pleasure and I entertain myself trying to find new paths or to avoid traffic. What I do more in the trips is to attend phone calls from my chief, colleagues or clients. I speak on the phone every day because I'm not at the office except for a few minutes in the morning and end of the day so it is the way to solve problems and do administrative work. In fact my cell phone and my computer are my mobile office in the car! (Man, 32). (He received and had to make 4 calls during the trip.)

VISUAL RESEARCH

Stainless consists of six videos of people in the subway in different parts of the world but all metropolis: Berlin, New York, Beijing, Tokyo, Seoul and São Paulo. The videos were made between the year of 2011 (Alexanderplatz, in Berlin) and 2015 (Republica, in Sao Paulo) and are available at Adam Magyar website and in Vimeo³. Adam Magyar is a passionate for urban environment. He explains the aim of his *Stainless* project by his love of the “unimportant, ignored moments” and his interest in “the area that sits between the still and motion”. For making this videos Magyar needed special equipments with a technological new approach that in part was developed by him for this purpose

The camera I used for the *Stainless* project was an industrial one, normally used at assembly lines for mass production, so it was not a portable photographic device. This camera in itself is not capable of making images, there are additional devices required for it to make it function. I put a portable system together. As I needed a computer for streaming the huge quantity of data - the use of which was problematic in the subway - I had no other choice but to create an iPhone application that made it possible for me to control the system easily. (Magyar, 2011-2015)

Stainless shows us mobility in the underground in six different big cities. Among the six videos, similarities emerge like the presence of headphones and mobile devices, the passivity of the face expressions but also very interesting distinctive characteristics that show the differences of the contexts. The space between people is different in all stations, with Shinjuku, Tokyo being the more crowded and Alexanderplatz, Berlin the less. Tokyo is where more people are engaged in activities with their mobile devices while in

³ <http://www.magyaradam.com/> and <https://vimeo.com/adammagyar/>.

Beijing is almost inexistent. Ethnic diversity is higher in the western videos. In Sao Paulo we see a police officer in the station. He can be working in the station security but can also be just travelling.



Figure 1: Printscreen of Adam Magyar Stainless videos
Source: <https://vimeo.com/adammagyar/>

Magyar wanted to catch the small movements but what is also relevant in this videos is the continuity and the contradictory between the presence of the body and the absence of the look that when boosted by the presence of elements like books or cell phones underline more the abstraction from the place and immersion in their inner world.

The analysis of our own material was organized according to a conceptual framework that kept some of the variables present in the two surveys – time and space but now organized in a different manner and added the concept of body. Time means the duration of the commuting but also of the moment of capture of the image. It can be too late or too soon. A waiting, a meanwhile or an arrival. Space is the place, inside or out the transport, but also the meaningful spaces, the space-anchors and the virtual space. In what concerns the body, the variable was introduced because we agree with Munoz that “though understudied as a relevant variable in research on mobility, the body is an element that is as demanded as few at a when traveling” (2013, p.5). The body is the base of mobility, is the body that moves. The body has positions and expressions.

The conceptual framework used can be seen in next image:

TIME ————— **SPACE** ————— **BODY**

Figure 2: Conceptual framework used in the visual analysis

This framework was used to interpret each image and the whole using a dialectic approach (Weber, 2008) which meant an exchange between the individual and collective perspectives and a cross cutting look for the similarities and the differences based on a questioning process operationalized in the following questions: How do the images “speak” to each other or relate to each other? How are they the same and how do they differ? What collective messages are they conveying? How the collection and how each image or scene or metaphor addresses the research question?

WAITING



Figure 3: Photograph of Lisbon subway, Entrecampos station.

People show calm and awareness of what’s going to happen in their body attitude. They seem relaxed and serene. There is a strong presence of stillness much like in Magyar work. So it highlights a first paradox: people on the move seem strongly still. The bodies are disciplined in Foucault sense, to play the waiting role. TICs are present as an object, a company. An important element, so important that is carried in the hand despite women having a purse.



Figure 4: Photograph of Entrecampos railway station in Lisbon

Are they waiting for a call? Some people speak on the phone and others touch the screen. We can't know what are they doing but the time is scarce, just a few minutes before the train arrive. A quick check on the email or at Facebook page?

DURING



Figure 5: Photograph of a Fertagus carriage in Lisbon Metropolitan Area

Inside the carriage we can see other details. People staring at the window. An introspective and absent look. A relaxed position but at the same time a strong awareness of the presence of others. A time and space for themselves.



Figure 6: Photograph of a Fertagus carriage in Lisbon Metropolitan Area

There are no smiles and, like Gately says, people keep their distance from the others and don't talk to strangers (2014). Personal conversations in the cell phone happened in every trip we followed. Always women voices. Arrangements and rescheduling or chatting with friends.



Figure 7: Photograph of Expressos Bus leaving Lisbon

At the bus a girl chatting with her father on the cell phone says uses the expression “to do that you need that I can’t say now” with the clear intention of preserving their intimacy/privacy.

ARRIVING



Figure 8: Photograph of Pinhal Novo station, Lisbon Metropolitan Area

Now moving. Away and home? With calm but decision. And also the cell phone making strong presence despite of the movement.

Walking and looking.

Mixing the moments we notice that women are more present than men. People of different age but mostly adults, we don't see anyone very old or young. Transports and stations as places of grown up people. Working people? People dressing mostly causal and as we know that in Portugal of nowadays an important part of the jobs don't have a strict dress code, it is difficult to be sure whose of these people has been working and whose are involved in other activities. In late years the reasons for traveling to and from Lisbon has won further more significance than just work or study (INE, 2003; 2012).

Technology emerges as presence across all the commuting. The presence of the ICT: cell phone used to talk, to listen to music and to do things.



Figure 9: Photograph of Fertagus carriage in Lisbon Metropolitan Area

Carrying the cell phone on the hand was an expected result. Out of the bag, in the hand. To be at hand.



Figure 10: Photograph of Rede Expressos Bus leaving Lisbon

It makes part of a body set shaped by the serenity and calm of an exchange, a passage where people remain curiously still, conducted by the time of wait and the transport. Magyar words could have been written for these photographs, less beautiful than his but with great resemblance. “They are scrutinizing the uncertain future. Similarly to all my images, their main motivation is arrival” (Risch, 2012).

Putting the protagonists of the commuting interviewed to speak with the photographs of other commuters we can connect the words with the images creating cross cutting subtitles “a time that is mandatory” but can be an “opportunity to relax, read and recharge” but also “a time lost”.



Figure 11: Photograph of Fertagus carriage in Lisbon Metropolitan Area



Figure 12: Photograph of Fertagus carriage in Lisbon Metropolitan Area

Lately I'm behaving well; I bring a book with me.



Figure 13: Photograph of Fertagus carriage in Lisbon Metropolitan Area

(...)I like to seat and prepare myself for the day that is starting.

DISCUSSION

Going back to our research question – what is the role of ICT in the commuting namely in the mediation of spaces anchor? - we can notice a change in these 10 years. We can't prove it as our data are from very different sources and not comparable. But the strong presence of ICT today is unquestionable. Changes in *commuting scenario* probably reflect Portuguese society evolution. The early 2000 were the time of free newspapers. In our photographic study we haven't captured any of these newspapers so maybe they have lost their relevance due to Internet accessing. But the truth is we can't say this for sure because we don't actually know what people are doing when we capture their image looking and touching their mobile device. That's why we can't answer yet one of your major concerns for this research: is ICT creating the conditions for the strength of unwanted tendencies such as longer distances commuting, longer working periods and a poorer work/private life balance.

In the nineteenth century the railway was responsible for the growth of the literacy of the British. What is the role of mobility in people's lives today? From our research we can see that is highly present and we know from the literature that people seem to be getting more satisfied with their trips as they can personalize their experience (Lyons, Jain, Susilo & Atkins, 2013).

The confrontation of the different materials of our set and of the visual material with the works of Magyar allows us to find similarities or a continuum. The cadence of the time-space of commuting seems to underline. Gately (2014) believe that commuting is here to stay and to follow Humanity course. Some of the activities performed in mobility continue to be present: wondering, gazing, sleeping: all representing the need of rest and relax. Compulsion to take profit of the free time still finds answer in reading but audio is a mark of contemporary society as we see in Magyar videos and also in our

survey and photographs. Mobile devices are a source of different activities and so the perfect companion for a trip, allowing social interaction hidden from the other passenger eyes. And therefore, in a carriage where no one interacts with each other are happening several interactions with commuters as protagonists.

The “time-space” of commuting is unique. Because it joins together routine and stillness at the very essence of motion, a mobility turned routine and that way touching stillness as the bodies flow from starting point to arrival, abstracting from their solidity, wondering and staring at their “uncertain future”:

Between the forced ubiquity of displacement and the sudden awareness of last man, we go down, we go up, we arrived. We have already moved (...) in fact, displacements are never the same: while out above, the city of palaces gives way to dawn, something has already changed down here. We have already changed. (Campos, 2004, p. 1).

It is precisely in terms of change that Daniel Munoz speaks of the travel experience. The different tasks performed by the commuters are roles they assume in the traveling context and therefore metamorphoses of the body (2013). These apparently highly personal moments at the same time are “moving moments where the audience emerges, crystallized in a fleeting encounter” (Iturra, 2013, p. 1).

But in this crossing of the personal with the public when is social research starting to be pervasive?

According to Mitchell, “working with the visual is (...) a mode of inquiry (a type of data elicitation). But there are two other aspects of the visual that are also critical. One relates to epistemology and how it is that we come to know what we know (and how to account for subjectivity).” This problem is especially meaningful “where it is the researcher herself who is the producer and interpreter” (Mitchell, 2011, pp. 4-5). And that happened in this research: the researcher was the producer of the images and had the power to chosen and that choice is subjective and addressed the research question. We were looking for the ICT presence and use. Maybe there could have been taken many other photographs without ICT. Also there are ethical issues involved and it is difficult to know whether you shall ask permission to photograph this kind of images to individuals or not. Besides that, the focus is the public beneath the individual. It is very difficult to operationalize an informed consent for this sort of data collection.

On the other hand the experience of joining together so different empirical materials is methodologically risky. We know the limits of the experience and don't have the pretension of being able to build up a solid argument based in such a patchwork data. Our intention was to share some information on commuting in Portuguese metropolis and to give data the space to speak for themselves. At a final weighing we consider that the tiny and ignored moments of commuting say much about greater things like our culture, our values, our identity. The question underlying this research was if there was somehow an abuse, meaning excessive use of online accessing in the meanwhile of the commuting trips. Our data and the confrontation with other researches and visions

makes us believe that is early to speak of one abuse. Other (traditional?) activities still remain important. People resemble relaxed. But from our point of view the meaningful presence of the handed cell phone is significant and demands a thought. Like in the past the personal clock emerged due to the railway (Gately, 2014), nowadays mobility clearly interacts with the mobile devices that concentrate so many activities in it not allowing us to know what people are doing without asking them. But in our opinion the fact of its presence as a sort body extension of the hand of travellers speaks for its social value. //

REFERENCES

- Banks, M. (1995). Visual research methods'. *Social Research Update*, 11. Retrieved from <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU11/SRU11.html>.
- Campos, D. (2004). Santiago: Desplazamientos. *Bifurcaciones*, 1. Retrieved from <http://www.bifurcaciones.cl/001/Santiago.htm>.
- Deloitte (2014). 2014 Global top five total. Rewards priorities survey. Retrieved from <http://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/global/Documents/HumanCapital/dttl-2014-top-five-global-employer-rewards-priority-survey-report-20140423.pdf>.
- De Vos, J., Schwanen, T., Van Acker, V., & Witlox, F. (2013). Travel and subjective well-being: a focus on findings, methods and future research needs. *Transport Reviews*, 33, 421-442.
- Gately, I. (2014). *Rush hour*. London: Head of Zeus.
- INE — Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001. Resultados definitivos — Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- INE — Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011. Resultados definitivos — Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Itō, M., Okabe, D. & Matsuda, M. (2005). *Personal, portable, pedestrian: Cell phones in Japanese life*. Cambridge: MIT Press 2005.
- ITU (2014) *MIS Report 2014*. Geneva: ITU.
- Iturra, L. (2013). Movilidad cotidiana/Encuentros en el metro de Santiago fotoensaios. *Bifurcaciones*, 12. Retrieved from <http://www.bifurcaciones.cl/2013/01/iturra-movilidad-cotidiana-metro/>.
- Jirón, P. (2012). Transformandome en la “sombra”, *Bifurcaciones*, 11. Retrieved from <http://www.bifurcaciones.cl/2012/11/transformandome-en-la-sombra/>.
- Lambert, A. McQuire, S. & Papastergiadoris, N. (2013). *Free wi-fi and public Space: The state of Australian public initiatives*. Vitoria: Melbourne University. Retrieved from <http://networkedsociety.unimelb.edu.au/about/ibes/publications/2013/Free-Wi-fi-and-Public-Space.pdf>.
- Lyons, G., Jain, J., Susilo, Y. & Atkins, S. (2013). Comparing rail passengers' travel time use in Great Britain between 2004 and 2010. *Mobilities*, 8, 4560-579.
- Lyons, G. & Kenyon, S. (2003, 10-15 agosto). Social participation, personal travel and internet use, *Proceedings of the 10th International Conference on Travel Behaviour Research*, Lucerne, Switzerland. Retrieved from http://www.ivt.ethz.ch/news/archive/20030810_IATBR/lyons.pdf.

- Mackenzie, A. (2005). Untangling the unwired: Wi-fi and the cultural inversion of infrastructure. *Space and Culture*, 8, 3, 269-285.
- Magyar, A. (2011-2015). Stainless series. Retrieved from www.magyaradam.com.
- McQuire, S. (2008). *The Media City: Media, Architecture and Urban Space*. Thousand Oaks: Sage.
- Lyons, G. & Chatterjee, K. (2008). A human perspective on the daily commute: Costs, benefits and trade-offs. *Transport Reviews*, 28, 2, 181-198.
- Mitchell (2011). *Doing visual research*. London: Sage.
- Munoz, D. (2013). Experiencias de viaje en Transantiago. La construcción cotidiana de un imaginario urbano hostil. *Bifurcaciones*, 13. Retrieved from <http://www.bifurcaciones.cl/2013/12/experiencias-de-viaje-en-transantiago/>.
- Risch, C. (2012, 10 Fevereiro) DIY Camera: Adam Magyar's Slit-Scan Camera. PDN. Retrieved from <http://www.pdnonline.com/features/DIY-Camera-Adam-Mag-4640.shtml>.
- Sales Oliveira, C. (2006). *Pendularidade, trabalho e residência*, Lisboa, Master thesis, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa.
- Sales Oliveira, C. (2011). *Mobilidades e classes médias em contexto metropolitano*. PhD Dissertation, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Sales Oliveira, C. (2015). (Auto) Mobilities and social identities in Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 77, 137-151.
- Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, 38, 2, 207-226.
- UN (2011). *Measuring the Impacts of Information and Communication Technology for Development*, UNCTAD 3. Geneve: United Nations. Retrieved from http://unctad.org/en/docs/dtlstict2011d1_en.pdf.
- Weber, C. (2008). Visual images in Research. In J. G. Knowles & A.L. Cole (eds) *Handbook of the arts in qualitative research* (pp. 41-54). London: Sage.
- Van Welsum, D.; Overmeer, W. & Van Ark, B. (2013). *Unlocking the ICT growth potential in Europe: Enabling people and businesses*. Brussels: European Commission.

BIOGRAPHICAL NOTE

Catarina Sales is teacher at the Department of Sociology, School of Social Sciences and Humanities, University of Beira Interior. She is also researcher at CIES-IUL. She has a master degree in Sociology of Work and a PhD in Sociology (ISCTE-IUL). Her areas of interest are organizations, spatial mobility and transportations.

E-mail: csbo@ubi.pt

University of Beira Interior: FCSH- Building Ernesto Cruz, Estrada do Sineiro, s/n 6200-209 Covilhã

* Submitted: 18-06-2015

* Accepted: 21-07-2015

MOBILIDADE DA RÁDIO NA ERA DIGITAL: INTERATIVIDADE, PARTICIPAÇÃO E PARTILHA DE CONTEÚDOS NAS EMISSORAS IBÉRICAS

Teresa Piñeiro-Otero & Fábio Ribeiro

Resumo

No quadro da investigação científica sobre rádio, os últimos anos têm dado a conhecer inúmeras abordagens sobre o significado de uma *post-radio* (Oliveira & Portela, 2011), isto é, a definição de um conjunto de questões que se colocam à inclusão da rádio contemporânea em ambientes digitais e *online*. Esta migração digital tem vindo a proporcionar o desenvolvimento das aplicações móveis das rádios, como o alargamento das potencialidades comunicativas (Aguado, Feijoo & Martínez, 2013), de audiências, de convergência de conteúdos interativos entre ouvintes-utilizadores. Conscientes desta oportunidade, as principais emissoras da Espanha e Portugal alargaram o universo da radiofonia à plataforma móvel, com especial atenção aos telefones inteligentes, através do desenvolvimento de aplicações móveis (*apps*) (Cerezo, 2010). Os *smartphones*, como símbolo de uma cultura em permanente mutação, sugerem não apenas uma maior facilidade no acesso e interação, mas acrescentam grandes possibilidades para a difusão de conteúdos entre audiências, o que estudos têm designado por *user distributed content* (Villi, 2012). O presente artigo apresenta uma análise exploratória sobre as políticas atuais das principais rádios espanholas e portuguesas nas aplicações móveis, avaliando o grau de interação e participação mobilizado nessas plataformas. Durante a observação, conclui-se, entre outros dados, que a plataforma móvel representa um canal suplementar para a rádio tradicional FM, mais que um novo meio com linguagem e expressividade próprios.

Palavras-chave

Mobilidade; aplicações móveis na rádio; interatividade; participação; partilha de conteúdos

INTRODUÇÃO

A cultura tecnológica de imersão na portabilidade (Kischinhevsky, 2009) remonta ao início do século XXI, com a expansão da telefonia móvel, um fenómeno que se redimensionou com a democratização de múltiplos dispositivos portáteis. *Netbooks*, *e-readers*, *tablets* e, sobretudo, *smartphones* integraram-se no quotidiano, embora com diversos níveis de uso e de apropriação (Dearman & Pierce, 2008). Neste contexto de convergência digital, definiu-se um novo meio social, móvel, aberto e interconectado (Weinberger, 2011). Desde o lançamento do *iPhone* (2007) os *smartphones* registaram uma expansão importante que os posiciona como o novo motor da chamada “sociedade da informação” (Cerezo, 2010), numa utilização a nível mundial que se calcula em 72% dos utilizadores móveis, perante os 84% registados em Espanha e os 40% em Portugal (AMETIC & Acenture, 2014; ANACOM, 2014).

Estes dispositivos contam com funcionalidades que transcendem o próprio conceito de terminal telefónico, assumindo, porventura, um papel de ecrã social, expansivo

e envolvente para onde convergem, de modo único, comunicação e conteúdo (Aguado, Feijoo & Martínez, 2013). Neste contexto, os *smartphones* constituem um prolongamento da identidade do utilizador, dadas as possibilidades que oferecem à gestão autónoma e personalizada, convertendo-se num “lar para além do lar” (Cassetti & Sampietro, 2002).

A crescente penetração dos terminais inteligentes implicou o desenvolvimento da banda larga móvel que resultou no acesso regular à Internet para 78% dos utilizadores móveis espanhóis e 34% dos portugueses (AMETIC & Acenture, 2014; ANACOM, 2014). Este incremento na conectividade dos *smartphones* desafiou formas instaladas de interação entre os meios de comunicação e os cidadãos (Cebrián Hereros & Flores Vivar, 2012; Meso, et al., 2014). A apropriação destes dispositivos proporcionaria novos caminhos de uma cultura de acesso à informação digital (Díaz-Noci, 2010).

De acordo com Scolari (2012), os *smartphones* converteram-se em grandes predadores de atenção, promovendo a conexão permanente de quem os utiliza, sobretudo entres aqueles que sentem necessidade de obter informação de forma contínua, personalizada e em qualquer lugar (Nozal, González-Neira & Sanjuán, 2014). Neste contexto, os telefones inteligentes representam um suporte único para novas manifestações mediáticas no âmbito da convergência. Sob a designação comum de ‘comunicação móvel’, diversas investigações têm vindo a refletir sobre a transposição dos meios de comunicação para estas plataformas de difusão, especialmente desde a perspetiva da imprensa e a sua transformação em diversas fórmulas interativas (Aguado et al., 2013; Canavilhas, 2013; Reis, Ribeiro & Portela, 2014).

A convergência entre rádio e a tecnologia móvel era previsível. Na década de 90 do século XX, o desenvolvimento do sistema de comunicação GSM (*Global System for Mobile Communications*) já tinha convertido os terminais telefónicos em recetores analógicos de rádio. Este primeiro avanço técnico possibilitou novas experimentações da rádio, na procura de uma linguagem e expressividade próprias (Vacas, 2007). Hoje, este preceito continua atual. No entanto, discute-se com outro vigor a natureza da gramática sonora (Herreros, 2008), em torno de dispositivos de alto desempenho, como *smartphones*, *tablets* ou computadores portáteis (Del Bianco, 2011).

No caso específico do telemóvel, o principal foco deste trabalho, seguimos o entendimento de Fidalgo (2013), autor que desafia a rádio a desenvolver uma política ativa de transposição da sua essência sonora para o contexto *online*, em ambiente de consumo *multitasking* ou em mobilidade, promovendo o seu carácter íntimo e pessoal. Acrescenta-se que a transição do meio à rede *online* e digital implicará a transformação do produto sonoro em multimédia e a emergência de novas fórmulas de distribuição de conteúdos e de interação com o ouvinte (Albarran & Pitts, 2001; Priestman, 2002; Nyre & Ala-Fossi, 2008; Tolson, 2006).

A apropriação da plataforma móvel constitui uma oportunidade única para a atração de ouvintes e utilizadores (Rosales, 2013). Também no móvel a relação de intimidade entre os produtores e os ouvintes radiofónicos contribuiu para o sentimento de pertença a um grupo. Nos *smartphones*, a rádio tem a oportunidade de oferecer conteúdos geolocalizados, personalizados e participativos (Cerezo, 2010; Videla & Piñeiro, 2013).

Para a incorporação destas potencialidades e a adaptação a este novo suporte, os investigadores têm proposto que os produtores radiofónicos deverão adequar o redesenho dos conteúdos sonoros aos media *online* (Priestman, 2002; Ramos & González-Molina, 2014b; Ribeiro, 2014).

Independentemente das possibilidades implícitas nos *smartphones*, a expansão da rádio à mobilidade supõe também novas oportunidades na perspetiva do acesso. O número de utilizadores móveis com acesso a ligação regular a conteúdos da Internet conheceu um significativo aumento em Espanha e Portugal. Segundo dados do instituto IAB-Espanha (*Interactive Advertising Bureau*), de 2014, três em cada quatro internautas são utilizadores de rádio na Internet no seu sentido mais amplo, isto é, consomem versões *online* das rádios convencionais, emissoras exclusivamente *online* ou serviços automatizados (como *Spotify*, *Grooveshark*). O mesmo estudo revelou ainda que metade destes utilizadores já acede a conteúdos radiofónicos através de aplicações para dispositivos móveis.

As múltiplas ligações desta radiofonia *online* não sugerem, porém, caminhos de escuta diversificados. No relatório do IAB afirma-se que os ouvintes-utilizadores continuam a preferir as marcas convencionais de rádio também na rede (81,5%). Assim, sublinha-se com particular destaque o crescente acesso a serviços automatizados (64,2%) e, por extensão, a intensificação do consumo personalizado de conteúdos sonoros. O estudo refere, igualmente, que a possibilidade de escuta de acordo com a disponibilidade do ouvinte constitui, aliás, a principal motivação para acompanhar a atividade da rádio *online*.

Uma vez imersos neste processo de *self-communication* (Merayo, 2000), esta mobilidade da rádio possibilita a construção de uma sono-esfera digital guiada pelo ouvinte-utilizador, que decide o que quer escutar, como, quando e em que condições (Perona, Barbeito & Fajula, 2014). Podemos, assim, afirmar que se a rádio convencional permite a socialização do som, a rádio móvel facilita a sua individualização, embora multiplicando as opções de partilha digital e de interação, o que se traduz na expressão *user distributed content* (Westlund, 2012; Villi, 2012), isto é, de conteúdos geridos pelos utilizadores.

A portabilidade da rádio exige, portanto, o redesenho da estrutura e conteúdos das aplicações móveis, para adequar às oportunidades deste novo suporte e criar uma linguagem e expressividade próprios. Tal como assinalam Johnson et al. (2012), as melhores aplicações definem-se pela adaptação completa das potencialidades do próprio dispositivo, utilizando dados de posicionamento, acesso a redes sociais ou busca *web*, numa experiência de mobilização digital plena.

É nosso objetivo neste texto debruçarmo-nos sobre a análise desta mobilidade da rádio, através do estudo da migração das principais rádios FM (generalistas e especializadas) de Espanha e Portugal para o ambiente das aplicações móveis, sublinhando as possibilidades de interação e participação que tais rádios disponibilizam nestes contextos. A investigação que conduzimos situa-se em linha com estudos anteriores sobre rádios espanholas e aplicações móveis (Videla & Piñeiro-Otero, 2012, 2013) ou a extensão desta abordagem ao contexto europeu e EUA (Ramos & González-Molina, 2014). Ao mostrar as principais conclusões sobre as rádios ibéricas, o estudo propõe algumas

reflexões que consideramos fundamentais para o debate sobre políticas de comunicação da rádio no universo das comunicações móveis. Assim, o texto divide-se em três partes: uma leitura conceptual sobre interatividade e participação, conceitos fundamentais para a ideia de mobilização moderna da rádio para o ambiente digital; a apresentação da abordagem empírica que serve de mote ao estudo, com o foco em emissoras ibéricas e, finalmente, a leitura de resultados mais relevantes e possibilidades de novas práticas.

LINHAS DE UM MAPEAMENTO CONCEPTUAL SOBRE INTERATIVIDADE

No quadro do debate sobre a relação entre os media e os cidadãos, nunca foi tão frequente encontrar referências ao conceito de “participação” ou de “interatividade”. Embora ambos apontem para a mesma dimensão relacional, de contacto, entre indivíduos e/ou instituições, podemos assumir, com base em algum senso comum, que uma distinção primária entre os dois termos se relaciona com uma conotação técnica e tecnológica. Com efeito, a “interatividade”, justamente refém desta identificação digital e *online*, representa “um dos problemas pouco falados e teorizados nos novos media e na sociedade” (Bauman citado em Deuze, 2006, p. 691).

O potencial da interatividade, enquanto ferramenta de comunicação, não está ainda explicado na sua plenitude: tal como afirma Deuze “em relação aos processos de produção dos media, vamos continuar a ser testemunhos do aumento exponencial de conteúdos *down-top* para audiências mais amplas” (Deuze, 2006, p. 697). Designada como conceito de uma renovada promessa de contacto entre os media e as audiências, a interatividade tem motivado, igualmente, as mais variadas abordagens de investigadores que pretendem, de algum modo, categorizar os comportamentos interativos *online* entre os utilizadores e as páginas da *Web*.

Deuze (2001) propõe, por isso, três tipos de interatividade: 1) a navegacional (a visualização de várias páginas, a possibilidade de regressar ao início da página (home) e botões de *scroll*); 2) a funcional (os *links*, a gestão de moderação de comentários entre utilizadores, a distribuição de conteúdos através das redes sociais e o *e-mail*); e 3) a adaptativa (os *chats* ou de salas de conversação específicas ou através da personalização da página pelo utilizador). A acrescentar a estas dimensões, Boczkowski (2004) sugere a interatividade de contacto que resume as ferramentas *online* facilitadoras do contacto entre utilizadores e gestores das páginas *online*, num exercício de diálogo entre intervenientes no espaço cibernético.

Para Chung (2008), existem três níveis possíveis de interatividade: o baixo (o *download* de vídeo e áudio, de galerias de fotografias, etc.); o médio (a resposta a sondagens ou a outros formulários a pedido) e o alto (enviar *links* por *e-mail*, a entrada em salas de conversação, os *chats*, etc.). Para Liu e Shrum (2002), a interatividade rege-se de acordo com três dimensões: entre o utilizador e o sistema que gere a página; entre dois utilizadores *online*; entre o utilizador e a mensagem *online*.

Um dos conceitos que se aproxima da ideia de interatividade é o da ‘participação’, originalmente convocado a partir de uma perspectiva política, que remonta às fundações

da democracia ateniense expressa nas assembleias populares ou nas sessões de tribunais em que os cidadãos tinham a possibilidade de intervir e pronunciar-se (Simón, 2006). Ainda que simbolicamente não se lhe atribua uma conotação eminentemente digital como no caso da interatividade, é a partir dos media que surgem cada vez mais apelos à “participação” do público em vários espaços mediatizados, como fóruns de opinião pública, colaboração para a cobertura noticiosa de eventos de impacto público, passatempos, concursos, etc. Neste sentido, os media têm percebido a importância de ter o público do seu lado. Não apenas do ponto de vista comercial, relativo à venda de exemplares ou à medição de audiências, mas também do ponto de vista dos propósitos de retroalimentação do discurso (Moreno, 2006). Depois de cumpridas as francamente auspiciosas promessas de uma tecnologia que oferece hoje capacidades teoricamente infinitas de contato entre o que são os emissores e os recetores do discurso mediático, discutem-se agora as condições de execução de uma realidade móvel e as consequências destes novos quadros de uma mobilidade digital generalizada. No caso específico da rádio, podemos considerar que a ligação emblemática que esta sempre estabeleceu com os ouvintes decorreu, ao longo de várias décadas, do telefone, das tradicionais trocas de informação sobre o trânsito ou da participação pontual em programas de entretenimento. Hoje, as exigências digitais suscitam desafios de interpretação, não apenas no âmbito dos decisores mediáticos e das audiências, mas também no âmbito do universo específico da academia, a qual tem procurado desenvolver contributos para um debate justamente sobre a participação dos cidadãos nos media.

Dada a profusão de conceitos que procuram designar a mobilidade entre as audiências e os media, será porventura ajustado retomar algumas considerações teóricas a este respeito. De acordo com Carpentier (2007), existem três conceitos importantes a reter neste contexto: o acesso (dimensão física de intervenção direta nos media ou por outra via comunicacional); a interação (processo de construção de sentido através de experiências reais e vividas ou de fenómenos linguísticos); e a participação (exercício do poder e de influência). A propósito do último conceito, Pateman (1976) surge insistentemente citada como uma das académicas precursoras de um entendimento sobre participação que integra duas modalidades: a participação parcial (processo no qual duas ou mais partes se influenciam mutuamente na tomada de decisões, embora a decisão final recaia apenas numa delas) e a participação total (processo em que cada um dos indivíduos detém um poder na tomada de decisões constituindo uma estrutura de poder equitativa para determinar ações estratégicas). Em termos genéricos, Arnstein (1969) define a “participação cívica” do seguinte modo:

É a redistribuição do poder que permite aos cidadãos excluídos dos processos políticos e económicos deliberarem relativamente ao futuro (...) representa os meios pelos quais eles [cidadãos] podem introduzir significativas reformas sociais que permitam a partilha de benefícios futuros na sociedade. (Arnstein, 1969, p. 1)

Como parte de um processo ideológico, a vulgarização do conceito “participação”, consolidou-se em áreas diversificadas como os media, a comunicação política

ou ambiental. No entanto, e partindo da inspiração dos trabalhos de Wasko e Mosco (1992) sobre democratização nos e através dos média, e recuperando também parte da filosofia de Carpentier e de Cleen (2008), Ribeiro (2013) propõe a distinção entre “participação através/com os média” e a “participação nos média”. O primeiro “remete para um conceito e uma prática que reportam à intervenção ativa do cidadão, através do acompanhamento da informação mediática sobre o rumo e a evolução de certos assuntos que tomam lugar na vida pública” (Ribeiro, 2013, p. 126). O segundo “depende inextricavelmente da vontade e disponibilidade dos média em recolher as contribuições dos leitores, ouvintes ou espectadores nas suas produções. Desta forma concorrem para este entendimento a criação de espaços especialmente vocacionados para promover a iniciativa dos cidadãos” (Ribeiro, 2013, p. 127).

Pinto e Sousa (2011) sugerem diferentes “modalidades de participação”: a passiva (a audiência não interfere no discurso mediático); a estratégica ou interessada (o cidadão participa para efeitos de ilustração do discurso); a episódica ou também interessada (dimensão testemunhal, expressa no envio de conteúdos); a qualificada (intervenção de peritos, comentadores especializados) e a institucional (conselho de opinião, interação com provedores). Do ponto de vista da participação motivada pelos próprios cidadãos — ou recetores do discurso — os investigadores identificam os seguintes níveis: (acompanhamento da atividade mediática) em resposta a estímulos (consultas, votações, *feedbacks*); voluntária (propostas, sugestões, críticas, direito de resposta); com conteúdos (fotos, vídeos, textos, depoimentos, etc.); mobilização, promoção (dinamização de iniciativas, tomadas de posição, debates).

Como parte de um novo ambiente digital, a exigência de um discurso mediático pontuado pela participação do público leva a que existam ainda muitas reservas sobre este recente fenómeno. De acordo com Rosa Moreno (2006), os media apenas potenciam a participação do público em momentos específicos, sobretudo na figura do testemunho nas situações em que os jornalistas não conseguiram estar presentes. É aquilo que designa como “técnica de *affair*”. Aproveitando esta inspiração crítica sobre o carácter substantivo da participação, este artigo procura também avaliar as oportunidades reais de participação que as rádios concedem aos ouvintes e utilizadores neste novo quadro que mobiliza a cultura para os ambientes digitais.

PLANO E MÉTODO DE OBSERVAÇÃO

Para analisar as possibilidades de interação e participação promovidas pelas emissoras convencionais de Espanha e Portugal na plataforma móvel foi desenvolvido um estudo exploratório das suas aplicações utilizando a análise de conteúdo. Neste sentido, foram examinadas as características formais das aplicações de rádio durante a primeira quinzena de outubro de 2014, atendendo à tipologia das emissoras, propriedade e sistemas operativos utilizados.

A seleção desta amostra de análise obedeceu, portanto, a dois procedimentos: por emissora e por sistemas operativos. No primeiro caso, optámos pela seleção das

principais emissoras de Espanha e Portugal com maior audiência na emissão tradicional, via FM (EGM, fevereiro-novembro 2014; Bareme Rádio, setembro 2014). No total, observámos 29 rádios, sete das quais generalistas (quatro espanholas e três portuguesas) e 22 temáticas/especializadas (14 espanholas e oito portuguesas).

Com respeito aos sistemas operativos, delimitou-se a amostra às aplicações desenvolvidas para *smartphones* iOS e Android, aqueles que representam a maior penetração no mercado ibérico. Assim, reuniu-se uma amostra de 55 aplicações móveis (28 para iOS e 27 para Android)¹, tal como identifica a Tabela 1:

EMISSORA	PAÍS	TIPOLOGIA	PROPRIEDADE	SISTEMAS OPERATIVOS	
				IOS	ANDROID
SER	Espanha	Generalista	Privada	Individual	Individual
Onda Cero	Espanha	Generalista	Privada	Individual	Individual
COPE	Espanha	Generalista	Privada	Individual	Individual
RNE	Espanha	Generalista	Pública	Coletiva rádios RTVE	Coletiva rádios RTVE
Renascença	Portugal	Generalista	Privada	Individual	Individual
Antena 1	Portugal	Generalista	Pública	Coletiva RTP	Coletiva RTP
TSF	Portugal	Generalista	Privada	Individual	Individual
C40	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
Dial	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
C100	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
Kiss FM	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
Europa FM	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Não tem
Rock FM	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
Máxima FM	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
M80	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
Radiolé	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
Radio Marca	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Coletiva grupo Marca
RNE3	Espanha	Especializada	Pública	Individual	Individual
R5TN	Espanha	Especializada	Pública	Coletiva rádios RTVE	Coletiva rádios RTVE
Hit FM	Espanha	Especializada	Privada	Individual	Individual
Radio Clásica	Espanha	Especializada	Pública	Coletiva rádios RTVE	Coletiva rádios RTVE
Antena 3	Portugal	Especializada	Pública	Coletiva RTP	Individual
RFM	Portugal	Especializada	Privada	Individual	Individual
Mega Hits	Portugal	Especializada	Privada	Individual	Individual
R. Comercial	Portugal	Especializada	Privada	Individual	Individual
M80	Portugal	Especializada	Privada	Individual	Individual

¹ Registamos a ausência de aplicações na Rádio SIM (iOS e Android) e na Europa FM (Android). Assim, naqueles casos em que se registou uma dupla oferta de aplicações para uma mesma emissora, como na Rádio 3 (iOS e Android) ou na Antena 3 (Android) deu-se preferência à aplicação individual com respeito à coletiva.

Cidade FM	Portugal	Especializada	Privada	Individual	Individual
Rádio Sim	Portugal	Especializada	Privada	Não tem	Não tem
Smooth FM	Portugal	Especializada	Privada	Individual	Individual

Tabela 1 – Emissoras da amostra, classificadas por país, tipologia, propriedade e sistema operativo

POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DAS APLICAÇÕES MÓVEIS

A amostra evidencia uma limitada oferta de aplicações otimizadas para *tablets*. Apenas a Rádio Renascença, TSF, C40 e KissFM (o programa da manhã) contam com uma aplicação específica para iPad e, portanto, com um desenho e funcionalidades adaptados a este tipo de dispositivo.

Devido à simplicidade das ferramentas e variáveis utilizadas em trabalhos precedentes, estabeleceu-se uma tabela de análise específica para as aplicações móveis. Na configuração desta ferramenta de análise e na seleção de categorias tomaram-se como referência os trabalhos de Piñeiro-Otero e Videla (2013) e de Ferreras-Rodríguez (2014), mais concretamente em relação aos mecanismos de interação e participação da rádio móvel. A partir destes trabalhos desenvolveu-se uma grelha de análise em torno das seguintes variáveis de interação-participação:

VARIÁVEIS		POSSIBILIDADES
Voto		Sim, sem limitações Sim, com registo do utilizador Não permite o voto
Comentário	Fórmula para comentar	Sim, sem limitações Sim, com prévia identificação do ouvinte Sim, com registo do utilizador Não permite comentário
	Fórmula de publicação	Comentário moderado pela emissora Comentário não moderado
Inquérito²	Presença	Sim Não
	Modo de interação	Sim, sem limitações Sim, com registo do utilizador
Chat/Entrevista Online	Presença	Sim Não
	Modo de interação	Sim, sem limitações Sim, com registo do utilizador

Criação e envio de conteúdos próprios dos ouvintes	Possibilidade de participação	Sim, todo tipo de conteúdos Sim, restringido a um tipo de conteúdos Não
	Fórmula de publicação	Moderada Não moderada
	Secção	Segundo temática Específico de colaboração dos ouvintes
Partilha	Modalidades	E-mail E-mail e Facebook E-mail, Facebook e Twitter Todas as possibilidades do sistema operativo Outras possibilidades
	Localização	<i>Action bar</i> Notícia Outros
Acesso a redes sociais	Redes Sociais	Facebook Twitter Facebook e Twitter Outras possibilidades
	Fórmula de acesso	Própria <i>APP</i> Ícone Link
E-mail produtores	Possibilidade	Contacto com emissora Contacto com programa Contacto com locutor Outros Não possibilita
	Fórmula de contacto	E-mail Formulário
Telefone produtores	Possibilidade	Contacto com emissora Contacto com programa Outros Não possibilita
	Fórmula de contacto	Telefone convencional Skype
Acesso ao Site da rádio		Sim, na própria <i>app</i> Sim, a partir de um link Não possibilita

Tabela 2 – Grelha de análise

A partir da verificação das categorias presentes ou ausentes é possível assinalar o grau de adaptação das principais emissoras de rádio portuguesas e as espanholas às possibilidades de interação das diferentes plataformas.

As emissoras da amostra demonstram que as suas aplicações móveis não tendem a contemplar mecanismos para a interação dos seus ouvintes-utilizadores. É por isso notória a ausência de fórmulas de interação básicas, tais como o voto em conteúdos de interesse, os encontros interativos com jornalistas do programa ou com personalidades

² Entendido como uma questão com múltiplas respostas

(*chat*) ou a possibilidade de comentar os conteúdos. Apenas as *apps* da Rádio Renascença (iOS e Android) e da Antena 1 para iOS (como parte da aplicação coletiva de RTP) oferecem a possibilidade de comentário, especialmente em notícias e outros tipos de informações de carácter textual. No caso da Rádio Renascença, para poder comentar um conteúdo concreto, o utilizador da aplicação móvel deve identificar-se através de um formulário que solicita o nome, *e-mail*, a localidade e o texto da contribuição (sem registo prévio). Uma vez introduzidos estes dados, o comentário passa por um processo de moderação que atrasa uns minutos o seu aparecimento em ecrã.

No que se refere à participação dos ouvintes-utilizadores na rádio através do envio de conteúdos próprios, nenhuma das aplicações conta com uma funcionalidade para o envio de textos, imagens, vídeos ou gravações sonoras. A ausência de mecanismos que facilitem o envio de conteúdos próprios não só reduz as possibilidades de participação dos seus ouvintes-utilizadores como reflete uma perspetiva limitada da rádio móvel e das suas possibilidades para a interação, conectividade e criação de conteúdos. A própria essência dos *smartphones*, como dispositivos multifunções, permite o registo de um momento para posterior publicação numa página específica.

A demissão das rádios tradicionais de um papel ativo na promoção de estratégias de participação no contexto móvel implicará, no limite, a sua exclusão do contacto com audiências que convivem habitualmente num universo digital movimentado. Reflete, por isso, uma concepção ainda muito convencional do meio, um entendimento pouco esclarecido dos papéis de emissor e recetor, numa utilização deficitária das possibilidades da rádio para conseguir o envolvimento da audiência com os conteúdos radiofónicos.

Para além da utilização de mecanismos de participação e interação típicos da rádio tradicional, é possível assinalar nesta amostra de *apps* das rádios ibéricas um caso inovador que combina as possibilidades das plataformas sociais com a tecnologia de geolocalização dos terminais móveis. Na aplicação da Cope para iPhone, no programa desportivo *Tiempo de Juego*, os ouvintes-utilizadores podem conhecer e interagir com outros geograficamente próximos. Trata-se de uma nova funcionalidade que dá um passo ambicioso na conexão e coesão da comunidade de ouvintes-utilizadores do programa.

OUTRAS ESTRATÉGIAS DE PARTICIPAÇÃO

O telefone — o meio tradicionalmente vinculado à interação com a rádio —, o *e-mail* e as redes sociais dominam neste particular contexto, pelo que também se analisou o relevo que desempenham na interação entre rádios e ouvintes. Assim, analisou-se a presença de eventuais ligações diretas no *site* das diversas emissoras, por se considerar que, naqueles casos em que as aplicações móveis não disponibilizem o acesso a estas fórmulas de interação, se pode aceder a elas através da plataforma *web*.

De uma maneira geral, a referência aos modos de participação e interação com os produtores nas aplicações móveis das rádios ibéricas reduz-se ao contato com a emissora em termos gerais, mais do que a um programa ou locutores concretos. Se, como assinala Tolson (2006), o ato de fala supõe o modo mais expressivo de participação na

rádio, parece-nos importante sublinhar a especial relevância a inclusão do contato telefónico da emissora ou outras fórmulas (por exemplo *Skype*) que permitam esta interação oral. O telefone assume, portanto, uma presença residual nesta amostra. Das emissoras generalistas, apenas as *apps* da Cope e RNE informam sobre um possível contato telefónico. O carácter coletivo da aplicação da RNE faz com que este contato seja comum às emissoras do grupo. Outra aplicação que incorpora o número de telefone para a relação com o público é a *app* individual da Antena 2 (somente disponível para Android).

Com respeito ao *e-mail*, um modelo tradicional de participação através de Internet, também se destaca a sua limitada presença nas aplicações da amostra. No âmbito da “rádio falada”, isto é, de emissoras que privilegiam conteúdos de discussão, debate e reflexão em torno maioritariamente da palavra, apenas a Cope inclui um *link* do *e-mail* da emissora, enquanto na Antena 1 este contacto se efetua através de um formulário *online*. Dentro das aplicações móveis especializadas, só a Rádio 3 (iOS e Android) e a versão de Smooth para iOS facilitam a interação através do *e-mail*. A aplicação comum ao grupo da RNE incorpora o *e-mail* na informação de contacto, no entanto serve exclusivamente para reportar questões de âmbito técnico, de eventuais avarias ou incompatibilidades com o sistema operativo utilizado.

A incorporação das redes sociais no universo das rádios espanholas e portuguesas implicou o aparecimento de um novo canal para a interação e participação dos ouvintes-utilizadores. Para aproveitar este canal, mais direto e instantâneo que o *e-mail*, seria porventura necessária uma política de maior incentivo à participação nas redes sociais da rádio, para promover a atividade entre utilizadores *online*, dando espaço a iniciativas paralelas no contexto *offline*.

Esta análise evidencia a ausência de vínculos entre a aplicação móvel e as redes sociais das emissoras. Seguindo estudos de Ramos e González Molina (2014b), as principais rádios de Espanha e Portugal alargaram a sua presença a diversos *social media*, no entanto, apenas as emissoras generalistas Onda Cero e Cope (iOS e Android) e as especializadas Hit FM (iOS e Android), Europa FM (iOS), e Kiss FM (Android) — todas elas espanholas — preveem alguma ligação com as redes sociais. Além destas rádios, a aplicação da Rock FM (iOS) incorpora informação do perfil do Twitter, possibilitando a conversão de ouvintes em seguidores, embora de um modo menos direto.

Quanto à fórmula de acesso às redes sociais, prevista pelas aplicações móveis, existem basicamente três tipologias: inserida na própria aplicação, que permite a interação e acompanhamento nas redes sociais, sem desligar a aplicação (Onda Cero e Europa FM); através de um *link* (Cope, Kiss FM) e via ícone (Hit FM).

A limitada conectividade entre as aplicações de rádio ibéricas e os seus canais nas redes sociais responde a uma deficitária interatividade, negligenciando as potencialidades destas ferramentas na criação e coesão de uma comunidade radiofónica. Por isso, merece especial sublinhado a atenção praticamente nula que as redes sociais ocupam no quadro das rádios temáticas musicais, sobretudo a partir de duas perspetivas: 1) as potencialidades de ambas plataformas (social e móvel) para a interação com os utilizadores, através de múltiplas fórmulas e linguagens; 2) sendo as redes sociais um terreno

amplamente frequentado por jovens, e tendo em conta que as emissoras musicais trabalham sobretudo para uma audiência composta por indivíduos destas faixas etárias, parece-nos paradoxal esta demissão de uma aposta nestes espaços *online*.

		REDES SOCIAIS		
		FACEBOOK	TWITTER	GOOGLE +
ACesso	Própria <i>app</i>	Onda Cero	Onda Cero	-
		Europa FM	Europa FM	-
	Ícone	Hit FM	Hit FM	Hit FM
	Link	Cope	Cope	-
	-	-	Kiss FM	-

Tabela 3 – Aplicações móveis das rádios, atendendo ao acesso e às redes sociais

No entanto, as aplicações de emissoras musicais caracterizam-se por contar com uma maior simplicidade estrutural do que as generalistas, o que se reflete nas suas funcionalidades e conectividade. As aplicações na Smooth FM (iOs e Android), Cidade FM (iOs) ou M8o (iOs) ou Rádio Clássica (iOs e Android) apresentam um único nível (página) de navegação.

Relativamente ao acesso ao *site* da rádio desde a própria aplicação móvel, está apenas previsto pelas aplicações da rádio pública de Espanha e Portugal — com a exceção da *app* individual da Antena 1 — além da TSF (iOs) no caso das emissoras generalistas e Hit FM (Android) das rádios especializadas. A restrita conectividade das aplicações móveis das rádios da amostra com os *sites* não só revela a falta de previsão de mecanismos de interação e participação (na própria *app* e derivados), mas também sublinha uma falta de concepção global da radiofonia *online*.

AS POSSIBILIDADES DE PARTILHA NAS APLICAÇÕES MÓVEIS

Paralelamente à falta de previsão de mecanismos de interação e participação, a maioria das aplicações móveis das rádios ibéricas estudadas (26 em 41) permite a partilha de conteúdos, isto é, apresenta a possibilidade de os ouvintes-utilizadores partilharem os conteúdos de forma fácil e instantânea. Deste modo, é lícito afirmar que as rádios favorecem uma ideia de conteúdos distribuídos pelos utilizadores, tal como se depreende no seguinte gráfico.

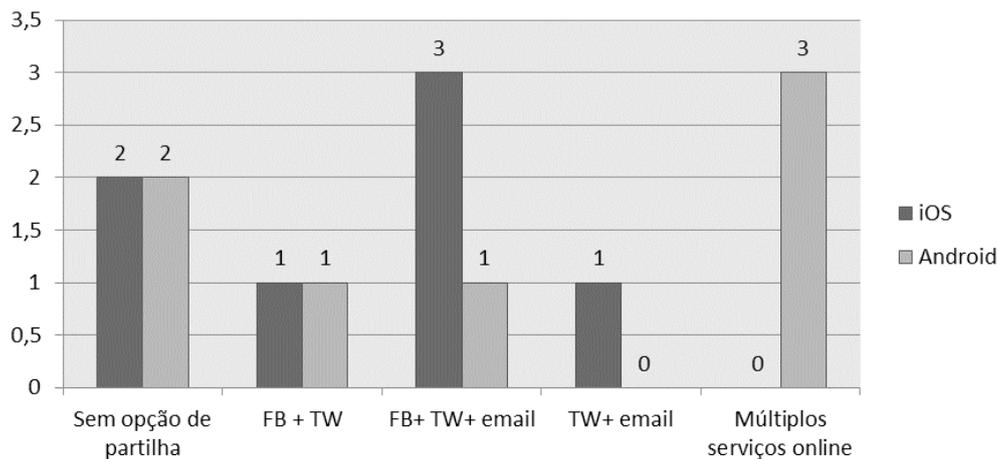


Gráfico 1 – Possibilidades de partilha das emissoras de rádio generalistas de Espanha e Portugal

No caso das emissoras generalistas, 10 em 14 preveem a opção de partilha dos conteúdos, ainda assim a limitada presença de mecanismos de participação e interação previstos pelas aplicações impede assinalar diferenças entre sistemas operativos. De qualquer modo, as opções de partilha oferecidos pelos dispositivos Android é superior às dos iPhone, um facto que se reflete nas funcionalidades das suas aplicações. As aplicações que apresentam a maior capacidade de partilha em iOS permitem uma redistribuição dos conteúdos no Facebook, Twitter e *e-mail*; enquanto no caso de Android, estas possibilidades alargam-se a múltiplos serviços do *site* e outras opções de conectividade: Bluetooth, ChatON, Drive, Flipboard, Gmail, Google +, Hangouts, Mensagem, Notas, Skype, WhatsApp, etc.

Praticamente todas as rádios analisadas — com a exceção da RNE (iOS e Android), Cope (iOS) e Onda Cero (Android) — permitem a partilha dos seus conteúdos. A fórmula mais frequente, seguida pela Renascença e TSF (iOS e Android) bem como pela SER (iOS), é a de otimizar a distribuição dos resultados por *e-mail*, Facebook ou Twitter. Na sua versão para Android, a SER alarga a sua capacidade de partilhar com a inclusão de todas as possibilidades do sistema operativo; uma opção que é comum à Cope e Antena 1.

No que se refere à localização desta funcionalidade, em todas as aplicações é possível aceder às opções de partilhar desde o próprio conteúdo. Neste sentido, na Antena 1 e Rádio Renascença, para iOS, também se possibilita o acesso através da *action bar* (também conhecida como barra de navegação, que inclui acesso direto às principais funcionalidades da *app* e que é visível nos diferentes níveis de navegação).

No que se refere às rádios especializadas (Gráfico 2), pode assinalar-se uma menor capacidade de partilha de conteúdos com respeito às aplicações de rádio generalistas. Esta funcionalidade está presente em 23 das 41 aplicações analisadas, embora com divergências entre emissoras e sistemas operativos.

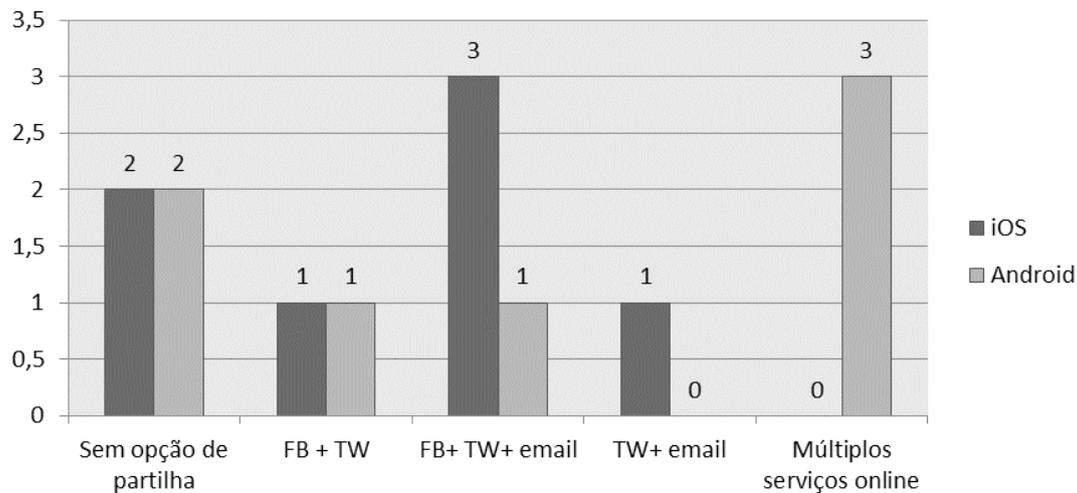


Gráfico 2 – Opções de partilha de conteúdos das emissoras de rádio especializada de Espanha e Portugal

As aplicações da Cadena 40, Cadena Dial, Rock FM, Máxima FM, M8o (Espanha), Rádio Olé, RFM, Rádio Comercial (iOS e Android) ou Cadena 100 e Rádio 3 (Android) permitem a partilha de conteúdos rentabilizando todas as possibilidades existentes. Nas *apps* para Android permite-se a redistribuição dos conteúdos radiofónicos a diversos serviços e plataformas 2.0, enquanto nas aplicações para iPhone as possibilidades se limitam ao *e-mail* e às contas de Facebook e Twitter.

No caso das aplicações móveis de rádios especializadas, podemos ainda sublinhar duas questões: as limitadas opções de partilha de algumas emissoras, restringindo a redistribuição ao *e-mail* — é o caso das *apps* da M8o (Portugal), Cidade FM e Smooth FM para iOS — ou ao Twitter — Antena 3 (iOS); e a emergência de novas fórmulas de partilha como o WhatsApp, no caso de Rádio 3. Em relação à acessibilidade, destaca-se o facto de as emissoras Cadena 100, Rock FM, Kiss FM (para iOS e Android) da M8o (Espanha) e Antena 3 (iOS) e Cidade FM (Android) identificarem a partilha diretamente a partir da *action bar* da aplicação.

A análise das opções de partilha também sugere diferenças entre as emissoras de Espanha e Portugal. Todas as emissoras generalistas portuguesas incorporam funções de partilha, enquanto, no caso das espanholas, esta opção apenas está prevista em metade das rádios estudadas. Esta situação repete-se no caso das aplicações das rádios temáticas musicais, embora a Mega Hits (iOS e Android) e a Smooth (Android) não facultem qualquer opção de partilha dos seus conteúdos nas aplicações.

Apesar da inclinação de um maior número de rádios portuguesas para estratégias de partilha de conteúdo, convém sublinhar que as poucas rádios espanholas que apostam nesta opção fazem-no recorrendo a plataformas mais diversificadas, tanto nos sistemas operativo iOS como no Android.

CONCLUSÕES

A migração das emissoras tradicionais de Espanha e Portugal para a rádio móvel não foi acompanhada de uma adaptação real das suas aplicações às possibilidades de interação e participação, uma conclusão que se verifica também no estudo de Meso et al. (2014). A análise efetuada permitiu destacar a ausência de fórmulas de interação básicas como o voto, os encontros virtuais – *chats* – ou os comentários aos conteúdos, em plataformas em crescente utilização como no caso dos *smartphones*. As emissoras ibéricas também não preveem a integração de conteúdos gerados pelos utilizadores e não incorporam fórmulas que facilitem e otimizem o encaminhamento de conteúdos dos próprios ouvintes-utilizadores.

Em relação a outros canais do universo da rádio *online*, como o telefone, o *e-mail* ou as redes sociais, existem também sinais débeis de participação e interação com estes canais, nem de modo direto, nem a partir dos *sites*. A referência aos modos de participação e interação com os produtores mediáticos reduz-se ao contacto com a emissora de modo geral, ou ao grupo de emissoras, mais do que a um programa ou aos locutores em concreto. Uma circunstância fundamental na perspetiva da participação, especialmente na rádio onde predomina a palavra em detrimento da música, refere-se à identificação com um comunicador que possa estimular a interação com o público.

Tendo por base esta limitada operacionalização para a participação nos conteúdos da rádio, ou a interação com os produtores do mesmo, podemos identificar a estratégia de conteúdos distribuídos pelo utilizador como a mais positiva neste âmbito. Praticamente todas as emissoras da amostra incorporam nas suas funcionalidades de partilha dos seus conteúdos, uma inclusão que estimula a participação do utilizar na distribuição de conteúdos de potencial interesse.

No que se refere à partilha de conteúdos seria especialmente importante diversificar o envolvimento da comunidade de ouvintes com um espaço, programa ou emissora de rádio particular. A possibilidade de um ouvinte-utilizador partilhar, nos seus próprios espaços, os conteúdos da rádio, pode convertê-lo num agente promotor da própria emissora, conduzindo até a fenómenos de viralidade digital que por vezes ocorrem no espaço *online* e que atuam quase num nível de *marketing* mediático indireto.

Como dispositivo pessoal, interativo e multifunções, os *smartphones* permitem aos seus utilizadores assumir um papel ativo na criação de conteúdos, interação com os produtores, bem como estabelecer uma esfera privada de consumo pessoal adequado aos seus interesses (Perona, Barbeiro & Fajula, 2014). Esta oportunidade não é aproveitada pelas emissoras ibéricas que utilizam a plataforma móvel para promover um meio de comunicação entre massas pouco interativas, relegando os ouvintes a um papel passivo idêntico aos meios tradicionais.

Neste sentido, será necessário refletir sobre as aplicações móveis das rádios como canais alternativos para a distribuição dos conteúdos da rádio convencional, como um novo meio com funcionalidades e expressividade próprias, adequadas às possibilidades dos *smartphones* como dispositivos recetores. //

REFERÊNCIAS

- Aguado, J., Feijoo, C. & Martínez, I. (2013). *La comunicación móvil hacia un nuevo ecosistema digital*. Barcelona: Gedisa.
- Albarran, A. & Pitts, G. (2001). *Radio broadcasting industry*. Boston: Allyn & Bacon.
- AMETIC & Acenture (2014). *Somos digitais 2014*. Acedido em <http://goo.gl/sAoPGz>
- ANACOM (2014). *Serviços Móveis. Informação Estatística. 2º Trimestre 2014*. Acedido em <http://goo.gl/uQutQ5>.
- Arnstein, S. (1969). A ladder of citizen participation. *Journal of the American Institute of Planners*, 35(4), 216-224.
- Boczkowski, P. (2004). The processes of adopting multimedia and interactivity in three online newsrooms. *Journal of Communication*, 54, 2. Acedido em http://cmappublic2.ihmc.us/rid=1155905587484_1715320890_3674/boczkowski_2004b.pdf.
- Chung, D. (2008). Interactive features of online newspapers: Identifying patterns and predicting use of engaged readers. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13, 658-679.
- Canavilhas, J. (2013). *Notícias e mobilidade: o jornalismo, na era dos dispositivos móveis*. Covilhã: Labcom.
- Carpentier, N. (2007). Participation, access and interaction: Changing perspectives. In V. Nightingale, T. Dwyer (Eds.), *New Media Worlds* (pp. 227-240). Oxford: Oxford University Press.
- Carpentier, N. & Cleen, B. (2008). *Participation and media production: Critical reflections on content creation*. San Francisco Conference of the International Communication Association (ICA), São Francisco.
- Cassetti, F. & Sampietro, S. (2012). With eyes, with hands. The relocation of Cinema into the iPhone In P. Snickers; P. Vonderay (Eds.), *The iPhone and the Future of Media* (pp. 19-32). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Cebrián Herreros, M. & Flores Vivar, J. (2012). *Periodismo en la telefonía móvil*. Madrid: Fragua.
- Cerezo, J. M. (2010). Smartphone. Toda la información al alcance de tu mano. *Telos. Cuadernos de Comunicación e Innovación*, 83, 1-4.
- Chung, D. (2008). Interactive features of online newspapers: Identifying patterns and predicting use of engaged readers. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13, 658-679.
- Cordeiro, P. & Paulo, N. (2014). A rádio numa APP: Convergência multimédia e os conteúdos da rádio. *Média & Jornalismo*, 24(13), 117-133.
- Da Silva, M. (2009). *As cartas dos leitores na imprensa portuguesa: uma forma de comunicação e debate do público*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Dias, S. (2007). *Participação, democracia e média: um estudo de caso sobre a Antena Aberta na Antena 1 e RTP N*. Dissertação de Mestrado, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Dearman, D. & Pierce, J. (2008). *It's on my other computer!: computing with multiple devices*. Comunicação apresentada em *SIGCHI Conference*, Florença.
- Del Bianco, N. (2011). O futuro do rádio no cenário da convergência frente às incertezas quanto aos modelos de transmissão digital. *Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação*, 12, 1-19.

- Deuze, M. (2001). Understanding the impact of the internet: On new media professionalism, mindsets and buzzwords' [Online], *EJournalist*, 1,(1). Acedido em <http://www.ejournalism.au.com/ejournalist/deuze.pdf>.
- Deuze, M. (2006). Collaboration, participation and the media. *New Media & Society*, 8(4), 691-698.
- Díaz-Noci, J. (2010). Medios de comunicación en internet: algunas tendencias. *El profesional de la información*, 19(6), 561-567.
- Fidalgo, A. (2013). O celular como rádio de pilhas na era da Internet. Rádio IP no celular. In S. Barbosa & L. Mielniczuk (Eds.), *Jornalismo e Tecnologias Móveis* (pp.11-24). Covilhã: Labcom.
- Acedido em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130522-201302_susana_luciana_jornalismotechmoveis.pdf.
- IAB (2014). *Primer estudio de la radio online*. Acedido em <http://goo.gl/q1TqLo>
- Kischinhevsky, M. (2009). Cultura da portabilidade. Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. *OBS Journal*, 3(1), 223-238. Acedido em <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/271>
- Liu, Y. & Shrum, L. (2002). What is interactivity and is it always such a good thing? Implications of definition, person, and situation for the influence of interactivity on advertising effectiveness. *Journal of Advertising*, 31(4), 53-64.
- Merayo, A. (2000). Identidad, sentido y uso de la radio educativa. Acedido em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/merayo-arturo-radio-educativa.html>
- Meso, K., Larrondo, A., Peña, S. & Rivero, D. (2014). Audiencias activas en el ecosistema móvil. Análisis de las opciones de interacción de los usuarios en los cibermedios españoles a través de la *web*, los teléfonos móviles y las tabletas. *Hipertext.net*, 12. Acedido em <http://raco.cat/index.php/Hipertext/article/view/274309/364489>.
- Moreno, R. (2006). Citizens and media cultures: hidden behind democratic formality. *Global Media and Communication*, 2(3), 299-313.
- Nozal, T., González-Neira, A. & Sanjuán, A. (2014). Análisis de ediciones vespertinas de prensa para tablets. *El Profesional de la Información*, 23(4), 393-400.
- Nyre, L. & Ala-Fossi, M. (2008). The next generation platform: Comparing audience registration and participation in digital sound media. *Journal of Radio & Audio Media*, 15(1), 41-58.
- Oliveira, M., Portela, P. (eds.) (2011). A Rádio na frequência da *web*. *Revista Comunicação e Sociedade*, 20, 5-8.
- Perona, J. J., Barbeito, M. L. & Fajula, A. (2014). Los jóvenes ante la sono-esfera digital: medios, dispositivos y hábitos de consumo sonoro. *Comunicación y Sociedad*, 27(1), 205-224.
- Piñeiro-Otero, T. (2014). La publicidad en las radioAPPs ibéricas. Falta de definición de un soporte publicitario sin límites. *International Journal of Marketing, Communication and New Media*, 2(3), 38-56.
- Priestman, C. (2002). *Web Radio: Radio production for internet streaming*. Oxford. Focal Press.
- Pateman, C. (1976). *Participation and democratic theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pinto, M. & Sousa, H. (2011). O estatuto dos cidadãos no jornalismo participativo, Atas do VII Congresso da SOPCOM (pp. 1560-1572). Porto: Universidade do Porto.

- Ramos, F. & González-Molina, S. (2014 a). La radio móvil en Europa y en Estados Unidos un análisis comparativo del uso periodístico de las app de las principales emisoras en los Smartphone. In J. Sierra, F. García-García (Eds.), *Tecnología y Narrative Audiovisual*. Madrid: Fragua, 169-192.
- Ramos, F. & González-Molina, S. (2014 b). Las radios españolas y portuguesas de referencia en Facebook y Twitter: un análisis comparativo de su presencia y uso. *Média e Jornalismo*, 24, 51-70. Acedido em http://www.cimj.org/revista/Media_Jornalismo_fatimaramos.pdf.
- Reis, A., Ribeiro, F. & Portela, P. (eds.) (2014). *Das piratas à Internet: 25 anos de rádios locais*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Ribeiro, F. (2013). *A participação dos cidadãos nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*. Dissertação de doutoramento, Braga, Universidade do Minho.
- Ribeiro, F. (2014). Recuperar o espírito das piratas: reflexões sobre rádios comunitárias em Portugal, do vazio legal a uma proposta concreta. In A. Reis, A. , F. Ribeiro & P. Portela (Eds.) *Das Piratas à Internet: 25 anos de Rádios Locais* (pp. 113-131). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Rosales, R. G. (2013). Citizen participation and the uses of mobile technology in radio broadcasting. *Telematics and Informatics*, 30, 252–257.
- Scolari, C. (2012). Comunicación digital. Recuerdos del futuro. *El profesional de la información*, 21(4), 337-340.
- Simón, F. M. & Rodríguez, J. R. (Eds.) (2006). *Repúblicas y ciudadanos: modelos de participación cívica en el mundo antiguo*, Barcelona: Publicacions i Edicions Universitat de Barcelona.
- Tolson, A. (2006). *Media talk. Spoken discourse on TV and radio*. Edimburgo: Edinburg University Press.
- Vacas, F. (2007). *Teléfonos móviles. La nueva ventana para la comunicación integral*. Madrid: Craciones Copyright.
- Videla, J. J. & Piñeiro-Otero, T. (2012). Apps de radio. Movilidad para un medio radiofónico sin límites. *Prisma*, 17. Acedido em <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/2020>.
- Videla, J. J. & Piñeiro-Otero, T. (2013). La radio móvil en España. Tendencias actuales en las apps para dispositivos móvil. *Palabra Clave*, 16(1), 129-153. Acedido em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64926739006>.
- Villi, M. (2012). Social curation in audience communities: UDC (user-distributed content) in the networked media ecosystem. *Journal of Audience and Reception Studies*, 9(2), 614-632.
- Wasko, J. & Mosco, V. (1992). *Democratic communications in the information age*. Nova Jérсия: Garamond Press & Ablex.
- Weinberger, D. (2011). *Too big to know*. Nova Iorque: Basic Books.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Teresa Piñeiro-Otero é professora e investigadora da Universidade da Corunha (Espanha). É Doutorada, desde 2009, em Comunicação pela Universidade de Vigo.
E-mail: teresa.pineiro@udc.es
Universidade da Coruña , Rúa da Maestranza, 9 – 15001- A Coruña, Espanha

Fábio Ribeiro é investigador integrado e assistente de investigação no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) - Universidade do Minho. É doutorado desde 2013 em Ciências da Comunicação (grau europeu).

E-mail: fabiofonsecaribeiro@gmail.com

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Gualtar, 4710-057-Braga, Portugal

* **Submetido: 01-04-2015**

* **Aceite: 02-07-2015**

RADIO MOBILITY IN THE DIGITAL ERA: INTERACTIVITY, PARTICIPATION AND CONTENT SHARE POSSIBILITIES IN IBERIAN BROADCASTERS

Teresa Piñeiro-Otero & Fábio Ribeiro

Abstract

In the context of the scientific research into radio, recent years have encouraged many theories about the meaning of a *post-radio* (Oliveira & Portela, 2011), thus enlisting several parameters regarding the inclusion of contemporary radio in the digital and online environments. This digital migration has led to the development of mobile applications for radio, broadening the communicative potential of audiences (Aguado, Feijoo & Martínez, 2013), as well as promoting convergence of interactive content among listeners-users. Aware of this opportunity, the main broadcasters in Spain and Portugal have broadened their radiophonic scope to the mobile platform, especially geared towards smartphones through the development of mobile applications, commonly known as apps (Cerezo, 2010). As a symbol of a culture in permanent changing, smartphones not only provide greater easiness in terms of access and interaction, but also afford larger opportunities for disseminating content among audiences, a phenomenon that some studies have labelled as *user distributed content* (Villi, 2012). This article presents an exploratory analysis of the current policies of the main Spanish and Portuguese radio broadcasters regarding mobile applications, evaluating the different levels of interaction and participation in these platforms. This observation led to the conclusion, among other findings, that the mobile platform represents a supplementary channel for traditional FM radio, rather than a new medium with its own language and expression.

Keywords

Mobility; mobile radio applications; interactivity; participation; content sharing

INTRODUCTION

Present features of our technological culture profoundly immersed in portability (Kischinhevsky, 2009), date back to the start of the 21st century, in the wake of the expansion of mobile telephony, a phenomenon triggered by the widespread availability of multiple portable devices. Netbooks, e-readers, tablets and smartphones became everyday objects, albeit with different levels of use and appropriation (Dearman & Pierce, 2008). In this context of digital convergence, a new social, mobile, open and interconnected medium has been defined (Weinberger, 2011). Since the launch of the *iPhone* (2007), smartphones have expanded sharply and became the new driving force behind the so-called “information society” (Cerezo, 2010), with worldwide usage calculated at 72% of mobile users, as in Spain (84%) and in Portugal (40%) (AMETIC & Acenture, 2014; ANACOM, 2014).

These devices offer functionalities that transcend the concept of a mobile telephone, bringing a social, expansive and omnipresent medium where communication

and content converge into a single platform (Aguado, Feijoo & Martínez, 2013). Smartphones act as extensions of user's identity given the possibilities provided in terms of independent and personalised content, transforming a single technical device a "home from home" concept (Cassetti & Sampietro, 2002).

The growing penetration of smartphones steered the development of mobile broadband that resulted in regular access to the Internet for 78% of Spanish mobile users and 34% of Portuguese mobile users (AMETIC & Acenture, 2014; ANACOM, 2014). This level of connectivity has challenged established forms of interaction between the media and citizens (Cebrián Hereros & Flores Vivar, 2012; Meso et al., 2014), as the appropriation of these devices paved the way for a culture of access to digital information (Díaz-Noci, 2010).

According to Scolari (2012), smartphones have turned into huge attention predators, providing permanent connection for their users, especially those who need to obtain continuous and personalised information, regardless geographic locations (Nozal, González-Neira & Sanjuán, 2014). Smartphones are a unique device for new media expressions within the scope of convergence. Under the generic label of 'mobile communication', quite a few research projects have been discussing present shifts in media industry to incorporate some dissemination platforms, especially in the perspective of the press, and the transformation of the new communication opportunities into wide-ranging interactive formulas (Aguado et al., 2013; Canavilhas, 2013; Reis, Ribeiro & Portela, 2014).

It seems that convergence between radio and mobile technology was somehow predictable. In the 1990s the development of the Global System for Mobile Communications (GSM) had already converted telephones into analogue radio receivers. This initial technical advancement enabled new radio experimentation, seeking its own language and expression (Vacas, 2007). Today, this remains a topical precept. As a consequence several discussions have moved onto the nature of the sound grammar (Herrerros, 2008), studying high-performance devices such as smartphones, tablets or laptops (Del Bianco, 2011).

In the particular case of mobile phones, the main focus of this research adopted Fidalgo's understanding (2013), one of the researchers who challenged radio to develop an active policy of shifting from its sound essence to an online context, in a multitasking consumption environment or in permanent mobilisation, thus enhancing its intimate and personal feature. It is also suggested that the transition of radio to the online and digital scopes will lead to the transformation of the sound product into multimedia, and the emergence of new forms of content distribution and interaction with the listeners (Albarran & Pitts, 2001; Priestman, 2002; Nyre & Ala-Fossi, 2008; Tolson, 2006).

The appropriation of mobile platforms is a unique opportunity to attract listeners and users (Rosales, 2013). Furthermore, using mobile networks, radio may promote its unique sense of intimacy and group belonging, which have been always seen as distinctive features of this media. Through smartphones radio has the opportunity to offer geolocalized, personalised and participatory content (Cerezo, 2010; Videla & Piñeiro, 2013). To incorporate this potential and adapt to this new medium, researchers have

proposed that radio producers should adapt the sound content to online media (Priestman, 2002; Ramos & González-Molina, 2014b); Ribeiro, 2014).

Notwithstanding the possibilities provided by smartphones, the expansion of radio to mobile networks also opens up new opportunities in terms of access. The number of mobile users with regular access to Internet connection has risen sharply in Spain and Portugal. According to 2014 data from the Spanish Interactive Advertising Bureau (IAB), three out of four internet users access to radio on the Internet, consuming online versions of conventional radios and exclusively online products or automated services (e.g. Spotify, Grooveshark). The same study also revealed that half of these users tend to access radio content through mobile device applications.

The multiple connections of online radio, however, does not correspond to a diversification of listening channels. The IAB report states that the listeners-users continue to prefer the conventional radio brands also on the web (81.5%). The growing access to automated services (64.2%) is clearly pointed out, and as a consequence the intensification of personalised consumption of sound content. This study also mentions that the listeners' willingness to listen to the radio depends mainly on their availability to do so.

Once immersed in this process of self-communication (Merayo, 2000), radio mobility enables the construction of a digital sound world steered by the listeners-users, deciding how, when and what they want to listen to (Perona, Barbeito & Fajula, 2014). We can thus state that while conventional radio allows the socialisation of sound, mobile radio facilitates its individualisation, multiplying the options for digital sharing and interaction, currently known as *user distributed content* expression (Westlund, 2012; Villi, 2012). In other words, content is managed by users.

The portability of radio implies redesigning the structure and content of the mobile applications to fully adapt to the opportunities of this new medium and create its own language and expression. As Johnson et al. (2012) point out, today's finest applications are totally adapted to the potential of the devices, using positioning data and access to social networks or web search in a complete mobile digital experience.

Taking into account some of these considerations, it is our objective to analyse radio mobility by studying the migration of Spain and Portugal's main FM radio broadcasters (general and specialised) to the mobile applications environment, emphasising the possibilities of interaction and participation. This paper follows the particular line carried out by previous studies to analyse the relationship between Spanish radio and their mobile applications (Videla & Piñeiro-Otero, 2012, 2013), as well as broader approaches in the European or American context (Ramos & González-Molina, 2014). By drawing the main conclusions concerning Iberian radio, this study proposes some discussion that we consider essential for the debate about the policies of radio communication within the world of mobile communication.

As such, the text is divided into three parts: a conceptual overlook about interactivity and participation, outlining the essential concepts surrounding the idea of radio's shift to the digital environment; the presentation of the empirical approach that serves as the crux of the study, focusing on Iberian broadcasters and, finally, an assessment of the most relevant results and the possibilities for new practices.

CONTRIBUTION TO A CONCEPTUAL MAP TOWARDS INTERACTIVITY

The debate about the relationship between the media and citizens has been able to grasp frequent references to the concepts of “participation” and “interactivity”. Although both refer to the same social dimension, in terms of the contact among individuals and/or institutions, we can assume, based on common sense, that a primary distinction between the two of them is related to a technical and technological perception. As so, “interactivity” is often regarded through its digital and online nature, representing “one of the little discussed problems of our time, randomly theorised in the new media and in society” (Bauman, cit. in Deuze, 2006, p. 691).

The potential for interactivity as a communication tool has not been yet fully explained: as Deuze states “regarding the processes of media production, we will continue to witness the exponential increase of down-top content for wider audiences” (2006, p. 697). As a renewed commitment to contact between the media and audiences, interactivity has also motivated wider approaches from academics who have attempted to categorise online interactive behaviours among users and web pages.

Deuze (2001) proposes three kinds of interactivity: 1) navigational (online page viewing, returning to the home page and scroll buttons); 2) functional (links, moderation of user comments, distribution of content through social networks and e-mail); and 3) adaptive (chat programs through specific chatrooms or the customisation of the page by the user). In addition, Boczkowski (2004) suggests that contact interactivity represents part of the online contacting tools among users and managers of the specific web pages, in a dialogue fostered within different parts of cyberspace.

According to Chung (2008), it is possible to include three interactivity levels: low (download of video and audio, picture galleries, etc.); medium (response to polls or other request forms) and high (sending links by e-mail, entering chatrooms, etc.). Liu & Shrum (2002) consider that interactivity can be categorised in three dimensions: between users and the managing page system; between two online users; between the user and the online message.

A very similar concept to the idea of interactivity is ‘participation’, originally brought into play from a political perspective, which goes back to the foundations of Athenian democracy where a primitive participative culture in popular meetings or in the court sessions was initiated, allowing citizens to intervene and give their opinion in some public affairs (Simón, 2006). Although ‘participation’ is not symbolically defined by an exclusively digital connotation, in opposition to the concept of interactivity, it could be also said that modern media are increasingly asking for more “participation” of audiences, such as public opinion forums, collaboration in covering news events with public impact, make part of contests and competitions, etc. In this sense, media have been demonstrating its comprehension on the importance of gathering audiences in some participative formats, not only from the commercial point of view, regarding the number of sales or measurement of audiences, but also in relation to the supply of feedback on the discourse (Moreno, 2006). Dealing with countless technological promises, participation has paved the way to a theoretically infinite number of contact possibilities between

broadcasters and receivers of the media messages. Now the discussion has moved onto the conditions surrounding a mobile reality and the consequences of this new panorama within widespread digital mobility. In the specific case of radio, we should take into account its historical connection with the telephone, over so many decades, through traffic updates or through participation in some entertainment shows. Today's digital demands have led to new interpretations, not only within the scope of the media owners and audiences, but also in the academia, which has sought to make contributions to a debate precisely about citizens' participation in the media.

Having in mind the profusion of concepts that seek to label the mobility among audiences and media, it is probably relevant to review some theoretical contributions about this subject. Following Carpentier's understanding (2007), there are three important concepts to be considered: the access (the physical dimension of the intervention in the media or through another communication channel); the interaction (process of constructing meaning through real and lived experiences or linguistic phenomena); and the participation (exercising power and influence). Regarding the last concept, Pateman (1976) is constantly quoted as one of the academic precursors whom tried to study participation that integrates two modes: partial participation (the process through which two or more parties mutually influence each other in decision making, although one of them has responsibility for the final decision) and total participation (process in which each of the individuals has decision-making power, leading to a balanced power framework to decide on strategic actions). As a generic concept, Arnstein (1969) defines "civic participation" as follows:

it is the redistribution of power that allows citizens excluded from the political and economic processes to make decisions regarding the future (...) representing the means by which they [citizens] can bring about significant social reforms that allow the sharing of future benefits in society. (Arnstein, 1969, p. 1)

As part of an ideological process, the widespread dissemination of the "participation" concept has been consolidated in a broader level, from political communication to environment. By Wasko & Mosco's contribution (1992) about "democratisation in and through the media", and also recovering part of Carpentier and Cleen's thinking (2008), Ribeiro (2013) suggested a distinction between "participation through/with the media" and "participation in the media". The first describes "a concept and practice whereby the citizen actively intervenes by monitoring media information about the direction and evolution of certain matters that take place in public life" (Ribeiro, 2013, p. 126), whilst the latter "depends inevitably on the willingness of the media to collect contributions from readers, listeners or viewers in their productions. This understanding leads to the creation of spaces especially geared towards promoting initiative among the citizens" (Ribeiro, 2013, p. 127).

Pinto & Sousa (2011) suggest different "participation categories": passive (the audience does not interfere in the media discourse); strategic or interested (citizens take part

of the discourse illustration); sporadic or also interested (witness accounts); qualified (experts interventions, specialised commentators) and institutional (opinion panel, interaction with ombudsmen). When citizens are intrinsically motivated to participate, these researchers identify the following levels: monitoring media's activity; as responding to media participative formats (polls, votes, feedback); voluntary (proposals, suggestions, criticisms, suggestions, right to reply); content dissemination (photos, videos, texts, statements, etc.); mobilisation, promotion (organisation of initiatives, campaigns, debates).

In an advanced digital environment, where participation is becoming part of the media discourse, there are still plenty uncertainty about its potential or value. According to Rosa Moreno (2006), media are only interested in public opinion and contributions in specific moments, such as witnessing situations where journalists were not there to report about it. This is labelled as the "affair technique". Considering this critical inspiration about the substantive nature of participation, this article also attempts to assess the real participation opportunities that radio grants listeners and users in the present context of permanent shifting towards digital environments.

PLAN AND METHOD OF OBSERVATION

Analysing the interaction and participation possibilities organised by the traditional broadcasters in Spain and in Portugal on the mobile platform, this exploratory study intends to observe the content of their applications. Formal characteristics of the radio apps were examined over the first fortnight of October 2014, taking into account types of broadcasting, ownership and operative systems.

As such, the sample was selected outlining two procedures: broadcaster and operative system. In the first case, we choose the largest Spanish and Portuguese broadcasters in the traditional FM channel (EGM, February-November 2014; Bareme Rádio, September 2014). In total, we observed 29 radio stations, seven of which were channels with general content (four Spanish and three Portuguese) and 22 of which were thematic/specialised broadcasters (14 Spanish and eight Portuguese).

Regarding to the operative systems, the sample was restricted to applications designed for iOS and Android smartphones, which are the most common systems within the Iberian market. Hence, a group of 55 mobile applications were analysed (28 for iOS and 27 for Android)¹, as shown in Table 1:

BROADCASTER	COUNTRY	TYPE	OWNER-SHIP	OPERATIVE SYSTEMS	
				iOS	ANDROID
SER	Spain	General	Private	Individual	Individual
Onda Cero	Spain	General	Private	Individual	Individual
COPE	Spain	General	Private	Individual	Individual

¹ We noted that no applications were available for SIM Radio (iOS and Android) and Europe FM (Android). In cases where there was a two-fold offer of applications for a single broadcaster, like for Radio 3 (iOS and Android) or Antena 3 (Android), the individual application was given precedence over the collective application.

RNE	Spain	General	Public	RTVE collective radio	RTVE collective radio
Renascença	Portugal	General	Private	Individual	Individual
Antena 1	Portugal	General	Public	Collective RTP	Collective RTP
TSF	Portugal	General	Private	Individual	Individual
C40	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
Dial	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
C100	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
Kiss FM	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
Europa FM	Spain	Specialised	Private	Individual	Not available
Rock FM	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
Máxima FM	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
M80	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
Radiolé	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
Radio Marca	Spain	Specialised	Private	Individual	MARCA collective group
RNE3	Spain	Specialised	Public	Individual	Individual
R5TN	Spain	Specialised	Public	RTVE collective radio	RTVE collective radio
Hit FM	Spain	Specialised	Private	Individual	Individual
Radio Clásica	Spain	Specialised	Public	RTVE collective radio	RTVE collective radio
Antena 3	Portugal	Specialised	Public	Collective RTP	Individual
RFM	Portugal	Specialised	Private	Individual	Individual
Mega Hits	Portugal	Specialised	Private	Individual	Individual
R. Comercial	Portugal	Specialised	Private	Individual	Individual
M80	Portugal	Specialised	Private	Individual	Individual
Cidade FM	Portugal	Specialised	Private	Individual	Individual
Rádio Sim	Portugal	Specialised	Private	Not available	Not available
Smooth FM	Portugal	Specialised	Private	Individual	Individual

Table 1 – Broadcasters according to country, type, ownership and operative system.

MOBILE APPLICATIONS INTERACTION AND PARTICIPATION POSSIBILITIES

The sample indicates a limited offer of apps for tablets. Only Radio Renascença, TSF, C40 and Kiss FM (in the morning show) have a specific application for iPad, with a design and functionalities adapted for this kind of device.

Taking advantage of the simplicity of the tools and some variables used in previous researches, a specific table was drawn up to analyse the mobile applications. This tool selected categories in a table based on the work of Piñero-Otero and Videla (2013) and Ferreras-Rodríguez (2014), toward the interaction and participation mechanisms for mobile radio. Based on these projects, an analysis grid was designed containing the following interaction-participation variables:

VARIABLES		POSSIBILITIES
Vote		Yes, with no limitations Yes, upon user registration Not allowed to vote
Comments	Comment form	Yes, with no limitations Yes, with prior identification of the listener Yes, upon user registration Not allowed to comment
	Publication form	Comments moderated by the broadcaster Unmoderated comments
Poll²	Present	Yes No
	Interaction mode	Yes, with no limitations Yes, upon user registration
Online Chat/Interview	Present	Yes No
	Interaction mode	Yes, with no limitations Yes, upon user registration
Creation and sending of listener content	Participation possibility	Yes, all kind of content Yes, with restricted content No
	Publication form	Moderated Unmoderated
	Section	According to topic Specific to listener collaboration
Sharing	Modes	E-mail E-mail and Facebook E-mail, Facebook and Twitter All the possibilities of the operative system Other possibilities
	Localisation	Action bar News Others
Access to social networks	Social Networks	Facebook Twitter Facebook and Twitter Other possibilities
	Access form	Specific APP Icon Link
E-mail producers	Possibility	Contact with broadcaster Contact with programme Contact with radio host Others Not possible
	Contact form	E-mail Form

Telephone producers	Possibility	Contact with broadcaster Contact with programme Others Not possible
	Contact form	Conventional telephone Skype
Access to the radio station's site		Yes, on the specific app Yes, following a link Not possible

Table 2 – Analysis grid of participation and interaction possibilities

Following present or absent categories, it was possible to measure what kind of Portuguese and Spanish radio broadcasters have adapted to the interaction possibilities of the different platforms.

The observation show that their mobile applications do not include mechanisms for interaction with their listeners-users. We can clearly see a lack of basic interaction forms such as polls about the content, interactive communication with the programme's journalists or with personalities (chat) or the possibility to comment on the content. Only the apps for Rádio Renascença (iOS and Android) and Antena 1 (iOS, as part of the RTP collective application) provide the option to comment, especially on news and other kinds of information in text form. In the case of Rádio Renascença, in order to comment on a specific item of content, users of the mobile application need to fill out an identification form with name, e-mail address, location and comment (prior registration is not required). Adding these data, the comment is analysed by a technical procedure, which causes some delay into the comment publication on the page.

As for the participation of radio listeners-users in terms of content sharing, none of the applications has a particular functionality to send texts, images, videos or sound recordings. This may be seen as a severe reduction of the opportunities for the listeners-users to participate, reflecting mobile radio's limited perspective on its possibilities for interaction, connectivity and content creation. The essence of smartphones, as multi-function devices, engages with the possibility to record instantly a moment for further publications in the digital scope.

Traditional radio's refusal to play an active role in promoting participatory strategies in the mobile context will lead to, in the worst-case scenario, its own exclusion from audiences that usually tend to be part of an engaged digital sphere. Hence, it is evident that a very conventional outlook of the medium is still in place, with a very limited understanding of the roles of the broadcaster and the receiver, taking little heed of the opportunities afforded for radio to involve its audience with radio content.

Apart from the use of typical participatory and interaction mechanisms of traditional radio, it is worth highlighting an innovative case in this sample of apps provided by Iberian radio stations that combines the opportunities afforded by the social platforms with the geo-localisation technology of the mobile phones. In the Cope application for

² Understood as multiple-choice answers to a question

the iPhone, in the sports programme *Tiempo de Juego*, the listeners-users may meet and interact with other listeners-users who are geographically nearby. This new functionality takes an ambitious step in the connection and cohesion of the programme's community of listeners-users.

OTHER PARTICIPATION STRATEGIES

The telephone – the interaction medium traditionally used by radio – e-mail and the social networks seem to be hegemonic in this particular context. Direct connections to the websites of different broadcasters were also analysed, taking into account that in some cases mobile applications do not provide access to the interaction forms, but it is possible to access to them through the web.

In general, the participation and interaction platforms promoted by the Iberian radio producers through their mobile applications is limited to the contact with the broadcaster, rather than with a specific programme or radio host. As Tolson (2006) states, the act of speaking supposes the most expressive method of participating on radio, and hence we believe it is important to emphasise the special relevance of including the broadcaster's telephone number or other contact methods (e.g. Skype) that enable this oral interaction. The telephone has a residual presence in this sample. Among general broadcasters, only Cope and RNE apps provide a telephone contact number. The collective nature of RNE apps means that this contact is common to the broadcasters of the group. Another application that incorporates a telephone number available to the public is the individual Antena 2 app (only available for Android).

Regarding e-mail, a common participation tool through the Internet, its limited presence in the applications of the sample is also noteworthy. Within the scope of "talk radio", i.e. broadcasters who give predominance to speech/debate programs, only Cope includes a link to the e-mail address of the broadcaster, while Antena 1 provides this contact through an online form. Among the specialised mobile applications, only Radio 3 (iOS and Android) and the Smooth version for iOS facilitate interaction via e-mail. The application common to the RNE group includes its e-mail address in the contact information, but it serves exclusively to report questions of a technical nature, such as any faults or incompatibility with the operative system.

The emergence of the social networks in the Spanish and Portuguese radio stations provides a new interaction and participation channel for the listeners-users. In order to take advantage of these tools, displaying more direct and instantaneous contact than e-mail, a policy must be adopted that encourages participation in the radio's social media, promoting the activity among online users, and space for parallel initiatives in an offline context.

This analysis highlights the absence of connections between mobile application and broadcasters' social networks. According to recent studies put forward by Ramos & González Molina (2014b), Spain and Portugal's main radio stations have broadened their presence to several branches of social media, yet only general broadcasters Onda

Cero and Cope (iOS and Android) and specialised channels Hit FM (iOS and Android), Europa FM (iOS) and Kiss FM (Android) – all Spanish – promote connection to the social networks. Besides the above mentioned radio channels, Rock FM application (iOS) incorporates its Twitter profile, making it possible to convert listeners into followers, albeit in a less direct manner.

As for the access to the social networks, there are three basic methods: as part of the application itself, which allows interaction and monitoring on the social networks, without disconnecting the application (Onda Cero and Europa FM); through a link (Cope, Kiss FM) and through an icon (Hit FM), as shown in Table 3.

		SOCIAL NETWORKS		
		FACEBOOK	TWITTER	GOOGLE +
ACCESS	App itself	Onda Cero	Onda Cero	-
		Europa FM	Europa FM	-
	Icon	Hit FM	Hit FM	Hit FM
	Link	Cope	Cope	-
		-	Kiss FM	-

Table 3 – Method of accessing social networks used according to the mobile applications for radio.

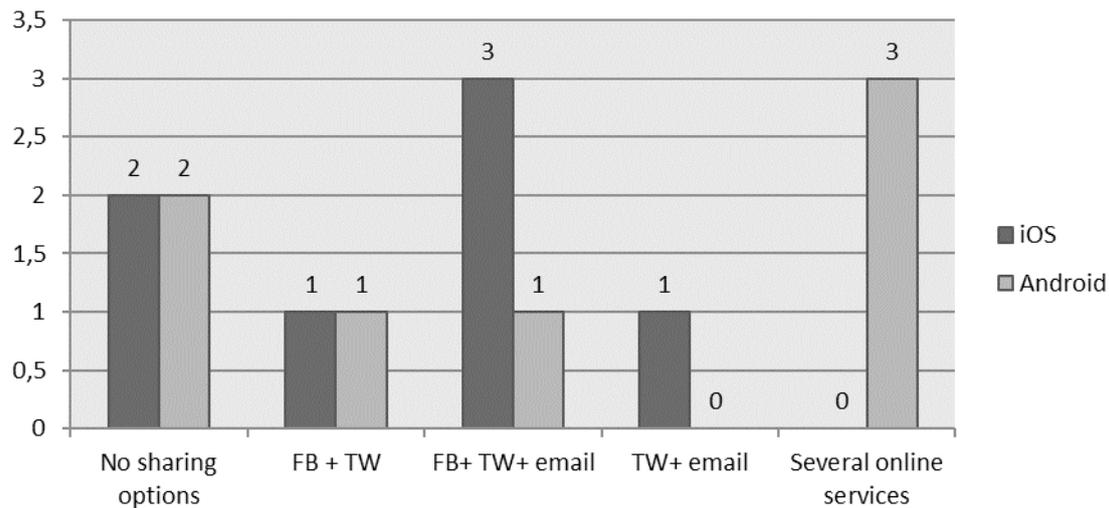
The limited connectivity between the Iberian radio applications and their social network accounts states clearly a shortfall in a global perception of interactivity, neglecting the potential of these tools in the creation and cohesion of a radio community. It is especially remarkable that there is nearly no mention of the social networks on the music radio channels, especially taking into account two factors: 1) both platforms (social and mobile) have extremely rich potential for interaction with the users, using multiple formulas and languages; 2) given that the social networks are widely used by youth, and taking into account that the audience of the music broadcasters is mainly made up of individuals from these ages, it seems like a paradoxical policy.

Furthermore, those radios that give music a special highlight in their daily agenda seem to include applications that are generally simpler than those provided by general radio channels, which is reflected in their functionalities and connectivity. Thus, the applications of Smooth FM (iOS and Android), Cidade FM (iOS), M8o (iOS) and Radio Clássica (iOS and Android) have a single-level navigation page.

Regarding access to the radio station's site from the mobile application, only the public radio applications of Spain and Portugal provide it – with the exception of the individual Antena 1 app – and TSF (iOS) in the case of the general broadcasters and Hit FM (Android) among the specialised radio channels. The low connectivity between of the radio channels' mobile applications and their respective sites demonstrates not only the lack of planning of interaction and participation mechanisms (in the app itself and others), but also emphasises the lack of a global blueprint for online radio.

SHARE ABILITY POSSIBILITIES IN MOBILE APPLICATIONS

Along with the lack of planning regarding interaction and participation mechanisms, most of the mobile applications of the Iberian radio channels studied (26 out of 41) allow content sharing, i.e. giving listeners-users the opportunity to share content easily and instantaneously. As such, it is legitimate to state that radio prefers the idea of user distributed content, as can be seen on the following graph.



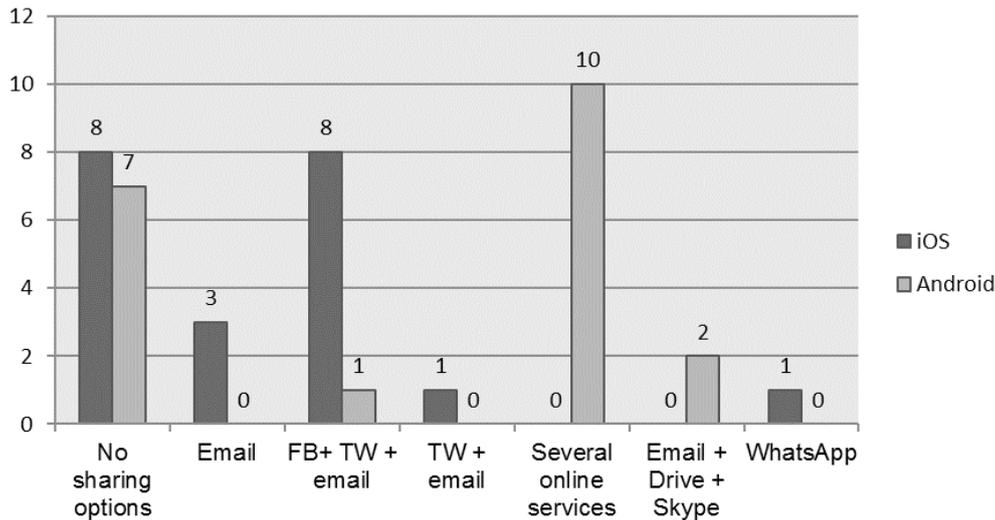
Graph 1 – Sharing opportunities of Spain and Portugal's general radio channels

In the case of general broadcasters, 10 out of 14 decided to take advantage of the content sharing possibilities, although the limited presence of participation and interaction mechanisms in the apps indicates differences within operative systems. Notwithstanding this important condition, Android devices provide more options to share than iPhone, as reflected in the functionalities of their applications. The applications with more capacity to share in iOS allow a redistribution of content on Facebook, Twitter and e-mail; while in Android these possibilities are opened to multiple services of the site and other connectivity options: Bluetooth, ChatON, Drive, Flipboard, Gmail, Google +, Hangouts, Message, Notes, Skype, WhatsApp, etc.

Almost all radio stations analysed – with the exception of RNE (iOS and Android), Cope (iOS) and Onda Cero (Android) – allow their content to be shared. The most common formula, followed by Renascença and TSF (iOS and Android) as well as SER (iOS), is to optimise the distribution of the results by e-mail, Facebook or Twitter. In its Android version, SER widens its sharing capacity by including all the possibilities of the operating system; an option that is common to Cope and Antena 1.

Regarding the location of this functionality, all the applications make it possible to access the sharing options from the content itself. Antena 1 and Rádio Renascença, for iOS, also allow access through the action bar (also known as the navigation bar, which includes direct access to the main functionalities of the app and which is visible in the different navigation levels).

The specialised radio stations (Graph 2) have less capacity to share content compared to the applications of the general radio channels. This functionality is provided in 23 of the 41 applications analysed, albeit with differences among the broadcasters and operating systems.



Graph 2 – Content sharing options of specialised radio broadcasters in Spain and Portugal

The applications of Cadena 40, Cadena Dial, Rock FM, Máxima FM, M8o (Spain), Radio Olé, RFM, Rádio Comercial (iOS and Android) and Cadena 100 and Radio 3 (Android) allow content sharing through all the available possibilities. In the apps for Android the redistribution of the radio content is enabled through a range of 2.0 services and platforms, while in the iPhone applications the possibilities are limited to e-mail the Facebook and Twitter accounts.

In the case of specialised radio mobile applications, it is also possible to underline two aspects: the limited sharing options provided by some broadcasters, restricting the redistribution to e-mail – such as is the case of the apps for M8o (Portugal), Cidade FM and Smooth FM for iOS – or Twitter – Antena 3 (iOS); and the emergence of new sharing formulas such as WhatsApp, in the case of Rádio 3. In relation to access, it is pointed out that the broadcasters Cadena 100, Rock FM, Kiss FM (para iOS and Android), M8o (Spain) and Antena 3 (iOS) and Cidade FM (Android) identify the sharing options directly from the application's action bar.

By analysing all sharing options, we may also point out differences between Spanish and Portuguese broadcasters. All general Portuguese broadcasters incorporate sharing functions, while only half of the Spanish radio stations analysed include this option. This situation is repeated in the case of thematic music radio stations, although Mega Hits (iOS and Android) and Smooth (Android) do not provide any option to share its content in the applications.

Despite the tendency for a higher number of Portuguese radio stations to adopt a content sharing strategy, it is worth pointing out that the few Spanish radio channels

that implement this option do so in a wider range of platforms, both on iOS and Android operating systems.

FINAL REMARKS

The migration of Spain and Portugal's traditional broadcasters to mobile radio was not followed by a real adaptation of their applications to the interaction and participation opportunities, following similar assessments of previous researches (Meso et al., 2014). This analysis has detected the absence of basic interaction formulas such as polls, virtual meetings (chat modules) or comments on platforms that are increasingly used by smartphones. The Iberian broadcasters also do not integrate user-generated content, nor incorporate formulas that facilitate and optimise content from listeners-users.

Moreover, other possibilities for online radio participation and interaction, such as telephone, e-mail and the social networks are not displaying all possibilities, either directly or through the radio stations' websites. Participation and interaction with media producers is generally reduced to a general contact with the broadcaster, or a broadcasting group, rather than a particular programme or radio host. An essential factor regarding participation, especially on "talk radio" rather than the musical one, is related to how listeners identify themselves with the broadcaster, which can be a decisive for the interaction with audiences.

Based on the limited implementation of participation tools in radio context and low interaction with radio producers, we can note that user-distributed content is the most positive feature within this scope. Almost all the broadcasters of the sample incorporate content-sharing functionalities, thus encouraging the users' participation in the distribution of content of potential interest.

Regarding content sharing, it is especially important to diversify the involvement of the community of listeners within a particular space, programme or radio broadcaster. Affording listeners-users the chance to share the radio content in their own spaces can convert them into a promotional agent of the broadcaster, even leading to the phenomena of "going viral" that sometimes occurs online and which acts as an indirect media marketing strategy.

As a personal, interactive and multifunctional device, smartphones allow their users to play an active role in the creation of content and interaction with producers, as well as establishing a private sphere of personal consumption adapted to their interests (Perona, Barbeiro & Fajula, 2014). This is a current missing opportunity, fostered by Iberian broadcasters who use the mobile platform to promote means of communication among masses but with little interaction, relegating listeners to a passive role identical to the traditional media.

Therefore, it is necessary to reflect on the mobile applications of radios as alternative channels for distribution of conventional radio content, as a new medium with its own functionalities and expression, shaped to the possibilities provided by the smartphones as receiving devices. //

REFERENCES

- Aguado, J., Feijoo, C. & Martínez, I. (2013). *La comunicación móvil hacia un nuevo ecosistema digital*. Barcelona: Gedisa.
- Albarran, A. & Pitts, G. (2001). *Radio broadcasting industry*. Boston: Allyn & Bacon.
- AMETIC & Acenture (2014). *Somos digitais 2014*. Retrieved from <http://goo.gl/sAoPGz>.
- ANACOM (2014). *Serviços Móveis. Informação Estatística. 2º Trimestre 2014*. Retrieved from <http://goo.gl/uQutQ5>.
- Arnstein, S. (1969). A ladder of citizen participation. *Journal of the American Institute of Planners*, 35(4) 216-224.
- Boczkowski, P. (2004). The processes of adopting multimedia and interactivity in three online newsrooms. *Journal of Communication*, 54, 2. Retrieved from http://cmapspublic2.ihmc.us/rid=1155905587484_1715320890_3674/boczkowski_2004b.pdf.
- Chung, D. (2008). Interactive features of online newspapers: Identifying patterns and predicting use of engaged readers. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13, 658-679.
- Canavilhas, J. (2013). *Notícias e mobilidade: o jornalismo, na era dos dispositivos móveis*. Covilhã: Labcom.
- Carpentier, N. (2007). Participation, access and interaction: Changing perspectives. In V. Nightingale, T. Dwyer, (Eds.) *New Media Worlds* (pp. 227-240). Oxford: Oxford University Press.
- Carpentier, N. & Cleen, B. (2008). *Participation and media production: Critical reflections on content creation*. San Francisco Conference of the International Communication Association (ICA), São Francisco.
- Cassetti, F. & Sampietro, S. (2012). With eyes, with hands. The relocation of Cinema into the iPhone In P. Snickers; P. Vonderay (Eds.) *The iPhone and the Future of Media* (pp. 19-32). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Cebrián Herreros, M. & Flores Vivar, J. (2012). *Periodismo en la telefonía móvil*. Madrid: Fragua.
- Cerezo, J. M. (2010). Smartphone. Toda la información al alcance de tu mano. *Telos. Cuadernos de Comunicación e Innovación*, 83, 1-4.
- Chung, D. (2008). Interactive features of online newspapers: Identifying patterns and predicting use of engaged readers. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13, 658-679.
- Cordeiro, P. & Paulo, N. (2014). A rádio numa APP: Convergência multimédia e os conteúdos da rádio. *Media & Jornalismo*, 24(13), 117-133.
- Da Silva, M. (2009). *As cartas dos leitores na imprensa portuguesa: uma forma de comunicação e debate do público*. PHD Dissertation, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Dias, S. (2007). *Participação, democracia e média: um estudo de caso sobre a Antena Aberta na Antena 1 e RTP N*. Master Degree Dissertation, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Dearman, D. & Pierce, J. (2008). It's on my other computer!: computing with multiple devices. Comunicação apresentada em *SIGCHI Conference*, Florença.
- Del Bianco, N. (2011). O futuro do rádio no cenário da convergência frente às incertezas quanto aos modelos de transmissão digital. *Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação*, 12, 1-19.

- Deuze, M. (2001). Understanding the impact of the internet: On new media professionalism, mindsets and buzzwords' [Online], *EJournalist*, 1, 1. Retrieved from <http://www.ejournalism.au.com/ejournalist/deuze.pdf>.
- Deuze, M. (2006). Collaboration, participation and the media. *New Media & Society*, 8, 4, 691-698.
- Díaz-Noci, J. (2010). Medios de comunicación en internet: algunas tendencias. *El profesional de la información*, 19, 6, 561-567.
- Fidalgo, A. (2013). O celular como rádio de pilhas na era da Internet. Rádio IP no celular. In S. Barbosa & L. Mierniczuk. *Jornalismo e tecnologias móveis* (pp.11-24). Covilhã: Labcom. Retrieved from http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130522-201302_susana_luciana_jornalismotechmouveis.pdf.
- IAB (2014). *Primer estudio de la radio online*. Retrieved from <http://goo.gl/q1TqLo>.
- Kischinhevsky, M. (2009). Cultura da portabilidade. Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. *OBS Journal*, 3(1), 223-238.
- Retrieved from <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/271>.
- Liu, Y. & Shrum, L. (2002). What is interactivity and is it always such a good thing? Implications of definition, person, and situation for the influence of interactivity on advertising effectiveness. *Journal of Advertising*, 31(4), 53-64.
- Merayo, A. (2000). Identidad, sentido y uso de la radio educativa.
- Retrieved from <http://www.bocc.ubi.pt/pag/merayo-arturo-radio-educativa.html>.
- Meso, K., Larrondo, A., Peña, S. & Rivero, D. (2014). Audiencias activas en el ecosistema móvil. Análisis de las opciones de interacción de los usuarios en los cibermedios españoles a través de la web, los teléfonos móviles y las tabletas. *Hipertext.net*, 12. Retrieved from <http://raco.cat/index.php/Hipertext/article/view/274309/364489>.
- Moreno, R. (2006). Citizens and media cultures: hidden behind democratic formality. *Global Media and Communication*, 2(3), 299-313.
- Nozal, T., González-Neira, A. & Sanjuán, A. (2014). Análisis de ediciones vespertinas de prensa para tablets. *El profesional de la información*, 23(4), 393-400.
- Nyre, L. & Ala-Fossi, M. (2008). The next generation platform: Comparing audience registration and participation in digital sound media. *Journal of Radio & Audio Media*, 15(1), 41-58.
- Oliveira, M., Portela, P. (eds.) (2011). A Rádio na frequência da web. *Comunicação e Sociedade*, 20, Braga: CECS, 5-8.
- Perona, J. J., Barbeito, M. L. & Fajula, A. (2014). Los jóvenes ante la sono-esfera digital: medios, dispositivos y hábitos de consumo sonoro. *Comunicación y Sociedad*, 27(1), 205-224.
- Piñeiro-Otero, T. (2014). La Publicidad en las RadioAPPs Ibéricas. Falta de Definición de un Soporte Publicitario sin Límites. *International Journal of Marketing, Communication and New Media*, 2(3), 38-56.
- Priestman, C. (2002). *Web Radio: Radio production for internet streaming*. Oxford. Focal Press.
- Pateman, C. (1976). *Participation and democratic theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pinto, M. & Sousa, H. (2011). O estatuto dos cidadãos no jornalismo participativo, *Atas do VII Congresso da SOPCOM* (pp. 1560-1572). Porto: Universidade do Porto.

- Ramos, F. & González-Molina, S. (2014 a). La radio móvil en Europa y en Estados Unidos un análisis comparativo del uso periodístico de las app de las principales emisoras en los Smartphone. In J. Sierra, F. García-García, *Tecnología y narrative audiovisual*. Madrid: Fragua, 169-192.
- Ramos, F. & González-Molina, S. (2014 b). Las radios españolas y portuguesas de referencia en Facebook y Twitter: un análisis comparativo de su presencia y uso. *Média e Jornalismo*, 24, 51-70. Retrieved from http://www.cimj.org/revista/Media_Jornalismo_fatimaramos.pdf.
- Reis, A., Ribeiro, F. & Portela, P. (eds.) (2014). *Das piratas à Internet: 25 anos de rádios locais*, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Ribeiro, F. (2013). *A participação dos cidadãos nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*. PHD Dissertation, Braga, Universidade do Minho.
- Ribeiro, F. (2014). Recuperar o espírito das piratas: reflexões sobre rádios comunitárias em Portugal, do vazio legal a uma proposta concreta in A. Reis, A. ; F. Ribeiro & P. Portela (eds.) (2014) *Das piratas à Internet: 25 anos de rádios locais* (pp. 113-131). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Rosales, R. G. (2013). Citizen participation and the uses of mobile technology in radio broadcasting. *Telematics and Informatics*, 30, 252–257.
- Scolari, C. (2012). Comunicación digital. Recuerdos del futuro. *El profesional de la información*, 21(4), 337-340.
- Simón, F. M. & Rodríguez, J. R. (eds.) (2006). *Repúblicas y ciudadanos: modelos de participación cívica en el mundo antiguo*, Barcelona: Publicacions i Edicions Universitat de Barcelona.
- Tolson, A. (2006). *Media talk. Spoken discourse on TV and radio*. Edimburgo: Edinburg University Press.
- Vacas, F. (2007). *Teléfonos móviles. La nueva ventana para la comunicación integral*. Madrid: Craciones Copyright.
- Videla, J. J. & Piñeiro-Otero, T. (2012). Apps de radio. Movilidad para un medio radiofónico sin límites. *Prisma*, 17. Retrieved from <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/2020>.
- Videla, J. J. & Piñeiro-Otero, T. (2013). La radio móvil en España. Tendencias actuales en las apps para dispositivos móvil. *Palabra Clave*, 16(1), 129-153. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64926739006>.
- Villi, M. (2012). Social curation in audience communities: UDC (user-distributed content) in the networked media ecosystem. *Journal of Audience and Reception Studies* [Vol. Especial], 9, 2, 614-632.
- Wasko, J. & Mosco, V. (1992). *Democratic communications in the information age*. Nova Jérσία: Garamond Press & Ablex.
- Weinberger, D. (2011). *Too big to know*. Nova Iorque: Basic Books.

BIOGRAPHICAL NOTES

Teresa Piñeiro-Otero is a Lecturer and researcher at the University of Coruña (Spain). In 2009, she has gained her PhD in Communication Sciences in the University of Vigo.
E-mail: teresa.pineiro@udc.es
Universidade da Coruña , Rúa da Maestranza, 9 – 15001- A Coruña, Espanha

Fábio Ribeiro is a Research Associate at the Communication & Society Research Centre, where he serves also as a Science and Technology Manager. In 2013 he gained his European PhD in Communication Sciences.

E-mail: fabio.ribeiro@ics.uminho.pt

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Gualtar, 4710-057-Braga, Portugal

* Submitted: 01-04-2015

* Accepted: 02-07-2015

TECNOLOGIAS CARACOL E CULTURAS NA ERA DA MOBILIDADE: COMUNICAÇÃO MÓVEL E IDENTIDADES NO TEMPO/ESPAÇO SHUAR

Saleta de Salvador Agra & Yolanda Martínez Suárez

Resumo

Na antologia móvel e na cosmovisão Shuar dinâmica, cíclica e unidimensional, o tempo transcorre e, com ele, simultaneamente, o espaço. Autores como Ling e Haddon enfatizaram a influência dos telemóveis nos modelos de deslocação e destacaram a “liberdade de contato” que nos oferecem, dada a sua natureza nómada, permitindo libertar-nos do contexto espacial e transladar-nos para o espaço de fluxos comunicativos, onde apenas se mantém o tempo, ou onde, como diria um Shuar, o espaço transcorre em simultâneo com o tempo. Se os aparelhos móveis nos instigam a uma vida nómada, convertendo-nos em caracóis (Fortunati, 2005) que carregam na carapaça toda uma rede de relações, uma análise aos usos dos telefones móveis – desse ponto de vista – e em relação a um povo de tradição nómada como os Shuar, revela-se extremamente pertinente. A metáfora do caracol, que gira em constante espiral e que os Shuar empregam para descrever a sua cosmovisão e o modo como concebem a natureza, recorda a atual tecnologia móvel que todos “carregamos em cima”. O objetivo deste texto consiste, assim, em relacionar as cosmovisões da era móvel com a indígena Shuar, de forma a analisar as similitudes e diferenças na conceção espaciotemporal, assim como as suas repercussões identitárias.

Palavras-chave

Tempo; espaço; telefone móvel; Shuar; identidades

INTRODUÇÃO

A atual idade móvel, ou era móvel, marcada pela comunicação celular, convida-nos a repensar as categorias de espaço, tempo, proximidade e distância. Apela também à reflexão sobre a configuração e a transformação de identidades num mundo em mudança (de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015). Este texto debruça-se sobre estes dois grandes eixos: o espaço-tempo e as suas implicações nas identidades. A fim de percebermos a densidade do fenómeno, procuraremos repensar tais mudanças assumindo a tese de MacLuhan segundo a qual o meio é a mensagem. Também perspetivamos a problematização da tese de Wajcman (2008), autora que denuncia a falta de neutralidade da tecnologia, dado que esta remete para uma visão de mundo especial: a ocidental e masculina.

O texto versa sobre contextos espácio-temporais aparentemente situados à margem da globalização, incidindo, particularmente, na Amazónia equatorial - um “sul dentro do Sul” onde a realidade surge apresentada como “inacessível” e constituída de “conexões intermitentes” (Martinez & Salvador, 2015b, Salvador & Martinez, 2015a) que caracterizam a vida quotidiana das comunidades indígenas, como os Shuar. Tal

permite-nos analisar as particularidades de um caso específico, contribuindo para tornar mais robusto o corpo teórico atual sobre a Idade Móvel (*Mobile Age*).

METODOLOGIA

Para tentar responder a estas e outras perguntas, contamos com os resultados de um projeto de investigação intitulado “Ontologia móvel e tecno-cidadania indígena”, na base do qual fizemos outras publicações (de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015).¹ Trata-se de uma pesquisa realizada com base num estudo de caso dos povos Shuar e Saraguro. O projeto foi financiado pela UTPL (Universidade Técnica Particular de Loja, Equador) em 2014 e desenvolvido sob coordenação de ambas as autoras do presente texto. A recolha de dados decorreu entre os meses de março e julho de 2014, no sul da província equatorial da Amazônia (Zamora Chinchipe), das áreas do Equador onde reside a comunidade indígena Shuar.

Tal como se encontra documentado (de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015), o estudo foi conduzido seguindo o processo da triangulação metodológica, através da combinação de técnicas quantitativas (um inquérito por questionário, anónimo e estruturado) e qualitativas (entrevistas semiestruturadas, observação participante e não participante). A amostra resultante do inquérito por questionário é composta por 135 indivíduos com idades compreendidas entre 12 e 80 anos — 48,1% são homens e 51,9% são mulheres. Este inquérito permitiu recolher informação sobre os agregados familiares de pertença dos inquiridos, compostos, em média, por 3 a 6 elementos.

De forma a aprofundar algumas conclusões obtidas através do inquérito conduziram-se 22 entrevistas semiestruturadas junto dos membros Shuar. As idades dos entrevistados situam-se entre os 18 e os 55 anos, representativos de ambos os sexos. As entrevistas foram transcritas e analisadas segundo as regras de análise de conteúdo temática.

A observação participante foi realizada através dos grupos de discussão sobre tecnocidadania organizados nas comunidades Shaime, Tsarunts, Guayzimi, Zurmi, New Paradise, San Carlos de las Minas e Achunts. Incluímos ainda outras comunidades às quais tivemos acesso: Tiukcha, Zhacay, San Vicente de Caney, Yacuambi, Zamora, Zumbi, La Paz e Guadalupe, todas pertencentes à província de Zamora Chinchipe. Zamora é a província mais meridional das fronteiras do Equador com o Peru e é composta por nove cantões, sete dos quais (Zamora, Yantzaza, Centinela del Condor Paquisha, Yacuambi, The Pangui e Nangaritzza) foram abrangidos neste estudo empírico.

O estudo envolveu a assinatura de um acordo com a Federação Provincial de Shuar Nacionalidade de Zamora Chinchipe (FEPNASH-ZCH) e um cronograma de reuniões com os dirigentes Shuar e com as suas próprias assembleias comunitárias. Tal permitiu-nos aceder às comunidades e realizar os grupos de discussão, o inquérito por questionário e as entrevistas, sempre num quadro de reciprocidade e respeito mútuos.

¹ Para ver informação sobre o projeto, consultar documentos disponíveis em http://smartland.utpl.edu.ec/sites/default/files/ontologia_movil_o.pdf.

BREVES NOTAS SOBRE O POVO SHUAR

Tal como temos frisado noutras publicações baseadas nesta pesquisa de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015) (mas torna-se relevante repetir no sentido da melhor compreensão do fenómeno), os Shuar constituem uma das mais célebres comunidades indígenas da Amazônia. Conhecidos como o povo das cascatas ou redutores de cabeças, os Shuar são uma comunidade que pertence à família jíbara. Shuar, que significa pessoa, é a auto-designação de povos heteronomeados como “Jivaros” de “xivar” conotados com atos de selvajaria. Atualmente, este povo é composto por 110.000 membros que vivem ao longo das fronteiras entre o Peru e o Equador (de Salvador y Martínez, 2015b).. No Equador residem nas sete províncias, sendo as mais numerosas as que se situam no extremo sul: Zamora Chinchipe e Morona Santiago. O último censo, datado de 2010, contava 79.709 Shuar, dos quais 5.474 viviam em Zamora Chinchipe, na província do Equador, onde esta pesquisa se desenvolveu mais intensivamente.

O povo Shuar é tradicionalmente seminómada (de Salvador y Martínez, 2015b). Move-se entre as terras de propriedade comunal da floresta amazónica onde se mantêm até que os solos se esgotem. As casas tradicionais são feitas de materiais perecíveis que protegem a família Shuar durante o período em que a terra é fértil. Povo de hábitos recolectores e caçadores/pescadores, respeitam a natureza e o habitat lhes dá para a alimentação. As festas tradicionais servem para agradecer a fertilidade da terra cíclica, consubstanciada na *chonta*, a palmeira que lhes dá abrigo, pois os pilares das casas são feitas desta madeira. A *chonta* é o fruto com o qual se faz a *chicha*, a bebida sagrada da comunidade Shuar, preparada pelas avós através de um processo trabalhoso e comunitário. Os Shuar são um povo com uma longa tradição de política marcada pela defesa dos costumes e territórios.

A globalização trouxe uma série de mudanças ao seu estilo de vida (de Salvador y Martínez, 2015b). Todavia, os Shuar têm mantido vivo o sentimento comunitário. A estrutura sociopolítica baseia-se na família patrilocal², com ou sem laços de sangue. Um grupo de famílias funda uma comunidade e elege um representante político que as governa e representa fora da comunidade. O seu sistema político é de carácter democrático e muito participativo. Os síndicos, agrupados, por sua vez, em associações e federações provinciais e nacionais convocam assembleias com os vizinhos para decidir sobre assuntos públicos.

Na atualidade, já não conservam os seus trajes tradicionais e os seus artesanatos vão-se folclorizando. Apesar disso, têm consciência da importância de se socializar com o seu idioma, o *shuar-Chicham*, de base oral que se defende ante a influência crescente do castelhano nas suas comunidades.

Este povo, tradicionalmente guerreiro e muito zeloso do seu território, é hoje uma comunidade conectada com o mundo, física e virtualmente, se bem que de um modo “descontínuo” ou “intermitente”, com várias brechas (Martinez, de Salvador & de

² As sociedades patrilocais são aquelas nas quais a tradição dita que as famílias se formem na comunidade do marido, sendo que as mulheres são de fora da comunidade, vem para casar na terra do marido, deixando longe a sua aldeia e família de origem.

Salvador, 2015). As comunidades Shuar, dado o progresso tecnológico e o avanço das vias de comunicação no espaço da amazônia do Equador, gozam de distintos níveis de acesso (de Salvador y Martínez, 2015b).

TEMPO / ESPAÇO CÍCLICO NA ERA MÓVEL E NAS COSMOVISÕES SHUAR

Segundo o teórico Lynch “o primeiro resultado relevante das telecomunicações prende-se com as alterações que provocam nas relações espaciotemporais entre indivíduos e, em consequência, na representação recíproca dos seus respetivos territórios” (Lynch, 2010, p. 78). Tais mudanças, fruto da chamada desterritorialização para a qual nos remetem as tecnologias digitais móveis, remete-nos para a existência de um intervalo espacial e temporal dinâmico que constitui o quotidiano. Seguindo as palavras de Duque, integrando as ideias de Thompson, as tecnologias, concretamente os telemóveis, projetam os sujeitos numa “simultaneidade desespacializada” (Duque, 2010, p. 49) e, por isso, se assume que os sujeitos, ao fazerem uso delas, partilham um espaço desterritorializado e, igualmente, um tempo comum.

As mudanças espaciotemporais provocadas pelas tecnologias são percebidas do seguinte modo, pelos nossos protagonistas³:

Agora, neste tempo, são mais os jovens, porque os mais velhos quase não, porque pouco interesse têm nisso, porque não deixam - assim o dizemos nós - os aparelhos, esses telemóveis e outros, não nos deixam trabalhar, fazem-nos deter neles. Então, deixam-nos... mudam-nos. As tecnologias mudam-nos, chama-nos mais ao telemóvel e não nos permitem nem o trabalho, nem o estudo. (Entrevistado 4, 40 anos)

Ah, olha, eu digo-te: a diferença é que, por exemplo, os teus avós sabiam a que hora amanhecia. Sabiam a que hora era meio dia através da observação da melodia do canto do galo. Pela manhã, sabiam a que horas estava a amanhecer, a que hora era madrugada, porque os pássaros começavam a chilrear e a rãs, igual. A que horas começa a entardecer, ou seja, sabiam tudo isso através dos sons. Ao invés, agora, nós não temos a agenda. É através do telemóvel que tu organizas e fixas um alarme. Tu dizes, por exemplo: – “agora mesmo o meu telefone vai tocar porque tenho de ir almoçar, porque tenho que sair com a minha filha!”. Portanto, vê lá tu! Essa é a diferença: o toque do telemóvel do Shuar no mundo rural tem muitos sons. (Entrevistada 21, 43 anos)

Claro, com certeza que há mudanças. Antes era assim: fixávamos tal data, tínhamos de cumprir. Agora, por exemplo, há mudanças: planeei algo para

³ A língua mãe dos Shuar é designa-se como shuar-chicham, idioma oral, cujas estruturas gramaticais e sintáticas distam do espanhol. Temos pretendido manter intactas as suas formas de expressão dado que as entrevistas se realizaram sempre em castelhano. O exercício de tradução para português poderá alterar algum elemento constituinte da língua.

um domingo e nesse domingo acabou por acontecer algo mais urgente. Então, agora, falo rápido através do meu telemóvel e digo: “desculpe-me, mas tenho de sair por causa de outra coisa”. Então, já aí vê as mudanças. Agora tudo é mais fácil, rápido. Então, seguindo estes caso, antes não saberia como avisar alguém e tinha de ir, ficava mal com ela ou ele, gerando desconfiança. (Entrevistado 1, 22 anos)

Tudo se converte num ciclo vicioso e a cada momento queres usar estes dispositivos e uma pessoa acaba zozona, ou, não sei, desviam-se coisas, mas, quanto a controlar o tempo ou o trabalho que cada um de nós tem, pode-se inclusivamente, organizar-se melhor, devido às aplicações que tens ali, para a tua agenda, o teu trabalho, as tuas reuniões, etc. É muito útil. Eu digo que é tudo uma única coisa e podes carregá-lo facilmente. (Entrevistado 11, 28 anos)

A circunstância dos telemóveis fez com que se pudessem organizar melhor as coisas, pelo facto de se prolongar ... Geralmente nós também os usamos como despertadores ou como organizadores para o tempo. Temos já o tempo organizado. Acredito que isso é muito importante porque, às vezes, uma pessoa está distraída por aí e o telemóvel pode ajudar a saber o tempo. (Entrevistada 13, 45 anos)

(A tecnologia móvel) Influencia muito porque, às vezes, muda o tempo e, comparado ao tempo que seria na época dos nossos ancestrais era um pouco confuso (sic), porque agora a tecnologia, os telemóveis, pelo menos, às vezes não é tão necessário ter relógios e o tempo, às vezes, ajuda-nos através do telemóvel, da tecnologia, e isso pouco a pouco, vai mudando na nossa cultura. (Entrevistado 12, 35 anos)

Na cosmovisão Shuar dinâmica, cíclica e unidimensional o tempo transcorre e, com ele, simultaneamente, o espaço. Como indica um estudioso Shuar, a propósito da sua cultura “a conceção cíclica do espaço-tempo permitiu fazer girar a vida do homem Shuar numa mesma dimensão, distintamente do que acontece na conceção ocidental⁴” (Shakai, 2008, p. 32). Autores como Ling e Haddon (citado em Castells et al., 2006, p. 269) enfatizaram a influência dos telefones móveis e da micro coordenação nos modelos de deslocação e chamaram a atenção para a “liberdade de contato” que nos oferece esta nova tecnologia, dada a sua natureza nómada, permitindo aos sujeitos libertarem-se do contexto espacial físico e trasladarem-se para o espaço dos fluxos comunicativos, onde apenas o tempo se mantém. Ou, onde, como um Shuar evidenciaria, o espaço transcorre em simultâneo com o tempo (*Tsawant*), dimensão total do espaço-tempo, que “não tem tempos prefixados” (Shakai, 2008, p. 33). Unidimensionalidade, desterritorialização

⁴ Para aprofundar a conceção temporal do Ocidente, veja-se, por exemplo, Duque (2014).

e nomadismo são, com as suas particularidades, os três traços principais da cosmovisão Shuar e da era móvel. Então, em que medida se vê reforçado o nomadismo Shuar com a apropriação da tecnologia móvel nestas comunidades indígenas? Que repercussões tem para o nomadismo Shuar a atual desterritorialização tecnológica? A apropriação da tecnologia móvel modifica a sua conceção espaciotemporal?

Perante uma conceção linear e progressiva, a cosmovisão Shuar recorre, sob a égide do termo *Tsawant*, a um pensamento dinâmico e cíclico (transcurso de um começo em que o fim é um novo começo) que se distancia de uma racionalidade evolucionista (retilínea, entre um começo e um fim), abraçando conceções cosmológicas orientais e, inclusivamente, remetendo para a conceção cíclica da antiga Grécia. A *Tsawant*, como tempo e espaço, categoria unitária que engloba indivisivelmente ambos os conceitos, tem a sua tradição em *Kichwa* com a palavra *Pacha*: o mundo. Estas duas culturas, co-existent na Amazônia sul equatorial, partilham – entre outros traços - da visão unidimensional do espaço e do tempo.

No marco da cosmovisão andina, própria dos *Kichwa*, de Zamora-Chinchipec, estão presentes dois mundos: o da *Allpamama* – microcosmos – e a *Pachamama* – macrocosmos que comunicam entre si através de uma ponte. A *Pachamama* é a parte feminina criadora – junto com o *Pachakamak*, a parte masculina e dadora de vida. O *Allpamama*, ou mãe terra, é “dinâmica porque transforma a energia que flui em círculos concêntricos” (Japón, s/f, p. 11). Esta conceção dualista -*Allpamama/Pachamama*- é partilhada pela cosmovisão Shuar, mais próxima de conceções como a platónica (mundo sensível/mundo inteligível ou mundo das Ideias). A Terra é para os Shuar “uma ilha rodeada pelo céu” (Barriga, 1986, p. 63). O mundo da vida (*Nunka*) é um ensaio para o mundo autêntico – o mundo real ou divino (*Nayaimp*), ao qual se acede através de uma liana que se liga mediante o consumo de certas substâncias (como a *Ayahuasca* ou *nantem*). Substâncias estas que se tomam na companhia de um ancião sábio (o *Wea*).

As divindades Shuar (*Arutam*) estão na natureza – o habitat desta comunidade nómada que aproveita com gratidão um fragmento de selva amazónica. As *jeas* ou *geas*, casas tradicionais dos Shuar, representam, pela sua construção, a cosmovisão deste povo indígena. Assim, o teto simboliza o céu, as paredes são o horizonte que limita a terra. O piso do solo é a própria terra e, finalmente, no subsolo situa-se o mundo divino dos deuses e das almas (Barriga, 1986). As *jeas* são feitas de *jonta*⁵, o que as torna perecíveis. Tradicionalmente, duravam o tempo do próprio assentamento de uma família num certo lugar. Quer dizer, os anos que a terra da selva tardava em esgotar-se na caça, pesca e recolção. Os hábitos de vida dos Shuar estão determinados pelo nomadismo, ou seminomadismo, se bem que, atualmente, como dissemos antes, os movimentos migratórios para as cidades por questões laborais ou estudos, a penetração da exploração mineira na selva equatorial e a consequente diminuição das terras comunitárias tenham

⁵ *Uwi nijiamtamu* ou festa da *chonta* e, juntamente com a festa da *tsantsa* (redução de cabeças) uma das principais celebrações tradicionais do povo Shuar. Na festa da *chonta*, os shuar dedicam cânticos à árvore da vida (*chonta*) cujos frutos são divinos. O ritual celebra a fertilidade da natureza que se renova com cada florescimento da *chonta* (cada doze meses), representando a unidade espaciotemporal equivalente ao ano. A não celebração da festa da *chonta* sugere morte (Barriga, 1986).

transformado os hábitos seminómadas tradicionais desta comunidade, convertendo-os em nómadas contemporâneos. Além destas mudanças, cabe analisar a incidência da introdução dos dispositivos de comunicação móveis nas comunidades indígenas Shuar, nos hábitos de vida e, também, no seu próprio modelo de nomadismo.

Os shuar entrevistados falam das mudanças introduzidas pelos telefones móveis mostrando como os telemóveis reforçaram alguns dos seus traços típicos. Podemos observar que a percepção que têm os Shuar sobre as mudanças introduzidas pelas tecnologias móveis nos seus hábitos nómadas tradicionais estão relacionadas com o facto de os telemóveis acabarem por reduzir o seu nomadismo, nomeadamente o nomadismo que se deve à necessidade de comunicar entre si. Neste sentido também indicam que, no nomadismo tradicional, a deslocação a pé é modernizada devido ao uso dos telefones móveis que permitem que se possa fazer uma chamada para conseguir mais rapidamente um outro meio de locomoção, fazendo um percurso mais extenso de forma cómoda e mais rápida:

Bom, eu penso que mudou, no sentido em que, quiçá, antes o utilizamos por diversão, como lhe digo, por moda, para estarmos mais atualizados, mas hoje em dia, já o utilizamos como um meio em geral positivo para o trabalho, o estudo, para estar em contato com os nossos familiares a partir de lugares diferentes, distantes. Então, já não é necessário viajar e fazer tanta coisa. Então, o mais fácil. Eu penso assim: que na atualidade, no meu ponto de vista, agora, é com essa facilidade dada pela tecnologia que comunicamos entre nós, de modo mais fácil. (Entrevistado 1, 22 anos)

(O telemóvel) “(...) faz-nos poupar muitas viagens. Às vezes, podemos só fazer comunicações por telemóvel, uma chamada ou mensagem e não temos de perder mas tempo, a viajar para tal ou tal lugar. Nos poupamos (agora) viagens. (Entrevistada, 18 anos)

Agora somos, todo o mundo tem telefones para poder comunicar-se entre família, em caso de emergências, assim algo que acontece sem mais nem menos. Ao contrário, no caso de dirigirmos daqui a Pngui, é... longe. Se você vem de Pincho ou de Panguí, são muitos quilómetros para chegar aqui em casos de emergências e assim. Através do telemóvel pode-se chamar, digamos, ou dez ou quinze minutos antes e o carro chega aqui. (Entrevistado 9, 26 anos)

A relação não monádica ou unitária é a essência da cosmovisão andina, à semelhança do que acontece com o povo da amazónica Shuar, pois ambas defendem uma série de traços distintivos, entre os quais se destaca: a relação e o espírito comunitário, assim como a conceção da natureza como um ser de conotações materiais e espirituais, num ciclo dinâmico espaciotemporal unidimensional. Como os Shuar, os Kichwa-Saraguro são nómadas. Uma marca dos seus trajes, o alforge para levar as suas mercearias

de um lugar para outro, conta o seu passado de movimentos migratórios, desde a Bolívia (*mitimaes*) ao Peru (*cusqueños*). Segundo diversas teorias, de sua origem prévia o equatoriano, que não se encontra consenso. Quais caracóis que transportam na sua concha, o seu alforge, a sua casa e agora, o seu telemóvel.

Os dois povos presentes no território equatorial concebem do mesmo modo a totalidade espaço-temporal. Esta lógica, do fluxo de experiências contíguas, transmite-se de forma quase natural com a contemporânea Era Móvel (espaço fluxos-tempo), fazendo da metáfora do caracol, que transporta sua identidade às costas, um fiel reflexo desse dinamismo. Empregando as palavras de Shakai a respeito da sua cultura Shuar: “Assim, conseguem entender que a natureza não é estática mas que se move gerando dinâmica comparando-a com um caracol que gira de maneira espiral e aberta” (Shakai, 2008, p. 31).

O caracol é tomado como metáfora na dupla aceção: a espiral que gira sobre si mesma sem distanciar-se nunca do seu centro, num movimento unidimensional que mostra o dinamismo da natureza, a concha como portador de identidades que nos permite, qual alforge, acarretar as nossas senhas de identidade, o nosso lar, toda a nossa rede de relaciones, encerradas de este modo numa concha, contidas, agora, na carcaça metálica do dispositivo móvel: das tecnologias caracol.

TECNOLOGIAS CARACOL: IDENTIDADES NÓMADAS

Se os telefones móveis nos aproximam de uma vida nómada, convertendo-nos em caracóis (Fortunati, 2005) que carregamos na nossa carapaça toda a nossa rede de relações, como um variedade de possibilidade reais em cada instante, por obra e graça da hiperconectividade, uma análise das implicações da apropriação da telefonia móvel⁶ — desde esta perspectiva por parte de um povo de tradição nómada, como os Shuar, completada com a cosmovisão dos Kichwa-Saraguros da Amazônia equatorial, afigura-se especialmente interessante. Tal como afirma uma entrevistada:

Os telemóveis podes usá-los em qualquer lugar, podes levá-los nos teus bolsos e inclusivamente na tua bolsa, em contrapartida os filhos só os podes ter em casa, e pronto, assim podes comunicar-te com as pessoas que ficam em casa. (Entrevistada, 18 anos)

A citação reflete a mudança ontológica entre “estar ao telefone fixo” e “estar ao telefone móvel” que destacavam Plant (2001) e Ferraris (2005) nos princípios do século XXI. O “estar” transforma-se e com ele o “ser” emerge mostrando a mutação sobre nós mesmos. Da pergunta “quem és?”, como resposta ao telefone fixo, passamos à questão “onde estás?” que dá por suposta a identidade (aparece o nome no ecrã). Com o telefone móvel, como se demonstra no uso da metáfora do caracol, a identidade, a casa, vai com os sujeitos: (os telemóveis) “tem a vantagem de o levarmos e poder receber as chamadas,

⁶ Neste sentido, a apropriação dos Shuar estaria em correspondência com o que afirma Rosalía Winocur (2008) “Diferentemente de outras tecnologias, o uso do telefone móvel passou por um processo de reapropriação simbólica por parte dos vários grupos sociais (...), como os pobres, os indígenas, os imigrantes, os idosos e as crianças.” (p. 186).

onde formos” (Entrevistada 3, 18 anos). Quer dizer, o telemóvel surge como um elemento compósito da identidade e, assim, perdê-lo pode significar uma “grande ausência”

Houve um tempo em que sofria bastante por não ter um telemóvel próprio. Isso foi a grande ausência e, desde que tive telemóvel, realmente mudei muito em relação à comunicação. Sem telemóvel não sinto-me nada. Assim, desaparecido. E, quando utilizo outro dispositivo emprestado às vezes a gente sente-se dono dessa máquina e tem sempre o receio de poder estragar ou causar algum dano na máquina, etc. Então, tratei de conseguir um bom telemóvel que me possa dar a melhor satisfação que preciso. (Entrevistado 11, 28 anos)

Os Shuar estão conscientes da importância atual da tecnologia móvel e da presença do povo shuar como cultura dentro deste “tempo moderno”:

(O telemóvel) ajuda-nos também a manter a nossa identidade, nossa cultura, para que também seja parte dessa tecnologia, porque estamos a utilizar tecnologias avançadas. Não nos podem impedir de nenhum modo, porque, para nós, também é melhor. Praticar a cultura também é fazer parte da tecnologia que se vive no tempo moderno. (Entrevistado 12, 35 anos)

Os Shuar também têm presente que, no seu telemóvel, transportam a sua rede de relações. É uma crise se o perderem, pois, com ele, não só se extravía um dispositivo, mas toda uma série de contatos familiares e pessoais. Essa crise reforça a ideia de que o telefone móvel é identidade pessoal, a identidade “estendida” na atual Era Móvel. A ausência ou a perda do telefone móvel é interpretada por Stald (2008) como um desafio que supõe três implicações, a saber: i) a adaptação à rede social, ii) a própria posição social, isto é, fazer parte das atividades sociais e iii) a auto-perceção da identidade.

Ora vejamos: é caricato mas é que acabei de perder o telemóvel. Estava a viajar até Guayzimi e coloquei-o no bolso de trás das minhas calças. Cheguei lá, queria fazer uma chamada e vi que não estava com o telemóvel. Então, tudo ficou desastroso para mim, porque perdi os meus contatos. Não deu em nada. Foi frustrante porque tive de voltar para reaver os contatos. Inclusivamente perdi números, os contactos do meu pai em Quito. Então, como só tinha registado no telemóvel, e tudo isso, eu fui para trás para começar de novo. (Entrevistada 7, 29 anos)

Há muitos anos atrás, quando, ou seja, eu estava com ciúmes. Digamos que você tinha telefones celulares e eu não tinha. E sentia [ciúmes], quando eles tinham e eu não tinha como comunicar-me. (...) Sentia-me, assim, que eu não era nada! Que eu não era nada importante. Mas, depois que consegui comprar um telemóvel, e já, claro, tive os meus contatos, com amigos, com a juventude, com a minha infância. (Entrevistado 9, 26 anos)

A falta de tempos prefixados deste povo nómada traduz a flexibilidade, uma característica elogiada pelos estudiosos das tecnologias digitais móveis. A metáfora do caracol - que gira em espiral constante e que os shuar usam, como explicitado, para descrever a sua cosmovisão e caracterização da natureza, faz lembrar a atual tecnologia móvel que todos carregados (transportamos em cima).

Na mitologia Shuar, o caracol -*Kunku*- representa a reciprocidade entre os dois pólos femininos – a constância (*Kunku*) e a prosperidade (*Nunkui*) - que, ao se fragmentarem-se, rompem o equilíbrio provocando a perda de prosperidade para o povo Shuar. *Nunkui* (a prosperidade, personificada e simbolizada na figura de uma menina) acaba-se quando a *Kunku* (a constância por mimar a *Nunkui*) a deixa só. Quando a humanidade se dá conta das consequências de tal perda, tenta reter a prosperidade (*Nunkui*), mas já nada pode conservar a não ser uma lembrança desta: as pedrazitas *nantar* que cada mulher Shuar deve ter para assegurar o bem-estar na sua casa. É assim que a metáfora do caracol, interpretada por dentro da cosmovisão Shuar, é especialmente interessante no contexto do estudo das mudanças trazidas pela era móvel: representa a base para a sobrevivência, através da produção de alimentos. *Kunku* (o caracol) e a condição de vida, reforçando, assim, a metáfora do caracol como identidade.

Os kichwa-Saraguro, que partilham com os Shuar, como já assinalámos, a zona de residência no sul da Amazônia equatorial, na província de Zamora Chinchipe, recorrem a outra forma de caracol, a concha (*churu/churo*), como símbolo de comunicação, de dinamismo. A concha é o meio tradicional de comunicação andina. Para além de uso musical, os indígenas kichwa-Saraguro usam-na para comunicar entre si e mandar mensagens às comunidades mais remotas.

Se admitirmos que somos tecnocaracóis com uma concha dura e rígida que é móvel, a sua forma espiral lembra-nos que nos podemos ir distanciando do centro (de nós) enquanto gira em torno de nós mesmos.

Esta lógica da espiral, sem começo nem fim orbita, assim, entre:

1. A portabilidade do telefone móvel permitir “de-distanciarmo-nos”, segundo o jogo de palavra proposto por Kittler (2010), isto é, trazer à proximidade, ao nosso presente espaço-temporal, o longe/distante. O próprio facto de a tecnologia ser portátil transporta-nos a lugares distantes sem perder as coordenadas espaço-temporais físicas, tal como tínhamos apontado na seção anterior.
2. A personalização (capas, coberturas, tons, etiquetas, fotografias, música, vídeos, etc.) dos próprios telefones nos remeter para nós mesmos, isto é, falam de nós por fora e por dentro. Usando as palavras de um representante político democrático Shuar, pertencente a uma das comunidades indígenas de Zamora-Chinchipe:

Bem no meu telemóvel, bem o que eu, às vezes, coloco fotos antigas (lejos), coloco fotos da minha esposa, dos meus filhos, às vezes, os meus companheiros perguntam-me às vezes, assim, às vezes: “tens algumas fotos da tua paróquia?” Digo-lhe que as tenho (no telemóvel). (Entrevistado 6, 38 anos)

A portabilidade e a personalização são duas das características que, perspetivadas a partir do seu contexto remoto, de acesso limitado e cobertura intermitente, confirmam que “a incorporação do telefone móvel na vida diária do ser humano não só altera as

dimensões do tempo e do espaço, como também modifica a sua percepção e maneira de relacionar-se com o ecossistema (Fidalgo et al., 2013, p. 545). Nesse sentido, transforma as identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como havíamos assinalado noutros trabalhos (de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015), a apropriação dos telefones móveis por parte das comunidades Shuar desencadeia uma série de particularidades no que respeita à conceção spatiotemporal, assim como aos processos de configuração identitária deste povo.

A unidimensionalidade própria da cultura Shuar, que concebe o tempo-espaço como um só elemento, parecera confluir com o espaço dos fluxos comunicativos móveis e com o tempo intemporal (Castells et al., 2006). Contudo, posto que a apropriação das tecnologias móveis se dá desde que a cultura Shuar começou a ser influenciada pela cosmovisão ocidental (por exemplo, os hábitos de trabalho e de estudo mudaram) a apropriação tecnológica representa certas alterações na comunhão-com a natureza — a base do dinamismo Shuar. Como indica um dos entrevistados Shuar, os alarmes dos celulares estão a substituir os sons da natureza como indicações espácio-temporais para os membros das comunidades.

De outro lado da metáfora do caracol – o da identidade - observa-se como o nomadismo desta nacionalidade indígena, que, em teoria, parecia relacionar-se de forma natural com a cosmovisão da Era Móvel, se vê reduzido agora, quando a sua causa é comunicativa, já que se substituem os pés pelas rodas dos veículos. Chamamos através dos telemóveis para que nos ajudem. De novo, a situação de aculturação presente nestas comunidades indígenas pode representar uma explicação sobre a separação entre os sistemas ou ideologias Shuar e a tecnologia móvel quando, em princípio, e a nível teórico, se apresentavam de forma uniforme (semelhante).

A apropriação tecnológica dos telemóveis pelos povos da selva amazónica equatorial implica uma série de repercussões identitárias, não só porque as tecnologias transportam uma carga ideológica (Wacjman, 2008), mas também porque o contexto de apropriação é um contexto já influenciado pelas culturas ocidentais. Os Shuar que estudámos estavam a perder a sua cosmovisão, muito antes da chegada dos telefones móveis e já se apropriaram dos telemóveis a partir de uma base constituída por uma cultura estrangeira. Como nas sociedades “modernas” (Stald, 2008), nas sociedades amazónicas, o telefone móvel representa um apêndice da identidade. Perdê-lo implica uma “grande ausência” e esta gera uma série de consequências negativas para os sujeitos, que sentem a necessidade de recuperar e conservar o seu tecnocaracol. //

REFERÊNCIAS

Barriga, F. (1986). *Etnografía ecuatoriana II. Shuaras*. Quito: Instituto Ecuatoriano de Crédito Educativo y Becas (IECE).

- Castells, M., Fernandez, M.; Lichuan, j. & Sey, A. (2006). *Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global*. Barcelona: Ariel.
- De Salvador Agra, S. & Martínez Suárez, Y. (2015a). Apropiaciones comunitarias del teléfono móvil en los indígenas shuar. *Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo*, 1, 41- 49, Acedido em <http://www.usc.es/revistas/index.php/ricd/article/view/2178/2461>.
- De Salvador Agra, S. & Martínez Suárez, Y. (2015b). Nomadism and Intermittent Ubiquity in 'Off the Grid' Shuar People. *Communication & Society*, 28 (4), 87-105. Acedido em http://www.unav.es/fcom/communication-society/es/resumen.php?art_id=549.
- Duque, E. (2014). É possível sair do presente? Uma teoria prospetiva. In E. Araújo; E. Duque; M. Franch & J. Durán (Eds.), *Tempos Sociais e o Mundo Contemporâneo - As Crises, as Fases e as Ruturas* (pp.154- 169). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.
- Duque, F. (2010). Ontología negativa. Móviles sin sustancia, distancia sin sitios. In G. Aranzueque (Ed.), *Ontología de la Distancia. Filosofías de la Comunicación en la Era Telemática* (pp. 23-55). Madrid: ABADA Editores.
- Aranzueque, G. (2010). *Ontología de la distancia. Filosofías de la comunicación en la era telemática*. Madrid: ABADA Editores.
- Ferraris, M. (2005). *Dove sei? Ontologia del telefonino*. Milano: Bompiani.
- Fidalgo, A.; Telleria, A.; Carvalheiro, J.R.; Canavilhas, J. & Correia, J. (2013). El ser humano como portal de comunicación: La construcción del perfil en el teléfono móvil. *Revista Latina de Comunicación Social*, 68. Acedido em http://www.revistalatinacs.org/068/paper/989_Corvilha/23_Telleria.html.
- Fortunati, I. (2005). Mobile phone and the presentation of self. In R. Ling & E. Pedersen (Eds.), *Mobile Communication and the Re-Negotiation of the Social Sphere* (pp. 203-18). Londres: Springer.
- Japón Gualán, R. (s/f). La cosmovisión andina. In M. A. Martín López (Coord.), *Los Saraguros. Cosmovisión, Salud e Identidad Andina: Una Mirada desde sí Mismos* (pp. 9-38). Espanha: Diputación de Córdoba
- Kittler, F. (2010). El Des-alejar. In G. Aranzueque (Ed.), *Ontología de la Distancia. Filosofías de la Comunicación en la Era Telemática* (pp. 9-21). Madrid: ABADA Editores.
- Lynch, E. (2010). La felicidad de la nómadas. In G. Aranzueque (Ed.), *Ontología de la Distancia. Filosofías de la Comunicación en la Era Telemática* (pp. 75-99). Madrid: ABADA Editores.
- Martínez Suárez, Y. & de Salvador Agra, S. (2015). Objetos nómadas digitales: caso de estudio las comunidades shuar ecuatorianas. *Comunicação, Midia e Consumo*, 12(33), 73-91. Acedido em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/889>.
- Martínez Suárez, Y.; de Salvador, Agra, S. & de Salvador, González, X. (2015). Triplemente marcadas: desconexiones comunicativas en la Amazonía sur ecuatoriana. *Cuadernos.info. Comunicación y medios en Iberoamérica*, 36, 89- 107. doi: 10.7764/cdi.36.716 Acedido em <http://www.cuadernos.info/index.php/CDI/article/view/716/pdf>.
- Plant, S. (2001). *On the mobile. The effects of mobile telephones on social and individual life*. Acedido em http://www.momentarium.org/experiments/7a1ome/sadie_plant.pdf.
- Shakai, M. (2008). *Las costumbres, ritos y creencias de la cultura shuar como generadoras de las manifestaciones de reciprocidad y comunitareidad en la zona de Chiguaza*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Cuenca, Cuenca, Equador.

Stald, G. (2008). Mobile identity: Youth, identity, and mobile communication media. In D. Buckingham (Ed.), *Youth, identity, and digital media* (pp. 143-164). Cambridge: The MIT Press.

Wajcman, J. (2008). *Tecnofeminismo*. Madrid: Cátedra.

Winocur, R. (2008). El móvil, artefacto ritual para exorcizar la otredad. In M. B. Albornoz & M. Cervino (Comp.), *Comunicación, Cultura y Política*. Quito: Flacso 50 años.

Traduzido do espanhol por Ana Moreira

FINANCIAMENTO

Este trabalho apresenta os principais resultados de uma investigação financiada pela Convocatória de Fundos Internos de Investigação da Universidade Técnica Particular de Loja, 2014.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Saleta de Salvador Agra é doutorada em Filosofia e doutorada em Semiótica e mestre em Género e Políticas Públicas. É membro do Instituto de Comunicação, Universidade Autónoma de Barcelona (InCom-UAB) e investigadora associada da Cátedra UNESCO de Cultura e Educação para a Paz, UTPL- Equador. É atualmente professora na Universidade de Vigo, Espanha.

E-mail: saletadesalvador@gmail.com

Universidade de Vigo, Facultade CC. da Educación, Campus das Lagoas, Ourense, Espanha

Yolanda Martínez Suárez é doutorada em Filosofia e membro Instituto de Comunicação, Universidade Autónoma de Barcelona (InCom-UAB) e investigadora associada da Cátedra UNESCO de Cultura e Educação para a Paz, UTPL- Equador.

E-mail: dalanyom@gmail.com

Instituto de Comunicação, Universidade Autónoma de Barcelona (InCom-UAB), Campus UAB - Edifici N, planta 1, E-08193 Bellaterra (Cerdanyola del Vallès), Barcelona, Espanha

* **Submetido: : 18-06-2015**

* **Aceite: 21-07-2015**

SNAIL TECHNOLOGIES AND CULTURES IN THE AGE OF MOBILITY: MOBILE COMMUNICATION AND IDENTITIES IN THE SHUAR TIME/SPACE

Saleta de Salvador Agra & Yolanda Martínez Suárez

Abstract

In mobile ontology and in the Shuar dynamic, cyclic, one-dimensional worldview, time and space flow simultaneously (de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015). Authors such as Ling and Haddon emphasised the influence of mobile phones on human movement patterns, pointing out that they offer “freedom of contact”, given their nomadic nature, and the possibility to free ourselves from the spatial context and enter a space of communicative flows, where only time exists. The Where - as a Shuar would say - that is, Space, marches on together with time, in a global spatial-temporal dimension. Since mobile phones draw us closer to a nomadic life, turning us into snails (Fortunati, 2005) that carry a whole network of relationships in the back, an analysis of the uses of mobile phones (from this point of view) by a nomadic people such as the Shuar seems particularly interesting. The endlessly spiralling snail metaphor, which the Shuar use to describe their worldview, and the characterisation of nature resemble today’s mobile technology we all carry about. This essay is intended to emphasise the worldviews of the Mobile Age and the Indigenous, Shuar Age so as to analyse the similarities and differences in the spatial-temporal conception, as well as its impacts on identity.

Keywords

Time; space; mobile phone; Shuar; identities

INTRODUCTION

Today’s Mobile Age has turned mobile communication into its flagship, compelling us to reconsider categories such as time and space, closeness and distance, inviting us to reflect upon the configuration and transformation of identities in a different world (de Salvador & Martínez, 2015b; Martínez & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015). This essay will turn around these two axes: identity and the spatial-temporal dimension. In order to rethink these changes, we must go back to a remote context and put to the test McLuhan’s theory (“the medium is the message”) and also Wajcman’s (2008), who argues that technologies are not neutral, as they push us towards a specific worldview: the masculine western worldview. By placing ourselves in the boundaries of globalisation, in the Ecuadorian Amazonia (a South within the South), where reality is filtered through the “Off the Grid” and the “intermittent connections” (Martínez & Salvador, 2015b; Salvador & Martínez, 2015a) of everyday life in indigenous communities like the Shuar, will make it possible for us to analyse the specificities of a given case study, contributing to the existing *corpus* on the Mobile Age. Thus, we should wonder how the indigenous traditions

of this people from the Ecuadorian Amazonia combine with today's Mobile citizenship scenario, how do the Shuar ancestral worldviews fit in the language of the Mobile Age.

METHODOLOGY

In order to try to find an answer to these and other questions, we will use as a starting point the results of the research project "Ontología Móvil y Tecno-ciudadanía indígena. Caso de Estudio las comunidades Saraguro y Shuar", funded by the UTPL in 2014 and directed by the undersigned authors and on the basis of which we made other publications (de Salvador & Martínez, 2015b; Martínez & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015)¹. Data was gathered between March and July 2014, in Zamora Chinchipe, the southernmost province in Ecuadorian Amazonia, one of the areas of Ecuador where the Shuar people lives.

As it is documented by de Salvador and Martínez, 2015b; Martínez & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015), the study was carried out using a triangulation method combining quantitative (anonymous structured surveys) and qualitative ²(*ad hoc* workshops, in-depth interviews and participant and non-participant observation) methods. The sample for the structured surveys consisted of 135 subjects between 12 and 80 years old, with an average age of 28.7 (50% of the sample was aged between 16.7 and 38.6). The sample was sorted by gender, showing the following result: 48.1% male respondents and 51.9% female respondents. The extended sample (the questionnaire was designed to gather the full data of the relatives with which each respondent lived) consists of 571 subjects, 532 of which are over 5 years old. The average households consist of 4.8 members (50% of households consist of 3 and 6 members). This initial surveyed sample was further completed with a qualitative sample of 22 respondents. As to the in-depth interviews, the age range of the Shuar respondents is between 18 and 55, which guarantees a balanced sample from the points of view of education level and gender.

Participant observation was implemented during the techno-citizen workshops carried out in the communities of Shaime, Tsarunts, Guayzimi, Zurmi, Nuevo Paraíso, Wants, San Carlos de las Minas and Achunts, as well as in the other communities we could access: Tiukcha, Zhacay, San Vicente de Caney, Yacuambi, Zamora, Zumbi, La Paz and Guadalupe, all of them in the Zamora Chinchipe province. Zamora is the southernmost province of Ecuador; bordering Peru, it is divided into nine cantons, and it was in seven of those cantons (Zamora, Yantzaza, Centinela del Cóndor, Paquisha, Yacuambi, El Panguí and Nangaritzá) that this empirical study was made.

The methodology used was designed for the occasion, and it involved a necessary methodological modification during the first stage of the research due to the contextual specificities (de Salvador & Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et

¹ Information is available at http://smartland.utpl.edu.ec/sites/default/files/ontologia_movil_o.pdf.

² Whereas the quantitative methodology was applied only in the Zamora Chinchipe province, the in-depth interviews were conducted in the two provinces in which the main Shuar settlements can be found, Zamora Chinchipe and Morona Santiago, in the Ecuadorian Amazonia.

al., 2015). It started out with the signature of an agreement with the Federación Provincial de la Nacionalidad Shuar de Zamora-Chinchiipe (FEPNASH-ZCH) and a series of meetings with the Shuar leaders and with the community assemblies, after which we were allowed to access the different communities and carry out the workshops and conduct the surveys and the in-depth interviews. The whole interaction took place in an atmosphere of reciprocity and mutual respect.

SOME BRIEF COMMENTS ON THE SHUAR PEOPLE

As stated in the other publication based on this research (de Salvador & Martínez, 2015b), but it is important to repeat in order to generate a better comprehension of the phenomenon, the Shuar nation is the most famous Amazonian indigenous peoples. And is one of the most famous tribes all over the world. They are also known as the Waterfall People, the Headshrinkers, or the “jíbaros” (de Salvador & Martínez, 2015b). Currently, this nation consists of approximately 110,000 members who live on the border between Peru and Ecuador. More specifically, in Ecuador their settlements are scattered among the seven provinces of the Ecuadorian Amazonia, being more abundant in the southernmost ones, namely, Zamora Chinchipe and Morona Santiago. According to the latest 2010 national census, there are 79,709 Shuar, 5,474 of which lived in Zamora Chinchipe, the Ecuadorian province in which this research was mainly conducted.

The Shuar is a seminomadic people (de Salvador & Martínez, 2015b). They travel around the community-owned lands of the Amazon forest, staying in each area while the soil remains fertile. Their traditional houses are built in perishable materials, which shelter Shuar families during that fertile period. Being mainly gatherers and hunters, the Shuar respect the habitat they live off and worship nature. Their traditional celebrations commemorate the cyclic fertility of the land, represented by the *chonta* (peach palm), which provides them both with food and shelter, as its wood is used to build the pillars of their houses. The fruit of the *chonta* is used to make *chicha*, the sacred beverage of the Shuar. The *chicha* is made by having women chew the fruits, a laborious process in which the whole community takes part. The Shuar have a deep-rooted political tradition of defence of their customs and territories. Globalisation brought about a series of changes in their way of life (de Salvador & Martínez, 2015b), however, the Shuar sense of community is very much alive. Their social-political structure is based upon the extended patrilocal family, with or without blood bonds. A set of families founds a community, choosing a delegate or political representative to represent and govern them outside the community. Their political system is democratic and highly participative. Their delegates, grouped into provincial and national associations and federations, summon assemblies attended by all the neighbours in order to decide about the different public issues.

Nowadays, they no longer wear their traditional outfits and they have started to lose their crafting skills, as folklorisation takes over; yet, they are well aware of the relevance of their language, the Shuar-Chicham, a language of oral tradition that they defend against the growing influence of Spanish in their communities.

This traditionally highly territorial warrior people has now turned into a community physically and virtually connected to the world. Notwithstanding, this connection is “discontinuous” or “intermittent” and has several gaps (Martínez, de Salvador & de Salvador, 2015). The Shuar communities show different access levels, due to technological progress and to road construction in the Ecuadorian Amazonia (de Salvador & Martínez, 2015b).

CYCLIC TIME/SPACE IN THE MOBILE AGE AND IN THE SHUAR WORLDVIEW

According to the theoretician Enrique Lynch “the first relevant result of telecommunication is the fact that it modifies the spatial-temporal relationships among individuals, subsequently changing the reciprocal representation of their respective territories” (Lynch, 2010, p. 78). Such modification, derived from the so-called deterritorialisation that mobile digital technologies bring about, places us in an ever-changing spatial-temporal range. In Félix Duque’s words - quoted also by John B. Thompson -, technology and, more specifically, mobile technology, place us in a “de-spatialised simultaneity” (Duque, 2010, p. 49) where we share a deterritorialised space and a common time-frame. The spatial-temporal changes caused by technologies are perceived as follows by the Shuar³:

Now, in this time, it is the young mainly, rather than the old, because the old do not really make an effort, because this, as we say, these devices, the mobile phones, those issues, do not let us work, because we get stuck on them. Thus, we are left aside, they change technology, we get more phone calls on the mobile phone and this does not let us work or study. (Respondent no. 4, male, 40 years old)

Well, yes, the thing is that there is a difference, because our grandparents knew the sun was rising, they knew it was noon because they heard the rooster sing. In the morning they knew dawn was coming, they knew the sun was about to rise, because of the birds singing and the frogs croaking. They knew when the sunset started because of the different sounds. Yet, now, we do not follow a programme, we just set the alarm on our mobile phones. Thus, for instance, you set the alarm for the time you want because you have to have breakfast and then go out with your child. So, you see! That’s the difference: the mobile phone of the Shuar ringing ceaselessly in the countryside. (Respondent no. 21, female, 43 years old)

Sure, of course there are changes, in the past if you set a date for an appointment; you had to keep to it. Now, though, things are different, for instance, I planned something for a Sunday and that day I had to attend a more urgent matter. Thus, what I use my mobile phone to apologise and

³ The mother tongue of the Shuar, the Shuar-Chicham, is a language of oral tradition whose grammatical and syntactic structures differ strongly from those of Spanish. We have tried to keep their forms of expression intact in the original version, since all the interviews were conducted in Spanish. But in this paper we translate their words into English.

say I have something else to do. So, now things are different. Now everything is easier and faster. And in that case I wouldn't know how to tell him/her, and I would just leave and that would make me look bad, and the person would mistrust me in the future. (Respondent no. 1, male, 22 years old)

It is like a vicious circle and you want to use the device all the time and it drives you crazy or, I don't know, you lose control; but those devices let you organise your time and work even better, because they have specific applications to manage your agenda, work, meetings, etc. They are very useful. I say it is like having all in one thing and it's easy to carry. (Respondent no. 11, male, 28 years old)

Mobile phones have made it possible to organise things better, just because they can also... We generally use it as alarm clocks or time organisers. We can organise our time. I think that is very important, because sometimes you are distracted and the mobile phone can help you see time. (Respondent no. 13, female, 45 years old)

(Mobile technology) Exerts a great influence because, the time changes, and for our grandparents it was a bit difficult to cope with it, but now thanks to technology - at least mobile phones - sometimes it is not so necessary to have a watch and we can tell the time by checking our mobile phones, thanks to technology, and that changes our culture slowly but surely. (Respondent no. 12, male, 35 years old)

In the Shuar dynamic, cyclic and one-dimensional worldview time and space flow simultaneously. As a Shuar scholar said about the Shuar culture: “due to the cyclic conception of space and time, the lives of the Shuar revolve around a single dimension, which marks the difference with regards to the Western conception⁴” (Shakai, 2008, p. 32). Authors such as Ling and Haddon (cit. in Castells et al., 2006, p. 269) emphasised the influence of mobile phones and the so-called micro-coordination on human movement patterns, pointing out that they offer “freedom of contact”, given their nomadic nature, and the possibility to free ourselves from the spatial context and enter a space of communicative flows, where only time exists. Or where, as the Shuar would put it, space and time flow simultaneously in the *Tsawant*, a global spatial-temporal dimension that lacks “time-lapsed stages” (Shakai, 2008, p. 33). One-dimensionality, deterritorialisation and nomadism, with their own characteristics, are three of the features shared by the Shuar worldview and today's Mobile Age. Thus, up to which extent is Shuar nomadism reinforced by the appropriation of mobile technology by these indigenous communities? What are the consequences of today's technologic deterritorialisation on Shuar nomadism? Does the appropriation of mobile technology modify their spatial-temporal conception?

⁴ For further information on the Western conception of time, see, Duque (2014), for instance.

As opposite to a linear, progressive conception, the Shuar worldview is summarised in a single term, *tsawant* that encompasses a dynamic, cyclic thought (the beginning of an efflux whose end is a new beginning), which differs from the evolutionary rationality (rectilinear from the beginning to the end), and approaches Eastern worldview conceptions and, even, reminds us of the cyclic conception of ancient Greece. The *tsawant* dimension, as time and space, as unitary category constituted by both concepts indivisibly, is translated into Kichwa as *pacha*: “the world”. These two cultures, coexisting in southern Ecuadorian Amazonia, would thus share, among other features, a one-dimensional conception of time and space.

The Andean worldview of the Kichwa of Zamora-Chinchipe comprises two worlds: the *allpamama* -the microcosm- and the *pachamama* -the macrocosm-, linked by a bridge. The *pachamama* is the female co-creator, and the *pachakamak* is the male giver of life. The *allpamama*, or Mother Earth, is “dynamic, because it transforms the energy that flows in concentric circles” (Japón, s/f, p. 11). This dual conception - *allpamama/pachamama* - is shared by the Shuar worldview, more similar to conceptions such as the platonic one –Sensible World/Intelligible World or The World of Ideas. The Earth for the Shuar is “an island surrounded by heaven” (Barriga, 1986, p. 63). The World of Life (*Nunka*) is the prelude of the Real or Divine World (*Nayaimp*), which is accessed by means of a liana and to which humans can connect by taking certain substances (such as the ayahuasca or *nantem*), in the company of an old wise man (called *Wea*). The Shuar gods (*Arutam*) are in Nature, the habitat of this nomadic community, which benefits respectfully from the spot of the Amazon jungle where it settles. The *jeas* or *geas*, the Shuar traditional houses, represent the worldview of this indigenous people; thus, the ceiling is heaven, the walls are the horizon that surrounds the Earth, the floor is the Earth itself and, finally, the underground is the divine world of the gods and the souls (Barriga, 1986). The *jeas* are made of *chonta* leaves⁵, and hence are not made to endure. They would last, traditionally, for as long as the family stayed in one place. That is, for as long as they could hunt, fish and forage in the jungle. Nomadism or semi-nomadism determine the living habits of the Shuar; yet, nowadays, migration into urban areas to work or study, mining in the Ecuadorian Amazonia and the subsequent shrinkage of indigenous community lands have transformed the traditional semi-nomadic habits of these people, who have become contemporary nomads. Apart from the aforementioned changes, it is also necessary to analyse the impact of the introduction of mobile devices on the Shuar communities, on their living habits and also on their nomadic nature. Quoting the Shuar, as far as the changes brought about by mobile phones are concerned, it can be observed that:

Well, I think things have changed, since in the past we used it for fun, as I've already told you, to go with the fashion, to be more updated, but now

⁵ The “Uwi nijiamtamu”, also known as the Chonta celebration, is one of the main traditional Shuar celebrations together with the Tsantsa celebration (the celebration of the shrunken heads). During the Chonta celebration, the Shuar sing to the tree of life (i.e., the Chonta), whose fruits are divine. This ritual celebrates the fertility of nature, renewed each time the Chonta flourishes (every twelve months), and represents the spatial-temporal unity that corresponds to one year. Not holding the Chonta celebration means death (Barriga, 1986).

we use it as a general, positive tool to work, study and keep more in contact with our families from afar. Thus, travelling and so on revealed to be no longer so necessary. Then, things got easier. So I think that nowadays we can communicate easily thanks to technology” (Respondent no. 1, male, 22 years old)

(Thanks to mobile phones) “we don’t need to travel half as much. Sometimes we can only communicate by phone, either calling or sending an SMS, and we need not waste our time travelling to places. It saves time, as we don’t need to travel around. (Respondent no. 3, female, 18 years old)

Now everybody has phones to communicate in the countryside, to talk to the family, to call in case of emergency; whereas if we had to go, for instance to Pangui, it would be very far away. If you have to come from Pincho or Pangui for an emergency or the like, you have to travel many kilometres to get here. While you may use your mobile to call, say, ten or fifteen minutes in advance, and you’ll have a car right at the door. (Respondent no. 9, male, 26 years old)

According to the Shuar, the changes brought about by mobile technologies have reduced their traditional nomadic habits, at least, as far as the movements triggered by the necessity to communicate are concerned. In this sense, they also point out the fact that traditional nomadism (travelling on foot) is also influenced by the modernisation introduced by mobile phones, which make it possible to get a means of transport by simply making a phone call, in order to travel longer distances faster and more comfortably.

The non-nomadic or unitary relationship is the essence of both the Andean and the Shuar (Amazonian) worldview, since both conceptions postulate certain specific features, some of which are: the relevance of relationships, communityship and the conception of Nature as an entity with material and spiritual connotations, in a dynamic, spatial-temporal and one-dimensional cycle. The Kichwa-Saraguro are nomads just like the Shuar. A characteristic of their outfit, the saddlebag they use to carry things, speaks of their past migrations from Bolivia (Mitimaes) or Peru (Cusquenos) according to the disparate, discordant theories that try to explain their origins before their settlement in Ecuador. Just like snails, these people carry about them their saddlebags, their homes and now their mobile phones.

The two indigenous nationalities that live in this province of Ecuador share the same conception of the spatial-temporal whole. This logic of the flow of adjoining experiences matches almost naturally that of the contemporary Mobile Age (space-time flows); and, thus, the metaphor of the snail that carries its identity on its back becomes a faithful reflection of that dynamism. Quoting Marcelo Shakai’s words on the Shuar culture: “They got to understand that nature is not static, that it moves generating dynamism, by comparing it to a snail spinning around in an open spiral” (Shakai, 2008, p. 31).

The snail is a double metaphor given its nature: the spiral, spinning around itself - never moving away from its centre - in a one-dimensional movement that reflects the dynamism of nature; and the shell as an identity carrier in which we carry our signs of identity (just as if it was a saddlebag), namely, our home and our network of relationships; which are now carried in the shell-like metal housing of mobile phones: the snail technologies.

SNAIL TECHNOLOGIES: NOMADIC IDENTITIES

Since mobile phones draw us closer to a nomadic life, turning us into snails (Fortunati, 2005) that carry a whole network of relationships in the back - a whole set of real possibilities with each step thanks to hyperconnectivity -, an analysis of the implications of the appropriation of mobile phones⁶ (from this point of view) by a nomadic people such as the Shuar, completed with the worldview of the Kichwa-Saraguro also dwelling in the Ecuadorian Amazonia, seems particularly interesting.

You can take mobile phones everywhere, you can carry them in your pocket or your bag; landlines, though, are home-bound and they can only be used to communicate with those who stay home. (Respondent no. 3, female, 18 years old)

The previous quote, by a Shuar respondent, shows the ontological change between “being on the phone” and “going mobile”, pointed out by Sadie Plant (2001) and Maurizio Ferraris (2005) by the beginning of the 21st century. “Being” becomes “going”, which shows our own mutation. The question “who is it?” (landlines) becomes “where are you?”, since we already know the identity of the caller (whose name appears on the screen). With mobile phones, as the snail metaphor shows, we carry identity, the house, on our back: (mobile phones) “*can be carried everywhere in order to get phone calls*” (Respondent no. 3, 18 years old). That is to say, the identity comes from the mobile phone; hence, not having it or losing it may be perceived as “a great lack”:

Time ago I suffered quite a lot because I did not have a mobile phone. That was a great lack. But since I got one my life has changed a lot from the point of view of communication. Without my mobile I feel I’m nothing. Just as if I had disappeared. And when I use another device or a lent mobile, I do not feel its rightful owner and I am always in fear that it may suffer damage or some other problem and it’s not mine, and so on and so forth. So, I have tried to get myself a good mobile phone to cover my needs. (Respondent no. 11, male, 28 years old)

The Shuar are well aware about the importance of mobile technology nowadays and of their presence as Shuar culture with a specific world view, in these “modern times”:

⁶ Thus, the Shuar appropriation of these technologies would evidence the postulate of Rosalia Winocur (2008, p. 186): “Unlike other technologies, the use of mobile phones underwent a process of symbolic appropriation by different social groups (...), such as the poor, indigenous communities, immigrants, elderly people or children”.

(Thanks to mobile phones) “we can also keep our identity, our culture, and make it part of that technology, because we use advanced technologies. It is no hindrance, because it is also better for us. We must live so that our culture also becomes part of technology in these modern times. (Respondent no. 12, male, 35 years old)

The Shuar are also aware that they carry their network of relationships on their mobile, which would mean a crisis in case of loss, because it is not only the device that gets lost, but a whole set of personal contacts (family, etc.). This crisis reinforces the idea that mobile phones are our sign of identity, our extended identity, in today’s Mobile Age. The lack or loss of the mobile phone is interpreted by Gitte Stald (2008) as a challenge, since it has a triple implication: i) the adaptation to the social network, ii) the own social position, i.e., taking part in social activities, and iii) the self-perception of identity.

Let’s see, an anecdote, I lost my mobile recently. I was travelling to Guayzimi and I put it in my back trouser pocket. When I arrived, I wanted to make a phone call and I realised I had lost it. It was a disaster for me, because I lost all my contacts. Everything was lost. It was awful: I had to get my contacts back again. I even lost my father’s number in Quito. And since I only had it all on my mobile phone, I had to start from scratch. (Respondent no. 7, female, 29 years old)

Years ago I was jealous. Because people had mobile phones and I didn’t. They could communicate and I could not (...) and I felt like I was nothing! I felt I wasn’t important. But I bought myself a mobile, and I could keep my contacts in it, contacts from my childhood and my youth.... (Respondent no. 9, male, 26 years old)

The lack of preset temporal stages among this nomadic people matches the flexibility that characterises mobile digital technologies, a feature scholars have largely praised. The endlessly spiralling snail metaphor, which the Shuar use to describe their worldview, and the characterisation of nature resemble today’s mobile technology we all carry about.

In the Shuar mythology, the Snail *-kunku-* represents the reciprocity between the two female poles *-perseverance (Kunku)* and *prosperity (Nunkui)-*, and when this reciprocity is interrupted, balance disappears and the Shuar can no longer enjoy prosperity. *Nunkui* (prosperity, embodied and symbolised by a little girl) disappears when *Kunku* (the perseverance to take care of *Nunkui*) leaves her alone. When mankind realises the consequences of the loss it tries to retain prosperity (*Nunkui*), but it can only hold on to the recollection of prosperity: the little stones (*nantar*) Shuar women must keep for their vegetable plots to be healthy. Hence, the snail metaphor according to the Shuar worldview is particularly interesting in this context, since it lays the basis for survival through food production. *Kunku* (the snail) is a living condition, which reinforces the snail metaphor as an identity.

The Kichwa-Saraguro, which share the land of the southern Ecuadorian Amazonia (Zamora-Chinchipec province) with the Shuar, have chosen a different snail form, the shell (*churu/churo*), as the symbol of communication, of dynamism. The shell is the traditional Andean means of communication and the Kichwa-Saraguro used it both as a music instrument and to communicate and send messages to the furthestmost communities.

If we focus on today's context, we can see that we are technological snails, with a hard, rigid shell, our mobiles, whose spiral form reminds us of the fact that we can get far from the centre (our own self), yet, the shell will still turn around ourselves. This logic of the spiral, with no beginning and no end, is possible thanks to:

1. The fact that mobile phones are portable devices, and thus we can "leave and stay", as Kittler (2010) said, i.e., bring faraway things to us, to our spatial-temporal present. And since mobiles are portable devices we can also travel to faraway places without losing our own spatial-temporal coordinates, as we have said in the previous section.
2. Phone customization (housing, case, ringtones, stickers, photos, music, videos, etc.), which speaks of ourselves, showing how we are both outside and inside. As a democratic political representative of the Shuar told to another indigenous community of Zamora-Chinchipec:

I sometimes download photographs on my mobile phone, photographs of faraway places, of my wife, my children... and sometimes people ask me whether I have pictures of my homeland and I tell them that I have them right here (on my mobile). (Respondent no. 6, male, 38 years old)

The portable nature and customisable character of mobiles speak of the owner's identity, because one cannot customise a lent device or take it away from its rightful owner; now, if we take these two features and consider the remote context in which they must apply - a place of limited access and intermittent coverage -, it is confirmed that "the introduction of mobile phones in our daily lives modifies, not only the dimensions of time and space, but also our perception and the way we relate to our ecosystem (Fidalgo et al., 2013, p. 545). That is to say, it transforms identities.

CONCLUSION

As we had already stated in other studies (de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015), the appropriation of mobile phones by the Shuar has a series of specific consequences on their spatial-temporal conception, as well as on the configuration of their identity.

The one-dimensionality of the Shuar culture, which considers time and space as a unique factor, seems to coincide with the space of mobile communicative flows and with a timeless time (Castells et al., 2006). Yet, since the appropriation of mobile technologies by the Shuar culture has been influenced by the worldview of the Western culture - whose ancestral habits of work and study have changed -, it involves certain changes that affect the communion with nature, which is the basis of the Shuar dynamism. As one of the Shuar respondents says, mobile phone alarms are starting to substitute the sounds of nature as spatial-temporal indicators for the members of the indigenous communities.

Now, considering the other pole of this snail metaphor, the question of identity, it can be seen that the nomadism of this indigenous group (which, in theory, seems to connect rather naturally with the worldview of the Mobile Age) has been reduced for communicative reasons, or modernized. And now feet have been substituted by the wheels of the vehicles that can come to pick you up whenever you call them from your mobile phone. Once more, the acculturation of these communities may be taken as an example of the gap between the Shuar systems or ideologies and mobile technologies, elements that initially, in theory, seemed to be similar.

As we had already stated (de Salvador y Martínez, 2015b; Martínez, & de Salvador, 2015; Martínez et al., 2015), the appropriation of mobile phones by the dwellers of the Ecuadorian Amazonian rainforest has a series of impacts on identity, not only because technologies bear an ideological load (Wacjman, 2008), but also because the context of this appropriation has already been influenced by Western cultures. The Shuar interviewed for this study lost their worldview way before the arrival of mobile phones; in fact, they appropriate mobiles from the perspective of a foreign culture. As in “modern” societies (Stald, 2008), in Amazonian societies mobiles are an identity appendix. Not having one is a “great lack” that has a series of negative consequences for the individual, who feels the need to recover and preserve this techno-snail. //

REFERENCES

- Barriga, F. (1986). *Etnografía ecuatoriana II. Shuaras*. Quito: Instituto Ecuatoriano de Crédito Educativo y Becas (IECE).
- Castells, M., Fernandez, M.; Lichuan, j. & Sey, A. (2006). *Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global*. Barcelona: Ariel.
- De Salvador Agra, S. & Martínez Suárez, Y. (2015a). Apropiaciones comunitarias del teléfono móvil en los indígenas shuar. *Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo*, 1, 41- 49, Retrieved from <http://www.usc.es/revistas/index.php/ricd/article/view/2178/2461>.
- De Salvador Agra, S. & Martínez Suárez, Y. (2015b). Nomadism and intermittent ubiquity in ‘off the grid’ Shuar people. *Communication & Society*, 28 (4), 87-105, Retrieved from http://www.unav.es/fcom/communication-society/es/resumen.php?art_id=549.
- Duque, E. (2014). É possível sair do presente? Uma teoria prospetiva. In E. Araújo; E. Duque; M. Franch & J. Durán (Eds.), *Tempos Sociais e o Mundo Contemporâneo - As Crises, as Fases e as Ruturas* (pp.154- 169). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.
- Duque, F. (2010). Ontología negativa. Móviles sin sustancia, distancia sin sitios. In G. Aranzueque (Ed.), *Ontología de la Distancia. Filosofías de la Comunicación en la Era Telemática* (pp. 23-55). Madrid: ABADA Editores.
- Aranzueque, G. (2010). *Ontología de la distancia. Filosofías de la comunicación en la era telemática*. Madrid: ABADA Editores.
- Ferraris, M. (2005). *Dove sei? Ontologia del telefonino*. Milano: Bompiani.

- Fidalgo, A.; Telleria, A.; Carvalheiro, J.R.; Canavilhas, J & Correia, J. (2013). El ser humano como portal de comunicación: La construcción del perfil en el teléfono móvil. *Revista Latina de Comunicación Social*, 68. Retrieved from http://www.revistalatinacs.org/068/paper/989_Corvilha/23_Telleria.html.
- Fortunati, I. (2005). Mobile phone and the presentation of self. In R. Ling & E. Pedersen (Eds.), *Mobile Communication and the Re-Negotiation of the Social Sphere* (pp. 203-18). Londres: Springer.
- Japón Gualán, R. (s/f). La cosmovisión andina. In M. A. Martín López (Coord.), *Los Saraguros. Cosmovisión, Salud e Identidad Andina: Una Mirada desde sí Mismos* (pp. 9-38). España: Diputación de Córdoba.
- Kittler, F. (2010). El Des-alejar. In G. Aranzueque (Ed.), *Ontología de la Distancia. Filosofías de la Comunicación en la Era Telemática* (pp. 9-21). Madrid: ABADA Editores.
- Lynch, E. (2010). La felicidad de la nómadas. In G. Aranzueque (Ed.), *Ontología de la Distancia. Filosofías de la Comunicación en la Era Telemática* (pp. 75-99). Madrid: ABADA Editores.
- Martínez Suárez, Y. & de Salvador Agra, S. (2015). Objetos nómadas digitales: caso de estudio las comunidades shuar ecuatorianas. *Comunicação, Midia e Consumo*, 12(33), 73-91. Retrieved from <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/889>.
- Martínez Suárez, Y.; de Salvador, Agra, S. & de Salvador, González, X. (2015). Triplemente marcadas: desconexiones comunicativas en la Amazonía sur ecuatoriana. *Cuadernos.info. Comunicación y medios en Iberoamérica*, 36, 89- 107. doi: 10.7764/cdi.36.716 Retrieved from <http://www.cuadernos.info/index.php/CDI/article/view/716/pdf>.
- Plant, S. (2001). *On the mobile. The effects of mobile telephones on social and individual life*. Retrieved from http://www.momentarium.org/experiments/7a10me/sadie_plant.pdf.
- Shakai, M. (2008). *Las costumbres, ritos y creencias de la cultura shuar como generadoras de las manifestaciones de reciprocidad y comunitariedad en la zona de Chiguaza*. Master Dissertation. Universidad de Cuenca, Cuenca, Ecuador.
- Stald, G. (2008). Mobile identity: Youth, identity, and mobile communication media. In D. Buckingham (Ed.), *Youth, identity, and digital media* (pp. 143-164). Cambridge: The MIT Press.
- Wajcman, J. (2008). *Tecnofeminismo*. Madrid: Cátedra.
- Winocur, R. (2008). El móvil, artefacto ritual para exorcizar la otredad. In M. B. Albornoz & M. Cervino (Comp.), *Comunicación, Cultura y Política*. Quito: Flacso 50 años.

FUNDING

This work presents partial results of a study supported by the V Convocatoria de Fondos internos de investigación de la UTPL, 2014.

BIOGRAPHICAL NOTES

Saleta de Salvador Agra is european Ph.D. in Philosophy (Universidad de Santiago de Compostela, Spain, 2012) and Ph.D. in Semiotics (L' *Istituto italiano* di scienze umane di Firenze and l'*università* Alma Mater di *Bologna*, Italy, 2012), master in Gender and Public Politics (Universidad de Vigo, Spain). Member of the Institut de la Comunicació.

Universitat Autònoma de Barcelona (InCom-UAB) and *research associate* of the Cátedra UNESCO de Cultura y Educación para la Paz, UTPL- Ecuador. At presente, she is professor at Universidade de Vigo (Spain).

E-mail: saletadesalvador@gmail.com

Universidade de Vigo, Facultade CC. da Educación, Campus das Lagoas, Ourense, Espanha

Yolanda Martínez Suárez has a Degree in Communication (Universidad de Santiago de Compostela, Spain, 2004) and she is Ph.D. in Philosophy (Universidad de Santiago de Compostela, Spain, 2010). Member of Institut de la Comunicació. Universitat Autònoma de Barcelona (InCom-UAB); Justicia e Igualdad (USC); Comunicación, Migración y Ciudadanía (InCom-UAB); REAL- CODE (Red Europa América Latina de Comunicación y Desarrollo), SGR “Grup Internacional d’Estudis sobre Comunicació i Cultura” and *research associate* of the Cátedra UNESCO de Cultura y Educación para la Paz, UTPL- Ecuador.

E-mail: dalanyom@gmail.com

Instituto de Comunicação, Universidade Autónoma de Barcelona (InCom-UAB), Campus UAB - Edifici N, planta 1, E-08193 Bellaterra (Cerdanyola del Vallès), Barcelona, Espanha

* **Submitted: 18-06-2015**

* **Accepted: 21-07-2015**

Vária
Varia 

A INFORMAÇÃO TERCEIRIZADA: IDENTIDADE E TRABALHO NÃO PAGO NA ERA DO JORNALISMO DIGITAL

Teresa Cristina Furtado Matos & Serge Katembera Rhukuzage

Resumo

A “era da Informação” constituiu tema de uma extensa pesquisa de Castells, no final dos anos 1980. Várias das implicações debatidas por este autor naquela altura são hoje observáveis, principalmente nas tendências de precarização das atividades de produção da informação. Perante a procura cada vez mais acentuada de informação, as empresas de comunicação, as televisões, os jornais impressos e *online* desenvolvem métodos terceirizados de produção e informação que consistem em recrutar, através de concursos, uma elite letrada de outros países para produzir “notícias locais” de qualidade. Neste artigo debruçamo-nos sobre um caso concreto de terceirização de informação a partir de uma plataforma de bloggers recrutados essencialmente em África. Com base na análise de entrevistas realizadas a dez desses bloggers, mostramos, ainda que de forma exploratória, os conflitos emergentes desse processo de produção terceirizada da informação. Na problematização mobilizamos conceitos desenvolvidos na área da sociologia do trabalho, bem como outras produções teóricas recentes sobre a precarização do trabalho informacional.

Palavras-chave

Precarização; terceirização; informação; blogue, trabalho não assalariado

INTRODUÇÃO

O trabalho na área da informação produz relações de identidade complexas que consideramos ser cada vez mais objetos de estudo pertinentes, no contexto das mudanças significativas que ocorrem no âmbito dos fluxos de atividade e mobilidade (física e/ou virtual) requeridas no vasto campo da informação, conhecimento e comunicação. Esta ideia está bem presente nos debates atuais desenvolvidos pelos próprios jornalistas (Sindicato dos jornalistas, 2015).

Neste texto debruçamo-nos sobre as mundividências de um grupo de bloggers estrangeiros, sobretudo africanos, que participam de meios de comunicação franceses e que entrevistámos no âmbito de um projeto mais amplo (Katembera, s/d). Trata-se de um grupo marcado pela precarização no trabalho e que revela vários traços identitários típicos das novas situações de trabalho gerados no pleno contexto da era informacional.

Com efeito, o trabalho, enquanto atividade, proporciona diversos processos de construção do sujeito que não envolvem somente as condições materiais dos trabalhadores, mas também a maneira como esses atores se autodefinem. Rodrigues (1970) mostra no livro “Industrialização e Atitude Operária” que os trabalhadores, mesmo estando sujeitos às mesmas condições de trabalho e às mesmas relações de dominação, desenvolvem atitudes diferentes atribuíveis aos modos de estruturação das identidades

individuais. Hoje, sabemos cada vez mais que estas identidades se constroem em tensão permanente com as exigências da presença no espaço global e, portanto, com a necessidade de ser móvel – se não fisicamente, pelo menos de modo virtual.

Antunes e Braga (2009) apresentam conceitos chave que permitem entender a realidade emergente (embora a nossa pesquisa se dedique à experiência africana) como, por exemplo, a alienação do trabalho informacional, a multidimensionalidade desse fenómeno e tudo o que nos parece mais relevante ainda no âmbito da nossa pesquisa: as novas e precárias identidades coletivas e a produção de novas formas ideológicas de obtenção consentimento e conformação a várias formas de exploração económica. Esta incide particularmente sobre a força de trabalho qualificada de certos países que apresentam, na economia global, mais baixos custos da força de trabalho intelectual (Antunes & Braga, 2009, p. 9).

Consideremos esta dimensão relativa à qualificação da força de trabalho como central, pois, se é certo que, no seio da regulação da economia mundializada, capitalista, neoliberal e regulada por fluxos financeiros e instabilidade permanente, os diversos continentes e países revelam posições diferentes e desiguais no que respeita ao custo do trabalho (aqui incluídos não só os salários, mas todo o conjunto de direitos), isso não significa que tais países estejam em atraso tecnológico e/ou económico. Antes pelo contrário, são países que já revelam um certo nível de qualificação das suas populações, em grande medida obtido através da mobilidade para centros no Norte mais desenvolvido. Por isso, tais relações de exploração tem tendência a tornarem-se ainda mais poderosas e ideologicamente significativas, quando analisadas por relação com o Sul.

Consideremos, a este respeito, o que Castells afirmava em 2012, quando, ao descrever a falta de infraestruturas adequadas para uma verdadeira revolução tecnológica na África, mostrou que a situação evoluiu de tal forma que a este continente já não caberia mais “o título de continente menos informatizado do mundo” (Castells, 2012, p. 117).

Perante estas diversas abordagens ao fenómeno da globalização do trabalho, importa-nos neste artigo discutir, por um lado, os principais processos de reprodução das desigualdades de capitais existentes no espaço global e, por outro, alguns dos mecanismos de valorização de certas qualificações que essa mesma lógica económica mundializada potencia. Ademais como salienta Corriveau (2000, p. 5), a multinacionalização das empresas favorece “a criação de uma capacidade produtiva em outros países mediante aquisições ou formas diversas de cooperações (comércio, financiamento, tecnologia ou indústria)”. De acordo com Corriveau, o objetivo principal dessas empresas é baixar os custos de sua produção, pois a produção da informação não escapa a essa lógica do capital.

Assim, depois da problemática, o presente texto intenta mostrar as contradições envolvidas no processo de produção terceirizada da informação na era do jornalismo digital, procurando evidenciar a maneira como as identidades dos atores são afetadas e recompostas, considerando a situação de exploração em que vivem - embora não a percebam como tal. Numa segunda parte, o artigo destaca a dimensão do empoderamento que o uso da internet proporciona a esses bloggers, com milhares de artigos produzidos na rede.

BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROBLEMA

É importante observar que a organização da economia global e, mais especificamente, da “economia numérica”¹ (ver, por exemplo, Lemoine, 2014), se propicia a novos tipos de exploração que também ultrapassam as fronteiras físicas dos estados nação. Por um lado, as formas já conhecidas de externalização dos custos de produção, ou seja, a deslocalização dos empregos por causa do seu custo mais baixo; por outro, a combinação entre esse tipo de mecanismo de expansão capitalista e a lógica de funcionamento da rede. Sobre este assunto, citemos Huws quando afirma que as,

Novas formas de dolarização podem muito bem ser criadas entre detentores de empregos deslocalizáveis e trabalhadores cujos empregos são geograficamente fixados. A extensão sobre a qual os empregos deslocalizáveis se irão enraizar num dado ponto geográfico está também dependente de certas variáveis. Se eles tomam a forma de terceirização exclusivamente do trabalho, então a sua ancoragem é altamente contingente. (Huws, 2009, p. 55)

Antunes analisa as múltiplas transformações que ocorreram no mundo do trabalho e atenta para suas novas morfologias com seus novos discursos sobre “empreendedorismo”, “cooperativismo”, “trabalho voluntário”, entre outras. Estas são para o autor tão somente algumas das formas que assume o trabalho precarizado (Antunes, 2009, p. 235).

O autor descreve essas “novas morfologias” nos seguintes termos:

Há, entretanto, outra tendência muito significativa e que se caracteriza pelo aumento do novo proletariado fabril e de serviço, em escala mundial, presente nas diversas modalidades de *trabalho precarizado*. São os terceirizados, subcontratados, *part-time*, entre tantas outras formas assemelhadas, que se expandem em escala global. Com a desestruturação crescente do Estado de bem-estar social os países do Norte e o aumento da desregulamentação laboral nos países do Sul, acrescidos da ampliação do desemprego estrutural, os capitais implementam alternativas de trabalho crescentemente “informais”, de que são exemplo as distintas formas de terceirização. (Antunes, 2009, p. 235)

E acrescenta:

Outra tendência que gostaríamos de apontar é a da expansão do trabalho a domicílio, permitida pela desconcentração do processo produtivo, pelo crescimento de pequenas e médias unidades produtivas. Através de telemática e das tecnologias de informação (além do avanço das formas de flexibilização e precarização do trabalho que estamos indicando), com o avanço da horizontalização do capital produtivo, o trabalho produtivo doméstico vem presenciando formas de expansão em várias partes do mundo. (Antunes, 2009, p. 237)

¹ Economia numérica refere-se aos modelos económicos que emergiram a nível global graças ao advento das Novas Tecnologias da Informação.

Essa lógica de rede (horizontalidade, cooperação, deliberação, descentralização, etc.) adequa-se perfeitamente ao processo de terceirização (Braga, 2009, p. 69). Tal configuração na organização do “trabalho informacional”, mas, essencialmente, na terceirização do trabalho, tendo em vista a produção da informação mediante trabalho gratuito, apela, tal como vários autores que trabalharam sobre as classes e os modos de estratificação social afirmam, ao equacionamento das próprias estruturas sociais das sociedades (Scholz, 2013).

No que diz respeito especificamente à atividade de blogging, observa-se que no Senegal, devido à expansão das tecnologias da informação e da comunicação, assim como dos circuitos do empreendedorismo informacional, tem vindo a emergir um tipo concreto de “nova elite tecnológica”. Esta nova elite tem a particularidade de transitar de uma classe média tradicional, ligada à posse de bens e terra, para uma outra classe média que se afirma cada vez mais na política e no meio informacional. O mesmo processo de recomposição de elites foi observado na Costa do Marfim onde uma investigação mais detalhada sobre o fenómeno seria de grande relevância.

Braga (2009) argumenta algo ironicamente que tal recomposição/conversão de elites, agora marcadas pela sua relação com o domínio e posse de informação deixa transparecer, de modo mais visível, os efeitos positivos da implementação de políticas que beneficiam a mobilidade de pessoais e de capitais:

A oposição entre países ricos e pobres não é tão grave, que o conflito entre o centro e a periferia tende a ser atenuado pelo êxito dos países emergentes e entende que tanto a qualidade quanto a quantidade do trabalho irão aumentar, apesar da fragmentação social (Braga, 2009, p. 63).

Todavia, este paradigma neoliberal assente na defesa da circulação de capitais e circulação de recompensas para todos envolvidos, deixa escapar alguns detalhes que observámos, desde logo, neste tipo terceirizado do trabalho de blogging. Um desses detalhes prende-se com a legislação aplicada em cada país onde está sediada a empresa que subcontrata. Precisemos que a legislação francesa, à qual RFI está submetida, estabelece regras claras de distribuição dos recursos públicos e ajudas financeiras aos média que levam em consideração a audiência de cada site, além de regulamentar as tarifas publicitárias em decorrência dos resultados das audiências medidas por *Médiamétrie*².

Podemos assumir, assim, a ideia segundo a qual vivemos numa época de mudança estrutural na economia mundial. Nesta, a informação torna-se a matéria prima central, fazendo emergir o que os estudiosos da sociologia do trabalho chamam “trabalho informacional” na configuração da economia numérica. Tal perspetiva, como mencionamos

² O financiamento dos media estatais é determinado por critérios de medição de audiência no caso das cadeias de televisão ou as rádios. A imprensa também recebe financiamento de acordo com o nível das vendas. Quando uma rádio possui um site internet como é o caso para RFI, as visitas dos usuários no site são contabilizadas por Médiamétrie. *Mondoblog.org* é um site parceiro do site principal de RFI. Portanto suas visitas são contabilizadas como da “rádio mãe”. As novas regras de Médiamétrie servem também para regular as fusões ou as aquisições como ocorreu em 2013 quando *Rue89* foi comprado pelo *Nouvel Obs*. As regras de Médiamétrie podem ser lidas no seguinte endereço, em francês: <http://www.observatoire-desmedias.com/2013/12/13/le-nouvel-observateur-et-linfo-3-voix-avec-rue89-la-proposition-de-lobservatoire-des-medias/>.

há pouco, é desenvolvida por Castells nos vários volumes que publicou sobre a “A Era da Informação” (1998, 1999 e 1999 nas edições francesas) e nos quais surge problematizado o modo como nesta economia se criam continuamente novos mecanismos de construção das relações de trabalho, assim como redefinições/reconfigurações das identidades individuais dos atores envolvidos nos diversos processos de produção informacional e comunicacional.

Podemos afirmar ainda que numa sociedade onde o conhecimento ocupa uma posição central na produção da realidade, na determinação das políticas, na ocupação das pessoas comuns, consumo compulsivo das notícias – a chamada “infobesidade” –, etc. a informação, além de fonte de riqueza, torna-se um fetiche e uma fonte de dominação. Todavia, esses mecanismos nem sempre se revelam como tais para os envolvidos.

No caso específico deste artigo, detemo-nos a analisar os processos de redefinição da identidade dos bloggers, a partir de dimensões de análise que permitem perspetivar as faces do fenómeno a que Antunes chama de “novas formas de obtenção do consentimento à exploração econômica” (Antunes & Braga, 2009, p. 9) e que atribuem, essencialmente, à “magia da rede”, isto é, à própria ideia de pertencer a uma rede de bloggers. Com efeito, assume-se que há uma representação idílica da rede possível graças à “força ideológica presente na utopia da sociedade de informação”, como indica Braga (Braga, 2009, p. 65). Essa força da utopia torna-se possível essencialmente porque a lógica da rede produz, num mundo globalizado, um tipo específico de véu sobre as verdadeiras relações de dominação presentes no vasto e complexo sistema de produção da informação.

Perante este quadro de ambiguidades e algumas contradições, procura-se neste texto discutir algumas das novas relações de produção de informação na chamada “economia numérica” ou “economia da informação”. Trata-se de um campo ainda muito pouco explorado pelas ciências sociais, embora se possam destacar alguns trabalhos produzidos no Brasil, como é o caso do recente “Infoproletário” de Antunes e Braga (2009, p. 8). Estes autores destacam a natureza diferenciada dessa “nova economia” que aparece representada ao nível do senso comum, “quase como um não trabalho” em certas áreas porque reúne certas características como a ausência de horários, distancia supervisão, elevada autonomia, prazer e criatividade.

Nesta linha, o presente texto explora particularmente o mundo da vida e a perspetiva microsociológica dos bloggers, mas encerra uma discussão que pretende mostrar a ambivalência do processo de terceirização, globalização e externalização do trabalho na área da informação pelo qual novas competências são transferidas – em termos de mobilização coletiva das forças políticas capazes de democratizar o continente africano – e em que a produção intelectual dos indivíduos está a ser apropriada mediante uma nova ordem de exploração no mundo da economia financeira. Lembremos, a este respeito, o que escreve Castells:

Uma nova estrutura social, a sociedade em rede, está a estabelecer-se em todo o planeta, em formas diversas e com consequências bastantes diferentes para a vida das pessoas, segundo a sua história, cultura e instituições.

A internet é, sem dúvida, uma tecnologia da liberdade, mas pode servir para libertar os poderosos e oprimir os desinformados e pode conduzir à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor. (2004, p.317)

ASPETOS ESPECÍFICOS DO MONDOBLOG

Os membros/bloggers são selecionados mediante um concurso *online*. Cerca de 150 novos bloggers são recrutados anualmente através deste processo. O projeto já tem cinco anos e contribui de maneira significativa e decisiva na produção de conteúdos mediáticos *online* em língua francesa no continente africano. Candidatos de outros continentes podem participar também, mas é significativo o facto de os bloggers africanos na plataforma Mondoblog serem quase 95 % do total. Os bloggers são selecionados depois de uma chamada de candidaturas divulgada no site do programa de rádio *Atelier des Médias* bem como da própria RFI. Além disso, durante todo o período de inscrição, chamadas de candidaturas são feitas ao longo da programação da RFI. Os candidatos submetem um conteúdo inédito de sua autoria em diversos formatos segundo suas próprias escolhas (vídeos, artigos, reportagem, desenhos ou caricaturas, fotos, etc.), os quais serão avaliados pelos responsáveis da seleção. De maneira geral, os bloggers são homens entre vinte e trinta e cinco anos, essencialmente de origem africana. Costa de Marfim, Camarões, Senegal, República Democrática do Congo e Guiné Conakri são os países mais representados.

Em geral, os candidatos apresentam característica de quem já trabalhou com a produção da informação. São também estudantes de diversas escolas de jornalismo (inclusive africanos residentes na França, nos Estados Unidos, no Canadá ou no Brasil). A maioria dos bloggers recrutados vive em países onde a taxa de desemprego entre os jovens é muito elevada, mas todos possuem, pelo menos, um curso universitário ou estão numa faculdade. Nos últimos anos, a plataforma tem privilegiado a seleção de mulheres para favorecer a participação feminina na produção de conteúdos mediáticos em língua francesa no continente africano.

No Mondoblog os bloggers não são remunerados. A remuneração já foi tema de debate interno entre os principais responsáveis da plataforma e os bloggers, mas o consenso não foi atingido. Também prevaleceu a opinião de que a manutenção dos blogs não deveria ser remunerada. A maioria dos protagonistas reivindicou a ideia de que executam um trabalho em comunidade, como “numa família”. Uma relação assalariada seria perspectivada como uma ameaça para as relações pessoais desenvolvidas no grupo. De resto, os discursos dos bloggers demonstra que muitos se auto classificam como sendo peças de uma engrenagem maior problematizável à luz do que Lévy definiu como “Inteligência coletiva” (2014) quando a considerou o resultado integrado e imbricado do conhecimento que circula e se constitui através das redes e que potencializa a reunião de capacidades a nível mundial e global.

Relativamente ao Mondoblog fica muito evidente o facto de a audiência da RFI aumentar à medida que o Mondoblog usa a logo de RFI, o que, segundo as normas de

Médiamétrie, transfere essa audiência para o site da rádio. Ademais, os bloggers estão submetidos à legislação francesa no que diz respeito do direito vigente na internet, no que se refere aos conteúdos publicáveis e admissíveis. Naturalmente, textos homofóbicos, antissemitas, incentivo ao suicídio e textos racistas são estritamente proibidos. Ou seja, do ponto de vista legal, produzir a informação a partir dos países menos desenvolvidos não significa que esses bloggers não estejam submetidos às leis francesas e às regras de atribuição de recursos, conforme a situação da empresa para a qual trabalham.

NOTA METODOLÓGICA

O texto baseia-se em entrevistas que realizamos presencialmente com dez bloggers da plataforma Mondoblog pertencente a uma das rádios mais importantes da França, a *Radio France Intenacional* (RFI), uma iniciativa de capacitação ao uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) voltada, principalmente, para o público africano. As entrevistas foram originalmente realizadas para a pesquisa de mestrado (Rhukuzage, s/d) e foram realizadas no curso de uma estadia em Abdijan seguindo o critério de bola de neve. Com efeito, o facto de um dos autores do artigo e autor da investigação ser blogger na mesma plataforma permitiu acesso mais direto a vários bloggers que acederam a colaborar no estudo, contando-nos um pouco mais da sua experiência. Na altura, entendendo o estudo ainda como exploratório, não procurámos seleccionar tipos específicos de bloggers, mas tão só aceder a um grupo que nos permitisse pensar em algumas das ideias chave das quais partimos, após a construção e delimitação da problemática. As entrevistas seguiram o registo semi-estruturado, baseado na construção de um guião. Dado o conhecimento que tínhamos com os bloggers contactados para a entrevista, procuramos manter um ambiente de informalidade que facilitasse o processo comunicativo. A análise das entrevistas que beneficia, também, da experiência de um dos autores enquanto blogger, foi realizada seguindo a abordagem temática, na qual se procurou estabelecer os principais pontos reflexivos do discurso dos entrevistados. Privilegiamos, ainda nesta fase, o discurso direto dos próprios, como forma de evidenciar os processos subjacentes à construção identitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OPACIDADE

Sem pretendermos seguir uma abordagem marxista, tentamos mostrar as contradições presentes no modelo económico mundial que cria permanentes margens e centros. Enquanto produzem os seus milhares de artigos para a plataforma Mondoblog, os bloggers francófonos do mundo inteiro estão enredados, tendo ou não consciência disso, numa relação de trabalho não pago, de forma que, parafraseando Huws, podemos dizer que “isso apreende muito bem a tensão subjacente a toda discussão de classe: a tensão

entre classe enquanto termo analítico (posição de classe objetiva), e enquanto configuração da identidade pessoal (posição de classe subjetiva)” (Huws, 2009, p. 38).

Ademais, seguindo a mesma autora, podemos adiantar que os “trabalhadores não pagos” num contexto como este realizam o seu trabalho, não somente em locais tradicionais de atividade produtiva, mas também nas suas casas. Esta que é deveras uma inovação organizacional trazida pelos computadores conectados em redes de internet (Huws, 2009, p. 53), adensa enormemente o processo de opacidade quanto às relações de trabalho que se produzem nestas atividades. Ao interrogamos alguns bloggers presentes na formação anual de Mondoblog em Abidjã³ naquela ocasião (não era possível questionar todos eles, pois aproveitávamos os tempos livres à noite para realizar as entrevistas), percebemos que cada um definia a sua atividade de escrita em termos muitos subjetivos e individualizados:

Falo de todos os assuntos do Canada, da Europa, da África, sendo eu mesmo africano, mas essencialmente falo de política. Vivi nesse continente, o que me permite ter uma visão clara de todo que acontece lá. Eu leio muito artigos sobre África, dialogo com pessoas que sabem sobre lá. Uma vez escrevi uma matéria sobre política no Ruanda, sobre Paul Kagame na qual eu falava da necessidade da democratização do país para evitar que o país entrasse em crise depois da morte dele. Tenho legitimidade para falar sobre África. Eu acredito que o facto de escrever pode levar as pessoas a pensar como eu, para que eles possam divulgar essas ideias. A internet e a escrita podem levar resultados práticos em termos de mudança. É como a filosofia das luzes, veio dessas pessoas que acreditavam que o pensamento podia mudar. Há uma massa crítica que acredita que a democracia pode trazer mudanças. [blogger 1]

Quando perguntado sobre a relação com a RFI, e o facto de escrever para uma plataforma que pertence ao governo francês (através do Ministério das relações exteriores), a resposta permite identificar uma experiência subjetiva centrada sobre a valorização do seu trabalho como contributo direto para a identidade de África, perante o mundo global e que, acima de tudo, se afigura como um meio para atingir visibilidade social de si próprio:

O Mondoblog é um projeto participativo. Ninguém me obriga a escrever. Tenho liberdade para escrever sobre o que quero, utilizo a plataforma para ganhar certa visibilidade. Não tem colonialismo para mim, nunca houve imposição. Os meus leitores também não têm problema com isso. A RFI

³ A RFI organiza anualmente uma formação de capacitação nas práticas do web-jornalismo em benefício dos bloggers recrutados naquele ano. A primeira formação ocorreu simultaneamente nas cidades de Dakar e Douala em 2011. A segunda formação aconteceu na cidade de Dakar em 2013, em seguida foi organizada em 2014 uma formação em Abidjã (local onde realizamos as entrevistas com os bloggers). Em novembro de 2015, acontecerá outra formação na cidade de Dakar, no Senegal. Essas formações, além de servir na transmissão das competências, favorecem o fortalecimento de uma rede de bloggers e webativistas em todo o continente africano.

contribui para a democratização da África, os africanos amam RFI. Só lamentamento não ter um milhão de leitores (risos), está tudo bem, não tenho limitações técnicas. Não preciso ser pago, eu sabia desde o início que não haveria remuneração. Posso escrever mais três anos sem receber pagamentos sem problemas. Eu trabalho a tempo parcial, tenho tempo livre. Enquanto eu tiver tempo, continuarei a escrever no blogue. Se eu tiver um trabalho muito pesado, vou parar. Mas também considero que, ao me levar visitar durante a formação países como a Costa de Marfim e o Senegal, é uma forma de pagamento. [blogger 1]

A não remuneração não é problema para este, nem para os restantes entrevistados, que tendem a valorizar como ponto capital nesse trabalho a visibilidade entendida como a chave para sua realização profissional enquanto produtor da notícia e formador da opinião pública:

Existe liberdade de expressão no Benim apesar de algumas crises políticas. Portanto, escrever nesse contexto é relativamente fácil para mim. Os média tradicionais estão entre as mãos do partido no poder, portanto o blogging é uma alternativa à falta de acesso aos média clássicos. Eu já fui preso por 24 horas, passei o dia todo no tribunal uma vez por conta da militância política. Agora escrevo muitos assuntos sobre política e meio ambiente. Já estive próximo do partido no poder mas os eventos levaram-me à oposição. Escrever no blogue tem me dando retornos, as pessoas ficam chocadas e indignadas com meus textos, pessoas que acreditam que um jovem como eu não poderia ser tão crítico em relação ao governo. São pessoas poderosas do poder. Um artigo que escrevi sobre meio ambiente teve um grande impacto, uma grande influência. As pessoas escreveram-me para me dar os parabéns. Um quadro de um partido importante escreveu-me e agrediu-me verbalmente em decorrência do meu artigo. Desde que estou no Mondoblog nunca sofri nenhuma coerção, respeito o regulamento e as leis da França sobre internet. Sobre a homossexualidade é fácil porque está de acordo com o regulamento interno de Mondoblog. Eu tinha outros blogues onde eu criava um grande debate. Agora com o Mondoblog prefiro não divulgar muitos dos meus textos nas redes sociais porque a plataforma poderia passar a ideia de que estou a escrever sob o mando da RFI, ou seja, dos franceses, o que poderia frustrar os meus leitores. Acredito que estamos a contribuir para o debate no continente. Mondoblog é um projeto bem pensado, mas eu pessoalmente não precisava necessariamente disso. [blogger 2]

Observamos no excerto que o blogger pratica uma espécie de autocensura porque julga a sua própria posição na plataforma como pouco confortável, pois deixa transparecer alguma ambiguidade em relação aos seus leitores. Também define a sua atividade

na plataforma como sendo marcada pela autonomia e independência ainda que refira o “dever” de respeitar a legislação francesa sobre a Internet:

Durante a crise política na Costa do Marfim, foi difícil para os jornalistas e as pessoas em geral. Eu não sou jornalista, mas a internet é uma oportunidade para quem não é jornalista poder expressar-se. Inclusive podemos chegar, enquanto cidadãos normais onde os jornalistas não podem ir. Considero a minha atividade como política. Alguns amigos pedem que escrevam sobre certos assuntos. Somos porta-vozes daqueles que não têm voz. É difícil medir o impacto da nossa atividade, mas sabemos que somos lidos, as pessoas nos ligam. Uma vez escrevi sobre o presidente e o parlamento e a assessoria da câmara nacional ligou para mim, isto mostra um certo impacto. Algumas pessoas acham que somos colonizados e não emancipados por escrever na plataforma Mondoblog, e que estamos sendo dominados e cooptados pela França. Mas a minha opinião é que podemos levar os problemas da população a um nível muito maior que os nossos países simplesmente. Um artigo meu já foi censurado, foi uma frustração pela maneira que isso foi feito. Escrevi sobre o tema sensível da homossexualidade. Sobre esse tema, existe o ponto de vista ocidental e o ponto de vista dos africanos, e minha maneira de abordar o assunto não agradou os responsáveis de Mondoblog em Paris. Mas discuti com eles. Mas isso mostra que não temos plena independência, devemos escrever sobre os assuntos que são “bons para eles”. Eu escrevi um longo artigo, e foi um leitor de Camarões que me ligou às 6 horas da manhã para me avisar que o meu artigo havia sido retirado do site. Recebi depois um e-mail de RFI falando-me do ocorrido. Mas fora isso, está tudo bem. [blogger 3]

O blogger 3 representa o caso típico de conflito entre um blogger e os responsáveis do projeto, em Paris. Tal conflito acontece, sobretudo, em relação a questões sensíveis, como a da homossexualidade. Porque a homofobia é um crime na França, qualquer artigo homofóbico (ou, pelo menos, interpretado como sendo) publicado na plataforma responsabilizaria penalmente a RFI. Esse tipo de controle foi muito debatido internamente porque muitos o perceberam como uma “censura” e uma tentativa de uniformizar as ideias na plataforma que se reivindica como plural. Tal conflito certamente aparecerá de novo sob outro assunto. Para o blogger é importante notar que essa foi a única experiência em que pensou que a sua margem de manobra seria reduzida na plataforma em termos de autonomia e independência, o que deixa evidenciar a importância de elementos profundamente culturais na própria atividade jornalística e na delimitação das fronteiras admissíveis no que respeita a questões que tocam, inclusivamente, os direitos humanos. Deixa também evidente a necessidade de introduzir na problematização da atividade de jornalismo e blogging as dimensões éticas desta atividade, agora no plano dos desafios impostos pela interculturalidade:

Eu não tenho motivações políticas e também não gosto muito de compartilhar as minhas opiniões. Tenho um problema com a francofonia. Não entendo por que os franceses não fazem o esforço de divulgar essa língua em países de língua inglesa. Uma vez, num evento na França, o correspondente do jornal *The Times*, em Paris só conseguia dizer “bom dia”. Bom, no meu blogue, escrevo para pessoas que não podem falar. Falo sobre a sociedade dando a voz a quem não tem. Por exemplo, falo do impacto de certas leis sobre populações particulares. Não tomo posição, mostro as duas versões dos factos. Tenho tido retornos sobre os meus textos, mas não tenho problemas porque não escrevo sobre coisas sensíveis. Sobre a homossexualidade que é o assunto mais problemático, sei que haverá um grande debate, portanto, a homossexualidade no país é um assunto tabu. Escrever para Mondoblog não me causa nenhum problema de autonomia ou independência. Escrevo sobre África, não vejo como ferir a legislação francesa. RFI é um canal imparcial, não tenho problemas. Escrevo para ter uma grande visibilidade para fazer conhecer minha voz. Enfim, os meus artigos geram debates e reflexões. Só escrevo sobre assuntos que realmente me marcaram, portanto não vejo contradição com o que disse sobre o facto de não gostar de dar minha opinião. Prefiro que o Mondoblog não seja rentável, mas talvez que gere outras oportunidades para nós jornalistas. O problema é saber se o Mondoblog nos vai ajudar a ter outras oportunidades. [blogger 4]

Nota-se que o blogger entrevistado procura manter um discurso que valoriza a sua postura neutral face aos acontecimentos sociais embora procure, nos seus escritos, o ganho de visibilidade pessoal. A interrogação é muito evidente: “O problema é saber se Mondoblog nos vai ajudar a ter outras oportunidades”. Com efeito, após essa primeira entrevista, este mesmo blogger procurou-nos para realizar uma segunda entrevista porque queria comentar um caso em especial: o assassinato de dois jornalistas de RFI no Mali perpetrado por rebeldes tuaregues:

Eu queria criticar os grandes jornais e rádios quando mandam os seus jornalistas nos campos de guerras. Quando um jornalista morre, não seria da responsabilidade também dos média? Por que não desenvolver mecanismos de prevenção. Será que ir a campo vale a pena? Um jornalista de RFI disse que o campo é perigoso mas não é motivo para deixar de enviar um grande repórter relatar as guerras. Os média têm que aprender a dizer “não” aos jornalistas. No jornal *Le Monde*, um jornalista queria ir para a Somália. A embaixada disse-lhe para não ir por causa dos riscos do terrorismo. Mesmo assim ele foi. Por sorte ele não morreu, mas o jornal deixou-o arriscar sua vida. [blogger 4]

Observa-se, assim, neste discurso, grande preocupação com a situação dos jornalistas, sejam eles africanos ou ocidentais, a necessidade de nos transmitir a sua

capacidade e aptidão crítica, revelando outras facetas da sua reflexividade que que, num primeiro momento, não são reveladas.

Outra das dimensões relevantes que procurámos aliar à auto definição de si como blogger refere-se à leitura e ao discurso que produzem os bloggers sobre as razões “racionais” que os levam a manter-se numa relação de trabalho não remunerada. A conclusão que retirámos da análise dos diversos discursos dos entrevistados converge no sentido da valorização quase absoluta da visibilidade e do reconhecimento potenciados pela participação num blogue de prestígio mundial. Sem podermos ser assertivos sobre o grau de (in) consciência da dominação associada à sua posição de blogger, constatamos haver consciência sobre a contratualização tática de uma troca entre a participação gratuita no blogue e a obtenção de prestígio adicional para si próprio, enquanto jornalista-blogger:

Existem muitas formas de fazer blogging. É uma forma de partilhar as coisas pode ser na forma de artigos ou matérias jornalísticos, militância, engajamento, pode tomar uma forma literária. No meu caso, sabendo que Marrocos tem vários bloggers que estão na militância, que utilizam as redes sociais para se mobilizar, fazer manifestações. É uma forma de ter informação que não seja da imprensa, que seja consensual e submetida ao governo. Escrevo contos sobre vários temas da realidade social, coisas que vivemos. O meu formato é diferente, porque é menos subversivo, mas ele serve para levar as pessoas a se colocar no lugar dos outros, sentir vários tipos de emoções. Uso muito o humor porque permite passar várias mensagens; a autoedição serve muito para isso. Eu tinha um site antes. Mondoblog é para participar de uma iniciativa coletiva e comunitária. Era uma descoberta para conhecer e trocar com outros bloggers. Não tenho objetivos positivos, mas socialmente pode ter um impacto. Mas algumas pessoas que condenam outras matérias mais críticas acabam concordando comigo porque uso o humor. Eu faço um tipo de educação. Eu comecei isso contando histórias ao meu pequeno sobrinho. Foi assim que comecei a escrever meus contos que de facto se orientam para os adultos. Faço muitos erros de francês, é voluntário, é um exercício literário. Cada erro é preparado. Eu escolhi uma coisa não remunerada e nem quero vender os meus contos. Às vezes alguns jornais apropriam-se dos meus textos, mas hoje consigo precaver-me. Não me interessa por ter cinco mil leitores, prefiro ter cinco que leiam as minhas histórias malucas. [blogger 5]

Assim como nos discursos dos outros bloggers entrevistados, percebe-se que a remuneração não surge evidenciada como um indicador essencial. A atividade de blogger é perspectivada como uma atividade que permite reconhecimentos de outros tipos: poder participar da rede, partilhar coisas, conhecer pessoas e ter novas experiências. Nesta aceção, podemos afirmar que o blogger está a reproduzir o discurso *mainstream* que tende a idealizar o próprio trabalho em rede, sobrevalorizando as dimensões

mais simbólicas e intangíveis da atividade. Tal como se observa a seguir, poder ter voz no espaço público e, com essa, ganhar reconhecimento e consolidar um certo capital relacional constituem os objetivos mais evidenciados pelos bloggers entrevistados que revelam, na sua maioria, através dos seus discursos, um estado de grande ilusão relativamente à participação na rede:

Eu trabalhei como jornalista antes de ir para Europa. Portanto, escrever no blogue foi para não perder a mão. Era uma forma de fazer a mesma coisa de sempre. Para mim, a paixão é o jornalismo. O que escrevo tem uma incidência parcial. Escrever no blogue é quase um tabu no meu país. É visto como algo não muito sério. Nem as autoridades, nem os jornalistas reconhecem o blogger. Temos um problema de reconhecimento, isso tem consequência até no acesso às fontes. O blogger fala as coisas como as sente e como as vive; isso é um caráter de autenticidade. Ele pode dar as suas opiniões. É uma contribuição à democracia. [Blogger 6]. Sendo honesto, é uma questão de responsabilidade, tenho que pensar se o que se escreve faz mal aos leitores e tento não me autocensurar. Até agora, nenhum dos meus textos foi censurado. Cheguei a escrever coisas mais críticas sobre a política francesa na África, mas nada aconteceu. [blogger 6] Eu escrevo por paixão e convicção. Escrever é uma atividade secundária, a plataforma me dá uma grande possibilidade de ser visível. É um prazer, tenho outras fontes de dinheiro. Sei que aqui desde o princípio, nem a publicidade é permitida. A remuneração do blogger é o reconhecimento do leitor. [blogger 6]

Observemos, na mesma sequência do que vinha sendo dito que o blogger 6 idealiza bastante o seu trabalho que considera como a “voz do povo”, e também um ofício a serviço da “verdade”, quase sagrado. Não há marcas no seu discurso de uma consciencialização da situação de exploração do seu trabalho.

REFLEXIVIDADE

Dissemos que, para a maior parte dos bloggers entrevistados, participar no blogue, só por si, surge como um elemento central da relação que se estabelece com a empresa de rádio, atendendo ao interesse de visibilidade que, assim, se afigura alcançado ou alcançável. As ciências sociais têm sido críticas dos processos de globalização e, muito em particular, da sociedade do conhecimento, propondo que se trata de uma sociedade em que circulam várias ideologias legitimadoras dos processos neoliberais e que, primeiramente, passam pela conformação dos trabalhadores a várias situações de dominação. Com efeito, a horizontalização do capital produtivo, importa dizer, não acontece sem a cristalização em ideologia da lógica da rede que exige esse tipo de organização da vida social. Aliás, horizontalidade, autonomia ou a utopia de autonomia, a descentralização, a deliberação tornam-se formas estruturais da vida social, a nível global. Além disso, o blogger insere-se na plataforma a partir de uma postura de estratégia

que consiste em criar uma oportunidade do futuro para si. Ele define claramente a relação dos bloggers com a emissora de rádio francesa como sendo desigual, vertical, quebrando, desse modo, aquilo que estamos a chamar de “magia da rede”. Para ele, a condição de trabalho e de produção da informação na plataforma está submetida a uma lógica económica ainda que oculta para a maioria dos bloggers.

Tal como temos mostrado, os bloggers que entrevistámos revelam estar num estado de contentamento relativamente à possibilidade que encontram de participar. Apenas alguns apresentam, todavia, discursos de teor mais reflexivo acerca da situação de domínio que essa participação pode indiciar, ou, dito de outro modo, de participar nessa “rede de empoderamento”. Ele demonstra ter plena consciência dos conflitos implícitos e explícitos existentes numa relação “de trabalho” que subsume o mundo das desigualdades entre Norte e Sul, marcada por uma “economia desigual”, na qual se observa a “mão que dá e comanda”. Neste exemplo, a escrita surge para si própria como atividade condicionada, não diretamente, mas de forma indireta, por não escrever sobre os políticos do seu país, contribuindo para uma agenda distanciada do seu próprio mundo, pois, afinal “escrever um assunto sobre duas comunidades que vivem em paz no meu país, isso não vai interessar os franceses”. Assim esclarece o blogger 7:

O meu país é uma democracia na constituição. Mas prefiro dizer que é um país como qualquer outro, seguimos um ideal democrático. O meu problema ao escrever no blogue não é sobre os políticos do meu país que é muito liberal. Sou jornalista e nunca tenho problema. Nunca fui ameaçado, pois meu país é muito liberal em relação à liberdade de imprensa. Eu lamento que essa iniciativa seja tomada pela França, pois quebra a nossa autonomia. A relação entre a França e a África não é fraternal, é uma relação economia desigual. É um neocolonialismo. No contexto atual isso preocupa-me e incomoda-me. A mão que dá sempre comanda. A iniciativa não sendo africana, a agenda não será necessariamente africana, alguns assuntos serão valorizados por atender os interesses deles (...) Se escrever um assunto sobre duas comunidades que vivem em paz no meu país, isso não vai interessar os franceses, mas se eu escrever sobre duas etnias que se matam, mesmo que eles não saibam de quem se trata especificamente, o assunto será valorizado na plataforma. Existe uma voz majoritária que diz mais ou menos que assunto interessa (...) Tenho minha opinião sobre certos assuntos e dou muita importância à minha tradição e, sobretudo, à liberdade de expressão. No jornalismo também você não pode dizer, pois tem uma linha editorial. Mas no blogue tem que ser diferente. [Blogger 7]. Uma coisa incomoda-me. Às vezes escrevo com erros de francês de propósito, porque essa ideia de escrever artigos perfeitos não me agrada. Eu acho que meu trabalho não tem um grande impacto, não posso ter a pretensão de mudar as coisas. Apesar de que já recebi alguns retornos. Uma vez escrevi sobre um jovem jornalista que morreu aos 24 anos e no seu velório os

responsáveis da rádio vieram fazer elogios sobre suas competências, mas sabemos que ele foi estagiário muitos anos. Escrevi sobre isso criticando a precariedade do emprego dos jovens jornalistas. O artigo gerou um debate na profissão, alguns elogiaram, outros não. Eu tenho frustrações no Mondoblog. Não necessariamente sobre a não remuneração, ela faz parte do contrato. É verdade que procuro uma forma de rentabilizar os meus conteúdos *online*, Mondoblog é um trampolim, estou a ler sobre isso. O blogue ajuda-me a melhorar minha escrita, é laboratório. Eu sou leitor de Hemingway e considero que na vida de um homem sempre tem ventos contrários. Na vida, muitas vezes lutamos e não conseguimos. Tenho muitas frustrações na plataforma, como a questão editorial. [Blogger 7]

A afirmação deste blogger é elucidativa da separação entre eu/nós africanos e eles/franceses. Já notámos ao longo do texto que o trabalho tem de ser perspectivado neste patamar como uma realidade política, analiticamente discutível em termos das relações de produção, sobretudo a existência da remuneração. Mas, o trabalho e, no caso, a atividade de blogger é em si um fenómeno profundamente cultural e que precisa da cultura e das concetualizações que cada ator tem de si por relação com os outros, para ser explicado, tanto ao nível macrossociológico, como ao nível das experiencias e das atribuições de sentido construídas pelos atores sociais implicados. Nesse sentido, chama a atenção o facto deste blogger 7 viver em constante conflito com os termos que organizam a plataforma como, por exemplo, a exigência de escrever em “bom francês”. Não só o blogger tem que de se vigiar, como também essa exigência não respeita as especificidades da língua em cada país, especialmente nos países africanos. Esta postura evidencia um ato de resistência, face á homogeneização e standardização.

É importante constatar que no seu artigo, Huws (2009, p. 56) aponta para algumas problemáticas que o blogger critica como, por exemplo, o posicionamento global da língua francesa na internet, pois compete com outras línguas como a inglesa e espanhola; de modo que essa competição gera outros imperativos de escrita para os bloggers. Estes têm de produzir textos conformes a uma norma padrão da língua para poder fortalecer a visibilidade do francês nas redes de internet. Sem contar com o facto de que essa padronização da língua abre, para quem a segue, um leque de oportunidades de trabalho no mercado global. Tal configuração tem por efeito produzir, por um lado, uma fratura entre aqueles que dominam as normas da língua ou se submetem a ela tal como imposta pela França e aqueles que a ela resistem de alguma forma e, por outro lado, uma elitização na própria sociedade africana.

TRABALHO NÃO PAGO E A CONJUNTURA GLOBAL DO WEBJORNALISMO

O processo de globalização é, de certa forma, ambivalente sendo possível detetar nele aspetos positivos e negativos. Mas isto não é uma abordagem muito útil para a pesquisa. Talvez o mais interessante do ponto de vista metodológico seja apontar os efeitos que esse “sistema de circulação de fluxos e laços entre nações” (Hall, 2006)

sobre diferentes esferas da vida social como o trabalho, a construção da identidade, o fetichismo da informação, etc.

Do ponto de vista da construção da identidade, a globalização modifica radicalmente a formação dos sujeitos, tal como podemos observar a partir das entrevistas, especialmente reforça a adesão a uma certa ideia de identidades partilhadas. Quer dizer, os atores sociais, a partir dos processos nos quais estão inseridos, tendem a definir-se segundo uma mesma ordem de pertença, neste caso, de pertença à rede onde encontram mundos reflexos, espaços de reconstrução de si. Observamos nas falas dos bloggers que a maioria se define em relação à sua atividade na internet, sendo que componentes identitárias mais específicas parecem ser menos reveladas (étnicas, raciais, religiosas, linguísticas, etc.), configurando, de algum modo, as observações de Appadurai⁴ (citado em Freire-Medeiros & Cavalcanti, 2010) sobre a relação entre globalização, tecnologia e modificação das paisagens identitárias, incluindo a experiência da ambiguidade criada no próprio desenvolvimento do trabalho que, tal como perspectivado, por um lado, cria condições de visibilidade social e profissional, mas, por outro, sustém-se na base de uma relação não formal, precária:

O que eu teria a dizer sobre isso é que, sim, a globalização produz desigualdades, mas muitas das imagens construídas sobre essa produção de desigualdades sob regimes de globalização ou sob o neoliberalismo são explicações formuladas a partir de modelos verticais ou nacionais e estáticos (citado em Freire-Medeiros & Cavalcanti, 2010, p. 192).

Uma ideia nos parece relevante considerar. Tal como outras abordagens sobre o capital humano e a circulação do conhecimento tem demonstrado, apesar do aumento da precarização e da flexibilização no mundo do trabalho na era do “trabalho informacional” (Castells, 2004), observa-se a mobilização do investimento pessoal dos trabalhadores e também das suas capacidades intelectuais. Rosenfield (2009, pp. 173-174) num estudo sobre *call centers* demonstrou esta tese. Portanto, mesmo que adotemos uma perspectiva crítica sobre as transformações do trabalho na era da informação, não podemos menosprezar os seus contornos em termos de oferecer terrenos de constituição de estratégias empoderamento para trabalhadores, sobretudo ao criar mecanismos de reconhecimento social, justamente no espaço global, sem fronteiras.

Todavia, é central retornar a este estudo de Rosenfield que apresentou resultados surpreendentes pela sua similaridade com os resultados que obtivemos da análise das entrevistas que realizamos com os bloggers. Com efeito, no nosso estudo, como no de Rosenfield, quando interrogados sobre a representação que tinham de seu próprio trabalho, (como operadores de *call center* ou como bloggers, respetivamente) os entrevistados afirmaram estar num “emprego de passagem”, demonstrando, apesar de todos os contributos assinalados em termos de reconhecimento, uma “identidade fragilizada” e, além disso, um comprometimento instrumental com a sua atividade. Nesse sentido,

⁴ Ler também a entrevista de Bell (2001).

torna-se muito pertinente destacar o facto de nos dois estudos os participantes se referirem à sua atividade de forma instrumental, entendendo-a como uma oportunidade, um “trampolim”, em particular no que respeita à abertura eventualmente propiciada nesse mundo global. Citemos, neste contexto, a autora quando afirma que:

Os primeiros desenvolvem uma identidade provisória no trabalho porque este é um emprego de passagem. Seu investimento pessoal repousa sobre as perspetivas profissionais futuras. O emprego em *call center* é um trampolim, uma maneira de viabilizar financeiramente objetivos futuros mais nobres, como se formar e atuar na área de formação. Sua relação com esse trabalho é instrumental (Rosenfiel, 2009, p. 184).

No caso dos bloggers de Mondoblog, trata-se também de se criar uma identidade no mundo da internet, de fortalecer uma reputação enquanto blogger profissional ou jornalista com competências digitais, no que se convencionou chamar webjornalismo. Portanto, o facto de participar nos blogues pode ser entendido como estratégia grandemente conformada, face à lógica de funcionamento global que avassala as relações de trabalho no espaço informacional⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como objetivo equacionar, a partir de uma pesquisa empírica que envolveu entrevistas a diversos bloggers que escrevem no Mondoblog, os principais traços da globalização do trabalho de blogger/ jornalista na época moderna, contando com as clivagens e os processos de desigualdade que atravessa os sistemas de produção da informação e do conhecimento à escala mundial.

A explanação que fizemos permite observar tendências organizacionais da produção da informação *online*, uma tendência que se caracteriza pela “contratação” de bloggers e jornalistas que operam como correspondentes para canais de rádio, de televisão e site de informações gerais, sem que sejam remunerados. O trabalho mostra também que a maioria dos bloggers que “produz a notícia” *in loco* não revelam terem consciência da situação em que estão. A nossa análise dedicou-se à questão da formação da identidade e subjetividade destes trabalhadores, revelando a existência de mecanismos de ocultamento dessa condição de exploração mediante formas relativas de recompensas tanto psicológicas como materiais (reconhecimento, visibilidade, encontros anuais na África para sessões de formação e capacitação ao jornalismo digital, etc.).

Os bloggers estão, portanto, inseridos no quadro geral da economia global baseada na produção da informação, ou seja, num contexto onde o capitalismo é reestruturado em termos culturais (Braga, 2009, p. 64), no qual também surgem novas formas de desigualdades nas relações de trabalho. Por outras palavras, na produção de novas identidades: o crescimento de um tipo de “proletariado” informacional, global e altamente qualificado.

⁵ Uma troca de e-mails com a professora Rosenfiel, nos levou a mudar o título deste trabalho adotando o conceito de *trabalho não assalariado* ao invés de uma primeira opção sugerindo situações de subemprego.

O trabalho mostra também que o recrutamento dos bloggers responde a uma situação de crise dos média tradicionais que se apresenta como uma consequência da crise económica global. Trata-se, portanto, de uma modificação da estrutura do mercado do jornalismo entre Norte e Sul que se reconfigura mediante as oportunidades de integração permitidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, bem como da lógica baseada numa organização em rede. Por outras palavras, trata-se de uma complementação da teoria da globalização que mostra, fundamentalmente, a superação das limitações geográficas e temporais entre Norte e Sul no que tange à produção da informação.

Finalmente, o artigo introduz ou, pelo menos, explora, a partir das próprias palavras dos atores da praxis, outras dimensões emergentes no que respeita ao circuito da atividade jornalista e de bloguer no espaço globalizado. Um espaço que, como se observou em diversos casos, inclusivamente na concetualização da “censura”, não é uniforme nem amorfo: é um espaço repleto de diferenças e contradições culturais profundas que se intersectam com a prática, a hexis e a ética jornalística e que nos levam também a equacionar as vantagens e as desvantagens de debater e implementar uma linguagem e um modo próprio de ser blogger nesse espaço-tempo global, múltiplo, diverso e também conflitual de cidadania global. //

REFERÊNCIAS

- Antunes, R. (2009). Século XXI: *nova era da precarização estrutural do trabalho?* In R. Antunes & R. Braga. *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* (pp. 231-238). São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. & Braga, R. (ed). (2009). *Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Biotempo.
- Bell, V. (2001). Memória histórica, movimentos globais e violência. Uma conversa entre Paul Gilroy e Arjun Appadurai. *Cadernos Pagu*, 16,289-318.
- Braga, R. (2012). A política do precariado. *Do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo.
- Braga, R. (2009). A vingança de Braverman: *o infotaylorismo como contratempo*. In R. Antunes & R. Braga. *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* (pp.59-88). São Paulo: Boitempo.
- Castells, M. (2002). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2009). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2012). *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2013). Redes de indignação e esperança. *Movimentos sociais na era da internet*. Trans. Carlos Alberto Medeiros, 1st ed., Rio de Janeiro: Zahar.
- Corriveau, P. (2000). Mondialisation économique, globalisation financière, inégalités sociales et travail. *Aspects Sociologiques*, 7(1), 14-27.
- Freire-Medeiros, B. & Cavalcanti, M. (Janeiro-junho, 2010). Entrevista com Arjun Appadurai. *Estudos de História*, 23 (45), 187-198.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trans. T. T. da Silva & G.Lopes Louro, 11th ed., Rio de Janeiro: DP&A. Acedido em <http://abpp-rj.com.br/editora/dpa>.

- Huws, U. (2009). A construção de um cibertariado? Trabalho virtual num mundo real. In R. Antunes & R. Braga. *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* (pp.37-58). São Paulo: Boitempo.
- Katembera, S. (s/d). *Novas tecnologia e empoderamento na África francófona: o caso da plataforma Mondoblog do Atelier des Médias*. Dissertação de Mestrado (em curso), Paraíba, Universidade Federal da Paraíba.
- Lemoine, P.(2014). *La Nouvelle Grammaire du Succès. La transformation numérique de l'économie française*. Rapport au Gouvernement. Retrieved from: http://www.economie.gouv.fr/files/files/PDF/rapport_TNEF.pdf
- Levy, P. (2014). *A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet, 9th Ed., São Paulo: Edições Loyola.
- Malini, F. & Antoun, H. (2013). *A internet e a rua. ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Mansell, R. (2009). Poder, cultura das mídias e novas mídias. *Revista Matrizes*, 1, 99-117.
- Martins Rodrigues, L. (1970). *Industrialização e atitudes operárias*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Rapport Mondoblog. (2013). Dakar: Mondoblog.
- Rosenfield, C. (2009). A identidade no trabalho em Call Centers: *a identidade provisória*. In R. Antunes e R. Braga (ed). *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* alho (pp. 173-188). São Paulo: Boitempo.
- Scholz, T. (2013). *Digital labor: Internet as playground and factory*. London: Routledge.
- Sindicato dos Jornalistas. (2015). A ameaça da terceirização. *Revista Pauta*. Acedido em http://www.sjpmg.org.br/wp-content/uploads/2015/09/pauta_ed1.pdf.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem em especial aos colegas que colaboraram na tradução do texto: Edith Owono Elono, Flávia Serafim, Janailton Da Silva e Walter Barros.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Teresa Cristina Furtado Matos é professora na Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes doutora em Sociologia. É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI/UFPB) e do HUN – Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia e Relações Raciais. Seus interesses de pesquisa incluem os seguintes temas: comunicação, cultura, cinema, conflito e autoimagem, relações raciais.

E-mail: crisfurtado@yahoo.com.br

Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I, 58059-900 - Joao Pessoa, PB - Brasil

Serge Katembera Rhukuzage possui graduação em Jornalismo e Comunicação. É mestrando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGS). Pesquisa a

influência das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) na democratização da África francófona. Membro da rede de bloggers *Mondoblog.org* da Radio France Internationale (RFI).

E-mail: skatembera@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I, 58059-900 - Joao Pessoa, PB – Brasil

* **Submetido: 10-04-2015**

* **Aceite: 11-11-2015**

OUTSOURCED INFORMATION: IDENTITY AND UNPAID WORK IN THE AGE OF DIGITAL JOURNALISM

Teresa Cristina Furtado Matos & Serge Katembera Rhukuzage

Abstract

The Age of Information has been extensively studied by Castells, in the late 1980's. Several of the implications discussed by this author at the time are observable nowadays, specially the ones concerning the tendencies to precariousness that labor activities related to information production present. Due to an increasingly accentuated demand for information, communication companies (such as TV stations and printed and online newspapers) have developed outsourcing methods of production of content. Said methods consist, basically, on the recruitment of a literate elite of professionals, originated from other countries, to produce quality "local news". In this article, we analyze a concrete case of outsourcing of information, performed by a French blog platform that mainly recruits contributors from Africa. Based on the analysis of the interviews carried out with ten of these bloggers, we show, albeit in an exploratory way, the emerging conflicts that the process of outsourced production of information generates. During the discussion of this subject, we mobilized concepts developed within the field of sociology of work and other recent theoretical productions on the precariousness of informational work.

Keywords

Precariousness; outsourcing; information; blog; self-employed work

INTRODUCTION

Labor in the field of information produces complex identity relationships that we consider to be increasingly relevant as objects of study within the context of the significant changes taking place in the framework of activity and mobility flows required in the vast field of information, knowledge and communication. This idea is present in current debates specifically developed by journalists (Union of Journalists, 2015). In this paper, we will concentrate on the worldviews of a group of foreign bloggers, mainly Africans, who take part in the French media and who we interviewed as part of a broader project (Katembera, s/d). This is a group marked by precariousness at work, which reveals several identity features typical of the new work situations generated in the context of the Information Age.

Labor, as we know, provides many processes of construction of subjects that do not involve only the material conditions of workers, but also the way these individuals define themselves. Rodrigues (1970), in his book "Industrialization and Worker's Attitudes", shows that workers subjected to the same working conditions and the same relations of domination develop different attitudes, which can be attributed to the existence of distinct ways of structuring individual identities. Nowadays, it is widely accepted in the academic area that these identities are built in constant tension with the requirements

of the presence in the global space and, therefore, need to be mobile – if not physically, at least virtually.

Antunes and Braga (2009) present key concepts that allow us to understand this emerging reality (although our research is dedicated to the African experience). Among said concepts we have, for instance, the alienation of the informational labor, the multi-dimensionality of this phenomenon, and what seems even more relevant in the context of our research: the new and precarious collective identities and the production of new forms of economic exploitation, which focus particularly on the skilled workforce of some countries that have, in the global economy, lower costs of intellectual labor (Antunes & Braga, 2009, p. 9).

We consider that, in this matter, the dimension related to the qualification of the workforce is central, because, although within the regulation of the global economy the various continents and countries reveal different and unequal positions with regard to the cost of labor (including not only wages, but also worker's rights), this does not mean that these nations are in technological and/or economic backwardness. On the contrary: the population of said countries shows a certain level of qualification, part of it obtained through mobility towards centers in the developed the North. Therefore, such exploitative relationships tend to become even more powerful and ideologically significant when analysed in relation to the South.

Let us consider, in this regard, what Castell said in 2012 about the use of computers in Africa. At that time the scholar, describing the lack of adequate infrastructure for a real technological revolution in Africa, showed that the situation of the continent has evolved in such a way that it can no longer be described as “the least computerised continent in the world” (Castells, 2012, p. 117).

Given the various approaches to the phenomenon of the globalisation of work, we consider important, in this article, to discuss the main processes of reproduction of existing capital inequalities in the global space and to address, also, some of the mechanisms of recognition used on certain qualifications that globalised economy potentiates. Furthermore, as stressed by Corriveau (2000, p.5), the multi-nationalisation of companies favours “the creation of a productive capacity in other countries, through acquisitions or various forms of cooperation (commercial, financial, technologic or industrial, for instance)”. According to Corriveau, the main objective of these companies is to lower the costs of production. The production of information does not escape this capitalist logic.

After the exposition of the problematic that guides our study, this article intends to show the contradictions involved in the outsourced production of information in the era of digital journalism. We also try to evaluate how the identities of the individuals are affected and recomposed, considering the situation of exploitation in which they live - though they do not perceive their situation as such. In the second part of this article we will highlight the dimension of empowerment that the use of the Internet provides to these bloggers, with thousands of articles produced on the network.

BRIEF THEORETICAL FUNDAMENTATION OF THE PROBLEM

It is important to observe that the organisation of the global economy and, more specifically, of the “digital economy” (see, for example, Lemoine, 2014), propitiates new types of exploitation that go beyond the physical borders of national states. In this sense we have, on one hand, the well-known forms of outsourcing of production costs, namely the relocation of jobs due to their lower cost; and, on the other, the combination of this kind of mechanism of capitalist expansion and the operating logic of the network. On this subject, let us quote Huws when he says that,

New forms of dollarization may very well be created among workers whose jobs are relocated and among those whose occupations are geographically fixed. The extent to which the relocated jobs will take root in a given geographical point is also dependent on several variables. If they take the form of an outsourcing focused solely on the work, then their anchorage is highly contingent. (Huws, 2009, p. 55)

Antunes analyses the multiple transformations that have taken place in the working world and pays close attention to their new morphologies, as well as their new discourses about “entrepreneurship”, “cooperatives” and “volunteer work”, for instance. To this author, these are, simply, some of the forms that the precarious work assumes (Antunes, 2009, p. 235). Antunes describes these “new morphologies” as follows:

There is (...) another very significant trend that is characterised by an increase in the new industrial and services proletariat. Said tendency has a global range and is represented by various forms of precarious work. Workers that are outsourced, sub hired, subcontractors and part-time employees, among many other similar forms of employment, compose this trend, which expands on a global scale. With the increasing disintegration of the state of social welfare in the countries of the North and the increasing deregulation in the South, plus the expansion of structural unemployment, capitalism implements work alternatives increasingly “informal”, as exemplified by the different forms of outsourcing. (Antunes, 2009, p. 235)

He adds:

Another trend we would like to point out is the expansion of the work from home, allowed by the decentralisation of the productive process, as well as by the growth of small and medium-sized production units. Through the telecommunications and information technologies (besides the advancement of the forms of flexibility and precariousness of work we are showing), and with the advancing equalisation of the productive capital, the domestic productive work has been experiencing an expansion in various parts of the world. (Antunes, 2009, p. 237)

¹ Digital economy refers to economic models that have emerged globally thanks to the advent of New Information Technologies.

This network logic (horizontality, cooperation, deliberation, decentralisation, etc.) fits perfectly the outsourcing process (Braga, 2009, p. 69). Such configuration of the management of the “informational work” (essentially of the outsourcing of labour), in order to produce information by free labour, calls, as several authors who have worked on the classes and ways of social stratification point out, to the equation of the very social structures of societies (Scholz, 2013).

With regard specifically to blogging activity, it is observed that in Senegal, due to the expansion of information and communication technologies, as well as of the informational entrepreneurship circuits, a particular type of “new technological elite” has emerged. This new elite has the particularity of transitioning from a traditional middle class, linked to ownership of property and land, to another middle class that is becoming ever more important in politics and in informational areas. The same process of restoration of elites was observed in the Ivory Coast where a more detailed investigation on the phenomenon would be of great relevance.

Braga (2009) argues, somewhat ironically, that such restoration / conversion of elites, now marked by their relationship with the domain and possession of information reveals, in a more visible way, the positive effects of the implementation of policies that benefiting personal and capital mobility:

The opposition between rich and poor countries is not as serious (...) the conflict between the centre and the periphery tends to be mitigated by the success of emerging countries and (...) both the quality and quantity of work will increase despite the social fragmentation (Braga, 2009, p. 63).

However, this neoliberal paradigm, based on the defence of the movement of capital and on the circulation of rewards for all those involved, lets slip a few details we have observed in this kind of blogging outsourced work. One of those details is related to the legislation applicable in the country where the company that is headquartered sub-contracts. It is relevant to determine that the French legislation, to which RFI is subject, establishes clear rules of distribution of public resources and financial support to the media; such rules take into account the audience of each website, and regulate advertising rates due to the fact that results of the audience are measured by *Médiamétrie*².

We can assume, therefore, the idea that we live in a time of structural change of the global economy. Information has become the central feedstock of today’s economic context, giving rise to what labour sociology scholars call “information workers”. Such perspective, as we mentioned earlier, is developed by Castells in several of his books on “The Information Age” (1998, 1999 and 1999 in the French editions). In said books,

² The funding of state media is determined by audience measurement criteria in the case of television channels or radio stations. The press also receives funding in accordance with the level of sales. When a radio has an Internet site (as is the case for RFI) users’ visits to the website are recorded by *Médiamétrie*. Mondoblog .org is a major partner of RFI, thus, visits to the blog platform are recorded as RFI’s. The new rules of *Médiamétrie* also serve to regulate mergers or acquisitions as it happened in 2013, when Nouvel Obs bought Rue89. The rules of *Médiamétrie* can be read at the following address, in French: <http://www.observatoire-des-medias.com/2013/12/13/le-nouvel-observateur-et-linfo-3-voix-avec-rue89-la-proposition-de-lobservatoire-des-medias/>.

the manner in which this economy continually creates new mechanisms of construction of the labour relations is questioned, and so are the resets/reconfigurations of the individual identities of the actors involved in the various processes of informational and communicational production.

We can also say that in a society where knowledge occupies a central position in the production of reality, in determining policies, in the occupation of ordinary people, and in the compulsive consumption of news, information, as well as a source of wealth, becomes a fetish and a source of domination. However, these mechanisms do not always reveal themselves as such for all those involved.

In the specific case of this article, we analyse the redefinition processes of the identity of bloggers, from analytical dimensions that allows us to put in perspective the various sides of the phenomenon that Antunes calls “new ways of obtaining consent to economic exploitation” (Antunes & Braga, 2009, p. 9). The aforesaid phenomenon is attributed, mainly, to the “magic of the network”, that is, to the very idea of belonging to a network of bloggers. Indeed, it is assumed that there is an idyllic representation of the network, only made possible by the “ideological force present in this utopia of the information society”, as indicated by Braga (Braga, 2009, p. 65). This force of utopia becomes possible chiefly because the network logic produces, in a globalised world, a specific type of veil that is placed over the real relations of domination present in the vast and complex system of information production. In other words, the relationships of domination that occur within the context of economic exploitation of individuals who work in the production of information is obscured by utopic idealisation of the information society.

In face of the aforementioned ambiguity and contradictions, this paper aims to discuss some of the new relations of information production in the “digital economy” or “information economy”. It is a field still largely unexplored by the social sciences, though it is possible to highlight some Brazilian works produced in this field, such as the book “Infoproletário”, by Antunes and Braga (2009, p. 8). These authors highlight the differentiated nature of the “new economy”, which appears represented in the common sense level almost as a “non-work” since, in certain areas, it possible to gather certain characteristics that may be seen as not directly related to labour, such as lack of a time schedule, long-distance supervision, high levels of autonomy, pleasure and creativity.

This paper particularly explores the life and the micro-sociological perspective of bloggers, encompassing a discussion that aims to show the ambivalence of the process of outsourcing, globalisation and exteriorisation of work in the information area, into which new competences are transferred – in terms of collective mobilisation of political forces able to democratise the African continent – and within which the intellectual production of individuals is being appropriated due to a new order of exploitation in the world of financial economics. Let us remember, in this regard, Castell’s words:

A new social structure, the network society, is being settled across the globe in various forms and with quite different consequences to the lives of the individuals, according to their personal history, culture and to institutions to which they are submitted. The Internet is undoubtedly a technology of

freedom, but it can serve to free the powerful and oppress the uninformed and can lead to exclusion of the undervalued by those who have conquered valorisation. (2004, p. 317)

SPECIFIC ASPECTS OF MONDOBLOG

Members/bloggers are selected through an online contest. About 150 new bloggers are recruited annually through this process. The project has been active for five years and contributes significantly and decisively to the production of online media content in French on the African continent. Candidates from other continents can participate as well, but it is relevant to clarify that almost 95% of the bloggers in the *Mondoblog* platform are Africans. Bloggers are selected after a call for applications is disclosed on the website of the radio program *Atelier des Medium* and on the RFI website. In addition, throughout the registration period, applications calls are made along the RFI schedule. Applicants submit an original content of their own authorship. Various formats are accepted, being the decision of the medium used to record this sample left for the contestant (it could be videos, articles, drawings or cartoons, photos, etc.). Those in charge of the process of selection will evaluate this material. In general, bloggers are men between twenty and thirty-five years old, mostly of African origin. Ivory Coast, Cameroon, Senegal, Democratic Republic of Congo and Guinea are the most represented countries.

The candidates commonly have experience in the production of information, or are students from various schools of journalism (and may include Africans resident in France, United States, Canada or Brazil). Most of the recruited bloggers live in countries where the unemployment rate among young people is very high, but all of them have at least a university degree or are in college. In recent years, the platform has focused on the recruitment of women to promote women's participation in the production of media content in French on the African continent.

Relative to *Mondoblog*, it is evident that RFI's audience increases as the *Mondoblog* logo is used on the RFI website, which, according to the norms of *Médiamétrie*, transfers this audience to the radio's website. Moreover, bloggers are subject to French legislation when it comes to the existing law on the Internet, in relation to publishable and acceptable content. Of course, homophobic, anti-Semitic, suicide encouraging and racist texts are strictly prohibited. That is, from a legal point of view, producing information from the least developed countries does not mean that these bloggers are not subject to French laws and resource allocation rules, according to the location of the company for which they work.

METHODOLOGY

As mentioned before, this article is based on interviews conducted in person with ten bloggers that write to the *Mondoblog* platform, which belongs to one of the most important radio stations in France, Radio France International (RFI). *Mondoblog* is a training initiative that makes use of the New Information and Communications Technologies

(ICT) and is geared mainly towards an African audience. The interviews were originally conducted for a Master's research (Rhukuzage, s/d) and were carried out in the course of a visit to Abidjan, following the snowball sampling method (or chain-referral sampling).

It is relevant to mention the fact that one of the authors of this paper and of the Masters research abovementioned is a blogger on the *Mondoblog* platform. This circumstance allowed more direct access to several bloggers who agreed to collaborate in the study, telling us a little more about their own experiences. At the time, as the study conducted was of an exploratory nature, we did not try to select specific types of bloggers, but only to have access to a group that would allow us to address some of the key ideas which we set off to work with, after the construction and definition of the problem.

The interviews followed a semi-structured record, based on the building of a script. Given the acquaintance we had with the bloggers contacted for the interview, we tried to maintain an informal environment that facilitated the communication process. Analysis of the interviews, which also benefits from the author's own experience as a blogger, was carried out following a thematic approach, in which we sought to establish the main reflective points of the speech of the interviewees. We have privileged, even at this stage, the direct speech of the respondents, as a way to highlight the implicit underlying processes of identity construction.

RESULTS AND DISCUSSION

OPACITY

In this paper, without aiming to follow a Marxist approach, we try to pay attention to the contradictions present in the global economic model that creates permanent margins and centres, and in which the francophone bloggers around the world are caught (whether or not consciously), usually taking part on a non-remunerated employment relationship. Therefore, paraphrasing Huws, we can say that this situation “captures very well the underlying tension of the whole class discussion: the tension between class as an analytical term (objective class position), and as the configuration of personal identity (subjective class position)” (Huws, 2009, p. 38).

Furthermore, still anchored on the theories of the same author, we can say that the “unpaid workers”, in such context, do their work not only in traditional workplaces, but also from their own homes. This organisational innovation brought by computers connected to Internet networks (Huws, 2009, p. 53), greatly deepens the process of opacity in labour relationships that take place in such contingencies. When we questioned some bloggers attending the annual training for *Mondoblog* in Abidjan³ (it was not possible to question

³ RFI organizes an annual training in web-journalism practices for the benefit of bloggers recruited that year. The first training took place simultaneously in the cities of Douala and Dakar in 2011. The second training took place in the city of Dakar in 2013, then it was organized in 2014 a training in Abidjan (where we conducted interviews with bloggers). In November 2015, another training will take place in the city of Dakar in Senegal. These trainings, besides serving in the transmission of skills, favor the strengthening of a network of bloggers and web-activists across the African continent.

them all, because we had to perform the interviews during our free night time), we realise that each defined their writing activity in both subjective and individualised terms:

I talk about all the affairs of Canada, Europe, Africa, being myself African, but I essentially talk about policy. I lived on this continent and that allows me to have a clear view of all that happens there. I read a lot articles on Africa, dialogue with people who understand about this subject. I once wrote a story about Rwandan politics, about Paul Kagame, where I spoke of the need for a democratisation of the country to prevent it from going into a crisis after Kagame's death. I have legitimacy to talk about Africa. I believe that writing can lead people to think like me, and that they can disseminate these ideas. The Internet and the act of writing can bring practical results in terms of changes. It's like the philosophy of the Enlightenment; it came from these people who believed that thought could promote change. There is a critical mass that believes that democracy can bring about change. (blogger 1)

When the abovementioned blogger was asked about his relationship with RFI, and about writing for a platform that belongs to the French government (through the Ministry of Foreign Affairs), the response he gave allows the identification of a subjective experience that is focuses on the appreciation of their work as a direct contribution to the shaping of the identity of Africa before the global world, and above all, it appears as a means to achieve personal social visibility:

Mondoblog is a participatory project. No one forces me to write. I am free to write about what I want and I use the platform to gain some visibility. There is no such thing as Colonialism for me, there was never any sort of imposition. My readers also have no problem with that. RFI contributes to the democratisation of Africa, Africans love RFI. The only thing I am sorry for is not having a million readers (laughs), it's okay, I have no technical constraints. No need to be paid, I knew from the beginning that there would be no compensation. No problem, I can write for three more years without receiving payment. I work part-time; I have free time. While I have the time I will continue to write on the blog. If I find a very hard work, I'll stop. But I also consider that taking me to visit countries like Ivory Coast and Senegal is a form of payment. (blogger 1)

The lack of payment is not seen as a problem by this blogger, nor by the other interviewees, who seemed to value as an important point in this work the visibility that the platform granted to those who write on it. Said visibility was understood as the key to their professional success as producer of news and as tastemakers:

There is freedom of expression in Benin despite some political crises. Thus, writing in this context is relatively easy for me. The traditional media is on

the hands of the ruling party, so blogging is an alternative to the lack of access to classical media. I've been arrested for 24 hours; I spent all day in court once because of my political militancy. Now I write about many issues regarding politics and the environment. I've been close to the ruling party but events led me to the opposition. Writing on the platform is paying off; people are shocked and outraged by my writing, people who believe that a young man like me could not be as critical of the government. These are powerful people. An article I wrote about the environment had a major impact, a major influence. People wrote to me to congratulate me. A figure from a major party wrote to me and verbally abused me as a result of my article. Since I'm in *Mondoblog* I have never suffered coercion. I respect the rules and the laws of France regarding the Internet. When it comes to homosexuality that is easy because it is in accordance with the rules of *Mondoblog*. I had other blogs where I created a great debate. Now, with *Mondoblog*, I prefer not to disclose many of my articles on social networks because the platform could pass the idea that I am writing under the command of RFI, in other words, the French, which could frustrate my readers. I believe we are contributing to the debate on the continent. *Mondoblog* is a well thought project, but I personally did not necessarily need it. (blogger 2)

We observe in the above excerpt that this blogger practices a kind of self-censorship, since he sees his own position on the platform as uncomfortable due to the fact that it reveals some ambiguity in relation to his readers. He also defines his own activity on the platform as being marked by autonomy and independence, although he mentions the “duty” to comply with the French legislation on the Internet. Another blogger, on the other hand, does not have such a smooth relationship with *Mondoblog*. The excerpt below shows the statements of blogger number three, a case of conflict between a contributor and those in charge of the project in Paris.

The political crisis in Ivory Coast was a difficult period for journalists and people in general. I am not a journalist, but the Internet is an opportunity for anyone who is not a journalist to express him or herself. We can even, as regular citizens get to where journalists cannot go. I consider my role as a political one. Some friends ask me to write about certain issues. We are spokesmen of those who have no voice. It is difficult to measure the impact of our activity, but we know that we are read; people call us. I once wrote about the president and the parliament and the advisor of the national chamber called me. This shows that my article had some impact. Some people think we are colonised and not emancipated by writing in the *Mondoblog* platform, and that we are being dominated and coopted by France. But my opinion is that we take people's problems to a much higher level than just our countries. An article of mine was once censored; it was very frustrating due to the way it was done. I wrote about the sensitive issue

of homosexuality. On this topic, there is a Western point of view and the African point of view, and the way I approached the subject did not please the leaders of *Mondoblog* in Paris. We had a discussion. This episode shows that we do not have full independence; we have to write about subjects that are “good for them”. I wrote a long article, and a reader from Cameroon called me at six in the morning to tell me that my article had been removed from the site. Then I received an e-mail from RFI, telling me what happened. But other than that, everything is fine. (blogger 3)

Sensitive issues, such as homophobia, tend to give rise to conflicts such as the one described above. Because homophobia is a crime in France, any homophobic article (or at least pieces that could be interpreted as such) published would be problematic to RFI. This type of control was much debated internally because many perceived it as a “censorship” and an attempt to unify the ideas on a platform that claims to be plural. Such conflicts will most certainly resurface in the future, due to any other matter. It is important to note that this was, for this blogger, it was the only time in which he thought that his autonomy and independence were reduced. That highlights the relevance of cultural elements in the journalistic activity, as well as the delimitation of admissible boundaries with regard to issues related to human rights. This situation also makes clear the need to introduce in the problematic of journalism and blogging activity the ethical dimensions of these activities, in terms of the challenges imposed by interculturalism. The blogger whose testimony we will expose consecutively seeks to maintain a discourse that values his neutral stance towards social events, though he looks to gain, through his writings, personal visibility.

I don't have political motivations and neither do I like to share my opinions. I have a problem with Francophony. I don't understand why the French don't make the effort to spread the language in English-speaking countries. Once, in an event in France, the correspondent of *The Times* in Paris could only say “good morning” (in French). Well, on my blog, I write for people who can't speak. I talk about society giving voice to those who don't have one. For example, I speak of the impact of certain laws on particular populations. I do not take position; I show the two sides of the facts. I have had feedback on my writing, but I have no problems because I do not write about sensitive issues. About homosexuality, the most problematic issue, I know there will be a great discussion, so homosexuality in the country is a taboo subject. Writing for *Mondoblog* does not cause me any problems of autonomy or independence. I write about Africa, thus, I can't see how I could hurt French legislation. RFI is an impartial channel; I have no problems with them. I write to have a high visibility, to make my voice known. Anyway, my articles generate debate and reflection. I only write about stuff that really marked me, so I see no contradiction with what I said about the fact that I dislike to voice my opinion. I would prefer that *Mondoblog*

remains a non-profitable project, but I would like it to, maybe, generate more opportunities for us journalists. The problem whether *Mondoblog* will indeed help us get other opportunities. (blogger 4)

The question is very clear: “will *Mondoblog* help us get new opportunities?” After this first interview, this same blogger came to us and asked to be interviewed a second time, because he wanted to comment on a particular case: the murder of two journalists from RFI Mali perpetrated by Tuareg rebels:

I wanted to criticise the major newspapers and radio stations for sending their journalists to war zones. When a journalist dies, wouldn't it also be the responsibility of the media? Why don't they develop prevention mechanisms? Is it really worth going to combat zones? A journalist from RFI said such places are dangerous but that this is no reason to stop sending a great reporter to cover wars. The media needs to learn to say no to journalists. In *Le Monde*, a journalist wanted to go to Somalia. The embassy told him not to go because of the risk of terrorism, but he still went. Luckily he did not die, but the newspaper made him risk his life. (blogger 4)

Thus we can observe in this discourse a great concern about the situation of journalists, be they African or Western, as well as the need of the blogger to transmit his critical capacity and capability, revealing other aspects of his reflectivity that, at first, were not disclosed. Another of the relevant dimensions that we sought to combine in order to understand the self-definition of a blogger refers to the reading and the speech they produce about the “rational” reasons that lead them to remain in an unpaid working relationship. The conclusion that we withdrew from the analysis of several speeches converges towards the almost absolute appreciation of visibility and recognition, enhanced by the opportunity to participate in a world-renowned blog. Without being able to be assertive about the degree of (un)consciousness of the domination associated with their blogger position, we found out that there was awareness of the tactic exchange between the free participation in the blog and the obtaining of additional prestige for themselves, as the testimony that follows exemplifies:

There are many ways to blog. It is a way to share things in various manners: in the form of articles or journalistic materials, social activism, political engagement, or even in literary form. In my case, I know that Morocco has several bloggers who are activists, which use social networks to mobilise people to their cause and their manifestations, do demonstrations. It's a way to have information that does not come from the media; that is not consensual and submitted to the government. I write short stories on various topics of social reality, things that we experience. My format is different because it is less subversive, but it gets people to put themselves on the other's shoes, to feel various emotions. I use a lot of humour since it allows the sending of several messages. I had a website before. But I use

Mondoblog to participate in a collective and community initiative. It was a breakthrough to meet and exchange experiences with other bloggers. I don't have structured goals, but socially (my writing) can have an impact. Some people who condemn other more critical materials end up agreeing with me because I use humour. I do a kind of education. I started telling these stories to my little nephew. That's how I started writing my stories that actually are created for adults. I make many mistakes in French, it is voluntary; they are a literary exercise. Every mistake is prepared. I chose an unpaid activity and don't want to sell my stories. Sometimes some newspapers use my writings, but now I can guard my texts against that. I'm not interested in have five thousand readers; I'd rather have five that read my crazy stories. (blogger 5)

As it shows in the speeches of other bloggers, it is clear that, to blogger 5, remuneration is not essential. Blogging is understood as an activity that allows other kinds of compensation, like the participation in the network, sharing things and ideas, meeting people and having new experiences. Therefore, we can say that the blogger is reproducing the mainstream discourse that tends to idealise the networking itself, overvaluing the most symbolic and intangible dimensions of this activity. As shown below, having a voice in the public sphere and, with it, being able to gain recognition and to consolidate a certain relational capital are the most evident goals aspired by the bloggers we interviewed. This reveals, mostly through their speeches, a large state of illusion regarding the participation in the network:

I worked as a journalist before going to Europe. So I started to write on the blog to avoid getting rusty. It was a way of doing the same old thing. For me, journalism is a passion. What I write has a partial effect. Writing in a blog is almost taboo in my country. It is seen as not serious. Neither the authorities nor journalists recognise the blogger. We have a recognition problem, which affects our access to the sources. The blogger talks about things as he/she feels them, as he/she experiences them; this is an authentic trait. Bloggers can give their opinions. It is a contribution to democracy. To be honest, it's a matter of responsibility, I have to wonder if what I write is bad to the readers and I have to try to avoid self-censorship. So far, none of my writings has been censored. I even wrote more critical pieces on the French policy in Africa, but nothing happened. I write for passion and conviction. Writing is a secondary activity, the platform that gives me a great opportunity to be visible. It is a pleasure; I have other sources of money. I know, from the beginning, that not even advertising is permitted. The remuneration of the blogger is the recognition of the reader. (blogger 6)

Let us observe, following the train of thought exposed previously, that the blogger number six idealises his work, which he regards as the “voice of the people”, and also

as a craft in the service of “truth”, in an almost sacred way. There are no marks on his speech that point to awareness of the situation of labour exploitation.

REFLEXIVITY

We said that for the majority of the bloggers we interviewed, the very participation in *Mondoblog* emerges as a central element of the relationship established with the radio company, given the interest on visibility, which, thus, appears to be achieved or, at least, achievable. The social sciences have been critical of globalisation processes and, in particular, of the knowledge society, proposing that it is a society in which circulate various ideologies that legitimate the neoliberal processes and that, first, go through the conformation of workers to various situations of domination. Indeed, the equalising of the productive capital, it must be said, does not happen without the network logic being solidified on ideology, which requires this kind of organisation of social life. In fact, horizontality, autonomy (or utopia of autonomy), decentralisation and deliberation become global structural forms of social life. In addition, the blogger is included in the platform from a strategic position that aims to create an opportunity for his/her future. This clearly defines the relationship of between bloggers and the French radio station as being uneven, vertical, thereby breaking what we are calling the “network magic.” Thus, the working conditions and the production of information on the platform are subject to an economic logic, albeit hidden from most bloggers.

As this paper has shown, the interviewed bloggers revealed to be happy with the opportunity to participate of *Mondoblog*. Only a few have presented more reflective discourse marks that point to an awareness regarding the domain situation that such participation may indicate. Blogger number seven demonstrates to be fully aware of the implicit and explicit conflicts that exist in a “work” relationship that subsumes the world of inequalities between North and South, marked by an “unequal economy,” where one observes that the “hand that gives, commands.” In this example, the writing appears, to this blogger, a conditioned activity, not directly but indirectly, since he does not write about the politics of his country, contributing to an agenda that is distant from his own world. After all “writing about two communities living in peace in my country will not be a subject of interest for the French”. Thus explains the blogger 7:

My country is a democracy, according to its constitution. But I prefer to say that it is a country like any other: we follow a democratic ideal. My problem when writing on the blog does not come from the politicians of my country, which is very liberal. I am a journalist and I have never had a problem. I’ve never been threatened, because my country is very liberal in regard to press freedom. I regret that France is the one responsible for this initiative because this breaks down our autonomy. The relationship between France and Africa is not fraternal; it is an unequal economic relationship. It is based on neo-colonialism. In the current context it worries and bothers me. The hand that gives always commands. The initiative not being African, the agenda

will not necessarily be African, some subjects will be valued for meeting their (the French's) interests (...) If you write about two communities living in peace in my country, this will not interest the French, but if I write about two ethnic groups that kill each other, even if they (the French) don't specifically know these groups, the article will be valued on the platform. There is a major voice that says what subject are of interest (...) I have my opinion about certain issues and give much importance to my traditions and, above all, freedom of expression. In journalism you can't speak openly, because there are editorial lines. But on the blog it has to be different. (...) One thing bothers me. Sometimes I write errors on purpose, because I don't like this idea of writing perfect articles. I think that my work does not have a big impact; I cannot claim to change things, although I have received some feedbacks. I once wrote about a young journalist who died at the age of 24 and in his funeral the leaders of the radio made speeches complimenting his professional skills, but we know he was only an intern for many years. I wrote about this, criticising the precarious employment conditions of young journalists. The article generated a debate among the professionals; some praised it, others not. I have frustrations in *Mondoblog*. Not necessarily related to the lack compensation, that's part of the contract. True, if I am looking for a way to monetise my content online, *Mondoblog* is a stepping-stone, I'm reading about this, actually. The blog helps me improve my writing; it is a laboratory. I am a reader of Hemingway, and I think that the life of a man always has headwinds. In life, sometimes we fight and we can't (win). I have a lot of frustration on the platform, with regard to editorial matters. (Blogger 7)

The statement of this blogger elucidates the separation between me/us Africans and them/French. We have noted throughout this paper that work has to be seen as a political reality, analytically questionable in terms of production relations, especially concerning the existence of remuneration. But work and, in this case, the blogger activity, is itself a profoundly cultural phenomenon and needs culture and conceptualisations that each individual has about themselves and about the others to be explained in the macro-sociological level, as well as in the level of experiences and sense assignments built by individuals on a personal level. In this regard, the fact that blogger number seven lives in constant conflict with the terms that organise the *Mondoblog* platform (for example, the requirement to write in "good French") draws our attention. Not only the blogger has to police himself, but this particular requirement about the idiom does not respect the specificities of language in each country, especially in African countries. Therefore, this blogger's attitude shows an act of resistance in face of what he perspectives as a process of homogenisation and standardisation.

It is important to note that in his article, Huws (2009, p. 56) addresses some of the issues that blogger seven criticises, such as the global positioning of the French language

on the Internet. Because of the competition with other languages, such as English and Spanish, other writing requirements for bloggers are generated, due to the fact they need to produce articles that conform to a standard norm of language in order to strengthen the visibility of French on the Internet networks. Besides, the standardisation of language opens up a range of job opportunities in the global market. Such configuration has the effect of producing a rupture between those who master the language standards or are subjected to it as imposed by France and those who do resist somehow. It is also possible to observe a gentrification within the African societies.

UNPAID WORK AND THE GLOBAL CONJECTURE OF WEBJOURNALISM

The globalisation process is somewhat ambivalent and it is possible to detect within it both positive and negative aspects. But this is not a very interesting approach for the present research. Perhaps the most interesting way to form a methodological point of view is to point out the effects generated by this “circulatory system of flows and bonds between nations” (Hall, 2006) on different spheres of social life, such as work, construction of identity, fetishizing of information, and so on.

From the point of view of the construction of identity, globalisation radically modifies the formation of subjects, as we have seen from the interviews. It especially reinforces adherence to a certain idea of shared identities. That is, the social actors, from the processes in which they are inserted, tend to define themselves according to the same order of belonging. In this case, individuals find themselves belonging to a network of reflected worlds, spaces for the reconstruction of the self. We have observed in the reports of the bloggers that most of them define themselves in relation to their activity on the Internet and that more specific identity components appear to be less revealed (such as ethnic, racial, religious and linguistic elements). This concurs with the ideas that Appadurai⁴ (quoted in Freire-Medeiros & Cavalcanti, 2010) has about the relationship between globalisation, technology and modification of identity landscapes, including the experience of ambiguity created in the very development of the work, that, on the one hand, creates conditions of social and professional visibility, but, on the other, is sustained on the basis of a non-formal, precarious relationship:

What I would have to say about it is that, yes, globalisation produces uneven activities, but many of the images built about this production of inequality under globalisation schemes or under neoliberalism are explanations formulated from vertical or national and static models (quoted in Freire-Medeiros & Cavalcanti, 2010, p. 192).

Like other approaches to human capital and the circulation of knowledge have shown, despite the increased casualization and flexibility in the labour market in the era of “information workers” (Castells, 2004), it is possible to observe a mobilisation of the personal investment of workers and also of their intellectual capacities. Rosenfield

⁴ See also Bell's interview (2001).

(2009, pp. 173-174), in a study about call centres, demonstrated this thesis. Therefore, even if we adopt a critical perspective on the change in work in the information age, we cannot overlook its contours in terms of providing workers with conditions for the building of strategies of empowerment, especially by creating mechanisms of social recognition in the global space.

However, it is important to return to Rosenfield's study, which showed similar results to the ones obtained from the analysis of the interviews we conducted with bloggers. Indeed, in our study and in Rosenfield's work, when asked about the representation they had of their own work, interviewees said they were a "stepping-stone", demonstrating, despite all the contributions reported in terms of recognition, a "fragile identity", and furthermore, an instrumental engagement with the activity they performed. In this sense, it is very pertinent to highlight the fact that in both studies participants refer to their activity in a instrumental manner, understanding it as an opportunity, a "route" to something better, in particular as regards the opening (or opportunity) that may be brought about in this global world. Let us mention in this context the following statement of this author:

(They) develop a provisional identity at work because this is a temporary job. Their personal investment rests on the future professional prospects. Employment in call centres is a stepping-stone, a way to financially enable more noble future goals, like training and working in the training area. Their relationship with this work is instrumental (Rosenfiel, 2009, p. 184).

When talking about the bloggers that participated in our study, it is possible to say that they also create an identity in the Internet world, to strengthen their reputation as a professional bloggers or as journalists with skills in what is usually called web journalism. Therefore, their participation in blogs can be understood as an adaptive strategy, given the overall operation of logic that overwhelms the labour relations in the information space⁵.

FINAL CONSIDERATIONS

This paper aimed to enumerate, starting from an empirical research involving interviews with several bloggers who write on the French Mondoblog, the main features of the globalisation of the work of the blogger/journalist in modern times, considering the division and inequality processes that appear through the systems of production of information and knowledge worldwide.

It was possible to observe organisational trends in the production of online information, in special the tendency to "hire" bloggers and journalists who act as correspondents for radio channels, television stations and sites of general information, without offering them a remuneration. Our work also shows that most bloggers that "produce the

⁵ An exchange of emails with Professor Rosenfield made us change the title of this work by adopting the concept of self-employment rather than a first option suggesting situations of underemployment.

news” *in loco* are not aware of the situation of exploitation in which they are involved. Our analysis also debated the question of the formation of the identity and of the subjectivity of these workers, revealing the existence of concealment mechanisms that hide the condition of exploitation, by means of other forms of compensation, that relate to both psychological and materials rewards (such as recognition, visibility, annual meeting in Africa for training sessions and training to digital journalism, etc.).

Bloggers are, therefore, entangled into the general framework of the global economy, which is based on the production of information, that is, in a context where capitalism is restructured in cultural terms (Braga, 2009, p. 64), in which arise new forms of inequality in labour relations. Or, in other words, we are witnessing the production of new identities: the rise of a global informational and highly qualified “proletariat”.

Our study also shows that the recruitment of bloggers is part of a crisis of traditional media, which appears as a result of the global economic crisis. It is therefore a modification of the structure of the market of journalism (divided between North and South) that is reconfigured through integration opportunities afforded by information and communications technology, as well as through the logic of network organisation. In other words, it is a complement of the theory of globalisation that fundamentally shows the overcoming of geographical and temporal constraints between North and South with regard to the production of information.

Finally, this article introduces – or at least explores – from the words of the actors of the *praxis*, other emerging dimensions with respect to the circuit activity of journalists and bloggers in the global space. A space that, as noted in several cases, including in the conceptualisation of “censorship”, is not uniform or amorphous; it is a space full of differences and profound cultural contradictions that intersect with the practice, the *hexis* and the journalistic ethics and also lead us to equate the advantages and disadvantages of discussing and implementing a language and a particular way of being a blogger in this conflicting, multiple and diverse global space-time of citizenship. //

REFERENCES

- Antunes, R. (2009). *Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho?* In R. Antunes & R. Braga. *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* (pp. 231-238). São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. & Braga, R. (ed). (2009). *Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Biotempo.
- Bell, V. (2001). Memória histórica, movimentos globais e violência. Uma conversa entre Paul Gilroy e Arjun Appadurai. *Cadernos Pagu*, 16, 289-318.
- Braga, R. (2012). A política do precariado. *Do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo.
- Braga, R. (2009). A vingança de Braverman: o infotaylorismo como contratempo. In R. Antunes & R. Braga. *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* (pp.59-88). São Paulo: Boitempo.
- Castells, M. (2002). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2009). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

- Castells, M. (2012). *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2013). Redes de indignação e esperança. *Movimentos sociais na era da internet*. Trans. Carlos Alberto Medeiros, 1st ed., Rio de Janeiro: Zahar.
- Corriveau, P. (2000). Mondialisation économique, globalisation financière, inégalités sociales et travail. *Aspects Sociologiques*, 7(1), 14-27.
- Freire-Medeiros, B. & Cavalcanti, M. (Janeiro-junho, 2010). Entrevista com Arjun Appadurai. *Estudos de História*, 23(45), 187-198.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trans. T. T. da Silva & G. Lopes Louro, 11th ed., Rio de Janeiro: DP&A. Retrieved from <http://abpp-rj.com.br/editora/dpa>.
- Huws, U. (2009). A construção de um cibertariado? Trabalho virtual num mundo real. In R. Antunes & R. Braga. *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* (pp.37-58). São Paulo: Boitempo.
- Katembera, S. (s/d). *Novas tecnologia e empoderamento na África francófona: o caso da plataforma Mondoblog do Atelier des Médias*. Dissertação de Mestrado (em curso), Paraíba, Universidade Federal da Paraíba.
- Lemoine, P. (2014). *La Nouvelle Grammaire du Succès. La transformation numérique de l'économie française*. Rapport au Gouvernement. Retrieved from http://www.economie.gouv.fr/files/files/PDF/rapport_TNEF.pdf.
- Levy, P. (2014). *A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet, 9th Ed., São Paulo: Edições Loyola.
- Malini, F. & Antoun, H. (2013). *A internet e a rua. ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Mansell, R. (2009). Poder, cultura das mídias e novas mídias. *Revista Matrizes*, 1, 99-117.
- Martins Rodrigues, L. (1970). *Industrialização e atitudes operárias*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Rapport Mondoblog. (2013). Dakar: Mondoblog.
- Rosenfield, C. (2009). A identidade no trabalho em Call Centers: *a identidade provisória*. In R. Antunes e R. Braga (ed). *Infoproletários. Degradação Real do Trabalho Virtual* (pp.173-188). São Paulo: Boitempo.
- Scholz, T. (2013). *Digital labor: Internet as playground and factory*. London: Routledge.
- Sindicato dos Jornalistas. (2015). A ameaça da terceirização. *Revista Pauta*. Retrieved from http://www.sjpmg.org.br/wp-content/uploads/2015/09/pauta_ed1.pdf.

ACKNOWLEDGMENT

The authors are grateful to those colleagues that have helped translating the text: Edith Owono Elono, Flávia Serafim, Janailton Da Silva and Walter Barros.

BIOGRAPHICAL NOTES

Teresa Cristina Furtado Matos has a PhD in Sociology and is a Professor at the Federal University of Paraíba, in the Centre of Humanities, Literature and Arts. She is a

member of the Centre for Afro-Brazilian and Indigenous Studies and Research (NEABI/ UFPB) and a member of the Group of Studies and Research in Sociology and Race Relations. Her research interests include the following topics: communications, culture, cinema, conflict and self-image, race relations.

E-mail: crisfurtado@yahoo.com.br

Address: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I, 58059-900 - Joao Pessoa, PB - Brasil

Serge Katembera Rhukuzage graduated in Journalism and Communications. He is currently enrolled in the Masters Program in Sociology of the Federal University of Paraíba (PPGS). He researches the influence of New Technologies of Information and Communication (NICTs) in the democratization of Francophone Africa. He is a member of the network Mondoblog.org.

E-mail: skatembera@gmail.com

Address: Federal University of Paraíba, Humanities Centre Literature and Arts - Campus I, 58059-900 - Joao Pessoa, PB – Brazil

* **Submitted: 10-04-2015**

* **Accepted: 11-11-2015**

ENTRE A DUPLA AUSÊNCIA E O PROFISSIONAL TRANSNACIONAL - O “NÃO DITO” DA MOBILIDADE CIENTÍFICA

Izabela Wagner

Resumo

O artigo versa sobre a situação da maioria dos cientistas em mobilidade e a trabalhar nos mais prestigiados laboratórios internacionais de investigação do século XXI. Problematiza-se o desfasamento entre o discurso oficial que tende a enfatizar constantemente a existência de seleções democráticas e justas e de acesso livre às carreiras científicas e o discurso “não dito” sobre a discriminação étnica baseada na nacionalidade dos investigadores que permeia os locais de trabalho em ciência. A informação recolhida através de investigação etnográfica realizada em laboratórios científicos indica que a etnia e a origem geográfica (bem como a nacionalidade do cientista) desempenham papéis importantes no processo de seleção e permanência nos laboratórios de investigação. Neste texto usa-se o conceito “dupla ausência” de Abdelmalek Sayad, mostrando que a situação de ser cientista “estrangeiro” (a maioria dos alunos de doutoramento e pós doutorandos que trabalha no estrangeiro) é idêntica à de outras categorias em migração.

Palavras-chave

Carreiras científicas; discriminações; etnicidade e plano de carreira; internacionalização

INTRODUÇÃO: O PONTO DE VISTA MICROSSOCIOLÓGICO SOBRE AS CARREIRAS CIENTÍFICAS

Notas de observação de campo:

Boston - a “Meca” dos investigadores em ciências da vida- 2011- durante o evento organizado pela associação de pós doutoramento, intitulado “carreiras de investigação”: Na enorme sala de conferências do hotel estão cerca de mil investigadores que trabalham em instituições nos Estados Unidos da América. Um dos principais oradores, um especialista norte-americano que se dedica a falar sobre o modo como “construir carreira na área de ciência”, começa o seu espetáculo. O tema é: o que fazer depois do seu pós doutoramento? O *slogan* é este: *networking, networking, networking!*

Depois de vários anos como pós-doutorandos nos melhores institutos de pesquisa mundial, o público escuta sobre o modo como deve construir as suas carreiras na investigação. Surpreendentemente, aprende acerca do modo como a realização de um doutoramento significa ser inteligente, não só no que respeita à aprendizagem de uma especialidade científica, mas também, e, acima de tudo, como refere o orador principal, no que respeita à necessidade de se estar incrivelmente treinado em competências sociais. É preciso saber não só sobre a proteína que protege de choque térmico, mas também sobre como trabalhar e pensar de forma criativa e independente, como organizar as experiências, como se candidatar a subsídios, como escrever sobre os resultados e, finalmente, como apresentar resultados numa conferência. O nosso principal orador faz

de conta que todas essas competências (*soft skills*) constituem uma espécie de capital muito mais importante do que um conhecimento específico que milhares de pessoas adquirem depois de passar vários anos nas universidades. Segundo o que diz o orador, os investigadores devem antecipar o que vão fazer depois do seu pós-doutoramento, que tipo de trabalho podiam desenvolver e criar estratégias nesse sentido, a fim de terem um emprego com salário decente.

Para o orador, cada cientista deve mobilizar o seu capital, a fim de encontrar trabalho, usando os contatos da tua universidade, de um companheiro de quarto, de um membro da equipa de basquete, de uma pessoa que participou contigo num curso de artes ou com quem jogaste futebol no ensino secundário. Cada contato é importante e a tua universidade, a tua *alma mater*, é um capital importante que deves usar quando estás à procura de trabalho.

Enquanto escutava o orador, lembrei-me do pensamento de Bourdieu, no livro *Nobreza de Estado* (1996), no qual o autor mostrara como este mecanismo da acumulação de capital social obtido nas *Grandes Écoles*, em França, estava a funcionar. Logo de seguida, lembrei-me do estudo de Grannoveter (1973) e de uma obra de Newmann (1999), realizados noutros contextos sociais e noutras áreas geográficas e que provaram o impacto dos laços fracos, isto é, mostraram como as conexões familiares e os amigos contribuem para a procura de emprego.

E agora... Observo em meu redor:

Estamos aqui nesta sala de conferências enorme de um hotel agradável a ouvir esta pessoa. Entre nós, não mais do que 10% são norte-americanos. A grande maioria das pessoas não tem autorização de estadia permanente em os EUA. Apenas alguns têm a sorte de ter o cartão verde - o importante *J1 hold* ou visto *H1*.

Networking, networking, networking. Como mobilizar os nossos amigos do ensino médio de Nova Deli, os membros da equipa de futebol de Milão e os companheiros de Chengdu ou os amigos de aulas arte de São Petersburgo? Como obter o apoio dos nossos professores universitários quando se é do Porto, Varsóvia ou Poitiers? Somos capazes - a maioria de nós - de conseguir um emprego permanente "de verdade" nos EUA, usando o nosso capital social? Ou talvez — como todos nós esperamos - uma vez de regresso ao nosso país, nos tornemos verdadeiros profissionais transnacionais e prosseguiremos a nossa investigação de forma semelhante e com condições de trabalho semelhantes... Que tipo de futuro existe para a maioria dos cientistas que trabalha neste frenesim, sete dias sobre sete e sem férias durante os anos de pós-doutoramento despendidos no melhor lugar do mundo para as ciências da vida?

Nas portas do laboratório alguém vem colocar um autocolante: "comer-dormir-pós-doutoramento". Nos *placards* das instituições de investigação alguém vem colar o artigo da *Nature*: "quase 80% dos artigos publicados na *Nature* têm autores provenientes desta cidade!" Cada um de nós está realmente no coração da investigação básica nas disciplinas de ciências da vida (principalmente áreas médicas). Todos nós — estrangeiros — somos, por norma, os melhores ex-alunos do ensino secundário, formamo-nos na melhor universidade e estamos longe das nossas famílias e casas — os nossos pais estão orgulhosos por terem alguns filhos talentosos dedicados à ciência e investigação.

Durante anos temos ouvido os conselhos: “esforça-te para aprenderes, sê bom e serás bem-sucedido na ciência”. Esforçamo-nos muito e ainda estamos a trabalhar. Mudamos de país e esperamos estar no bom caminho para obter um bom lugar no laboratório de pesquisa e não para sermos eternos pós doutorandos no estrangeiro, com o salário que faz de nós “trabalhadores pobres” nos EUA. Altamente qualificados e empenhados somos a população de estrangeiros que está a desenvolver a ciência, ou, como se dirá depois, a “ciência americana”. Mas estamos neste mercado de trabalho sem praticamente qualquer possibilidade de conseguir um emprego “de verdade”.

Estes profissionais são mão de obra barata e qualificada que chega atraída por excelentes condições de trabalho e pela possibilidade de obter uma experiência única graças à colaboração com uma equipa composta pelos melhores especialistas do mundo ... mas este sonho sobre as condições de trabalho têm a sua data de validade — o tempo de um doutoramento e um contrato de pós-doutoramento.

Este artigo incidirá sobre a situação das pessoas que trabalham como pós-doutorandos em laboratórios de ciência de vida e que tem expectativas de prosseguir a carreira na sua área de investigação — dedicando-se à investigação básica. Para elas, a mobilidade (geográfica) e flexibilidade são entendidas, não apenas como uma estratégia para melhorar suas competências e ampliar seus conhecimentos, mas também como a única maneira de alcançar a chamada mobilidade profissional ascendente — o que significa promoção e acesso a cargos com caráter permanente em instituições de investigação. O modelo que têm de carreira é construído na base da mobilidade, considerada o caminho ideal para uma carreira de prestígio, que conduz ao topo dos círculos mundiais de elite no seu domínio de conhecimento.

Estando no melhor lugar do mundo, os cientistas aprendem progressivamente sobre a saturação do mercado de trabalho nas instituições científicas, os apoios condicionados em função da preferência em termos de nacionalidade e etnia e outras barreiras importantes e com impacto sobre a sua trajetória profissional.

CONTEXTOS E CONCEITOS DOS ESTUDOS DEDICADOS AOS CIENTISTAS: ENTRE A HISTÓRIA E A POLÍTICA (MESO E MACRO)

Os estudos sobre a carreira de cientistas têm uma longa história no campo da sociologia. O ensaio de 1940, de Znaniecki (que foi co-autor, com Thomas, do primeiro estudo realizado na base de documentos pessoais e biografias: “Os camponeses polacos na Europa e América”, 1918-1920) foi o primeiro texto sociológico a incidir sobre o “papel social de um cientista”.

O centro mais fecundo nos estudos sobre as carreiras científicas ficou situado na Universidade de Columbia onde Robert Merton fundou um grupo forte de investigação que realizou vários estudos dedicados aos cientistas. As trajetórias de carreira dos cientistas foram analisadas sob diferentes ângulos: a idade da primeira descoberta (Cole, 1979), a idade da principal descoberta, a religião, a influência da universidade, o tempo de carreira, os valores ligados ao trabalho científico, as carreiras de prestígio — os

prêmios Nobel (Zuckerman, 1977) e a construção da reputação (Merton, 1968). Esses estudos foram conduzidos principalmente entre 1960 e 1990.

Outros autores com diferentes perspectivas teóricas (principalmente os construtivistas - Latour & Woolgar, 1979; Knorr-Cetina, 1999, 1981, mas também interacionistas) focaram o lado subjetivo de carreiras. Glaser apresentou o conceito de *comparative failure* (1964) e Hermanowicz, 30 anos mais tarde (1998), tornou visível como efeito ainda caracteriza os investigadores na área da física, nos EUA. Uma corrente importante de reflexão foi desenvolvida no domínio dos estudos de gênero e dedica-se ao estudo das mulheres na ciência e na universidade (Fox, 1995, 2001, 2005; Smith-Doerr, 2004; Reskin, 1978). Outra categoria substancial de estudos incide sobre a mobilidade geográfica (Bento, Cotta, Araújo, 2009, Mahroum, 2000).

Nos últimos tempos, tem sido usado o conceito de "fuga de cérebros" que, desde o final de 1950, caracterizou os estudos sobre as trajetórias dos cientistas (Giannocolo, 2004). Como já dediquei um artigo a críticas a este conceito (Wagner, 2013), irei referir-me ao seu sucesso e longevidade. Mais de 50 anos depois o termo tem vindo a ser usado continuamente para descrever um determinado fenómeno que tem ocorrido desde 1950, afetando, principalmente, os laboratórios britânicos que se mudaram para a América do Norte. A emigração em massa de cientistas principalmente para os EUA provocou um sentimento de perda avassaladora na Europa. Este fenómeno - chamado "fuga de cérebros" - também acabou por ser, precisamente, a base do sucesso rápido e impressionante da ciência americana (a primeira onda importante de emigração, no entanto, ocorreu por causa de regime nazista, primeiro na Alemanha e, depois, progressivamente, em toda a Europa, a partir de 1930 para 1945). A guerra fria (com a corrida ao armamento) e a proliferação do setor de investigação na área das ciências da vida constituíram dois processos que tiveram lugar nos EUA, desde 1950. Nos Estados Unidos, várias novas instituições foram criadas e isso constituiu uma dinâmica única no surgimento de locais de trabalho para os cientistas (Pestre & Dahan, 2004).

Este aumento da oferta de trabalho foi excepcional. Naquele tempo (em 1970 e 1980) cientistas que hoje estão no final ou na última fase da sua trajetória de carreira, entraram no mercado de trabalho. Por outras palavras — o modelo de carreiras apresentado nos estudos e transmitido no mundo da investigação está a refletir as experiências de pessoas, cujo percurso profissional ocorreu derivado da dinâmica excepcional de novas instituições e das enormes ofertas de emprego. Este foi o tempo de prosperidade excepcional. Os investigadores não tiveram problemas em conseguir um bom emprego e uma posição permanente. Este plano de carreira não ficou só reservado aos cidadãos dos EUA: cientistas estrangeiros também tinham poucas dificuldades em obter posições permanentes. Para os cientistas europeus, em especial os que tem origem em países que, após a Segunda Guerra Mundial, experimentaram grandes dificuldades para (re) criar condições dignas para a investigação científica de nível internacional, o acesso a uma carreira de elite foi inequívoco: obtinham a formação teórica no seu país de origem e, de seguida, a formação prática na Europa Ocidental ou EUA e, finalmente, uma posição nos EUA.

O contexto de trabalho nos domínios da investigação mudou radicalmente nas últimas décadas do século XX por causa não só do colapso da União Soviética, mas também devido à modificação do ambiente universitário. A chamada “democratização” do ensino universitário - que significa mais laureados com o grau de doutoramento — bem como a globalização / internacionalização ou, melhor, a imposição da cultura americana que dominou os campos da investigação (por exemplo, a famosa regra de publicar ou perecer - mas publicar em Inglês, em revistas científicas na sua maioria norte-americanas) — a macdonalização da universidade, a mercantilização do ensino superior combinada com todas as mudanças neoliberais — todas juntas estas tendências criaram as condições para a deterioração das condições de trabalho nas organizações de investigação.

A globalização e as mudanças políticas (a livre circulação de investigadores altamente qualificados da União Soviética, ex-países do Leste Europeu e China) convergiram com a emigração tradicionais de jovens investigadores da Índia, Paquistão, Europa Ocidental, Japão e Coreia. No espaço de duas décadas, o mercado de lugares permanentes nos EUA (dentro do mundo da universidade e instituições de pesquisa — públicas ou privadas) tornou-se saturado. O modelo de carreira de sucesso construída ao longo de vários anos não está mais disponível, mas este é um assunto tabu comum no meio dos cientistas. Aqueles que jogam o jogo de corrida de ratos e acreditam que o sucesso depende de trabalho duro e do incremento do potencial intelectual não falam sobre o mercado de trabalho. Mantendo a ideologia segundo a qual o melhor ganha e a seleção dos investigadores é justa e repousa sobre os critérios profissionais meritocráticos, fazem de conta que tais características auxiliares como o país de origem, a religião, a classe e a universidade não desempenham qualquer papel num concurso à obtenção de um emprego.

No entanto, somente nos últimos anos, algumas vozes começaram a veicular que a precariedade de trabalho está a aumentar muito rapidamente no universo da investigação e da academia, por todas as partes do mundo. Desde há 10 anos estamos a assistir à mobilização da comunidade internacional dos investigadores que se esforçam para melhorar as suas condições de trabalho. Neste contexto complexo e internacional, surgem as primeiras publicações de estudiosos sobre carreiras científicas focadas em temas relacionados com os fenómenos migratórios e as situações específicas de cientistas estrangeiros - discriminações e práticas ocultas no quotidiano que condicionam o acesso ao trabalho e ao emprego.

Em tal contexto, observamos as tensões entre dois modelos opostos de carreiras científicas internacionais: o primeiro a que chamo ‘o profissional transnacional ideal’ e o segundo, “um modelo da dupla ausência ‘— usando um termo cunhado pelo sociólogo franco-argelino, o especialista da migração, Abdelmalek Sayad (1999).

ESTUDOS ETNOGRÁFICOS E SEUS CONCEITOS: PROFISSIONAL TRANSNACIONAL, TRANSMOBILIDADE E A DUPLA AUSÊNCIA (DO MICRO AO MESO)

Este artigo baseia-se num estudo etnográfico realizado em vários laboratórios de ciências da vida situados em quatro países (França, Polónia, EUA e Alemanha). A

especificidade do método etnográfico reside na dispensa de uma abordagem teórica construída *a priori* (antes de iniciar o processo de recolha de dados); requerendo, antes, a elaboração dos conceitos durante o próprio período de observação, bem como a escolha gradual dos objetos de investigação sobre os quais nos debruçamos. Nesta secção, vou apresentar desenvolvimento da minha análise, tendo em conta os espaços onde decorreu a observação. Nessa sequência, apresento as definições e os conceitos criados durante o período de recolha de informação apenas nesta secção.

Comecei o estudo em 2003, na França (numa instituição de investigação básica e com uma equipa não muito habitual naquele campo específico, pois era chamada por todos os investigadores que trabalhavam no edifício como equipa "internacional": dos 15 membros da equipa, apenas três eram cidadãos franceses). Desde essa primeira experiência de observação de trabalho no laboratório de ciências da vida, era óbvio para mim que as dimensões da "cultura internacional do trabalho" ou das "relações de trabalho determinada pela cultura ou origem", por outras palavras, a cultura no sentido da "etnia" dos investigadores, era absolutamente importante¹.

Que se saiba não há literatura sociológica incidindo sobre este assunto em particular: não há referências a conflitos, a mal-entendidos ou a problemas relacionados com esta questão fundamental que é a experiência numa cultura miscigenada. Como é possível que as diferentes línguas dos membros da equipa, os vários estilos de organização, as práticas quotidianas divergentes e as abordagens heterogéneas não venham a ser fontes de problemas? As informações recolhidas sugerem que elas foram, de facto, questões das mais importantes na vida diária das pessoas que trabalham neste lugar (Wagner, 2011).

Comecei a comparar as situações observadas com as análises de especialistas em estudos de gestão intercultural para verificar se encontrava pontos interessantes, mas não surgiu nada realmente adequado para a investigação nos meus tópicos. As configurações interculturais típicas apresentadas na literatura sociológica assumem que a gestão está normalmente situada em países centrais e que os trabalhadores da produção se deslocam de áreas geográficas mais periféricas, para usar a tipologia de Wallerstein (Wallerstein, 1974). A origem nacional aparece correlacionada com a classe social e, geralmente, os investigadores fizeram as suas investigações em espaços bi-nacionais ou bi-culturais. As relações de tipo colonial e os padrões de poder/domínio eram facilmente perceptíveis ao refletir-se sobre a divisão internacional do trabalho e da estrutura de poder global. No caso de laboratório de pesquisa, porém, a situação é muito mais complexa, pois as equipas são muito mais mistas. No entanto, como mostrarei mais tarde, as relações de poder correlacionados com origem nacional (étnica) dos investigadores estão igualmente presentes no mundo da investigação.

¹ Esta é uma abordagem muito conhecida na Polónia, primeiramente introduzida por Ludwik Fleck que ficou internacionalmente conhecido graças à Escola de Edimburgo e depois da publicação da obra de Thomas Kuhn "A estrutura das revoluções científicas" (1962). Em 1935, Fleck, um famoso microbiólogo, físico, sociólogo e filósofo da ciência publicou num livro traduzido 44 anos depois em inglês com o seguinte título: *The Genesis and Development of a Scientific Fact*, (editado por T. J. Trenn e R.K. Merton, com prefácio de Thomas Kuhn), pela Universidade de Chicago, em 1979. Fleck debruçou-se sobre a questão do conhecimento coletivo, mas também mostrou como é importante para a produção de conhecimento científico o papel desempenhado pelo cientista ele/ela próprio(a) e pela cultura em que está enraizado/a.

Para ilustrar a composição típica de um laboratório de investigação, a equipa que observei não era característica do ambiente de investigação Francês, mas era típica de uma instituição internacional de pesquisa em CTEM (que pode variar dependendo da especialidade na pesquisa médica, nos EUA²).

No meu campo de observação — das 14 pessoas observadas, três eram investigadores franceses, dois da Argentina, um americano-coreano, duas pessoas da Espanha, dois da Alemanha, uma pessoa da Suécia, um de Israel e um da Grécia. O PI (líder de grupo) era britânico. Após esta primeira imersão, numa instituição francesa, mas também dentro de uma equipa de trabalho verdadeiramente internacional, percebi as tensões existentes entre um modelo de carreira internacionalizada e as trajetórias profissionais locais. Essa questão pode ser ilustrada no excerto da entrevista realizada com um PI (britânico, também educado nos EUA e no Japão e atualmente a trabalhar numa instituição francesa):

O John está furioso: - Eu não posso acreditar! Tu conheces o meu ex-aluno de doutoramento, François. Ele era muito bom para a investigação, fez um trabalho fantástico e eu ajudei-o a obter o seu pós-doutoramento em Harvard. Após um mês de contrato, ele recebeu a informação de que obteria a posição de professor associado em P. (pequena universidade na França) e decidiu voltar e interrompeu o seu contrato. Estou chocado - ele estava no melhor lugar do mundo para a sua investigação e ele largou tudo por esta posição de ensino. Eu sei que este é um lugar de funcionário público e que tens trabalho até ao final de sua vida, mas a sua investigação! Eu não consigo entender isso.

Este exemplo mostra a opção (que, em si, é hoje uma situação excecional uma vez que as posições permanentes na área da investigação são raras) entre: 1) uma situação precária que as instituições de prestígio oferecem há alguns anos sob o contrato de pós doutoramento durante o qual a “corrida de ratos” pode permitir aceder a uma carreira de sucesso na investigação e 2) a estabilidade do trabalho no ensino e com piores condições para fazer a investigação. É uma escolha entre uma carreira internacional e uma trajetória profissional nacional. A excelência na investigação parece ficar bastante mais acessível seguindo o primeiro caminho. Esses dois modelos de carreira também são discerníveis em outros campos profissionais, tal como na música clássica (Wagner, 2015) ou no ensino secundário e superior (Wagner, 1998). Em França, as pessoas percebem as suas carreiras de acordo com o modelo francês e graças a instituições francesas ou seguindo a via internacional (na investigação normalmente indo para instituições britânicas ou norte-americanas).

Esta distinção nítida entre a carreira nacional e internacional sobressai no segundo trabalho de campo que comecei, em 2006, na Polónia. O parco apoio financeiro por

² Quando apresentei os meus resultados aos estudantes de STS em Harvard, em 2010, um estudante perguntou-me se eu estava a descrever o laboratório do pai dele (na China) - pois aquela situação que eu descrevera era, segundo ele, exatamente a situação dessa equipa. Obviamente, eu tinha descrito outra equipa. É essencial saber que algumas especialidades estão sobre representadas por investigadores de um certo país, por exemplo, na bio informática, há muitos investigadores da Rússia, os cristalógrafos são normalmente formados na Polónia (tradicionalmente).

parte do Estado contrastava com o alto nível do ensino superior (o conhecimento teórico foi em geral excelente e apenas em algumas áreas teve caráter prático). Para uma pessoa altamente bem formada se tornar cientista é obrigatória a experiência no estrangeiro. Hoje, no caso dos polacos, é impossível obter uma posição (não permanente, dado que hoje em dia este tipo de contrato não é possível devido às rígidas reformas no ensino superior e ciência) sem pós doutoramento no estrangeiro.

O trabalho de campo de quatro anos não ficava completo sem entrevistas com investigadores de outras especialidades de CTEM e sem observações de curto prazo realizados em laboratórios alemães e norte-americanos. Analisando a informação recolhida, cheguei ao termo "profissional transnacional" que reflete a importância da experiência internacional na carreira de cientistas. No caso dos investigadores polacos, este não é mais o caso de membros da elite, tal como era no passado (também fiz a comparação histórica das carreiras construídas desde a segunda guerra mundial) mas uma trajetória banal na área da investigação (com a exceção de alguns especialistas de ciências humanas, cujo trabalho se baseia na cultura polaca e na linguagem).

De acordo com os meus resultados, o profissional transnacional é um profissional (Reader, 1967) e que foi socializado em vários países; a sua carreira inclui múltiplas experiências de mobilidade geográfica. Esta pessoa é membro das redes internacionais e possui afiliações com diferentes instituições, de vários países; o profissional transnacional trabalha com financiamentos fornecidos por várias fontes (nacionais e internacionais) e comporta-se de acordo com a "cultura internacional do trabalho" (Wagner, 2011)³. O adjetivo "transnacional" requer alguma explicação. Enquanto a palavra "internacional" se pode entender a partir principalmente de Durkheim adquirindo o sentido de "cultura cosmopolita", nas definições científicas observamos uma versão diferente do *métissage* - mais perto da interpretação maussiana sobre o que define o inter-nacional. A fim de evitar mal-entendidos, decidi empregar o termo transnacional. Esta expressão apareceu na sociologia no estudo da (i)migração:

referindo-se às associações cívicas-políticas, envolvimento económico, redes sociais, e identidades culturais dos (i)migrantes e seus descendentes que se estendem para além das fronteiras do Estado-nacional e que ligam pessoas e instituições em dois ou mais Estados-nação em padrões diversos e multinível. (Morawska, 2009)

Este termo permite uma melhor compreensão do fenómeno, marcado pela dinâmica entre o nacional e o internacional, entre a heterogeneidade de múltiplas culturas e a homogeneidade devido à internacionalização (em certas situações poderíamos falar de americanização fenómeno) e pelas interações constantes que animam a atividade nos locais internacionalizados do trabalho (Wagner, 2014).

³ Não vou desenvolver aqui o termo de cultura internacional do trabalho porque não é um termo preciso e requer uma longa perspectiva de análise. De forma sintética, diremos que define um tipo de cultura profissional que não está inscrita num repertório e é objeto de transmissão direta por meio da imersão requerendo tolerância e flexibilidade na comunicação do dia-a-dia, uma atitude mais aberta face às pessoas que têm origem noutros países e não são falantes nativos do inglês (Wagner, 2011).

A visão que construí, graças à minha formação polaca em etnografia, é compatível com o discurso da política da União Europeia para a investigação que, antes de 2013, sublinhou a necessidade de mobilidade dos cientistas. A ideologia dos políticos que definem estratégias de investigação e a convicção sobre o poder da mobilidade geográfica são tão incisivas que nas publicações de sociólogos europeus, bem como nas discussões entre investigadores europeus, a mobilidade perdeu o seu significado geográfico e passou a designar apenas o fenómeno da mobilidade. Mobilidade que era diferente nos EUA, onde aparece relacionada principalmente com a mobilidade social (ou profissional) ascendente (ascensão vertical), e não com a horizontal (geográfica). Mas, este papel da mobilidade horizontal / geográfica foi tão importante que pensei usar o termo "transmobilidade" para definir o processo de interação entre a mobilidade geográfica e a progressão na carreira. A transmobilidade é um processo social que ocorre nos campos profissionais internacionalizados (artistas, cientistas) e que é composto a partir de diferentes fases. Pode-se definir quatro fases de acordo com a forma da mobilidade e o nível da reputação (precoce, básica, de perito e mobilidade tardia⁴).

O conceito de transmobilidade — parece ser ajustado para mostrar o carácter processual e a complexidade do fenómeno estudado, não se limitando a uma análise sobre a deslocação de um lugar para outro. Mostra a mobilidade como um fenómeno simultaneamente: i) construído como um relacionamento continuado; ii) gerador de informação e conhecimento; iii) fonte de outros recursos; iv) que condensa o conjunto de técnicas e comportamentos desta "cultura profissional internacional". Por outras palavras, "transmobilidade" é, ao mesmo tempo, um processo no qual as pessoas participam para adquirir os conhecimentos e competências. Este processo torna possível a participação na atividade dentro da especialidade profissional a nível internacional (o que é para as ciências da vida uma situação normal), num contexto que é a consequência do progresso tecnológico.

O próximo passo do meu estudo sobre cultura internacional foi concretizado na "Meca da pesquisa das ciências da vida", em algumas das melhores instituições de Boston dedicadas à pesquisa básica.

Na "Meca da pesquisa das ciências da vida", o laboratório onde fiz a observação, integrava um sueco em pós doutoramento, dois alemães, um francês, um polaco, um da Tailândia, estudantes de doutoramento da China, um investigador sénior chinês, um chinês em pós doutoramento, dois técnicos norte-americanos, um técnico polaco. Um americano-coreano em pós doutoramento e um japonês em pós doutoramento.

O líder era polaco-americano. Podiam-se usar 9 línguas neste lugar, mas, no entanto, o Inglês foi imposto e, somente em algumas situações ou discussões, era usado o chinês e/ou o polaco.

A fim de obter mais dados, também passei muito tempo no espaço de pós doutoramento, onde pessoas de todo o Instituto vinham para fazer *coffee breaks* e para

⁴ É importante mencionar que o modelo reflete um ideal tipo - o limite da idade, por exemplo, é adotado nos requisitos e categorizações das instituições europeias. De facto, esta é uma visão masculina da carreira científica, na qual os anos da parentalidade não são considerados. Trata-se de uma das variáveis importantes, embora nem sempre reconhecidas, de desigualdade de género.

descansar. Ali, consegui observar as pessoas no trabalho enquanto eu própria estava imersa no mítico fenómeno de ser “pós doutoranda nos EUA”. Além da perspectiva típica de uma cientista francesa e polaca a trabalhar num laboratório dos Estados Unidos, poderia aprender a compreender situações de asiáticos e de outros investigadores de origem europeia. As minhas dúvidas sobre a cultura internacional em que os condicionantes profissionais rivalizavam com as características “auxiliares” dos investigadores, foram sendo alimentadas por situações quotidianas de numerosos relatos de investigadores estrangeiros que passaram por situações que eles/as próprios avaliaram como tendo sido discriminatórias.

O termo “caraterística auxiliar” (*auxiliar characteristic*), como ferramenta para investigar as carreiras pessoais, foi introduzida na sociologia por Hughes. Num artigo de 1945 — “Dilemas e Contradições do Status” — Hughes mostrou como as características não-profissionais, que não estão relacionadas com competências técnicas (que o autor exemplificou através da figura do médico afro-americano), seja de raça ou a cor da pele, podem determinar a perceção que o cliente tem de um certo profissional e, por conseguinte, podem desempenhar um papel importante na trajetória de um profissional. No meu trabalho de campo que desenvolvi nos Estados Unidos tive várias hipóteses de recolher os dados relativos sobre este fenómeno; um dos primeiros resultados do meu trabalho foi um texto que escrevi sobre o que os *insiders* designavam como “laboratórios do gueto”. Neste artigo, analisei os efeitos da internacionalização das equipas científicas e dei conta de uma lista de obstáculos que os investigadores estrangeiros enfrentam normalmente na construção de carreira.

A primeira categoria de obstáculos está relacionada com a linguagem. A língua falada no laboratório de ciências da vida nos locais internacionalizados poderia ser chamada de *Inglês Pidgin*. Isto é, não se trata realmente do inglês tal como é usado pelos nativos nas relações de comunicação.

Um dos participantes contou-me a seguinte história:

O meu companheiro australiano chegou a casa depois de ter estado 2 anos a trabalhar na França. Após algumas horas passadas com os pais, a família pediu-lhe para falar inglês e para empregar mais de 200 palavras. Na verdade, as suas competências na língua ficaram mais modestas, pois no seu local de trabalho os cientistas estrangeiros usam formas muito básicas e tentam comunicar de forma direta, sem linguagem elaborada.

Mesmo que o *Inglês Pidgin* não seja realmente complicado para cientistas estrangeiros (exceto, talvez, para os britânicos, australianos, irlandeses e outras pessoas provenientes de regiões em que o Inglês é a primeira língua falada) os investigadores têm sotaques diferentes que se devem às influências da sua língua materna e, muitos deles, têm dificuldades em se fazerem compreender.

Recolhi opiniões sobre a recusa em falar por parte de cientistas de algumas origens (chinesa, japonesa e, por vezes, indiana) com medo de não serem capazes de manter uma comunicação clara - a base para a colaboração bem-sucedida na ciência e qual

garante o bom funcionamento da equipa no laboratório. Para ser tão precisa quanto possível, a fim de explicar o que deve ser feito ou o que uma determinada pessoa está a fazer ou quando o assunto é o espaço científico desconhecido (em pesquisa básica esta é uma situação premente), é muito importante para todas as pessoas que trabalham no projeto. É muito difícil assegurar, através informação curricular, se um candidato para uma posição de pós doutoramento é capaz de expressar claramente as suas ideias em Inglês. Durante o processo de seleção, esta competência está entre as características mais importantes a considerar. Por conseguinte, a noção de "característica auxiliar" corresponde bem a uma situação em que um excelente estudioso chinês não seria aceite para o seu pós doutoramento devido à falta de adequação da sua pronúncia. Um falante nativo Inglês não passará por essa condição eliminatória.

No entanto, não é apenas o sotaque que garante uma comunicação bem sucedida. Os significados culturais e a compreensão também são muito importantes (Wierzbicka, 1994). São lendárias nos laboratórios as histórias sobre as culturas em que as pessoas não são capazes de dizer 'não'. Para os de culturas europeias, a recusa é fácil (alguns sistemas de educação recompensam mesmo a abordagem crítica dos alunos), enquanto para outras culturas recusar ou negar são atos percebidos como expressão de desrespeito e, por isso, torna-se um padrão habitual quase impossível de transgredir.

A estória a seguir descreve essa situação:

Eu estava ciente de que no Japão eles não estão a dizer não. Eu li isso antes de eu vir para Quioto durante a primeira semana, quando eu li o livro sobre a cultura japonesa. Mas no laboratório, eu não prestei atenção suficiente a esse facto. Quando perguntei ao colega que trabalhou comigo no projeto - "tu entendeste"? Ele disse "Okay" - e, só depois de 2 meses de trabalho, percebi que ele fez experiências erradas e todos os seus erros foram devidos à falta de entendimento. Não lhe foi possível dizer - "não - tens de repetir" ou "eu não entendi".

Outro cientista polaco, depois de ter estado em doutoramento no Japão, afirma:

Eu colecionava um grande número de histórias semelhantes. É interessante o poder da nossa cultura de origem e como nos falta abertura ou atitudes não-etnocêntricas - somos criados numa cultura em que os padrões de comunicação incluem a expressão do "não" e é difícil termos consciência de que outras pessoas podem ser educados de uma forma diferente.

Outra característica auxiliar que remete frequentemente para o assunto da discriminação e que torna a carreira científica mais difícil está relacionada com o sexo. Quando se cruzam duas características discriminatórias (origem étnica e género), temos uma situação muito difícil para um cientista que está a tentar construir a sua carreira 'simplesmente' na base de competências e conhecimentos profissionais.

Uma mulher cientista de 40 anos de idade da América do Norte afirma:

Tu sabes, isso é loucura, o poder da tua educação. Quando estive nos EUA, eu nunca tive problemas para discutir ciência com as pessoas, para desenvolver argumentação, para debate, entrar em contradição com alguém. Mas, quando estou no meu país, no Japão, isso é algo em mim que está a mudar. Eu torno-me numa menina e, na frente daqueles velhos professores ou mesmo daqueles que são da minha idade, eu não sou capaz de dizer - "não! Tu estás errado!" Mesmo que tenha provas robustas e esteja convencida de que eles não têm razão - tu sabes que este é o poder da minha socialização primária. Tu tens estatuto inferior e tu és mulher!

Em algumas situações, o género, como característica auxiliar, pode ser uma variável discriminatória também no caso dos homens:

Afirma uma mulher de 50 anos de idade, investigadora responsável (PI):

Eu tinha muito má experiência com esta colaboração com um tipo da Ásia Oriental. Ele estava sempre a dizer de forma muito vigorosa que entendia e que estava certo, etc., que não era capaz de aceitar as críticas e reconhecer as suas falhas. E, tenho certeza de que era porque eu sou uma mulher. Então, eu não fui capaz de orientá-lo e, depois de 2 anos de colaboração, o contrato expirou. Ele não tinha nenhuma publicação e eu não era favorável a uma prorrogação. E tu sabes o quê? Desde então, não aceito pessoas desta região, porque eu acho que, para eles, ter um chefe do sexo feminino é inaceitável. Mesmo sendo inteligentes, a sua educação é de tal maneira que acham que devem estar sempre em situação de domínio em relação às mulheres

O que é importante no excerto desta entrevista é a convicção desta Investigadora Responsável (PI) sobre o facto de o problema na comunicação se ficar a dever à cultura e à socialização de género, tida como diferente da ocidental⁵. Sob essa perspetiva é evidente que a origem cultural desempenhará um papel crucial no processo de seleção para o cargo de pós doutoramento.

Os aspetos acima mencionados são fáceis de observar e analisar. O mesmo não pode ser dito sobre outros tipos de comunicações, que incluem sentimentos, conflitos e da dinâmica dos relacionamentos construídos ao longo do tempo.

Uma especialista no campo da sociolinguística, Wierzbicka, demonstrou como a nossa educação primária e os primeiros anos de nossa vida determinam os nossos sentimentos para o resto da nossa vida. Os cientistas móveis geralmente passam cerca de 20 anos da sua vida em diferentes ambientes culturais, nos EUA e noutras metrópoles europeias ou campus universitários. Os seus guias culturais (Wierzbicka, 1994) estão

⁵ Estou a seguir a perspetiva dos participantes, não especialistas em género que estão obviamente conscientes das importantes diferenças na educação de género implementada nos países da União Europeia, diferenças de estatuto e classe social e áreas profissionais. Mas para os meus participantes esta é uma caixa negra/branca onde existem duas categorias de educação de género: a ocidental que respeita a igualdade e a outra (para os participantes tal está relacionado com a religião de acordo com a qual o islão é uma cultura na qual a desigualdade de género é altamente discriminadora das mulheres).

bem sólidos e funcionam como padrões culturais em diferentes situações. Isto é especialmente importante do ponto de vista da organização do trabalho e em situações de conflito que têm vindo a aumentar no ambiente que observámos, pois o espaço de laboratório é um ambiente social em que várias tensões favorecem situações de conflito⁶.

As pessoas que trabalham em equipas internacionais possuem vários modelos de resolução de conflitos e diferentes perspetivas sobre o que é "perder a face". Na minha perspetiva, a análise goffmaniana acerca da manutenção de relacionamentos, assim como a abordagem interacionista que pressupõe o conhecimento sobre significações do nosso comportamento e expressões, devem ser complementados com análises dos aspetos culturais - mesmo que esperemos algum "modelo intercultural de solução de conflitos" adaptado para a organização de trabalho no laboratório, a informação recolhida através da observação sugere que os participantes estão constantemente numa situação "in-between": oscilando entre os seus padrões culturais originais e algo que cada um deles imagina como "internacional" ou "global" ou modelos "profissionais" de gestão de conflitos⁷.

Na verdade, não há estudos acerca dessas questões sobre gestão nos laboratórios. Os especialistas na área do trabalho concentram-se noutros problemas, como se as questões das diferenças culturais estivessem ausentes do mundo científico. No entanto, este é o ambiente social e profissional semelhante a outros lugares onde o modo de lidar com a presença multicultural se correlaciona com o uso de estereótipos que acabam por preencher a falta de conhecimento sobre uma determinada cultura ou evento.

Se os estereótipos ligados à origem nacional dos atores estão ativos, também exigem alguma adaptação ao ambiente de trabalho científico. Os cientistas desejam ter a mente aberta e tolerante e, certamente, estão a fazer enormes esforços a fim de prosseguir o seu trabalho em tais ambientes culturais complexos. Em alguns lugares, criam e usam guias formais, a fim de implementar boas práticas, independentemente dos hábitos que os recém-chegados possam ou não ter. Um chefe de laboratório disse-me que pede a cada aluno de doutoramento da Ásia para escrever à mão a definição de plágio. Ele passa horas a explicar que a transcrição sem citar a fonte é uma prática errada e não representa um reconhecimento para com o mestre (como é o caso na cultura chinesa). Outra pessoa disse-me ter explicado várias vezes que as revistas do conselho (espaço em que as experiências e todo o trabalho de laboratório são documentadas) são pessoais e que ninguém deve lê-las sem pedir. Eu observei como um jovem cientista ensinou ao seu colega por que razão olhar para o ecrã do computador de outra pessoa sem a sua autorização é falta de educação e constitui uma transgressão da regra de privacidade. Este tipo de educação cultural ocorre constantemente nos laboratórios.

⁶ As tensões devem-se a vários factores estruturais (contratos temporários, falta de estabilidade, competição por bolsas, publicar ou perecer, expectativas de publicar e ter bons resultados, pressão para acabar o doutoramento, sistema de avaliação, falta de casa e da família, estar num país estrangeiro, linguagem diferente na comunicação diária, diferente alimentação e clima, relacionais (relação orientando orientador, dependências na colaboração, modelos de relação profissional, aprendizagem constante dos relacionamentos em várias situações, o sentimento de estar aparte) e pessoais (o ambiente profissional no qual o sentimento de desvantagem comparativa (*comparative failure*) (Glaser, 1967; Hermanowicz, 1999) é elevado.

⁷ Num outro texto dedicado ao tema do "laboratório de gueto" mostro vários exemplos de conflito.

Tais situações fornecem espaço para explicar as regras obrigatórias no mundo ocidental. Nesse seguimento, as pessoas envolvidas devem compreender e respeitá-las, ou compreender e não as respeitar, conforme as situações e os participantes. Não se trata mais de uma questão de cultura de origem, mas de uma questão de natureza humana, pois a violação das regras e as transgressões de boas práticas não ocorrem apenas em ambientes multiculturais.

Em todos os campos observados, consegui perceber as relações mais estreitas entre os participantes, que, em alguns casos, conduzem à gênese de uma hierarquia informal. Há pessoas que colaboram mais com uma pessoa do que com outra, não só por causa do projeto, mas porque se entendem melhor. De acordo com a sociologia do trabalho, uma boa comunicação é fundamental para uma colaboração frutuosa. Como mencionei anteriormente, alguns obstáculos devem-se à origem diversa dos participantes. Por isso, frequentemente as pessoas de culturas similares colaboram de forma mais estreita. Não vou desenvolver a ideia sobre a importância das semelhanças culturais e da formação educacional para o conhecimento científico — porque irei versar sobre este assunto noutra publicação. No entanto, devemos notar que esse entendimento cultural também é importante para questões fundamentais do trabalho científico: não só na área das *soft skills*, boas relações humanas e comunicação clara, mas também no que respeita as capacidades científicas.

Concluindo esta secção dedicada a uma análise do impacto das “diferenças culturais em carreiras científicas”, poderíamos entender por que as pessoas estão a organizar o seu trabalho nos chamados “laboratórios do gueto”— o que significa que escolhem colaboradores provenientes de áreas culturais mais próximas ou simplesmente a partir do espaço cultural que é conhecido pela pessoa encarregada da seleção (por exemplo, após a experiência bem sucedida de colaboração entre um PI francês e um pós-doutorado chinês, o PI não hesitará em contratar outro jovem cientista da China. Conheci pessoas que, depois de terem tido boas colaborações, ficaram fascinadas por essa cultura “exótica”, começaram a aprender chinês).

Independentemente da falta de informação sobre os aspetos culturais do trabalho no laboratório científico, argumentamos que a cultura é importante. A cultura é também uma característica auxiliar crucial e pode ser um elemento determinante da seleção negativa.

A DUPLA AUSÊNCIA

Os dados recolhidos no meu trabalho de campo nos EUA vieram fornecer informações sobre o impacto que a origem nacional dos cientistas pode ter sobre as suas perspetivas de emprego e de desenvolvimento de carreira. Inúmeros serviços que se propõem ajudar os cientistas estrangeiros na redação de projetos de bolsas ou correções de textos indicam existir uma grande diferença entre as pessoas educadas sob influência da língua inglesa e as outras. Mas escrever bem em Inglês não é o único elemento.

Um dos IR disse-me:

Tu sabes: eu não posso investir em todas as pessoas do meu laboratório. Há mais de 20 pessoas e algumas delas estão aqui por um curto espaço de tempo. Eu não posso passar horas com eles a ensiná-los a escrever uma proposta de bolsa. Isso exige uma enorme quantidade de trabalho. Eu faço isso com as pessoas que vão ficar nos EUA, elas estão decididas a prosseguir a sua carreira aqui, não têm problemas de não-adaptação.

Como este cientista americano disse, a investigação é importante para a próxima geração de cientistas, mas nem todas as pessoas no laboratório irão beneficiar do mesmo tratamento. A minha pesquisa anterior mostrou que numa atividade profissional criativa, na qual o elemento crucial da carreira é a construção da reputação entre pares e em que o tipo de conhecimento é reservado para os especialistas altamente qualificados, o que se torna mais importante é o processo de acompanhamento da carreira (Wagner, 2006). O acompanhamento da carreira significa a colaboração muito estreita entre especialistas (normalmente na relação mestre e discípulo) durante a qual ocorre a interação entre duas carreiras, e as pessoas no campo reconhecem que a colaboração de cada um está a ser beneficiada pela outra carreira. Tal investimento numa relação de acoplamento carreira só é possível num número limitado de casos que exigem diariamente intensa colaboração. Durante os primeiros períodos de tais relações, as pessoas procuram verificar o que têm em comum de modo a estabelecerem uma colaboração intensiva e fusional durante anos. Certamente que uma cultura semelhante e uma comunicação fluída tornam a aproximação mais fácil. Para os que têm dificuldade em se aproximar dos supervisores e não são capazes de desenvolver uma relação privilegiada com eles, a sensação de falta de mentores e de oportunidade para aprender segundo esses canones é avassaladora. A aprendizagem de importantes habilidades (redação de artigos, submissão de propostas, escrita do CV de acordo com o estilo preferido de uma determinada área, declarações pessoais, cartas de motivação, entrada na rede da qual faz parte o mentor, introdução ao trabalho de revisão e, por vezes, a assistência pedagógica) é também importante enquanto conhecimento científico puro. Sem acesso a recursos informais (os recursos formais são modestos, pois os estrangeiros não estão propriamente no seu espaço), parece ser difícil dar o próximo passo na carreira neste país.

Uma antiga cientista que se tornou consultora e conselheira de jovens cientistas, ela mesmo originária da Índia, disse-me durante uma entrevista que os pós doutorandos estrangeiros dificilmente terão possibilidades de permanecer nos EUA obtendo algo mais estável do que pós-doutoramento. Ela reafirmou que o nível de Inglês, bem como a não adaptação cultural tornam impossível a entrada mesmo numa universidade de segundo nível. Que não sabem como ensinar os estudantes americanos e como fazer parte do corpo docente. Estão completamente perdidos com as burocracias da universidade, acabando por não ter dinheiro para a sua investigação. No final desta análise, esta cientista disse-me que as pessoas da Europa (Ocidental) estão melhor preparadas do que as que vem da Ásia, no entanto, a comissão de recrutamento seleção terá problemas

em escolhê-los — e, tendo habilidades e produções iguais, acabarão por escolher o(a) candidato(a) americano. Ela ressaltou que:

Nós - os pais norte-americanos- temos de pagar muito para a educação dos nossos filhos e devemos apoiar os nossos filhos nas seleções. Na Europa, vocês têm a educação gratuita e a competição não é só esta. Tu sabes, para um filho temos mais de 200 000 dólares de hipotecas. Isso é muito dinheiro. Os tempos são difíceis e devemos apoiar-nos uns aos outros – tu entendes?

À luz deste excerto não é de estranhar que os cientistas estrangeiros percebam a sua origem como um obstáculo. Não me estou a debruçar sobre a questão dos vistos ou sobre as decisões por trás da sua atribuição e que tem impacto sobre as carreiras científicas (depois do 11 de setembro um grande número de cientistas do Médio Oriente tiveram problemas em prosseguir a carreira nos EUA). Os estrangeiros são trabalhadores científicos baratos que contribuem para o desenvolvimento da ciência americana, ainda que sem perspectiva de conseguir um emprego, tal como os seus colegas americanos o conseguirão. Tenho notado que, para a maioria dos meus entrevistados e participantes com quem me encontrei nos EUA, o futuro profissional vai ser difícil. Alguns falam em voltar para seu país (conforme o país), outros falam em voltar para a UE (como a maioria dos polacos que preferem trabalhar na União Europeia, embora não na Polónia). As visões que têm da situação no presente e no futuro próximo são semelhantes a de outros emigrantes que denotam estarem certos de serem cidadãos de segunda categoria, não terem os mesmos direitos que as outras pessoas na mesma situação, embora com um melhor passaporte.

O especialista de estudos de migração, Abdelmalek Sayad, definiu o conceito de dupla ausência (1994). No seu livro, o autor descreveu a situação de várias gerações de emigrantes submetidas à situação de dupla ausência: já não estão no seu país de origem, perderam as ligações importantes e tornaram-se turistas que visitam a sua família, e, ao mesmo tempo, não têm direitos como os cidadãos no país que escolheram viver. Não têm o mesmo acesso ao desenvolvimento profissional ou a outros recursos a que acedem os nativos. A perspectiva do desenvolvimento de carreira e melhoria da sua situação pessoal e financeira não são semelhantes aos da população nativa. Não se podem tornar membros das instituições de governo local, não têm acesso a cargos importantes.

Os cientistas estrangeiros que trabalham no estrangeiro enfrentam a mesma situação. Não é exagero empregar o conceito de dupla ausência no caso de cientistas emigrantes. Aliás, aqueles que estão a voltar ao seu país também estão na categoria similar. Perderam a sua posição, especialmente se a sua experiência de mobilidade foi de longa duração. Como é o caso de numerosos cientistas, após vários anos de ausência (a carreira foi fortemente encorajada pela política da UE) o seu regresso não é fácil. No meu trabalho dedicado à população de cientistas polacos de elite, que voltaram depois das suas experiências no exterior, o sentimento de não adaptação, de ser-se um estranho e uma pessoa não muito bem-vinda por aqueles que ficaram no seu país e que trabalhavam de acordo com “o velho estilo” está largamente enraizado. Os cientistas falam

sobre uma "cola": uma espécie de conjunção de várias dificuldades para implementar algumas modificações, principalmente relacionados com a organização do trabalho.

Os resultados do meu estudo permitem introduzir na área dos estudos sobre as carreiras o conceito de depressão de pós-doutoramento. Trata-se de definir um sentimento persistente de falta de agência e fracasso e que ocorre alguns meses após o regresso dos cientistas. Como ficam, em geral, muito motivados quando têm a possibilidade de voltar para o país de origem e obter uma posição (normalmente temporária) têm a expectativa de estarem em pé de igualdade de direitos, como as restantes pessoas que trabalham no mesmo espaço aonde também vão ficar. Frequentemente o não cumprimento dessa expectativa conduz à desilusão e decepção, não sendo capazes de executar o seu trabalho de investigação com o nível de dinamismo que tinham em fases anteriores da carreira (pós doutoramento no exterior).

CUSTO PESSOAL

Por consequência, o uso do conceito de dupla ausência está justificado. A mobilidade e a flexibilidade de cientistas no período de pós doutoramento são necessárias - todas as pessoas são convidadas a moverem-se para outro país, independentemente de terem pais idosos, família recente, às vezes com membros próximos da família, às vezes sozinhos. O custo pessoal desta vida à distância dos membros da família não está de todo estudado. Muitos divórcios de casais, casais a viverem separados, relações que acabam abruptamente... Tantos acontecimentos de vida importantes a que se falta (os bons, como festas de final de ano e casamentos na família, ou difíceis, como a morte de membros familiares mais velhos ou a ajuda os pais na sua vida diária). Todos esses sacrifícios não são compensados nem com salários correspondentes (como acontece no caso dos gestores internacionais), nem com perspectivas de carreira interessantes. A ciência é voraz.

Este lado triste da experiência de ser um cientista internacional é, de acordo com meu conhecimento, pouco estudada e raramente constitui objeto de comunicações escritas. Mesmo as informações recolhidas sejam ricas, a comunidade científica não está a partilhar informação sobre as variáveis que moldam as suas vidas. Porquê?

Vários estudos dedicados aos cientistas móveis não empregam etnografia e esta é, em minha opinião, o único método adequado para trazer à luzes práticas discriminatórias. O foco nos estudos sobre regulamentações e implementações da lei não está a refletir a realidade, como neste caso de uma cientista bi-nacional:

Após o seu doutoramento na França esta cientista mudou-se para a Polónia e ali, dois anos após a regulamentação sobre o reconhecimento de diplomas e da assinatura do processo de Bolonha, amplamente implementado de acordo diretivas assinadas sob a supervisão da UE, a jovem portadora de um doutoramento francês era suposta obter o reconhecimento - a fim de poder concorrer a uma vaga de dois anos como professora assistente. Tal procedimento era, no entanto, à luz dos regulamentos da EU, ilegal. Vários anos depois, essa mesma pessoa obteve a qualificação na Polónia. Para ser

autorizada a apresentar – se no concurso para professora titular na França seguiu com o processo de qualificação. De novo, na França, a prática nacional (ilegal, mas usada) contra os regulamentos da UE- de reconhecimento mútuo de diplomas. A comissão francesa para a qualificação aconselhou a candidata franco-polaca propor-se novamente à qualificação, em França.

Duas situações em dois países diferentes mostram como a internacionalização, sob a forma da europeização, não está a funcionar e como os cientistas móveis estão na situação de dupla ausência, penalizados por causa do seu percurso internacional.

MENTIRA COLETIVA

O conceito de mentira coletiva constitui outro fruto de décadas de trabalho conduzidas por Abdelmalek Sayad no meio dos emigrantes Norte Africanos que vivem na França. Este termo refere-se ao fenómeno de manter o silêncio coletivo sobre as condições de trabalho e de vida dos emigrantes em França, face aos membros da família que ficaram no seu país (Sayad, 1999).

Este silêncio e omissão de informações sobre as dificuldades e o tratamento discriminatório dos emigrantes nos contatos que têm com familiares desempenham um papel importante na manutenção da imagem de que são pessoas de sucesso e com uma vida feliz que os emigrantes têm em seu novo local. A mentira coletiva prepara a próxima geração de emigrantes para o caminho migratório. Alguns casos de sucesso real ilustram meramente o caráter excepcional de algumas trajetórias.

Esta situação é semelhante para os cientistas. As histórias sobre carreiras não falam sobre o lado triste da situação de cientistas que emigraram. Alguns delas são reais, mas, como já referi na introdução, as carreiras foram desenvolvidas no passado, num contexto completamente diferente em termos de mercado de trabalho, quando os cientistas puderam escolher o local de trabalho e quando as posições permanentes e posições estáveis não eram, de todo, excecionais. A mentira coletiva sobre a situação de cientistas precários (os emigrantes, mas também aqueles que tentam construir carreira no seu país de origem) está a funcionar bem para os políticos da ciência que popularizaram a mobilidade geográfica até ao ponto de criarem aquilo que acima nomeei transmobilidade, ou seja, a mobilidade tornou-se num elemento crucial para as carreiras científicas.

Finalmente, a mobilidade e numerosas “possibilidades de conseguir um emprego em todo o mundo” deram-nos a esperança de um futuro melhor. As promessas de ter uma oportunidade e a possibilidade de enviar o CV para qualquer parte do mundo atraem alguns cientistas, ainda que só algumas exceções venham a ser bem-sucedidas no jogo do “tribunal mundial” para conseguir trabalho. Aqueles que não ficarem vão convencer-se que são culpados e que não são suficientemente bons, que o seu currículo não é suficientemente rico, que a sua lista de publicações não é suficientemente extensa e que o índice de IF ou H não é suficientemente elevado.

Na cultura do individualismo, o fracasso não é individual, mas estrutural e a mentira coletiva sustenta este mecanismo para explicar fracassos a partir de fraquezas individuais.

Quando sociólogos e especialistas nos estudos sobre carreiras nos mundos da ciência e da academia começarem a trabalhar intensamente sobre os aspetos mencionados acima irão contribuir para quebrar o silêncio sobre a qualidade de vida e as perspectivas de carreira de milhares de cientistas formados em países periféricos (onde a sociedade se organiza para a garantia da educação gratuita dos melhores alunos) e que trabalham em países desenvolvidos (onde estão sub-remunerados e explorados; Stephen, 2012) e talvez um debate mais geral contribua para a melhoria das situações de cientistas.

CONCLUSÃO: OS INVESTIGADORES KLEENEX...

O trabalho científico é um empreendimento coletivo e a individualização da nossa sociedade que ocorre recentemente sob influência neoliberal bem percebida na Academia e no ambiente Ciência não caminham lado a lado.

Paula Stephen, uma economista americana, usando as ferramentas da sua disciplina demonstra a enorme corrupção estatal e o desperdício de recursos públicos derivados desse novo tipo de gestão liberal. Além disso, fala abertamente sobre a exploração de trabalhadores baratos. Eu chamo-os investigadores Kleenex, uma vez que despendem 10 dos seus melhores anos de vida profissional a trabalhar num pós doutorando sem outras perspectivas.

Neste artigo fiz uma pergunta sobre a situação dos investigadores que trabalham em laboratórios de ciências da vida (em certa medida, esta análise diz respeito também outros especialistas - investigadores).

No meio, há uma grande variedade de situações que oscilam no espaço delimitado, de um lado (positivo), pelo profissional transnacional que define o sucesso de cientistas que realizam a sua carreira em dois (ou mais) países e estão presentes a internacional nível e, do outro lado – o (negativo) – o cientista duplamente ausente – o investigador emigrante ou temporariamente presente noutra país destituído dos recursos similares aos dos seus e suas colegas de laboratório com origem no país aonde trabalham.

A perspectiva interacionista inclui tradicionalmente no estudo da carreira as dinâmicas da situação. Esta é a razão pela qual se deve olhar sempre para uma determinada situação particular no seu contexto e dinâmica. Uma pessoa pode experimentar ambas as situações. A carreira dos cientistas é longa – geralmente mais de 40 anos – e as práticas de mobilidade são várias. O contexto em torno dessas carreiras também é muito dinâmico e multidimensional (algumas disciplinas tornam-se “quentes” e outras perdem popularidade). A carreira profissional em campos criativos é sempre complexa e depende de múltiplos factores e conjunções de elementos. As características de mobilidade e de apoio a trajetórias no mundo da pesquisa tem muitas vezes impacto crucial. É por isso que nós – os sociólogos – temos um importante papel a desempenhar para quebrar a mentira coletiva e contribuir para a melhoria da condição de trabalho dos investigadores.

Esta área da atividade humana deve ser livre de exploração, de relações de dominação Norte / Sul e relações de poder centro-periferia — como mostram diversos estudos relativos às melhores condições para a criatividade, engenhosidade e inovação. //

REFERÊNCIAS

- Bento, S.; Cotta, D. & Araújo, E. (2009, 24 de setembro). Mobility and research institutes in Portugal - Conceptualizing knowledge circulation. *Second International Conference on Academic Mobility*. Tallinn.
- Bourdieu, P. (1996). *The State nobility: Elite schools in the field of power*. Stanford: Stanford University Press.
- Cole, S. (1979). Age and scientific performance. *American Journal of Sociology*, 84(4), 958-977.
- Fleck, L. (1979) [1935]. *The genesis and development of a scientific fact*. Chicago: University of Chicago Press.
- Fox, M.F.(1995). Women and scientific careers. In S. Jasanoff, G. Markle, J.Peterson & T. Pitch (Eds.), *Handbook of Science and Technology Studies* (pp. 205-223). Newbury Park: Sage.
- Fox, M.F.(2001). Women, science, and academia: Graduate education and careers. *Gender & Society*, 15, 654-666.
- Fox, M. F. (2005). Gender, family characteristics, and publication productivity among scientists. *Social Studies of Science*, 35,131-150.
- Giannoccolo, P. (2004). The brain drain. A survey of the literature. Acedido em www.dse.unibo.it/giannoccolo.
- Glaser, B. G. (1964). Comparative failure in science. *Science*, 143,1012-1014.
- Granovetter, M.S. (1973). The strenght of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78, 1360-80.
- Hermanowicz, J. C. (1998). *The stars are not enough-scientists—their passions and professions*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Hughes, C. (1945). Dilemmas and contradictions of status. *American Journal of Sociology*, 50(5), 353-359
- Knorr Cetina, K. (1981). *The manufacture of knowledge - An essay on the constructivist and contextual nature of science*. Oxford: Pergamon Press.
- Knorr Cetina, K. (1999). *Epistemic cultures: How the sciences make knowledge*. Harvard: Harvard University Press.
- Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Latour, B. & Woolgar S. (1979). *Laboratory life: The construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press.
- Mahroum, S. (2000). Highly skilled globetrotters: mapping the international migration of human capital. *R&D Management*, 30(1),23-32.
- Merton, R. (1960). *The sociology of science. Theoretical and empirical investigations*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- Morawska, E. (2009). Badania nad imigracją/etnicznością w Europie i Stanach Zjednoczonych: analiza porównawcza. *Studia Migracyjne-Przegląd polonijny*, 1. Acedido em <http://www.kbnm.pan.pl/images/stories/artykuly/Morawska-artykul-2009-Nr1.pdf>.
- Newman, K. (1999). *No shame in my game*. New York: Russel Sage Fondation.
- Pestre, D. & Dahan, A. (eds) (2004). *Les sciences pour la guerre, 1940-1960*. Paris: Presses de l'EHESS.
- Reader, W.J. (1967). *Professional men: The rise of the professional classes in nineteenth century England*. New York: Basic Books.

- Reskin, B. F. (1978). Scientific productivity, sex, and location in the institution of science. *American Journal of Sociology*, 83,1235-1243.
- Sayad, A. (1999). *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*. Paris: Le Seuil.
- Smith-Doerr, L. (2004). *Women's work: Gender equality vs. hierarchy in the life sciences*. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers.
- Stephan, P. (2012). *How economics shape science*. Harvard University Press.
- Wallerstein, I. (1974). *The modern world-system, vol. I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century*. New York/London : Academic Press.
- Wagner, A. (1998). *Les nouvelles élites de la mondialisation. Une immigration dorée en France*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Wagner, I. (2006). Career coupling. Career making in the elite worlds of musicians and scientists. *Qualitative Sociology Review*, 2(3). Acedido em http://www.qualitativesociologyreview.org/ENG/archive_eng.php
- Wagner, I. (2011). *Becoming transnational professional. Mobilność i kariery polskich elit naukowych*. Warszawa: Wyd. Scholar Wydawnictwo Naukowe.
- Wagner, I. (2013). What is "genius" in arts and "brain drain" in life-science. The relevance of Chicago School heritage in the studies of professional elite-worlds. In J. Low & G. Bowden (Eds), *The Chicago School Diaspora - Epistemology and Substance* (pp. 272-286). Canada: MacGill & Queens University Press.
- Wagner, I. (2014). Works and career aspects of ghetto laboratories. In K. Pripic, I. vanan der Weijden & N. Ashuelova (Eds), *Careers in Science* (pp. 145-170). St. Petersburg: Institute for the History of Science and Technology. Acedido em http://ihst.nw.ru/images/books%20in%20pdf/Researchng_Scientific_Careers_2014.pdf.
- Wagner, I. (2015). *Producing excellence – Making of a virtuoso*. New York: Rutgers University Press.
- Wierzbicka, A. (1994). 'Cultural scripts': A semantic approach to cultural analysis and cross-cultural communication. *Pragmatics and Language Learning*, 5,1-24.
- Znaniecki, F. (1940). *The social role of the man of knowledge*. New York: Columbia University Press.
- Zuckerman, H. (1977). *Scientific elite: Nobel laureates in the United States*. New York: The Free Press.

Traduzido do Inglês por Denise Cogo

NOTA BIOGRÁFICA

Izabela Wagner é professora associada desde 2008 na Faculdade de Filosofia e Sociologia na Universidade de Varsóvia e centro de sociologia do trabalho e das organizações. Presentemente é professora visitante na Universidade de Cagliari, Itália.

E-mail: wagneri@is.uw.edu.pl

Universidade de Varsóvia, Institute of Sociology, ul. Karowa 18, 00-927 Warszawa, Polónia

* Submetido: 03-04-2015

* Aceite: 02-07-2015

BETWEEN DOUBLE ABSENCE AND TRANSNATIONAL PROFESSIONAL – THE UNREVEALED SIDE OF SCIENTIFIC MOBILITY

Izabela Wagner

Abstract

The paper concerns the situation of the majority of mobile scientists working in the international prestigious research laboratories in 21st century. I point out the lag between official communication about open access and democratic and fair selections which occur in scientific careers all the time and unspoken issues related with ethnical and national discrimination in the workplaces. The problem of ethnical discrimination is omitted in the sociological literature issue however, the ethnographic data provided from scientific laboratories indicates that the ethnicity and origin (as well as the nationality of scientist) play an important role. I employ in this paper the Abdelmalek Sayad's concept of "double absence", showing that the situation of "foreigner" scientists (majority of the PhD students and post-docs working abroad) is similar to other categories of migrants.

Keywords

Scientific careers; discriminations; ethnicity and career path; internationalization

INTRODUCTION: MICRO VIEW ON SCIENTIFIC CAREERS

Micro approach (fieldnotes):

Boston - "Mecca" for life-science researchers; 2011; during the event organized by post-doc association "Careers in Research"; in the huge hotel conference room over thousands of researchers working in MA (USA) institutions are listening. A key speaker, an American specialist of "career building in science area" starts his show. The topic is: *what after your post-doc?* The slogan – networking, networking, networking!

There, the public is listening how to build their careers after their years spent as a post-doc in the best world research institute. Surprisingly, they learn, that doing a PhD means being smart and not only to learn to be a specialist but also, and foremost for our key speaker, to be amazingly trained in soft skills. To know not only about heat shock protein protects p53, but also how to work and think creatively and independently, how to organize the experiences, how to apply for grants, how to write about results and finally how to present in the conference the findings. Our key speaker pretends that all those soft skills are a kind of capital much more important than a specific knowledge, which that thousands of people earned during years spent at their universities. They should already think what they will do after their post-doc, what kind of job they could take or better – create – in order to have an employment with decent salary.

For the speaker, each scientist should mobilize his or her capital in order to find the job: using “the connections from your university, a roommate, a basketball team member, a person who attended with you the course of the arts or you played in the football in the high-school. Each connection is important and your university, your *alma matter* is an important capital you should employ when you are looking for your job.” I listened to the speaker and I remembered Bourdieu’s writing about *The State Nobility* (1996) where he is showing how this mechanism of the accumulation of social capital earned in the Grandes Ecoles in France is working. Then immediately the study by Grannoveter (1973) and another work by Newmann (1999) conducted in other social settings and other geographic areas proved the impact of weak ties... that is, how family connections and friends help in job research. And now... I am looking around me.

We are here in this huge conference hall of the nice hotel listening to this guy. Among us, no more than 10% are Americans, the huge majority of persons without permanent permission of stay in the US, only a few who are lucky enough to have Green Card – the important majority hold J1 or H1 visa.

Networking, networking, networking. How to mobilize our high-school friends from Delhi, football team members from Milano, and roommates from Chengdu or art lessons friends from Saint Petersburg? How to get the support of our university teachers when you are from Porto, Warsaw or Poitiers? Are we able – the majority of us – to get a “real” permanent job in the US thanks to our social capital? Or perhaps, as all of us hope - once back in our country we will become true Transnational Professional and we will pursue our research in our home country in similar ways and similar work conditions... What kind of future is there for the majority of scientists working frenzy, 7/7 and without holidays during the years of their post-docs spent in the best place in the world for life-sciences?

On our doors in the lab someone put a sticker: “Eat-Sleep-Postdoc”. On the screen of research institutions someone put the article from Nature: “almost 80% of papers published in Nature have authors coming from this town!” You are really in the very heart of the basic research in life-science disciplines (mostly medical fields). All of us – foreigners – are usually the former best high-school students, the best university graduated and we are fare from our families and homes – there our parents are proud to have a gifted kids devoted to science and research.

During years we have heard the advice: learn hard, be good and you will be successful in science. We worked hard and we are still working. We moved from our countries and we aspire to be in the way to get the good place in research laboratory, not to be eternal foreigner post-doc, with the salary which makes us “working poor” in the US. Highly qualified and hardworking, we are the population of foreigners who are pushing science ahead, as they will say afterwards, the American science, and we are in this job market without almost any possibility to get a “real” job. Cheap workforce – educated and attracted by the excellent working conditions and the possibility to get a unique experience thanks to collaboration with the team composed from the best specialists in the world... But this dream work conditions have their expiration date – the time of a post-doc contract.

This paper will focus on the situation of people working as post-docs in life-science laboratories who hope to pursue careers in their field – doing basic research. For them, the mobility (geographic) and their flexibility is understood not only as a strategy to improve their skills and enlarge their knowledge, but also as the only way to achieve the so-called upward professional mobility – which means promotion and access to permanent positions in institutions of research. Their model of career is built around mobility, presented as a prestigious career path which conducts to the top of the world elite circles in their domain.

Being in the best place in the world, they progressively learn about saturated labor market in scientific institutions, nationally oriented support and ethnical (national) preferences and other important barriers which will have impact on their professional trajectory.

CONTEXTS AND CONCEPTS OF THE STUDIES DEVOTED TO SCIENTISTS: IN BETWEEN HISTORY AND POLITICS (MEZZO AND MACRO)

The studies of the occupation of scientists has a long history in the field of sociology. The essay from 1940 by Znaniecki (the co-author, with Thomas, of the first field study based on personal documents and biographies: “The Polish Pisans in Europe and America”, 1918-20) was the first sociological text focusing on the “social role of a scientist”.

The most fecund for the study on scientific careers scientific center was University of Columbia where Robert Merton built a strong research group which conducted several studies devoted to scientists. Scientists’ career trajectories were scrutinized under different aspects: age of the first discovery (Cole, 1979), the age of the biggest discovery, the religion, the influence of the background university, calendar of career, values attached to the scientific work, the prestigious careers – Nobel prize winners (Zukerman, 1977), construction of the reputation (Merton, 1968). Those studies were conducted mainly from 1960s to 1990s. Other authors with different theoretical background (mostly constructivists – Latour and Woolgar, 1979, Knorr-Cetina, 1999, 1981, but also interactionists) by consequence focused on subjective side of careers. Glaser elaborated concept of comparative failure (1964) and Hermanowicz, 30 years later (1998), showed how this phenomenon still works in the case of physics researchers in the US. The important current of reflection was developed in the domain of gender studies and is devoted to women in science and at the university (Doer-Smith, 2004, Fox, 1995, 2001, 2005, Reskin, 1978). Another substantial category of studies focuses on geographic mobility (Bento, Cotta, Araujo, 2009, Mahroum, 2000).

Last current time coined the concept of brain drain which since late 1950s is present in the studies on scientist trajectories (Giannoccolo, 2004). As I have already devoted a paper to criticisms of the term (Wagner, 2013) I will only mention the success of this concept and its longevity.

Over 50 years of permanent use of the term which was created to describe a particular phenomenon that has been occurring since 1950s, affecting mostly British

laboratories that moved to North America. The massive emigration of scientists, mainly to the US, provoked an important feeling of loss in Europe. This phenomenon – called brain drain – has also turned out to be precisely the basis of the fast and impressive success of American science (the first important wave of emigration however occurred because of Nazi regime first in Germany and after progressively in whole Europe from 1930s to 1945). Cold war (rocket race) and proliferation of life-science research sector constituted two processes which took place since 1950s in the US. In America, several new institutions were created and it was a unique dynamic in the creation of the work places for scientists (Pestre & Dahan, 2004).

This increase of job offer was exceptional. At that time (in 1970s and in 1980s) scientists who today are at the end or at the last stage of their career trajectory, entered on the job-market. In other words – the careers model presented in the studies and transmitted in the research world are reflecting the experiences of people whose professional path occurred in the exceptional dynamic of new institutions, and huge job offers. This was the time of exceptional prosperity. The researchers had no problems to get a good job and to take a permanent position. This career path was not only reserved to the US citizens: foreign scientists also had very few problems to obtain permanent positions. For European scientists, especially coming from countries which after WWII experienced huge difficulties to (re)create decent conditions for scientific research of an international level, the elite career path was almost univocally as such: theoretical education in their country of origin, then practical training in western Europe or US, finally – a job position in the US.

The job context in the research fields changed radically in the last decades of 20th century not only because of the collapse of the Soviet Union, but also due to modification of the university environment. So called “democratization” of the university education, which means more laureates of PhD diploma, as well as globalization/internationalization or rather imposition of the American culture which has dominated research fields (for example, the famous rule of *publish or perish* – but publish in English, in mostly American scientific journals), the macdonaldisation of university, commodification of higher education combined with all neoliberal changes – all those features together provided grounds for deterioration of working conditions in the research settings.

The globalization and political changes (free circulation of highly educated researchers from Soviet Union, former Eastern European Countries and China) completed traditional emigration waves of young researchers from India, Pakistan, Western Europe, Korea and Japan. In the space of two decades, the market of permanent positions in the US (both within the university world and institutions of research – public or private) become saturated. The model of successful career built several years ago is no more available, but this is a common taboo subject in the milieu of scientists. Those who play the game of rat race and believe that success depends on hard work and huge intellectual potential do not speak about job market. To maintain the ideology according to which the best win and the selection of researchers is fair and rests on the meritocratic professional criteria, they pretend that such auxiliary characteristics as country of origin, religion, class and university play no role while one competes for a job.

However, only in the last years, some voices started saying that precarious job is increasing very fast in the universe of research and academia around the world. Presently (for around 10 years), we are witnessing the mobilization of the international community of the researchers who struggle to improve their work conditions. In this complex and international context, first publications by experts of scientific careers focused on topics related to the migratory phenomena and specific situations of foreigner scientists – discriminations and hidden practices which determined their daily work and job perspectives. In such context we observe tensions between two opposite models of international scientific careers: the first one I call ‘the Transnational Professional ideal’ and the second one, ‘a Double Absence model’ – using a term coined by Franco-Algerian sociologist, the specialist of the migration, Abdelmalek Sayad (1999).

ETHNOGRAPHIC STUDIES AND THEIR CONCEPTS: TRANSNATIONAL PROFESSIONAL, TRANSMOBILITY AND DOUBLE ABSENCE (FROM MICRO TO MEZZO)

This paper is based on an ethnographical study conducted in several life-science laboratories situated in four countries (France, Poland, USA and Germany).

Specificity of the ethnographical method rests in lack of the theoretical approach a priori (before the start of the data collection process); it requires elaborating of the working concepts during the period of observation as well as gradual choosing of the research problems to focus on. In this section, I will present the development of my analysis in relation to particular places where I conducted my investigations. This is why only this part of article I will present definitions and concepts created during the period of data collection.

I started my study, in 2003, in France (basic research institution and a team which was in-habitual for that particular place, as it was called by all researchers in the building “international”: in 15 team members only three were French nationals). Since this first experience of observation of work in the life-science laboratory, it has been obvious to me that the aspect of “international culture of work” or “relations at work determined by culture or origin”, in other words the culture in the sense of ethnicity of researchers, were important¹ was absolutely important. According to my knowledge, there was no sociological literature focusing on this particular subject: no mentions of conflicts, misunderstandings or problems related to the crucial aspect of mixed culture. How is it possible that different languages of team members, various styles of organization, divergent ordinary practices and no homogeneous approaches would not become sources of some particular situations and problems? The field data suggested that it was one of the most important issues in daily lives of the people working in this place (Wagner, 2011).

¹ This is a well-known approach in Poland, first introduced by Ludwik Fleck who gained international acclaim thanks to Edinburg School and after the publication of Kuhn’s *Scientific Revolutions* (1962). In 1935, Fleck - famous microbiologist, physician and sociologist and philosopher of science published a book that got translated 44 years later in English under title: *The Genesis and Development of a Scientific Fact*, (edited by T. J. Trenn and R.K. Merton, foreword by Thomas Kuhn) Chicago: University of Chicago Press, 1979. In his work Fleck focused on collective thoughts but also he showed how important in the production of scientific knowledge is the role played by scientist him- or herself and his/her culture.

I started comparing the situations observed in my field with analyses of specialists in the intercultural management studies only to find several interesting points, but nothing really suitable for research in my environment. Typical intercultural settings presented in sociological literature comprise management coming from the central countries and workers from peripheral areas, in the Wallerstein typology (Wallerstein, 1974). The national origins correlated with social class and usually the researchers analyzed bi-national or bi-cultural settings. The relations of post-colonial type and power/domination patterns were easily perceptible while reflecting on international division of work and global power structure. In case of research laboratory though, the situation is much more complex as teams are much more mixed. However, as I will show later, the relations of power correlated with national (ethnic) origin of researchers are also present in the research world.

To illustrate a typical composition of a research laboratory, my team was not characteristic for French research environment but it was typical for an international institution of research in STEM (which may vary depending on specialty; in medical research, in the US²). In my field – on 14 observed persons, 3 researchers were French, two were from Argentina, one American-Korean, two persons from Spain, two from Germany, one person was from Sweden, one from Israel and one from Greece. The PI (lab-leader) was British. After this first immersion, in a French institution but also within a truly international work team, I realized what tensions exist between a model of internationalized career and local professional trajectories. That issue could be illustrated by the excerpt of the informal interview with PI (British, educated also in the US and Japan, working in French institution):

John is furious: I cannot believe! You know my former PhD student Francois. He was really good for research, did amazing job and I helped him to get his post-doc at Harvard. After a month of his contract, he received the information that he got the position of associate professor in P. (small university in France) and decided to come back interrupting his contract. I am shocked – he was in the best place in the world for his research and he dropped everything for this teaching position. I know this is a status of state employee and you have job to the end of your life but his research! I cannot understand this.

This example shows the choice (which in itself is today an exceptional situation as permanent positions in research field are rare) between: 1) precarious situation which prestigious institutions offer for some years under post-doc contract during which the rat race should provide successful career in research and 2) the stability of teaching job with worse conditions for doing research. It is a choice between an international career

² When I presented my results to the students of STS course at Harvard in 2010, one student asked me if I was in the lab of his father (Chinese) - as it was exactly the situation of his team. Obviously, I described another team. It is essential to know that some specialities are overrepresented by the researchers from one country - for example in bio-informatics, there is a lot of researchers from Russia, the crystallographers are frequently educated in Poland (long tradition).

and national professional trajectory. The excellence in research fields seems to be accessible rather on the first path. Those two models of career are also discernible in other professional fields, such as in classical music (Wagner, 2015) or the middle and higher education (Anne-Catherine Wagner). In France people realize their career according to French model and thanks to French institutions or following the international pathway (and usually in research going to British and US's institutions).

This sharp distinction between local and international career was also present in my second fieldwork which I started in 2006 in Poland. The poor financial support by the state contrasted with the high level of higher education (usually theoretical knowledge was excellent and only in some areas also practical).

For well-educated graduated person becoming scientist obligatory includes the experience abroad. In the case of Poles today it is impossible to get a position (not permanent while nowadays this type of contract is not possible to obtain due to the last reforms of HE and Science sector) without post-doc abroad. Four years of fieldwork will not be complete without interviews with researchers from other than STEM specialties and by short term observations conducted in German and US laboratories. Analyzing this portion of data, I have coined the term of Transnational Professional which reflects on the importance of international experience in the career of scientists. In the case of Polish researchers this is no more the case of elite members as it was in the past (I did also the historical comparison of careers built since WW2) but an ordinary trajectory in research area (with the exception of some humanities specialists whose work is grounded in Polish culture and language).

According to my results, Transnational Professional is a person who is a professional (Reader, 1967) and was socialized in several countries; their career path includes multiples experiences of geographic mobility. This person is the member of the international networks and has the affiliations with different institutions in different countries; TP is working with funding's provided from various sources (national and international) and behaves according to the International Culture of Work³ (Wagner, 2011). The first part of the concept – adjective Transnational – requires some explanation. While 'international' is perceived mostly in Durkheimian way, where the word refers to aspects of cosmopolitan culture, in the scientific settings we observe a different version of metissage – closer to the Maussian interpretation which is inter-national. In order to avoid the misunderstandings, I decided to employ the term transnational. This expression appeared in sociology in the study of (im)migration “referring to the civic-political memberships, economic involvements, social networks, and cultural identities of (im)migrants and their offspring extending across state-national boundaries and linking people and institutions in two or more nation-states in diverse, multilayered patterns” (Morawska, 2009). This term allows better understanding of phenomenon, in which exists multiple dynamics: tensions between national and international, between homogeneity of single

³ I will not develop here the term international culture of work because the term is not precise and requires long descriptive analysis. Shortly speaking, this is a type of professional culture which is not inscribed in a repertoire and is the subject of direct transmission by immersion and requires tolerance and flexibility in ordinary communication, more open attitude toward people originating from other countries and not being English native speakers. (Wagner, 2011)

dominant culture and heterogeneity of multiple cultures due to the internationalization and the presence of the phenomenon we could in certain situations call Americanization (for more information see: Wagner 2014). Something is missing for clarity.

The vision I obtained thanks to my Polish basis in ethnography was compatible with the discourse of EU politics of research which before the 2013 emphasized the necessity of mobility of scientists. The ideology of politicians in the charge of research strategies and the conviction about the power of geographic mobility was so strong that in the publications of European sociologists as well as in the discussions between European researchers the term mobility lost his adjective – geographic and signified only this form of mobility, which was different in the US where mobility is mostly related to social (or professional) upward mobility (vertical ascension), and not to horizontal (geographic). This crucial role of the horizontal/geographical mobility was so important that I have come up with the term of transmobility to define the interactional process between geographical mobility and career advancement. Transmobility is a social process which occurs in the professional internationalized fields (artists, scientists) and which is composed from different stages. I defined 4 stages according to the form of the mobility and the level of the reputation (early, basic, expert, late mobility)⁴. The concept of transmobility – appears to be well adapted in order to show the processual character and complexity of studied phenomenon, which is not limited to a study of dislocation from one place to another, but shows the mobility as a phenomenon which is simultaneously: a) built as a continuity of a relationship, b) a generator of information and knowledge; c) the source of other resources; d) which contains the ensemble of techniques, behaviors or this “international professional culture”. In other words, transmobility is both:

1- A process in the which the persons participate in acquiring knowledge and skills; this process makes possible the participation in the activity of their professional universe at an international level (the internalization is for life-science an ordinary situation),

2- A context - the world of life-science - which is the consequence of the technological progress.

The next step in my study of the International Culture was carried out in the “Mecca of life-science research” in some best Bostonian institutions for basic research. There I was able to observe people at work, and I was immersed in the mythical phenomenon of “post-doc” in the US. In addition to my perspective which was typical for a Polish and a French scientist working in the US laboratory, I could learn to understand Asian and other European-origin researchers’ situations. And my doubts about the International Culture, in which the professional determinants rivaled the auxiliary characteristics of researchers, were nourished by daily situations and numerous accounts from foreign researchers who experienced treatments which they themselves evaluated as discriminatory.

In the “Mecca of life-science research”, our lab consisted of one Swedish post-doc, two Germans, one French, one Polish, one from Thailand, one PhD students from China,

⁴ It is important to mention here that this model is reflecting an ideal type - the limit of age for example are adapted by European institutions requirement and categorizations; in fact this is a |”masculine” version of scientific career, in which the years spent on parenting are not taken into account. This is one of the important and not always recognized factor of gender inequality.

one Chinese senior researcher, one Chinese post-doc, two American technicians, one Polish technician. One American-Korean post-doc and one Japanese post-doc⁵. The boss was Polish-American. In this place 9 languages could be used, however the English was imposed and only in some situations I noticed discussions in Chinese and Polish.

In order to get more data, I have also spent a lot of time in the post-doc space where people from whole Institute came for coffee breaks and to rest. During this fieldwork I was able to observe people at work, and I was immersed in the mythical phenomenon of “post-doc” in the US. In addition to my perspective which was typical for a Polish and a French scientist working in the US laboratory, I could learn to understand Asian and other European-origin researchers’ situations. And my doubts about the International Culture, in which the professional determinants rivaled the *auxiliary characteristics* of researchers; my participants researchers in the informal interviews told me that they experienced treatments which they themselves evaluated as discriminatory.

The term ‘auxiliary characteristic’, as a tool for investigating careers of people, was introduced in sociology by Everett Hughes. In his 1945 article “Dilemmas and Contradictions of Status”, Hughes showed how non-professional characteristics, unrelated to hard and soft skills (he used the example of Afroamerican physician), such as race or color of the skin, may determine perception of a given professional by his client and by consequence, may play an important role in one’s professional trajectory. In my American fieldwork, I have had several possibilities to collect the data related to this phenomenon; one of the first results of my work was my paper about what the insiders called “ghetto laboratories”. In this article I have analyzed effects of the internationalization of scientific teams and provided a list of obstacles in the career building which foreign researchers commonly face.

The first category of the obstacles is related to language. The language spoken in the life-science laboratory in the internationalized work places could be called “scientific Pidgin English”. This is not really the English as it is spoken whenever native English speaking people communicate.

One of the participants told me the following story:

My Australian mate came home after 2 years of work in France. After some hours spent with his parents, the family asked him to speak English and to employ more than 200 words. Indeed, his skills in mother tongue became very modest, as in his European work place foreign scientists are using very simple forms and try to communicate in a direct way, going without elaborated language.

Even if this scientific Pidgin English is not really complicated for foreign scientists (except perhaps British, Australians, Irish and other persons originating from regions in which English is the first spoken language) they still have different accents and influences of their mother tongue and a lot of them have difficulties to be understood.

⁵ When I presented my results to the students of STS course at Harvard at the end of my fieldwork, one student asked me if I was in the lab of his father (Chinese) — as it was exactly the situation of his team. Obviously, I described another team. It is essential to know that some specialities are overrepresented by the researchers from one country - for example in bio-informatics, there is a lot of researchers from Russia, the crystallographers are frequently educated in Poland (long tradition).

I was able to collect opinions about refusal of scientists of some origin (Chinese, Japanese and sometimes, Indian) out of fear that they will not be able to maintain clear communication which is the basis for successful collaboration in science and ensures good functioning of the laboratory team. To be as precise as possible in order to explain what should be done or what a given person is doing, when the subject is the unknown scientific space (in basic research this is a current situation), is very important for all people working in the project. It is very difficult to ensure through correspondence if a candidate for a post-doc position is able to express clearly, in English, her or his ideas. During the selection process this ability counts among the most important features. By consequence, the notion of auxiliary characteristic corresponds well to a situation in which an excellent Chinese scholar would not be accepted for his or her post-doc due to lack of clarity in the pronunciation. A native English speaker will have no such eliminatory condition.

However, not only one's accent guarantees successful communication. The cultural meanings and understanding are also very important (Wierzbicka, 1994). Legendary in the laboratories are stories about cultures in which people are not able to say 'NO'. For those from European cultures refusing is easy (some education systems even reward students' critical approach) whereas in other cultures refusing or denying is perceived as an expression of disrespect and such customary pattern is nearly impossible to transgress by a lot of people.

The following story describes this situation:

I was aware that in Japan they are not saying no. I read it before I came to Kyoto, and during the first week when I read their book about Japanese culture. But in the lab, I did not pay enough attention to it. When I asked the colleague who worked with me on the project - you understood? He said OK - and only after 2 months of work I realized that he did wrong experiences and all his mistakes were due to lack of understanding. It was not possible to him to say - 'no - you should repeat' or 'I did not understand'. Polish scientist after his PhD study in Japan.

I collected a large number of similar stories. It is interesting what the power of our original culture is and how we lack openness or non-ethnocentric attitudes – we are reared in a culture in which communication patterns include no-expression and this is hard for us to keep in mind that other persons can be educated in a different way.

Another auxiliary characteristics which frequently amounts to a subject of discrimination and makes scientific career more difficult is gender-related. When intersecting two discriminatory characteristics (ethnic origin and gender) we see a really difficult situation for a scientist who is trying to build her career based 'simply' on professional skills and knowledge.

A 40-years old female scientists from North America:

You know, this is crazy, the power of your education. When I am in the US, I never had the troubles to discuss science with people, to develop argumentation, to quarrel and to be opposed. When I am in my country, in Japan,

this is something in me which is changing. I become like a little girl and in front of those old professors or even those who are in my age, I am not able to say - no! You are wrong! Even if I have strong proves and I am convinced that they are not right - you know this is the power of my first education. You have lower status and you are women!

In some situations, gender as auxiliary characteristic determining career could be discriminatory also for men:

A 50 years old female PI told me:

I had very bad experience with this collaboration with a guy from Eastern Asia. He was always saying in a very strict manner that he understood, and he was right, etc., that he was not able to accept the critics and to recognize his failure. And I am sure that was because I am the woman. So, I was not able to mentoring him and after 2 years of unsuccessful collaboration his contract expired, he didn't have any publications and I was not supportive for the prolongation. And you know what? Since there I am not accepting people from this region because I think that for them having a female boss is unacceptable even if they are smart, their education is made is a such a way that they should be always dominating in the relation to women....

What is important in the excerpt of this interview, this is the conviction of PI that the problem in the communication was due to the culture and gendered education different from occidental. In such light, it is evident that for the interviewee, in the selection process for the post-doc position, cultural origin will play a crucial role. Someone educated in the area in which the equality between genders is typical for occidental world⁶ will have trouble to understand other models of gendered relationship.

The above-mentioned aspects are simple to observe and to analyze, which cannot be said about other types of communications which include feelings, conflicts and the dynamics of the relationships constructed over time. A specialist in the field of sociolinguistics, Anna Wierzbicka, demonstrated how our primary education and first years of our life determine our feelings for the rest of our life. The mobile scientists usually spent around 20 years of their life in different cultural environments than US or European metropolis or university campuses. Their cultural scripts (Wierzbicka, 1994) are well incorporated and play role of cultural patterns in different situations. This is especially important from the point of work organization, in conflict situations, which in observed environment are arousing constantly. The laboratory space is a social environment in which several different tensions⁷ generate ambiance that favors conflictual situations.

⁶ Here obviously I am taking perspective of participants, not gender specialists who are aware about the important differences in the gender education implemented in different EU countries, different states and different social classes and professional areas. But for my participants this is a black/white box-in which exist two categories of gender education - occidental which respects equality and other - (for a lot of participants it is in relation to religion according to which the Islam is a cultural area in which the gender inequality model is highly discriminating for women.

⁷ The tensions are due to the several factors, structural (short term contracts, lack of stability, competition for grants, publish or perish expectations of publications and good results, pressure for PhD term, reporting system, long working

People working within the international teams have various models of conflict solving and different perspectives on so-called “loosing one’s face”. In my understanding, Goffmanian analyses of maintaining relationships as well as interactionist approach which supposes knowledge about significations of our behavior and expressions should be completed by analyses of the cultural aspects – even if we expect some “intercultural model of conflict solution” adapted to the organization of work in the laboratory, the data from observed fields suggest that participants are constantly in the space of an “in-between”: oscillating between their original cultural patterns and something what each of them imagine as the “international” or “global” or “professional” models of managing conflicts⁸.

In fact, we don’t have works about those issues in the literature about management in the laboratories. Specialist of work in such places are focusing on other problems, as though such questions as cultural differences were absent from the scientific world. However this is the social and professional environment similar to other places in which dealing with multicultural presence is connected with the use of stereotypes meant to complete one’s lack of knowledge about a given culture or occurrence.

If stereotypes attached to national origin of actors are in use, they also require some adaptation to the scientific work environment. Scientists pretend to be open-minded and tolerant and certainly they are making huge efforts in order to pursue their work in such complex cultural environments. In some places, they use formal guides which they create in order to implement good practices, independently of habits that newcomers may or may not have. One laboratory boss told me that he asks each Asian PhD student to write, manually, the definition of plagiarism. He is spending hours explaining that copying without mentioning the source is a wrong practice and not at all acknowledgment toward the master (as it is the case in Chinese culture). Another person told me that several times, he explained that journals of the board (in which the experiments and all laboratory work are documented) are personal and nobody without asking should look inside. I observed how a young scientist taught her colleague that looking in the computer screen of other person without permission is impolite and constitutes a transgression of privacy rule. This kind of cultural education is taking place constantly in the laboratories.

Such situations provide room for explaining the rules which are obligatory in the occidental world. Then the people involved are supposed to understand and respect them, or to understand and not to respect them, depending on situations and participants. It becomes no more a question of culture of origin, but one of the human nature as violations of rules and transgressions of good practices occur not only in multicultural settings.

In all observed fields I was able to notice closer relationships between participants, which in some cases lead to establishment of an informal hierarchy. People collaborate

hours, lack of balance between private and professional life, missing home and family, being in the foreign country, different language of daily communication, different diet and climate), relational (mentor-student relationship, collaboration dependencies, model of professional relationship. constant learning of the type of relationships in various situation, the feeling of being apart) and personal (the professional environment in which the feeling of comparative failure (Glaser, 1967; Hermanowicz, 1999) is very high.

⁸ In my paper devoted to the Ghetto Laboratory I provide several examples of conflicts. While this publication is available on-line I will not provide the same data here.

more with one person than another not only because of the project but because they have ‘better understanding’. According to sociology of work, good communication is fundamental for a fruitful collaboration. As I mentioned previously, some obstacles are due to the various origin of the participants; this is why frequently people from similar cultures collaborate more smoothly. I will not develop here on the importance of culture similarities and educational background for scientific knowledge – I pursue this subject in another publication. However, we should notice that this cultural understanding is also important for the core matters of scientific work: not only in the area of soft skills, good relationships and clear communication but for the very heart of scientific problems.

Concluding this section devoted to an analysis of cultural differences’ impact on scientific careers, we could understand why people are organizing their work in so-called “ghetto laboratories” – which means choosing collaborators originating from closer cultural areas or simply from the cultural space which is known to the person in charge of selection (for example, after successful experience of collaboration between French PI and Chinese post-docs, the PI will not hesitate to hire another young scientist from China; I met the persons who after such good collaborations became fascinated by this “exotic” culture and started to learn Chinese).

Regardless of the lack of information about those cultural aspects of work in the scientific laboratory, we maintain here that culture is important. Culture is also a crucial auxiliary characteristic and can be a decisive element of the negative selection.

DOUBLE ABSENCE

Data collected in my American fieldwork provide information about the impact the national origin of scientists can have on their job perspective and career development. Numerous services proposing to foreign scientists help in grant writing or paper corrections indicated huge difference between people educated in English speaking areas and others. But good English writing skills are not the sole element. One of the PI told me:

You know, I am not able to invest in all people in my lab. There are over 20 people and some of them are here for a short time. I cannot spent hours with them teaching them how to write a grant proposal. This is a huge amount of work. I do this with people who will stay in the US, they are decided to pursue here their career, they have no home-sick or cultural non-adaptation.

Like this American scientist said – the investigation is important in next generation of scientists but not all people in the laboratory will benefit from the same treatment. My previous research showed that in creative occupation in which crucial element of the career is the construction of the reputation among peers and where the type of knowledge is reserved to the highly educated experts, what becomes the most important is the career coupling process (Wagner, 2006). Career coupling signifies very close collaboration between specialists (usually mentor-disciple relationship) during which occurs the interaction between two careers, people in the field recognize that collaboration and each

participant is benefiting for its career by making an important progress. Such investment in a career coupling relation is possible only in limited number of cases as it requires intensive, daily collaboration. This is both an elite and personal type of relationship and not a fast-industrial case of ties. During the first period of such relationship, people seek their match in regard to intensive and fusional collaboration during years. Certainly similar culture and easy communication make the matching period easier. For those who have difficult access to their boss and were not able to develop such privileged relationship the feeling of lack of mentor as well as lack of the opportunity to learn the way chosen scientists are supposed to is overwhelming. Learning of such important skills (paper or grant proposals, CV according to preferable style of a given area, personal statements, motivation letters, getting into the professional network to which the boss is belonging, introduction into the reviewing work, sometimes teaching assistance) is also important as pure scientific knowledge. Without access to those skills and informal resources (formal resources are modest while foreigners are not in their own territory) the next step of the career in this country seems difficult to attain.

One former scientist who became a career advisor and consultant for young scientist, herself originating from India, told me in an interview that only rarely foreign post-docs will have chances to stay in the US and to get more stabilized than through a post-doc contract job. She maintained that the level of their English as well as the cultural in-adaptation make impossible the success in their selection for an academic position even in a second rate university. They have no knowledge about how to teach American students and how to be a part of faculty. They will be completely lost with college or university bureaucracy and unable to provide money for their research. At the end of that analysis she told me that people from Europe (Occidental) are better prepared than those coming from Asia, however the selection comity will still have trouble choosing them – and with equal skills and achievements, they will chose an American candidate. She stressed that:

We – US's parents we pay a lot for our kids' education and we should support our kids in the selections. You in Europe you have your education for free – this is not just this competition. You know – by 1 kid we have over 200 000 dollars of mortgage – this is a huge money. The time is hard and we should support each other - you understand?

In the light of this excerpt it is not surprising that foreign scientists perceive their origin as an obstacle. I am not developing the subject of visa and political decisions concerning visa attribution which also have impact on scientific careers (after 9.11 a lot of scientists from Middle East have had troubles to pursue their careers in the US). The foreigners are cheap scientific workers who contribute to the development of American science, yet without perspective for getting a job such as their American colleagues will obtain. I have noticed that for the majority of my interviewees and participants met in the US, the professional future will be difficult. Some are speaking about going back to their country (depends from the country), others about going back to the EU (as is the

majority of Poles who prefer to work in EU but not in Poland). Their visions of the present situation and near future are similar to other emigrants, who express their conviction of being a citizen of second category, not having similar rights as people in the same situation but with better passport.

The expert of migration study, Abdelmalek Sayad, has built a concept of Double Absence (1994). In his book, he described situation of several generations of emigrants who were subjected to the situation of double absence: they are no more in their country of origin, they have lost the important connections and they become tourists visiting their family, and at the same time they have no such rights as the citizens in the country in which they have chosen to live. They have no similar access to professional promotion or to various resources which are accessible to native people at equal professional level. The perspective of the development of their career and improvement of their personal, financial situation are not similar to those of the native population. They do not become members of the local governance institutions, they have no access to important positions.

Foreign scientists working abroad face the same situation. This is no exaggeration at all to employ the concept of double absence in case of emigrant scientists. Moreover, those who are coming back to their country are also in similar category. They have lost their position, especially if their experience of mobility was long-lasting. As it is the case for numerous scientists, after several years of absence (the career path strongly encouraged by EU policy) their return is not easy. In my work devoted to the population of elite Polish scientists who came back after their abroad experiences, the feeling of in-adaptation, of being an outsider and a person not all too welcome by those who stayed in their country and who worked according to “the old style” is largely spread. They are speaking about “the glue”: a kind of conjunctions of several difficulties to implement some modifications principally related with the work organization.

Results of my study gave basis to introduction in the area of career studies the term of post-postdoctoral depression. This is a persistent feeling of one’s lack of agency and failure which occurs some months after the return of scientists. As they were highly motivated when they found the possibility to go back and to take a position (usually temporary) in their country of origin, they hope for having equal rights and standing with people in place. Frequently this leads to huge disillusion and disappointment as they are not able to pursue their research work at the level and with the dynamism which was characteristic for their previous stage of career (post-doc abroad).

PERSONAL COST

By consequence, the use of the term of Double Absence is justified. The mobility and flexibility of scientists at the period of post-doc is required – all people are invited to move in another country, regardless of elderly parents, their own young family, sometimes with close family members, sometimes alone. The personal cost of this life at distance with the family members is not at all studied. So many divorces, broken couples and abruptly finished relationships... So many crucial life situations missed (the good

ones, like festivities of the end of year and marriages in the family, or difficult ones, like meeting with dying older members of family or helping parents in their daily life). All those sacrifices are not balanced with important salary (like in the case of the international managers) nor by interesting career perspectives. Science is voracious.

This sad side of the experience of being an international scientist is, according to my knowledge, understudied and it rarely constitutes object of written communications. Even if data from the field are rich in information, the scientific community is not sharing about those aspects which shape their lives. Why?

Several studies devoted to mobile scientists do not employ ethnography which is in my opinion the sole method to bring discriminatory practices to light. The focus in the studies on regulations and law implementations is not reflecting reality, as in this case of bi-national scientist. After her PhD in France she moved to Poland and there, 2 years after the regulation of mutual recognition was signed and Bolonian process has been deeply implemented according to documents signed under EU supervision, the young holder of French doctorate was supposed to obtain recognition – which means undergoing the process of qualification in Poland in order to be able to compete for a position of 2-years assistant professor. Such procedure in light of EU regulations was illegal. Several years after, this same person obtained habilitation in Poland. In order to be allowed to present in the competition for full professor position in France she went through the process of qualification. There, again the national practice (illegal but employed) was against EU-regulations of mutual recognition of diploma. The French commission for qualification advised the French-Polish candidate to pass again the habilitation diploma in France. Two situations in two different countries show how the internationalization, in form of Europeisation, is not working and how mobile scientists is in the double absence situation get punished because of his/her international pathway.

COLLECTIVE LIE

The concept of the collective lie of emigrants constitutes another fruit of decades of work conducted by Abdelmalek Sayad in the milieu of North African emigrants living in France. This term refers to a phenomenon of collective maintaining of silence about conditions of work and life of emigrants in France in discussions with those family members who stayed in their country (Sayad, 1999).

This silence and the absence of information about the difficulties and discriminative treatment of emigrants during the familial meetings play an important role in the maintaining of the image of successful person and happy life which emigrants have in their new place. The collective lie prepare the next generation of emigrants for their migratory path. Some cases of real success illustrate only exceptional character of some trajectories.

This situation is similar for scientists. The legends about careers built in the path do not tell the sad side of the situation of emigrated scientists. Some of them are real but, as I mentioned in the introduction, those careers were realized in the past, in a completely

different context of job market where the scientists had the choice about their work place and permanent positions and good, stable positions were not at all exceptional. Collective lie about the situation of precarious scientists (emigrants but also those who try to build their career in their country of origin) is working well for politicians of science who popularized geographic mobility to the point they created the effect which I explained using the term of transmobility, in other words, it has become elevated to a crucial aspect for scientific careers.

Finally, the mobility and numerous “possibilities for getting a job all around the world” gave us – scientists – hope for a better future. The promises of having a chance and possibility of sending CV and proposal around the world attract some scientists, yet only exceptions will be successful in the global court of getting a job game. Those who failed will be convinced that they are guilty themselves for they are not good enough, their CV was not rich enough and their list of publications not long enough as well as the IF or H index not high enough.

In the culture of individualism, the failure is individual not structural and collective lie supports this mechanism of explaining the failure through individual achievements. When sociologists and specialists of career studies in the social world of science and academia will start to work intensively on aspects mentioned above and will contribute to break silence about quality of life and career perspectives of thousands of scientists educated in peripheral countries (in which society is organized for guaranty the free education to best students) and working in developed countries (in which they are underpaid and exploited; Stephen, 2014) perhaps general discussion will contribute to the amelioration of the situations of scientists.

CONCLUSION: KLEENEX RESEARCHERS...

Scientific work is a collective enterprise and individualization of our society which occurs recently under neoliberal influence well perceived in Academia and Science environment is not going well alongside. Paula Stephen – an American economist – using her discipline tools demonstrated huge state corruption and waste of public resources because of this new liberal type of management. Moreover, she openly speaks about exploitation of cheap workers. I call them Kleenex researchers, as they are spending the best 10 years of their professional life working as a post-doc without further perspectives.

In this paper I pose a question about the situation of researchers working in life-sciences laboratories (to some extent, this analysis concerns also other specialist – researchers). In between, there is a large area of situations which oscillate in the space limited by – from one side (positive) the Transnational Professional, which define a successful scientists conducting her/his career in two (or more) countries and present at the international level, and from the other side the (negative) Double Absent scientist – emigrant or temporary present in another country researcher who is destitute of the similar resources that his/her laboratory colleagues originated from the country of their work have.

Interactionist perspective in career study traditionally includes dynamics of the situation. This is the reason for looking always in a given particular situation, its context and dynamics. One person could experience both situations. The career of scientists is long – usually over 40 years – and mobility practices are various. The context around those careers is also very dynamic and diverse (some disciplines become “hot”, other cease to be popular). A professional career in creative fields is always complex and depend on multiple factors and conjunctions of elements. The mobility and auxiliary characteristics in case of trajectories in research world often have crucial impact. This is why we – the sociologists – have important role to play in breaking the collective lie and in the improvement of the work condition of researchers.

This area of human activity should be free from exploitation, north/south domination relationships and center-periphery power relations - as show numerous studies pertaining to the best conditions for creativity, ingenuity and innovation. ✍

REFERENCES

- Bento, S., Cotta, D. & Araújo, E. (2009, 24 de setembro). Mobility and research institutes in Portugal - Conceptualizing knowledge circulation. Second *International Conference on Academic Mobility*. Tallinn.
- Bourdieu, P. (1996). *The State nobility: Elite schools in the field of power*. Stanford: Stanford University Press.
- Cole, S. (1979). Age and scientific performance. *American Journal of Sociology*, 84(4), 958-977.
- Fleck, L. (1979) [1935]. *The genesis and development of a scientific fact*. Chicago: University of Chicago Press.
- Fox, M.F.(1995). Women and scientific careers. In S. Jasanoff, G. Markle, J.Peterson & T. Pitch (Eds.), *Handbook of Science and Technology Studies* (pp. 205-223). Newbury Park: Sage.
- Fox, M.F.(2001). Women, science, and academia: Graduate education and careers. *Gender & Society*, 15, 654-666.
- Fox, M. F. (2005). Gender, family characteristics, and publication productivity among scientists. *Social Studies of Science*, 35,131-150.
- Giannoccolo, P. (2004). The brain drain. A survey of the literature. Retrieved From www.dse.unibo.it/giannoccolo.
- Glaser, B. G. (1964). Comparative failure in science. *Science*, 143,1012-1014.
- Granovetter, M.S. (1973). The strenght of weak ties. *American Journal Of Sociology*, 78, 1360-80.
- Hermanowicz, J. C. (1998). *The stars are not enough-scientists—their passions and professions*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Hughes, C. (1945). Dilemmas and contradictions of status. *American Journal of Sociology*, 50(5), 353-359.
- Knorr Cetina, K. (1981). *The manufacture of knowledge - An essay on the constructivist and contextual nature of science*. Oxford: Pergamon Press.
- Knorr Cetina, K. (1999). *Epistemic cultures: How the sciences make knowledge*. Harvard: Harvard University Press.

- Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Latour, B. & Woolgar S. (1979). *Laboratory Life: The construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press.
- Mahroum, S. (2000). Highly skilled globetrotters: mapping the international migration of human capital. *R&D Management*, 30(1), 23-32.
- Merton, R. (1960). *The sociology of science. Theoretical and empirical investigations*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- Morawska, E. (2009). Badania nad imigracją/etnicznością w Europie i Stanach Zjednoczonych: analiza porównawcza. *Studia Migracyjne-Przegląd polonijny*, 1. Retrieved From <http://www.kbnm.pan.pl/images/stories/artykuly/Morawska-artykul-2009-Nr1.pdf>.
- Newman, K. (1999). *No shame in my game*. New York: Russel Sage Fondation.
- Pestre, D. & Dahan, A. (eds) (2004). *Les sciences pour la guerre, 1940-1960*. Paris: Presses de l'EHESS.
- Reader, W.J. (1967). *Professional men: The rise of the professional classes in nineteenth century England*. New York: Basic Books.
- Reskin, B. F. (1978). Scientific productivity, sex, and location in the institution of science. *American Journal of Sociology*, 83, 1235-1243.
- Sayad, A. (1999). *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*. Paris: Le Seuil.
- Smith-Doerr, L. (2004). *Women's work: Gender equality vs. hierarchy in the life sciences*. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers.
- Stephan, P. (2012). *How economics shape science*. Harvard University Press.
- Wallerstein, I. (1974). *The modern world-system, vol. I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century*. New York/London : Academic Press.
- Wagner, A. (1998). *Les nouvelles élites de la mondialisation. Une immigration dorée en France*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Wagner, I. (2006). Career coupling. Career making in the elite worlds of musicians and scientists. *Qualitative Sociology Review*, 2(3). Retrieved From http://www.qualitativesociologyreview.org/ENG/archive_eng.php.
- Wagner, I. (2011). *Becoming transnational professional. Mobilność i kariery polskich elit naukowych*. Warszawa: Wyd. Scholar Wydawnictwo Naukowe.
- Wagner, I. (2013). What is "genius" in arts and "brain drain" in life-science. The relevance of Chicago School heritage in the studies of professional elite-worlds. In J. Low & G. Bowden (Eds), *The Chicago School Diaspora - Epistemology and Substance* (pp. 272-286). Canada: MacGill & Queens University Press.
- Wagner, I. (2014). Works and career aspects of ghetto laboratories. In K. Pripic, I. vanan der Weijden & N. Ashuelova (Eds), *Careers in Science* (pp.145-170). St. Petersburg: Institute for the History of Science and Technology. Retrieved From http://ihst.nw.ru/images/books%20in%20pdf/Researchng_Scientific_Careers_2014.pdf.
- Wagner, I. (2015). *Producing excellence – Making of a virtuoso*. New York: Rutgers University Press.
- Wierzbicka, A. (1994). 'Cultural scripts': A semantic approach to cultural analysis and cross-cultural communication. *Pragmatics and Language Learning*, 5, 1-24.

Znaniecki, F. (1940). *The social role of the man of knowledge*. New York: Columbia University Press.

Zuckerman, H. (1977). *Scientific elite: Nobel laureates in the United States*. New York: The Free Press.

BIOGRAPHICAL NOTE

Izabela Wagner has been an associate professor at the Faculty of Philosophy and Sociology at Warsaw University in the Center for Sociology of Work and Organization, since 2008. Presently she is visiting professor at Cagliari University (Italy).

E-mail: wagneri@is.uw.edu.pl

Universidade de Varsóvia, Institute of Sociology, ul. Karowa 18, 00-927 Warszawa, Poland

* **Submitted:** 03-04-2015

* **Accepted:** 02-07-2015

Leituras
Book Reviews 

HAN, B.-C. (2014). *A SOCIEDADE DO CANSAÇO*. LISBOA: RELÓGIO D'ÁGUA

Diogo Silva da Cunha

A Sociedade do Cansaço é uma tradução de Gilda Lopes Encarnação do livro alemão *Müdigkeitsgesellschaft*, no original de Byung-Chul Han. A monografia é percorrida pela disparidade, inspirada em Hegel, entre negatividade e positividade, isto é, entre a oposição de uma relação baseada na alteridade e uma relação assente na permissividade do idêntico. Por meio desta distinção, Han critica as implicações das transformações culturais e comunicacionais do nosso tempo, nomeadamente as novas configurações do trabalho, da atenção e da doença mental. A hipercomunicação, tratada por Han, enquanto modalidade da violência da sociedade positiva (por oposição à sociedade negativa), está ligada a vários excessos, particularmente a uma sobrecarga da produtividade e dos estímulos mediáticos. A experiência hodierna decorre num espaço percorrido por egos transbordantes, num espaço da permissividade do idêntico, a figura antagónica da alteridade. Apresentado pela primeira vez em português neste livro, o trabalho de Han comporta uma visão crítica das sociabilidades do século XXI, permitindo pensar as consequências culturais, existenciais e sociais da hiperatividade e hipermobilidade atuais.

Estamos perante um texto muito curto, mas que faz um uso muito elaborado das poucas palavras que o compõem. Embora coreano, Han é um filósofo de orientação alemã, um caminhante nos percursos da ontologia fundamental. Han nasceu em Seoul, na Coreia do Sul, em 1959. Começou por estudar metalurgia e depois dirigiu-se, nos anos oitenta, para a Alemanha com o objetivo de estudar literatura. Estudou Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique mas, dadas as dificuldades linguísticas, foi em Filosofia, na Universidade Freiburg, que se doutorou, em 1994, com uma tese sobre Martin Heidegger. Desde 2012 que Han é professor de Filosofia e de Estudos Culturais na Faculdade de Artes da Universidade de Berlim, onde dirige um programa de Estudos Gerais.

Desde o primeiro capítulo d' *A Sociedade do Cansaço* que Han coloca a possibilidade de diferenciação de épocas através de patologias. Esta prática de análise receberá o nome de "leitura patológica" no sexto capítulo (p. 45). Por meio desta prática, Han distingue a sucessão de várias épocas: bacteriana, viral, imunológica e, finalmente, neuronal. O contraste é feito principalmente através da transição entre a época imunológica e a época neuronal. Para Han, o século XX foi uma época imunológica, cuja terminologia foi dominada pela ideia de ataque e defesa da Guerra Fria. O princípio fundamental da negatividade está no seu carácter dialético, em o outro imunológico ser um negativo que nega o próprio depois de nele se introduzir. O modo imunológico de sujeito tem uma interioridade que o defende através da exclusão do outro. O objeto da defesa imunológica é,

destarte, a alteridade. A rejeição, no caso imunológico, corresponde a uma reação a essa negatividade do outro, o que permite eliminar toda a alteridade por intermédio de uma clara diferenciação entre o que é interior e exterior, amigo e inimigo, próprio e estranho. A negatividade do outro cria infeções, e a profilaxia imunológica elimina o outro através da sujeição do próprio à violência da técnica vacinal. A afirmação do próprio decorre no outro, assim, por negação da sua negatividade. O mundo imunológico desenvolve, deste modo, limites que dificultam a troca universal. Segundo Han, as categorias imunológicas estão particularmente associadas ao discurso filosófico do existencialismo.

Para Han, o início do século XXI caracteriza-se por um princípio neuronal. O final da Guerra Fria acontece na sequência da mudança do paradigma imunológico para o neuronal. Surge uma rejeição não-imunológica, ligada a um excesso de positividade nos modelos biológicos e sociais. Em termos biológicos, Han refere-se à substituição, conduzida pela imunologista americana Polly Matzinger, da alteridade pelo comportamento destrutivo enquanto objeto de defesa imunológica. No âmbito social, a alteridade é suprimida em favor da diferença e do exótico: o outro é transformado em idêntico e, concomitantemente, o mundo torna-se pobre em negatividade e opulento em positividade. O idêntico, declara Han criticando Jean Baudrillard, não conduz ao reforço de defesas, pois não comporta negatividade. A rejeição não-imunológica não implica exclusão, porque, para excluir, afirma Han, pressupõe-se a existência de um interior negativo. A positivação do mundo forma novas modalidades de violência, como a sobreprodução e a hipercomunicação. Esta violência não tem origem na alteridade, mas no idêntico; decorre do próprio sistema e desenvolve-se na permissividade, na satisfação e na exaustividade. A manifestação desta violência através de sintomas a que Han chama “enfartes cardíacos”, como seriam o esgotamento, a fadiga e a sensação de sufoco, dá conta do seu carácter neuronal (p. 16). Por conseguinte, a leitura patológica do início do século XXI evidencia patologias neuronais, como a depressão e o transtorno por défice de atenção e hiperatividade, e perturbações de personalidade, como o transtorno de personalidade *borderline* e a síndrome de *burnout*.

No segundo capítulo, Han procura mostrar que a sociedade atual não é uma sociedade disciplinar. Esse tipo de sociedade seria negativo porquanto o conceito que a define, o de disciplina, é determinado pela proibição. Disciplina, e mesmo controlo, expressa-se através do verbo “não poder”, formando sujeitos que não podem, “sujeitos de obediência” (p. 19). O que rompe com esta obediência é o perfazimento da produtividade, que implica a permissão, não a proibição. A sociedade hodierna caracteriza-se assim pela ilimitação do verbo “poder”, por formar “sujeitos de produção”, “empresários de si próprios” (p. 19). Han diagnostica uma transformação institucional, normativa e individual: hospitais, manicómios, prisões, quartéis e fábricas foram substituídos por ginásios, torres de escritórios, bancos, aeroportos, centros comerciais e laboratórios genéticos; proibições, organizações, ordens e leis foram substituídas por projetos, iniciativas e motivações; loucos e criminosos foram substituídos por deprimidos e frustrados. Neste contexto Han apresenta a tese de Alain Ehrenberg de que a depressão se acha na transição entre o modelo disciplinar e o modelo da iniciativa pessoal. Porém, Han vai

mais longe do que o autor que cita. Para Han, a depressão não é apenas a expressão patológica do imperativo de o indivíduo ser ele mesmo, mas de o indivíduo conseguir um rendimento maior sendo ele mesmo.

Han dedica-se, no terceiro capítulo, a mostrar como o excesso de positividade, manifestado, por sua vez, no excesso de estímulos, informações e impulsos, transforma a estrutura e a economia da atenção. Por causa da fragmentação e dispersão da percepção e da técnica do *multitasking*, associada a essa dispersão, a atenção profunda e contemplativa da vida cultural tem sido suplantada por uma “hiperatenção” (p. 26). Para Han, esta é análoga à atenção múltipla do animal selvagem. Por isso Han pode afirmar que o *multitasking* “não representa um progresso civilizacional” mas, pelo contrário, “uma regressão” (p. 25). A hiperatenção caracteriza-se pelo frenesim na mudança de foco de atenção: tal como o animal selvagem, a sobrevivência do indivíduo atual depende de uma atenção de tipo? Multifocal. Esta hiperatenção é intolerante a uma descontração que torne capaz a contemplação e o tédio profundo.

Esta preocupação com a contemplação leva Han, no capítulo seguinte, o quarto, a distinguir entre *vita ativa* e *vita contemplativa*. Para isto, retoma Hannah Arendt. Em Arendt, na leitura feita por Han, a *vita ativa* está associada, tal como em Heidegger, ao primado da ação. A vinculação do homem à ação decorre do nascimento, pois ao nascer todo o homem é capaz de recomeçar a humanidade. Ainda em Arendt, a possibilidade de ação é destruída através da redução do homem a um *animal laborans* passivo. Esta redução faz com que, por seu turno, as formas da *vita ativa* sejam reduzidas ao trabalho. A humanidade, nesse contexto, não é mais do que um mero fenómeno ou processo biológico. O futuro da humanidade, diz-nos Arendt através de Han, depende do poder do homem atuante, cuja função mais efetiva é a do pensamento. Han faz três críticas a Arendt. A primeira é a de que, ao contrário do que a autora defende, a tradição cristã pressupõe um compromisso entre *vita activa* e *vita contemplativa*, pois, considera Han, citando São Gregório, essa tradição pensava que a *vita activa* conduzia à *vita contemplativa* e que a última reconduzia à primeira. A segunda crítica é a de que o exame de Arendt ao triunfo do trabalho não resiste ao contexto atual, pois o *animal laborans* atual não é passivo, mas hiperativo. Neste sentido, Han compara a histeria contemporânea da produtividade, responsável por depressões e transtornos de personalidade, com a insensibilidade dos *Muselmänner* dos campos de concentração, que, de tão débeis, não distinguiam entre a sensação de frio e a frieza de uma ordem. A terceira crítica a Arendt dirige-se especificamente ao final do seu livro sobre a condição humana, o qual termina com uma citação de Catão – *Numquam se plus agere quam nihil cum agere, nunquam minus solum esse quam cum solus esset*. Para Han, estas palavras são contextualmente desfasadas visto que foram citadas originalmente por Cícero num elogio à *vita contemplativa*, e Arendt as utiliza para elogiar a *vita activa*. O problema é que Arendt se refere involuntariamente à *vita contemplativa* sem concluir que a correspondência entre perda da capacidade contemplativa e absolutização da vida ativa conduz à histeria e ao nervosismo atuais.

Da *vita contemplativa* Han passa a concentrar-se na pedagogia da visão que a contemplação pressupõe. No capítulo quinto encontramos uma descrição dessa pedagogia

e do seu desmoronamento na atualidade. Han retoma Nietzsche, que considerava necessário um ensino do ver baseado no acostume do olho à serenidade e à paciência. Isto corresponderia, na leitura de Han, a ensinar o olho a atentar profunda e contemplativamente, a aprender a não reagir imediatamente a um impulso. A reação imediata e a reação a qualquer impulso são sintomas de patologia. A *vita contemplativa* não é uma abertura passiva, mas uma resistência aos impulsos externos via orientação da visão. É preciso negar, dizer não. O mesmo acontece para receber a alteridade: é necessário haver uma negatividade do deter-se, da interrupção; é indispensável haver uma paragem. É fundamental, parece, enfim, estabelecer limites, (re)conhecê-los e respeitá-los. Só esta negatividade permite a ação da contemplação. Porém, essa negatividade, devido às pausas a que obriga, atrasa o processo de aceleração necessário à produção, por isso o sujeito de produção suprime-a no sentido de maximizar a produção. Assim, o mundo atual sofre de uma pobreza em interrupções, intermédios e intervalos. A aceleração suprime essas paragens, e a ação torna-se prolongamento do existente, dispersa-se e transforma-se em pura atividade ou hiperatividade. A positivação geral transforma os homens em “máquinas autistas de produção” (p. 42).

No sexto capítulo Han realiza uma leitura patológica do conto “Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street”, de Herman Melville. Esta leitura é contrastada com as interpretações ontoteológicas que Gilles Deleuze e Giorgio Agamben fizeram do mesmo texto. Para Han, o conto é uma história de um mundo que reduziu o humano a *animal laborans*. A sociedade de Bartleby é disciplinar, o que é evidenciado por símbolos arquitetónicos proibitivos, como muros, e pelo uso frequente, logo no título, do termo “Wall”. Todavia, todos os escritórios da firma de advogados onde trabalha Bartleby sofrem de perturbações neuróticas. A agitação geral faz contraponto com a apatia e a inércia de Bartleby. Segundo Han, Bartleby *ainda* não apresenta sintomas de depressão, como a falta de autoconfiança, o sentimento de inferioridade, a autorrecriminação ou a autoagressão. Bartleby *ainda* não tem de viver com o imperativo de ser ele mesmo, pois ele é ainda um “sujeito da obediência”. A fórmula tantas vezes repetida por Bartleby de “I would prefer not to” expressa a inércia dessa sujeição. Contra o “novo Cristo” de Deleuze e a “potência pura” de Agamben, Han defende um Bartleby enquanto “Ser negativo em direção à morte” (p. 49). O que caracteriza este Bartleby é a recusa. O seu caminho termina com a descoberta de que foi o funcionário do arquivo morto dos correios, da correspondência não entregue. A simbologia da erva e do céu no episódio da prisão, que Agamben identificou como messiânica, é, para Han, um contraste com a morte. Segundo Han, estes sinais de vida constituem uma falha da ilusão, pois apenas através da negatividade da recusa se alcança a possibilidade do oposto – neste caso, da vida.

No último capítulo, com título homónimo ao livro, Han descreve a evolução da sociedade de produção para uma sociedade de *doping* e explica o modo como essa evolução se manifesta ao nível do cansaço. O *doping*, tal como o positivamente chamado *neuroenhancement*, induz a conversão do corpo e do ser humano numa “máquina de produção”: o *doping* permite o rendimento sem falhas nem interrupções no sentido da maximização produtiva. Esta evolução produz um “cansaço alienante”. Han utiliza

a distinção elaborada pelo escritor Peter Handke entre um “cansaço alienante” e um “cansaço eloquente e conciliador” ou “cansaço confiante no mundo” ou “cansaço fundamental” ou, ainda noutras palavras, “cansaço clarividente” ou “cansaço profundo” (pp. 53-54). O primeiro tipo descreve um cansaço da potência positiva: é individual e isolador, excessivo, destruidor do comum devido ao Eu ser o único horizonte da visão, assolador da morosidade das formas; é um cansaço *do* outro. O segundo tipo de cansaço é da ordem da potência negativa: reduz a identidade e esfuma os contornos das coisas, permite ver e ser visto, tocar e ser tocado, possibilita a atenção à morosidade das formas, restaura a dualidade, funda uma simpatia – a qual possibilita, instaura e une uma comunidade de coisas e de pessoas; é um cansaço *com* o outro. Han mostra que as comunidades religiosas islâmicas e cristãs seguem tradições que instituem sociedades do cansaço, mas de um cansaço *com* o outro. Pelo contrário, a sociedade positiva é uma sociedade do cansaço *do* outro.

Em jeito de reflexão final, é importante compreender que a defesa que Han faz da alteridade não parece constituir nenhum auspício a esquemas negativos historicamente constituídos. Ou seja, não se trata de defender regimes políticos disciplinares do século XX. O livro de Han não nos reenvia para outro tempo. Com efeito, o autor recorda a relação que noutro tempo se estabeleceu de forma vivida por meio de uma crítica à disrupção dessa relação. Assim sendo, Han não faz uma apologia da imunidade, ainda que a identifique com a negatividade. A constante tónica historicista e a preocupação patológica é que conduzem a uma datação de regimes no seio dos quais está o imunológico. Em última análise, o contraste entre a “época imunológica” e a “época neuronal” realça o esquema imunitário, porque nele a alteridade era salientada pela negação. De todos os modos, este livro de Han merece a atenção dos interessados em comunicação, meios e sociabilidade na sociedade hodierna. Nele se encontra um percurso de reflexão que reconduz o olhar do investigador para a importância da alteridade e para os impactos da hipercomunicação, da hipermediatização e também da hipermobilização na condição humana. ✍

NOTA BIOGRÁFICA

Diogo Silva da Cunha é investigador integrado no Grupo de Investigação em Filosofia das Ciências Humanas, Ética e Política do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa. É licenciado em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (2014) e frequenta o Mestrado em História e Filosofia das Ciências na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

E-mail: cunhadiogo15@gmail.com

Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL), Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Campo Grande, Edifício C4, 3.º Piso, Sala 4.3.24, 1749-016 Lisboa, Portugal

* Submetido: 09-04-2015

* Aceite: 02-07-2015

HAN, B.-C. (2014). *A SOCIEDADE DO CANSAÇO*. LISBOA: RELÓGIO D'ÁGUA

Diogo Silva da Cunha

The Burnout Society is a translation by Gilda Lopes Encarnação of the German book *Müdigkeitsgesellschaft* by Byung-Chul Han. The monograph is covered by the disparity, inspired by Hegel, between negativity and positivity, that is, the opposition between a relation based on otherness and a relation based on the permissiveness of the identical. By means of this distinction, Han criticizes the implications of the cultural and communicational transformations of our time, namely the new configurations of labor, attention and mental illness. The hypercommunication, which is addressed by Han as a modality of violence of positive society (in opposition to the negative society), is linked to several excesses, particularly to an overload of productivity and media stimuli. Today's experience takes place in a space covered by overflowing egos, in a space of permissiveness of the identical, the antagonistic figure of otherness. For the first time presented in Portuguese through the translation of this book, Han's work involves a critical view of the sociability of the century, allowing to think the cultural, existential and social consequences of hyperactivity and current hypermobility.

We are dealing with a very short text, which nevertheless does a very elaborated use of the few words that compose it. Although Korean, Han is a philosopher of German orientation, a walker on the routes of fundamental ontology. Han was born in Seoul, South Korea, in 1959. He began to study metallurgy and in the 1980s he headed to Germany in order to study literature. He studied German Literature and Theology at the University of Munich but, given the language difficulties, Philosophy was the field in which he received his doctorate in 1994 with a thesis on Martin Heidegger at the University of Freiburg. Since 2012, Han is professor of Philosophy and Cultural Studies at the Faculty of Arts of the University of Berlin, where he heads a General Studies program.

It is from the very first chapter of *The Burnout Society* that Han poses the possibility of periodization through pathologies. This practice of analysis will be named "pathological reading" in the sixth chapter (p. 45). By means of such practice, Han distinguishes the succession of several periods: a bacterial, a viral, an immunological and, finally, a neuronal one. The contrast is mostly done through the transition between the immunological period and the neuronal one. For Han, the twentieth century was an immunological epoch, whose terminology was dominated by the idea of attack and defense of the Cold War. The fundamental principle of negativity is its dialectical character. It is in the fact that the immunological other is a negative denying the self after introducing therein. The immunological way of subject has an interiority that defends him from the exclusion of the other. The object of the immunological defense is, thus, the otherness.

The rejection, in the immunological case, corresponds to a reaction to this negativity of the other. This eliminates all the otherness via a clear differentiation between what is interior and exterior, friend and enemy, self and strange. The negativity of the other creates infections, and the immunological prophylaxis eliminates the other by subjecting the self to the violence of the vaccination technique. The affirmation of the self takes place in another person, so for denial of its negativity. Thereby the immunological world develops limits which difficult the universal exchange. According to Han, the immunological categories are particularly associated with the philosophical discourse of existentialism.

For Han, the early twenty-first century is characterized by a neuronal principle. The end of the Cold War occurs following the change from the immunological paradigm to the neuronal one. A non-immunological rejection arises. It is connected to an excess of positivity in biological and social models. In biological terms, Han refers to the replacement, conducted by the American immunologist Polly Matzinger, of otherness by destructive behavior as the object of immunological defense. In the social framework, the otherness is suppressed in favor of the difference and the exotic: the other is transformed into the identical and, concomitantly, the world becomes low in negativity and opulent in positivity. The identical, says Han criticizing Jean Baudrillard, does not lead to the strengthening of defenses, for it does not support negativity. The non-immunological rejection does not imply exclusion because to exclude, asserts Han, presupposes the existence of a negative interiority. The increasing of positivity gives shape to new modalities of violence, such as overproduction and hypercommunication. This violence does not arise from otherness, but from the identical: it derives from the system in itself and it is developed in permissiveness, satisfaction and completeness. The manifestation of this violence through symptoms that Han called “heart attacks”, as would be exhaustion, fatigue or a feeling of suffocation, provides an account of its neuronal character (p. 16). Therefore, the pathological reading of the twentieth-first century highlights neuronal disorders, such as depression, attention deficit disorder and hyperactivity, but also personality disorders, such as borderline personality disorder and burnout syndrome.

In the second chapter, Han tries to show that today's society is not disciplinary. The latter kind of society would be negative because the concept that defines the discipline is determined by prohibition. Discipline, and even control, is expressed through the verb “cannot”, forming subjects who cannot, “subjects of obedience” (p. 19). What breaks this obedience is the completion of productivity, which implies permission, not prohibition. Thus currently society is characterized by the limitlessness of the verb “can”, by the formation of “subjects of production”, “entrepreneurs of themselves” (p. 19). Han diagnoses an institutional, a regulatory and an individual transformation: hospitals, asylums, prisons, barracks and factories were replaced by gymnasiums, office towers, banks, airports, shopping centers and genetic labs; bans, organizations, orders and laws were replaced by projects, initiatives and motivations; madmen and criminals were replaced by the depressed and frustrated. In this context, Han presents Alain Ehrenberg's thesis that depression is found in the transition between the disciplinary model and the model of personal initiative. But Han goes further than the author he quotes. For Han, depression

is not only the pathological expression of the imperative for the individual to be himself, but the expression of the individual to achieve a higher yield being himself.

Han is dedicated, in the third chapter, to show how the excess of positivity, manifested, on the other hand, in excess of stimuli, information and impulses, transforms the structure and the economy of attention. On account of the fragmentation and dispersion of perception and the associated technique of multitasking, the deep and contemplative attention of cultural life has been supplanted by a “hyperattention” (p. 26). For Han, this is analogous to the multiple attention of the wild animal. That’s why Han can say that multitasking “does not represent a civilizational progress” but rather “a regression” (p. 25). The hyperattention is characterized by the frenzy in changing the focus of attention: as the wild animal, the survival of the current individual depends on a multifocal attention. This hyperattention is intolerant to a relaxation which enables contemplation, profound tedium.

This concern for contemplation brings Han, in the next chapter, the fourth, to distinguish between *vita activa* and *vita contemplativa*. For this, he returns to Hannah Arendt. In Arendt as in Heidegger, following Han’s reading, *vita activa* is associated with the primacy of action. The binding of men to action arises from birth, through birth every person is able to restart humanity. Also in Arendt, the possibility of action is destroyed by the reduction of men to a passive *animal laborans*. This reduction condenses, in turn, *vita activa* forms to labor. Humanity, in this context, is no more than a mere phenomenon or biological process. The future of humanity, tells us Arendt through Han, depends on the power of the working man, whose most effective function is the one of thought. Han makes three critiques of Arendt. The first is that, contrary to what the author argues, the Christian tradition requires a compromise between *vita activa* and *vita contemplativa*, for, considers Han quoting St. Gregory, this tradition cogitated *vita activa* leading to *vita contemplativa* and the latter leading back to the former. The second criticism is that the examination by Arendt of the triumph of labor cannot resist to the current context, because the current *animal laborans* is not passive, but hyperactive. In this sense, Han compares contemporary hysteria of productivity, responsible for depression and personality disorders, with the insensitivity of the Muselmänner of the concentration camps, whom were so weak that didn’t distinguish between the sense of cold and the chill of an order. The third critique of Arendt is targeted specifically at the end of her book on the human condition, which ends with a quote from Cato – *Numquam se plus agere quam nihil cum agere, nunquam minus solum esse quam cum solus esset*. For Han, these words are contextually lagged since they were originally cited by Cicero praising *vita contemplativa* and Arendt uses them complementing *vita activa*. The problem is that Arendt involuntarily refers to *vita contemplativa* without accomplishing that the correspondence between the loss of contemplative capacity and the absolutization of active life leads to the current hysteria and nervousness.

From *vita contemplativa* Han starts to focus on the pedagogy of vision required by contemplation. In the fifth chapter we find a description of this pedagogy and of its collapse in our days. Han returns to Nietzsche, who considered necessary a teaching of

seeing based on the familiarization of the eye to serenity and patience. This would mean, in Han's opinion, a teaching of the eye to pay attention deeply and contemplatively, to learn how not to react immediately to an impulse. The immediate reaction and the reaction to any impulse are symptoms of pathology. *Vita contemplativa* is not a passive opening, but a resistance to external drives through the guidance of vision. It is necessary to deny, to say no. The same is true for receiving the otherness: there needs to be a negativity of pause, of interruption; it is essential to have a stop. It is essential, it seems, ultimately, to set limits, (re)cognize them and respect them. Only this negativity allows the action of contemplation. However, negativity slows the process of acceleration required to produce, due to the breaks it forces. So the subject of production suppresses negativity to maximize production. Thus, the current world suffers from a poverty of interruptions, intermediates and gaps. The acceleration suppresses these stops, and the action becomes a prolongation of the existent, it disperses and becomes a pure activity or hyperactivity. The general increasing of positivity turns men into "autistic production machines" (p. 42).

In the sixth chapter, Han conducts a pathological reading of the short story "Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street", by Herman Melville. This reading is contrasted with the ontotheological interpretations that Gilles Deleuze and Giorgio Agamben made of the same text. For Han, the tale is a story of a world that reduced the human to an *animal laborans*. Bartleby's society is disciplinary as evidenced by prohibitive architectural symbols, such as walls and the frequent use, as its title suggests, of the term 'Wall'. However, all clerks of the law firm where Bartleby works suffer from neurotic disorders. The general agitation is opposed to Bartleby's apathy and inertia. According to Han, Bartleby *doesn't present yet* symptoms of depression, such as lack of self-confidence, sense of inferiority, self-recrimination or self-harm. Bartleby *doesn't have to live yet* with the imperative to be himself, because he is still a "subject of obedience". The formula many times repeated by Bartleby of "I would prefer not to" expresses the inertia of this subjection. Against Deleuze's "new Christ" and Agamben's "pure potency", Han argues for a Bartleby as "Being negative towards death" (p. 49). What characterizes this Bartleby is the refuse. His path ends with the discovery that he was the employee of the dead archive of the post office, of the mails which were not delivered. The symbolic of grass and sky in the episode of prison, which Agamben identified as messianic, is to Han a contrast to death. According to Han, these signs of life constitute a failure of the illusion, for only through the negativity of rejection one can achieve the possibility of the opposite – in this case, of life.

In the last chapter, with homonymous title to the book, Han describes the evolution from a society of production to a society of doping and he explains how this evolution is manifested at the level of burnout. The doping, as the positively so-called 'neuroenhancement', induces the conversion of the human body into a "production machine": doping allows the yield without interruptions or faults with the objective of the maximization of production. This development produces an "alienating fatigue". Han uses the distinction drawn by the writer Peter Handke between an "alienating fatigue" and an "eloquent and conciliatory fatigue" or "fatigue confident in the world" or "fundamental

fatigue” or even in other words “clairvoyant fatigue” or “profound fatigue” (pp. 53-54). The first type describes a burnout of positive potency: it is individual and insulator, excessive, destructive of the common because the self is the only horizon of vision, destroyer of the slowness of forms; it is a burnout *of* the other. The second type of burnout is on the order of negative potency: it reduces identity and blurs the outlines of things, it lets see and to be seen, it lets touch and to be touched, it enables attention to the length of forms, it restores the duality, it establishes a sympathy – the latter enables, establishes and unites a community of things and people; it is a burnout *with* each other. Han shows that Islamic and Christian religious communities follow traditions establishing societies of burnout, but a burnout *with* each other. On the contrary, the positive society is a society of burnout *of* the other.

As concluding remarks, one should understand that Han’s defense of otherness doesn’t seem to set up any sort of auspice to negative schemes historically constituted. In other words, it is not that he wants to defend the disciplinary political regimes of the twentieth century. Han’s book doesn’t resend its reader to another time. Indeed, the author recalls the relation which once settled so lividly through a critique of the disruption of that relation. Therefore, Han does not make an apology of immunity, although he identifies it with negativity. The constant historicist emphasis and pathological concern are the driving-force of a periodization of regimes within which is the immunological one. Ultimately, the contrast between the “immunological period” and the “neuronal period” stresses the immunological scheme because within it the otherness was highlighted by negation. Anyway, this Han’s book deserves the attention of those interested in communication, media and sociability in the today’s society. In the book there is a route of reflection which brings the researcher’s gaze to the importance of otherness and to the impact of the hypercommunication, the hypermediatization and also the hypermobilization in human condition. //

BIOGRAPHICAL NOTE

Diogo Silva da Cunha is an integrated researcher at the Research Group on Philosophy of Human Sciences, Ethics and Politics at the Center for Philosophy of Sciences of the University of Lisbon. He has a degree in Journalism from the School of Communication and Media Studies of the Polytechnic Institute of Lisbon (2014) and he is attending the Masters in History and Philosophy of Sciences at the Faculty of Sciences of the University of Lisbon (actuality).

E-mail: cunhadiogo15@gmail.com

Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL), Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Campo Grande, Edifício C4, 3.º Piso, Sala 4.3.24, 1749-016 Lisboa, Portugal

*Submitted: 09-04-2015

*Accepted: 02-07-2015

LIPOVETSKY, GILLES E SERROY, JEAN (2014). O CAPITALISMO ESTÉTICO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO, LISBOA: EDIÇÕES 70

Esser Silva

Dando forma à sua notoriedade camaleónica capaz de se metamorfosear e de modificar as sociedades através de trajetos históricos silenciosos, processos indelévels e objetivos precisos, o capitalismo segue a sua natureza, apropriando-se do outrora autónomo mundo das artes, então regido pela independência e regras específicas dos artistas, possuidores de instâncias de controlo, formas e códigos próprios de escolha e seleção. A incompatibilidade original entre o campo artístico e o capitalismo entra numa fase em que as sociedades se vêm gradualmente transformadas na consagração de um mundo “artealizado” observado em várias dimensões, desde a moda à arquitetura, do cinema ao centro comercial e expresso em misturas de mau gosto e mudanças aceleradas.

Os autores refletem sobre a existência de uma sociedade com um modo de produção baseado no hibridismo, prazer constante, sedução e novidade, empreendedora de uma economia artística empobrecida e desligada da cultura erudita que atinge o seu apogeu na “época hipermoderna”, sendo esta caracterizada por um “capitalismo transtético” à escala global.

Gilles Lipovetsky é professor de Filosofia na Universidade de Grenoble. Desde “A Era do Vazio – Ensaio do individualismo contemporâneo”, publicado em 1983, inicia uma reflexão construída a partir de um campo metodológico de análise do século XX através da exploração do processo histórico da sociedade ocidental, concentrando o olhar na transição entre a sociedade industrial e a sociedade pós-industrial.

Jean Serroy, também professor na Universidade de Grenoble, é autor de várias obras sobre cinema e literatura do século XVIII. Conjuntamente com Lipovetsky publicou “O Ecrã-Global” (2007), uma abordagem compreensiva da proliferação e dos impactos dos ecrãs nas sociedades e “A Cultura-Mundo” (2010) obra que explora os conceitos de mundialização da cultura, indústria cultural hipermoderna e tecnociência na sociedade contemporânea.

Nesta obra os autores descortinam alterações comportamentais conducentes ao fenómeno da individualidade, afirmando a presença de uma sociedade pós-moderna. Para Lipovetsky o culto do novo e da moda como dispositivo social personificado num consumidor ávido, em constante procura de sedução, dá lugar a um estilo de vida hedonista, esteta e lúdico, transformando os indivíduos e desestruturando-os das ideias utópicas revolucionárias que haviam ocupado a modernidade.

O tema é introduzido ao leitor a partir do enunciado do processo evolutivo do campo artístico constituído como um problema. Essa trajetória pode dividir-se em quatro

fases. Inicia-se na «artealização ritual» onde há arte mas ainda não existe artista. Segue-se a «estetização aristocrática», herdeira da Antiguidade Clássica, presente entre a época renascentista e o final do século XVIII que entrevê a noção de imperfeição e o poder criador. A assinatura separa o artista do artesão com os valores estéticos a adquirirem “uma dignidade, uma importância social novos” (p. 23).

A partir da “estetização moderna do mundo”, cuja plenitude se dá na Idade Moderna, entre os séculos XVIII e XIX, a arte liberta-se de todos os outros poderes impondo a sua autonomia, “as suas leis, valores, e os seus próprios princípios de legitimidade” através das instâncias próprias de “seleção e consagração” (p. 24). Distingue-se aqui a “arte propriamente dita”, vanguardista, independente, orgulhosa em si e desprezada, da “arte comercial”, constituída para o mundo económico, orientada para o “lucro, (...) sucesso imediato e temporária (...), ajustada às exigências do público” (p. 25). As duas formulações opõem radicalmente dois modos contraditórios de produção manifestos entre “arte e comercial, cultura e indústria, puro e impuro, autêntico e *kitsch*, arte de elite e cultura de massas” (p. 25). A modernidade introduz a “estetização radical da arte pura” (p. 30) ao mesmo tempo que dá vida a um “processo de desestetização” (p. 29) com claros reflexos na arquitetura e urbanismo.

Confronta-se, a partir daqui, uma produção artística de luxo de “alto valor criativo” com uma arte de “produção industrial em série” destinada às massas (p. 30) que confluíu na “idade transestética”, período em que “as vanguardas são integradas na ordem económica” (p. 31). Findam-se as grandes oposições e passa a prevalecer a multiplicação de soluções criativas dominadas pela emoção onde o importante “é sentir, viver os momentos de prazer, de descoberta ou de evasão” (p. 35) em que se promove uma sociedade cuja afirmação identitária é a diferenciação, emergindo daí um indivíduo com tanto de consumista como de inconformista, “obcecado com o descartável” (p. 36) e com a beleza mutável.

A ideia de um capitalismo absorvendo as artes através da introdução de traços de representação cinematográfica, convoca no imediato a dramaturgia *goffmaniana* em que os indivíduos agem em obediência à representação de um papel, no qual a personagem sabe constar, através da interpretação, os signos e os rituais distinguidos e reconhecidos por outros indivíduos ou grupos, por forma a obter o melhor resultado do seu desempenho. Todavia, em Goffman, os atores são livres de entrarem e saírem de cena. Nesta obra, os seis capítulos que corporizam o livro perscrutam uma noção dramaturgicamente naturalizada e com propriedades holísticas, onde o capitalismo artestético envolve a totalidade existencial sem que os indivíduos se apercebam sob um manto de poder.

O primeiro capítulo da obra explana e desconstrói a perspetiva fordista-taylorista e que veicula a “noção de aliança entre capitalismo e arte” para o entendimento tradicional do capitalismo artístico. Presente na moda aceleradamente efémera, no gigantismo da arquitetura fria, na massificação e na cópia como modelo na explosão dos lugares da arte e dominada pelo mau gosto, o capitalismo artístico serve-se da “flexibilidade contratual” e “dos empregos atípicos” promovendo a “individualização e a multiplicação das formas” (p. 72) que reconfigura, ao mesmo tempo, a esfera do lazer, da cultura e da própria arte.

A formação de um todo integrado a partir (i) do estilo, da sedução e da emoção (ii) da generalização da dimensão empresarial das indústrias criativas como um mundo distinto (iii) de “grupos comprometidos nas produções dotadas de uma componente estética” e (iv) a desestabilização das “antigas hierarquias artísticas e culturais”, promovem uma nova reinterpretação que passam a funcionar segundo “processos de hibridação” resultantes de misturas de tudo o que antes era separado e dividido (pp. 49-53). A lógica acelerada e hiperbolizada, heterogeneizada numa “diversificação prolífica” a partir do “capital dito imaterial”, ultrapassam a noção pós-modernista de uma “sociedade de conhecimento” avançando para uma nova fase do capitalismo onde prevalece “a inteligência” baseada nos pressupostos da “inovação criativa” traduzidos na “imaginação”, posse de “qualidades expressivas e cooperativas, de “competências emocionais” e “o conjunto dos saberes humanos, incluindo os intuitivos” (p. 49).

No segundo capítulo enunciam-se as condições gerais que dão origem ao capitalismo artístico, surgido a partir da economia liberal. Após a Segunda Guerra Mundial, a esfera económica autonomiza-se, as mercadorias passam a comunicar e dá-se o florescimento dos grandes armazéns, do *design*, da alta-costura, da embalagem, publicidade, cinema, indústria musical, promotores da “revolução da produção de massas”. Nesta voragem aglutinadora, passa-se de um *capitalismo estendido* para o triunfo da dimensão *transestética* (p. 155) em que, para além dos entrecruzamentos, o regime amplia-se passando a funcionar segundo os cânones de “maior, híper e planetário”.

A mudança de escala e a arquitetura multiplicam os grandes espaços estéticos, locais onde “tudo é ao contrário como se estivesse esterilizado” (p. 221), desde a localização, “à climatização, à iluminação artificial” (p. 221) onde se dá “o comércio em espetáculo faraónico” não faltando as “catedrais de consumo” (p. 168) dominadas pela “lógica da sedução estética” (p.171) da qual não escapa nem a moda nem a alta-costura, incapazes de se separarem “da espetacularização, da encenação feérica das criações comerciais” (p. 175). O princípio da cópia ganha relevo e o original, tal como já havia previsto Walter Benjamin, desaparece na floresta de reproduções. O princípio passa a aplicar-se ao cinema que absorve e anula os direitos de muitos escritores através de uma produção estandardizada baseada no “*entertainment* que funciona de facto como a moda com os seus modelos constantemente cambiáveis ” (p. 233).

Os novos usos do *design* e as explicações dos seus câmbios até se tornar numa peça fundamental da engrenagem do capitalismo artístico ocupam o terceiro capítulo. Tal como outras noções subsumidas na economia, também o *design* está em todos os continentes e em todo o lado, seja no “decorativo” ou no “subjetivo expressivo” (p. 263) numa renovação do conceito à escala mundial. A mistura de géneros e a reutilização produzem um novo universo onde prevalece o *kitsch* como resultado da “cultura da hibridação”. Com as fronteiras alargadas, afirmar-se um “tipo de *design* feito de sobreposições, de interpenetrações, de transversalidades” (p. 280). O modo de produção taylorista-fordiana é invadido pela obrigação de conceber variedades, aumentando o ritmo de lançamento.

O mercado das massas dá lugar aos “micromercados” e “necessidades cada vez mais diferenciadas” (p. 265) e personalizados, num processo de contante e acelerada

renovação da oferta que troca o vanguardismo pelo *retro*. Mesmo as novas temáticas surgidas dos excursos ambientalistas se vêm invadidas pela ideia de *design* sustentável (p. 298) que, simultaneamente, contestam o “produtivismo” destruidor da biosfera e, ao mesmo tempo, promovem uma intensa profusão de novos produtos amigos do ambiente que tomam conta da vida quotidiana.

A transformação que opõe a “sociedade do espetáculo” descrita por Guy Debord e a “era do hiperespetáculo” (p. 301), através da mutação associada ao florescimento das “indústrias criativas” – nova designação dada à crítica das “indústrias culturais” da Escola de Frankfurt – ocupa o quarto capítulo. A nova sociedade é atravessada por oito eixos: i) a sociedade da televisão de espetáculo incipiente é substituída pela sociedade dos ecrãs, caracterizada pela “superabundância mediática” e geradora de um “hiperteleespetador, interativo e permanente” (p. 305); ii) sem as restrições do espaço e do tempo produzem-se grandes alterações nos modos de consumo, desritualizando a prática coletiva e promovendo o consumo individualizado em que o espectador se torna num “programador autónomo” (p. 305); iii) a separação, condição supra da sociedade do espetáculo, dá lugar à “desdiferenciação” (p. 306), à mistura, a entrelaçamentos e à transversalidade; iv) o público adota a postura dos atores e, afinal, ao contrário do imaginado pela Escola de Frankfurt, os indivíduos não se tornam em seres passivos e manipulados mas em manipuladores do mundo do espetáculo; v) este, o espetáculo, não decorre do engano, não serve para impressionar, nem para promover fugas mentais do quotidiano ajudando à sobrevivência através da ilusão, mas para gerar “experiência vivida” e uma “economia de experiência” (p. 307) aumentando a realidade e hiperbolizando a existência; vi) tudo se tornou imenso, numa lógica “hipertrófica da melhor oferta” onde o choque, o brilho, a transgressão, a surpresa do impensável realizado, funcionam segundo uma “lógica hiperlativa” (p. 309) na qual prevalece a ausência de limites; vii) a vedetização, antes território das estrelas, abrange hoje todos os grupos e as áreas da sociedade. Universalizou-se a “economia do estrelato” (p. 309) e o *star system* atravessa toda a cultura; viii) desaparecem as encenações clássicas histórico-religiosas que engrandeciam os deuses substituídas pelo “divertimento turístico, o sonho, o prazer imediato” no qual a “excrescência de meios (...) promove uma sociedade comercial de alegria de massas” (p. 310).

O capitalismo transestético apresenta sempre uma novidade escondida na manga para surpreender e saciar a predisposição do indivíduo para o desconhecido aparentemente inimaginável. Seja através do choque, do gigantismo, da provocação a realidade torna-se num *show* de celebridades produzindo um “espetáculo dentro do espetáculo” (p. 321) onde o sensacional e o abjeto conseguem coexistir ao mesmo nível na “experiência divertida do diferente” (p. 325) em que o *kitsch* se pluraliza e se impulsiona desavergonhadamente, exibindo-se através do individualismo em que cada um se dedica a construir-se e a inventar-se permanentemente.

Os autores servem-se do capítulo cinco para dissertar sobre a ocupação das cidades pelo capitalismo estético introduzindo-lhes o traço e a ambiência da “cidade shopping” ou “cidade-lazer” e os novos hábitos de consumo cultural entretanto surgidos. Enquanto

as áreas pedonais do *shopping* inspiram-se nas ruas, as cidade recriam a sinalética, as vitrinas, as montras dos centros comerciais e “edifícios-marca espalham a sua identidade visual” numa recriação da paisagem urbana centrada na “requalificação e estetização” (p. 367) num contexto de intensa concorrência entre cidades para ganhar em atração, como se o espaço passasse, ele também, por um permanente concurso de beleza.

Ao contrário da cidade industrial, a cidade hipermoderna já não glorifica o trabalho material. A metamorfose radica-se no prazer, entretenimento e diversão a partir de atividades não produtivas baseadas no “imaterial”, no “lúdico” e no “cultural”. O património histórico desintegra a sociedade de bairro, servindo-se do cenário para promover um comércio retraduzido, dando-se o incremento e “expansão do consumo estetizado” (p. 379) onde nasce e se afirma o *homo aestheticus*. Dominado pela sociedade transestética, centrada em buscas do prazer e da emoção, esta nova figuração do indivíduo resulta da “desformalização cultural” (p.389), estando longe da estética da sociedade da corte fundada em “normas sociais estritas (...) que davam lugar à teatralidade, à decoração, ao parecer social” (p. 389) na sociedade de palácio configurada por Norbert Elias.

A época hipermoderna contempla variantes do *homo aestheticus* e, tanto *homo festivus* como o *homo consumans*, concebem-se dominados pela beleza ideal da magreza e do corpo longilíneo. O “eu” domina em várias vertentes, seja na moda, seja nas formas do corpo, seja nos *looks* individualizados, desenvolvendo-se “um novo tipo de autorretrato” (p. 431) liberto de convenções, profusamente distribuído, partilhado e comentado numa invocação permanente do instante.

Até onde irá a sociedade transestética? Esta é a questão que atravessa o sexto e último capítulo do livro. As origens do capitalismo transestético coincidem com o fim da moral ascética segundo a noção weberiana do capitalismo na modernidade, sendo a estética hedonista resultado dos “combates conduzidos pela contracultura romântica dos anos sessenta” do século XX que lutaram coletivamente contra os traços do capitalismo económico de então centrado na “alienação e o conformismo da vida burguesa” (p. 448) constituindo-se, a partir daí, uma “civilização liberal geral” que promoveu a emancipação da esfera cultural, libertando-a dos costumes arreigados.

Com o desenvolvimento de uma cultura assente na experiência, no prazer e na realização individual, explanou-se, nesta viagem, um outro conceito weberiano: o «paradoxo das consequências». A vida estética sucede a vida religiosa, um dado que marca a «destraditionalização» (p. 449) em favor da «experencialização» como “valor supremo de um estilo de vida” liberto da obrigação de adesão a qualquer norma. Na lógica hipermoderna é destruída a “conceção puritana do mundo” caracterizadora do capitalismo industrial “regido por princípios antinómicos” (p. 452) entre economia e cultura.

Os autores evitam deixar qualquer rasto que possa levar a sua tese para o entendimento do capitalismo transestético como o fim da história ou como campo maniqueísta de confronto entre o bem e o mal. Apesar da sua via individualista, a ética estética não significa um “ideal hegemónico” que encerra os indivíduos em si, “condenando-os a um niilismo exponencial” (p. 477). Persiste a necessidade de obrigações morais abrigadas nos sentimentos individuais, na medida em que é necessário fazer com que a

sociedade transestética “evolua no sentido do nobre e do melhor para deter a febre do sempre mais” (p. 486). O individualismo triunfante não pode ser confundido com “o grau zero dos valores” (p. 477). A humanidade insiste nos seus princípios através de protestos, contribuições para causas, gestos solidários, “a indignação perante a miséria” e os “ideais de solidariedade e de entreajuda” (pp. 475-477). Por meio de movimentos porfiam-se as resistências ao mundo acelerado e permanece a crítica à maximização do consumo. O capitalismo artístico inscreve-se na “aventura da humanidade” (p. 485) à procura da melhor existência e da beleza da vida.

Estamos perante um livro profusamente ilustrado de exemplos articulados entre teorias e ensaios filosóficos, estatísticas sociológicas, verificações empíricas e resultados de experimentos do campo da psicologia social, trianguladas em pertinentes reflexões e diversificadas interpretações teóricas servidas como comprovativos, numa profusa e avassaladora torrente reflexiva, promotora de configurações de desígnio sócio-histórico, servidas ao leitor segundo uma nova visão interpretativa da sociedade hipermoderna. Lipovetsky é um autor que recorre ao enunciado paradoxal sistemático para colocar as temáticas analisadas num campo ontológico do devir, apresentando os indivíduos como seres essenciais com propriedades mutáveis tanto interior como exterior.

O individualismo hedonista, prazeroso, presenteísta, intensamente ligado ao instante mas efémero, tendo como definição o indefinido, domina a cultura mundo, expressando-se na intensidade e aceleração na mudança em permanência. As emoções e a busca de sensações, a vida sem constrangimentos, substituem os tempos da obediência, na realização possível, da submissão à ordem estratificada. A fusão do antes imisturável, resultante no hibridismo como idiossincrasia das sociedades hipermodernas, estende-se também à profusão de técnicas, métodos e escolas convocadas pela narrativa, dando lugar a uma obra matizada, arquitetada num complexo construído a partir de diversidades.

NOTA BIOGRÁFICA

Esser Silva é doutorando do Programa Doutoral da Fundação para a Ciência e Tecnologia “Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade” coordenado pelo Centro de Estudos Comunicação e Sociedade, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Laboratório de Comunicação Online, Centro de Investigação Média e Jornalismo e Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologia. Projeto FCT PD/BD/52617/2014.

E-mail: esser.jorge@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Gualtar – 4710-057 Braga, Portugal

* **Submetido: 09-04-2015**

* **Aceite: 02-07-2015**

LIPOVETSKY, GILLES E SERROY, JEAN (2014). O CAPITALISMO ESTÉTICO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO, LISBOA: EDIÇÕES 70

Esser Silva

By means of notorious chameleonic and metamorphic abilities, capitalism modifies societies, through silent historical pathways, indelible processes and accurate objectives. Following its nature, capitalism appropriates the formerly autonomous realm of arts, until then ruled by the independence and specific rules of the artists, bearers of control instruments, and specific mechanisms of choice and selection. The primal incompatibility between the artistic field and capitalism move into a stage where societies are steadily transformed in the consecration of an ‘artsy’ world, present in multiple dimensions, from the fashion industry to architecture, cinema and shopping malls, uttered in tasteless and swift changes.

The authors reflect on the existence of a society based on hybridity, a constant search for pleasure, seduction and novelty, enterprising an impoverished artistic economy, disconnected from the erudite culture which reaches its climax in the ‘hypermodern epoch’, being characterised by ‘trans-aesthetic capitalism’ globally.

Gilles Lipovetsky is a Philosophy professor at the University of Grenoble. Since his book “L’Ère du vide: essais sur l’individualisme contemporain”, published in 1983, Lipovetsky, using a methodological analysis field of the XX Century, initiates a reflection upon the historical process of the Western society, focusing his attention on the transition between the industrial and the post-industrial societies.

Jean Serroy, is also a professor at the University of Grenoble, authoring several pieces of work on cinema and literature of the XVIII Century. Together with Lipovetsky, Serroy published “The global screen” (2007), a comprehensive approach on the proliferation and impacts of screens in societies; and “The world-culture” (2010), a book that explores the concepts of globalisation of culture, hyper-modernisation of the culture industry and ‘techno-scientification’ in the contemporary society.

In the present work, the authors unveil the behavioural changes leading to the phenomenon of individuality, stressing the presence of the postmodern society. To Lipovetsky, the cult of the novel and fashion as social devices, personified on the eager consumer in a constant search of seduction, gives way to a hedonistic lifestyle, aesthete and ludic, transforming individuals and disrupting their utopian revolutionary ideals that used to fulfil modernity.

The thematic is presented to the reader following the evolutionary process of the artistic field, grasped as a problem. This trajectory can be divided in four stages. Opens with the “ritual artlisation”, where there is art but not the artist. Followed by the “aristocratic

aesthetisation”, heir of the classics, and existing between the Renaissance period and the end of the XVIII Century, which glimpses the notion of imperfection and the authority of the creator. The signature draws a line between the artist and the artisan, with the aesthetic values ascending to a “new social dignity and relevance” (p. 23).

Since the “modern ‘aesthisation’ of the world”, whose amplexness happens in the Modern Age, between the XVIII and the XIX Centuries, art frees itself from all other authorities and imposes its autonomy, “its laws, values, and its own legitimise principles” throughout self-regulation instances of “selection and consecration” (p. 24). Here, a distinction is made between “pure art”, avant-gard, independent, proud of itself and detached; and “marketable art”, manufactured to the economic world, driven by “profit, (...) swift success, and briefness (...), adjusted to public demands” (p. 25). These two creations oppose two radically different ways of production, exposed by “art and market, culture and industry, pure and impure, authentic and *kistch*, high art and mass culture” (p. 25). Modernity introduces the “radical aesthetisation of pure art” (p. 30), given, at the same time, birth to a “non-aesthetisation process” (p. 29) with clear echoes on architecture and urbanism.

There is a confrontation, from this moment on, between a luxury artistic production with a “high creative value”, and an art for the mass, “produced industrially in chain” (p. 30) that was merged in the “trans-aesthetic age”, period where the “avant-gardism is incorporated in the economic sphere” (p. 31). There is an end to the great past oppositions and prevails, from now on, the proliferation of creative solution ruled by emotions where the most important aspect is “to feel, to live the pleasurable moments of encounter or elusion” (p. 35). There is the promotion of a society whose identity is the differentiation, hence emerging an individual equally consumer and nonconformist, “obsessed with the dispensable” (p. 36) and with the mutable beauty.

The idea of capitalism gripping the world of arts through the cinematographic acting, invokes immediately the ‘goffmanian’ dramaturgy, where individuals obey to an acting role, in which the character recognises, throughout the acting, the signs and rituals valued by other individuals or groups, in order to obtain the best possible result in the performance. Nevertheless, in Goffman, the actors are free to get in and out of stage. In the present work, the six chapters of the book explore a naturalised notion of dramaturgy with holistic properties, where the aesthetic capitalism entangles the whole existence, and where individuals are unaware of its power veil.

The first chapter of the book explains and deconstruct the Ford-Taylor perspective, which conveys the “notion of an alliance between capitalism and art” in order to understand the traditional artistic capitalism. This artistic capitalism, existent in the hastily ephemeral fashion, in the gigantism of the ‘cold’ architecture, in the ‘massification’ and in the copy as model, in the explosion of art and tasteless places, makes use of “contractual flexibility” and “atypical jobs”, promoting the “individualisation and multiplication of forms” (p. 72) that reshapes both the spheres of leisure, culture and art.

The establishment of an integrated whole from (i) the style, the seduction and the emotion; (ii) the generalisation of the business dimension of fashion industries as a

distinctive world; (iii) the “committed groups on the production of pieces with an artistic component”; and iv) the unsettling of the “old artistic and cultural hierarchies” promote a new reinterpretation, which now operates according to “hybridisation processes”, resulting from the mixture of all that was once apart and divided (pp. 49-53). An enhanced and hyperbolic logic, discerned into a “prolific diversity” of the “immaterial capital”, surpass the postmodern notion of the “knowledge society”, moving into a new phase of capitalism, where prevails “the intelligence” based on assumptions of “creative innovation”, expressed in the “imagination”, possession of “expressive skills and cooperatives”, “emotional qualities” and the “collection of human knowledge, including intuition” (p. 49).

The second chapter enunciates the overall conditions for the appearance of the artistic capitalism, emerging from the liberal economy. After the Second World War, the autonomy of the economic sphere arose. The goods start to communicate and there is a flourishing of large warehouses, design, high-fashion, packaging, advertising, cinema, music industry, all promoters of the “mass production revolution”. In this ravenous agglutination, there is a transition from an extended capitalism to the triumph of the trans-aesthetic dimension where, in addition to intersections, there is a widening of the system starting to function according to the canons of “bigger, hyper, and planetarium” (p. 155).

The shift on the scale and the architecture multiply the large aesthetic spaces, places where “everything is opposed as if it was sterilised” (p. 221), from location, to “acclimatisation, and artificial lighting” (p. 221), where trading become a “pharaonic display”, without missing the “consumption cathedrals” (p. 168) subject to the “aesthetic seduction logics” (p. 171) from which fashion and high-fashion are subordinated, unable to detached themselves from the “spectacle, the fairy-like staging of the trade creations” (p. 175). The notion of copy gains prominence and the original work, as predicted by Walter Benjamin, vanishes in the reproduction forest. This idea starts to be used in cinema that absorbs and overrides the copyright of multiple writers, through a standardised production based on an “entertainment that actually works like fashion with its pieces in constant mutability” (p. 233).

The third chapter looks at new uses of design and its changes until becoming an essential piece in the artistic capitalism gearing. Together with other notions subsumed by the economy, the design is everywhere all over the world, either in the “decorative” or in the “expressive subjective” (p. 263), with a renewal of the concept globally. The fusion of genres and the reutilisation produce a new universe where kitsch prevails, as a result of a “hybrid culture”. With extended borders, arises a “type of design made of overlaps, interpenetrations, and transversally” (p. 280). The Ford-Taylor production system is invaded by the obligation of granting variety, increasing the release pace.

The masses trade gives place to “micro trades” and “increasingly diverse needs” (p. 265), in a process of constant and enhanced renewal of the offer, which changes avant-gardism to retro. Even the new themes arising with environmentalism are invaded by the idea of sustainable design (p. 298) which, simultaneously, contests the “productionism” destroyer of biosphere and, promotes a solid profusion of new environmentally friendly products that entered our domestic life.

The transformation that opposes the “spectacle society” described by Guy Debord and the “hyper-spectacle era” (p. 301), throughout a mutation linked to the flourishing of the “creative industries” – new name given the criticism of the “cultural industries” from the Frankfurt School – is covered by the fourth chapter. This new society is intersected by eight axes: i) the television’s society with an incipient show is replaced by the screen’s society, characterised by an “overabundant media”, generating a “hyper-tele viewer, interactive and permanent” (p. 305); ii) without time and space restrictions, great changes are produced in consumption patterns, un-ritualising the collective practice and promoting the individual consumption, where the tele-viewer becomes an “autonomous programmer” (p. 305); iii) the detachment, main condition of the spectacle’s society, gives place to a “de-differentiation” (p. 306), mixed with twists and transverses; iv) the public adopt an acting posture, and contrary to what the School of Frankfurt imagined, they are not passive and handled beings, but rather manipulators of the show business; v) this spectacle does not begin by chance, is not used to impress neither to promote mental escapes from everyday life, helping the survival throughout illusion, but rather to generate “lived experience” and an “economy of experience” (p. 307), widening reality and hyperbolising existence; vi) everything has increased in size, in a “hypertrophic of the best offer” logics, where scandal, brightness, transgression, the surprise of the unthoughtful accomplished, work according to a “hyper-logic” (p. 309), in which there are no limits; viii) a ‘vedettism’, until then only accessible to superstars, is now extended to all societal areas and groups. There is a globalisation of the “start’s economy” (p. 309) and the start system is transversal to the entire culture; viii) the classic historic-religious plays that exalted Gods are vanished, being replaced by “touristic amusement, dreams, and instant pleasure” where the “excrescence of means (...) promotes a marketable society for the join of masses” (p. 310).

Trans-aesthetic capitalism is full of surprises, with a constant ability to astonish and indulging the individual’s predisposition to the unknown apparently unimaginable. Through shock, gigantism, incitement, reality becomes a celebrity show, producing a “spectacle inside the spectacle” (p. 321), where the sensational and the abject coexist in the “amusing experience of the different” (p. 325), where the Kitsch is pluralised and maximised shamelessly, exhibit throughout individualism where each individual build and re-build itself permanently.

The authors used chapter five to discourse about cities’ incursion by the aesthetic capitalism, introducing the “shopping city” or “leisure city” traits and new consumption habits that appeared in the meanwhile. Whereas the mall’s corridors look identical to city streets, the cities recreate the mall’s atmosphere, with the signposting, the shops show-cases, and the “brand-buildings that spread their visual identity” in a reformation of the urban landscape centred on the “requalification and aesthisation” (p. 367), in a context of intensify competition between cities to attract attention, as if places were an everlasting beauty pageant contests.

Contrary to the industrial city, the hypermodern city does not glorify material work. The metamorphosis is rooted in pleasure, entertainment and amusement from

non-productive activities, based on the “immaterial”, in the “ludic” and in the “cultural”. Historical heritage crumbles the neighbourhoods’ society promoting a re-translated trade and the increase of the “aesthetic consumption enlargement” (p. 379), where *homo aestheticus* is born and established. Subdue by the trans-aesthetic, shaped by the search for pleasure and emotions, this new figuration of the individual is a result of a “cultural de-formalisation” (p. 389), detached from the aesthetic of the society moulded by “strict social norms (...) that lead to theatrical, ornamentation, and social outlook” (p. 389) in the palace society shaped by Norbert Elias.

Hypermodern epoch envisages variations of the *homo aestheticus* and, both the *homo festivus* and the *homo consumans*, are perceived as beings representing the ideals of beauty based on thinness and tallness of the body. The “I” leads the different spheres of fashion, body shape, individualised looks, creating a “new type of self-portrait” (p. 431) free from conventions, profusely disseminated, shared and commented, in a permanent invocation of the immediate.

What are the limits of the trans-aesthetic society? This is the question shaping the sixth and last chapter of the book. The origins of the trans-aesthetic capitalism are in line with the end of the ascetic moral, according the Weberian notion of capitalism in modern times, where the hedonist aesthetic is a result of “battles conducted by the romantic counterculture of the sixties” of the XX Century that fought collectively against economic capitalism of the time centred on “alienation and conformism of bourgeois life” (p. 448). From that moment on, there is the establishment of a “broad liberal civilisation” which promoted the emancipation of the cultural sphere, freeing it of entrenched morals.

With the development of a culture grounded on experience, pleasure and self-accomplishment, there was another Weberian concept that emerged: “the paradox of consequences”. Aesthetic life befall religious life, something that shapes the “un-traditionalisation” (p. 449) for the benefit of “experimentalisation” as the “high value of a life-style” free of obligations and obedience to any rule. The hyper-modern logics destroys the “puritan conception of the world”, which characterises industrial capitalism “ruled by diametrically opposed principles” (p. 452) between economics and culture.

The authors avoid leaving any trace that could lead to the idea that trans-aesthetic capitalism could be the end of the line or a field of battle between good and evil. Despite its individualistic characteristics, the aesthetic ethic does not equal to a “hegemonic ideal” which closes individuals in themselves, “condemned to an exponential nihilism” (p. 477). The need for moral obligations in individual feelings persists, in the sense that there is a requirement to the trans-aesthetic society to “evolve into something noble and better to detain the fever of always looking for more” (p. 486). The triumphant individualism should not be mistaken with a “nonexistence of values” (p. 477). Humanity insists in its principles through actions of protest, contributions to causes, and solidary gestures, “the indignation towards paucity” and the “ideals of solidarity and mutual assistance” (pp. 475-477). By means of articulacy, resistances to the hastened world are refined, and the critics to the consumption maximisation continue to follow. Artistic capitalism falls within the “humankind adventure” (p. 485) in the search of a better existence and the beauty of life.

One faces a book profusely illustrated with examples articulated between theory and philosophical essays, sociological statistics and results of experiments from the field of Social Psychology; triangulated in pertinent reflexions and diverse theoretical interpretations, used as evidence, in a profuse and overwhelming reflection, agent of socio-historical configurations and presented to the reader according to a new interpretative view of the hyper-modern society. Lipovetsky is an author that makes use of a systematic paradoxical statement to place the examined themes into the becoming ontological field, presenting individuals as crucial beings with changeable inner and outer features.

The hedonism individualistic, pleasurable, closely connected to the immediate then ephemeral, being defined by the undefined, rules the world culture, expressed in the intensity and hastening of the permanent change. Emotions and the hunt for feelings, life without constraints, replace obedience times, within the limits of submission to the stratified order. The fusion of what was immiscible, result of the hybridism and idiosyncrasy of hyper-modern societies spreads out, inclusively, to the profusion of techniques, methods and schools convened by narrative, giving way to a nuanced work, architected in a complex built from diversities.

BIOGRAPHICAL NOTE

Esser Silva is a doctoral researcher on the doctoral programme of the FCT - Science and Technology Foundation “Communication Studies: technology, culture and society”, promoted by the Research Centre Communication and Society; Research Centre and Sociological Studies; Laboratory of Online Communication; Research Centre on Media and Journalism; and Research Centre on Applied Communication, Culture and New Technologies, Project: FCT PD/BD/52617/2014.

E-mail: esser.jorge@gmail.com

Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Gualtar - 4710-057 Braga, Portugal

* Submitted: 09-04-2015

* Accepted: 02-07-2015

AGRADECIMENTO AOS REVISORES

Os artigos publicados na revista *Comunicação e Sociedade* estão sujeitos a um processo de *blind peer review*.

Agradecemos aos investigadores que colaboraram connosco como revisores dos artigos que foram submetidos para publicação nesta edição da revista. A todos eles endereçamos o nosso reconhecimento pelo seu valioso contributo.